

VITOR CELSO SALVADOR

A “CRÔNICA LITERÁRIA” DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE:
resenhas e notícias literárias publicadas no vespertino *A Notícia* de 1897 a 1908

ASSIS
2012

VITOR CELSO SALVADOR

**A “CRÔNICA LITERÁRIA” DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE:
resenhas e notícias literárias publicadas no vespertino *A Notícia* de 1897 a 1908**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP - Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientador: Dr. Álvaro Santos Simões Junior

**ASSIS
2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

S182c	Salvador, Vitor Celso A “Crônica Literária” de Medeiros e Albuquerque: resenhas e notícias literárias publicadas no vespertino <i>A Notícia</i> de 1897 a 1908 / Vitor Celso Salvador. Assis, 2012 433 f. : il. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Orientador: Dr Álvaro Santos Simões Junior 1. Albuquerque, Medeiros e, 1867-1934. 2. Literatura brasileira – História e crítica. 3. Crônicas brasileiras. 4. Jornalismo e literatura. 5. Periódicos brasileiros. I. Título. CDD 070.43 869.909
-------	---

AGRADECIMENTOS

No decorrer desta pesquisa, tive valiosas ajudas, tanto de amigos, familiares e professores, quanto de algumas instituições, que contribuíram para a conclusão deste trabalho acadêmico. Sem tais ajudas, naturalmente este trabalho não se concluiria.

Inicialmente, agradeço a Deus, pois sem ele, sem dúvida, não teria forças e saúde para terminar minha pesquisa.

Agradeço também ao Dr. Álvaro Santos Simões Junior, meu orientador desde a Iniciação Científica, em 2007, por sua dedicação, responsabilidade, cuidado e respeito com a pesquisa; pelos empréstimos e sugestões de materiais e livros; pelas leituras e correções de todas as versões que antecederam a versão concluída da minha dissertação; pelo incentivo; pelas preciosas sugestões de temas a serem aclimatados no interior do trabalho; pelos conselhos e pelo conforto nos momentos complicados; pela convivência positiva e confiança em mim e pela grande orientação há exatos 5 anos. Realmente, é um exemplo a ser seguido, não só como pesquisador, mas também como professor.

Ao Dr. Luis Roberto Velloso Cairo eu agradeço pelas sugestões bibliográficas, pelo empréstimo de livros, que me ajudaram muito e também pelos freqüentes conselhos para o desenvolvimento do trabalho. Agradeço às doutoras amigas Cleide Antônio Rapucci e Regina Aparecida Ribeiro Siqueira pelas conversas sempre otimistas, pela preocupação e pelos conselhos desde a época da graduação.

Também agradeço aos professores doutores João Luis C. T. Ceccantini e Sandra Aparecida Ferreira pelas críticas construtivas e sugestões fundamentais no exame de qualificação, que foram de extrema importância para o término desta pesquisa e aos professores Silvia Maria Azevedo e Rubens Pereira dos Santos pela grande motivação e incentivo. Muito obrigado também vai ao doutor Ivan Marques Ribeiro pelas excelentes sugestões no dia da defesa.

Não poderia deixar de agradecer à dedicada professora Regiani Ap. Santos Zacarias, a “Reca”, pela correção da versão do meu resumo em língua estrangeira.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES - e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP - pelas bolsas de pesquisa fornecidas na iniciação científica e também no mestrado, que possibilitaram uma realização mais confortável desse trabalho. Desse modo, as compras

de livros e as participações em eventos foram mais freqüentes com esse respaldo financeiro.

Meus agradecimentos também vão aos funcionários dos acervos visitados no decorrer da pesquisa: Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP – Unesp/Assis), aos profissionais da Seção Técnica de Informática (STI) e a Biblioteca da Unesp/Assis, principalmente ao Auro e à Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), pelos dados valiosos que complementaram meu trabalho.

Agradeço à família Medeiros e Albuquerque, principalmente à Anamaria, pela disponibilidade e interesse em solicitar informações precisas sobre o parente estudado.

À tia amiga Carmem, pela força, pelas conversas oportunas e pela eterna confiança em mim, às minhas irmãs Letícia e Vanessa também agradeço pelo incentivo e pela perseverança no meu trabalho acadêmico.

Meus agradecimentos também vão aos vários amigos por todo apoio, incentivo e preocupação comigo, visto que foram de extrema relevância durante todo o desenvolvimento da minha pesquisa.

SALVADOR, Vitor Celso. **A “CRÔNICA LITERÁRIA” DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE: resenhas e notícias literárias publicadas no vespertino *A Notícia* de 1897 a 1908**. 2012. 433 f. Dissertação (Mestrado em Letras). –Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

RESUMO

Medeiros e Albuquerque (1867-1934), autor nascido em Pernambuco, escreveu frequentemente não somente obras literárias, mas também de outras naturezas, revelando, com isso, ser dono de uma produção bastante ampla. Possuidor de um vasto conhecimento, Medeiros invadiu também o mundo jornalístico, onde se exercitou assiduamente até o final de sua vida. Desse modo, teve a direção de *O Fígaro* e *O Clarim*, além de ter escrito em periódicos famosos da época como, por exemplo, o vespertino carioca *A Notícia*. Nele, o jornalista colaborou muito, desdobrando-se em várias seções, tais como: “Notas”, assinando como “Rifiúfio Singapura”; “Ecos”, assinando como “Max”, e também “Crônica literária”, escrevendo com o pseudônimo “J. dos Santos”, o seu único responsável. Nessa última colaboração, J. dos Santos informava semanalmente lançamentos de livros, com o intuito provável de persuadir o público leitor a adquiri-los, além de naturalmente divulgar iniciativas editoriais. Em 12 anos de publicação da “Crônica literária” (1897-1908), foram registradas exatas 981 resenhas, sendo que, em raros momentos, J. dos Santos usou seu espaço com outras finalidades. Ademais, o jornalista não apenas noticiava livros de vários gêneros, mas também criticava com grande sensibilidade, mostrando-se, conseqüentemente, um crítico bastante perspicaz e capacitado. O objetivo deste trabalho foi o enfoque sistemático de todo o trabalho do crítico no período da mencionada seção de *A Notícia*, observando inevitavelmente o seu método crítico. Além da indexação de todos os textos da “Crônica literária”, resenharam-se 32 obras do escritor Medeiros e Albuquerque com o intuito de divulgar sua diversificada produção artística.

Palavras-chave: Medeiros e Albuquerque

“Crônica literária”

A Notícia

Crítica Literária Brasileira

Resenhas

SALVADOR, Vitor Celso. **THE “CRÔNICA LITERÁRIA” OF MEDEIROS E ALBUQUERQUE: reviews and literary news published in the Rio evening *A Notícia* from 1897 to 1908.** 2012. 433 pages. Dissertation (Master’s degree in Languages). –Faculty of Sciences and Languages, São Paulo State University, Assis, 2012.

ABSTRACT

The author Medeiros e Albuquerque (1867-1934) was born in Pernambuco. He often wrote not only literary works, but also other types, revealing thereby a very large production. Possessing a vast knowledge, Medeiros also invaded the world of journalism and dedicated himself until the end of his life. Thus, he had the direction of *O Fígaro* and *O Clarim*, and wrote for some famous newspapers of his time, for example, the Rio evening *A Notícia*. In it, the journalist contributed much, unfolding in several sections, such as “Notas”, signing as “Rifiúfio Singapura”; “Ecos”, signing as “Max”, and “Crônica literária” writing, solely, under the pseudonym “J. dos Santos”. In this latest collaboration, J. dos Santos reported weekly book launches, probably all with the aim of persuading the readers to acquire them, and naturally promote publishing initiatives. In 12 years of publication of the “Crônica literária” (1897-1908), there were accurate 981 reviews, and, eventually, J. dos Santos used his space for other purposes. Moreover, the journalist have not only reported books of various genres, but also criticized them with great sensitivity, being therefore a very insightful and knowledgeable critic. The aim of this study is to analyse, with a systematic approach, all of Medeiros e Albuquerque’s work in the critical period of that section of *A Notícia*, noting inevitably his critical method. In addition to indexing all the texts of the “Crônica literária”, 32 works of the writer Medeiros e Albuquerque were reviewed in order to promote his various artistic production.

Keywords: Medeiros e Albuquerque

“Crônica literária”

A Notícia

Brazilian literary criticism

Reviews

SUMÁRIO

Introdução	12
1. Detalhamento da pesquisa: tema	12
2. Etapas percorridas	14
3. Conteúdo do trabalho	15
 Capítulo Primeiro – Medeiros e Albuquerque (1867-1934): um escritor brasileiro notável para o seu tempo	18
1. Vida de um homem dinâmico	18
2. Fortuna crítica	35
3. Obras	41
 Capítulo II – O surgimento da crônica nos periódicos brasileiros: o vespertino carioca <i>A Notícia</i>	45
1. História do surgimento de crônicas nos jornais: o folhetim	45
2. <i>Belle Époque</i> tropical: contexto nacional do século XIX	50
3. O vespertino carioca <i>A Notícia</i> : a dama cor-de-rosa carioca	63
4. A “Crônica literária” (1897-1908) de Medeiros e Albuquerque em <i>A Notícia</i> : uma variação notável do gênero	68
 Capítulo III – “Crônica literária”: apreciações e indexações	98
1. Informações relevantes	98
2. Indexação geral em ordem cronológica	104
 Considerações Finais	276
 Referências	279
 Anexo A – Índice onomástico	286
Anexo B – Obras resenhadas por gênero	327
1. Literatura	327
Antologia	327

Autobiografia	327
Bibliografia	327
Biografia	328
Conferência/Discurso/Sermão	328
Contos	329
Crítica literária	331
Crônicas	333
Ensaio	333
Literatura infanto-juvenil	333
Memórias	334
Novelas	334
Periódicos literários	335
Poemas em prosa	335
Poesias	335
Prosa e poesia	344
Relatos de viagem	344
Romances	345
Teatro	349
2. Outras áreas do conhecimento	351
Anedotas	351
Ciência, filosofia, religião, ocultismo, aforismos e espiritismo	351
Direito e ciência política	356
Economia	359
Educação e livros didáticos	359
Geografia	362
Historia e Sociologia	363
Medicina	365
Obras de referência e periódicos	366
Psicologia e psiquiatria	368
Anexo C – Obras de Medeiros e Albuquerque	369
1. poesia	369
A) <i>Pecados</i>	369
B) <i>Canções da decadência</i>	375
C) <i>Quando eu falava de amor</i>	379

D) <i>Poemas sem versos</i>	381
E) <i>Poesias completas de D. Pedro II</i>	382
F) <i>Fim</i>	383
2. romance	386
A) <i>Laura</i>	386
B) <i>Marta</i>	388
3. conto	390
A) <i>Se eu fosse Sherlock Holmes</i>	390
B) <i>Surpresas</i>	391
C) <i>Contos escolhidos</i>	393
D) <i>Mãe tapuia</i>	394
4. conferência/discurso/teatro/relato de viagem	400
A) <i>O umbigo de Adão</i>	400
B) <i>O perigo americano</i>	401
C) <i>Em voz alta</i>	403
D) <i>O silêncio é de ouro</i>	405
E) <i>Teatro meu e dos outros</i>	406
F) <i>Por alheias terras</i>	408
5. crítica literária	409
A) <i>Páginas de crítica</i>	409
B) <i>Homens e cousas da Academia Brasileira</i>	411
C) <i>Polêmicas</i>	412
D) <i>Literatura alheia</i>	414
6. ensaio	415
A) <i>Graves e fúteis</i>	415
B) <i>Pontos de vista</i>	417
7. memórias	419
A) <i>Minha vida</i>	419
B) <i>Quando era vivo</i>	420
8. outros	424
A) <i>O regime presidencial no Brasil</i>	424
B) <i>Parlamentarismo e presidencialismo no Brasil</i>	425
C) <i>A arte de conquistar as mulheres</i>	427
D) <i>Tests</i>	428

E) <i>Hipnotismo</i>	429
F) <i>Vocabulário brasileiro da ortografia oficial</i>	432

Introdução

O jornalismo é a continuação lógica da cátedra do professor. O jornalista deve ser o professor das multidões.

Medeiros e Albuquerque

1 Detalhamento da pesquisa: tema

Pode-se dizer que este trabalho teve origem, em 2008, com o desenvolvimento do projeto de Iniciação Científica financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e intitulado “A ‘Crônica literária’ (1903-1905) de Medeiros e Albuquerque (1867-1934), em *A Notícia*”.

Para complementar os dados, o pesquisador consultou trabalho, também de Iniciação Científica, que foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e orientado, em 2004, pelo doutor Álvaro Santos Simões Júnior, intitulado “A literatura nos periódicos brasileiros: a ‘Crônica literária’ (1897-1902) de Medeiros e Albuquerque (1867-1934)”, de Priscila Esteves Conceição, basicamente com o intuito de levantar os dias

da semana em que J. dos Santos (pseudônimo de Medeiros e Albuquerque) escreveu na sua seção regular do periódico *A Notícia*. No entanto, os resumos das indexações desse período inicial foram alterados conforme a escrita pessoal deste pesquisador, que preferiu dar a eles seu estilo, depois de ler, na íntegra, as crônicas de *A Notícia*.

O restante dos textos de J. dos Santos incorpora o período de 1906 a 1908, que foi consultado pelo pesquisador no primeiro e no segundo semestres de 2009, ou seja, a partir do ingresso na pós-graduação.

O periódico em questão, *A Notícia*, encontra-se disponível em microfilmes no CEDAP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa), situado na Faculdade de Ciências e Letras de Assis, do seu início até o ano de 1908.

Este trabalho tem como tema central o autor pernambucano Medeiros e Albuquerque (1867-1934), principalmente a sua atuação na coluna semanal “Crônica literária” (1897-1908) no vespertino carioca já citado. Como se vê, foram analisados exatos 12 anos de escrita desse colunista, sendo que, no entanto, J. dos Santos deixou de escrever de janeiro a março de 1906, de julho a setembro de 1907 e também em outubro de 1908, períodos em que teve de se ausentar do seu posto jornalístico provavelmente devido a viagens a trabalho à Europa.

A pesquisa registrou as obras informadas por J. dos Santos no período de janeiro de 1897 a dezembro de 1908, ressalvadas as já mencionadas lacunas. Em 12 anos de “Crônica literária”, J. dos Santos escreveu, no total, 981 resenhas (total das indexações).

Todavia, em alguns momentos, notou-se que ele não tratou basicamente de obras, preferindo narrar acontecimentos importantes da sociedade da época. A pesquisa registrou tais momentos nas indexações. Não obstante, as informações de obras (tanto de literatura, quanto de outras áreas do conhecimento) foram as predominantes, naturalmente, porque a “Crônica literária” era um espaço que, sobretudo, existia para que o jornalista informasse o lançamento de livros da época.

A importância do trabalho é a contribuição valiosa para o estudo de fontes primárias (periódicos) para a história da literatura brasileira. Estudar *A Notícia* é interessante, visto que, além de J. dos Santos mostrar suas críticas na sua coluna, eram de notável importância para os leitores da época temas que ele abordou como, por exemplo, *educação* e *direito*, compreendendo a sociedade em que ele viveu.

O estudo da “Crônica literária” passa a ser relevante pelo fato de ser um documento que abrange a aclimação da literatura nacional, vulgarizando

informações que formavam os leitores daquela época, embora em uma visão um pouco concisa, evidentemente. Aliás, merece também destaque a importância de estudar um jornal brasileiro de extrema pertinência como *A Notícia*.

Ademais, a pesquisa contribui pelo fato de que, examinando o trabalho de J. dos Santos nesse periódico, pode-se, com isso, proporcionar um conhecimento mais amplo da crítica literária divulgada em jornais. Esse jornalista, abordando obras semanalmente, evidencia, com isso, o desenvolvimento da literatura nacional. Vale registrar também que ele, em muitos momentos, registrou obras não conhecidas, ou seja, de estreantes.

Tal pesquisa é relevante por analisar e indexar todos os textos da coluna periódica “Crônica literária” de J. dos Santos, o que nunca foi publicado totalmente assim. Além disso, é original também por focar um autor não muito estudado na literatura brasileira, embora a atuação de Medeiros e Albuquerque tenha sido sempre frequente não apenas nela, como em várias outras áreas. É provável que esse trabalho acadêmico seja o primeiro publicado com o objetivo de estudar apenas Medeiros e Albuquerque. Outra originalidade é que a pesquisa analisa várias obras do autor, trabalhos que são raros, por não serem mais reeditados.

Além de focar esse autor, a pesquisa tem como objetivo principal ler e indexar as crônicas já mencionadas de J. dos Santos publicadas em 12 anos no vespertino carioca *A Notícia* divulgando-as junto a público especializado atual. Os objetivos secundários são mostrar a importância do enfoque sistemático de periódicos brasileiros para a divulgação de fontes primárias para a história da literatura brasileira e para a reavaliação da obra de determinados autores à luz dos textos publicados apenas nos jornais, neste caso, d’*A Notícia*.

2 Etapas percorridas

Para possibilitar o andamento favorável da pesquisa, evidentemente, foram utilizados, além da coleção do jornal *A Notícia*, também a bibliografia crítica e teórica de Medeiros e Albuquerque e livros referentes a periódicos e à crônica (gênero correspondente à coluna semanal de J. dos Santos). Vale informar também que foram consultados alguns livros de crítica literária, que estão informados no final do trabalho.

Desse modo, o pesquisador teve respaldo teórico para o desenvolvimento da dissertação. Trinta e dois livros de autoria de Medeiros e Albuquerque e também dos

irmãos dele (Fortunato e Maurício) foram comprados em sites virtuais, de maneira a enriquecer o trabalho. Desses, leram-se não apenas livros de literatura, como também de outras áreas, em que Medeiros atuou fervorosamente. O pesquisador também estabeleceu contato com a família Medeiros e Albuquerque, que contribuiu prontamente com informações relevantes da vida e atuação do parente estudado.

Muitas vezes, para dar mais enriquecimento aos dados das indexações da “Crônica literária”, utilizaram-se alguns sites pertinentes e confiáveis de literatura, tais como: www.bn.br (Biblioteca Nacional), www.bn.pt (Biblioteca Nacional de Portugal) e www.google.com /google books, para consultas de catálogos, haja vista que nem sempre J. dos Santos, quando especificava as obras, informava as editoras e locais de publicações. Como são dados fundamentais para as indexações, tais catálogos virtuais possibilitaram que muitas lacunas fossem preenchidas, além de que foram de extremo valor para a escrita das páginas iniciais do capítulo III e também para os anexos correspondentes ao índice onomástico deste trabalho e às obras mais conhecidas de Medeiros e Albuquerque.

De fato, nos anexos A e B, criou-se um índice onomástico completo para facilitar a consulta dos estudiosos não apenas de Medeiros e Albuquerque, como também de áreas afins. Partindo desse propósito, o pesquisador optou por dividi-lo em 2 partes: A) índice onomástico alfabético (em relação aos autores das obras abordadas por J. dos Santos e também os apenas citados dentro das resenhas) e B) índice onomástico das obras resenhadas pelo colunista por gênero: 1) literatura e 2) outras áreas do conhecimento. Vale ressaltar que os gêneros de obras foram distribuídos de forma a se respeitar também a ordem alfabética, facilitando e muito a busca.

3 Conteúdo do trabalho

O trabalho compõe-se desta introdução, de três capítulos, de considerações finais, de três anexos e também de referências bibliográficas. O capítulo primeiro “Medeiros e Albuquerque (1867-1934): um escritor brasileiro notável para o seu tempo” já apresenta o tema central da pesquisa, ou seja, o autor e jornalista pernambucano Medeiros e Albuquerque.

Para tanto, tal capítulo é dividido em três sub-itens essencialmente importantes para se entender sua vida e atuação profissional: 1) “Vida de um homem dinâmico”: descreve todas as várias ações que Medeiros desenvolveu em

sua carreira, bem como informações a respeito de sua vida pessoal e da família (pais, irmãos e filhos). Trata-se de uma parte fundamental, haja vista que suas produções literárias e gerais têm estreitas ligações com quase todos os acontecimentos vividos por ele, 2) “Fortuna crítica”: opiniões importantes de estudiosos relevantes a respeito de Medeiros e Albuquerque; 3) “Obras”: trinta e duas obras escritas por esse autor foram lidas pelo pesquisador e resumidas no anexo C de forma a apresentar os detalhes que mais chamam a atenção em cada produção. Nota-se que não foram informadas somente obras literárias, mas também algumas vinculadas a outras áreas, tais como educação, política, medicina, psicologia e história, com o intuito intencional, sobretudo, de evidenciar o grande leque temático que caracterizava os trabalhos de Medeiros e Albuquerque.

O capítulo II, “O surgimento da crônica nos periódicos brasileiros: o vespertino carioca *A Notícia*”, reúne informações a respeito do jornalismo, que se articulará totalmente com o capítulo III. Para tanto, esse segundo capítulo foi dividido em quatro subitens de forma organizada para terminar tratando de Medeiros e Albuquerque e sua seção semanal do vespertino.

Os subitens são os seguintes: 1) “História do surgimento de crônicas nos jornais/ o folhetim”: descreve minuciosamente a origem híbrida das crônicas, vinculadas com o jornalismo e também suas características particulares sendo, portanto, um gênero bastante complexo, 2) “*Belle Époque* tropical/ contexto nacional do século XIX”: análise do contexto social e histórico da época em que a crônica ganhou terreno fértil nas páginas dos periódicos nacionais com o intuito de se compreender mais claramente porque sua aclimação foi facilmente favorável, 3) “O vespertino carioca *A Notícia* (a dama cor-de-rosa carioca)”: discorre sobre o periódico e porque razão as crônicas foram bem recebidas e exploradas nas páginas dele, 4) “A ‘Crônica literária’ (1897-1908) de Medeiros e Albuquerque (1867-1934) em *A Notícia* – uma variação notável do gênero”: aborda a coluna jornalística de J. dos Santos, seu objetivo de existência, bem como características que definem o estilo desse talentoso cronista. Tal parte é bem clara ao expor como o espaço de J. dos Santos diferencia-se dos demais do mesmo vespertino como, por exemplo, de Artur Azevedo e também de Olavo Bilac. Por fim, discorre sobre a importância de se estudá-lo.

O capítulo III enfoca a “Crônica literária”, porém com outro referencial: indexações e apreciações. A pesquisa agrupou as 981 resenhas totais de J. dos

Santos em 12 anos de atuação no periódico carioca. Ademais, as apreciações agora seguem um viés mais geral, diferentemente do capítulo II, embora ainda tratando da coluna de J. dos Santos.

Nesse terceiro capítulo, registram-se algumas peculiaridades interessantes: as editoras mais atuantes na época, ou seja, quais as que mais lançaram livros detalhados por J. dos Santos; quais as que mais se destacaram no campo de tradução; quais as cidades e locais que mais se sobressairam no Brasil; quais editoras internacionais atuavam no mercado brasileiro; quais foram os autores que mais se destacaram e, conseqüentemente, mais escreveram na época da “Crônica literária” e qual foi o gênero de obra mais divulgado pelo exigente cronista. Portanto, o enfoque analítico segue 3 eixos interligados: literatura/editora/atuação, claro, tendo em vista todas as crônicas de J. dos Santos de 1897 a 1908. Como ele sempre se mostrou um jornalista bastante atualizado e possuidor de um amplo conhecimento, pode-se sim opinar sobre os destaques culturais das Letras na época tendo como pano de fundo a coluna semanal d’*A Notícia*.

Capítulo Primeiro

MEDEIROS E ALBUQUERQUE (1867-1934): UM ESCRITOR BRASILEIRO NOTÁVEL PARA O SEU TEMPO

Um jornalista é um homem enciclopédico que entende de tudo, sobretudo dá sentenças profundas e bem definitivas. Em um artigo de jornal, ele faz caber toda a História universal.

Medeiros e Albuquerque

1 Vida de um homem dinâmico

Medeiros e Albuquerque (José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque) foi jornalista, funcionário público, professor, político, contista, poeta, romancista, orador, ensaísta, teatrólogo, memorialista, conferencista e crítico. Ele achava seu nome completo parecido a um trem com muitos vagões e, conseqüentemente, resolveu sempre assinar somente Medeiros e Albuquerque, nome com o qual entrou para a lista dos autores nacionais relevantes.

Nasceu em Recife em 4 de setembro de 1867 e faleceu no Rio de Janeiro em 9 de junho de 1934. Quando adoeceu, preferiu já redigir a notícia do seu previsível

falecimento em um artigo, com dados biográficos, pedindo, com grande antecedência, que o enterrassem em caixão de terceira classe e recomendando aos parentes abstenção de luto. Aliás, nesse texto, Medeiros também expressou ponto de vista negativo referente à reforma ortográfica portuguesa de 1911, ao afirmar que esse dado apressou a sua morte, liquidando-o.

Medeiros destacou-se pela sua participação não somente na vida social e política do Brasil, mas também como homem de letras, trabalhando nas áreas do magistério, do jornalismo e da literatura. Ele, sendo um homem inserido em diversas áreas do conhecimento do século XIX, consegue, embora com teor genérico, trabalhar com vários temas sempre com uma postura esclarecedora e crítica.

Era filho de Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1825-1892) e de Ana Joaquina Dornelas Pessoa. Joaquim bacharelou-se e depois se tornou doutor em Direito pela Faculdade do Recife. Foi também diretor na Secretaria de Estado dos negócios imperiais. Ademais, teve a presidência da Comissão Brasileira de Permutações Internacionais.

Posteriormente ao fato da mãe ter lhe ensinado as primeiras letras, Medeiros estudou no famoso Colégio Pedro II. Aliás, graças à dedicação de sua mãe, que brincando, o educava, surpreendentemente, já aos 4 anos, ele conseguiu ler. De modo que, com 9 anos de idade, Medeiros almejava entrar para a segunda série do Colégio Pedro II, mas como essa idade possibilitava-lhe apenas cursar a primeira série, foi obrigado a dar documentos falsificados, para fingir ser mais velho.

Conseguindo a matrícula no Colégio Pedro II, começou a publicar semanalmente um pequeno jornal intitulado *O Patusco*, que representava “um quarto de fôlha de papel, com 17 quadrinhas sôbre os acontecimentos do Colégio” (ALBUQUERQUE, 1942, p. 18). No entanto, Medeiros e Albuquerque sabia desde o primeiro número do respectivo periódico que ele teria vida efêmera, visto que não o julgava importante.

Medeiros e Albuquerque teve quatro filhos e também cuidou de quatro irmãos pequenos, de cuja educação se apoderou desde o início da alfabetização. Desses oito parentes, conseguiu diplomar cinco, sendo três em Medicina e dois na Escola Normal. Ele sempre se julgou um pai de família bastante eficiente, pois constantemente afirmou: “toda essa ninhada cresceu e emplumou debaixo de minhas azas. Para levar a cabo essa tarefa, tive de trabalhar formidavelmente” (ALBUQUERQUE, 1934, p.240).

Ademais, em uma viagem aos Estados Unidos, Medeiros recebeu uma notícia bastante traumatizante: a da morte de seu filho Paulo, o que mais era apegado ao pai. Além disso, o próprio autor relatou o sofrimento que passou ao receber a notícia de que Paulo faleceu de apendicite, revelando o seu sofrimento:

A notícia de sua morte foi para mim um desabamento interior formidável. A morte de Paulo foi muito mais do que um pesar enorme. Como eu desejei acreditar em outra vida, mas em outra vida à semelhança da em que crêm os espiritistas! Outra vida [...]. Nosso egoísmo carinhoso gostaria de poder prender ao menos por algum tempo os que se foram. Mas isso seria para eles uma tortura. O que ha a fazer é desejar ir também após (ALBUQUERQUE, 1934, p.61).

Como se vê, Paulo era mesmo um filho bastante estimado por Medeiros e Albuquerque, além de ser o mais parecido com ele, visto que sempre “mostrava a sua inteligência lúcida e perspicaz” (ALBUQUERQUE, 1934, p.60). Paulo fez um curso preparatório de Medicina e no último ano se interessou pelo estudo da tuberculose. Medeiros também tinha apreço por assuntos relacionados a essa área específica. Consequentemente, por possuírem, de fato, várias afinidades, Medeiros e Albuquerque e Paulo conheciam “a fundo toda a vida um do outro” (ALBUQUERQUE, 1934, p.60).

Evidentemente, a morte desse filho para o autor foi a maior tristeza de sua vida, tanto é que, depois do acontecido, ele escreveu: “Quanto a mim, entretanto, fiquei na minha experiência única. Fechei a porta do paraíso artificial e atirei fóra a chave” (ALBUQUERQUE, 1934, p.141). Essa perda foi tão traumatizante para o escritor, que o levou a tratá-la em várias obras, tais como em *Quando era vivo*, *Poemas sem versos* e *O perigo americano*.

Medeiros e Albuquerque também tinha um irmão, por quem sentia bastante carinho, chamado Maurício de Medeiros, visto que este sempre foi lembrado em sua vida, sobretudo, em algumas produções, como em um fragmento de *Hipnotismo*, quando Medeiros afirmou: “em todo o sonho, eu aparecia com a cabeça de meu irmão, Dr. Maurício Medeiros, que é médico. O paciente tinha a certeza de que comigo é que estava falando, mas via apenas distintamente a fisionomia de meu irmão” (ALBUQUERQUE, 1958, p.303). Maurício viveu sob a tutela e em companhia de Medeiros e Albuquerque quando possuía apenas 9 anos, e conviveu com este até o dia de seu falecimento.

Além de médico, Maurício também exerceu a direção do Instituto de Psiquiatria, como também foi jornalista (colaborando no *Diário Carioca*) e autor (escrevendo, por exemplo, o volume *Pensamentos de Medeiros e Albuquerque* (s.d.)). Em um determinado episódio, quando a Revolução de 30 eclodiu, Medeiros escreveu o seguinte:

noticiava a uma de minhas noras que tinha estalado a revolução e convinha que eu me escondesse. Minha nora, aflita, começou a instar por isso e afinal eu me decidi. Tomando, porém, um automovel, no que primeiro pensei foi em prevenir meu irmão Maurício, que não encontrei em casa (ALBUQUERQUE, 1934, p.98).

Ademais, Medeiros e Albuquerque também tinha um irmão chamado Fortunato Campos de Medeiros, que foi secretário do Diretor Geral de Instrução Pública, além de haver militado na imprensa por mais de 3 décadas. Como Maurício e Medeiros, Fortunato também foi jornalista e escritor, produzindo o famoso livro *Luta pela pátria* (1953), entre outros mais.

Medeiros e Albuquerque viajou muito a trabalho durante sua vida, principalmente ao exterior, o que lhe impossibilitou algumas vezes de continuar escrevendo nos periódicos em que ele tinha seção, sobretudo, *A Notícia*. Entre 1910 e 1916 viveu na França em exílio político. Desse modo, viajou algum tempo, pela Europa, quando se interessou pelo hipnotismo e pela medicina.

Durante sua infância e adolescência, Medeiros foi aluno do Externato até 1880. Nesse mesmo ano, viajou para a Europa juntamente com seu pai. O pai foi convocado a uma comissão e resolveu levar Medeiros com ele para a Suíça. Todavia, durante a viagem, houve um incidente envolvendo o pai: “... o ministério que o nomeara caiu e êle achou em Lisboa ordem para regressar. O resultado disso foi que eu fiquei em Portugal” (ALBUQUERQUE, 1942, p. 28). Em Lisboa, ele estudou na Escola Acadêmica, uma das melhores da cidade na época. Futuramente, passou a ser integrante da Academia das Ciências de Lisboa.

Posteriormente, quando voltou ao Rio de Janeiro, freqüentou um curso de História Natural juntamente com Emílio Goeldi e também nessa época foi aluno particular de Sílvio Romero, como ele mesmo afirma:

Sílvio Romero foi meu professor de filosofia. Dava-me aulas particulares. Meu pai lhe pedira isso e lhe perguntara o preço das lições. Ele ficara de ajustar depois. Ele marcava as páginas em que os principais autores tratavam do assunto, dizia-me que os lesse e expusesse o meu modo de pensar [...]. E as discussões eram acaloradas. Perdíamos absolutamente a noção de mestre e discípulo. E tudo isto era feito alegremente, com muito bom humor. Êsse bom humor, que chegava às vezes à inconveniência, êle o conservou até o fim da vida (ALBUQUERQUE, 1942, p.50).

Todavia, mesmo tendo sido seu discípulo, Medeiros e Albuquerque, com muita ousadia, teceu comentários não muito positivos sobre Romero em várias de suas produções, tais como *Páginas de crítica*, *Homens e cousas da Academia Brasileira*, *Minha vida*, *Quando era vivo* e também nos periódicos em que escreveu. De fato, não gostava do estilo de escrever de seu professor, apesar de achá-lo competente. Considerava que seus livros não eram “bem escritos” (ALBUQUERQUE, 1942, p.51), apesar de “luminosamente claros” (ALBUQUERQUE, 1942, p.51). No entanto, mostrava-se orgulhoso do conceito que desfrutava junto ao mestre. Registrou em suas memórias que Romero confessara ao seu pai sentir profunda amizade por ele e ter experimentado muita satisfação nas aulas particulares que lhe dava.

Aliás, a ousadia era marca registrada de Medeiros e Albuquerque, que sempre a utilizou não somente em seus trabalhos, como também na vida pessoal com muita frequência. Em um determinado momento na Câmara, por exemplo, quando Medeiros estava proferindo um discurso contra o ministro Carlos de Carvalho, cujo irmão, inesperadamente, levantou-se e deu um tapa na cara de Medeiros, o escritor pensou em desafiá-lo para uma briga.

No entanto, mesmo depois que a Câmara, votando por unanimidade, afastou o agressor do posto de deputado, Medeiros começou a andar armado a partir daí, com o intuito principal de encontrar o irmão de Carvalho. Como ele mesmo afirmou: “Afinal, cêrca de oito dias depois, encontrei-o e dei-lhe três tiros. Desses apenas um o feriu no braço” (ALBUQUERQUE, 1942, p.217). Como consequência, ele foi preso em flagrante.

Além disso, a ousadia de Medeiros e Albuquerque sempre foi muito admirada por vários outros escritores, por exemplo, Olavo Bilac, com quem trabalhou no vespertino *A Notícia*. Medeiros conta que Bilac, certo dia, em Paris, disse o seguinte:

“- Medeiros, o que eu invejo em V. é o seu descaramento de proclamar certas coisas, que todos sentem e ninguém se atreve a confessar” (ALBUQUERQUE, 1942, p.232).

O visível choque de opiniões, que diferenciava o método de Medeiros e Albuquerque do de Sílvio Romero, é explicado pelo último ser possuidor de uma visão predominantemente sociológica e historicista, usada também na *História da literatura brasileira* (1888), nada compatível com a do seu aluno, portanto. Naturalmente, para Romero,

como para os seus contemporâneos, crítica vem a ser uma espécie de sinônimo de método científico, de objetividade, além de disciplina literária. Frequentemente, vemo-lo falar dos “princípios da crítica moderna” ou do “movimento crítico do nosso século” (CANDIDO, 1988, p.42).

Além disso, o critério sociológico do mestre Romero, articulado minuciosamente com as diversas ideologias do século XIX, dá ênfase à:

influência das estruturas sociais, das relações intergrupais, do equilíbrio das classes, das ideologias existentes, da tradição intelectual. A sua aplicação visa, numa palavra, integrar a obra na cultura (CANDIDO, 1988, p.107).

Desse modo, a crítica de Romero, dita científica, predominante no século XIX até então, não dava importância à estética, tal corrente:

desviou os espíritos do respeito pela sensibilidade artística, considerada sobrevivência da retórica e da metafísica. Esta anestesia é, pois, um traço de momento, mais acentuado nuns que noutros, mas presente em todos e comprometendo a análise das obras (CANDIDO, 1988, p.110-111).

Contudo, Medeiros e Albuquerque ao escrever seus livros de forma bastante natural, deixava também transparecer suas sensações nos argumentos, diferentemente do método científico do seu professor particular, que apreciava muito mais o mundo das certezas e não o mundo de hipóteses, como preferiam os impressionistas.

Desse maneira, Medeiros, ao dar espaço à sensibilidade, não parecia ter como objetivo principal apontar provas nas suas obras. Tudo isso porque parecia ter grande afinidade com o método impressionista crítico, que passou a ser hegemônico no

mundo literário, pois as impressões começaram a ser elucidadas e argumentadas, não mais segundo um método crítico tradicional (tendo Romero como exemplo típico), que apenas tinha o intuito de criticar, parecendo não exigir sensibilidade dos críticos, além de revelar uma certa distância entre estes e as obras.

Esse método teve uma permanente aspiração na vida nacional além de que, de fato, foi uma configuração decisiva na linguagem crítica, em que também os elementos do passado, da tradição, foram utilizados sob um enfoque mais sensível e contemporâneo, pressupondo que “a interpretação e o julgamento se completam na crítica literária” (MARTINS, 1983, p.37). Com isso, o impressionismo crítico desligava-se dos traços tradicionais de análise literária, com influência da crítica impressionista francesa.

Os críticos impressionistas como, por exemplo, Medeiros e Albuquerque, José Veríssimo e Nestor Vitor, utilizavam a linguagem como resultante de uma solicitação de época, em que os escritores brasileiros, marginalizados pela evolução histórica e social, registravam suas críticas nos trabalhos, mostrando suas opiniões, mas não deixando de se sensibilizar com as matérias enfocadas, assumindo, conseqüentemente, “a posição ‘superior’ da ironia e do ceticismo” (BARBOSA, 1974, p.202). Os críticos impressionistas são escritores que se apóiam nas primeiras impressões do livro e, posteriormente, passam então a refletir sobre estas impressões.

Ademais, Medeiros e Albuquerque, sempre que escrevia, revelava suas convicções íntimas aos leitores, de forma a estabelecer e fortalecer os laços de intimidade com eles. De fato, fazendo isso, ele mostrava saber que “a impressão pessoal é o alicerce do trabalho crítico” (MARTINS, 1983, p.99). Evidentemente, é importante ressaltar também que

um crítico realmente sensível e inteligente, embora puramente potencial, fará críticas melhores que um crítico obtuso e intelectualmente acanhado, embora com todo um arsenal prévio de verdades ontológicas. É mesmo muito mais nocivo julgar mal com critérios certos, do que julgar bem, com critérios errados (MARTINS, 1983, p. 185).

Pode-se dizer que, com sua peculiar sensibilidade, Medeiros revelou-se um conferencista de renome, visto que sabia como ninguém manipular as emoções da plateia por meio de seus textos bastante elegantes, que possuíam um estilo exuberante e

frequentes conceitos exatos. Desse modo, suas conferências tornaram-se famosas no Rio de Janeiro da época.

Aliás, foi ele que, voltando de Paris em 1906, colocou em evidência no Rio de Janeiro as conferências literárias remuneradas, ou seja, “... palestras de escritores conhecidos mediante remuneração, que Medeiros e Albuquerque se vangloriava de ter posto em moda...” (MARTINS, 1978, p.312). Como Medeiros, Olavo Bilac e Coelho Neto interessaram-se em experimentar esse tipo de gênero de obra também. Contudo, para a sua tristeza, o sucesso dos três ocasionou “tais imitações que a conferência literária se tornou uma epidemia insuportável” (ALBUQUERQUE, 1942, p. 235).

Quando a República consolidou-se no Brasil, ele foi nomeado, primeiramente, secretário e, posteriormente, diretor do Ministério do Interior. Lá, conquistou alguns inimigos como, por exemplo, Lucio de Mendonça. Sobre um acontecimento envolvendo Mendonça e bastante anterior à fundação da Academia, mas que tem ligação com ela, Medeiros e Albuquerque afirmou:

quando chegou Lúcio de Mendonça, que vinha frequentemente ao Ministério do Interior [...]. Aristides lhe disse o meu desejo:
-O Medeiros quer que nós criemos uma Academia Brasileira.
E expôs-lhe a nossa divergência: ele, entendendo fazer a criação posteriormente, e eu desejando incluí-la logo no orçamento (ALBUQUERQUE, 1942, p. 283).

Aliás, é relevante ressaltar o valor que esse lugar teve na vida de Medeiros e Albuquerque, visto que ele se tornou um importante integrante da Academia Brasileira de Letras, fundando a cadeira de número 22, cujo patrono é José Bonifácio, o Moço. Em 1896 e 1897, compareceu frequentemente às sessões de instalação dela. De início, optou por Tito Lívio de Castro como patrono de sua cadeira, mas acabou mudando de decisão e escolheu por fim Bonifácio. Ocupou a Secretaria geral da Academia de 1899 a 1917 e a presidência em 1924. Como se sabe, Medeiros e Albuquerque dedicou-se também aos seus variados atos na Academia, onde participava da Comissão do Dicionário.

Ademais, Medeiros sempre demonstrou grande antipatia pelo escritor Emílio de Menezes, que também participou da Academia Brasileira de Letras. Na concepção do crítico, “entre os membros sem compostura da Academia é impossível não mencionar Pedro Rabelo e Emílio de Meneses” (ALBUQUERQUE, 1942, p.244). Rabelo, segundo Medeiros, tinha um notável talento; contudo, ele sempre procurou imitar

demasiadamente Machado de Assis, tanto em qualidades quanto nos seus defeitos, o que o prejudicava um pouco.

Em relação a Emílio de Meneses, Medeiros e Albuquerque sempre opinou que ele foi eleito na Academia simplesmente por medo. A polêmica eleição não contou com a presença de Medeiros, que estava na Europa e só recebeu informações sobre o episódio bem depois de ter ocorrido.

Como Emílio ficou famoso por escrever diversas poesias ofensivas, inclusive a grandes nomes da literatura brasileira como, por exemplo, Machado de Assis, Medeiros atribuiu a sua eleição ao possível medo dos outros integrantes serem também alvos de ofensas pessoais. Para tanto, sobre Meneses, o autor teceu comentários bastante negativos, como os que se seguem abaixo:

Êle era um boêmio desregrado, que vivia na calaçaria dos cafés e botequins e se tornara célebre pela sua maledicência. Maledicência quasi sempre espirituosa, mas terrivelmente ferina.

Foi o mêdo dessa maledicência que o elegeu.

[...]

Mas Rio Branco sempre teve mêdo de tôdas as oposições e a de Emílio de Menezes era de recear, porque êle fazia então umas pequenas quadras em forma de “epitáfios”, que eram modelos de perversidade. Tôda a gente as conhecia e repetia. Muitos dos seus eleitores cederam a essa espécie de chantagem (ALBUQUERQUE, 1942, p.244-245).

De sua parte, Emílio de Meneses igualmente deixava bem claro que não gostava nem um pouco de Medeiros e Albuquerque. Respondendo a uma crítica em que Meneses opina ser Medeiros um grande jornalista, mas um mau crítico, Medeiros argumenta à altura da seguinte forma:

Si, como jornalista, que foi deveras a minha profissão, Emílio me elogiava, pouco importava que não me considerasse bom crítico –o que aliás nunca pretendi ser. Escrevi apenas impressões ligeiras sôbre alguns livros, mas sem nenhuma aspiração de reger o mundo literário (ALBUQUERQUE, 1942, p. 245).

Evidentemente, o fato de Medeiros e Albuquerque confessar que não se considerava um bom crítico e sim apenas um jornalista, igualmente como Artur Azevedo também frequentemente confessava, pode ser entendido como uma estratégia retórica. De fato, se Medeiros não se considerasse um verdadeiro crítico, não teria

escrito críticas por mais de dez anos em periódicos, além de não ter produzido também livros bastante relevantes deste gênero como, por exemplo, *Polêmicas*, *Homens e cousas da Academia* e *Páginas de crítica*.

Esse recurso retórico foi muito explorado pelo autor, de forma a ser utilizado com bastante consciência e naturalidade em diversos gêneros de obra que escreveu. Desse modo, quando argumentou sobre suas poesias, afirmou: “ quem ler os versos que eu então fiz (é uma distração a que certamente bem pouca gente se entregará) há de verificar que são muito sensuais” (ALBUQUERQUE, 1942, p. 64). Semelhantemente, ao escrever uma conferência, opinou:

E aqui eu termino. Termino, pedindo-vos perdão pela desilusão que vos infligi. Terão todos verificado que havia uma excelente conferência a fazer: exatamente a que esperavam; exatamente a que eu não fiz... (ALBUQUERQUE, 1913, p.118).

Como se nota, trata-se de um aparente fingimento retórico, visto que, como um típico perfeccionista que sempre foi, se Medeiros e Albuquerque não tivesse achado suas produções bem elaboradas, sem dúvida, ele não as teria publicado, para corrigi-las com mais cautela. Se ele resolveu torná-las públicas, isso comprova que já as julgava bem estruturadas.

Ademais, agindo com esse recurso, Medeiros parecia transmitir maior humildade, o que aumentava ainda mais a sua intimidade com o público, que, conseqüentemente, lhe perdoaria desde já alguns deslizes inevitáveis ocasionados pela linguagem oral, sobretudo, em conferências.

Vale registrar que, pertencendo ao grupo boêmio que se fortaleceu no final do Império e no início da República, Medeiros e Albuquerque escreveu nessa ocasião, em São Paulo, a peça *Comédia*, com Valentim Magalhães e Eduardo Prado.

Foi autor da primeira reforma ortográfica promovida, em abril de 1907, por iniciativa da Academia Brasileira de Letras e também acabou respondendo ao escritor Graça Aranha, quando Aranha cortou relações com ela. A reforma da ortografia foi, realmente, a questão que mais fascinou a Academia, sendo que

Medeiros e Albuquerque apresentara à Academia Brasileira de Letras uma proposta de simplificação ortográfica, por ela compendiada num “formulário”, depois de discussões e debates que se espraíram em livros e jornais do Brasil e de Portugal. Nos “considerandos” do projeto, [...] apontava para as vantagens da simplificação que, “reclamada e executada em outras línguas, mais necessária é ainda na portuguesa, onde não há autoridade nem tradição alguma que regule o assunto” [...] (MARTINS, 1978, p.386-387).

Na Academia, rapidamente, tal projeto foi atacado por Salvador de Mendonça, Sílvio Romero e também pelo destemido Rui Barbosa, visto que estes “... apresentaram um substitutivo visando à manutenção do sistema etimológico, apenas com a uniformização das grafias duplas ou incertas” (MARTINS, 1978, p.387). Medeiros aludiu negativamente ao fato: “[...] alguns eruditos que, pelo egoísmo de resguardarem o que já aprenderam, não sabem levar em conta as gerações e gerações que hão de vir depois de nós” (*A Notícia*, 17 maio 1907, p.2). O autor defendia não uma adoção da ortografia etimológica, mas sim uma no âmbito fonético: “não ha, porém, duvida: a reforma no sentido phonetico ha de se fazer. De se fazer mais ou menos de pressa, mas inevitavelmente” (*A Notícia*, 17 maio 1907, p.2).

Medeiros e Albuquerque, que no princípio da sua carreira literária estimava Portugal, onde fez parte de sua educação, depois nem sempre tratou os portugueses do mesmo jeito. A reforma ortográfica que em Portugal se fez no ano de 1911, sugeriu-lhe, em especial, fortes críticas, por ser ele, como se sabe, adepto de sua simplificação. No início, quando acompanhou o pai em viagem e estudou em Lisboa, Medeiros revelava-se apaixonado por Lisboa, chegando até mesmo a expor diversas vezes esse sentimento de forma bem explícita:

De que eu guardei boa recordação da velha cidade a prova está em que, muito tempo depois, mandei um filho aí educar-se por vários anos.

Não a revi, porém, mais, senão em rápidas paradas de vapor, indo para a França ou de lá voltando. Só uma vez estive três dias. Foi em 1907 (ALBUQUERQUE, 1942, p.44-45).

No entanto, o seu radicalismo e a sua obstinação entraram em choque com o espírito conciliador dos reformistas portugueses de 1911, só acalmando com o acordo

ortográfico de 1931, que a Constituinte anulou em 1934, restabelecendo a ortografia que vigorava em 1891.

Empenhou-se assiduamente nos usuais debates travados a respeito da simplificação ortográfica. De fato, Medeiros era um grande defensor da idéia da simplificação, tanto que sua última reportagem publicada exatamente no dia de seu falecimento na *Gazeta de São Paulo*, tratou desse tema específico. O jornalista defendia o seguinte ponto de vista:

Si, de resto, as modificações propostas forem simples, claras, logicas, accessiveis a todos, o interesse de todos estará exactamente em adoptal-as, independentemente de qualquer coacção, porque chega a ser ridiculo que o Brazil seja a unica nação civilisada, que não sabe escrever nem mesmo o seu proprio nome! (*A Notícia*, 26 abr. 1907, p.2).

Consequentemente, para Medeiros e Albuquerque, o trabalho de um escritor deveria ser o mais natural possível, totalmente sem sintonia alguma com as regras gramaticais que, para ele, serviam apenas para dificultar a compreensão da obra de arte pelos leitores. Escrevendo o mais simplesmente possível, Medeiros acreditava que poderia ser mais facilmente entendido, o que foi sempre o seu objetivo profissional, tanto é que ele mesmo escreveu num seguinte fragmento de seu livro de poesias *Canções da decadência* (1889):

Uma cousa é bom notar: -não fiz nas poesias d'elle, impressas bem longe de minha vista, o mínimo retoque desde as incorrecções de Forma e de Ideia até o excesso de cantharidas... (ALBUQUERQUE, 1889, p.5).

Naturalmente, tal autor acreditava que a Arte especificamente literária, para realmente existir, deveria ser feita com bastante clareza e lucidez e, desse modo, a simplificação no estilo era requisito fundamental. De fato, em sua concepção, a arte literária precisaria ser parecida com a música, ou seja, o trabalho dos escritores deveria ser o mais natural possível, desprovido de regras estruturais excessivas. Para tanto, Medeiros opinou: “poesia é música, música regula-se pelo ouvido e não por convenções grammaticaes” (ALBUQUERQUE, 1889, p.7).

Na imprensa nacional, Medeiros e Albuquerque escreveu também assinando seus artigos com os pseudônimos Atásius Noel, Armando Quevedo, Max,

Rifúio Singapura, M. de Alvovedo, M. de Alvarado, Mário Néri, J. dos Santos e com suas iniciais M. A. Juntamente com Nestor Vitor, foi dos primeiros a divulgar, no Brasil, notícias literárias européias simbolistas, sobretudo, de Verlaine, Rimbaud e Mallarmé.

Medeiros e Albuquerque foi autor da letra do Hino da Proclamação da República, musicada por Leopoldo Miguez (1850-1902) e adotado pelo Decreto 171, de 20 de janeiro de 1890, o que lhe proporcionou maior renome. Sobre a importância da letra, afirmou-se:

Essa música esteve a pique de tornar-se hino nacional, substituindo o de Francisco Manuel da Silva, o que não só aconteceu, ao que se diz, pela resistência sentimental do Marechal Deodoro da Fonseca (MARTINS, 1978, p.348).

Medeiros fazia parte do grupo republicano; porém, na propaganda abolicionista, quase não tomou partido, embora tivesse bastante empolgação por ela. Quando a República estava prestes a ser proclamada, viajou a São Paulo a trabalho juntamente a Campos Sales. Foi tenente-coronel da Guarda Nacional.

Devido à proclamação da República, Medeiros recebeu a nomeação de secretário do Ministro Aristides Lobo. Ademais, foi nomeado vice-diretor do ginásio nacional por Benjamin Constant no ano de 1892.

De início, trabalhou como professor primário auxiliar, conhecendo diversos poetas e escritores famosos da época, tais como Pardal Mallet e Paula Ney. Desde 1890, Medeiros foi também professor de Mitologia da Escola de Belas Artes, além de ter lecionado noções de ciências naturais e religião em escolas de segundo grau entre 1890 a 1897, o que o entusiasmava muito, visto que gostava muito do magistério. Foi também vogal e presidente do Conservatório Dramático de 1890 a 1892.

Em 1894, foi eleito pela primeira vez deputado por Pernambuco, visto que, “como político, que também foi, desenvolveu importante missão na Propaganda da República e foi deputado federal e senador pelo seu estado natal” (CARPEAUX, 1964, p. 16). Nos últimos anos do governo de Rodrigues Alves, foi reeleito deputado no seu estado natal. Como deputado, lutou pelo parlamentarismo. Comentarista político, monopolizou as atenções do enorme público com sugestões de projetos de leis.

Aliás, é de extrema importância ressaltar que a primeira lei dos direitos autorais foi denominada “Lei Medeiros e Albuquerque” justamente porque foi ele quem

apresentou tal projeto ao Congresso Nacional, que foi aprovado em agosto de 1898. Antes dele, “[...] surgiram na imprensa allusões ao debate parlamentar sobre esse ponto. Mas essas [...] são outros tantos documentos do pouco caso com que os interessados tem olhado para esse ponto” (*A Notícia*, 1 abr. 1902). Sobre essa lei, fez-se o seguinte comentário:

Tanto Medeiros e Albuquerque quanto Augusto Montenegro procuravam indiretamente resguardar os “direitos” brasileiros à contrafação e à pirataria editorial. Eram por isso contra toda e qualquer convenção internacional e mesmo contra a proteção de autores estrangeiros não residentes no país (MARTINS, 1978, p.471).

Já no documento de 3 de setembro de 1904, referente a acidentes trabalhistas, Medeiros “... fundando-se na teoria da obrigação presumida do empregador, apresentou projeto regulando o pagamento obrigatório de indenizações por acidentes no trabalho” (MARTINS, 1978, p.247). Segundo o autor, adiar o decreto de tais medidas seria até mesmo uma imprudência, pois os operários necessitavam de constante segurança enquanto exerciam suas funções.

Em 1897, Medeiros e Albuquerque recebeu nomeação à direção geral da Instrução Pública do Distrito Federal, aposentando-se lá em 1906. O Laboratório de Psicologia Pedagógica resultou de sua nomeação, mas foi rapidamente desativado, o que aborreceu o fundador. Sobre a Instrução Pública, o crítico afirmou o seguinte:

Na Instrução Pública, julgo também ter tido iniciativas fecundas. Nunca houve período administrativo de que a politicagem fôsse mais banida do que o do meu tempo de serviço. Em certos pontos não cheguei mesmo a ser compreendido. Assim, o Laboratório de Psicologia Pedagógica que fundei no Pedagogium em 1897, pareceu uma extravagância e foi logo após suprimido (ALBUQUERQUE, 1942, p.14).

Vale registrar também que, pelo fato de ter sido demitido da Instrução Pública, Medeiros e Albuquerque, ousadamente, resolveu subir aos tribunais para defender verbalmente seus direitos e, conseqüentemente, foi reintegrado com êxito. Ainda sobre a Instrução Pública, é importante pontuar que o ensino,

cuja “completa desorganização e ineficiência” era alegada por Medeiros e Albuquerque como principal justificativa para a criação de um Ministério de Instrução Pública e Belas-Artes, conforme projeto que apresentou à Câmara, a 18 de setembro de 1894 (MARTINS, 1978, p.468-469).

Em novembro de 1897, ocorreu o atentado contra Prudente de Moraes e Medeiros ficou sabendo que seria preso logo, pois estava em oposição ao presidente. Segundo ele, Prudente sabia perfeitamente que ele não estava envolvido nesse caso, “mas queria varrer todos os inimigos” (ALBUQUERQUE, 1934, p.81). Foi nessa época que ele pediu auxílio ao ministro do Chile, Don Isidoro Errázuriz, e assim Medeiros se livrou de ser mandado a Fernando de Noronha.

Já em relação ao século XX, Medeiros e Albuquerque retornou à Câmara dos deputados, constituindo o grupo rival a Hermes da Fonseca. Residiu em Paris de 1910 a 1916. Quando retornou ao território nacional, defendeu a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), contribuindo para a ruptura de ligações brasileiras com a polêmica Alemanha, como ele orgulhosamente alegou:

Eu acredito que sem a minha ação o Brasil não teria entrado na guerra contra a Alemanha. E’ talvez vaidade; mas tenho essa firme convicção. De fato, houve um momento em que na imprensa do Rio de Janeiro eu era o único jornalista que pedia a entrada do Brasil na luta. O próprio jornal em que eu escrevia, *A Noite*, não advogava essa causa. Ele era, porém, para mim um poderoso megafone, de onde minha voz não podia deixar de ser ouvida (ALBUQUERQUE, 1934, p.51).

Medeiros e Albuquerque permaneceu aliado a Washington Luís, no episódio da campanha da Aliança Liberal (coligação oposicionista de âmbito nacional formada no início de agosto de 1929 por iniciativa de líderes políticos de Minas Gerais e Rio Grande do Sul com o objetivo de apoiar as candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa respectivamente à presidência e vice-presidência da república nas eleições de 1930). Devido ao fato da Revolução de 30 ter sido vitoriosa, Medeiros teve de pedir auxílio à Embaixada peruana, onde aproveitou para ler as famosas memórias de Casanova, como ele mesmo registrou: “fiz isso em 1930, quando o govêrno Getúlio Vargas, apiedado da minha imensa ignorância, obrigou-me a asilar-me na Legação do Perú” (ALBUQUERQUE, 1942, p.17).

Outro dado de extrema relevância ao se analisar a vida de Medeiros e Albuquerque é que, juntamente às atividades do funcionalismo público, ele trabalhava também como jornalista. Partiu diversas vezes à Europa e também tomou parte em 1926 do Congresso Pan-Americano de Jornalistas, realizado em Washington. Como se observa, sempre demonstrou visível interesse por jornalismo, desde a sua infância, quando aprendeu a ler com a mãe. Sobre esse fato curioso, o escritor afirmou:

Dizia-se de mim aos quatro anos, quando me queriam elogiar, que eu já lia o “Jornal do Comércio”. Não sei si foi êsse envenenamento precoce que me levou para o jornalismo... Aquela afirmação era, porém, feita porque o tipo do “Jornal do Comércio”, sendo extremamente pequeno, a sua leitura oferecia mais dificuldades que a de outros jornais (ALBUQUERQUE, 1942, p. 18).

Em 1888, Medeiros e Albuquerque trabalhou no jornal *Novidades*, em companhia de Alcindo Guanabara. Embora tivesse um entusiasmo inicial pela tendência decadentista, não tomou parte da propaganda simbolista.

Na época florianista, ele teve a direção d’*O Fígaro*, órgão oficioso do governo. Foi nesse periódico que ganhou oportunidade de denunciar a deposição que se planejava do governo Barbosa Lima em seu estado natal, Pernambuco. Em relação a esse periódico, Medeiros e Albuquerque opinou não saber “por que estranha aberração” (ALBUQUERQUE, 1942, p.131) deu esse título. Aliás, foi o segundo jornal que dirigiu, sendo que o primeiro, intitulado *O Clarim*, teve origens na época da propaganda republicana. Sobre ele, Medeiros mesmo afirma:

Êsse meu primeiro jornal não era apenas meu. Eu tinha um sócio e companheiro de redação.

A fôlha chamava-se –título belicoso- “O Clarim”. Para bem se avaliar do luxo com que estava instalado, basta dizer que o cabeçalho mencionava expressamente onde ficava a redação: “*Segunda mesa, à direita, no Café de Londres*” (ALBUQUERQUE, 1942, p.103).

Ademais, para o escritor, *O Fígaro* (1892-1893) foi superior a *O Clarim*, pois “‘O Fígaro’ teve instalação um pouco melhor. Tinha casa. Morava” (ALBUQUERQUE, 1942, p.103). Dedicou-se também às atividades de colaboração diária na *Gazeta de São Paulo* e redigiu diversos outros periódicos cariocas, como *A Noite*, *A Notícia*, *O País* (1900-1901), *República* (1897) e a *Gazeta de Notícias*.

Com capacidade para escrever diariamente pelo menos quatro artigos; redigiu a *Revista da Semana*, no período de 1930 até 1934 e, além disso, também possuía inúmeras colaborações avulsas. Por gosto, exerceu o jornalismo até os últimos dias, visto que sempre foi a paixão principal do escritor.

Outro dado bastante importante da vida de Medeiros e Albuquerque é o seu ateísmo, que se consolidou de 1884 a 1889, visto que ele não revelava nenhum apreço a assuntos envolvendo religião. Não se restringindo a simplesmente seguir uma crença religiosa, ele também, em muitos momentos, chegou até mesmo a atacar aqueles religiosos que parecem exigir que se acredite somente em suas doutrinas.

Para Medeiros, realmente, “o que se deve sempre respeitar é o direito de cada um crer no que quiser” (ALBUQUERQUE, 1942, p. 331). Como ele foi professor de mitologia, teve de estudar as religiões de todos os povos e, consequentemente, sempre quando tecia críticas negativas às religiões, fazia isso com apurado conhecimento, nada de forma gratuita.

Evidentemente, para ele, a liberdade de idéias deveria ser sempre um direito pessoal e não uma imposição de grupos que se dizem possuidores da verdade. O grande problema é que, essas pessoas “não protestam só com argumentos: reclamam que se faça calar quem as ataca” (ALBUQUERQUE, 1942, p. 331). Na concepção do ousado crítico, a própria formação da religião é hipócrita e se contradiz por si só, por ser demasiadamente incoerente, sendo que “o grande ridículo é essa religião inteira, tão absurda no seu conjunto como nas suas partes” (ALBUQUERQUE, 1942, p. 336).

Tal fato se dá por Medeiros sempre ter demonstrado grandes afinidades com as tendências materialistas, que repercutiam favoravelmente no século XIX, e isso favoreceu seu afastamento de possíveis crenças religiosas, desacreditando mais facilmente delas.

Na época em questão, a abordagem do fenômeno literário, sobretudo, de fatores da sociedade, deu origem à famosa “crítica sociológica”, que tinha o intuito principal de averiguar as relações envolvendo o autor e a obra e o contexto em que a obra aparece. A “crítica sociológica” teve seu maior destaque na segunda metade do século XIX, por meio da “Era Materialista”, na qual dominavam, não somente a estética de Taine (raça, momento e meio), doutrinas tais como a tendência positivista de Comte, as ideologias de Darwin e Spencer e o materialismo científico, que pareceu interessar bastante Medeiros e Albuquerque. Desse modo, ao ler as críticas negativas de Medeiros e Albuquerque às religiões em geral, é possível conhecer, com bastantes detalhes, seu

público leitor e o contexto a que pertenciam esses textos, afinal de contas, Medeiros foi bastante influenciado pelo materialismo. Apesar de materialista, o autor apreciava bastante os elementos invisíveis, indagando os fatos misteriosos e procurando juntamente dissimular os clamores de seu espírito naturalmente religioso.

Aliás, ele sempre ratificou, em suas obras e principalmente nos jornais em que escrevia, suas convicções da seguinte forma: “quanto a mim, é bom atender em primeiro lugar que eu sou um perfeito materialista. Não acredito absolutamente em sobrevivência de cousa alguma do homem” (ALBUQUERQUE, 1934, p. 235). Por essa visão, nada mais natural se entender o fato de ser ele adepto ao ateísmo, pois seu pensamento sempre teve a seguinte linha ideológica: “O ateísmo sereno, a certeza de que só conosco devemos contar dá mais tranquilidade ao espírito do que qualquer religião” (ALBUQUERQUE, 1942, p.47).

De fato, segundo Medeiros e Albuquerque, nenhuma crença é exata, visto que toda a crença é suscetível de discussão. Consequentemente, a liberdade de pensamento é fundamental para todo o ser humano. Naturalmente, como um convicto materialista, Medeiros sempre acreditou no respectivo discurso:

Os crentes da Bíblia divertem-se e riem-se com os macacos do mau venerando mestre Darwin. Fazem muito bem. Desde que êles acham que isso está errado, estão no seu dever de combater o que lhes parece falso. Combater pelo raciocínio ou pelo ridículo, por todos os meios, sem ferir os indivíduos, mas atacando as crenças absurdas, que êles tenham.

Êsse mesmo direito eu, porém, também tenho, divertindo-me à custa do macacão divino, que para criar o homem precisou usar processo tão extravagante (ALBUQUERQUE, 1942, p.333).

Esse destemido autor é também possuidor de uma modesta fortuna crítica, que merece ser registrada logo abaixo, devido à grande importância dos cometários feitos sobre ele.

2 Fortuna crítica

Medeiros e Albuquerque teve uma participação extremamente atuante e valiosa na literatura nacional e isso fez com que naturalmente diversos críticos literários apreciassem muito o trabalho dele e escrevessem a seu respeito. Alguns estudiosos optaram apenas por fornecer dados da vida do escritor.

Para Ronald de Carvalho, em *Pequena história da literatura brasileira*, livro que teve prefácio positivo de Medeiros e Albuquerque, o autor de *Pecados* é “um dos homens de letras de inteligência mais versátil e brilhante” (CARVALHO, 1944, p.334). Carvalho também informou que a produção do autor “está ligada, ao mesmo tempo, à história da poesia, do romance e do conto, da crítica e do jornalismo, da política e da oratória em nosso país” (CARVALHO, 1944, p.334).

Em relação ao apreço que Medeiros revelava com o grupo republicano, que o fazia ir contra a monarquia, registrou-se: “... Euclides da Cunha, Clóvis Bevilacqua, Graça Aranha e Medeiros e Albuquerque, enfim, dos homens que viveram a luta contra as tradições e o espírito da monarquia” (BOSI, 1994, p.163).

No quesito político ainda, muitos estudiosos informaram as frequentes atuações de Medeiros e Albuquerque no Brasil. Em relação a Lei dos direitos autorais, que foi consolidada graças à atuação do autor, Wilson Martins discorreu o seguinte comentário:

o substitutivo Medeiros e Albuquerque passa rapidamente [...] e vai à redação final a 14 de setembro de 1894. Na exposição de motivos que o precede, o autor procura, antes de mais nada, despir o problema de toda conotação idealista: os direitos autorais, dizia ele, são uma forma de comércio como qualquer outra (MARTINS, 1978, p.471).

Não obstante, Martins apontou uma falha de referência segundo os esclarecimentos do autor da “Lei Medeiros e Albuquerque” que

expandia [...] o debate, para incluí-lo no processo geral da evolução social: “quanto mais a civilização progredir, mais os direitos autorais se restringirão” [...] Por aí, o debate deixava de ser realmente jurídico para tornar-se, se não ideológico, pelo menos programático- e era onde Medeiros e Albuquerque estava errado, assim como em pressupor que países pouco “importantes”, como o México, a Guatemala ou a Venezuela, não podiam, por definição, ter melhor legislação de propriedade intelectual que países “adiantados”, como França ou a Alemanha (MARTINS, 1978, p.527).

Já no campo da literatura, sobre as famosas *Canções da decadência*, afirmou-se o seguinte:

Na verdade, o poeta oscilava entre vários focos de estímulo, numa hesitação sintomática: sentimentalidade romântica, erotismo, poesia social, materialismo, nevrose... Seja como fôr, denunciava a impregnação do clima decadente, o que resultava num avanço relativamente ao Romantismo, ainda em voga (MOISÉS, 1966, p.52).

Na história da literatura nacional, merecidamente, Medeiros e Albuquerque é lembrado pelo surgimento do movimento simbolista brasileiro, como se comprova na citação abaixo:

os que costumam datar da constituição dos primeiros núcleos conscientemente decadentistas o início da nova poesia entre nós; a verdade é que, [...] apareceram as *Canções da decadência*, de Medeiros e Albuquerque (MARTIS, 1978, p.258).

Ademais, Martins procura fazer um elo entre Medeiros e o poeta Cruz e Sousa, referenciando que o primeiro foi muito influenciado pelo Simbolismo, apesar de Medeiros ter-se desligado em partes da estética decadentista. Sobre tal fato, registra-se o seguinte:

Embora publicado apenas dois anos depois das *Canções da decadência*, o manifesto simbolista de Medeiros e Albuquerque não só antecedeu o de Cruz e Sousa [...] como, [...] ultrapassa-o em “espírito simbolista” (MARTINS, 1978, p.259).

Ainda sobre esse livro e também *Pecados*, de forma não muito agradável, Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira*, opinou: “... apesar dos seus maus *Pecados* e das *Canções da decadência* (89), nunca aderiu ao novo espírito e, ao contrário, deu mostras assíduas de imaginação vasqueira e sensualona” (BOSI, 1994, p.270). De fato, “coube a [...] Medeiros e Albuquerque (1867-1934) introduzir entre nós a poesia simbolista, com a qual não tinha a menor afinidade” (MARTINS, 1978, p.329).

No entanto, como não poderia ser diferente, Massaud Moisés lembrou-se também de ligar o adento do Simbolismo merecidamente com o escritor, informando que “a instalação do movimento decorreu duma sugestão vinda da França, por volta de 1887, graças a Medeiros e Albuquerque” (MOISÉS, 1966, p.77).

Em relação à atuação de Medeiros e Albuquerque na Academia brasileira de letras, Fernão Neves procurou descrever, de forma clara, embora concisa, alguns dos importantes passos do crítico no local, informando:

Substituiu Carlos de Laet (n.25) na Comissão do Dicionário. Recebeu a Augusto de Lima (n. 46) em 5 dezembro 1907; a Ataulfo de Paiva (n. 69), em 23 maio 1918; ao sócio correspondente Georges Dumas, em 25 setembro 1922; a Júlio Dantas, em 12 abril 1922; a Fernando Magalhães (n. 87), em 8 setembro 1926. Fez o retrospecto literário por ocasião do Centenário da Independência (1922). Substituído por Miguel Osório de Almeida (NEVES, 1940, p.83).

Maurício de Medeiros afirmou que os leitores amavam o irmão, devido à “clareza, a limpidez, a simplicidade de seu estilo” (ALBUQUERQUE, s.d., p. 5). Além disso, não se esqueceu de elogiar a simplicidade que permeia o estilo de Medeiros e Albuquerque, opinando que “não era homem de frases. Em seus livros ha conceitos profundamente revolucionarios, idéas gerais surpreendentes, contidos tão suavemente, em palavras tão simples, que o leitor quasi não as percebe” (ALBUQUERQUE, s.d., p.6). Ainda sobre o estilo, Maurício registrou o fato de Medeiros nunca ter suportado o rótulo de “superficial” imposto por alguns estudiosos. Sobre isso, teceu a crítica:

porque si ele não tinha a vaidade de julgar-se profundo, nada o irritava tanto como o conceito despeitado de seus detratores apresentando-lhe sempre a multiplicidade de seu trabalho mental, como fruto de superficialidade! (ALBUQUERQUE, s.d., p.8).

Realmente, a forma de escrever de Medeiros e Albuquerque era bastante simples e leve, possibilitando que os leitores o entendessem sem nenhum hermetismo. Sobre isso, o autor discursou diversas vezes na Academia, onde defendia que “a ‘forma métrica’ tendia a desaparecer como indicativa de poesia, cujo destino era adotar, cada vez mais, as técnicas da prosa como meio de expressão” (MARTINS, 1978, p.322). Tal evidência estava ligada ao “futuro da poesia” (MARTINS, 1983, p.390).

Ainda sobre a produção do autor, sobretudo no enfoque de prosa, João do Rio não se esqueceu de revelar a ligação de Medeiros com as conferências remuneradas. Sobre tal informação, teceu a crítica abaixo:

Quem havia de dizer, há cinco anos, que esse mal incipiente se tornaria uma tão espantosa epidemia? Medeiros e Albuquerque voltaria de Paris com a idéia das conferências à maneira do “Odéon”, falara a Olavo Bilac, e Bilac, no almoço oferecido a Luiz Mancinelli por Luís de Castro, indagava de Alberto Nepomuceno, a meu lado: -Dará resultado?

Dois sábados depois, [...] Coelho Neto aparecia [...] com a conferência escrita à maneira de Paris e de Londres [...] No outro sábado, falando [...] Olavo Bilac, o salão regurgitava. E a série foi um desdobrar de coisas eruditas, inteligentes, ensinadoras (RIO, 1911, p.36).

Vale registrar que “no período pré-modernista a crítica militante tomou maior impulso e os que a exerceram com mais regularidade foram José Veríssimo, Medeiros e Albuquerque, Osório Duque-Estrada e João do Rio” (BROCA, 1963, p.38). Além do mais, é importante lembrar que:

Possuindo uma extraordinária faculdade de exposição, exímio em reduzir a fórmulas simples e instrutivas idéias complicadas, Medeiros devia utilizar-se com vantagem desses predicados na crítica. Tomando de um livro, procurava dizer, em termos bem claros, do assunto, dando uma boa informação ao leitor, sem se eximir de apontar defeitos e assinalar os juízos de que discordava. Despido de aparato erudito, era sempre justo e preciso na citação (BROCA, 1963, p. 40).

Notavelmente, Medeiros manifestava “um talento disperso pela vida e pela arte, documentando sua visão do mundo em uma fase crítica dos fatos sociais brasileiros para a história da humanidade” (MENEZES, 1949, p.29). Em *O Fígaro*, o jornalista tecia freqüentes comentários negativos a Francisco de Paula Nei, ao passo que “... corajosamente, entre as bases de um concurso literário e uma crônica de Márcio Neri, zurzia quantos não lhe iam na esteira, distribuindo pancadas a torto e a direito!” (CUNHA, 1950, p.132). No jornalismo, Medeiros foi “[...] um noticiarista inteligente, culto e bem-informado [...]” (MARTINS, 1983, p.469).

Além disso, por exemplo, em *Quando era vivo* (1942), percebe-se também:

uma irreverente confissão de uma juventude estróina e irresponsável, mas que tem ainda o viço e a marca de um espírito cheio de humor e alegria, não obstante o puritanismo pudesse ver ali tão somente o estadear de luxúria e incoseqüência (MENEZES, 1949, p. 30).

Partindo do fato de que o próprio Medeiros e Albuquerque não se julgava um grande poeta, tanto que afirmava não dar grande importância a esse gênero de obra, José Veríssimo afirmou de forma não muito positiva que Medeiros não consegue transmitir sentimentos nas poesias, tais como o amor, ficando isso em segundo plano, pois, afinal de contas, “o que de cético, de irônico, de frio há na índole, nas feições espirituais [...] tira à parte sentimental do seu lirismo os dons de comoção e efusão profundas, que lhe dariam o relevo e o interesse que lhe faltam” (VERÍSSIMO, 1977, p. 116). No entanto, o crítico deixa bem nítido o talento do autor em fazer versos, embora julgue ser ele melhor em prosa, como se lê abaixo:

Já disse, penso, o bastante para não poder contestar ao Sr. Medeiros e Albuquerque o dom da poesia e o nome de poeta, ambos plenamente comprovados. Mas não creio incorrer na pecha, ou sequer insinuação de incoerência, asseverando que a poesia não é a sua faculdade principal, senão a prosa. E são os dons de prosador brilhante, versátil, original, imprevisível, espirituoso, ligeiro, que dão à sua poesia a diferença que ela acaso possa ter na poesia brasileira contemporânea (VERÍSSIMO, 1977, p.116).

Não obstante, há quem observe a principal deficiência de sua poesia: “...é sempre um ironista temível ... lhe falta o candor, a inocência, a ingenuidade necessária às eternas creanças líricas que são os grandes poetas...” (GRIECO, 1956, p. 103-104). Agrippino Grieco opinava ser Medeiros um escritor bastante frio, incapaz de transmitir sentimentos em versos: “muito frio sempre, mesmo nos aparentes entusiasmos, dá-se ele com prazer, com uma volúpia quase sádica, á dissecação dos adversários” (GRIECO, 1956, p.103). Todavia, o crítico opinou que Medeiros “tudo compreendia e tudo sabia expôr com maravilhosa lucidez” (GRIECO, 1956, p.103).

Alguns, entretanto, opinam ser Medeiros um relevante poeta, como se comprova nessa crítica:

os poetas que louvava por haverem retornado “às boas tradições do lirismo” eram [...] Murat, Bilac, Guimarães Passos, Augusto de Lima e Medeiros e Albuquerque; estes últimos eram os “verdadeiramente superiores” (MARTINS, 1978, p.285).

Ademais, até se escreveu que “depois da morte de Machado de Assis, os grandes nomes ficaram sendo Rui Barbosa, Olavo Bilac, Coelho Netto, Graça Aranha, e

na linha média (ou abaixo da média...) Medeiros e Albuquerque e Monteiro Lobato” (LAFETÁ, 1974, p.58). Entretanto, Lafetá não deixou de fornecer informações importantes sobre o escritor, descrevendo aspectos de seu trabalho nos jornais, ao tecer comentários positivos sobre a maneira de Medeiros e Albuquerque abordar suas matérias com apurado valor de síntese.

Luis Martins demonstrou certo despreço por alguns gostos peculiares de Medeiros, não deixando, entretanto, de registrar, no final, o talento que o intelectual possui, consagrando-o na literatura. A crítica evidencia o seguinte:

A insensibilidade com que Medeiros encarou o modernismo, a sua total incompreensão do movimento poético a partir do Simbolismo, a evidente estreiteza de sua posição crítica em relação à literatura e à arte do século XX são, sem dúvida, lamentáveis como revelações do seu gosto literário e artístico. Isso não impede, entretanto, que se reconheça nêle a posse de qualidades intelectuais bem pouco comuns, que o consagram, a meu ver, como um dos mais perfeitos polígrafos que o Brasil já produziu (MARTINS, 1959, p.15).

Naturalmente, Martins também apontou um predicado característico de Medeiros, quando referenciou o fato dele se instruir frequentemente, não apenas na área literária, como também em diversas outras, talvez por força do jornalismo, que exigia isso dos profissionais. Segundo o crítico,

Medeiros e Albuquerque nada mais era que um autodidata inteligente e infatigavelmente ávido de se instruir. Sua biblioteca compunha-se de trinta mil volumes. Mas êsse homem, que afinal de contas era apenas um jornalista, discutia, em polêmicas célebres, Medicina com os médicos, Direito com os juristas, Pedagogia com os pedagogos, Gramática com os gramáticos, Religião com os padres, vulgarizava os “tests” no Brasil, ensinava aos psiquiatras a Psicanálise de Freud [...] (MARTINS, 1959, p.18).

3 Obras

Medeiros e Albuquerque estreou na literatura em 1889 com dois livros de poesia intitulados *Pecados* e *Canções da decadência*. Nesse mesmo ano, publicou O

remorso (carta em versos à princesa D.Isabel), revelando certo conhecimento da estética simbolista.

No decorrer de sua vida, Medeiros escreveu livros importantes que marcaram a história e a literatura brasileiras:

TÍTULO	ANO	EDITORA	GÊNERO
<i>Pecados</i>	1889	Carlos Pinto & C.	poesia
<i>Canções da decadência</i>	1889	Carlos Pinto & C.	poesia
<i>O remorso</i>	1889	s.n.	poesia
<i>Diálogo de cidades</i>	1889	s.n.	poesia
<i>Um homem prático</i>	1898	Imprensa Nacional	conto
<i>Mãe tapuia</i>	1900	Garnier	conto
<i>Poesias</i>	1904	Garnier	poesia
<i>Contos escolhidos</i>	1907	Brasileira LUX	conto
<i>O escândalo</i>	1909	Nina Sanzi	teatro
<i>Em voz alta</i>	1909	Francisco Alves	conferência
<i>Pontos de vista</i>	1913	Francisco Alves	ensaio
<i>Literatura alheia</i>	1914	Francisco Alves	crítica
<i>O regime presidencial no Brasil</i>	1914	Francisco Alves	monografia sobre política
<i>O silêncio é de ouro</i>	1916	Francisco Alves	conferência
<i>O perigo americano</i>	1919	Leite Ribeiro & Maurillo	conferência
<i>Páginas de crítica</i>	1920	Leite & Maurillo	crítica
<i>Lírios, rosas e saudade</i>	1920	s.n.	poesia
<i>Marta</i>	1920	Renascença	romance
<i>Hipnotismo</i>	1921	Conquista	monografia sobre medicina
<i>O mistério</i>	1921	s.n.	romance

<i>Fim</i>	1922	Monteiro Lobato & C.	poesia
<i>Graves e fúteis</i>	1922	Leite Ribeiro	ensaio
<i>A obra de Júlio Dantas</i>	1923	Leite Ribeiro	biografia
<i>Teatro meu e dos outros</i>	1923	Francisco Alves	teatro
<i>Tests</i>	1924	Francisco Alves	monografia sobre educação
<i>Poemas sem versos</i>	1924	Leite Ribeiro	poema em prosa
<i>A arte de conquistar as mulheres</i>	1925	Edições de ouro	monografia sobre psicologia
<i>Contos apressados</i>	1925	s.n.	conto
<i>O assassinato do general</i>	1926	Benjamin Costallat & Miccolis	conto
<i>Isto e aquilo</i>	1927	s.n.	ensaio
<i>O Brasil e a guerra européia</i>	1928	s.n.	conferência
<i>A química e a agricultura</i>	1929	s.n.	monografia científica
<i>Os que podem casar-se</i>	1929	Francisco Alves	conferência
<i>Por alheias terras</i>	1931	Editora Americana	relatos de viagem
<i>Se eu fosse Sherlock Holmes</i>	1932	Francisco Alves	conto
<i>Segredo conjugal</i>	1932	Calvino Filho	conto
<i>O umbigo de Adão</i>	1932	Flores & Mano	conferência
<i>Parlamentarismo e presidencialismo no Brasil</i>	1932	Calvino Filho	monografia sobre política
<i>Poesias completas de D. Pedro II</i>	1932	Guanabara	poesia

<i>Quando eu falava de amor</i>	1933	Renascença	poesia
<i>Laura</i>	1933	Guanabara	romance
<i>Vocabulário brasileiro da ortografia oficial</i>	1933	Francisco Alves	monografia sobre educação
<i>Minha vida</i>	1934	Calvino Filho	memórias
<i>Homens e cousas da Academia Brasileira</i>	1934	Renascença	crítica literária
<i>Surpresas</i>	1934	Flores & Mano	conto
<i>Polêmicas</i>	1941	Irmãos Pongetti Editores	crítica literária
<i>Quando eu era vivo</i>	1942	Leite & Maurillo	memórias

Como se nota pelos nomes, a produção artística de Medeiros e Albuquerque é bastante heterogênea, visto que não escreveu somente obras literárias, mas também trabalhos de diversos outros gêneros, sobretudo, de cunho científico, traduções e discursos.

No anexo C, fornecem-se informações relevantes sobre as obras mais conhecidas desse escritor. Vale registrar a dificuldade de encontrar determinados livros, devido ao fato de serem raros, isto é, não são mais reeditados. Daí a importância da respectiva pesquisa em abordar cada obra isolada uma da outra, visto serem bastante valiosas e, conseqüentemente, merecerem esse espaço. A ampla atuação de Medeiros e Albuquerque não se limitou somente à escrita de livros tipicamente literários, haja vista que também invadiu o mundo jornalístico, com o qual sempre manteve laços assíduos. Nele, o autor escreveu inúmeras crônicas (texto que se desenvolvia vantajosamente no Brasil do século XIX), sobretudo, no carioca *A Notícia*.

Capítulo II

O SURGIMENTO DA CRÔNICA NOS PERIÓDICOS BRASILEIROS: O VESPERTINO CARIOCA A NOTÍCIA

Foi justamente o cruzamento entre a vida literária e a imprensa, num momento de necessidade contínua de informações, que fez avançar a vinculação dos literatos aos jornais, que também se renovam tecnicamente.

Antonio Edmilson M. Rodrigues

1 História do surgimento de crônicas nos jornais: o folhetim

O surgimento da crônica (como gênero literário) está intimamente associado aos jornais. De início, a crônica jornalística servia para proporcionar comentários dos fatos e notícias da semana, ou seja, era uma espécie de relato. Posteriormente, adquiriu cada vez mais autonomia, conforme interpretado pelo estudioso Davi Arrigucci Jr., em *Enigma e comentário*.

No passado, o folhetim, “romance quilométrico servido em fatias, picadinho de romance, que, dia após dia, [...] ocupa o [...] rodapé de nossos jornais, como ocupou os de Paris, a partir de 1840, chegando [...] pacote após pacote” (MEYER, 1998, p. 183). O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde viveu de sua maneira.

Dessa forma, de puras necessidades jornalísticas, surgiu uma nova forma de ficção, um inédito gênero de romance: o folhetim “folhetinesco” de Eugène Sue, Ponson du Terrail, Alexandre Dumas Pai, entre vários outros autores, que contribuíram para a aclimação desse gênero incipiente em território francês. A partir daí, praticamente todos os romances começaram a ser publicados nas revistas ou nos periódicos em fatias em séries, isto é, em *folhetim*.

De lá, expandiu-se pelo mundo, principalmente em lugares onde o jornal possuía relevante espaço na época. Ao se espalhar pelo mundo, “o folhetinista tratou de acomodar a economia vital de sua organização às conveniências das atmosferas locais” (MEYER, 1998, p.110), adquirindo, dessa forma, características específicas de cada país, embora sua origem seja francesa.

O Brasil, que sempre sofreu influências francesas, não poderia agir diferente nesse momento: recebeu positivamente o folhetim em todas as suas modalidades, divulgadas pela imprensa do século XIX, revelando, com isso, a forte penetração do romance-folhetim europeu no jornalismo nacional.

Entretanto, a introdução de novidades européias aqui passou por adaptações impostas pela produção literária brasileira. Escrevendo seus textos nos folhetins, os escritores aninhavam o espaço da experimentação e da criação.

Os rodapés, espaço onde o folhetim dominou, apareciam, em geral, na primeira página dos periódicos, revelando, com isso, a grande importância com que os jornalistas os tratavam ao expor freqüentes relatos cotidianos neles. Naturalmente, os folhetins, onde eram publicados os romances, ocupavam o espaço inferior da primeira página, o que revelava o grande interesse dos leitores por estas obras, apesar dessa posição não ser intencional.

Portanto, de início, “*le feuilleton*: espaço vazio no rodapé de jornais ” (MEYER, 1998, p.118) revela uma grande importância no periódico, ou seja,

o rez-de-chaussée –rez do chão, rodapé- geralmente o da primeira página. Tem uma finalidade precisa: é um espaço vazio destinado ao entretenimento [...] tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica à brasileira já é, desde a origem, a vocação primeira desse espaço geográfico do jornal (MEYER, 1998, pg.113).

Posteriormente, alguns conteúdos se rotinizavam, e o espaço do folhetim proporcionou local todas as semanas a cada espécie determinada: *littéraire* (resenha de livros); *feuilleton dramatique* (crítica teatral), entre outras. Esses diferentes *feuilletons* e *variétés* incluíam notícias bem leves, contos, crônicas, anedotas, resenhas e críticas literárias, entre diversas outras.

De fato, “ [...] o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista” (MEYER, 1998, p.110). Naturalmente, “a crônica possui mesmo origens no folhetim, concebido como artigo compondo espaços semanais de noticiários diários” (CANDIDO, 1992, p.14). Quando apareceu no Brasil, na segunda metade do século XIX, ela lidou com a matéria do folhetim, ou seja, pedaço de página por onde a literatura se aclimatou no jornal, tratando dos temas mais diversos, mas com predominância dos aspectos da vida moderna. Ela está intimamente ligada à imprensa, seu veículo de divulgação e, dessa forma, em uma relação próxima ao público.

Nesse espaço jornalístico, a liberdade do folhetinista parecia ser ilimitada, pois havia uma grande variedade temática utilizada por eles em seus trabalhos cotidianos. O folhetim era um espaço destinado à diversão, cujos autores revezavam no mesmo lugar para evitar homogeneidade.

No entanto, apesar de aparentemente fácil em relação aos temas e ao coloquialismo, é difícil definir a crônica, devido a sua grande simplicidade que, paradoxalmente, acaba se tornando complexa. A linguagem coloquial facilitava para que os cronistas atingissem a consciência do imenso público jornalístico. De fato, a crônica é por si só um fato moderno surgida nos folhetins de nossos jornais.

Nos primeiros tempos, as crônicas, portanto, estavam vinculadas basicamente com os jornais, cujos autores não assinavam seus trabalhos com os seus verdadeiros nomes, preferindo assiná-los apenas com o primeiro nome, as iniciais ou os pseudônimos conhecidos deles, sendo que muitos nem mesmo os assinavam. Brito Broca, em *Introdução ao estudo da literatura brasileira*, interpretou o uso desses pseudônimos como uma imposição da dignidade burguesa, de homens graves, com sérias responsabilidades, que não podiam assinar com seus próprios nomes versos, contos ou crônicas publicados em jornais.

Os pseudônimos foram usados de maneira a marcar um outro tipo de produção, que era para os nobres, não sendo um anonimato, visto que os leitores frequentemente sabiam quem assinava as produções periódicas, assim como também quem atuava em peças teatrais no século XIX. Certamente, “famílias que não hesitariam

em permitir aos filhos que publicassem livros de qualquer espécie, com o seu nome, não os autorizam a aparecer no palco sem um pseudônimo” (ALBUQUERQUE, 1922, p.13).

Esses escritores escreviam crônicas, que possuíam uma surpreendente variedade de formas, tais como, por exemplo, diálogo, diário, dissertação, poema em prosa:

Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém-saídos –o esboço do Caderno B, em suma (MEYER, 1998, p.114).

Evidentemente, as crônicas possuem “uma linguagem solta, de grande alacridade, que, se não elimina uma também bem cabocla importação oratória, dá a certas partes do jornal um tom que sabe a frutinha brasileira” (MEYER, 1992, p.129).

O tempo predominante nas crônicas é o presente, mas nem mesmo o compromisso temporal acaba dominando os escritores, ao passo que, às vezes, eles mergulham no passado, chegando até mesmo, em muitos momentos, a serem atemporais, o que comprova a liberdade destes autores. Realmente, são vários os significados da palavra *crônica*, “todos, porém, implicam a noção de tempo, presente no próprio termo, que procede do grego *chronos*” (ARRIGUCCI JR, 1987, p.51).

Se o jornal, pela utilização freqüente do tempo atual, cria uma certa perspectiva futura, os escritores que escrevem suas crônicas só podem transmitir o realismo vivido por eles. Enquanto o pretérito é o tempo da matéria dos romances, o presente é o tempo verbal mais apreciado pelos cronistas, visto que estes valorizam muito o tempo em movimento.

Além disso, as crônicas são aqueles escritos não desmascaradamente ficcionais, visto que não revelam intuito de produzir literatura. Com isso, a liberdade do tom articula-se com a liberdade do assunto, muitas vezes, revelando-se com humor, mesmo que de forma bem sutil.

O jornalismo, que busca ser objetivo sempre, contrasta com a crônica, visto que esta é um espaço franco para uma certa abertura subjetiva, transmitindo muitos aspectos emotivos com oralidade. De fato, o cronista é o único jornalista que pode falar

de si próprio, sem medo de ser julgado. A incerteza (marca de subjetividade) deles é contrária ao teor essencialmente objetivo do jornal.

Como se sabe, o jornalismo está preocupado exclusivamente com a informação, tentando escrever no ritmo da máquina, que se transformava rapidamente na época. A linguagem jornalística implica uma padronização e uma homogenização do público (apesar dele ser heterogêneo). A linguagem é de fácil entendimento e, dessa maneira, a crônica, que surgiu nele, aborda temas fáceis, rápidos e cotidianos. A rapidez da informação era um procedimento natural para adquirir os leitores, que estavam sempre ansiosos à espera de reportagens diárias, visto que

O empregado público aposentado poderia deixar de comer, mas lá perder um jornal [...]. O jornal é lido, analisado com toda a finura de espírito de que ele é capaz. Devora-o todo [...] (ASSIS, 1959, pg.966).

O primeiro propósito e responsabilidade de um jornalista é assegurar ao público leitor a informação, informando, interpretando, orientando e entretendo com objetividade nas notícias. Todavia, apesar de, em geral, as crônicas não terem teor objetivo, elas sempre informam, entretendo as pessoas.

Além disso, não existe uma certa demarcação visível entre “literatura” (mais especificamente as crônicas) e “jornalismo”. A literatura consiste em transformar fatos em ideias, mas os jornalistas também fazem isso.

Entretanto, há uma diferença de propósito, ao passo que “o escritor expressa seus próprios pensamentos e experiências, o jornalista expressa os da comunidade” (BOND, 1959, p.18). Apesar disso, as crônicas (vistas como parte da literatura) surgidas naturalmente em contextos jornalísticos, revelam informações da própria vida cotidiana, em seus aspectos sociais.

Realmente, há um sincero envolvimento dos cronistas com os problemas sociais da época. Além disso, a crônica representa um discurso fragmentário (dela e do que se trata: não se preocupa com a totalidade; são fragmentos de assuntos).

A crônica tenta colocar os assuntos cotidianos dentro de um significado mais amplo, ou seja, mais abrangente. Com isso, também procura nas coisas pequenas do cotidiano, fatos que se tornam perenes, visto que aprecia a perenidade. Ela, antes de tudo, tenta se diferenciar, voltando-se justamente para aquilo que ficaria sem ser notado se não fosse a importante figura do cronista.

Para atrair os leitores, os cronistas colocam-se numa relação essencialmente emotiva com o mundo, usando uma linguagem peculiar; nada parecida com o estilo tradicional jornalístico, abusando de um lirismo altamente convincente, respondendo em oposição à rigidez típica da imprensa, ao passo que as crônicas não seguem uniformidade, por serem um gênero bastante heterogêneo e flexível.

Dessa forma, vale registrar que a crônica literária não chegou a ser definida num específico gênero literário, visto que ela utiliza uma grande variedade de gêneros pequenos, dos mais simples aos mais complexos, em sua específica construção, tais como: retratos, cenas dramáticas e cômicas, diálogos diários, tipos, relatos, versos, narrativas, contos, paródias, sátiras, entre vários outros.

As crônicas encontraram no jornal um lugar propício para se desenvolverem, visto que, exatamente como este, não tem nenhuma pretensão de durar, pois pertencem à era da máquina, onde tudo é bem efêmero. Relativamente, “ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou quotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível” (CANDIDO, 1987, p.6).

Sob vários fatores, a crônica é um gênero tipicamente nacional, pois se aclimatou naturalmente em território brasileiro, além de ter se desenvolvido com bastante criatividade por aqui, o que comprova que suas características são típicas de nossos textos, cujos escritores, sem sombra de dúvida, deram valiosos toques artísticos para consagrar esse gênero tão diversificado.

2 *Belle Époque* tropical: contexto nacional do século XIX

A crônica social teve uma básica importância num período brasileiro caracterizado por transformações sociais e culturais conhecido como *Belle Époque* tropical, que foi uma época aparentemente possuidora de riquezas urbanas. Sem dúvida, analisar o contexto histórico em que esse gênero ganhou destaque contribui bastante para se compreender a sua propícia aclimação nas folhas dos vários jornais brasileiros do século XIX.

Além disso, é coerente situar a *Belle Époque* em seu contexto histórico e literário, com a finalidade de revelar de que maneira o período foi, nisto como em diversos fatores, a culminância de tendências culturais e sociais.

Todavia, como era de se pressupor, a presença de crônicas vistas como um objeto para a fixação de um contexto social com estabilidade era demasiadamente

restrita, ao passo que a sociedade estava sofrendo grandes mudanças e, dessa forma, os cronistas também transmitiam instabilidade em seus relatos, que sempre eram efêmeros. De fato, em uma época bastante inconstante como aquela,

As crônicas fervilham de censuras ao “rude materialismo”, à “época de arrivismo”, à “febre de vencer”, à “brutalidade do nosso viver atual” [...] As relações sociais passam a ser mediadas em condições de quase exclusividade pelos padrões econômicos e mercantis, compatíveis com a nova ordem da sociedade. Por todo lado ecoam testemunhos amargos sobre a extinção dos sentimentos de solidariedade social e de conduta moral, ainda vivos nos últimos anos da sociedade senhorial do Império. A nova sociedade orienta-se por padrões muito diversos daqueles e mais chocantes (SEVCENKO, 1989, p.39).

A penetração demasiada de capital externo, proporcionando o surgimento de grandes negócios e variações visíveis de fortunas, precipitou o ritmo de mudanças sociais, econômicas e políticas, espalhando-o em certa medida a vários setores da sociedade urbana brasileira. O advento da República revelava naturalmente que o cosmopolitismo venceu no Rio de Janeiro, capital federal da época.

Como consequência negativa desse desenvolvimento desenfreado, o surgimento de cortiços no século XIX revelava um Rio de Janeiro incapaz de controlar os problemas sociais citadinos, habitações essas apontadas como focos de diversas doenças graves da época como, por exemplo, a febre amarela, pois

Os cortiços supostamente geravam e nutriam “o veneno” causador do vômito preto. Era preciso, dizia-se, intervir radicalmente na cidade para eliminar tais habitações coletivas e afastar do centro da capital as “classes perigosas” que nele residiam. Classes duplamente perigosas, porque propagavam a doença e desafiavam as políticas de controle social no meio urbano (CHALHOUB, 1996, p.8).

Dessa forma, os cientistas da Higiene formularam políticas públicas com o intuito de promover possíveis melhorias nas condições de salubridade no Brasil em geral e também na Corte.

Naturalmente, deram mais importância a algumas doenças, em detrimento a outras, que também eram perigosas. A que mais recebeu atenção pelo setor público, sem dúvida, foi mesmo a febre amarela, “flagelo dos imigrantes que, esperava-se,

ocupariam o lugar dos negros nas lavouras do Sudeste cafeeiro, assim, tornou-se o centro dos esforços médicos e autoridades” (CHALHOUB, 1996, p.8).

A Capital Federal não conseguia absorver adequadamente a leva de imigrantes que penetrava em seu território e, com isso, estes indivíduos acabavam por construir moradia em habitações coletivas denominadas por muitos de “cortiços”.

Essa escassez de habitações sociais da *Belle Époque* carioca preocupava vários cronistas como, por exemplo, João do Rio, que resolveu percorrer as ruas para abordá-las em seus textos; Olavo Bilac, que diariamente em sua coluna diária “Registro” de *A Notícia*, retratava as carências que grande parte da população urbana carioca sofria, com o intuito de provocar reações governamentais, e também Medeiros e Albuquerque, que resenhando semanalmente obras em seu espaço jornalístico “Crônica literária” de *A Notícia*, não deixava de revelar preocupação com esses problemas urbanos, ao passo que, em muitos momentos, tratou de diversas publicações que abordavam assuntos referentes à medicina da época.

Ao que se observa, nota-se a existência de cortiços no Rio nos primeiros anos da década de 1850. Uma grande epidemia de febre amarela, no ano de 1850, matou muitas pessoas e fez com que as autoridades governamentais se preocupassem mais com a salubridade pública, ao passo que os cortiços, para elas, não possuíam condições de higiene necessárias para os seres humanos viverem e, dessa forma, o foco de transmissão epidêmica era muito maior nestas moradias populares.

O famoso “Cabeça de Porco”, assim como os cortiços do centro do Rio em geral, era apontado pelas autoridades como um “valhacouto de desordeiros” (CHALHOUB, 1996, p.16). A destruição dele, em 26 de janeiro de 1893, registrou, como nenhum outro episódio carioca, a gravidade do processo em andamento de erradicação dos cortiços do Rio de Janeiro.

Tal fato não foi uma ação isolada, e sim mais um episódio que comprova a freqüente perseguição a esse tipo de habitação coletiva, que chegaria ao ápice com o surgimento das primeiras ações administrativas da República. Realmente, em situações como essa, nota-se um certo despotismo com que as autoridades da época procuravam agir, de forma até mesmo violenta.

Portanto, a intervenção dos higienistas nas políticas públicas parecia almejar salubridade apenas para uma específica parte da população carioca, pois

Tratava-se de combater as doenças hostis à população branca, e esperar que a miscigenação –promovida num quadro demográfico modificado pela imigração européia- e as moléstias reconhecidamente graves entre os negros lograssem o embranquecimento da população, eliminando gradualmente a herança africana da sociedade brasileira (CHALHOUB, 1996, p.9).

Realmente, o desenvolvimento acelerado que a Capital Federal estava usufruindo parecia ser de proveito apenas a uma minoria branca da população carioca, isto é, a elite. O saneamento médico e a higienização das cidades, tão defendidas pelas autoridades governamentais, favoreciam apenas uma pequena parte da população, que parecia combinar mais com os ares de progresso do país da época.

O mundo das camadas pobres precisava ser abstraído para não abalar o progresso e a Civilização, visto que nele havia costumes não aceitáveis pela elite nas formas de vida, além também destes costumes revelarem manifestações da cultura negra espalhadas nas classes populares. Ademais, os vagabundos, carentes de moradias e também de empregos, eram retirados das ruas públicas caso fossem capturados no centro urbano carioca, o que mostra até mesmo a falta de liberdade deles na sociedade.

Tudo isso para proteger a elite carioca de possíveis perigos que pudessem por a sua integridade a risco, pois

a cultura serviu para manter e promover os interesses e as perspectivas da elite, ao permitir uma socialização comum, uma legitimação comum e um terreno comum para os relacionamentos entre os poderosos em um contexto neocolonial. [...] apesar de sua função obviamente utilitária e instrumental, a cultura [...] era extraordinariamente profunda em sua influência. Ela estendia-se aos âmbitos individuais mais íntimos e criativos, no lar, em público, e na literatura, determinando escolhas, atitudes e expressões, disposições e gostos, e chegava ao próprio âmago da existência da elite carioca (NEEDEL, 1993, p.271-272).

Vale registrar que as camadas pobres, conhecidas como “classes perigosas” não apenas sofreram com a febre amarela, como também com diversas outras epidemias que se espalhavam rapidamente, tais como: varíola, tuberculose, tísica, cólera, febre tifóide, lepra, malária e escarlatina, o que explicita o hediondo quadro de insalubridade da Capital Federal brasileira da época.

Outra grave doença que incomodou muito a *Belle Époque* tropical foi a varíola, que fez com que as autoridades divulgassem, em novembro de 1904, o projeto de regulamentação da lei que tornou obrigatória a vacinação contra a varíola, tendo em vista preferencialmente os habitantes dos cortiços. A varíola ocupava lugar de destaque nos estudos sobre epidemias no século XIX e início do século XX.

Essa ação republicana coercitiva contribuiu para a famosa Revolta da Vacina, em 1904:

Não há dúvida [...] de que o método de inoculação braço a braço e a forma como o serviço de vacinação estava estruturado na Corte foram responsáveis por muito da “repugnância” que a população demonstrava pela vacina (CHALHOUN, 1996, p.121).

Em novembro de 1904, a população insurgiu-se contra a medida, mas a repressão à revolta foi extremamente violenta e, conseqüentemente, “o grande traumatismo [...] marcou fundo na alma popular, difundindo um sentimento agudo de abandono, desprezo e perseguição” (SEVCENKO, 1989, p.67-68).

Contudo, não se pode negar que a *Belle Époque* tropical, paradoxalmente, também foi um período de relevantes transformações e inovações positivas para o Brasil, que ganhou maior beleza estética, em oposição aos tempos imperiais. Como não poderia ser diferente, a literatura brasileira também sofreu os efeitos dos novos tempos que iam surgindo progressiva e civilizadamente, tanto é que os próprios escritores nos jornais procuravam de algum modo articular seus trabalhos com a promissora realidade de então, como nos freqüentes relatos das crônicas.

A *Belle Époque* tropical iniciou-se com a subida do presidente Campos Sales ao poder no ano de 1898. Neste ano uma transformação sensível no quadro da política, que sem demora repercutiu na cultura e na sociedade ganhou grande destaque nacional. As revoluções sociais, enfim, haviam se estagnado, mas este mesmo ano

assinala, no Rio de Janeiro e no resto do país, não só um novo começo, mas também o ressurgimento das forças tradicionais. O período revolucionário de 1880-97, marcado pela ascensão e derrota da reforma e da revolução [...] desemboca no fracasso da tentativa de contenção do domínio exercido pela elite tradicional. [...]. No ano de 1898, esses grupos instalaram-se solidamente no topo da hierarquia sócio-econômica, triunfando sobre os desafios políticos radicais. O final do século marca a permanente vitalidade, e mesmo o predomínio, de padrões que podem ser percebidos por todo o seu transcurso (NEEDEL, 1993, p.40).

Apesar disso, as mudanças sociais ganhavam fôlego no cenário carioca, com influência das transformações acontecidas na Europa, mais especificamente na França. De fato, o desejo pela modernização, pela beleza estética da nova cidade e pela salubridade retratava o intuito dominante das autoridades. Na política, esse era o meio de se atingir respeito e popularidade nos setores nacionais e também fora do país.

Dessa forma, com o advento da República, o intuito predominante era o de transformar a tradicional Capital Federal, cidade vista por muitos como atrasada e hedionda nos tempos imperiais, na deslumbrante cidade republicana, que estava apta agora a receber o lema “Civilização e Progresso”.

Para a sociedade, agora a ideologia era a do “Rio civiliza-se”, acima de tudo. O refinamento mais urbano do Rio de Janeiro tornou-se uma atração para as novas profissões urbanas e os variados negócios comerciais e econômicos. Com isso, a influência parisiense era essencialmente importante: a capital francesa era símbolo de modernidade, além de sucesso em todos os setores urbanos. A Capital Federal precisava atingir o progresso europeu e, dessa forma, o que ocorreu foi que

Ruas arrasaram-se, avenidas surgiram, os impostos aduaneiros caíram [...] . O estilo *art nouveau*, também enviado pela França com os livros e as revistas, predominava nas armações, nos lustres e nas decorações das confeitarias e dos cafés [...] Os escritores superestimavam essa modernização da cidade, atribuindo ao Rio, em contos, romances e crônicas, ambientes e tipos que na realidade aqui não existiam (BROCA, 1975, p.5).

Naturalmente, comportamentos, modas, posturas, arquiteturas e educação vinham de influência francesa para serem absorvidos no Brasil. O modelo a ser imitado agora era o Velho Continente com tudo o que ele demonstrava ter de progresso: povo saudável, praças cheias de árvores, arquitetura fascinante e exuberante, entre outros.

O *art nouveau* não é apenas um estilo de época comum às diversas artes, tais como: a pintura, o desenho, a arquitetura, as artes utilizadas na vidraria, no vestuário, mas também um comportamento do tempo. Por tal visão, prova-se que

Esse estilo tão expressivo da maneira de vida da *belle époque* se manifesta tanto nos edifícios de Horta, van der Velde ou Gaudi quanto nos desenhos de tecidos de Morris ou nos painéis decorativos de Whistler; tanto nos vasos de Gallé ou Tiffany quanto nas pinturas ou desenhos de Vallotton, Munch, Klimt, Toorop ou Beardsley; tanto nos cartazes de Toulouse-Lautrec e Mucha quanto nos móveis de Mackintosh e Serrurier-Bovy [...] –para citar alguns dos expoentes da arte nova (PAES, 1985, p.66).

Visivelmente, *art nouveau* foi a arte típica da chamada *Belle Époque*, ou seja, daquele longo período de paz que se estendeu até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), sendo que houve uma grande prosperidade da burguesia, que ostentava sempre por luxo. Dessa forma, o *art nouveau* fogueou essa sociedade que estava se desenvolvendo no cenário, sobretudo, carioca.

Esse luxo social revelou-se principalmente no setor das artes aplicadas, ao passo que, por isso, se “explica o pendor para o ornamento, palavra que define *in nuce* a sua estética” (PAES, 1985, p.67).

Não é difícil compreender a impossibilidade de um *art nouveau* puramente brasileiro, porque foi importado da Europa e, predominantemente, teve destaque aqui, sobretudo, no campo visual. O novo estilo importado desenfreadamente popularizou-se no Brasil e, dessa forma, marcou o contexto urbano, literário e artístico do Rio de Janeiro do século XIX. Com isso, “o novo estilo de arte e de vida importado da Europa, aonde fomos sempre buscar as nossas novidades, estava particularmente adequado ao movimento histórico que então vivíamos” (PAES, 1985, p.70).

O quadro social estético da época demonstra um plano de Francisco Pereira Passos (1836-1913) cujo intuito foi orientar, por fins basicamente progressistas, um empréstimo à Capital Federal de uma aparência importada de Paris, isto é, passar a ter um aspecto de cidade desenvolvida tipicamente européia. Com isso, “o Prefeito Pereira vai tornar-se o Barão Haussmann do Rio de Janeiro, modernizando a velha cidade colonial de ruas estreitas e tortuosas” (BROCA, 1975, p.3).

Consequentemente, também a transformação da paisagem carioca deu grandes reflexos ao quadro social e também ao contexto da literatura nacional, ao passo que os escritores passaram a revelar essas transformações em suas próprias obras. Nada mais natural, até porque todos estavam eufóricos por essas grandes mudanças

favorecidas pelos novos tempos republicanos, além de que foi para o mundo ocidental um período de excitação de que a civilização nacional absorveu com grande vivacidade.

De fato, os nossos escritores passaram a imitar os cronistas parisienses e cosmopolitas num ambiente propício para que a nação brasileira estabelecesse semelhanças com a capital francesa e, conseqüentemente, também atingir a um certo cosmopolitismo. As modificações abalaram radicalmente as relações na sociedade e na literatura, sendo que até mesmo “nos cafés, já não havia boêmia literária e a boêmia era dourada, nos salões” (RIO, 1911, p.211).

Com isso, o Rio de Janeiro, para atingir um almejado progresso, deveria ser comparado com Paris, seu exemplo, porque os cariocas procuraram reproduzir, no seu cenário, favoráveis condições que faziam os estrangeiros se sentirem em seus próprios lares. A capital francesa era um padrão a ser seguido, pois

é uma cidade de prazer, onde se vai gastar dinheiro. Há turistas, há ricos, não há imigrantes. Mesmo assim, sendo a cidade de todo mundo, não há artista estrangeiro que faça dinheiro e tenha o teatro cheio, e desde que se vai agir todas as portas se fecham (RIO, 1911, p.17).

Dessa forma, com essa notável influência francesa, a sociedade carioca “sente o gosto pelo luxo, desenvolve os desejos de consumo, aposta numa vida nova e embarca no trem do progresso” (RODRIGUES, 2000, p.108). O controle brasileiro vai tomando conta da situação, aceitando a ordem adequada ao contexto nacional e percorrendo caminhos para atingir sua própria prosperidade futura.

No governo de Pereira Passos, considerado por muitos o “grande prefeito municipal” da Capital Federal da República, a *Belle Époque* encontrou-se em pleno apogeu, devido a reformas de modernização que se concentraram preferencialmente em medidas sanitárias, urbanísticas e portuárias realizadas no Rio de Janeiro.

Para os brasileiros do século XIX, “Civilização e progresso” deveriam ser imitados diretamente das nações européias, sobretudo a Inglaterra e a França. De fato, tal influência é histórica, pois

desde a época colonial, os brasileiros seguiam o exemplo português e procuravam nos dois países o que houvesse de melhor. Sobretudo em matéria de tecnologia moderna (apesar de haver poucos interessados), ambos tinham muito a oferecer: a Inglaterra, através do exemplo e da experiência, e a França, através da experiência e do ensino (NEEDEL, 1993, p.49).

Embora os cariocas tentassem imitar a civilização e o progresso europeu, eles também consideravam este fato uma situação peculiar do Atlântico Norte. Realmente, o quadro social brasileiro, por mais “parecido” que tentasse semelhar-se com o europeu, ignorava modelos que exigissem maiores mudanças, visto que os limites nacionais eram bem mais freqüentes.

Na verdade, a imagem que Pereira Passos queria passar à população era de uma cidade essencialmente magnífica, com o poder de revelar aos visitantes um notório progresso citadino. Pereira Passos era um homem empreendedor, amava realmente a cidade do Rio de Janeiro, queria mudá-la, e conseguiu, encarregando-se do planejamento global urbano – com exceção do porto e vias adjacentes.

Notavelmente, a Capital Federal brasileira adaptou-se com muita rapidez aos valores trazidos de fora, de modo que procurava mostrar uma frequente imagem de progresso por aqui, tentando abstrair os problemas sociais que inevitavelmente surgiram com a acelerada urbanização. Consequentemente,

Desde que [...] o gigante acordou com súbitas transformações materiais, o frenesi a ser admirado, passou a desejar o louvor pelo assombro da luz elétrica, das avenidas, do cais, de coisas que o europeu deve conhecer bem (RIO, 1911, p.18).

Ademais, de forma que o embelezamento e as visualizações eram os tópicos que mais chamavam a atenção dos cariocas, que imaginavam estar na França, a equipe de Pereira Passos articulava a eficiência sempre a um teor deslumbrante. Tudo isso para mostrar como refazer uma cidade bastante antiga tornando-a exuberante, da mesma forma como Paris mostrava ser.

O consumo de produtos europeus de luxo e a valorização vinculada à literatura franco-inglesa e às belas-artes foram frequentemente manifestados no Rio de Janeiro do século XIX. Afinal de contas, Civilização e Progresso eram, em geral, observados de um ponto de vista francês. Aliás, nesta nova fase em que o Brasil se

encontrava, “as práticas culturais aristocráticas franco-inglesas serviram para reforçar e legitimar a distinção e a superioridade da elite carioca” (NEEDELL, 1993, p.184).

Observando mais especificamente o campo literário, nota-se que, naquela época, conhecer a literatura, sobretudo a francesa, era a marca peculiar de um cidadão de boa educação, visto que

a educação recebida pelos membros da elite era clássica, com grande ênfase literária. [...] a familiaridade com as letras, os versos adolescentes e um respeito permanente pelos literatos eram comuns naqueles que pertenciam, ou aspiravam, à elite carioca (NEEDELL, 1993, p.211).

Aliás, é coerente lembrar o quanto a educação da elite da época era bastante literária e francesa, visto que os membros dela vinculavam o prestígio à privacidade com a literatura propriamente da França. No ano de 1900, por exemplo,

a elite já incorporava ao cotidiano o uso do francês e a familiaridade com a cultura francesa. Muitas mulheres da elite liam a literatura francesa; muitos homens da elite também o faziam. Na verdade, vários literatos escreviam e alguns até pensavam naquela língua. Quando liam obras de autores ingleses e alemães, os brasileiros em geral o faziam em traduções francesas (NEEDELL, 1993, p.230-231).

Naturalmente, a sociedade carioca agora encontrava-se de braços abertos para o progresso, rejeitando seu passado e sua tradição, mesmo que isso representasse a negação de suas próprias raízes. O passado, visto como ultrapassado pela República, não poderia, em hipótese alguma, perturbar o bom andamento da civilização tropical.

Desse modo, as reformas sociais lideradas pelo prefeito Pereira Passos se distorciam da tradição brasileira, além de tudo o que remetesse às origens da história desta nação. De fato, por exemplo, o Carnaval, que revelava parcialmente a cultura afro-brasileira, não era visto com bons olhos pela elite carioca, que se envergonhava de tal festa, ao passo que este tipo de manifestação festiva não ocorria da mesma forma em território europeu.

Como o Rio de Janeiro era o único lugar que tolerava esse tipo de exposição carnavalesca, nada mais comum se pensar, segundo Pereira Passos, que esta festa deveria ser eliminada do cenário brasileiro, portanto. Os símbolos de uma cultura tipicamente nacional agora não se enquadravam mais aos desejos dos cariocas europeizados, porque o passado e tudo o que o representava deveria ser abstraído e,

quando não possível, ao menos ignorado. Consequentemente, “queriam pôr fim ao Brasil antigo, ao Brasil ‘africano’ que ameaçava suas pretensões a Civilização, apesar de se tratar de uma África bem familiar à elite” (NEEDELL, 1993, p.71).

O Rio “africano”, visto como demonstrativo de raças e culturas inferiores, não poderia mais ser evidenciado no cenário do Rio “civilizado”, ou seja, da Capital Federal que estava surgindo aos moldes europeus da *Belle Époque*. Para tanto, as reformas de Rodrigues Alves, apoiando os modelos basicamente franceses da época, atacavam explicitamente o Brasil do passado, afinal de contas, “Paris não é mais para nós uma cidade estrangeira: é uma das capitais da mesma vasta nação a que tanto ela como o Rio de Janeiro pertencem atualmente” (ALBUQUERQUE, 1931, p.30).

Todavia, apesar dos inúmeros contrastes impregnados no cotidiano carioca, não se pode negar que a velocidade surpreendente da vida urbana da *Belle Époque* ocasionou diversas transformações sociais, e as coisas também mudaram juntamente na literatura e na imprensa, desenvolvendo uma nova existência literária e social, pois

A sociedade, ávida de informações, e o uso político da imprensa, visando a manter a direção de mudanças, ampliaram a importância dos jornais e fizeram surgir um número cada vez maior de revistas. Cresceram os lugares onde os literatos podiam atuar: não havia mais apenas a opção do emprego público. Começou a surgir, também, o típico profissional de imprensa (RODRIGUES, 2000, p.21).

De fato, a imprensa se desenvolvendo proporcionou uma maior rapidez nas informações e fez com que o jornalismo se propagasse aceleradamente, devido à concorrência, que era acirrada. Desse modo, para os escritores em jornais:

a necessidade de ganhar a vida em misteres subalternos de imprensa (sobretudo o que se chama “a cozinha” dos jornais; a fabricação rápida de notícias vulgares), [...] pode impedir que os homens de certo valor deixem obras de mérito. Mas isso lhes sucederia se adotassem qualquer outro emprego na administração, no comércio, na indústria. O mal não é o jornalismo: é do tempo que lhes toma um ofício qualquer que não os deixa livres para a meditação e a produção (ALBUQUERQUE, 1942, p.103).

A participação dos literatos ocorria geralmente no jornalismo, que estava se expandindo, e nas revistas, feitas principalmente para o consumo da elite burguesa. As riquezas conseguidas pelas mudanças sociais no Rio de Janeiro aceleraram a aclimação da imprensa, mas foi, sobretudo, no ano inicial de 1898 que houve maiores aperfeiçoamentos tecnológicos para enfrentar a concorrência do mercado, que estava essencialmente feroz. O jornal que não se mostrasse rápido em passar as informações à população era esmagado e substituído ligeiramente por outros. Vale registrar que nesta época, surgiram vários periódicos de relevância, tais como: *A Notícia* (1894) e *Correio da Manhã* (1901).

Entretanto, vale ressaltar que, apesar do jornalismo absorver grande parte dos literatos do século XIX, estes traçaram uma batalha bastante competitiva contra as novas formas tecnológicas que apareceram conseqüentes do “afrancesamento” do Rio, sendo que

O novo ritmo da vida cotidiana eliminou ou reduziu drasticamente o tempo livre necessário para a contemplação literária. A diminuição do tempo, a concorrência do jornal diário [...], de par com as novas formas tecnológicas de lazer, o cinematógrafo, o gramofone e a fotografia, estreitaram ao extremo o papel da literatura. As novas condições obrigavam a um rigoroso processo de seleção e exclusão, previamente à leitura. A ampla difusão da imprensa e as oscilações sociais que tumultuaram o período concorreram, por sua vez, para a perda progressiva do gosto literário (SEVCENKO, 1989, p.98).

Aliás, a imensa entrada dos literatos no jornalismo é uma prova muito relevante da mudança da condição social a que estes indivíduos eram impostos, o que não acontecia, todavia, nos tempos monárquicos, visto que a situação parecia ser bem mais padronizada, com um *status quo* mais uniforme, o que não ocorre mais na *Belle Époque*, ao passo que “a atividade mercantil que sobreveio com a República, com suas baixas cambiais quase que diárias e a insegurança de suas oscilações sociais e econômicas, empurrava todos para a disputa aflitiva pelo emprego sólido” (SEVCENKO, 1989, p.101).

Realmente, era freqüente a chegada de estudantes e literatos à Capital Federal da República, sendo que o destino que os esperava era um somente: o jornalismo, visto que nele, estes migrantes procuravam “aprender o ofício de escritor, introduzindo na literatura uma dimensão desconhecida” (RODRIGUES, 2000, p.22). O

jornal trazia certa estabilidade que agradava muitos profissionais, por se sentirem mais seguros vinculados a um emprego sólido.

Além disso, vale registrar que a época impunha uma necessidade de informações sobre todas as coisas, provocando justamente o maior desenvolvimento do jornalismo, que reduzia esses escritores a suas expressões grupais. Afinal de contas, surge devida à grande exigência social, certa fúria da informação e, conseqüentemente, o noticiário sempre passava por mudanças.

Indiscutivelmente, o Rio de Janeiro transformava-se e passou a comandar a vida brasileira, mas isso fez com que a população carioca estivesse mais saliente por informações, visto que a elite burguesa necessitava se atualizar, pois o novo quadro social agora impunha esse fato. Por isso mesmo,

A imprensa, formadora de opiniões, é o lugar da fabricação do artificialismo e detonadora de um conjunto de imagens que asseguram a continuidade da dimensão sufocante da tutela e do clientelismo na cidade moderna (RODRIGUES, 2000, p.89).

Dessa forma, no jornalismo, a crônica do banal e também do cotidiano apresentou-se como a maneira mais ligeira de entender as transformações da Capital Federal da República. Elas evidenciavam o artificial glamour da *Belle Époque* tropical, revelando assim o fascínio que a cidade exercia sobre os escritores, por meio do progresso e da civilização.

As situações vão se sucedendo rapidamente e os cronistas permanecem sempre alerta aos movimentos para registrá-los em seus textos jornalísticos, ao passo que “numa cidade onde o novo tempo é artificial, sem base e sem tradição, um cronista, aflito com a ilusão de um super-homem de brinquedo, tem oportunidade de criticar os resultados do novo tempo” (RODRIGUES, 2000, p.76).

Desse modo, foi fundamental o papel do jornal nessa passagem para a literatura, “fundamental veículo que foi, como foi aprendizagem essencial a escrita do *folhetins*”(MEYER, 1998, p.132). Vários periódicos famosos contribuíram para esse frequente acontecimento no Brasil, dando destaque às letras como, por exemplo, *O País*, *A Imprensa*, *a Gazeta de Notícias* e *A Notícia*.

3 O vespertino *A Notícia*: a dama cor-de-rosa carioca

Como se sabe, o jornalismo absorveu a maioria das atividades relacionadas à cultura na *Belle Époque* tropical. Os homens de letras viviam, sobretudo, dos jornais, uma vez que a imprensa

lhes permitia a divulgação de seus trabalhos e o contato com o público. Taunay publicara a *Inocência* em folhetim de *A Nação* e foi colaborador de *A Notícia* [...] Raul Pompéia deixou contos e as meditações de *Alma Morta*, na *Gazeta da Tarde*, em 1888, ano em que lançou *O Ateneu* (SODRÉ, 1966, p.283).

Por esse lado, os escritores almejavam encontrar no jornalismo o que dificilmente atingiam publicando obras literárias: de princípio, a notoriedade, afinal de contas, os periódicos, por serem muito mais baratos que livros, contribuíam para que esses profissionais atingissem certa popularidade muito mais rápida. Além disso, trabalhar nesse tipo de emprego contribuía também para que os ordenados mensais, embora pequenos, fossem estáveis. Entre diversos jornalistas, por exemplo, Medeiros e Albuquerque e Olavo Bilac recebiam remunerações todos os meses para escrever suas crônicas em *A Notícia*.

Todavia, como a concorrência nesse tipo de comunicação era bastante acirrada houve, para tanto, uma uniformidade de linguagem e, como grande parte dos literatos estavam empregados em seções jornalísticas, isso acabou obrigatoriamente produzindo conseqüências maléficas para a criação literária.

Desse modo, caminhando com a rapidez que o tempo carioca exigia, os escritores contribuíam para que a linguagem literária sofresse uma esperada banalização, ao passo que eles passaram a não demonstrar muita preocupação com o estilo. Por outro lado, vale apontar que

nada embaraçava a expansão vitoriosa do jornalismo, de fato; muito menos os pudores das consciências mais escrupulosas. Sua força e sua ação, quer sobre as classes conservadoras, quer sobre as massas de caixeiros, aventureiros e funcionários de toda espécie, é uma evidência indiscutível (SEVCENKO, 1989, p.100).

Consequentemente, a imprensa transformou-se, e como ela e a literatura se confundiam bastante, esse fato se mostrou inevitavelmente nos periódicos, “daí a

linguagem de baixa literatice dos jornais” (SODRÉ, 1966, p.330). A imprensa, sendo um elemento cultural, tem referência direta às modificações do seu tempo, ao passo que sua aclimação foi condicionada ao progresso brasileiro.

Para tanto, os periódicos dividiam-se entre vespertinos e matutinos, envolvendo a sociedade intelectual carioca, que agora sentia que precisava cada vez mais absorver informações sociais da Capital Federal exuberante que surgira aos seus olhos.

Dos periódicos matutinos, a *Gazeta de Notícias* era o mais lido pela sociedade carioca, sendo que, em 1894, no Rio de Janeiro, esse periódico continuava fazendo sucesso, reunindo os melhores fatores do jornalismo nacional e das letras. A *Gazeta de Notícias* contava com nomes famosos da literatura como, por exemplo, Olavo Bilac, Machado de Assis, Emilio de Menezes, Coelho Netto e Medeiros e Albuquerque. Além disso, é relevante lembrar o fato de que ele, no século XIX, foi “anunciador do novo tempo, foi o primeiro a trazer para o Brasil o modo de diagramação europeu e, junto, a divulgação das novidades de Paris e Londres” (RODRIGUES, 2000, p.38).

Entre os vespertinos, *A Notícia* era o mais vendido, com uma tiragem de 15 mil exemplares. Esse periódico, que utilizou os mesmos fatores da *Gazeta de Notícias*, começou a circular no Rio de Janeiro no dia 17 de setembro de 1894, sendo que foi dirigido por Manuel Jorge de Oliveira Rocha, o Rochinha, e teve a colaboração de grandes escritores da literatura brasileira, tais como: Olavo Bilac, Artur Azevedo, Raymundo Correa, Valentim Magalhães, Visconde de Taunay, Capistrano de Abreu, Coelho Netto, João do Rio, Figueiredo Coimbra, Lima Barreto e Medeiros e Albuquerque. Além disso, não se pode esquecer da presença marcante do trabalho de José do Patrocínio nas páginas do jornal, embora

se engrandecera na campanha abolicionista –seu instante de glória- passaria os anos seguintes a deteriorar-se em público, num espetáculo grotesco, tolerado pelo seu talento [...] representando, afinal, um libelo contra a sociedade que condicionava a existência de figuras dessas características. Jornalista autêntico, morreria escrevendo o seu artigo para *A Notícia*, de pena à mão, em plena atividade (SODRÉ, 1966, p.312).

A Notícia não foi o primeiro vespertino carioca a tentar conquistar os leitores, pois já haviam circulado a *Gazeta da Tarde*, de Ferreira de Menezes (1845-1881) e *Novidades*, de Alcindo Guanabara (1865-1918).

Todavia, esses vespertinos utilizavam freqüentemente reportagens abordadas nos periódicos matutinos, o que não ocorria com *A Notícia*, que procurava sempre informar notícias inéditas ao público leitor, isto é, matéria totalmente original, transmitindo um “noticiário abundante e de primeira mão” (*A Notícia*, 17 set. 1902, p.2). Diferentemente dos matutinos, naturalmente, “os vespertinos são mais abertos ao debate, apuram o gosto dos homens modernos” (RODRIGUES, 2000, p.38).

Dessa forma, houve uma concorrência jornalística acirrada envolvendo *A Notícia* e a *Cidade do Rio*, para mostrar qual era o primeiro a aparecer, por meio do diário “berro agudo dos garotos vendedores, para apanhar os níqueis dos primeiros fregueses” (SODRÉ, 1966, p.311) visto que, além da rapidez em registrar as informações, *A Notícia* precisava ser também eficiente ao fazer com que estas chegassem em primeira mão para os leitores cariocas.

A principal meta de *A Notícia* era sempre antecipar-se aos outros periódicos, registrando informações que só seriam noticiadas por eles no dia posterior, o que exigia sempre grande rapidez e empenho dos jornalistas para escreverem seus artigos nos espaços periódicos.

A Notícia surgiu no final do século XIX como o primeiro periódico a publicar matéria extremamente original, não dependendo mais das notícias matinais. Ao revelar notícias frescas, procurava cativar aqueles leitores assíduos que não agüentavam esperar pelo jornal do dia posterior para se atualizarem, visto que as reportagens vinham no mesmo dia com as notícias novas, saindo às 15h e trazendo informações locais.

Além disso, esse vespertino foi o primeiro a utilizar o serviço telegráfico, registrando dados a respeito da luta em Cuba, em 1895. Todavia, surpreendentemente, “o público só acreditou quando, no dia seguinte, o *Jornal do Comércio* confirmou aquelas informações” (SODRE, 1966, p.305).

Por ser feita bem mais tarde que os outros jornais, *A Notícia* conseguia publicar até mesmo telegramas com as mesmas datas que foram editadas. Por ora, vale registrar que

Se em termos jornalísticos a estratégia era eficiente, mostrava-se comercialmente muito arriscada, pois elevava de maneira exponencial os gastos da empresa com pessoal. Com o sucesso do empreendimento, aos demais vespertinos não restou outra alternativa a não ser seguir os passos d’*A Notícia* (SIMÕES, 2007, p.202).

Realmente, a rapidez em dar informações exigia cada vez mais ampliações dos gastos jornalísticos, ao passo que a concorrência fazia com que a imprensa fosse cada vez mais eficiente. Considere-se o testemunho de um contemporâneo: “dantes, um jornal da tarde se fazia folgadamente com cinco a seis contos por mês: hoje exige mais de trinta!” (*A Notícia*, 17 set. 1902, p.2).

A Notícia contou com uma primorosa equipe que, diariamente, colaborava para manter a qualidade do vespertino, produzindo escritos altamente valiosos para a sociedade do Rio de Janeiro da época. Dentre os vários participantes da época, destacam-se:

O prestigiado jornalista Ferreira de Araújo, diretor da *Gazeta de Notícias*, encarregava-se do editorial; Alberto Torres redigia a crônica política; Augusto Montenegro (1867-1915) relatava as discussões parlamentares sobre as finanças e o orçamento do país; Medeiros e Albuquerque discorria sobre questões científicas [...]. Bilac publicava suas crônicas três vezes por semana (SIMÕES, 2007, p.204).

Além do mais, não se pode descartar as participações semanais de outros escritores relevantes, que contribuíram talentosamente para a permanência da qualidade nesse jornal como, por exemplo, Valentim Magalhães (1859-1903); Figueiredo Coimbra; Julião Machado; Mello Moraes (1844-1919); Aluísio Azevedo; Figueiredo Pimentel (1869-1914); Capistrano de Abreu; José Avelino; Gastão Bousquet (1870-1918); Paulo Barreto, Arthur Azevedo; Coelho Neto; Luis de Castro (1863-1920); Vieira Fazenda (1847-1917), entre outros.

Outra característica marcante d'*A Notícia* era a moderação em suas informações, visto que ela evitava o envolvimento em grandes polêmicas como, por exemplo, não explorava notícias de crimes e muito menos escândalos sensacionalistas, apesar de ter possuído vivência numa época em que monarquistas, florianistas e jacobinos contribuíram com diversos conflitos políticos, que se manifestavam principalmente nas ruas cariocas.

A Notícia contribuiu, além de conflitos envolvendo a República, tais como a Guerra de Canudos e o falecimento de Floriano Peixoto, também com a divulgação de fatos importantes da história do país como, por exemplo, registrando informações valiosas acerca da economia brasileira da época e abordando dados sobre a economia da exploração cafeeira.

Além disso, registrou episódios relevantes envolvendo a história da literatura brasileira, tal como o suicídio do escritor realista Raul Pompéia, que acabou surpreendentemente cometendo esse ato fatal na época que leu no vespertino o relato de Carlos Dias (1875-1941), que se referia a uma possível fraude envolvendo autógrafos na Biblioteca Nacional, órgão que Pompéia dirigira.

Contudo, possuidora de uma usual moderação ao transmitir suas matérias, *A Notícia*:

era lida por aqueles homens respeitáveis que, no fim de um dia de trabalho, à espera da refeição ou a bordo do *bond* ou da barca, procuravam interar-se dos principais fatos do dia (SIMÕES, 2007, p.202).

A partir de seu segundo ano de existência, especificamente em julho de 1895, *A Notícia* passou a ser impressa em um fino papel cor-de-rosa, o que a diferenciava de seus concorrentes, entre os quais a *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio, visto que a partir de março de 1895, passou a circular como vespertino também.

Ademais, o texto desse periódico distribuía por seis colunas em que se utilizavam tipos bem grandes, isto é, a diagramação também diferenciava *A Notícia* dos outros periódicos do Rio de Janeiro. Vale registrar que com essa quantidade de colunas d'*A Notícia*, “duas a menos que a *Gazeta de Notícias*, podia utilizar tipos graúdos, apropriados para uma leitura nos sacolejantes *bonds* ou nas residências à precária luz das velas” (SIMÕES, 2007, p.203).

Entre vários periódicos nacionais que publicavam crônicas em suas páginas, *A Notícia* teve grande destaque na aclimação desse gênero no Brasil. Nele, além dos tradicionais editoriais e reportagens, os escritores contribuíram também com crônicas, mostrando uma visão do cotidiano com um certo tom humorístico.

A Notícia, assim como outros jornais e revistas, era literária não apenas pela divulgação de textos de ficção (contos, poemas etc) e de crítica literária (resenhas, ensaios etc), mas também pela fusão do jornalismo e da literatura, que levou à incorporação de características “literárias” (citações de autores, retórica etc) aos gêneros especificamente jornalísticos (noticiários, reportagens etc) e favoreceu o desenvolvimento da crônica em território nacional.

Nele, muitos escritores passaram a escrever textos cotidianos e leves para entreterem os leitores que, lendo-os, amenizavam as tensões decorridas das outras

reportagens jornalísticas, apesar d'A *Notícia* mostrar-se sempre essencialmente moderada em relatar notícias para o público carioca da época. Dessa forma, a atmosfera desse vespertino carioca mostrou-se bastante propícia para a proliferação das crônicas, que, conseqüentemente, foram bastante exploradas pelos jornalistas.

4 A “Crônica literária” (1897-1908) de Medeiros e Albuquerque em A *Notícia* : uma variação notável do gênero

No século XIX, sem dúvida, o periódico *A Notícia* foi um dos principais jornais que circularam no Rio de Janeiro, até então Capital Federal do Brasil da época. Com a característica peculiar de utilizar certa moderação em abordar as matérias para o público leitor, até porque *A Notícia* era um vespertino, muitos jornalistas passaram a escrever crônicas em seus espaços jornalísticos, divulgando cada vez mais esse tipo de gênero híbrido, que parecia desenvolver-se favoravelmente na imprensa brasileira, sobretudo, a carioca.

Dessa forma, nomes hoje importantes para a literatura brasileira contribuíram para a aclimação de crônicas, escrevendo muitos textos dessa natureza específica em suas colunas periódicas em tal vespertino, tais como: João do Rio; Coelho Neto; Valentim Magalhães; Artur Azevedo; Vieira Fazenda; Olavo Bilac e Medeiros e Albuquerque.

Em relação a Artur Azevedo, por exemplo, seu espaço jornalístico era intitulado “O teatro”. Nele, o colunista proporcionava semanalmente dados valiosos a respeito de características e informações sobre teatro, além de também revelar aos leitores nomes de peças que se representavam na época. Artur Azevedo teve sempre uma freqüente preocupação literária, mas almejava atender os gostos do público em questão. Sua coluna semanal procurou descrever o universo teatral do Rio de Janeiro, montando também uma companhia de atores nacionais e encenando peças brasileiras.

Com isso, deu-se origem ao teatro nacional, visto que “segundo o próprio comediógrafo, ‘O teatro’ teria sido responsável pela encampação, por parte das autoridades municipais, do projeto de construção do Teatro Municipal” (SIMÕES, 2007, p.205). Vale registrar a grande importância que Azevedo tinha pela coluna semanal, que aparecia para os leitores todas as quintas-feiras, sendo que ele a sustentou até a morte.

Quanto a João do Rio, outro exemplo de importante escritor para o jornal, escreveu suas crônicas, em *A Notícia*, durante e após as reformas cariocas do prefeito Francisco Pereira Passos. João do Rio introduziu novas formas no Brasil: reportagens, inquérito e entrevista. Foi importante para a renovação do jornalismo nacional, haja vista que saía às ruas da cidade colhendo informações para, depois, criar seus textos. Registrava aspectos da cidade nas suas reportagens jornalísticas, percebendo, em algumas de suas crônicas, as mazelas das ruas cariocas, denunciando, por exemplo, a falta de moradias, de empregos e de transportes, que eram graves problemas sociais na época. Por ora, João do Rio denunciava em *A Notícia*, a miséria humana e a promiscuidade, revelando uma cidade maléfica resultante das reformas sociais da *Belle Époque* nacional. Não se pode esquecer também de que as crônicas de Paulo Barreto o tornaram bem mais conhecido, ao passo que ele as assinava com o famoso pseudônimo João do Rio.

Não se pode descartar o trabalho do poeta Olavo Bilac, cuja crônica jornalística em *A Notícia* chamava-se “Registro”, espaço onde o cronista escrevia uma espécie de diário pessoal em que se mostravam sensações vividas; relatos de testemunhas; leituras; lembranças, entre outras coisas. Além disso, o “Registro” (1900-1908) também era utilizado para registrar relatos das reformas do Rio de Janeiro. Em seus comentários, o cronista revelava ter uma ideologia importada da França, em favor da higiene pública, pois via a sujeira como risco para a sociedade. Dessa forma, era visível a preocupação que ele tinha pelos problemas sociais do seu tempo, tanto é que ele procurava relatá-los, almejando respostas por parte do governo republicano e, com isso, também colocando em evidência os confrontos da própria elite carioca. Bilac sempre demonstrou fidelidade com *A Notícia*, tanto que sempre escreveu nela, enquanto estava articulado ao jornalismo.

No entanto, o principal jornalista do vespertino carioca, sem dúvida, foi Medeiros e Albuquerque, “o ‘pulmão’ do jornal” (SIMÕES, 2007, p.205), porque exercia outras funções. Ele contribuiu n’*A Notícia*, desdobrando-se em diversos espaços jornalísticos. Entre várias seções que ele possuía, por exemplo, era responsável por “Notas”, assinando com “Rifiúfio Singapura” e também pelo espaço “Ecos”, assinando com o pseudônimo Max.

Por meio da seção periódica “Ecos”, ocorreu um dado fatal para o respectivo periódico, que perdeu o grande colaborador Ferreira de Araújo, um dos jornalistas mais consagrados da *Gazeta de Notícias* na época. Medeiros e Albuquerque e

Ferreira de Araújo entraram em choque sobre a rejeição no Conselho de Intendentes de emenda ao Orçamento que dava autorização para que o poder executivo pudesse fazer empréstimos e originar impostos para financiar o saneamento do Rio de Janeiro. Desse modo, Medeiros chegou até mesmo a romper com Ferreira de Araújo.

Segundo Max (pseudônimo de Medeiros e Albuquerque), a recusa da ideia fora vantajosa para a Capital Federal da época, o que não era aceito por Araújo, que achava que a emenda fosse benéfica apenas para os políticos dominantes do legislativo do Rio.

O estopim da discordância deu-se em 1896, quando o ousado Max escreveu em sua coluna jornalística um relato aludindo à ideia de que “Ecos” representava a opinião unânime da direção do jornal, o que não ocorria, segundo ele, com Ferreira de Araújo, que parecia ter uma opinião isolada. Consequentemente, Araújo, por sentir-se bastante ofendido, abandonou seu posto em *A Notícia*, apesar de ele ter contribuído bastante para popularizar o vespertino, pois o levou às várias partes da sociedade.

Contudo, em 1897, Medeiros e Albuquerque começou a colaborar, no lugar do jornalista Carlos Dias, na “Crônica literária”, sendo que a escreveu durante longos anos consecutivos, embora tivesse de se ausentar em alguns momentos, devido a algumas viagens européias que, consequentemente, o afastaram de seu posto temporariamente. Medeiros e Albuquerque foi o único responsável por essa seção jornalística.

A “Crônica literária” era uma coluna regular em que Medeiros e Albuquerque, mais do que simplesmente resenhar livros, opinava sobre os mais variados assuntos (principalmente os ligados diretamente ao campo da literatura, tais como história e crítica literária), revelando-se, assim, um crítico completo.

Ademais, também vale registrar que como todo cronista, Medeiros e Albuquerque, em tal seção periódica, colocou-se entre o jornalismo e a literatura, visto que, afinal de contas, noticiando semanalmente vários livros, principalmente os ligados à literatura, contribuía para a divulgação da produção literária nos periódicos, sobretudo, em *A Notícia*. O próprio nome “Crônica literária” já transmite a ideia de gênero híbrido que a crônica por si só tem, nascida da fusão do jornal com a literatura.

De fato, a expressão “Crônica literária” já revela por si só o objetivo escolhido por Medeiros e Albuquerque na criação do espaço no jornal, visto que o adjetivo “literária” transmite a ideia de enfoque exclusivamente no campo semântico da

literatura. Esse dado confirma-se quando os leitores, lendo a coluna semanal, percebiam sem grandes dificuldades que as abordagens de J. dos Santos eram preferencialmente, quase por unanimidade, pelas obras lançadas na época, ampliando o repertório cultural de informações literárias na sua seção d'A *Notícia*.

Além disso, o adjetivo “literária”, que constitui o nome da seção, possibilita uma interessante reflexão sobre o conceito de Literatura utilizado por Medeiros e Albuquerque. Como foi aluno de Silvio Romero, que compreendia como “literatura” exatamente todas as manifestações de inteligência de um respectivo povo, tais como: as tradições populares, a arte, a economia, as ciências, as criações populares, entre outras. Evidentemente, não se pode esquecer que essa coluna semanal abrange os mais variados temas, o que confirma basicamente tal ideia. Portanto, deve-se realmente ressaltar que o termo literatura, no cenário do século XIX da “Crônica literária”, tem referência a todas as manifestações populares e, conseqüentemente, por isso, ela procurava abranger uma grande variedade temática.

Do ponto de vista literário, a “Crônica literária” possui, além do objetivo de despertar o interesse do público leitor, o mérito de discutir questões valiosas de literatura, tais como o conceito de arte, o papel do crítico literário e a função social da literatura.

O intuito de criação da “Crônica literária” era fundamentalmente que Medeiros e Albuquerque informasse semanalmente o público leitor da época sobre o lançamento de diversas obras em questão, de forma a tecer sobre elas comentários positivos (quando as apreciava) ou comentários negativos (quando as avaliava mal). Ele mesmo ratificou essa afirmação em um número do periódico, que dizia:

Chronica litteraria esta secção nunca foi, senão no mais modesto dos sentidos: o de simples registro das obras novas que vão apparecendo. E' apenas, como já foi dito aqui mesmo, uma secção destacada do noticiário d'esta folha. Hoje, mais do que nunca, tem de limitar-se a esse papel, porque, quando lhe sobrassem desejos ambiciosos de criticar e dogmatisar, teria que ceder diante do numero de livros a noticiar. Só a casa Garnier, em uma semana, despejou no mercado nada menos de 8 volumes! (*A Notícia*, 28 dez. 1900, p.2).

Contudo, é importante ter em mente que todo cronista, ao escrever seus usuais textos nos periódicos do século XIX, sempre tinha uma finalidade específica, quando executava tal atividade. Como as crônicas tiveram terreno fértil no Brasil devido

ao desenvolvimento da imprensa jornalística, então, nada mais natural que tal tipo de texto estivesse vinculado à divulgação envolvendo consumo e, porque não dizer, à publicidade, almejando possíveis lucros.

No caso, por exemplo, de Arthur Azevedo, quando ele escrevia a coluna “Teatro” do vespertino *A Notícia*, era notável a sua preocupação em divulgar dados valiosos sobre a atividade teatral carioca, além de também revelar aos leitores nomes de peças que se representavam na época. Todavia, diferentemente de Azevedo, Medeiros e Albuquerque, quando resenhava diversos livros todas as semanas, demonstrava um grande interesse para que o público leitor da época, curioso pelos comentários que o cronista tecia deles, adquirisse rapidamente os lançamentos. Portanto, como se vê, esse cronista também demonstrava possuir interesse de beneficiar o mercado ao escrever por muitos anos consecutivos sua “Crônica literária”. Ademais, prender a atenção dos leitores utilizando uma linguagem despretensiosa e leve era um processo retórico muito bem usado pelo resenhista, contribuindo para que os leitores lessem sua seção periódica assiduamente.

Medeiros e Albuquerque utilizava o pseudônimo J. dos Santos na sua coluna semanal “Crônica literária”. Tal prática era comum em algumas seções jornalísticas diárias que traziam o nome, as iniciais ou o pseudônimo conhecido do jornalista responsável.

Os pseudônimos foram usados de maneira a marcar um outro tipo de produção, que era para os nobres, não sendo um anonimato, visto que os leitores frequentemente sabiam quem assinava as produções periódicas. Relativamente, “um pseudônimo é somente uma máscara usada por um ator. É um disfarce, um mascaramento” (ALBUQUERQUE, 1922, p.35).

Nos periódicos, não só Medeiros e Albuquerque assinava suas matérias com pseudônimos, como também diversos outros escritores d’*A Notícia*, tais como: Paulo Barreto, que assinava com o famoso “João do Rio”, Olavo Bilac que preferia assinar a inicial “B.”, entre vários outros.

Aliás, a “Crônica literária” diferenciava-se bastante dos espaços de outros cronistas desse mesmo periódico como o “Registro” de Bilac, que preferia dialogar com os leitores por meio de assuntos leves e descontraídos, não tendo o intuito principal de informar sobre livros.

Entretanto, uma característica importante nas crônicas de Bilac em *A Notícia* é a visível preocupação que ele tinha com problemas sociais da época, tanto é

que ele procurava relatá-los, almejando obter respostas por parte do governo. J. dos Santos também demonstrou esse tipo de preocupação, todavia ela sempre aparecia por meio das resenhas de livros publicados no período, visto que, se o colunista informava, por exemplo, sobre teses de medicina e de direito, o fazia provavelmente com o intuito de querer conscientizar o público leitor acerca de determinados problemas e mostrar que, para sua solução, havia estudos científicos.

Portanto, ambos revelavam conscientização desses problemas, mas o que os diferenciava era somente a maneira como cada um os abordava em seus comentários: Bilac o fazia por meio de uma conversa íntima com os leitores; Medeiros e Albuquerque preferia fazê-lo por meio mais implícito, ao relatar informações sobre as publicações dos livros na época.

Ademais, J. dos Santos também era bastante opinativo quando abordava os livros em sua “Crônica literária” e, igualmente a Artur Azevedo, tinha uma grande afeição pelo teatro, tanto que, em muitos momentos, resenhou volumes desse gênero, até mesmo peças de autoria do próprio Azevedo, que sempre recebeu muitos comentários positivos do colunista em *A Notícia*.

Em um número do periódico, por exemplo, quando ele abordou a peça *O Badejo* do próprio Azevedo, o crítico, ao tecer comentários positivos a ela, afirmou: “Trata-se de uma comédia escrita em versos correntes, límpidos e de uma naturalidade absoluta” (*A Notícia*, 28 out. 1898, p.2). Em outro momento, ao abordar *Pastoral* de Coelho Netto, o colunista, também de forma elogiosa, opinou que a peça tem “estilo tão cheio de poesia pelas descrições do Evangelho nela presentes” (*A Notícia*, 17 nov. 1905, p.2).

Vale registrar que Medeiros e Albuquerque sempre valorizou e respeitou muito o trabalho de seu colega jornalístico Artur Azevedo, não apenas pelas peças de teatro, mas também pelos contos, pelas poesias e pela sua própria coluna em *A Notícia*, tanto é que, em 1908, quando o poeta morreu, o colunista prestou uma homenagem a ele, declarando no vespertino: “ninguém como Azevedo conseguia versificar com tamanha graça e facilidade, ou seja, positivamente era um poeta, pois teve alma” (*A Notícia*, 20 nov. 1908, p.2).

Em um outro momento da seção jornalística, quando Medeiros resenhou a obra *Contos efêmeros* do próprio Azevedo, ele não economizou elogios ao escritor, informando o seguinte:

Arthur Azevedo é um nome feito na nossa literatura. De imaginação, de talento, de trabalho, tem dado attestados numerosos –e este livro é ainda um documento de tudo isto, mesmo pelos seus lados fracos (*A Notícia*, 7 jan. 1898, p.2).

Em relação a João do Rio, que registrava aspectos da cidade em *A Notícia* denunciando as mazelas das ruas do Rio de Janeiro como, por exemplo, falta de moradias, de empregos e transportes, que causavam grandes problemas sociais na época, Medeiros e Albuquerque igualmente mostrou sempre preocupação com estes problemas urbanos, mas a revelava de forma indireta, por meio de lançamentos de livros semanais, que traziam muitas vezes essas várias temáticas sociais. Vale noticiar que Paulo Barreto renovou o jornalismo brasileiro, ao sair às ruas da cidade colhendo informações e, depois, criar seus textos em *A Notícia*.

É interessante ressaltar que a “Crônica literária” foi uma seção jornalística inédita no vespertino carioca *A Notícia*, sobretudo, pelo fato de que todos os outros espaços destinados a crônicas neste jornal, pareciam não ter a meta predominante de resenhar obras lançadas no mercado da época. A “Semana literária” do famoso jornalista e crítico literário Valentim Magalhães (1859-1903), resenhava livros publicados semanalmente. Percebe-se, no entanto, que essa tendência não foi constante pois, em muitos momentos do seu trabalho no periódico, Magalhães preferiu registrar informações referentes à sociedade carioca, tal como efêmeras curiosidades urbanas.

Todavia, sabe-se que esse foi o intuito primordial na criação da “Crônica literária” por Medeiros e Albuquerque. Consequentemente, isso demonstra certo teor inédito que a coluna de J. dos Santos tinha nesse famoso vespertino, diferenciando-se das demais.

Contudo, notou-se que J. dos Santos, em raros momentos, deixou de informar sobre obras propriamente ditas, para tecer comentários a respeito de escritores em geral, que eram de extrema importância para situar os livros, principalmente quando estes foram escritos por autores desconhecidos, e sobre dados da Academia Brasileira de Letras, de que ele participou ocupando a Secretaria geral de 1899 a 1917. Para se ter noção, isso ocorreu apenas em 14 crônicas.

Dissertou, por exemplo, sobre o trabalho crítico de Valentim Magalhães em *A Notícia*. Sobre esse autor escreveu o seguinte: “verso ou prosa, romance, teatro ou

jornalismo, nada do que ele fazia era medíocre ou insignificante” (*A Notícia*, 20 maio 1903, p.2).

Aliás, em 1908, ano marcante para a literatura nacional, visto que os escritores Machado de Assis e Arthur Azevedo faleceram e o poeta Olavo Bilac deixou de escrever para jornais, Medeiros e Albuquerque não deixou de informar aos leitores esses episódios literários na sua coluna. Deixando nesse momento de resenhar as típicas obras, em relação à morte do autor realista, J. dos Santos teceu elogios não apenas às obras que ele escreveu, como também ao próprio escritor, afirmando:

Machado era simples, tímido, esquivo, cheio de pequenas delicadezas, não arriscando jamais uma frase que pudesse melindrar o seu interlocutor. Si o tinha feito involuntariamente, isso o punha doente. Na sua presença, a conversa nunca podia chegar a certas grosserias e liberdades [...]. Não porque elle protestasse ruidosamente, fazendo ostentação de virtude; mas porque se via o seu incomodo, o seu acanhamento, a sua impossibilidade de comprazer-se em tal meio (*A Notícia*, 20 nov. 1908, p.2).

Em outra situação rara na coluna, quando J. dos Santos deixou de informar propriamente obras, optou por abordar o episódio da inauguração da estátua de Eça de Queirós em Lisboa, em 1904. O resenhista diz ironicamente que Eça não foi um gênio, mas opinou que Portugal cumpriu positivamente o seu dever erguendo a estátua do grande escritor realista português.

No mesmo ano, o colunista responde na “Crônica literária” sobre um comentário defensivo do autor Reis Carvalho contra ele, que julgou sentir-se ofendido por declarações que Medeiros pudesse ter dado na seção. De forma irônica, o resenhista mais uma vez não se calou e respondeu a ele o seguinte: “a meu ver, quando um autor entrega ao público uma obra de arte, dá-lhe o amplo direito de criticá-la como bem entender” (*A Notícia*, 23 dez. 1904, p.2).

Como se vê, assim como o gênero de obra “crônica”, a “Crônica literária” de J. dos Santos não possui nenhuma homogeneidade. As crônicas, em geral, possuem a característica de serem heterogêneas, ou seja, diferentes entre si, o que causa uma certa complexidade até mesmo para enquadrá-las como sendo de tal natureza pois, afinal de contas, elas são híbridas.

No caso da “Crônica literária”, essa heterogeneidade revelou-se pelo fato de que, em seu trabalho de resenhista, J. dos Santos preferiu abordar obras de vários

gêneros, tais como: romances, teatros, ensaios, jornais, aforismos, anedotas, dicionários, crônicas, memórias, relatos de viagem, biografias, poesias, críticas literárias, contos, monografias sobre direito, psicologia, medicina, economia, sociologia, espiritismo, filosofia e política, livros didáticos, almanaques, catálogos, revistas e conferências, entre vários outros, o que aponta uma visível não uniformidade temática, quando se observa a coluna semanal. É interessante lembrar que o colunista também informou acerca de obras de gêneros híbridos, ou seja, obras que dificilmente se enquadram em um só gênero específico, tais como, por exemplo, conto e ensaio; romance e poesia; e também crônica e monografia sobre a região mineira.

É de extrema importância dizer que o método de análise de cada obra modifica-se em atenção ao gênero enfocado. Em relação à poesia, por exemplo, J. dos Santos dá valor a aspectos como ritmo, rima, estrutura, metrificação, clareza, harmonia dos versos e também à temática que se utiliza.

Tais evidências são comprovadas nesse levantamento da “Crônica literária”, quando o colunista informou os leitores sobre a obra *Últimos sonetos* de Cruz e Sousa, registrando total desaprovação ao trabalho do poeta simbolista de forma bastante ousada:

Em regra, os versos são *non-senses*. Há dentro deles palavras que se chocam, que se contradizem, que valem apenas pela sonoridade.

Vê-se que se trata de um espírito infantil, inferior.

Cruz e Sousa não conheceu jamais outro processo: desde que ele quer reforçar a expressão de uma idéia, repete. Repete, a todo propósito. Repete, sem propósito nenhum. Repete infatigavelmente (*A Notícia*, 13 out. 1905, p.2).

Em outra situação do vespertino, quando resenhou a obra *Broqueis*, J. dos Santos teceu novamente vários comentários não muito satisfatórios sobre os versos do “Cisne Negro”, revelando total antipatia a eles, no fragmento abaixo:

Os versos do Sr. Cruz e Souza são musica –e unicamente musica. [...] E os versos dos *Broqueis* estão cheios de palavras raras. Se o leitor esbarra n’ellas a cada passo, basta que detenha um pouco a voz –lá se vae a melodia! Estragou-se todo o rythmo, toda a cadencia da poesia! E, tirando o rythmo e a cadencia das poesias do Sr. Cruz e Souza, não fica cousa alguma; ficam palavras vacias (*A Notícia*, 25 mar. 1898, p.2).

Conforme observado na citação, J. dos Santos, em sua “Crônica literária”, sempre revelava reprovação às formas exageradas e não claras, tanto em relação ao léxico científico ou técnico, como também em palavras julgadas por ele como herméticas. Os arcaísmos e os neologismos, desse modo, sempre o desagradaram, afinal de contas, esse crítico tinha um estilo intencional simples e bastante compreensível a todos.

Realmente, quando abordou a obra literária *Esfinges* de Francisca Júlia da Silva, J. dos Santos deteve-se principalmente nas “palavras difíceis” que Julia utilizou para a formação de seu estilo. Segundo J. dos Santos, essa escolha por palavras ditas “raras” causou um grande estranhamento literário, visto que representava “pesquisa tão pueril, tão fácil, tão ao alcance de todos, apesar da falsa aparência de distinção. Para que insistir nela?” (*A Notícia*, 29 maio 1903, p.2).

J. dos Santos até criticou a falta de originalidade da poeta, visto que tal livro não é, na sua maior parte, inédito, pois reproduz quase todas as composições do volume anterior dela, que se chamava *Mármoreos*.

Entretanto, o crítico, apesar de não ter gostado da utilização de palavras herméticas por Júlia, teceu alguns comentários positivos em relação aos versos, enfatizando a sua amplitude, a sua sonoridade, além do fato de “terem a majestade calma e fria dos versos descritivos de todos os parnasianos” (*A Notícia*, 29 maio 1903, p.2).

Nota-se, portanto, que quando o jornalista analisava poesias, considerava preferencialmente os elementos instrínsecos delas, além do conteúdo, o que revela uma clara preocupação em apresentar a obra por si própria e não por aproximações que essa parecia estabelecer com o meio ou a biografia de cada poeta.

J. dos Santos informou também sobre *Poesias infantis* de Olavo Bilac, tecendo elogios pela formação dos versos do poeta parnasiano, que produzia “versos bons, em boa linguagem. Foi isso que fez Bilac. Ele foi o primeiro a ter dito que não queria produzir uma obra de arte” (*A Notícia*, 29 jan. 1904, p.2).

Frequentemente, o colunista julgava ser um bom poema quando este transparecia espontaneidade, o que ocorreu, naturalmente, com Bilac. Aliás, uma usual característica do método de J. dos Santos na abordagem de poesias é a preferência em tratar do sentido delas a abordar a forma, em vários momentos. Para ele, um poema tem sentido poético quando este está articulado com espontaneidade.

Ademais, J. dos Santos, continuando com os elogios ao poeta, relatou a proeza que Bilac, um escritor que dominava as regras parnasianas, realizou ao escrever um livro para as crianças, visto que, além de poeta, cronista, o crítico não deixou de apontar o talento que ele teve em adequar suas poesias para esse público. Por fim, opinou que as “*Poesias infantis* são um bom livro e quase se diria uma coisa: são uma boa ação para as crianças” (*A Notícia*, 29 jan. 1904, p.2).

Ainda no quesito literário, mas analisando textos em prosa, percebe-se que J. dos Santos não apenas sintetizava a estória, como também explicitava outros itens estruturais como, por exemplo, o assunto, o enredo, a forma e o estilo de cada autor. Aliás, a alusão ao estilo de cada escritor era sempre revelada nos comentários da “Crônica literária”, quando o crítico informava as diversas obras semanalmente.

Em um momento do vespertino, quando informou a publicação do romance *Esaú e Jacob* de Machado de Assis, o cronista opinou a respeito do estilo peculiar que consagrou Machado da seguinte maneira:

Não é, porém, no entrecho que está a sua real beleza: é na graça do dizer as coisas, por mais importantes ou mais insignificantes que sejam. A beleza está principalmente na graça do estilo. Leve, irônico, sutil, disfarçando as observações mais profundas sob frases breves e despretenciosas (*A Notícia*, 30 set. 1904, p.2).

No entanto, como é comum na seção periódica, J. dos Santos não somente se conteve em “resumir” a narrativa, dizendo: “é a história de 2 gêmeos, sempre em desinteligência” (*A Notícia*, 30 set. 1904, p.2), como também evidenciou uma falha por simetria no enredo: “dois gêmeos que gostem da mesma moça, não é difícil encontrar. Que, porém, acertem em uma rapariga que [...], ao mesmo tempo, goste dos 2 já é mais

inverossímil” (*A Notícia*, 30 set. 1904, p.2). Ele não apenas informou o livro, criticando-o de forma bastante clara também.

Quando informou a publicação de *No declínio*, o último trabalho de Visconde de Taunay, de início, J. dos Santos discorreu sobre o trecho, que narra a história de Lucinda Soares, uma mulher de 44 anos que, depois de se enviuvar, envolveu-se com Eduardo Glerk, um oficial da marinha de 28 anos. Não satisfeito, o jornalista opinou sobre a ação, que “desenrola-se no romance harmoniosa e logica” (*A Notícia*, 10 fev. 1899, p.2), aludiu ao estilo empregado por Taunay: “o auctor teve paginas de um estylo vibrante e colorido” (*A Notícia*, 10 fev. 1899, p.2), além de falar da bem feita caracterização dos personagens.

Aliás, sobre isso, nota-se que o enfoque do cronista não é apenas por descrições físicas, mas também evidencia aspectos psicológicos dos personagens. De fato, sobre a personagem principal de *No Declínio*, J. dos Santos informou: “não era dada a violencias sentimentaes; nada no seu temperamento, fundamentalmente calmo e casto, podia leval-a a uma concessão” (*A Notícia*, 10 fev. 1899, p.2).

A descrição psicológica é bastante recorrente nos comentários do jornalista. Quando abordou *Dom Casmurro* de Machado de Assis, o colunista informou o seguinte sobre os personagens: “Capitú é um typo de dissimulação, perfeitamente accentuado, *Dom Casmurro* é uma figura mais incerta, menos definida” (*A Notícia*, 24 mar. 1900, p.2).

Outro fato bastante curioso da crítica de J. dos Santos é a variação nos comentários que ele faz do mesmo livro/autor. Desse modo, é freqüente, em uma mesma crônica, tecer elogios a alguma coisa e mostrar desagrado por outra. Como se nota abaixo, em um momento da “Crônica literária”, quando o crítico opinou sobre a qualidade do romancista Lima Barreto: “começa pelo fim, aparece como um escritor feito” (*A Notícia*, 15 dez. 1909, p.2).

No entanto, o jornalista mostrou grande desaprovação às alusões pessoais que Lima Barreto tem por hábito fazer em seus livros, criticando-o negativamente devido à “descrição de pessoas conhecidas, pintadas de um modo deprimente” (*A Notícia*, 15 dez. 1909, p.2) que o escritor pré-modernista, em geral, costumava fazer em produções literárias.

Como se vê, J. dos Santos discorria comentários transparecendo sempre suas impressões mais íntimas; afinal de contas, ele foi bem mais do que um simples noticiariista, pois demonstrou sempre sensibilidade crítica ao abordar obras surgidas no

período em que atuou. Mesmo em meio a dificuldades, J. dos Santos encontrou lugar para apreciar de maneira crítica e bem incisiva, os livros de que tomava conhecimento, não abrindo mão de expor suas frequentes sensações nas crônicas semanais.

O crítico possuía um teor bastante intimista, o que o aproximava ainda mais do público leitor da época, pois J. dos Santos sabia que “o mais importante é a identidade do leitor, uma vez que é impossível deixar de se colocar, pessoalmente, no ato da leitura” (BLOOM, 2001, p.137). Evidentemente, as impressões transpareciam naturalmente, com comprovações muitas vezes tiradas das próprias construções dos livros abordados. Realmente, a sensibilidade com que ele analisava os textos apareceu em todas as crônicas do período (1897-1908) de forma bem visível, pois criticava sempre com visíveis impressões.

A classificação de seu método como impressionista não pode ser tomado em sentido pejorativo, já que suas impressões são expressas sempre com fundamentos e são baseadas em argumentos claros e contundentes, compartilhando de aspectos da crítica literária de hoje. O estudioso Wilson Martins fez menção ao método dele em uma obra no seguinte fragmento: “[...] a crítica como impressões de leitura mais do que como exercício técnico de apreciação e análise continuava em *Literatura Alheia*, de Medeiros e Albuquerque, o que contrastava com os trabalhos sistemáticos [...]” (MARTINS, 1978, p.551). Em outro trabalho, o mesmo estudioso ratificou o comentário: “[...] a crítica impressionista de Medeiros e Albuquerque em *Literatura Alheia* [...]” (MARTINS, 1983, p.431).

Aliás, a sensibilidade –marca registrada de J. dos Santos- aparece também na maioria dos outros cronistas, pois essa característica é comum nesse gênero de obra. De fato, a sensibilidade dos cronistas é própria da época, devido às transformações culturais por que a sociedade estava passando. Sendo assim, eles procuravam se manter próximos ao teor sensível de todo dia, aproximando-se do homem comum.

Deve-se também observar que o conceito que esse jornalista demonstrava possuir sobre a arte e o fato literário confere aos seus comentários na “Crônica literária” um valor muito maior. Como ele tinha consciência de que, em arte, o mais importante é “fazer sentir”, embora sendo um crítico impressionista, sempre revelou um discernimento apurado e um bom gosto a respeito de questões envolvendo o campo literário brasileiro.

Tendo a mesma concepção sobre arte, fica fácil entender porque José Veríssimo frequentemente foi muito bem comentado por J. dos Santos nas páginas de *A Notícia*. Em uma semana, por exemplo, o cronista escreveu sobre a obra *Estudos de Literatura Brasileira* da seguinte forma: “com o seu grande talento, o senhor José Veríssimo não tenta dar apreciações que fazem o caráter mesquinho de lições de mestre-escola. O livro é magnífico” (*A Notícia*, 7 jan. 1903, p.2).

Aliás, dentre os críticos naturalistas, Veríssimo é um dos nomes que sempre recebeu elogios do ousado J. dos Santos. Em algumas situações, o colunista aderiu às opiniões de Veríssimo, como é comprovado em um comentário sobre o conceito específico de arte tal como um “órgão social, como expressão e definição da sociedade”, que era defendido por José Veríssimo:

o que eu chamo moral na arte é a sua correspondencia com a vida social, já que a arte é eminentemente social. O que faz que a obra de arte seja moral ou immoral é o interesse humano, a sympathia, as emoções sociaes que ella tem ou desperta e ainda o gráo de subjetiva [...] que não’ elle ha. N’este sentido um livro de primeira communhão para meninas póde ser immoral e um livro de amor póde ser moral. E é n’este sentido que não só *II Fuoco*, mas em geral a obra d’Annunzio, é immoral (*A Notícia*, 7 maio 1900, p.2).

O colunista compartilhava semelhante ponto de vista do escritor José Veríssimo, como demonstrado na respectiva afirmação: “E, por mais severos que pareçam taes conceitos, elles são rigorosamente justos. [...] Os cultores da forma pela forma são Narcisos estéreis, por mais bellos que se mostrem” (*A Notícia*, 7 maio 1900, p.2). Vale registrar também que Veríssimo era um impressionista por excelência e isso, consequentemente, aumentava o apreço que J. dos Santos demonstrava por ele, pois este percebia que a formação da linguagem crítica de Veríssimo estava “[...] em consonância com os quadros culturais de seu tempo” (BARBOSA, 1974, p.28).

Ainda no quesito crítica literária, enquanto se referia às obras de Sílvio Romero, J. dos Santos expressou por inúmeras vezes uma reprovação do seu método crítico, possuidor de uma visão bastante sociológica e historicista. Embora J. dos Santos mantivesse vários pontos divergentes dos de seu mestre Romero, não menosprezou o grande papel que, na época, a nova edição da *História da literatura brasileira* teve na crítica, tecendo comentários positivos, tais como: “o livro ganhou ainda mais importância e valor para a crítica” (*A Notícia*, 15 abr. 1903, p.2) e “Sílvio Romero está

visivelmente modificado” (*A Notícia*, 15 abr. 1903, p.2), apesar de fazer menção negativa ao método no primeiro volume do trabalho: “é uma parte que só pode dizer *científica* e, conseqüentemente, pouco tem de apreciações subjetivas” (*A Notícia*, 15 abr. 1903, p.2).

Em outro momento jornalístico, quando informou a publicação do *Compêndio de história da literatura* brasileira, trabalho que Romero fez juntamente com João Ribeiro, J. dos Santos primeiramente preferiu tratar do conteúdo enquanto opinou ser “o melhor trabalho sobre historia da litteratura brasileira” (*A Notícia*, 10 nov. 1906, p.2). No entanto, aludindo ao estilo dos escritores, o colunista enquadrou Romero muito mais como historiador do que crítico. Em sua concepção, Ribeiro “tem talvez melhor feitio pedagogico. Sabe fazer livros de classe, que se prestam perfeitamente ao estudo” (*A Notícia*, 10 nov. 1906). Por fim, o jornalista julgou ser um trabalho bastante claro e completo.

Quando discorreu sobre *O Alemanismo no sul do Brasil* também de Sílvio Romero, J. dos Santos, exatamente do mesmo modo, informou ser um trabalho que dicute o chamado “perigo alemão”, sendo esta uma conclusão a que o autor chegou, “á vista de argumentos, que expõe com a sua habitual clareza” (*A Notícia*, 20 abr. 1906, p.2). Deixa bem evidente que seu mestre “não é um espirito arrebatado, não é um escriptor futil” (*A Notícia*, 20 abr. 1906, p.2).

Apesar de, em muitos momentos da coluna, J. dos Santos julgar como bons vários livros de Sílvio Romero, a reprovação ao método tradicional do autor sempre ganhou espaço nos ousados comentários dele. De fato, a crítica por diversas vezes foi conteúdo das suas crônicas semanais. Embora tivesse sido discípulo de Romero, o jornalista não mediu esforços para julgá-lo negativamente, o que evidencia uma peculiar autonomia quando escrevia em *A Notícia*.

J. dos Santos apontou hostilmente não ser Romero imparcial quando tece suas críticas: “há n’elle um excesso tal de paixão, que os seus juizos sobre as obras dos seus contemporaneos não se podem despir de grandes prevenções- já de *sympathia*, já de *antipathia*” (*A Notícia*, 7 set. 1900, p.2). Posteriormente, Wilson Martins mostrou concordância quando escreveu a seguinte crítica:

Repare-se como, afora a documentação que nos trouxeram sobre os autores e a sua “situação” num determinado quadro histórico e sociológico, os julgamentos de Sílvio Romero raramente nos proporcionam qualquer coisa de essencial sobre eles, esteticamente falando; repare-se como, ao contrário, os seus juízos de valor são quase sempre falhos, sendo, entretanto, singularmente inteligentes os seus juízos históricos [...] (MARTINS, 1983, p.77-78).

Como se comprova, J. dos Santos estabelecia discussões a respeito da natureza e das funções da crítica já no final do século XIX e início do século XX, antecipando o que outros críticos iriam registrar, revelando também, com isso, sua grande percepção referente a assuntos literários.

Em *A Notícia*, quando exercia a crítica literária, J. dos Santos colaborava também com a crítica de coletânea de contos, percorrendo sobre o entrecho, a forma, o assunto e o estilo dos contistas, não se restringindo apenas ao “resumir” da história. Com um apurado bom gosto, tratava de questões da literatura brasileira, contribuindo, assim, com a sua divulgação nos periódicos do país.

Em um determinado momento da seção periódica, o colaborador abordou *Galdino Cupido* de Magalhães Carneiro, dizendo tratar-se de cem páginas com exatos 3 contos. O conto principal é o nome do próprio livro, o segundo “Roberto” narra um incesto e o último “A Corça” é tipo um poema sem versos.

Depois, começa a descrever o personagem principal do primeiro conto: “o tipo que o autor aí quiz descrever parece ser copiado do natural. É o de um *ralé* da província” (*A Notícia*, 24 jan. 1908, p.2). Como o rapaz era bastante bonito, passou a ser chamado de “cupido”.

De forma bem sintética, J. dos Santos apresenta o enredo do primeiro conto:

Galdino esteve algum tempo na Capital do Estado –o Estado de Sergipe- mas vítima de um desastre que o fez ficar amputado de ambas as pernas, foi encalhar em uma cidade do interior. Ai a sua meia instrução deslumbrou os tabaréus. Acreditavam que ella era um sábio estupendo.

Mas o pobre diabo se foi acanalhando. Vivia entre pessoas de baixa classe, que á noite o iam procurar sempre para em torno delle organizarem batuques e pagodes. E Galdino fazia tambem um pouco de medico, um pouco de entendido em tudo... (A *Notícia*, 24 jan. 1908. p.2).

Apesar de julgar Carneiro talentoso, o colunista aponta o defeito dele em “querer tomar a sério o Galdino. Parece effectivamente que elle acaba atribuindo importancia a uma interpretação religiosa do Evangelho que o professor pretende publicar” (A *Notícia*, 24 jan. 1908, p.2), além de revelar um momento “pueril” (A *Notícia*, 24 jan. 1908, p.2) na estória, entre um visitante que procura o amputado.

A crítica tinha fundamento, principalmente, no enfoque histórico sobre o literário, apesar da aclimação do evolucionismo e do positivismo no século XIX, bem como o período pós-independência. Todavia, como se vê em J. dos Santos, percebe-se claramente o inverso: os comentários seguem muito mais abordagem literária do que uma visão propriamente historicista, o que o diferencia no seu tempo. Os escritores, em seus trabalhos, procuravam assiduamente aspectos culturais que servissem de amplitude nacional para utilizá-los nos textos.

Entretanto, o colaborador da “Crônica literária” não seguiu essa tendência, posicionando-se muito mais no campo literário e deixando a História em segundo plano. Por isso, suas impressões baseiam-se, em geral, nos elementos intrínsecos quando ele informava os vários livros lançados semanalmente. Aludir ao estilo empregado por cada autor é uma boa comprovação do apreço maior que esse jornalista demonstrava pela literatura.

Em uma determinada semana quando apenas informou o lançamento de *A tortura do real* de Sebastião Sampaio, o cronista esclareceu já na primeira linha qual seria o gênero de obra resenhado: “o livro de contos [...] vem precedido de uma apresentação de João do Rio” (A *Notícia*, 17 jan. 1908, p.2). Fazendo visível censura, J. dos Santos preferiu em seguida elucitar de forma um tanto irônica a linguagem do livro: “[...] sente-se em todo elle a tortura, não do real, mas da forma” (A *Notícia*, 17 jan. 1908, p.2), escrevendo também que nele há vários usos de expressões colocadas

erroneamente. Os contos de Sampaio, comentados um por um por J. dos Santos, são influenciados pela filosofia.

Todavia, por fim, o colunista fez menção à forma de escrita do prosador:

Mas exatamente porque todos os seus contos têm um feitio particular, que por ora não é ainda o melhor; exatamente porque elle se esforça para crear um estilo pessoal; [...] sente-se neste livro uma palpação de vida, uma aspiração veemente para a beleza literaria, qualquer coisa enfim que não é banal. Ao contrario! (*A Notícia*, 17 jan. 1908, p.2).

Outra característica bastante relevante quando se analisa a crítica de J. dos Santos é que sempre quando ele informava o lançamento de obras, explicitava elementos que pudessem dar consistência aos seus comentários com o intuito até mesmo de convencer os leitores das suas opiniões jornalísticas. Para tanto, o crítico baseou-se sempre em exemplos retirados dos livros para comprovar suas afirmações. Agindo assim, talvez ele pensasse ser mais fácil persuadir o público de *A Notícia*, afinal de contas, as informações estavam atreladas em cada livro abordado de maneira bastante clara por ele. Mesmo o leitor que não concordasse com seu ponto de vista, possivelmente, perceberia que a explicação do jornalista era bastante válida, pois ele basicamente dava sua concepção fundamentando-se com tópicos retirados dos próprios trabalhos.

Em relação a livros de crônicas, o colunista frequentemente aludia ao estilo de cada escritor, o que nem toda hora ocorria com os outros gêneros de obra anteriormente comentados, apesar dessa tendência ser bastante usual em sua crítica. Talvez por crônicas serem textos muito heterogêneos, analisar o jeito de escrever de um prosador era de extrema relevância para J. dos Santos, pois isso as diferenciava das demais.

Realmente, ao abordar *Crítica e fantasia* de Olavo Bilac, J. dos Santos apontou os assuntos dessa reunião de crônicas e artigos do poeta parnasiano, revelando, desse modo, o cuidado que ele teve em selecioná-los e o apurado gosto ao desenvolvê-los.

Em seguida, J. dos Santos também teceu elogios sobre a forma dos textos de *Crítica e fantasia*, elogiando o fato de que, apesar de alguns serem bem curtos, Bilac teve um grande cuidado artístico em desenvolvê-los. Com isso, o resenhista aludiu à

linguagem empregada pelo poeta parnasiano, opinando, com isso, haver o típico espírito organizador de Bilac atuado novamente na elaboração desses textos.

Quando discorreu sobre *Excelsior* de Mayer Garção, o jornalista explicou ser o livro de um escritor português, além de noticiar: “é uma colleção de pequenas crônicas a proposito de occorrencias das ocaziões em que eram escritas” (*A Notícia*, 21 fev. 1908, p.2). Logo, declarou ser Garção bastante talentoso, complementando, por fim, o seguinte:

Portugal tem agora um grande numero de bons prozadores, de excelentes cronistas. Na primeira fila, entre os bem da frente, está o autor deste livro formozissimo (*A Notícia*, 21 fev. 1908, p.2).

Naturalmente, como se vê, a crítica de J. dos Santos na “Crônica literária” revelava um ótimo gosto e um excelente conhecimento sobre obras literárias, não propriamente nacionais, mas também diversos estrangeiros, embora a quantidade dos lançados no Brasil fosse bem superior.

Vale ressaltar que o crítico não apenas citou obras de autores largamente conhecidos no período estudado, mas também de autores não muito conhecidos na época, contribuindo para a divulgação da literatura nos periódicos e evidenciando assim o que há de mais recorrente e significativo nas publicações de tal cunho.

Aliás, os livros de escritores estreantes foram bastante noticiados pelo colunista, que parecia ter grande preocupação em mostrar ao público leitor aqueles autores que surgiam no cenário literário da época. Quando, por exemplo, abordou o livro *Urzes*, do poeta Amadeu Amaral, fez questão de registrar, já de início, o respectivo trecho:

Um bom e pequenino livro de versos: as *Urzes*, do Sr. Amadeu Amaral.

Das estréas que eu tenho noticiado aqui, poucas me pareceram tão auspiciosas, poucas me fizeram surpresa tão completa, porque o nome do seu auctor me era inteiramente desconhecido (*A Notícia*, 25 jul. 1899, p.2).

Quando semanalmente discorria sobre as obras, J. dos Santos tentava assumir uma posição neutra em relação às obras às quais se referia, usando como recurso constante em suas críticas a assunção de imparcialidade. Em seu trabalho na

coluna, é de extrema importância ressaltar que a tentativa de desvelar a obra pela própria obra e a busca da imparcialidade crítica, duas constantes nas crônicas de J. dos Santos, fazem dele um crítico engajado e contumaz, visto que ele conseguia transmitir informações com sutileza apurada e extremo poder argumentativo.

Aliás, como se sabe, as críticas que ele teceu sobre Sílvio Romero no vespertino fundamentavam-se justamente porque o escritor sergipano parecia abrir mão da imparcialidade, mostrando simpatia ou antipatia fixadas aos escritores que ele já conhecia. Por diversas vezes, Romero até deixava de lado o julgamento do texto crítico em detrimento dessas opiniões pessoais já pré-construídas, o que para J. dos Santos era inadmissível.

Todavia, a convergência de vários fatores impossibilitava que a imparcialidade tão defendida pelo crítico fosse atingida, naturalmente. Isto se deve, principalmente, ao fato de os princípios da estética e da poética do Simbolismo terem aparecido em território brasileiro basicamente nos anos 90, época de destaque parnasiano e realista/naturalista.

Desse modo, revela-se bastante natural que, em meio a um cenário dividido por ideias, haja pela concepção de J. dos Santos, a defesa de uma postura (conscientemente ou não), em detrimento de outra tendência de literatura, portanto. O colunista, apesar de buscar sempre uma posição neutra na “Crônica literária”, nem sempre a conseguia em todos os seus comentários.

Em J. dos Santos, o “partidarismo” mostra-se em alguns episódios de suas resenhas jornalísticas. O próprio ideal de impessoalidade do crítico sugere uma assiduidade ao Realismo, do mesmo modo como a apreciação por descrições claras demonstra um gosto bem educado no Parnasianismo.

O jornalista, quando registrava obras de áreas do conhecimento não especificamente de literatura, tais como: psicologia, filosofia, medicina, política, direito, educação, história e sociologia, em muitos momentos, fazia alusão a detalhes da vida do próprio autor que escrevia a obra, o que não ocorria com muita frequência quando ele noticiava os livros propriamente literários. Desse modo, era bastante comum o colunista utilizar de expressões como, por exemplo, “ao reconhecido mérito de um especialista em determinada área”, o que provavelmente poderia dispensar uma análise mais minuciosa do livro, portanto.

Por essa visão, nota-se que o conceito amplo de literatura usado pelo crítico exige, em algumas situações, um possível afastamento do livro, não basicamente por uma ausência de análise, mas por ser impossível para um crítico aprofundar minuciosamente aspectos variados do conhecimento. Por isso, J. dos Santos recorria frequentemente a outros dados como a biografia do escritor para amenizar o relato mais profundo de uma obra específica, diferentemente dos de literatura, que tinham destaque maior nos tópicos internos de cada trabalho.

Quando informou sobre livros não pertencentes ao campo literário, J. dos Santos mostrou bastante interesse em algumas áreas específicas, em que, de forma curiosa, também atuou profissionalmente. Dessas, por exemplo, teve relevante apreço a educação, talvez pelo fato de ele ter sido professor por muito tempo. O colunista informou a publicação do *Curso elementar de geografia* de Themistocles Sávio, fazendo menção positiva à vida profissional do próprio escritor:

É bem um livro de classe feito para a pratica do majisterio, bom para o professor e bom para o aluno.

Na nossa literatura pedagogica, que é tão prodiga de obras de mera especulação comercial, obras de fancaria, esta se destaca como um livro de consciencia de um professor que sabe a fundo o seu officio (*A Notícia*, 27 mar. 1908, p.2).

Noticiando o lançamento de obras, J. dos Santos sempre foi simples e claro, bem-humorado (levemente humorista), com um estilo agradável e aparentemente leve, sabendo escolher o assunto da crônica com poder de síntese. Aliás, a síntese que peculiarmente o crítico sempre demonstrou possuir também se revelava devido à escassez de espaço que era dado para ele usufruir n’*A Notícia*, o que o obrigava a utilizar frequente economia das informações, ao passo que procurava transparecer as informações mais relevantes de cada obra para, dessa forma, despertar o interesse dos leitores em comprá-las.

Ao discorrer sobre *Lições elementares de Língua Portuguesa* de Maximino Maciel, J. dos Santos opinou criticamente sobre o modo tradicional de ensinar-se gramática, dizendo não valer a pena “perder-se tempo com a gramática, porque, mais tarde, ela está destinada a ser destruída” (*A Notícia*, 26 ago.1903, p.2), além de afirmar: “Pela gramática, eu acho legítimo professar uma certa repugnância intelectual” (*A Notícia*, 26 ago.1903, p.2). Conforme visto, o colaborador da “Crônica literária”

expressava-se sempre lançando mão de suas sensações impressionistas, pois para ele, também “a crítica não é, nem pode ser, nem deve ser, a aplicação mecânica de padrões impessoais ao julgamento dos valores” (MARTINS, 1983, p.63).

Ademais, o jornalista revelou a virtude de Maciel por não dar muita ênfase nesse estudo sistemático, não deixando de expressar o mérito do autor: “Reduzir as regrinhas de gramática ao mínimo parece, portanto, o mais justo possível. A isto, confessa [...] Maciel ter também chegado. É um elogio que se lhe deve fazer” (*A Notícia*, 26 ago.1903, p.2). Entretanto, aludiu negativamente ao estilo dele, ao achá-lo “sem movimento, sem graça” (*A Notícia*, 26 ag.1903, p.2).

Lendo as citações acima do colunista, bem como as de outras crônicas dele, é impossível não notar que a ironia é peça fundamental em seu recurso expressivo. Como disse um escritor impressionista: “[...] a ironia tem diversos significados na literatura, e a ironia de uma época, raramente, será a mesma de outra. [...] a criação literária sempre contém um certo grau de ironia” (BLOOM, 2001, p.182).

Quando abordou o livro didático *Gramática portuguesa* de Veríssimo Vieira, o colunista, ironicamente, opinou: “realmente, pelo abominável e estupidiíssimo ensino de grammatica, como é geralmente feito, eu professo a mais viva ogerisa” (*A Notícia*, 10 fev. 1899, p.2). O crítico demonstrava grande aversão aos estudiosos da gramática normativa, pois defendia uma maneira mais simples e natural de expressão, afinal de contas, esse era o estilo usual de J. dos Santos: uma linguagem nada rebuscada, com uma compreensão bastante acessível a todos os leitores.

A ironia, que o jornalista demonstrava possuir, é também bastante característica do impressionismo, pois, nesse grupo, percebe-se nitidamente a “compreensão do ceticismo irônico em termos de estratégia psicológica e ideológica do crítico, que o faz julgar as obras por um processo de *insights* necessariamente isolados, subjetivos e arbitrários [...]” (BARBOSA, 1974, p.12). J. dos Santos não poupava ironias, levadas em muitos momentos ao sarcasmo.

Aliás, os críticos impressionistas, como J. dos Santos, se sobressaem dos demais justamente pela forma como eles, em seus textos, transparecem a ironia, bem como o ceticismo. Sobre essa evidência, João Alexandre Barbosa, em *A tradição do impasse*, discorreu o seguinte comentário: “não é necessário muita elucubração para se

pensar na ironia e no ceticismo como formas de reflexão distanciada, em que é assumida não apenas uma atitude ambígua, mas ‘superior’ ”(BARBOSA, 1974, p.113).

Em um outro episódio da coluna periódica, quando discorreu sobre o romance *A fazenda do paraíso* de Arthur Guimarães, o cronista criticou alguns momentos da obra que ele julgou incompreensíveis, finalizando ironicamente: “que diacho imaginará o Sr. Arthur Guimarães que é uma *catapulta*?” (*A Notícia*, 5 ago. 1898, p.2). Como se observa, o método de abordagem de J. dos Santos

é a crítica dos livros novos e dos autores desconhecidos, é a que se encarrega de um julgamento preliminar, sumário e “impressionista” quanto seja, fundado nas reações imediatas de leitura e no contato vital com a obra, sem a mediatização livresca erudita e convencional que [...] cria realmente um anteparo irremovível entre a obra e a nossa leitura (MARTINS, 1983, p.227).

Outra área que teve grande destaque na “Crônica literária” devido à abundância de obras resenhadas por J. dos Santos é a do direito, bem como a ciência política. Como se sabe, o crítico teve participação bastante ativa nesse setor como deputado federal e senador de Pernambuco, elaborando diversos projetos de lei valiosos. Talvez por isso mostrou grande interesse em analisar trabalhos relacionados a tais assuntos em *A Notícia*.

Em uma determinada semana, quando discorreu sobre *Expulsão de estrangeiros* de Lacerda de Almeida, o colunista, primeiramente, explicou ser o conteúdo uma lei votada e constitucional. No entanto, não demorou muito para fazer menção à vida do próprio escritor, como se comprova no fragmento:

o illustre commentador achou materiaes abudantes na justificação feita no Congresso em defeza da lei. E’ inutil dizer que mesmo esses materiaes elle soube aproveitar com o seu superior talento e competencia [...].
livro do Dr. Lacerda de Almeida, cujo alto louvor não precisa aqui ser feito, de tal modo o nome do auctor se impõe a quantos estudam o direito nacional (*A Notícia*, 7 jun. 1907, p.2).

O jornalista também resenhou *Questões de direito* de Virgílio de Sá Pereira, relatando que, nesse volume, estão reunidas algumas das sentenças do autor

acompanhadas de comentários, em que os problemas são estudados doutrinariamente. Com mais ênfase, J. dos Santos opinou com elogios sobre o estilo de Pereira, informando que “o autor revela uma ciência segura e erudita, exposta com um estilo muito simples e claro” (*A Notícia*, 17 fev. 1904, p.2), além de revelar que o autor tem notável atuação na área.

Outra evidência na crítica de J. dos Santos dá-se quando, abordando obras não necessariamente de literatura, o cronista, talvez de forma intencional, julga-se sem competência para se aprofundar em análises mais profundas. Quando, por exemplo, discorreu sobre *O poder judiciário no Brasil*, deixou isso bem claro: “o estudo do Dr. Carvalho de Mendonça é longo e minucioso. Falta-me competência para dizer sobre ele” (*A Notícia*, 15 jul. 1899, p.2).

Em outro episódio da seção jornalística, J. dos Santos resenhou *Hidráulica* de José Eulálio, admitindo com muita sinceridade este fato: “para este é realmente bom que me falte [...] o espaço, porque, do contrário, eu seria forçado a confessar que me falta também e absolutamente a competência para apreciá-lo” (*A Notícia*, 29 jul. 1903, p.2). Realmente, seria mesmo impossível um jornalista se aprofundar detalhadamente nos aspectos variados de todas as áreas existentes, mesmo o próprio J. dos Santos, que tinha um variado conhecimento e uma peculiar sensibilidade.

Aludindo ao método impressionista, Wilson Martins discorreu sobre Medeiros e Albuquerque bem como sobre o estudioso Afrânio Coutinho, que tem uma concepção bastante negativa em relação ao Medeiros, na crítica abaixo:

o postulado central do impressionismo, segundo o qual não há crítica científica, sendo sempre irremovível o seu quociente de subjetivismo, é verdade mais fácil de descartar [...]. Ele condena em Medeiros e Albuquerque a “concepção elementar” de crítica, por “afirmar que os críticos não têm fixidez de ponto de vista, e que as apreciações variam e contradizem-se conforme os críticos”. Em crítica literária, Medeiros e Albuquerque não é santo de minha particular devoção, mas aqui não se trata de defendê-lo e, sim, apenas de lê-lo e compreendê-lo. E basta lê-lo para perceber que ele se antecipava a [...] Coutinho na condenação do mau impressionismo [...]. Medeiros [...] lamentava faltar à crítica “fixidez do ponto de vista”, variando e contradizendo-se entre si os respectivos pronunciamentos (MARTINS, 1983, p.849-850).

Ainda no âmbito da crítica, Martins defende que aceitar as limitações naturais dela é inevitavelmente observar também que, de todos os modos, “a única que convém é realmente a impressionista” (MARTINS, 1983, p.850). Ao comparar Medeiros e Albuquerque com Afrânio Coutinho, o autor de *A crítica literária no Brasil* aponta uma falha de observação do último referente à crítica dita científica que, conseqüentemente, prova o acerto da concepção de Medeiros. Sobre o assunto, fez-se o seguinte comentário:

o ceticismo crescente, em todo o mundo, a respeito dos métodos “científicos” ou “estéticos” de crítica literária parece dar razão a Medeiros e Albuquerque contra Afrânio Coutinho, acresce que este último confunde duas espécies diferentes em natureza e finalidade, que são, de um lado, a crítica literária (cujo norte orientador é a noção de qualidade) e, de outro, o ensaio de interpretação e análise, que só faz sentido quando já se estabeleceu o nível qualitativo. Medeiros [...] demonstrava não incorrer na mesma confusão, pois observava que a crítica chamada científica só tem cabimento “quando se refere a obras e autores já consagrados” (MARTINS, 1983, p.850).

Outras áreas bastante exploradas por J. dos Santos nas páginas do vespertino foram a medicina e a psicologia. Aliás, o escritor possuía um grande interesse peculiar por elas, tanto que chegou até mesmo corajosamente a publicar dois famosos volumes: *Hipnotismo* (1921), uma monografia sobre medicina, e *A arte de conquistar as mulheres* (1925), um trabalho sobre psicologia.

É de extrema importância ressaltar também que ao noticiar trabalhos de cunho médico na “Crônica literária”, o jornalista, desse modo, mostrava sua preocupação com a falta de saúde e higiene públicas, problemas esses que abalavam a *Belle Époque* carioca. O próprio J. dos Santos evidenciou a abundância de monografias médicas na “Crônica literária” afirmando: “a epoca é dos poetas e dos medicos. Polluiam ao mesmo tempo os volumes de versos e as theses de medicina” (*A Notícia*, 1 fev. 1907, p.2).

Ao abordar, por exemplo, *Moléstias tropicais* de Francisco Fajardo, mais que simplesmente sintetizar o conteúdo da obra, o cronista forneceu características da higiene tropical e do impaludismo (malária), que são os tópicos pesquisados pelo autor no estudo, além de dar informações precisas para o entendimento do caso como, por

exemplo, a necessidade de “levar em linha de conta a influência extraordinária do meio” (*A Notícia*, 6 fev. 1903, p.2).

Além disso, o colunista também escreveu que Fajardo abordou a febre amarela na sua monografia científica e o fato do parasita ser o transmissor do gérmen do impaludismo (na época, isso não era bem conhecido ainda). No final, J. dos Santos elogiou tal estudo científico, escrevendo que “as fases são seguidas passo a passo. É um estudo consciencioso e bem feito, exposto em linguagem simples, acessível a todos” (*A Notícia*, 6 fev. 1903, p.2), o que facilita e muito o estudo do assunto para leitores não familiarizados.

Realmente, em muitos momentos, J. dos Santos noticiou trabalhos referentes à febre amarela, o que evidencia seu interesse pela doença. Quando analisou *Patogenia da albuminúria* de Torres Vianna, afirmou: “[...] o auctor demonstra que na febre amarella [...] a pressão sanguinea baixa immediatamente” (*A Notícia*, 1 mar. 1907, p.2). Depois de discorrer sobre o conteúdo e sobre as partes que compõem o volume de forma bem concisa, o jornalista revelou sua falta de conhecimento aprofundado sobre o assunto, amenizando a confissão com dado da vida do autor:

si realmente eu soube resumir o trabalho do Dr. Torres Vianna –as suas principaes conclusões.
Em todo caso, mesmo que o tenha trahido, não por má-fé, mas por perdoavel ignorancia, o indiscutivel é que sua these revela [...] um erudito –erudito, que conhece toda a litteratura do assumpto de que tratou [...] (*A Notícia*, 1 mar. 1907, p.2).

Os comentários na seção periódica sempre apareceram vinculados por meio de muita ousadia, característica peculiar de J. dos Santos. De forma bastante ousada, ele diferencia-se, em geral, dos outros cronistas, visto que não tinha apenas o intuito de analisar obras, mas também criticava-as sempre com grande coragem. Quando, por exemplo, informou *Patogenia da albuminúria* de Torres Vianna, o jornalista criticou ousadamente o fato do autor se vangloriar devido ao seu currículo profissional:

O sorriso é inevitável quando se percorre a lista dos títulos que o doutorando põe em seguimento do seu nome. Não se contenta de nos dizer que é farmacêutico pela faculdade da Bahia, quer ainda que saibamos que elle é socio do Instituto de Protecção à Infancia [...].

[...]

E' um prurido de exhibição que, mesmo nos que têm grandes títulos a apresentarem, se torna quasi sempre comico. Nos outros, sempre... (*A Notícia*, 1 mar. 1907, p.2).

Em outro momento, ao discorrer sobre *A psicologia do sonho* de Jayme Luiz Smith de Vasconcellos, o colunista, depois de resumir o conteúdo, deixou suas sensações ganharem espaço, opinando com visível audácia que o autor possui “[...] um pouco de entusiasmo e [...] uma confiança um tanto excessiva [...]” (*A Notícia*, 22 fev. 1907, p.2) revelados na obra. Naturalmente, como os impressionistas acham, “a primeira das dimensões se serve da intuição única e absoluta, que transmite ao crítico aquele segredo que só a sensibilidade sabe antever” (MARTINS, 1983, p.75).

Nota-se a preferência do colunista por assuntos leves e acessíveis, mas, mesmo quando os livros eram de áreas mais restritas, conseguia abordá-los, utilizando uma linguagem essencialmente coloquial e fácil, o que o aproximava dos cronistas em geral, tendendo até mesmo a uma linguagem familiar com os leitores. Agindo assim, de maneira até muitas vezes didática, J. dos Santos procurava ajudar na compreensão dos seus fiéis seguidores semanais.

Outra constante na “Crônica literária” foi o aparecimento de obras traduzidas em língua portuguesa, principalmente as literárias, resenhadas por J. dos Santos no período. Naturalmente, defendendo sempre o conceito de “literatura” como algo abrangente, nada mais natural que esse crítico procurasse noticiar livros editados por diversos países, mesmo sendo traduções, afinal de contas, ele tinha um bom conhecimento em várias línguas. Alguns dos livros ele possivelmente leu até nas línguas originais, com o intuito de verificar a qualidade das traduções publicadas.

Ao abordar *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes, apesar do curto espaço naquela semana para a coluna, J. dos Santos conseguiu discorrer brevemente sobre alguns aspectos desse romance espanhol clássico, como, por exemplo, conteúdo (é uma tentativa digna de animação), materialidade (é um livro grosso com mais de 200 páginas), além de dar informações precisas sobre a publicação do livro para os leitores de *A Notícia*: “os editores portugueses Ferreira & Oliveira começaram a edição de uma

série de volumes subordinados ao título: *Obras primas*. O primeiro, publicado por ocasião do tri-centenário do *Dom Quixote* é o principal da célebre obra de Cervantes” (*A Notícia*, 25 ago.1905, p.2).

Ainda no quesito literatura estrangeira, J. dos Santos também tratou de *Ivanhoé* de Walter Scott, tecendo, primeiramente, informações sobre o autor (o fato de Scott ter sido um reacionário), para, depois, comentar a ambientação do romance: “*Ivanhoé*, que se passa nos tempos de João-sem-Terra e Ricardo Coração de Leão, pleno período das cruzadas, é exatamente uma das obras mais características do admirável escritor” (*A Notícia*, 1 set. 1905, p.2). Na concepção do crítico, “o que há de essencial nesse romance são as descrições dos costumes do tempo” (*A Notícia*, 1 set.1905, p.2). Por fim, ele teceu grandes elogios à obra, lembrando que até naquela época da crônica, essa obra se lia ainda com muito interesse, apesar de ter quase um século de existência.

A “Crônica literária” tinha mesmo uma grande riqueza temática, graças ao discernimento apurado e ao bom gosto que o crítico revelou possuir ao fazê-la semanalmente, não optando por focar livros apenas de alguns gêneros específicos. Cumpre informar que essa diversidade de assuntos não obedece a qualquer critério de separação, o que contribui para que estejam lado a lado, numa mesma coluna semanal, temas essencialmente diversos entre si. Sobre isso, J. dos Santos até “brincou” em um número do vespertino:

-E como passar de um livro de fantasias poeticas para um formulario de medicina?

-Oh! senhores, nada mais facil! Este é que é o grande dominio da fantasia! (*A Notícia*, 15 fev. 1902, p.2).

Observando a “Crônica literária”, notou-se que em muitos momentos de seus comentários, J. dos Santos fez várias indicações de livros para uma mesma data, visto que ele tratava de várias obras em um mesmo texto na coluna; portanto, em uma mesma semana, ele resenhava mais de uma obra.

Além disso, vale registrar que a “Crônica literária” diferenciava-se das outras “crônicas” em geral devido a sua posição no periódico *A Notícia*. Como se sabe, a crônica surgiu nos periódicos, mais especificamente do folhetim, que foi o veículo importante para a expansão da literatura. Posteriormente, adquiriu cada vez mais

autonomia. Sabe-se também que folhetim é o espaço que indica a região da página do jornal, na parte de baixo, separado por um traço. A rigor, esta parte é o rodapé, mas também pode ser chamada de folhetim.

No entanto, a posição da “Crônica literária” no vespertino carioca era bastante diferenciada, visto que ela não aparecia na parte de baixo da primeira página e sim na parte de cima de outras páginas. Somente em alguns momentos, contudo, a “Crônica literária” apareceu ocupando a primeira coluna da página do alto da folha até a parte de baixo.

É importante frisar que as crônicas, ao serem colocadas na primeira folha dos jornais, não apareciam nesta posição devido à suposta relevância ou grande importância dada a elas, mas sim devido ao seu tamanho (que não era, em geral, elevado) e também devido ao enquadramento imposto pelos periódicos da época. De fato, os romances de folhetim eram posicionados na primeira página (rodapé), visto que ficavam rapidamente mais prontos que as outras reportagens e não porque eram preferencialmente importantes. É a rapidez exigida pelo jornalismo que apontava sempre a posição que as matérias dos escritores apareciam nos periódicos. As notícias prontas mais rapidamente ganhavam as primeiras folhas, afinal de contas, os periódicos precisavam ser preenchidos com certa urgência. Todavia, não se pode descartar a diferenciação que permeava as posições da “Crônica literária” em relação a outros espaços jornalísticos.

Estudar *A Notícia* é interessante, visto que, além de J. dos Santos mostrar suas críticas na sua coluna, são de notável importância para os leitores da época temas que ele utilizava como, por exemplo, educação, direito, economia e medicina compreendendo a sociedade em que ele viveu.

Com isso, o estudo da “Crônica literária” passa a ser importante pelo fato de ser um documento que abrange o desenvolvimento da literatura brasileira, transmitindo informações que formavam os leitores do final do século XIX e início do século XX. Merece também destaque a pertinência de estudar um periódico brasileiro de relevância.

É, portanto, em um contexto de transformações literárias e restrições de natureza técnica que atuou a “Crônica literária”, pois a literatura passou a se expandir mais intensamente em periódicos, contribuindo assim para que os leitores pudessem ter mais contato com ela nos jornais.

Além disso, a “Crônica literária” em *A Notícia* possui dados valiosos sobre a literatura daquela época, sendo que seu único responsável, J. dos Santos, não apenas noticiava, mas também criticava com muita sensibilidade, discutindo temas de extrema importância para a sociedade do século XX e isso faz com que, consequentemente, a coluna revelasse a vida da população do início desse século, embora por meio de uma visão um tanto concisa. O impressionista J. dos Santos sabia que “[...] a crítica literária é, por definição e natureza, um mundo de ‘hipóteses’, e não um mundo de ‘certezas’” (MARTINS, 1983, p.230).

A “Crônica literária” abrange não somente a literatura propriamente dita, mas também obras enquadradas em outros ramos do conhecimento, o que revela consequentemente o grande leque temático que ela possuía, graças ao bom gosto de J. dos Santos. Desse modo, essa seção semanal não pode ser vista somente como um simples noticiário das obras publicadas semanalmente, como também um reduto de informações da sociedade carioca da época.

Naturalmente, o destemido J. dos Santos, leitor assíduo de diversas áreas do conhecimento, conseguia com talento ímpar fazer alusão a muitos assuntos, ora com riquezas de detalhes, referindo-se com fundamentos teóricos a eles, ora, revelando com muita humildade o seu pouco conhecimento para determinadas áreas específicas, mas sempre com argumentos esclarecedores e críticos.

Vale noticiar também que as crônicas de J. dos Santos em *A Notícia* tendem à atemporalidade, tanto é assim que os seus textos podem ser lidos até hoje com fácil entendimento, uma vez que suas impressões são bem claras e transpostas com uma usual leveza, típica de um cronista que procurava, acima de tudo, ser compreendido. Com isso, facilmente suas crônicas podem ser julgadas como “atuais”, visto que elas ainda podem ser bastante relevantes para um leitor do século XXI, que provavelmente não encontrará grandes problemas para compreendê-las.

Capítulo III

“CRÔNICA LITERÁRIA”: APRECIACÕES E INDEXAÇÕES

Cada ano aumenta-se o número das obras impressas no país, vai-se propagando o gosto da leitura, vai tomando um caráter mais peculiar e prático a literatura do país; há mais animação e vida nas letras.

Manuel Duarte Moreira de Azevedo

1 Informações relevantes

Observando minuciosamente a coluna “Crônica literária” (1897-1908) de J. dos Santos no vespertino carioca *A Notícia*, notou-se que algumas editoras destacaram-se por sua grande atuação no mercado, pois responderam por um maior número de lançamentos em relação a outras, pelo menos segundo o que foi informado pelo jornalista.

As editoras mais mencionadas por Medeiros e Albuquerque foram as seguintes: Garnier, Laemmert, Livraria Moderna, Quaresma & Companhia, Francisco Alves, Chardron, Cupido, Casa Sucena, Centro de Assinaturas, Jacinto Ribeiro dos

Santos, Liceu Literário Português, Casa Lombaerts, Associação do Quarto Centenário, F. Briguiet, Mariani, Central, Tavares, Cardoso & irmão, Centro Industrial, V. Havard e Ferreira & Oliveira.

No campo literário, sem dúvida, Garnier foi a mais ativa no período em questão, pois lançou periodicamente volumes de literatura, que foram resenhados em diversos momentos no periódico. Seu mais antigo editor, Baptiste Louis Garnier, foi responsável pela maioria de livros científicos, de instrução pública e também de obras puramente literárias que apareceram no Brasil, contribuindo para a aclimação da literatura nacional ao século XIX.

Aliás, ainda em relação à Garnier, vale informar que a sua grande atuação no ramo literário da época foi proporcionada devido ao fato de que ele pagava direitos autorais com bastante frequência, “não apenas aos tradutores mas também aos autores brasileiros [...] então ele estava fazendo mais que qualquer outro para alicerçar solidamente a literatura da sua pátria de adoção” (HALLEWELL, 1985, p.138). Como se sabe, o apoio legal referente aos direitos autorais só foi conquistado em 1898, devido à valiosa e insistente ação de Medeiros e Albuquerque, mas deve-se enfatizar o fato de que “era, pessoalmente, contra a participação do Brasil num acordo *internacional*, interessando-se apenas em garantir uma proteção que se limitasse a obras de cidadãos brasileiros e estrangeiros residentes no Brasil” (HALLEWELL, 1985, p.171-172).

É importante informar que a respectiva editora teve vantagens que possibilitaram seu progresso na época:

Inúmeros fatores ajudam a explicar o êxito de Garnier. O país continuava a gozar de prosperidade e de estabilidade política (apesar do trauma terrível da guerra do Paraguai). O público leitor estava se expandindo com o grande desenvolvimento da economia brasileira depois de 1850. O público leitor de romances, em particular, estava aumentando e era no campo da ficção, tanto nacional quanto estrangeira, que Garnier dominava o mercado (HALLEWELL, 1985, p.138-139).

Contudo, apesar de explorar bem o campo literário, Garnier dificilmente corria o risco de publicar o trabalho estreante de um escritor, pois possivelmente achava uma ação um tanto arriscada. Não obstante, no período da “Crônica literária”, nenhuma editora lançou tantas obras fictícias quanto a famosa Garnier, sendo que “praticamente não houve um romancista brasileiro de importância que não acabasse tendo a maioria de

suas obras publicadas por B. L. Garnier” (HALLEWELL, 1985, p.141). De fato, o próprio Medeiros e Albuquerque publicou o seu livro de contos *Mãe tapuia* por tal editora, embora não tenha obtido o mesmo resultado com outros livros.

Analisando a seção periódica de J. dos Santos, também se percebe uma grande quantidade de obras referentes a poesias e a livros escolares publicada pela poderosa Garnier, sendo que, em relação ao primeiro gênero de obra, tal editora foi uma das mais expressivas.

Outra famosa editora que apareceu com grande frequência nos livros resenhados da “Crônica literária” foi a Laemmert, ou seja, a principal concorrente da Garnier por bastante tempo. Sem dúvida, Laemmert e Garnier dominavam o ramo de lançamentos editoriais do século XIX. No entanto, a Laemmert nunca teve o intuito de desafiar o primeiro posto de Garnier no setor literário, embora tivesse sim publicado muitas obras dessa área no período.

Evidentemente, “a Garnier concentrou-se em literatura e também nos escritores franceses da moda que escreviam sobre ciência popular” (HALLEWELL, 1985, p.166). Já a Laemmert preferiu investir em história e também em ciência séria, além de obras de referência e de literatura, em menor proporção. Em relação à linha editorial, sua principal “era constituída por guias de bolso e outras publicações semelhantes, produzidas rapidamente para atender à demanda do mercado” (HALLEWELL, 1985, p.162), tanto é que J. dos Santos resenhou, em vários momentos, obras publicadas pela Laemmert.

Apesar da plena hegemonia das duas editoras citadas acima, não se pode descartar o papel relevante que Francisco Alves teve na atuação editorial, sendo que essa editora foi, em alguns momentos, evidenciada na “Crônica literária”. Embora tivesse uma preferência pelo lançamento de livros didáticos, Alves também publicou livros de literatura. O próprio Medeiros e Albuquerque publicou por ela, em 1933, seu *Vocabulário brasileiro da ortografia oficial*, trabalho de grande destaque para o setor educacional do país.

Ademais, visualizando a seção periódica de J. dos Santos, merecem também ser lembradas as editoras Quaresma & C.; Chardron e a Livraria Moderna pela publicação de alguns livros de literatura. A primeira, por exemplo, concentrou-se em editar volumes econômicos de apelo mais popular, além de conseguir expressivo destaque no mercado de literatura infantil, pois teve o virtual monopólio nesse setor. A segunda, do Porto, teve uma grande recepção dos leitores do Brasil, pois editou obras de

autores famosos como, por exemplo, Paulo Barreto, Coelho Neto e Sílvio Romero. Já a Livraria Moderna de Domingos Magalhães parece que possuía maior interesse em publicar, sobretudo, romances, pois obras deste gênero foram mais resenhadas na “Crônica literária”.

No campo da tradução publicadas por ela, nota-se que houve uma maior atuação da Garnier no período, preferindo lidar com obras, sobretudo francesas, visto que “o apelo esnobe exercido por tudo que fosse francês era também um fator importante, especialmente no caso de livros mais caros, aos quais se podia somar o atrativo adicional de uma encadernação francesa” (HALLEWELL, 1985, p.129). J. dos Santos resenhou várias obras estrangeiras na “Crônica literária”, lançadas pela Garnier, o que era inevitável, como se sabe:

Quase todas as traduções eram de livros franceses e os romancistas populares constituíam a maior parte: Dumas, Hugo, Montepin, Octave Feuillet, Arsène Houssaye, Émile Gaboriau e Júlio Verne, que era de todos o que mais rendia. [...] Baptiste Louis Garnier foi também responsável pela apresentação do espírita Allan Kardec ao público brasileiro (HALLEWELL, 1985, p.146).

Além disso, a Garnier foi a principal a publicar literatura hispano-americana, sendo que “em 1900 o departamento espanhol da matriz da Garnier em Paris era unanimemente considerado uma das melhores livrarias de obras em língua espanhola, do mundo” (HALLEWELL, 1985, p.181). Além disso, ela teve uma grande relevância na tradução de livros para a língua portuguesa.

Outro dado de extrema importância é que Garnier não publicava somente livros no Brasil (principalmente, Rio de Janeiro), mas frequentemente também publicou volumes em língua portuguesa, porém em outros países, em sua maioria, europeus. Tal ação normal na época pode ser compreendida por dois fatores: o custo era mais barato, quando se publicava fora do Brasil, e também pela qualidade do trabalho ser melhor no exterior, se comparada com a nacional, que estava em incipiente desenvolvimento.

A Laemmert também atuou muito em tradução, como se depreende dos dados fornecidos pela coluna de J. dos Santos. No entanto, é importante ressaltar novamente que a sua preferência era pela tradução de trabalhos científicos e, no campo literário, pela literatura infanto-juvenil, setor em que a editora foi pioneira.

Para se ter uma idéia do papel da Laemmert, até 1909, deve-se considerar que fez “cerca de 400 traduções do inglês, do francês, do alemão e do italiano”

(HALLEWELL, 1985, p.165). Tendo em mente a relevância científica e a influência da França no Brasil, foi praticamente impossível que a editora deixasse de lançar livros traduzidos da língua francesa, exatamente como a Garnier fez. Olavo Bilac, colega de trabalho de Medeiros e Albuquerque em *A Notícia*, atuou bastante em tradução pela Laemmert.

Quanto ao gênero de obra mais resenhado por J. dos Santos em sua “Crônica literária”, o mais destacado, sem dúvida, foi a poesia. De 1897 a 1908, para se ter uma idéia, o cronista avaliou 202 livros de poemas, um número bastante expressivo, sem dúvida. Naturalmente, tal fato ocorreu porque

a poesia podia ser difundida de várias maneiras ao alcance da capacidade financeira do autor. Na verdade, no Brasil de meados do século XIX (assim como na Roma Antiga!) os poetas se tornavam conhecidos mais frequentemente dando recitais públicos do que sendo lidos. Escrever poesias também consome muito menos tempo do que escrever romances –fato que torna mais fácil ser um poeta amador do que um romancista em tempo parcial (HALLEWELL, 1985, p.143).

No entanto, o segundo gênero de obra mais frequente, ainda no campo literário, foi justamente o romance. No período citado acima, J. dos Santos resenhou exatamente 99 romances, não somente nacionais, como também estrangeiros. O terceiro gênero mais abordado foi o conto, em um total de 60 livros. De crítica literária, o jornalista resenhou apenas 28 livros.

Além disso, percebe-se nitidamente que, no território nacional, o Rio de Janeiro foi a cidade que mais contribuiu com o mercado editorial do século XIX. Nada mais natural, pois, afinal de contas, era a Capital Federal da República e, consequentemente, o progresso e a cultura encontravam nela condições mais favoráveis para o seu desenvolvimento.

Em menor proporção, aparecem Minas Gerais e São Paulo. A presença desta última explica-se pelo feroz crescimento populacional juntamente com “a pronta disponibilidade de capitais decorrentes dos repentinos lucros da cafeicultura” (HALLEWELL, 1985, p.231), que possibilitaram um incentivo cultural, embora menos expressivo que o do Rio. Aliás, surpreendentemente, “a própria rapidez da expansão da cidade nesse período deve ter sido hostil ao desenvolvimento cultural” (HALLEWELL, 1985, p.231-232).

Ademais, “havia muito pouco interesse em São Paulo na produção de livros” (HALLEWELL, 1985, p.231), tanto é que J. dos Santos informou pouquíssimos volumes lançados naquela região. Os livros paulistanos foram editados, em sua maioria, pela Grande Livraria Paulista e, em segundo lugar, pela Casa Eclectica.

Do território internacional, o cronista resenhou também obras publicadas em Gênova, Paris, Lisboa, Barcelona, Chile e Porto. Constatou-se que, de todas as localidades do mundo, o Rio de Janeiro teve maior destaque, o que dispensa qualquer explicação.

Alguns autores destacaram-se mais no período de atuação da “Crônica literária”, tanto que ora tinham seus livros frequentemente comentados por J. dos Santos, ora serviam apenas como boas referências quando o resenhista avaliava trabalhos de outros escritores. Por essa linha de observação, pode-se constatar que os nomes de Coelho Neto, Machado de Assis, José Veríssimo, Artur Azevedo, Olavo Bilac e Sílvio Romero foram constantemente impressos na coluna semanal de *A Notícia*, sobretudo, porque muitos desses autores tiveram suas principais produções literárias desenvolvidas no século XIX.

Diversos outros escritores importantes da literatura brasileira também foram mencionados pelo cronista, embora de maneira um pouco mais ocasional do que os citados anteriormente. Alguns não poderiam deixar de ser lembrados, haja vista que enriqueceram o meio intelectual da época; são os seguintes: Araripe Júnior, Magalhães de Azevedo, Tobias Barreto, Afonso Celso e Cruz e Sousa, principalmente o primeiro, que recebeu sempre comentários favoráveis do colunista, e o último, cujas produções foram resenhadas com críticas bastante negativas.

Outra observação bastante curiosa ao analisar a “Crônica literária” é a de que muitas obras resenhadas por J. dos Santos também foram comentadas por ele em seus próprios livros, o que mostra a visível importância que tais trabalhos literários tiveram quando foram lançados na época, além do apreço pessoal do cronista por eles, visto que não apenas se limitou a comentá-los no periódico, mas também os comentou em suas produções. Portanto, recebendo críticas, tanto positivas quanto negativas, nas próprias produções literárias do escritor, comprova-se, naturalmente, o interesse e estima que o jornalista demonstrou possuir por esses trabalhos.

Segue, abaixo, a indexação das resenhas de J. dos Santos publicadas no período de Janeiro de 1897 a Dezembro de 1908, em *A Notícia*. É de extrema importância informar que, de janeiro a março de 1906, de julho a setembro de 1907 e também em

outubro de 1908, o jornalista esteve ausente do seu posto jornalístico, devido a frequentes viagens que teve de fazer ao exterior, principalmente, à Europa.

2 Indexação geral em ordem cronológica

CARDONA, Ibrantina. *Plectos*. S. l.: s. n., 1897. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 dez. 1897.

Resumo: Com bastante ironia, J. dos Santos destaca aspectos ruins da obra, como a “imitação má de versos máos”, por exemplo. Por outro lado, o resenhista não deixa de citar alguns “versos sinceros” da autora, que constituem a maior parte do volume.

Gênero da obra: poesia

CASTRO, Viveiros de. *Delitos contra a honra da mulher*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1897. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 dez. 1897.

Resumo: Trata-se, segundo o colunista, de uma obra direcionada aos que se interessam por questões de medicina e direito. J. dos Santos classifica-a como obra “séria” e “bem feita” que revela o progresso do autor tanto no que diz respeito à correção da linguagem como no que concerne à gravidade com que trata do assunto.

Gênero da obra: monografia sobre medicina e jurídica

AZEVEDO, Arthur. *Contos efêmeros*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 jan. 1898.

Resumo: O colunista J. dos Santos afirma ser um volume “alegre”, “bem humorado”, apesar de seus lados fracos que, segundo ele, devem-se ao fato de que o autor não quis dar ao livro a força necessária.

Gênero da obra: contos

PUFF; PUCK. *Pimentões*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 jan. 1898.

Resumo: O crítico revela sua total reprovação ao livro de poemas, opinando o seguinte: “são bregueirices reduzidas a septissyllabos, ou, como d’antes se dizia, a *redondilha*”.

Gênero da obra: poesia humorística

PIMENTEL, Figueiredo. *Carmen*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 jan. 1898.

Resumo: Trata-se de um pequeno volume de trinta páginas de poesia, que recebeu de J. dos Santos uma boa apreciação crítica, salvo poucas restrições.

Gênero da obra: poesia

LOPES, Júlia. *Viúva Simões*. Rio de Janeiro: Antonio Maria Pereira, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 jan. 1898.

Resumo: A obra, que narra a história do amor de um homem por duas mulheres e que possui um estilo corrente e singelo, é considerada pelo resenhista um dos mais belos livros da produção literária do ano de 1897. Cheio de paixão e vida, o volume descreve cenas da vida fluminense com uma fidelidade capaz de ser verificada pelo mais descuidado observador.

Gênero da obra: romance

TEÓFILO, Rodolfo. *Maria Rita*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 jan 1898.

Resumo: Trata-se de um romance nacional que narra a simples história de dois namorados que precisam vencer muitas dificuldades para consumarem seu amor. Segundo o resenhista, o trecho é bem inventado, as peripécias interessam e emocionam, trazendo, assim, constantemente excitada a atenção do leitor. Em suma, há uma boa apreciação crítica da obra, embora haja ressalvas no que diz respeito à análise psicológica dos personagens e ao talento descritivo do autor.

Gênero da obra: romance

VICENTE SOBRINHO, José. *Contos e fantasias*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 fev. 1898.

Resumo: De modo geral, não há uma crítica favorável ao livro que, segundo o colunista, apresenta imagens contraditórias e de um rebuscamento artificial. Há, da mesma maneira, uma crítica negativa ao estilo do autor.

Gênero da obra: contos

CASTRO, Marcos de. *Versos proibidos*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 fev. 1898.

Resumo: O livro de poemas é considerado por J. dos Santos muito desigual já que traz, ao lado de poesias em que há “ciência métrica”, versos “errados” e outros “desgraciosos”.

Gênero da obra: poesia

FLORO, Lúcio. *Silhuetas parlamentares*. Belo Horizonte: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 fev. 1898.

Resumo: J. dos Santos não faz alusão positiva a tal livro, que apresenta perfis políticos dos representantes de Minas na Câmara e no Senado.

Gênero da obra: monografia sobre política

JUNQUEIRO, Guerra. *No lar*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 fev. 1898.

Resumo: O volume, cujos contos representam fatos da vida doméstica observados “com verdade e narrados com simplicidade”, apresenta, segundo o resenhista, uma desproporção entre as várias partes da narrativa. Para ele, no entanto, tal fato não desmerece seu autor, que possui os dons de observação e emoção.

Gênero da obra: contos

RODRIGUES, Barbosa. *Palmae matogrossenses*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 fev. 1898.

Resumo: O volume trata do estudo e da classificação das palmeiras existentes no Brasil. De maneira irônica, o resenhista critica o autor do livro que, num estilo pedante, emprega muitos títulos em latim.

Gênero da obra: monografia sobre botânica

EDMUNDO, Luiz. *Nimbos*. Rio de Janeiro: Aldina, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 mar. 1898.

Resumo: Trata-se de um pequeno volume de versos, com vinte e nove composições, quase todas em sonetos. Embora apresente algumas imperfeições, é visto de maneira positiva pelo resenhista que considera os versos harmoniosos e de uma “suavidade espontânea e delicada”.

Gênero da obra: poesia

LEITE, A. de Souza. *Memória sobre o reino encantado*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 mar. 1898.

Resumo: Trata-se de um trabalho que aborda o fanatismo religioso, recebendo uma crítica negativa de J. dos Santos.

Gênero da obra: monografia sobre religião

SABINO, Ionez. *Lutas do coração*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 mar. 1898.

Resumo: De modo geral, tal obra, classificada pela própria autora como romance, recebe uma crítica negativa do resenhista, que deixa transparecer seu julgamento através de ironia.

Gênero da obra: romance

AGDÁ. *Tratado sobre o ensino de corte*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 mar. 1898.

Resumo: Trata-se de um tratado sobre o ensino de corte das pestes, feito para uso das escolas públicas, caracterizado por J. dos Santos como “bom, simples e claro”.

Gênero da obra: livro didático

COELHO NETO. *O morto*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 mar. 1898.

Resumo: De enredo simples e narrando as peripécias de um caixeiro, o romance é visto de maneira positiva pelo resenhista, que o recomenda a quem deseja passar momentos de bom humor.

Gênero da obra: romance

MENDES, Cunha. *Liris*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 mar. 1898.

Resumo: O livro de poemas é julgado com elogios por J. dos Santos, que afirma conter versos bem feitos, “harmoniosos e inspirados”. Além disso, por fim, ele afirma ser uma obra “visinha da perfeição”.

Gênero da obra: poesia

MENEZES, João Barretto de. *O meu ideal*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 mar. 1898.

Resumo: O crítico apenas resenha que se trata de um pequeno livro de poemas de 12 páginas.

Gênero da obra: poesia

TAUNAY, Visconde de. *Ouro sobre o azul*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 mar. 1898.

Resumo: Trata-se de um antigo romance publicado primeiramente em folhetim nas colunas d'O *Globo*, sendo considerado por J. dos Santos um bom livro.

Gênero da obra: romance

SOUZA, Cruz e. *Broquéis*. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 mar. 1898.

Resumo: A respeito de tal obra há uma ótima apreciação crítica, principalmente no que concerne à sonoridade dos versos do poeta.

Gênero da obra: poesia

MASCARENHAS, Aníbal. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 abr. 1898.

Resumo: Trata-se de um trabalho de história nacional, que não recebe comentários positivos do resenhista, visto que ele nota que o "Prólogo" do livro apresenta um grande número de imperfeições.

Gênero da obra: monografia sobre história

AZEVEDO, Aluísio. *Pegadas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 abr. 1898.

Resumo: O livro, que é uma coleção de contos impressa pela Garnier, recebe uma apreciação crítica positiva de J. dos Santos.

Gênero da obra: contos

ALVES, Castro. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 abr. 1898.

Resumo: O livro impresso pela Garnier recebe aprovação do resenhista, que tece comentários positivos a ele.

Gênero da obra: poesia

JUNQUEIRO, Guerra. *A morte de D. João*. São Paulo: Livraria Paulista, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 abr. 1898.

Resumo: A obra, que aborda a morte de D. João, recebe elogios de J. dos Santos, que o julga um bom trabalho.

Gênero da obra: romance satírico

SAMPAIO, J. Pereira de. *O Brasil mental*. Porto: Chardron, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 maio 1898.

Resumo: O livro, que apresenta uma miscelânea literária e científica, ao contrário do que prevê o título, alude muito pouco ao Brasil. Além disso, o resenhista afirma que tal obra possui uma erudição sem método e quase sempre importuna, que obscurece o volume. De modo geral, entretanto, há uma apreciação crítica favorável da obra.

Gênero da obra: monografia

NABUCO, Joaquim. *Um estadista do império: Nabuco de Araújo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 maio 1898.

Resumo: Trata-se de um estudo englobando a História parlamentar a partir de 1889 e interpretações de leis. Na concepção do colunista, é um bom livro, visto que a paixão do autor pelas lutas parlamentares transparece em quase todas as páginas de forma bem clara.

Gênero da obra: monografia sobre política

CARDOSO, Fausto. *Taxinomia social*. Rio de Janeiro: Typ. Moraes, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 maio 1898.

Resumo: A obra, cuja finalidade é classificar as diferentes formas sociais, é recomendável aos interessados pelos estudos desta natureza. De modo geral, há uma boa apreciação crítica da obra que, segundo J. dos Santos, tem o altíssimo mérito de ser sugestivo, de despertar o espírito, em suma, de fazer pensar.

Gênero da obra: monografia

LIMA, Hermeto. *Estalagmites*. Rio de Janeiro: Tip. Aldina, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 maio 1898.

Resumo: Trata-se de um livro de poesias, que recebe comentários positivos de J. dos Santos, visto que ele o julga “gracioso” e com “estréia prometedora de um talento, que já se revela fortemente n’estes primeiros versos”.

Gênero da obra: poesias

COELHO NETO. *O paraíso*. Porto: Chardron, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 maio 1898.

Resumo: O livro é aberto com o perfil de Feliciano Temístocles Sardinha e com as suas tentativas para constituir um grupo de estudiosos do sobrenatural. Na concepção do resenhista, trata-se de uma boa obra.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo

ARINOS, Afonso. *Pelo Sertão*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 maio 1898.

Resumo: A obra, de cunho nacionalista, apresenta uma excelente coleção de histórias e paisagens, nas quais o autor, fazendo a evocação pela boca de um sertanejo, registra com exatidão o seu modo estranho de dizer as coisas. Há uma apreciação crítica favorável de tal obra.

Gênero da obra: contos

NELSON, Carlos. *Flâmulas*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 maio 1898.

Resumo: Trata-se de um opúsculo de sonetos com poucas páginas. Embora o livro apresente incorreções de metrificacão e estilo, de maneira geral, o conjunto da obra é visto positivamente pelo resenhista.

Gênero da obra: poesia

CANDIDO, Zeferino. *Portugal*. Rio de Janeiro: Cia de Loterias Nacionais do Brasil, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 jun. 1898.

Resumo: Numa alusão positiva a este livro, que trata do período da história de Portugal compreendido entre sua fundação e o século XVI, J. dos Santos destaca, dentre outras qualidades, o seu estilo vibrante e, sobretudo, claro e simples.

Gênero da obra: monografia sobre a história de Portugal

MAYA, Alcides. *O Rio Grande independente*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 jun. 1898.

Resumo: O opúsculo, cujo tema é, na verdade, um protesto contra a tendência da época de desagregação nacional, é visto positivamente pelo resenhista.

Gênero da obra: monografia sobre história

LUCINDO FILHO. *Flôres exóticas*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 jun. 1898.

Resumo: Há apreciação crítica razoável de tal obra, que é uma coletânea de poesias feitas por um “bom poeta”.

Gênero da obra: poesia

PREGO, Braulio. *Austraes*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 jun. 1898.

Resumo: J. dos Santos não faz apreciação crítica positiva desse livro, que traz cinquenta e seis páginas de sonetos e poesias.

Gênero da obra: poesia

LINS, Francisco. *Versos*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 jun. 1898.

Resumo: Considerado pelo resenhista um bom livro, é composto por poesias feitas ao longo de dez anos.

Gênero da obra: poesia

CAMPINA, Julio. *O subsídio ao folclore brasileiro*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 jun. 1898.

Resumo: Trata-se de uma coleção de contos e anedotas populares, colhidos com a linguagem própria em que são geralmente narrados. Na concepção do resenhista, o livro é um bom trabalho, acessível a todos.

Gênero da obra: contos

PAZ, Campos da. *Manual Prático do viticultor*. São Paulo: Eclectica, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 jun. 1898.

Resumo: O livro, que aborda a melhor maneira de plantar e cuidar de vinhas, traz o prefácio de Luiz Pereira Barreto sobre o assunto, insistindo principalmente sobre a “importância psicológica” do vinho. O resenhista acredita que tal obra possui uma linguagem extremamente clara e prática.

Gênero da obra: livro didático

JAGUARIBE, Domingos. *O município e a república*. São Paulo: J. B. Endrizzi & C., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 jun. 1898.

Resumo: De maneira irônica, J. dos Santos julga ser esse um livro “profético, metafísico, estupefaciente e, sobretudo, divertidíssimo”. O volume, que é aberto com um “plano de para se fazer feliz a Pátria e o Município”, não é visto com bons olhos pelo resenhista.

Gênero da obra: monografia sobre política

JAGUARIBE, Domingos. *Álbum de Caliban* (vol.5 e 6). S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 jun. 1898.

Resumo: De modo geral, há uma alusão positiva a tal obra. Segundo J. dos Santos, os fascículos V e VI, além de bem escritos, são “apimentados”, “maliciosos”, “brejeiros”.

Gênero da obra: poesia

FONTENELLE, Vital. *Satélites*. Rio de Janeiro: Casa Mont’Alverne, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 jul. 1898.

Resumo: Analisando a poesia de tal livro, J. dos Santos aponta como defeitos a falta de clareza das idéias que o autor pretende exprimir. Esse fato é, segundo o resenhista, uma falha que torna a construção embaraçada e difícil de ser compreendida.

Gênero da obra: poesia

NEVES SOBRINHO, Joaquim José de Faria. *Morbus*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 jul. 1898.

Resumo: Embora bem escrito e caracterizado pelo resenhista como bom, o volume possui o defeito de ser minucioso em excesso, o que o alonga demasiadamente. Tal fato, no entanto não desmerece a obra, que é vista por J. dos Santos como de “grande valor”.

Gênero da obra: romance

NORDEAU, Max. *Degenerescência*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 jul. 1898.

Resumo: A edição, que divide os dois grossos volumes do original em vários folhetos com capítulos separados do resto da obra, recebe do resenhista uma boa apreciação crítica. Nessa obra editada pela Laemmert, o autor procurou demonstrar que grande número de manifestações artísticas são sintomas de degenerescência. Após um trabalho preliminar em que expôs o que era, no entender dos médicos, a degenerescência, partiu para o exame de várias correntes que considera patológicas, dentre as quais se encontram o tolstoísmo, o culto de Wagner e o naturalismo. J. dos Santos, embora reconheça o sucesso universal da obra, ressalva que Nordeau chega por vezes a “uma parcialidade irritante”, descobrindo sintomas de moléstia onde há apenas legítimos recursos artísticos. Por outro lado, considera válida a crítica que o autor aplica aos simbolistas.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

GUIMARÃES, Arthur. *A fazenda do paraíso*. Lisboa: Cia nacional, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 ago. 1898.

Resumo: Numa linguagem predominantemente irônica, J. dos Santos analisa a obra deste autor de contos e romances sobre qual não é feita uma apreciação crítica positiva.

Gênero da obra: romance

KOCK, Paulo de. *Gustavo, o estroína*. Rio de Janeiro: Ed. Moderna, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 ago. 1898.

Resumo: J. dos Santos simplesmente alude ao livro, noticiando que o mesmo faz parte da Coleção Moderna, de Domingos Magalhães.

Gênero da obra: romance

ALMEIDA, M.A. de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 ago. 1898.

Resumo: J. dos Santos apenas noticia rapidamente a publicação de *Memórias de um Sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida.

Gênero da obra: romance

BRITO, Floriano de. *Cultuaes*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 ago. 1898.

Resumo: Trata-se de um livro de versos no qual há uma série de composições soltas que obedecem a inspirações variadas. Embora apresente como defeitos o excesso de adjetivação e a pobreza de vocabulário, tal obra é, de maneira geral, vista positivamente pelo resenhista, que não deixa de reconhecer a harmonia e a correção dos versos.

Gênero da obra: poesias

DARCY, James F. *O divórcio*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 ago. 1898.

Resumo: O livro, escrito num estilo agradável, alude, segundo J. dos Santos, a interesses “não só do casal como aos da prole”. Também são analisados os pontos de vista histórico, religioso e social sobre o assunto em questão.

Gênero da obra: monografia

CALDAS, Honorato. *O marechal de ouro*. Rio de Janeiro: Typ. Popular, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 ago. 1898.

Resumo: Tal volume, que traz comentários acerca do quadro político da época, não é apreciado positivamente por J. dos Santos. Apesar disso, o resenhista informa que todas as notícias que os jornais, de 5 de novembro aos fins do estado de sítio, publicaram nas seções da época estão recolhidas no trabalho de Caldas.

Gênero da obra: monografia sobre política

KEMPIS. *Da imitação de Cristo*. Trad. de Afonso Celso. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 ago. 1898.

Resumo: O livro, que foi traduzido por Afonso Celso, contém máximas e conselhos sobre a vida, escritos numa versão poética, não recebendo aprovação do resenhista. A crítica negativa prende-se ao fato de que, ao passar para a forma poética temas “pouco

sublimes” (que deveriam ser escritos em prosa), tais conselhos ganham um aspecto “pretensioso e ridículo”, segundo J. dos Santos.

Gênero da obra: monografia sobre religião

BRITO, Floriano de. *Cultuaes*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 set. 1898.

Resumo: Respondendo às alegações de Floriano de Brito nas quais este se pronuncia sobre a crítica de J. dos Santos a seu livro *Cultuaes* feita em 12 de agosto de 1898, em *A Notícia*, o resenhista reafirma sua posição quanto à poesia do autor. Embora o considere um belo talento, J. dos Santos não deixa de indicar senões de seu livro, tais como a repetição e a adjetivação excessiva de vocábulos.

Gênero da obra: poesia

SANTOS, Rodrigues dos. *Contribuições para o estudo das amenorréias*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 set. 1898.

Resumo: O livro, que é um estudo sobre amenorréas, agrada J. dos Santos, que não somente o elogiou, como também teceu julgamentos positivos a Santos, ao opinar: “o auctor é uma das mais illustres notabilidades do nosso corpo medico”.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

MONTÉPIN, Xavier de. *Crimes de um fidalgo*. Rio de Janeiro: Coleção moderna, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 set. 1898.

Resumo: J. dos Santos apenas informa a edição do livro pela Coleção moderna, opinando que essa vende romances “de perto de 300 páginas e dez tostões”.

Gênero da obra: romance

CORREIA, Romaguera. *Vocabulário sul-riograndense*. Pelotas: Livraria Universal, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 set. 1898.

Resumo: O volume, que reúne os vocábulos usados no Rio Grande do Sul e traz indicações de origem e de psicologia, é visto como excelente livro.

Gênero da obra: monografia

FREIRE, Laudelino. *Quadro corográfico de Sergipe*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 set. 1898.

Resumo: Segundo J. dos Santos, trata-se de um trabalho didático de valor que interessa a todos que tenham de estudar minuciosamente a corografia do Brasil.

Gênero da obra: livro didático

MORAES, Evaristo de. *Estudo de direito criminal*. Rio de Janeiro: Oficina typ. da Instituto Profissional, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 set. 1898.

Resumo: O volume é uma coleção de trabalhos forenses e decisões judiciais com razões de defesa ou de acusação passadas para a imprensa. J. dos Santos não apenas julga bom

o trabalho, como também elogia o autor, opinando: “Moraes é para mim um dos mais bellos exemplos do que póde em uma democracia moderna quem sabe, à força de talento e de estudo, abrir caminho na sociedade”.

Gênero da obra: monografia jurídica

AUSTREGÉSILO, Antonio. *Munchas*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 set. 1898.

Resumo: Trata-se de um livro de pequenos poemas em prosa, que recebe críticas negativas do colunista. Entre vários defeitos apontados por ele, está o uso de expressões complicadas que levam o poeta a aproximar termos que somente se contradizem ou que, reunidos, dão impressões bastante estranhas.

Gênero da obra: poemas em prosa

MORAES, Mello. *Quadros e crônicas*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 30 set. 1898.

Resumo: O volume é uma coleção de variados artigos, tais como: descrições de cenas e costumes, episódios históricos, biografias “pittorescas de varões celebres”, como o Castro Uraú e o príncipe Obá. Na opinião de J. dos Santos, o livro é delicioso.

Gênero da obra: monografia

Álbum de Caliban. Rio de Janeiro: Laemmert, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 30 set. 1898.

Resumo: Trata-se do sexto fascículo do *Álbum de Caliban*, sendo este último um poema em prosa, retratando uma descrição minuciosa de um corpo feminino. Para o crítico, o volume possui “beleza de um estylo delicioso”.

Gênero da obra: contos

PEIXOTO, Júlio Alberto. *Roteiro do estudante fluminense*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 out. 1898.

Resumo: O estudo abrange uma parte minuciosa sobre a corografia do Distrito Federal, além da exposição resumida da Constituição da República, da organização do governo municipal e também do poder judiciário local. Segundo o colunista, o livro é bom e pode servir para os estudantes de instrução cívica, por ser simples, claro e resumido.

Gênero da obra: monografia jurídica

GÓES, Carlos. *Crótalos*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 out. 1898.

Resumo: O livro de poemas recebe elogios de J. dos Santos. Para o resenhista, o conjunto do volume revela a inspiração de Góes, que há de “desabrochar triumphante”.

Gênero da obra: poesia

VEIGA, J. P. da. *Tratado da ciência das finanças*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 out. 1898.

Resumo: Trata-se de um volume compondo vários capítulos sobre finanças, de maneira clara, metódica, bem escrita. Para o crítico, que confessa não dominar o assunto e, no entanto, conseguiu entendê-lo facilmente, é um excelente livro didático sobre a matéria.

Gênero da obra: livro didático

Relatório da policlínica. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 out. 1898.

Resumo: Trata-se de uma publicação de Silva Araújo sobre o serviço de moléstias de pele e sífilis na policlínica. J. dos Santos informa não ser um típico relatório, com “phrases tabellicas de secretaria de irmandade”, sendo, entretanto, uma recapitulação de trabalhos científicos de 12 anos. O resenhista elogia não somente o trabalho, como também Araújo, opinando ser ele um médico de grande valor, de “grande illustração e, sobretudo, de grande senso clinico”.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

CARVALHO, Alberto. *Causas célebres brasileiras*. Rio de Janeiro: Livraria Cruz Coutinho, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 out. 1898.

Resumo: Trata-se de um trabalho jurídico para qual o autor transportou as defesas que fez em vários processos, em cada um dos quais há um resumo dos fatos argüidos, da sua marcha e conclusão. Em tom de ironia, J. dos Santos deixa transparecer sua desaprovação quanto a tal obra. Dentre outros defeitos que o livro apresenta, os trechos de “eloquência sentimental”, o “estilo bizarro” e as “pequenas frases”, são os mais apontados pelo crítico.

Gênero da obra: monografia jurídica

L, S. de. *O feiticeiro dos bichos*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 out. 1898.

Resumo: De maneira irônica, J. dos Santos faz crítica negativa ao livro: “A obra literária da semana, o seu grande sucesso é o *Feiticeiro dos bichos*. Tudo o mais vale pouco. Trata-se, é verdade, de um livro perfeitamente idiota”.

Gênero da obra: monografia

VAZ, Pedro. *Crepúsculo*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 out. 1898.

Resumo: Trata-se de um pequeno livro de contos e impressões ao qual J. dos Santos alude de maneira positiva. Na concepção do resenhista, trata-se de um livro claro, simples e bem feito, que se opõe às obras de estilo obscuro, as quais tinha ultimamente noticiado.

Gênero da obra: contos

GÓES, Eurico de. *Flor de neve*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 out. 1898.

Resumo: O livro, que narra a história de uma escocesa que veio para o Brasil deixando em sua terra o namorado pobre, é visto positivamente por J. dos Santos.

Gênero da obra: romance

DUTRA, Antero. *Miscelânea*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 out. 1898.

Resumo: O livro de prosa e poesia não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia.

Gênero da obra: prosa e poesia

MAGALHÃES, Valentim. *Os doutores*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 out. 1898.

Resumo: O livro é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que se refere ao autor como um dos homens de Letras mais talentosos do país. Segundo o resenhista, é um bom livro, sendo que, como nos trabalhos anteriores, ele aposta que Magalhães conseguirá o mesmo êxito, visto que essa comédia é “o mais seguro penhor”.

Gênero da obra: teatro

AZEVEDO, Artur. *O badejo*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 out. 1898.

Resumo: A comédia escrita em versos correntes, límpidos e de uma naturalidade absoluta é caracterizado positivamente por J. dos Santos.

Gênero da obra: teatro

CASTRO, J. de. *Rosas e lacteas*. Rio de Janeiro: Oficina de obras do Jornal do Brasil, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 out. 1898.

Resumo: Livro de poesia, apresenta, segundo o crítico, versos muito bons, com delicadeza de expressão, metrificação corrente e harmoniosa. Embora sendo um livro de estréia, J. dos Santos transpôs opiniões positivas a ele.

Gênero da obra: poesia

AZEVEDO, Magalhães de. *Procelarias*. Rio de Janeiro: Empresa Literária e Tipográfica, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 out. 1898.

Resumo: O livro, cujo autor é conhecido por numerosas publicações em prosa e versos, recebe elogios de J. dos Santos, que classifica Azevedo como um bom poeta, por conta desta obra. Ademais, o crítico classifica como bons os versos, visto que “ora meigos, ora graves”, sabem descrever e narrar. Por fim, ele ainda afirma que “a metrificação é correctissima”.

Gênero da obra: poesia

ASSIS, Machado de. *Yayá Garcia*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 nov. 1898.

Resumo: O livro é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que o classifica como “belíssimo”. Trata-se de um romance romântico que, no entanto, não traz o caráter excessivo que foi uma das notas dominantes no Romantismo. Além de simples e comovedor, a obra não apresenta sequer uma página incorreta, na visão do crítico.

Gênero da obra: romance

TAPAJÓS, Manuel. *Fronteira sul do Amazonas: questão de limites*. São Paulo: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 nov. 1898.

Resumo: O trabalho, que uma brochura de 150 páginas seguida de três mapas, aborda as relações conflituosas entre o Amazonas com o Mato Grosso e o Pará. Para J. dos

Santos, o livro é uma defesa muito hábil, a exposição histórica que Tapajós relata parece completa, além da argumentação desenrolar-se calma, porém “cerrada” e consistente. Por fim, J. dos Santos ratifica ser bem feito.

Gênero da obra: monografia sobre estados brasileiros

EDMUNDO, Luiz. *Nimbos*. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 nov. 1898.

Resumo: J. dos Santos somente informa tratar-se de um livro de poemas de estréia, com segunda edição, o que ele julga um acontecimento raro.

Gênero da obra: poesia

REIS, Julio. *Ensaçando o vôo*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 nov. 1898.

Resumo: Trata-se de um volume de prosa no qual predominam reminiscências de velhos romances sentimentais. Há uma apreciação crítica razoável da obra que, segundo o colunista, apresenta, a todo momento, expressões “de um romantismo piegas e rococó”.

Gênero da obra: romance

TEOFILO, Rodolfo. *Violação*. Rio de Janeiro: Militão Bivar, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 nov. 1898.

Resumo: Para J. dos Santos, a obra, caracterizada como “um belo conto”, é vista de maneira positiva.

Gênero da obra: novela

SALGADO, Gabriel. *Assuntos militares*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 nov. 1898.

Resumo: Trata-se de um trabalho de compilação “do que existe de melhor sobre comandos superiores, administrações centrais da guerra e estados-maiores da Alemanha, Austria, Bélgica, França, Inglaterra, Itália, Japão, Rússia, Servia, Suíça e Turquia”. Visto positivamente pelo resenhista, é indicado aos que se interessam pela organização do exército.

Gênero da obra: monografia sobre exército

DRUMMOND, Lima. *Questões de direito criminal*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 nov. 1898.

Resumo: O livro traz a reunião de oito estudos sobre a tentativa, a ação e a prescrição penal, os crimes de rapto, lenocínio e bigamia, a prisão preventiva e o erro de fato. Vista como uma das mais úteis contribuições para a elaboração do Código Penal na época em estudo no Congresso, a obra recebe de J. dos Santos uma crítica favorável.

Gênero da obra: monografia jurídica

CAMISÃO, Julio. *Musa das sogras*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 nov. 1898.

Resumo: O volume, que traz versos de pilhérias dirigidas às sogras, recebe uma crítica negativa.

Gênero da obra: poesia

DENIS, Leon. *O porquê da vida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 nov. 1898.

Resumo: Obra de propaganda espiritista recebeu uma boa apreciação crítica de J. dos Santos, que a considerou bem escrita e bem traduzida, apesar da discordância quanto a algumas questões aí abordadas.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo

DENIS, Leon. *Depois da morte*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 nov. 1898.

Resumo: Embora discorde de alguns pontos no que diz respeito ao conteúdo do livro, J. dos Santos o considera bem escrito e bem traduzido.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo

KOCK, Paulo de. *À procura de noiva*. Rio de Janeiro: Ed. Moderna, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 nov. 1898.

Resumo: J. dos Santos apenas noticia que é uma das obras da primeira série da Coleção Moderna, de Domingos Magalhães.

Gênero da obra: romance

PIMENTEL, Figueiredo. *Contos do tio Alberto*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 2 dez. 1898.

Resumo: Trata-se de um livro que traz histórias da carochinha, fábulas e pequenas narrações morais. Segundo J. dos Santos, há vários contos populares coligidos pelo amor que trazem episódios os quais prendem a atenção das crianças.

Gênero da obra: contos

NORDAU, Max. *As paródias do misticismo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 2 dez. 1898.

Resumo: O folheto de Max Nordau, publicado pela editora Garnier, que traz a análise das obras do Sâr Peladan, de Maeterlink, de Rollinat, de Walt Whitman e outros, é visto de maneira positiva por J. dos Santos.

Gênero da obra: monografia sobre misticismo

NORDAU, Max. *O culto de Ricardo Wagner*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 2 dez. 1898.

Resumo: Trata-se do quarto livro de *Degenerescência*, publicado pela Laemmert, que traz a análise, feita por Nordau, das doutrinas de Wagner e de sua biografia. A obra que, segundo J. dos Santos, deve ser lida pelos que se interessam pelos problemas de arte e especialmente pelos que se dedicam à música, recebe uma apreciação crítica favorável.

Gênero da obra: monografia científica

ARAÚJO, Elísio de. *Estudo histórico sobre a política da capital federal*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 dez. 1898.

Resumo: O trabalho traz um estudo histórico sobre o regime policial de 1808 a 1831, sendo visto positivamente por J. dos Santos, o qual o caracteriza como “interessantíssimo”.

Gênero da obra: monografia sobre história

BERTHOUD, Henry. *Contos de doutor Sam*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 dez. 1898.

Resumo: O livro publicado pela Garnier recebe uma alusão favorável do resenhista que, no entanto, aponta erros grosseiros na obra.

Gênero da obra: contos

GALVÃO, Trajano. *Sertanejas*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 dez. 1898.

Resumo: Trata-se de um pequeno volume de poesia visto de maneira positiva pelo colunista. As composições de Trajano Galvão têm acentuado cunho romântico. J. dos Santos lembra que, apesar da forma um tanto obsoleta há, no volume, boa poesia.

Gênero da obra: poesia

NABUCO, Joaquim. *Um estadista do império*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 dez. 1898.

Resumo: Trata-se do segundo volume do escritor sobre a vida de seu pai, mostrando também os acontecimentos ocorridos até a dissolução do Gabinete Olinda, em 1866. De forma bastante elogiosa, o crítico opina ser um testemunho sincero e muito valioso.

Gênero da obra: monografia sobre história

ENNES, Antonio. *A guerra d’Africa em 1893*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 dez. 1898.

Resumo: Segundo J. dos Santos, o livro, que descreve minuciosamente em forma de memórias todos os fatos da luta na África, cheia de lances patrióticos, recebe total aprovação, que o julga um belo livro.

Gênero da obra: monografia sobre história

BERGUIN. *O amigo das crianças*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 dez. 1898.

Resumo: O livro, que é um conjunto de contos, é julgado positivamente pelo colunista, que elogia a boa impressão, tanto do texto como das numerosas gravuras, além das narrativas serem excelentes. Entretanto, ele apenas aponta a má tradução portuguesa como defeito da obra.

Gênero da obra: contos

CONTENTE, Clementino. *As nossas crenças*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 30 dez. 1898.

Resumo: O volume, que é a análise do cristianismo e o exame de seus diversos fundamentos, é julgado por J. dos Santos como “sympathico”.

Gênero da obra: monografia sobre cristianismo

ALCANTARA, Pedro de. *Sonetos do exílio*. S. l.: s.n., 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 30 dez. 1898.

Resumo: Trata-se de um livro de poemas de 28 páginas, compondo 7 sonetos do ex-imperador D. Pedro II. Na concepção do crítico, o livro não é “sublime”, mas há nele “uma nota de emoção discreta”.

Gênero da obra: poesia

DUQUE, Gonzaga. *Revoluções brasileiras*. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Comércio, 1898. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 30 dez. 1898.

Resumo: O volume, que noticia todos os movimentos insurrecionais que agitaram tanto o Brasil colonial como o império, é julgado bom por J.dos Santos. Além disso, o colunista informa que a narração dos fatos é feita com “animação e vida, com energia patriótica” e relata também que a obra termina com a proclamação da república.

Gênero da obra: monografia sobre história

FONSECA, Simões da. *Dicionário enciclopédico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 jan. 1899.

Resumo: Trata-se de um trabalho publicado pela editora Garnier. O volume, de fácil manuseio, é segundo J. dos Santos uma imitação do pequeno *Larrousse* que nada lhe fica devendo em elegância e perfeição.

Gênero da obra: dicionário

ANSTETI, PH. *Galeria pitoresca de homens célebres*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 jan. 1899.

Resumo: O resenhista informou que o livro foi publicado pela editora Laemmert. Trata-se do elenco de 240 biografias concisas, mas bem feitas, ilustradas com o retrato do personagem de que trata.

Gênero da obra: biografia

PAGE, Henri. *Correspondência comercial*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 jan. 1899.

Resumo: A obra, que foi traduzida do francês por J. Pinto Monteiro, fornece excelentes modelos de cartas comerciais. De maneira geral, o livro é visto positivamente pelo resenhista.

Gênero da obra: correspondência

GUIMARÃES, Leite. *Entre flores e amores*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 jan. 1899.

Resumo: O volume traz uma série de artigos sobre os mais variados assuntos, dentre os quais, crítica literária, espiritismo, a cidade do Rio de Janeiro, etc. De modo geral, J. dos Santos faz crítica negativa à obra.

Gênero da obra: monografia

FONSECA, João Severino da. *Voyage autour du Brésil*. Rio de Janeiro: A. Lavignasse, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 jan. 1899.

Resumo: Vista pelo crítico como obra de reconhecido valor, é considerada uma importante contribuição para o estudo do Brasil, tanto no que se refere ao caráter geográfico quanto ao que alude ao histórico e etnográfico.

Gênero da obra: monografia científica

CARDOSO, Candido. *Versos*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 jan. 1899.

Resumo: Trata-se de um livro estreante de poemas não avaliado positivamente por J. dos Santos. Na concepção de J. dos Santos, as poesias de Cardoso são de uma vaga e banal religiosidade. Além disso, o resenhista opina que o poeta tem às vezes o desejo de ser um simbolista ou decadente.

Gênero da obra: poesias

REIS, Julio. *Contabile*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 jan. 1899.

Resumo: J. dos Santos apenas noticia o lançamento da obra, não tecendo maiores comentários a respeito.

Gênero da obra: monografia sobre economia

FREITAS, A. Dias. *A honra de um caixeiro*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 jan. 1899.

Resumo: J. dos Santos apenas noticia a edição da citada obra, não tecendo maiores comentários a respeito.

Gênero da obra: romance

PATROCÍNIO, José do. *Motta Coqueiro*. Rio de Janeiro: Coleção Moderna, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 jan. 1899.

Resumo: J. dos Santos apenas anuncia a edição, sem maiores comentários.

Gênero da obra: romance

KOCK, Paulo de. *Sete Bagos de uva*. Rio de Janeiro: Coleção Moderna, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 jan. 1899.

Resumo: J. dos Santos apenas faz referência à obra.

Gênero da obra: romance

KOCK, Paulo de. *Vereda das ameixas*. Rio de Janeiro: Coleção Moderna, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 jan. 1899.

Resumo: O colunista apenas faz referência rapidamente à obra

Gênero da obra: romance

ESCRICH, Perez. *Madalena*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 jan. 1899.

Resumo: O resenhista rapidamente noticia o surgimento do livro.

Gênero da obra: romance

SOUZA, Teixeira de. *Maria, a menina roubada*. Rio de Janeiro: Coleção Moderna, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 jan. 1899.

Resumo: J. dos Santos faz referência à obra de Teixeira de Souza.

Gênero da obra: monografia

PAULINO, Álvaro. *Conversas médicas*. Rio de Janeiro: Oficina do Jornal do Brasil, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 jan. 1899.

Resumo: O volume reúne artigos sobre medicina publicados nas colunas do *Jornal do Brasil*. É considerado pelo resenhista um bom livro, simples, popular e bem feito.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

VASCONCELOS, Amarílio Hermes de. *Da sugestão como meio terapêutico*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 jan. 1899.

Resumo: A tese, que aborda questões de medicina, traz como tema central a sugestão como meio de terapia. De modo geral, há uma apreciação crítica positiva do livro.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

COELHO NETO. *O romanceiro*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 fev. 1899.

Resumo: O livro abre uma coleção de curtos fragmentos a que o autor chamou *Passionárias*, e que são, na verdade, poemas em prosa.

Gênero da obra: poesia

COELHO NETO. *O Rajab do Pendjab*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 fev. 1899.

Resumo: Caracterizado por J. dos Santos como um livro movimentado e interessantíssimo, que “dará algumas horas de prazer aos que estejam fatigados das complicações sentimentais e das chatezas realistas de certos romances modernos”.

Gênero da obra: romance

ROMERO, Arthur [pseudônimo de Marques Leite]. *Lola*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 fev. 1899.

Resumo: A obra é vista com bons olhos pelo resenhista.

Gênero da obra: romance

TAUNAY, Visconde de. *No declínio*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 fev. 1899.

Resumo: Romance, que encerra a carreira de Visconde de Taunay, é classificado como “bom” pelo resenhista.

Gênero da obra: romance

PINTO, Moreira. *São Paulo em 1899*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 fev. 1899.

Resumo: Trata-se de um compendio de corografia do estado de São Paulo, visto com elogios por J. dos Santos. O resenhista também informa que o volume começa por umas noções gerais de geografia e depois entra na exposição do assunto principal (corografia do estado) de forma bem completa e minuciosa.

Gênero da obra: monografia sobre geografia

VIEIRA, Veríssimo. *Gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 fev. 1899.

Resumo: Além de mencionar que o volume foi publicado pela editora Laemmert, J. dos Santos informou ser um livro prático e bem organizado.

Gênero da obra: livro didático

TAPAJÓZ, Estellita. *Ensaio de filosofia e ciência*. São Paulo: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 fev. 1899.

Resumo: Trata-se de uma coleção de estudos sobre certos assuntos, dentre os quais, a condição social da mulher sob o ponto de vista intelectual e moral, o crime e os tipos criminosos, etc. Ressalvado o estilo do autor, carregado de termos técnicos, há uma boa apreciação crítica da obra, que segundo J. dos Santos, “provoca novas idéias, faz pensar”.

Gênero da obra: monografia científica

FERRO, Adersón. *Minhas viagens*. Rio de Janeiro: Typ. Moderna de L. C. Cholewiecki, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 fev. 1899.

Resumo: Não há alusões positivas a tal livro.

Gênero da obra: relatos de viagem

MAGALHÃES, Valentim. *Alma*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 fev. 1899.

Resumo: A obra, cujo subtítulo é *Páginas Íntimas*, traz “devaneios sobre o amor conjugal e a educação dos filhos”, narrados com “um tom singelíssimo e em parte como memórias pessoais”. De maneira geral, o livro é visto pelo resenhista como excelente, havendo poucas ressalvas. Dentre os capítulos mais apreciados, J. dos Santos destaca “Um casamento feliz”, “Biografia de um anjo”, “Festa de Sinhá”, “Primeiro Dente”, “Fim” e “Noites Eternas”.

Gênero da obra: contos

REGO, Fábio Hostilio de Moraes. *A trigonometria retilínea*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 mar. 1899.

Resumo: O resenhista exime-se da obrigação de criticar este livro, já que, além de não ter para tanto a devida competência, tal obra didática já era bem aceita pelo magistério da época.

Gênero da obra: livro didático

DUBOIS, Edmond. *Trigonometria esférica*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 mar. 1899.

Resumo: Da mesma forma como ocorre com *A trigonometria retilínea*, de Fábio Hostilio de Moraes Rego, J. dos Santos não faz nenhum juízo de valor deste livro, que já era aprovado pelos professores da época.

Gênero da obra: livro didático

MAGALHÃES, Almeida de; PEREIRA, Miguel. *Questão científica a propósito da anemia tropical*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 mar. 1899.

Resumo: Sobre este folheto, não é emitido nenhum parecer.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

FERNANDES, Alvaro. *Loucura moral*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 mar. 1899.

Resumo: Ao grosso volume, que parece ser um estudo detido da questão, J. dos Santos reserva uma outra crônica, mais detalhada.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

VIA LÁCTEA, MERIDIONAL. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 mar. 1899.

Resumo: Designadas pelos próprios autores como revistas “de novos”, atacam vários escritores que os antecedem. Uma das críticas negativas feitas por J. dos Santos reside no fato de que seus autores não definem o que entendem por arte e por belo. De modo geral, não há uma apreciação positiva das publicações.

Gênero da obra: revistas

FERNANDES, Álvaro. *Loucura moral*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 mar. 1899.

Resumo: Caracterizado como um estudo sério sobre a loucura moral, é visto de maneira positiva por J. dos Santos. Considerando o problema como um tipo clínico à parte, o autor apresenta argumentos de valor acompanhados de observações próprias sobre o assunto, discutindo-o com eloquência e erudição.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

FONSECA, Alvarenga. *Coisas municipais*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 mar. 1899.

Resumo: J. dos Santos faz uma apreciação crítica favorável ao livro, opinando ser despretensioso e leve. Além disso, ele afirma que o volume traz uma série de artigos sobre diversas questões políticas e administrativas da municipalidade, sendo que o interesse é “palpitante”.

Gênero da obra: monografia sobre política

RODRIGUES, Nina. *Épidémie de folie religieuse au Brésil*. Paris: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 mar. 1899.

Resumo: Trata-se de um folheto em francês, extraído dos *Annales Médico-Psychologiques*, que reproduz o que o autor escreveu para a *Revista Brasileira* sob o título “*A Loucura Epidêmica de Canudos*”. O livro, que traz a análise do estado mental das populações sertanejas do Brasil, busca mostrar como o fetichismo destes povos concorreu para o sucesso de Antônio Conselheiro. Há uma apreciação crítica positiva da obra.

Gênero da obra: monografia científica

AZEVEDO, Artur. *Contos efêmeros*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 mar. 1899.

Resumo: Trata-se da publicação da segunda edição da obra.

Gênero de obra: contos

Revista brasileira. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 mar. 1899.

Resumo: Na concepção do crítico, a revista continua a ser a única publicação literária bastante “eclectica” para satisfazer todos os paladares dos que têm bom gosto.

Gênero da obra: revista

MONTEIRO, Ortiz. *Corografia do estado de São Paulo*. Rio de Janeiro: Typ. do “Diário de Taubaté”, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 mar. 1899.

Resumo: Trata-se de um livro didático direcionado à instituição primária; não é visto de maneira positiva pelo resenhista, já que em alguns pontos é excessivo e, em outros, falho.

Gênero da obra: livro didático

ROSA, Ferreira da. *Excursões escolares*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 mar. 1899.

Resumo: Na concepção do resenhista, é um livro aceitável e recomendável, visto que, através de narrativas apropriadas, proporciona o conhecimento da origem e do histórico de certo número de praças, ruas e monumentos da cidade do Rio de Janeiro.

Gênero da obra: livro didático

SOUZA JUNIOR, Cláudio de. *Pela mulher!*. Rio de Janeiro: Typ. Brasil de Carlos Gerke, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 mar. 1899.

Resumo: Opúsculo escrito em prol do divórcio seria, segundo J. dos Santos, a mais valiosa publicação até aquele momento sobre o assunto.

Gênero da obra: monografia jurídica

RODRIGUES, Barbosa. *Palmae Novae Paraguayensis*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 mar. 1899.

Resumo: O livro, que completa dois trabalhos do cientista sobre a classificação das palmeiras, recebe uma menção positiva.

Gênero da obra: monografia sobre botânica

SOUZA, Cruz e. *Evocações*. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 abr. 1899.

Resumo: J. dos Santos classificando Cruz e Sousa como um artista “imperfeito”, refere-se da seguinte forma a seu estilo: “os seus períodos são longos, intermináveis, cortados de incidentes, cheios de repetições infinitas”. Outros aspectos negativos seriam a “incapacidade de síntese, de sobriedade e, portanto, de propriedade de expressão”. Por outro lado, o resenhista não deixa de elogiar a harmonia predominante em suas obras: “... as palavras vêm na sua prosa, não pelo que elas queiram dizer, mas sobretudo pelo que elas soam [...] A sua prosa, mesmo nos trechos de mais absoluto vazio de idéias, têm um ritmo sonoro, forte, bem cadenciado”.

Gênero da obra: romance

VICTOR, Nestor. *Cruz e Souza*. Rio de Janeiro: Typ. do Instituto Profissional, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 abr. 1899.

Resumo: A monografia é recomendada aos admiradores do poeta simbolista, já que foi feita por um dos mais íntimos amigos do autor de *Broquéis*.

Gênero da obra: biografia

OSÓRIO, Ana de Castro. *Para as crianças*. São Paulo: Livraria Paulista, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 abr. 1899.

Resumo: Dedicado ao público infantil, o volume traz contos e adivinhações que encantaram os pequenos leitores. Há uma apreciação crítica favorável à obra.

Gênero da obra: contos

LUDORO. *Lenita*. Rio de Janeiro: Cupido, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 abr. 1899.

Resumo: Quanto ao livro, cujo subtítulo é “cenas pecaminosas do Rio de Janeiro”, lançado pela Editora Cupido, J. dos Santos não emite opinião.

Gênero da obra: romance

BARBOSA, Antônio da Cunha. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: Impr. Nacional, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 abr. 1899.

Resumo: O livro, que traz uma memória apresentada ao Instituto histórico sobre a arte colonial brasileira, é, segundo J. dos Santos, um trabalho “consciencioso e sério”.

Gênero da obra: monografia sobre história

MAGALHÃES, Domingos de. *Coleção moderna, coleção brasileira e coleção rubra*. Rio de Janeiro: Coleção Moderna, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 maio 1899.

Resumo: São os últimos volumes da segunda série da *Coleção moderna*, que, na concepção de J. dos Santos, “é um assombro de barateza”, pois ela precisa agradar o público leitor.

Gênero da obra: antologia

LEOPOLDO, Padre Duarte. *Pela família*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 maio 1899.

Resumo: O livro, que é um opúsculo do padre Duarte Leopoldo, aborda o casamento e a constituição da família. Segundo o crítico, ele é claro, bem escrito, e o autor possui um estilo simples e correto.

Gênero da obra: monografia sobre relações humanas

O tradutor francês. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 maio 1899.

Resumo: Trata-se de uma pequena seleta cujos trechos foram escolhidos de modo a serem todos de uma leitura fácil e agradável. Na opinião de J. dos Santos, ela é muito bem feita, elegante e cômoda para manusear-se. Todavia, ele apontou como defeito o fato de ter no final do volume um dicionário de todas as palavras empregadas, mas este não foi organizado com muito cuidado.

Gênero de obra: livro didático

MAIA, Z. M. *Gramática da língua portuguesa*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 maio 1899.

Resumo: O livro, que é um estudo de gramática normativa, é visto positivamente por J. dos Santos, que opina ter ele todos os méritos de uma boa obra didática. No entanto, o colunista deixa claro sua antipatia por obras que abordam esse tipo de assunto, pois julga uma “collecção de regras e designações estranhas e complicadas”.

Gênero da obra: livro didático

GUIMARAENS, Alphonsus de. *Septenário das dores de Nossa Senhora*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 maio. 1899.

Resumo: O livro apresenta, segundo o colunista, versos excelentes de cunho religioso.

Gênero da obra: poesia

FREYTAG, Gustavo. *Deve e haver*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 maio. 1899.

Resumo: O livro célebre de Freytag, traduzido em muitas línguas, é publicado no Brasil pela editora Laemmert. J. dos Santos apenas noticia que o volume tem tido centenas de edições e está traduzido em quase todas as línguas.

Gênero da obra: romance

BILAC, Olavo; BONFIM, M. *Livro de composição portuguesa*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 maio. 1899.

Resumo: O volume para o ensino de Língua Portuguesa, embora seja destinado ao curso complementar das escolas primárias, é perfeitamente aplicável às classes secundárias e à escola normal.

Gênero da obra: livro didático

O estado de Amazonas. Genova: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 maio 1899.

Resumo: Trata-se de uma publicação em português e italiano, editada em Genova. Entre algumas informações relevantes citadas por J. dos Santos, está o fato de quase todos os pontos mais notáveis de Manaus estarem reproduzidos em excelentes fotografias, além do texto conter uma notícia resumida, mas bem feita sobre a geografia física e política do grande estado do Norte.

Gênero da obra: monografia sobre geografia

ALBUQUERQUE, Solfieri de. *Criminados*. Rio de Janeiro: Typ. de F. de Queiroz, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 maio. 1899.

Resumo: O livro, que reúne um grande número de contos, quase todos sobre o mesmo assunto, é segundo o colunista, “de uma leitura agradável”. J. dos Santos observa que, embora falte ainda uma certa segurança ao estilo de Albuquerque, há no livro, páginas de grande talento.

Gênero da obra: contos

PAGGI, Oswaldo. *Manual da Pia União*. Rio de Janeiro: Casa Sucena, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 maio. 1899.

Resumo: Segundo J. dos Santos, o livro é “elegante”, no qual há orações, quer para a missa, quer para outras cerimônias religiosas.

Gênero da obra: manual

LEMOs, Miguel. *A liberdade espiritual*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 maio. 1899.

Resumo: J. dos Santos apenas noticia a publicação do livro.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo

LEMOs, Miguel. *O exercício da medicina*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 maio. 1899.

Resumo: J. dos Santos apenas noticia a edição da obra.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

SENEUIL, Courcelle; DUNOYER, Carlos. *A liberdade profissional e os privilégios escolares*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 maio. 1899.

Resumo: Trata-se de um volume no qual seus autores defendem a idéia dos positivistas acerca da “abolição dos diplomas”.

Gênero da obra: monografia científica

REVISTA de jurisprudência. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 maio. 1899.

Resumo: Tal vista é um repositório completo de tudo quanto pode interessar aos que se ocupam das questões de Direito. Além das questões de Doutrina, a revista publica a jurisprudência dos Tribunais tanto Federais quanto dos Estados, acompanhando-os de notas preciosas sobre o assunto.

Gênero da obra: periódico

VERÍSSIMO, José. *Cenas da vida amazônica*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 maio. 1899.

Resumo: A Nova Edição publicada pela Laemmert não mais apresenta um estudo sobre as populações indígenas e mestiças da Amazônia, como ocorria na primeira. Permanece desta vez, a parte propriamente literária cuja narração é profundamente impregnada de forte cor local. Observando que José Veríssimo não é um “descrevedor prolixo”, J. dos Santos enfatiza que a descrição de seus contos serve apenas para marcar o lugar da ação, o que a torna natural. Há assim uma apreciação crítica positiva de *Cenas da vida amazônica* que é considerado, sobretudo, um belo livro.

Gênero da obra: contos

COELHO NETO. *A conquista*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 maio. 1899.

Resumo: O livro, que tem como subtítulo “Episódios da Vida Literária”, traz cenas da vida da Boemia Literária escritas com muito bom humor, de maneira jovial.

Gênero da obra: romance

CASTRICIANO, Henrique. *Ruínas*. Fortaleza: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 maio. 1899.

Resumo: O volume de poesias que, embora apresente incertezas típicas de quem inicia, como erros de metrificação, possui, segundo J. dos Santos, composições de muito valor.

Gênero da obra: poesia

MONCORVO FILHO. *Movimento de pediatria em 1898*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 maio. 1899.

Resumo: Trata-se de publicação em folheto de um apanhado sobre o movimento da pediatria ocorrido no ano de 1898. De maneira geral, o autor procurou resumir o que de notável se fez sobre moléstias de crianças no decorrer do referido ano.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

VIERA, J. J. R. *Propaganda da transformação de nossas escolas públicas*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 maio. 1899.

Resumo: O folheto com propostas de mudanças pedagógicas não é visto positivamente pelo resenhista.

Gênero da obra: monografia sobre educação

COELHO, Carlos. *Psicoses*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jun. 1899.

Resumo: O livro de poesias recebe total aprovação de J. dos Santos, que opina possuir bons versos, além do fato dos poemas serem originais.

Gênero da obra: poesia

GRANIER, P. *A geração universal*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jun. 1899.

Resumo: Trata-se de um livro de “vulgarização physiologica”. Segundo J. dos Santos, o trabalho é simples, bem feito e com uma linguagem acessível a todos.

Gênero da obra: monografia sobre psicologia

PAIXÃO CEARENSE, Catullo da. *Modinhas brasileiras*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jun. 1899.

Resumo: O volume é uma grande coleção de poesias líricas brasileiras, revistas e melhoradas por Cearense. Para o colunista, a coleção é “riquíssima”.

Gênero da obra: poesia

CASSIANO. *O cantor de modinhas brasileiras*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jun. 1899.

Resumo: O livro de poesias não recebe aprovação de J. dos Santos que, por meio de ironia, diz que Cassiano deseja apenas ser lido pelo “Zé Povinho. Que o Zé- Povinho o compre!”.

Gênero da obra: poesia

FONSECA, Pausilippo da. *Mártir*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 jun. 1899.

Resumo: O volume, que conta a história de uma virgem cristã que vivia no tempo de Nero e foi condenada à morte, recebe elogios do resenhista que afirma ser este ensaio um dos mais prometedores que na época têm aparecido.

Gênero da obra: ensaio

BRITO, Farias. *Finalidades do mundo*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 jun. 1899.

Resumo: Trata-se da segunda parte de uma obra mais vasta, cujo plano é traçado nas linhas do prefácio. A primeira aborda o que é filosofia; a segunda aborda o que fez o pensamento humano pela filosofia na época que em geral se supõe ter sido a mais fecunda em civilização e cultura, ou seja, durante o curso da história moderna. J. dos Santos apenas informou a obra, mostrando-se imparcial.

Gênero da obra: monografia sobre filosofia

RIBAS, Anselmo. *Por montes e vales*. Rio de Janeiro: Coleção Moderna, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 jun. 1899.

Resumo: O trabalho são impressões de viagem feita de Ouro Preto e Vassouras. Na concepção do colunista, o livro é escrito “simplesmente, singelamente”.

Gênero da obra: relatos de viagem

REGO, Edmundo. *Dracenas*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 jun. 1899.

Resumo: Trata-se de um pequeno livro de versos. Para J. dos Santos, os poemas são graciosos, sendo que também o poeta tem “formosas aspirações literárias”.

Gênero da obra: poesia

BENÍCIO, Manuel. *O rei dos jagunços*. Rio de Janeiro: Typ. do “Jornal do Comércio” de Rodrigues & C., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 jun. 1899.

Resumo: O volume aborda o episódio de Canudos, não como um caso político, mas com interesses etnográficos e psicológicos. O crítico tece comentários positivos à obra, dizendo ser curioso e “interessantíssimo”.

Gênero da obra: monografia sobre história

LOBO, Arthur. *Rosaes*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 jul. 1899.

Resumo: O livro narra o dia a dia de 3 personagens: Mario, Carlos e Flora. Apesar de J. dos Santos opinar que *Rosaes* merece ser lido, ele não deixa de registrar que Lobo possui certos vícios de estilo que dificultam a compreensão da narrativa. Todavia, o colunista não nega que o escritor tem “o dom preciso de emoção”.

Gênero da obra: romance

LOPES, B. *Sinhá Flôr*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 jun. 1899.

Resumo: Trata-se de um livro de 50 páginas com cerca de 30 sonetos, elogiado por J. dos Santos que opina ser dos melhores que Lopes escreveu. Por fim, o crítico ainda registrou que Lopes é um bom poeta, “um rimador emerito”, além do volume ser um “mimo typographico”.

Gênero da obra: poesia

LOPES, Julia. *Memórias de Marta*. Rio de Janeiro: Casa Durski, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 jul. 1899.

Resumo: O livro ao qual a autora não atribui a classificação de “romance”, mas apenas “narrativa”, traz a história de uma menina cujas recordações começam quando vivia numa estalagem em companhia da mãe. Além desta história simples e comovedora, o volume traz ainda três contos que, no entanto, não são vistos de maneira positiva por J. dos Santos.

Gênero da obra: romance

BELLET, Daniel. *As maravilhas da ciência*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 jul. 1899.

Resumo: Trata-se de um livro editado pela casa Garnier, que expõe idéias de invenções científicas relativas à eletricidade, à luz elétrica, aos caminhos de ferro elétricos, aos

raios X, ao telefone, ao fonógrafo, à fotografia instantânea e à cinematografia. Na concepção de J. dos Santos, é um “magnífico livro”, podendo ser lido por qualquer pessoa, “sendo que todos acharão, de certo, na sua leitura um grande encanto”.

Gênero da obra: monografia científica

SAMPAIO, Azevedo. *Os portugueses no Brasil*. Lisboa: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 jul. 1899.

Resumo: O pequeno folheto de 96 páginas não recebe elogios de J. dos Santos, que opina ironicamente ser um trabalho complicado e incoerente.

Gênero da obra: monografia

MENDONÇA, Carvalho de. *O poder judiciário no Brasil*. Curitiba: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 jul. 1899.

Resumo: Trata-se de uma obra de exposição e crítica contra o poder judiciário vigente na época. Segundo J. dos Santos, é um trabalho longo e minucioso, mas que “impõe-se à atenção dos competentes”.

Gênero da obra: monografia jurídica

ASSIS, Machado de. *Contos fluminenses*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 jul. 1899.

Resumo: Trata-se de uma reedição publicada pela casa Garnier que, apesar do resenhista afirmar que o livro não tem “a maestria de estilo das *Memórias de Braz Cubas* ou do *Quincas Borba*”, ele julga ser um bom trabalho. Em seguida, ele informa que todos os contos da obra são essencialmente românticos, sobretudo “Frei Simão”, um dos mais típicos do gênero.

Gênero da obra: contos

AMARAL, Amadeu. *Urzes*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 jul. 1899.

Resumo: O livro de poemas é mencionado de maneira elogiosa pelo resenhista, que afirma: “não é uma simples promessa: é já uma afirmação de alto valor”.

Gênero da obra: poesias

AZEVEDO, Corrêa de. *Rimas sem arte*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 jul. 1899.

Resumo: Trata-se na visão de J. dos Santos de uma bonita coleção de versos, em que o autor demonstra uma extraordinária espontaneidade. Quase todo composto por sonetos, o resenhista lembra que o autor poderia ganhar se saísse um pouco desta forma fixa “A estas horas, por toda a parte, na França, na Itália, em Portugal, a tendência das poesias é para se libertar das formas muito apertadas, das exigências demasiadas da metrificação”.

Gênero da obra: poesia

AZEVEDO, Aluisio. *Lágrimas de mulher*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 ago. 1899.

Resumo: Ao contrário do estilo e da concepção que vigoram em *Casa de Pensão*, *O Mulato* e *O Cortiço*, o livro é considerado um romance romântico.

Gênero da obra: romance

CASTRO, Augusto Olympio Viveiros de. *Contrabando*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 ago. 1899.

Resumo: Trata-se de um livro completo sobre o assunto, no qual o autor elenca as principais causas da introdução e desenvolvimento do contrabando no Brasil, além de examinar as diversas penalidades aplicadas a ele.

Gênero da obra: monografia jurídica

ESCRICH, Peres. *As culpas dos pais*. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 ago. 1899.

Resumo: J. dos Santos apenas noticia o livro, informando que esse pertence à Coleção Moderna, do editor Domingos de Magalhães.

Gênero da obra: romance

KOCK, Paulo de. *As meninas da água furtada*. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 ago. 1899.

Resumo: O resenhista apenas noticia a edição do livro, informando ser da Coleção Moderna de Domingos de Magalhães.

Gênero da obra: romance

ROBERT, Clemence. *O poeta da rainha*. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 ago. 1899.

Resumo: J. dos Santos apenas noticia a inclusão do livro de Robert na Coleção Moderna.

Gênero da obra: indefinido

WARIU, R. *Romeu e Julieta*. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 ago. 1899.

Resumo: J. dos Santos apenas noticia a edição do livro, editado pela Coleção Moderna de Domingos de Magalhães.

Gênero da obra: romance

CARVALHO, Marques de. *Carteira de um diplomata*. Belém: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 ago. 1899.

Resumo: A obra de Carvalho que por anos serviu na diplomacia do Brasil, recebe de J. dos Santos, uma crítica negativa. O resenhista não vê com bons olhos a atitude de Marques de Carvalho, que escreveu tal livro para defender-se de acusações e vingar-se de seus autores.

Gênero da obra: monografia

NORDAU, Max. *O egotismo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 ago. 1899.

Resumo: Trata-se de um fascículo publicado pela Laemmert, que faz parte da grande obra intitulada *Degenerescência*. O volume engloba na classificação de egotistas os “Parnasianos e diabólicos, os estetas, os ibsenistas e os que seguem a filosofia de Nietzsche”. A obra é recomendada aos que se interessam pelas produções literárias em geral.

Gênero da obra: crítica literária

GOMES, Oliveira. *Terra dolorosa*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 ago. 1899.

Resumo: Embora escrita na forma de poemas em prosa, gênero que não agrada a J. dos Santos, a obra é vista de maneira positiva pelo resenhista. Há elogios ao estilo do autor, que cria belíssimas imagens nos seus escritos: “Há no autor d’esse livro um estylista de vigor. Tem originalidade; é claro; é eloqüente; sabe traduzir bem os sentimentos a cuja pintura se dedica”.

Gênero da obra: poemas em prosa

WILDE, Oscar. *A balada do enforcado*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 ago. 1899.

Resumo: A obra é caracterizada por J. dos Santos como “um bom trecho de poesia”, traduzido da versão em inglês por Elysio de Carvalho.

Gênero da obra: poesia

FIGUEIREDO, Aurélio de. *O missionário*. Rio de Janeiro: F. A. Brockhaus, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 ago. 1899.

Resumo: Romance de ação que narra cenas de fanatismo religioso ocorridas no norte do Brasil, *O Missionário* recebe uma apreciação crítica positiva. Embora haja pequenos senões de composição, o romance em seu conjunto é visto como bom: “Tem vida, tem acção desde as primeiras páginas até o desfecho trágico em que vem a acabar, prende fortemente a atenção do leitor”.

Gênero da obra: romance

DARDIGNAC, Fernand. *O desenho na escola*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 ago. 1899.

Resumo: Trata-se de uma coleção de 12 cadernos de modelos, mais ou menos adaptados aos cursos elementar, médio e complementar das escolas primárias. J. dos Santos informa que o ensino do desenho tem, basicamente, por fim desenvolver na criança a perspicácia de observação na natureza.

Gênero da obra: livro didático

SOUZA, Alberto. *Brasil-Paraguai*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 ago. 1899.

Resumo: Trata-se da restituição dos troféus ao Paraguai, restituição que Souza advoga com segurança, abordando quase todos os argumentos que se tem levado contra ela. O resenhista mostra-se imparcial ao resenhar esse trabalho

Gênero da obra: monografia jurídica

CAVALCANTI, R. *Primogênias*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 ago. 1899.

Resumo: O livro de poesias não recebe elogios do colunista, que julga ao poeta um pouco mais de conhecimento da língua e uma certa madureza de pensamento. Todavia, ele não se esqueceu de elogiar afirmando que Cavalcanti tem um “exato sentimento de harmonia” nos seus versos.

Gênero da obra: poesia

BEVILLAQUA, Clovis. *Épocas e individualidades*. 2 ed. Salvador: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 set. 1899.

Resumo: O volume é um coleção de estudos literários, cujo autor tenta explicar, por exemplo, como o Romantismo chegou muito naturalmente ao “indianismo” de Magalhães, Gonçalves Dias e, sobretudo, Alencar. De forma elogiosa, J. dos Santos opina ser Bevillaqua um dos nossos mais “profundos pensadores”.

Gênero da obra: crítica literária

BIANCHI, Leonardo. *Lições sobre fisiopatologia da linguagem*. Trad de Vicente de Souza. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 set. 1899.

Resumo: J. dos Santos informa que Souza verteu para o português as lições efetuadas pelo professor italiano Bianchi. Para o crítico, o tradutor conhece muito bem a língua portuguesa e, desse modo, maneja-a com perfeição e bastante elegância.

Gênero da obra: monografia sobre linguagem

LACERDA, Joaquim Maria de. *Pequena história do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 set. 1899.

Resumo: J. dos Santos rapidamente tece críticas nada positivas ao volume, opinando parecer completa demais para um material específico para crianças.

Gênero da obra: livro didático

ASSIS, Machado. *Páginas recolhidas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 set. 1899.

Resumo: Publicado pela Garnier, o volume é uma coleção de contos, novelas e crônicas na qual se permite perceber as várias faces do talento de Machado de Assis. Dentre os contos, J. dos Santos destaca alguns como excelentes: “Um erradio”, “Eterno!”, “Lágrimas de Xerxes” e “Idéias de cenário”. Por fim, J. dos Santos faz apreciação crítica positiva de tal obra recomendando sua leitura.

Gênero da obra: contos, novelas e crônicas

DUFAUX, Ermande. *O trato do mundo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 set. 1899.

Resumo: Trata-se de um compêndio de civilidade editado pela Garnier. De modo geral, há uma apreciação crítica razoável do livro, que não se preocupa com a origem dos hábitos sociais, mas com o que estava em voga na época em questão.

Gênero da obra: compêndio

GUIMARÃES, Bernardo. *Poesias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 set. 1899.

Resumo: Reeditado pela Garnier, o livro é visto positivamente por J. dos Santos.

Gênero da obra: poesias

TOSTA, Ignácio. *Discurso*. São Paulo: Livraria Paulista, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 set. 1899.

Resumo: Obra na qual o deputado Ignácio Tosta publica os discursos proferidos na Câmara sobre a questão do divórcio. Trata-se, segundo o resenhista, de discursos eloqüentes, bem feitos, que revelam estudo e ilustração.

Gênero da obra: discursos

FREITAS, J. H. de. *Cantos*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 set. 1899.

Resumo: J. dos Santos apenas noticia a publicação do livro de estréia de J. H. de Freitas intitulado *Cantos*. No que diz respeito aos versos, o resenhista os caracteriza como fluentes e sonoros.

Gênero da obra: poesia

KEMP, Emílio. *Matinal*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 set. 1899.

Resumo: O colunista declara-se incapaz de julgar tal peça de teatro pela sua simples leitura.

Gênero da obra: teatro

CASTRICIANO, Henrique. *Mãe*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 set. 1899.

Resumo: Do mesmo autor de *Ruínas*, *Mãe* não traz as mesmas características da outra obra, cujos versos eram vibrantes. Ao contrário de *Ruínas*, o novo livro apresenta, segundo J. dos Santos, comparações impróprias ou obscuras, além de uma subversão da ordem natural das coisas que tira a simplicidade dos versos.

Gênero da obra: poesia

LABIENO. *Sílvio Romero*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 set. 1899.

Resumo: No volume, o autor analisa principalmente duas obras de Romero, uma sobre Machado de Assis e outra sobre a *Philosophia do direito*. J. dos Santos argumenta que o primeiro, ou seja, o de Romero, é um “livro infeliz, errado na concepção, errado na execução”.

Gênero da obra: crítica literária

MARQUES, Xavier. *Jana e Joel*. Salvador: Typ. Bahiana de C. Melchiades, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 out. 1899.

Resumo: Trata-se de um romance “simples”, “bem escrito” e de “entrecho naturalíssimo”. Há uma crítica positiva da obra que, “a despeito de sua singeleza, sabe ser perfeitamente fluente, vestindo a idéia com a máxima propriedade”.

Gênero da obra: romance

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 out. 1899.

Resumo: Trata-se, segundo J. dos Santos, de um livro (volume 4) considerável e digno dos maiores elogios.

Gênero da obra: bibliografia

ANGELI, Arturo. *Manual de conversação Italiano-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 out. 1899.

Resumo: Destinado a imigrantes italianos, fazendeiros e estudiosos, cumpre, segundo o resenhista, perfeitamente a sua função.

Gênero da obra: manual

NABUCO, Joaquim. *Um estadista do império*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. v.3. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 out. 1899.

Resumo: O terceiro volume de *Um Estadista do Império*, que completa a biografia do senador Nabuco de Araújo, abrange o período de 1886 a 1878. O interesse da obra, segundo J. dos Santos, não está apenas na biografia. Ela constitui uma verdadeira história política da monarquia. Há uma apreciação crítica positiva da obra que, na visão de J. dos Santos, ficará como o maior monumento da história política do Brasil durante o império.

Gênero da obra: biografia

SABINO, Ignez. *Mulheres ilustres do Brasil*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 out. 1899.

Resumo: Não há uma apreciação crítica positiva, principalmente do ponto de vista do estilo da obra. No entanto o livro servirá para o conhecimento das mulheres ilustres do Brasil, pelas informações importantes que contém, difíceis de serem analisadas.

Gênero da obra: monografia

D'AGUIAR, Garcia. *A Chimera divina*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 out. 1899.

Resumo: Trata-se de um poema filosófico no qual o autor busca colocar em versos pensamentos de certa elevação. Livro de estréia, *A Quimera Divina* apresenta, segundo J. dos Santos, uma proporção de versos certos e versos errados. Nota ainda que falta ao autor uma cultura filosófica mais séria, além de uma ciência menos imperfeita de metrificação.

Gênero da obra: poesia

VASCONCELLOS, Bernardo Pereira de. *Carta aos senhores eleitores da província de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: F. Rodrigues de Paiva, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 out. 1899.

Resumo: Trata-se de um documento histórico escrito por um autor que teve papel político proeminente nos primeiros tempos da constituição da nacionalidade brasileira.

Gênero da obra: monografia sobre política

LAPPARENT. *Resumo de geologia*. Trad de Ramiz Galvão. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 out. 1899.

Resumo: A obra de Lapparent traduzida por Ramiz Galvão é, na concepção de J. dos Santos, um “livro conciso e excelente”. Editado pela Garnier e com apêndice de Orville Derby, é considerado pelo resenhista como o melhor livro didático do ano de 1899.

Gênero da obra: livro didático

TAUNAY, Visconde de. *Inocência (quarta edição)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 out. 1899.

Resumo: J. dos Santos noticia a quarta edição de *Inocência*, romance brasileiro mais traduzido da época. Em tal ocasião, o livro considerado pelo colunista como “realmente bom” é editado pela Laemmert.

Gênero da obra: romance

REGO, Edmundo. *Canto novo*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 out. 1899.

Resumo: *Canto Novo* de Edmundo Rego, embora apresente poesias que já figuravam em *Dracenas*, possui o mérito de ser claro e ter versos harmoniosos e fluentes.

Gênero da obra: poesias

PEDERNEIRAS, Raul. *Com licença....* S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 out. 1899.

Resumo: O livro, que reúne versos do gênero humorístico, é visto de maneira positiva pelo resenhista já que se mostram “realmente engraçados”.

Gênero da obra: poesias

BILAC, Olavo; BONFIM, Manoel. *O Livro de leitura*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 out. 1899.

Resumo: O volume composto por trechos de autores contemporâneos é caracterizado como “um bom trabalho”, organizado por Olavo Bilac e Manoel Bonfim e direcionado a escolas primárias. Além de trechos em prosa como narrações, enumerações e descrições, o livro apresenta também um certo número de poesias.

Gênero da obra: livro didático

LAPPARENT. *Compêndio de mineralogia*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 out. 1899.

Resumo: J. dos Santos noticia a publicação pela Garnier do livro do Geólogo Francês Lapparent, traduzido por Ramiz Galvão.

Gênero da obra: compêndio

BEVILAQUA, Clóvis. *Esboços e fragmentos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 nov. 1899.

Resumo: *Esboços e fragmentos* traz uma reunião de artigos predominantemente científicos e filosóficos nos quais, com segurança de linguagem e doutrina, o autor expõe o monismo evolucionista. O livro, uma belíssima edição da Laemmert, é precedido por um longo e excelente prefácio de Araripe Junior.

Gênero da obra: monografia científica

FREIRE, Felisberto. *As constituições dos estados e a constituição federal*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 nov. 1899.

Resumo: O volume, de maneira muito clara, traz uma comparação entre a Lei Suprema da República e a de cada um dos Estados. O livro é visto de maneira positiva por J. dos Santos.

Gênero da obra: monografia jurídica

MARQUES, João. *Um recurso extraordinário*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 nov. 1899.

Resumo: O livro é um trabalho que, traz considerações sobre a interpretação que se é dada ao termo chamado “recurso extraordinário”. J. dos Santos alude de maneira positiva ao livro.

Gênero da obra: monografia científica

VERÍSSIMO, José. *Pará e Amazonas: questão de limites*. Rio de Janeiro: Companhia typographica do Brasil, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 nov. 1899.

Resumo: Na obra, que trata da questão de limites entre o Pará e o Amazonas, José Veríssimo, como comissionário do Pará, expõe lucidamente o ponto em litígio, indicando as razões de direito que assistem ao seu comitente, enumerando e resumindo os documentos que comprovam sua afirmação. De maneira geral, há uma apreciação positiva da obra.

Gênero da obra: monografia sobre estados brasileiros

PISTARINI, Luiz. *Bandolim*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 nov. 1899.

Resumo: Livro de estreia do poeta, que o redigiu dos 15 aos 18 anos, é considerado por J. dos Santos “um bom livro” em seu conjunto, apesar de falhas com o vocabulário impróprio e trocadilhos.

Gênero da obra: poesias

PACHECO, Felix. *O publicista da regência*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 nov. 1899.

Resumo: Trata-se de uma monografia histórica considerada por J. dos Santos “um belo trabalho”, além de revelar com bons detalhes figuras importantes da História do Brasil, como Ruy Barbosa.

Gênero da obra: monografia sobre história

MONIN, E. *A higiene do estômago*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 nov. 1899.

Resumo: O trabalho, que traz conselhos de higiene, é, segundo J. dos Santos, uma obra de “vulgarização leve e espirituosa”.

Gênero da obra: monografia sobre higiene

PRÉVOST, Marcel. *O jardim secreto*. Rio de Janeiro: Centro de Assinaturas, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 nov. 1899.

Resumo: J. dos Santos noticia a tradução, pelo Centro de Assinaturas do Senhor A. Mascarenhas, de *Jardim Secreto*, de Marcel Prévost, visto pelo resenhista como “um dos seus melhores romances”.

Gênero da obra: romance

HIGGINS, Arthur. *Compêndio de ginástica e jogos escolares*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 nov. 1899.

Resumo: O volume não aborda discussões teóricas a respeito do assunto, mas sim o ensino da ginástica sujeito às condições de espaço de que as escolas dispõem. O livro é visto favoravelmente por J. dos Santos que considera o autor um “especialista competentíssimo”.

Gênero da obra: monografia científica

DIAS, Arthur. *O problema naval*. Rio de Janeiro: Oficina da estatística, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 nov. 1899.

Resumo: Trata-se de um trabalho de estreia que expõe o fato do problema financeiro resolver-se por meio de ordem orçamentária, além de expor que o problema econômico se resolve por uma divisão eqüitativa de obrigações e proveitos envolvendo os Estados e a União. J. dos Santos julga ser uma obra notável.

Gênero da obra: monografia sobre economia

SCHIMID. *O carneirinho e a mosca*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 nov. 1899.

Resumo: O livro supra não recebe mais comentários, visto que o espaço da coluna permite que J. dos Santos apenas o noticie.

Gênero da obra: contos

SCHIMID. *A capela da floresta e Ludovico*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 nov. 1899.

Resumo: O resenhista apenas noticia a edição do livro publicado pela Garnier.

Gênero da obra: contos

Folhinha do povo para 1900. Rio de Janeiro: Quaresma & C., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 nov. 1899.

Resumo: Trata-se de um livro que figura um certo número de conselhos a respeito da economia doméstica. O colunista julga ser um livro “recomendável”.

Gênero da obra: folheto

PAIXÃO CEARENSE, Catullo da. *Lira brasileira*. Rio de Janeiro: Quaresma & C., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 nov. 1899.

Resumo: O volume é um repertório de modinhas populares, colecionadas e escritas por Catullo Cearense e publicado por Quaresma & C.

Gênero da obra: poesia

MENEZES, A. S. Castro. *Mitos*. S. l.: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 dez. 1899.

Resumo: O livro de estréia do jovem Castro Menezes recebe uma apreciação crítica favorável. J. dos Santos observa que, embora o poeta tenha Cruz e Sousa como modelo, o que se observa pelo uso de expressões correntes do mesmo autor, pelo excesso de palavras e de letras maiúsculas, seus versos, incertos ainda, querem sempre “dizer alguma coisa”.

Gênero da obra: poesia

REIS, Borges dos. *Corografia e História do Brasil*. Salvador: s.n., 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 dez. 1899.

Resumo: Compêndio do professor Borges Reis, apesar de algumas ressalvas, o volume recebe uma crítica positiva. O livro, em sua parte destinada a corografia, é caracterizado como “excelente”: “É simples, claro, sem muitos detalhes, sem nenhum abuso de termos técnicos”. Já no que diz respeito à segunda parte, referente à História do Brasil, há críticas à atitude de escrever a história de uma nação pela biografia de seus homens notáveis. Em geral, há uma boa apreciação da obra.

Gênero da obra: monografia sobre história

LIMA, Oliveira. *Nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: F. A. Brockhaus, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 dez. 1899.

Resumo: Considerado por J. dos Santos uma “obra excelente”, o volume dá um panorama da vida americana suscitando confrontos com a vida brasileira. A obra, na qual o autor procurou ver a república sob todos os aspectos, apresenta os fatos com a máxima simplicidade. De modo geral, há uma apreciação crítica favorável a tal obra.

Gênero da obra: monografia sobre política

CARVALHO, Carlos de. *Nova consolidação das leis civis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 dez. 1899.

Resumo: Não há, por parte do resenhista, uma alusão positiva à obra de Carlos de Carvalho, que reúne leis do Direito Civil.

Gênero da obra: monografia jurídica

OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 dez. 1899.

Resumo: Há uma ótima apreciação crítica da obra *Poesias*, de Alberto de Oliveira. Neste volume, estão reunidos os livros anteriores do autor (*Meridionais, Sonetos e Poemas, Versos e Rimas*), além de duas coleções novas: *Por Amor de Uma Lágrima e Livro de Ema*. O colunista chama a atenção para o fato de que o poeta foi passando lentamente a uma espontaneidade maior. Segundo J. dos Santos, em *Sonetos e Poemas*, havia um cuidado de extrema correção, uma exigência de técnicas e vocabulário. Em *Versos e Rimas*, começa uma transição na qual se sente melhor a força de sentimentos do Poeta. De maneira geral, há grandes elogios a *Poesias* e, conseqüentemente, ao talento de Alberto de Oliveira.

Gênero da obra: poesias

CAMÕES, Luiz Vaz de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 dez. 1899.

Resumo: J. dos Santos dicorre elogios ao volume, afirmando que possui perfeita nitidez, além de estar preparada para livro de classe em um volume “gracioso”, manejável e cheio de notas para facilitar o entendimento. Ademais, o resenhista informa que a edição está precedida de um estudo de Veríssimo sobre o poeta português e a obra, sendo que ele o julga um bom artigo de crítica literária.

Gênero da obra: poesia épica

MARCHAL, Padre V. *Esperança aos que choram*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jan. 1900.

Resumo: A obra não recebe comentários positivos de J. dos Santos que, em tom de ironia, escreve: “... é dizer aos leitores que não se contenham; que chorem bastante; que nada pode aliviar tanto que uma efusão de lágrimas”. Por fim, o resenhista opina ser um mau livro.

Gênero da obra: monografia

ALMANAQUE Orzali. Buenos Aires: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jan. 1900.

Resumo: J. dos Santos apenas noticiou a publicação do almanaque.

Gênero da obra: almanaque

GUIMARAES, Arthur. *A fazenda do paraíso* (segunda edição). Lisboa: Cia Nacional, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 jan. 1900.

Resumo: O livro, que traz prefácios de Sílvio Romero, Zeferino Candido e Thomaz Ribeiro, não é bem aceito por J. dos Santos. Num estilo irônico, o resenhista critica a obra e seu autor, notando que, ao pintar episódios característicos do comércio brasileiro,

a obra precisaria ser escrita “com arte, com elegância, com alguma ciência da língua”, elementos que, segundo ele, faltam a Arthur Guimarães.

Gênero da obra: romance

SILVA, Jonas da. *Anfôras*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 jan. 1900.

Resumo: Livro de estréia, *Amphoras* é visto de maneira positiva por J. dos Santos que acredita haver em suas páginas “a promessa de um bom poeta”.

Gênero da obra: poesia

LOPES, Bernardino. *Val de lírios*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 jan. 1900.

Resumo: Não há uma boa apreciação crítica do livro de poesia, visto que o colunista aponta vários exageros na forma de seus versos.

Gênero da obra: poesia

GUIMARÃES, Alphonsus de. *Dona mística*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 fev. 1900.

Resumo: O livro de poemas não é visto de forma positiva pelo resenhista, que, dentre vários defeitos, aponta que possui “monotonia desoladora”, “imagens que se repetem de um modo indefinido e fatigante”. J. dos Santos também opina que o poeta possui ênfase no emprego repetitivo de palavras como “rezar”; “oração” e “prece”, enumerando constantemente nomes de algumas dessas preces.

Gênero da obra: poesia

CARDOSO JUNIOR. *Larcas*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 fev. 1900.

Resumo: Trata-se de um livro de estréia, que recebe total aprovação de J. dos Santos. O resenhista elogia o estilo do autor, ao afirmar que os versos dele “valem como indicio de futura colheita, melhor e mais abundante”.

Gênero da obra: poesia

SILVA, Henrique. *A caça no Brasil central*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 fev. 1900.

Resumo: O livro, que revela informações relevantes principalmente para os assíduos da caça, é visto de forma positiva por J. dos Santos, que afirma conhecer bem o autor e o assunto, tendo paixão em escrever e sabendo tratar da matéria com grande competência. Além disso, não deixou de registrar que a obra é a primeira de “caráter acentuadamente nacional” ao abordar tal assunto.

Gênero da obra: monografia

FONSECA, Paulippo da. *Contos para crianças*. Porto: Companhia Portuguesa, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 fev. 1900.

Resumo: Trata-se de um “volumesito” de contos visto com elogios por J. dos Santos.

Gênero da obra: contos

DUQUE, Gonzaga. *Mocidade morta*. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 fev. 1900.

Resumo: Trata-se de um livro editado pela “Coleção Cor-de-Rosa” de Domingos de Magalhães. O crítico considera razoável o romance, cujo entrecho trata de um grupo de rapazes artistas, com pretensões revolucionárias sendo, na visão do resenhista “absolutamente correto”. Suas ressalvas restringem-se ao estilo da obra no qual predomina o emprego inoportuno de termos científicos.

Gênero da obra: romance

PESSOA, Frota. *O País*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 mar. 1900.

Resumo: Nesta coluna, o resenhista responde a algumas considerações feitas por Frota Pessoa no periódico *O País*, nas quais analisa, além de J. dos Santos, os críticos Araripe Júnior, José Veríssimo, Silvio Romero, Valentim Magalhães e Nestor Victor. Dentre outros assuntos, J. dos Santos explica suas pretensões na coluna “Crônica Literária” que, não seria, segundo ele, a de fazer crítica, mas somente “noticiar”.

Gênero da obra: crítica literária

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Prazo-Livro, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 mar. 1900.

Resumo: A obra é considerada pelo colunista incomparavelmente superior a *Quincas Borba* e a *Brás Cubas*. Descrevendo os personagens do livro, J. dos Santos afirma que “Capitu é um tipo de dissimulação perfeitamente acentuado, *Dom Casmurro* é uma figura mais incerta, menos definida”. De modo geral, trata-se de uma apreciação crítica positiva visto que o resenhista considera *Dom Casmurro* um “livro perfeitíssimo”: “Perfeito na idéia, no desenho dos personagens e, mais que tudo, na limpidez de um estilo (lá vai de novo o José Dias!) de um estilo puríssimo”.

Gênero da obra: romance

AVELLAR FILHO. *Antífonas*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 mar. 1900.

Resumo: Livro de versos que traz introdução de Osório Duque-Estrada, é visto de maneira negativa por J. dos Santos, devido ao uso de palavras difíceis que dificultam o entendimento dos poemas. Em tom de ironia, J. dos Santos brinca com o leitor ao dizer que percorreu vários dicionários para compreender tais versos: “O Aulete, que apesar de toda a sua compaixão tinha dita presumpçoso: ‘Eu lhe explico tudo isso em meia dúzia de minutos!’ vio-se forçado a convir que também elle ignorava!”.

Gênero da obra: poesia

SANTOS, Ernesto de Paula. *Pomos de amor*. Recife: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 abr. 1900.

Resumo: Trata-se de um livro de poemas, que não recebe aprovação de J. dos Santos, visto que ele opina ser “irritante e pretencioso” e ter “no frontispício uma lithographia idiota: uma mulher pendurada ao pescoço de um sujeito, fitando-o amorosamente”. Todavia, o crítico não deixou de apontar que a obra possui versos claros, sonoros, “de um ritmo variado, de uma linguagem singela, mas que veste perfeitamente o pensamento”.

Gênero da obra: poesia

ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Mãe tapuia*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. Resenhado por: BONFIM, M. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 abr. 1900.

Resumo: De maneira inédita, a coluna é escrita nessa data por Manoel Bonfim, que já se explica em “A’vista das excelentes razões que J. dos Santos sempre terá para não se ocupar com os trabalhos de Medeiros e Albuquerque, esta chronica é hoje interinamente ocupada por quem a pode fazer”. Por fim, na opinião de Bonfim, o livro de contos tem grande mérito, visto que, entre várias explicações, “o assunto é tratado com e empenho exato de excluir o maravilhoso” nas estórias de Medeiros e Albuquerque.

Gênero da obra: contos

CARVALHO, Elísio de. *Horas de febre*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 abr. 1900.

Resumo: O volume de poesia líricas recebe uma apreciação crítica positiva do resenhista. Considerando-o “um bom livro” de estréia, J. dos Santos assinala: “E’, ou pelo menos, me parece simples e gracioso, sem sublimidades, mas composto de versos bem feitos e harmoniosos. A generalidade do livro está n’essa nota de emoção discreta. Como produção de estréia, merece ser lido e há de ser apreciado”.

Gênero da obra: poesia

CARVALHO, Elísio de. *Alma antiga*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 abr. 1900.

Resumo: Livro composto por poemets em prosa recebe crítica negativa: “mas os originais poemets de *Alma Antiga* nem são poemets, nem originais: não passam de idéias trivialíssimas, trivialissimamente expostas”.

Gênero da obra: poesia

WILDE, Oscar. *Poemas de Oscar Wilde*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 abr. 1900.

Resumo: Os poemas traduzidos por Elísio de Carvalho não recebem uma alusão crítica positiva: “n’este, além da ‘Ballada do Enforcado’, o mais não vale nada. Não tem colorido, nem vibração alguma”.

Gênero da obra: poesias

CASTRO, Joaquim de. *Stelário de lágrimas*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 abr. 1900.

Resumo: Livro composto por sonetos cujo lirismo lembra ora Camões, ora Antero de Quental, recebe uma menção positiva.

Gênero da obra: poesias

VICTOR, Nestor. *Amigos*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 maio 1900.

Resumo: Trata-se de um romance que narra a história de um grupo de companheiros de colégio que toma diferentes direções na vida. O trecho do livro gira em torno de dois rapazes do grupo, ambos portadores de deficiências físicas, Félix e Poércio, os quais firmaram uma sólida amizade. Há, de maneira geral, uma apreciação crítica favorável à obra, cujo estilo tem o “grande mérito de ser correntio e singelo, de uma singeleza raras vezes desmentida”.

Gênero da obra: romance

AMERICO, Pedro. *O foragido*. Paris: Garnier Frères, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 maio 1900.

Resumo: O romance traz no início do volume um retrato do autor bem como uma dedicatória a seu gênero, considerado sua melhor dedicação. J. dos Santos, em tom de ironia, faz crítica negativa não só à obra, mas também à biografia encomiástica do autor, feita por seu gênero José Manuel Cardoso de Oliveira.

Gênero da obra: romance

MORAES FILHO, Mello. *Cantares brasileiros*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 maio 1900.

Resumo: São dois volumes, um de texto outro de pautas musicais, publicados pela livraria Jacinto Ribeiro dos Santos, traz um prefácio no qual o autor pretende mostrar a procedência da modinha e do violão. Há uma boa apreciação crítica tanto da coletânea de poesia quanto do volume que reúne, de modo complementar, as músicas.

Gênero da obra: poesia

MARCHAL, Victor. *O homem como deveria sê-lo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 maio 1900.

Resumo: Trata-se de um livro de “devoção” publicado pela Garnier, recebendo uma apreciação crítica razoável: “... no seu gênero, me parece boa”. As restrições de J. dos Santos referem-se apenas aos erros de tradução que o livro apresenta.

Gênero da obra: monografia

FREIRE, Theotonio. *Regina*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 maio 1900.

Resumo: Trata-se de um romance que não recebe uma crítica positiva de J. dos Santos. Ele assinala que a obra possui muitos erros de português e que seu trecho é dotado de inverossimilhanças.

Gênero da obra: romance

ANDRADE, Aristheo de. *Noivado*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 maio 1900.

Resumo: O volume é visto de maneira positiva por J. dos Santos: “Mas as breves composições que constituem o livro são extremamente gentis. A metrificação é sempre bem feita, de um ritmo variado”.

Gênero da obra: poesia

POMBO, Rocha. *Compêndio da história da América*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 30 maio 1900.

Resumo: Trata-se de um trabalho sobre história, que recebeu total aprovação do crítico, apontando ser “um trabalho de grande mérito”. Em seguida, o resenhista informou que o autor tratou primeiro, em alguns capítulos preliminares, do período anterior a Colombo; na segunda parte, estudou o período colonial e, na terceira parte, o período independente. Por fim, ele opinou ser uma obra clara, simples, bem feita, “digna do fim a que se destina”.

Gênero da obra: monografia sobre história

BARRETO, Tobias. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 jun. 1900.

Resumo: O livro foi coligido e prefaciado por Silvio Romero. Ao falar sobre o livro, J. dos Santos acaba aludindo mais à crítica de Silvio Romero do que propriamente ao livro. Embora considerando superior o trabalho do mestre em sua *História da Literatura Brasileira*, J. dos Santos afirma que, ao analisar seus contemporâneos, Silvio Romero não consegue ter a inserção precisa para esquecer amizades, antipatias e prevenções.

Gênero da obra: crítica literária

MAGALHÃES, Valentim. *Rimário*. Paris: Aillaud & C., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 jun. 1900.

Resumo: Apresentando composições feitas no período de 1878 a 1899, o volume é apreciado positivamente pelo resenhista que classifica os versos como “correntes”, “fluentes”, “harmoniosos”.

Gênero da obra: poesia

GUIMARÃES, Emanuel. *Jorge do Barral*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jul. 1900.

Resumo: Embora possua pequenas e freqüentes incorreções de linguagem, o romance, cujos personagens são norteados pelo amor físico, é classificado como “bom”, pelo resenhista.

Gênero da obra: romance

ABREU, Capistrano. *O descobrimento do Brasil pelos portugueses*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 jul. 1900.

Resumo: O livro traz, além da descrição do descobrimento, discussões de várias questões sobre o assunto, recebendo crítica positiva de J. dos Santos.

Gênero da obra: monografia sobre história

SÁ, Simão Pereira de. *História topográfica e bélica da colônia do Sacramento*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 jul. 1900.

Resumo: O livro de Sá, cuja publicação foi feita pelo Liceu Literário Português, é considerado pelo resenhista um volume magnífico tanto pelo valor do trabalho, quanto pela feição material da obra. Vale lembrar que tal obra traz ainda prefácio de Capistrano de Abreu sobre o assunto.

Gênero da obra: monografia sobre história

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. v.6. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 jul. 1900.

Resumo: O livro, que compreende as letras de M a P e possui um apêndice que corrige e acrescenta indicações a vários nomes, é segundo J. dos Santos, obra merecedora de elogios.

Gênero da obra: dicionário

AZEVEDO, Magalhães de. *Baladas e fantasias*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 jul. 1900.

Resumo: O livro de contos é, segundo J. dos Santos, escrito num estilo límpido e correto.

Gênero da obra: contos

SOUZA, Auta de. *Horto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 jul. 1900.

Resumo: A obra apresenta segundo o resenhista pequenas incorreções de linguagem, o que, no entanto, não prejudica o trabalho da autora. Apresentando prefácio de Olavo Bilac, é visto como um bom livro de poesia, no qual a espontaneidade de sentimentos da escritora alia-se à beleza da forma harmoniosa e sonora de seus versos.

Gênero da obra: poesia

KOCK, Paulo de. *Menina bonita do arrabalde*. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 jul. 1900.

Resumo: O resenhista noticia que o livro acabara de ser lançado pelas edições de Domingos de Magalhães, mais precisamente, pela quinta série da Coleção Moderna.

Gênero da obra: romance

JUNQUEIRO, Guerra. *A velhice do padre eterno*. Lisboa: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 jul. 1900.

Resumo: O livro não recebe de J. dos Santos uma crítica positiva, apesar do colunista opinar ser um volume pequeno e barato, “muito mais commodo que o da impressão primitiva”.

Gênero da obra: poesias

KOPKE, João. *A grande pátria*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 ago. 1900.

Resumo: Trata-se de um ensaio de história do Brasil, contada em tom simples e de narração familiar, direcionada especialmente ao ensino infantil.

Gênero da obra: ensaio

RIBEIRO, José Jacinto. *Cronologia paulista*. São Paulo: Typ. do Diário Oficial., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 ago. 1900.

Resumo: O volume, escrito por um oficial da repartição de estatística de São Paulo, reúne em 700 páginas dados interessantes do período que vai desde a chegada de Martim Afonso a São Vicente até 1898. Embora apresente fatos considerados pelo resenhista como insignificantes, o livro é visto positivamente, já que apresenta uma cronologia minuciosa de tudo quanto interessa ao estado.

Gênero da obra: monografia sobre história

SOUZA, Cruz e. *Faróis*. Rio de Janeiro: Typ. do Instituto Profissional, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 ago. 1900.

Resumo: J. dos Santos nesta coluna nota que Cruz e Sousa busca um ritmo simplicíssimo e que suas poesias apresentam versos soberbos, mas que em sua maioria não querem dizer nada. A preocupação dominante do ritmo é, segundo J. dos Santos, uma característica do poeta que “sentia intensamente a beleza magoada e triste das cousas”.

Gênero da obra: poesias

CARVALHO, Horácio de. *Itatiaia*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 set. 1900.

Resumo: O livro, que narra a história da primeira excursão ao ponto mais alto do Itatiaia, é, na visão de J. dos Santos, um belo volume, cujo único defeito seria a prolixidade.

Gênero da obra: monografia sobre geografia

CASA LOMBAERTS. *Talismã contra o divórcio*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 set. 1900.

Resumo: A obra é uma tradução de *Bréviaire de l'amour experimental*, de Jules Guyot, editada pela Lombaerts. A tal livro, J. dos Santos faz uma referência negativa.

Gênero da obra: monografia

COELHO NETO. *Saldunes*. Rio de Janeiro: Tavares Cardoso, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 set. 1900.

Resumo: J. dos Santos nota na obra dramática escrita por Coelho Netto, entre outras coisas, que seu entrecho é forte e comovente.

Gênero da obra: teatro

FREIRE, Laudelino. *Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Typ. do Instituto Profissional, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 set. 1900.

Resumo: O livro é uma análise da obra do historiador e crítico literário Sílvio Romero por Laudelino Freire. O resenhista considera a obra um trabalho “sério e consciencioso”.

Gênero da obra: crítica literária

MONTEIRO, Tobias. *O Sr. Campos Salles na Europa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 set. 1900.

Resumo: O livro traz artigos escritos sobre o presidente Campos Salles pelo jornalista e escritor Tobias Monteiro. Para J. dos Santos, o volume servirá sobretudo como valioso documento para o estudo do período histórico em questão.

Gênero da obra: monografia sobre história

CARVALHO, Marques de. *Contos do Norte*. Belém: Typ. da Papelaria Silva, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 set. 1900.

Resumo: O pequeno volume traz oito contos escritos num estilo “fluente” e “colorido”, cujos temas, segundo J. dos Santos, têm sempre o interesse preciso para empolgar a atenção do leitor.

Gênero da obra: contos

OLIVEIRA, Isaias de. *Relíquias*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 set. 1900.

Resumo: O livro, que apresenta, na visão do resenhista, versos simples e claros, de pouca complexidade, não recebe maiores elogios de J. dos Santos.

Gênero da obra: poesia

PACHECO, Felix. *Via Crucis*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 set. 1900.

Resumo: A obra é vista de maneira positiva por J. dos Santos: “Apesar das obscuridades do autor, seus versos têm forma e idéia”.

Gênero da obra: poesia

PEDERNEIRAS, Mario. *Agonia*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 set. 1900.

Resumo: O livro é apreciado do ponto de vista do ritmo dos poemas.

Gênero da obra: poesia

ASSOCIAÇÃO do quarto centenário. *Livro do Centenário*. Rio de Janeiro: Associação do Quarto Centenário, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 set. 1900.

Resumo: Primeiro volume da série empreendida e publicada pela Associação do Quarto Centenário, a qual pretende fazer uma resenha completa do Brasil do período que se estende da data de seu descobrimento até os seus quatrocentos anos. A obra, que alude a diversos assuntos referentes ao Brasil, foi escrita por vários colaboradores, dentre os quais se constam Capistrano de Abreu, padre Julio Maria, Silvio Romero, Oliveira Lima e Moreira de Azevedo, cada qual em sua respectiva área. Há uma apreciação crítica positiva no que diz respeito às seções sobre o descobrimento, escrita por Capistrano de Abreu, e sobre literatura, escrita por Silvio Romero, embora nesta última, o resenhista faça ressalvas concernentes à postura crítica do autor. Já quanto à seção sobre a religião católica do Brasil, escrita por Julio Maria, J. dos Santos não faz uma menção positiva, visto que, segundo ele, há, em tal seção, “apologias declamatórias” e “futilidades sem valor”.

Gênero da obra: monografia sobre história e literatura

VELLOSO, Dario. *Esotéricas*. Curitiba: Im. Paranaense, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 out. 1900.

Resumo: J. dos Santos não faz uma apreciação crítica favorável ao pequeno volume de trinta e seis páginas de Dario Velloso. De maneira irônica, o colunista critica os versos do poema, que segundo ele, apresenta um grande número de palavras sem sentido algum: “são phrases soltas, desconexas, acabando quase todas por ponto de espantação”.

Gênero da obra: poesias

AFRANIO, Julio. *Rosa Mística*. Salvador: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 out. 1900.

Resumo: O drama no qual o autor glorifica a mulher é, na visão de J. dos Santos, escrito em “prosa sonora”, “eloqüente”, o que para ele evidencia características de um bom prosador.

Gênero da obra: poema em prosa

FACÓ, Eurico. *Poemetos*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 out. 1900.

Resumo: O livro recebe de J. dos Santos uma apreciação crítica razoável, visto que, embora apresente imperfeições nos versos, há, por outro lado, a “espontaneidade”, o “lirismo ingênuo e simples da poesia popular”.

Gênero da obra: poesia

FONTENELLE, Vital. *Ideal*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 out. 1900.

Resumo: Há uma apreciação crítica razoável do livro, que é uma coleção de poesias, contos e crônicas de Vital Fontenelle.

Gênero da obra: poesia

MORAES FILHO, Mello. *Cantos do Equador*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 out. 1900.

Resumo: O volume, impresso pela Garnier, possui poemas belíssimos, ora descritivos, ora subjetivos, no qual o autor expressa a harmonia de seus versos, que não obedece a “requintes parnasianos”. Há uma apreciação positiva da obra.

Gênero da obra: poesia

PERNAMBUCO. *Notas biográficas do vice-presidente da república*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 out. 1900.

Resumo: Trata-se de um folheto escrito pelo governo de Pernambuco, não recebendo muitas considerações do resenhista no que diz respeito a seu conteúdo. J. dos Santos apenas assinala algumas características pessoais do vice-presidente de forma bastante imparcial.

Gênero da obra: biografia

BRASIL, Zeferino. *Juca, o letrado*. Porto Alegre: tip. do Correio do Povo, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 out. 1900.

Resumo: O livro é considerado por J. dos Santos como um excelente romance, “bem escrito”, “bem desenvolvido”, “agradável” e “correto”.

Gênero da obra: romance

AMARAL, Valeriano Pecegueiro do. *Noções de Química orgânica*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 out. 1900.

Resumo: O livro é considerado por J. dos Santos uma obra didática “clara”, “metódica”, “concisa” e “bem feita”.

Gênero da obra: livro didático

NABUCO, Joaquim. *A minha formação*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 out. 1900.

Resumo: Segundo J. dos Santos, “um precioso documento humano”, que traz a “história das modificações de uma inteligência nobre e culta”. Além disso, as narrativas e descrições presentes na obra aumentam consideravelmente o seu encanto, dando-lhe “vida”, “brilho”, “variedade”. Há, de maneira geral, uma boa apreciação crítica da obra.

Gênero da obra: autobiografia

SANTOS, Daltro dos. *Obelisco*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 out. 1900.

Resumo: O livro de versos é, na visão de J. dos Santos, um dos “mais prometedores da época”.

Gênero da obra: poesia

PARANÁ, Sebastião. *Corografia do Paraná*. Curitiba: Typ. Liv. Econômica, Aníbal Rocha & C., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 out. 1900.

Resumo: O grosso volume de 750 páginas é um grande trabalho, uma excelente coleção de dados sobre corografia do Paraná. No entanto, o livro, que pretende ser completo, apresenta-se, segundo J. dos Santos, difuso e confuso. Para a resolução do problema, o crítico sugere que se faça uma seleção dos materiais classificando-os metodicamente.

Gênero da obra: monografia sobre geografia

SPENCER, Herbert. *Classificação das ciências*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 out. 1900.

Resumo: Na opinião do resenhista, a obra seria um trabalho de valor sobre o pensamento moderno.

Gênero da obra: monografia sobre filosofia

NORDAU, Max. *O ibsenismo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 out. 1900.

Resumo: Volume extraído da grande obra intitulada *Degenerescência*, do pensador alemão Max Nordau, recebe crítica positiva: “Nordau faz-se apreciar com extremo prazer, mesmo quando com elle não podemos concordar”.

Gênero da obra: crítica

VIEIRA, Adelina Lopes; LOPES, Julia. *Contos infantis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 out. 1900.

Resumo: O volume, em sua quinta edição, publicada pela Laemmert, é visto positivamente por J. dos Santos. O livro divide-se em duas partes: a composta em versos é de autoria de Adelina Lopes, ao passo que a de prosa fica sob responsabilidade de Julia Lopes.

Gênero da obra: literatura infanto-juvenil

ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 out. 1900.

Resumo: O romance, em sua nova edição pela Garnier, traz como prefácio o artigo que José Veríssimo escreveu a seu respeito em seus *Estudos Brasileiros*. Há avaliação favorável da obra.

Gênero da obra: romance

MAUCOURANT. *Vida de intimidade com o divino salvador*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 out. 1900.

Resumo: O livro, escrito por um padre, não recebe uma crítica positiva do resenhista.

Gênero da obra: monografia sobre religião

FOLHINHA do povo. Rio de Janeiro: Quaresma & C., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 out. 1900.

Resumo: *A Folhinha do povo*, caracterizada como “literatura especial”, é na concepção de J. dos Santos um livro excelente no seu gênero.

Gênero da obra: periódico

ARAGON, Agostinho. *Ensaio da História do positivismo no México*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 out. 1900.

Resumo: O volume é, sobretudo, a biografia de Gabino Barreda, apóstolo e iniciador da doutrina de Comte na pátria de Porfírio Diaz.

Gênero da obra: monografia sobre filosofia

NOGUEIRA, Thomaz Arthur. *O príncipe de Nassau*. Rio de Janeiro: Pierer, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 nov. 1900.

Resumo: Ensaio biográfico sobre o príncipe de Nassau, o livro de Nogueira é visto por J. dos Santos como um excelente trabalho: “Seu livro é conciso e precioso, feito de factos e documentos, grupados com intelligência, narrados com vivacidade”.

Gênero da obra: biografia

GABAGLIA, Raja. *O mais antigo documento matemático*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 nov. 1900.

Resumo: O trabalho trata do papiro Rhind, documento achado no Egito provavelmente 1700 anos antes de Cristo, que alguns autores caracterizam como manual usado nas escolas da época e outros como simples cadernos de aluno. Há, de modo geral, uma crítica favorável a tal livro que, depois de um curto histórico, examina sucessivamente a aritmética, a álgebra e a geometria do papiro Rhind.

Gênero da obra: monografia científica

SARMENTO, Ulysses. *Torturas do ideal*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 nov. 1900.

Resumo: O livro possui, na visão de J. dos Santos, versos “muito bons”. Embora não apresente formas inteiramente perfeitas e haja um exagero de adjetivação na maior parte de suas composições, elas têm inspiração e harmonia: “Quer nas peças de um lirismo mais subjectivo, quer nas que são puramente descritivas, o autor se revela um bom poeta”.

Gênero da obra: poesia

LEITÃO, Joaquim. *Do civismo e da arte no Brasil*. Rio de Janeiro: Tavares Cardoso & irmão, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 nov. 1900.

Resumo: J. dos Santos apenas noticia a segunda edição do livro de Joaquim Leitão, intitulado *Do civismo e da arte no Brasil*.

Gênero da obra: monografia sobre história

MEROU, Garcia. *El Brasil intellectual*. Buenos Aires: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 nov. 1900.

Resumo: O volume é um belo trabalho em que o autor buscou dar sua opinião pessoal sobre os críticos, poetas e romancistas brasileiros. J. dos Santos, numa crítica favorável assinala: “O que precisamente lhe dá todo encanto é ser uma vista de conjuncto, clara e brilhante, sobretudo do estado actual da nossa litteratura, cujas principais figuras examina”.

Gênero da obra: crítica literária

AZEVEDO, Aluisio. *Girândola de amores*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 nov. 1900.

Resumo: O colunista J. dos Santos anuncia a nova edição do romance de Azevedo, primeiramente publicado como *Mistérios da Tijuca*.

Gênero da obra: romance

DESNOYERS, Luiz. *As aventuras de Roberto*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 nov. 1900.

Resumo: O livro, publicado pela Garnier, é segundo J. dos Santos, “próprio para prêmio a alumnos estudiosos, livro belíssimo, cheio de gravuras, cartonado e dourado elegantissimamente”.

Gênero da obra: literatura infanto-juvenil

GUERRA, Alvaro. *Páginas esquecidas*. Rio de Janeiro: Andrade, Mello, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 nov. 1900.

Resumo: Livro que reúne um grande número das melhores crônicas do autor publicadas no *Correio Paulistano*, recebe de J. dos Santos uma crítica favorável.

Gênero da obra: crônicas

ALCORTA, Amâncio. *Garantias constitucionais*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 nov. 1900.

Resumo: Trata-se de um livro “de algum modo clássico entre os constitucionalistas americanos”. Na concepção de J. dos Santos, é um “belo” livro.

Gênero da obra: monografia jurídica

MANGABEIRA, Francisco. *Tragédia épica*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 nov. 1900.

Resumo: Livro escrito em verso que canta a tragédia de Canudos é visto de maneira negativa pelo crítico J. dos Santos: “Todo trabalho está feito com evidente descuido, nos pormenores e no conjunto”.

Gênero da obra: poesia

PEDERNEIRAS, Raul. *Versos*. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 nov. 1900.

Resumo: O livro de poesias líricas escritas pelo caricaturista Raul Pederneiras recebe crítica positiva: “O certo é que as composições, hoje reunidas n’este pequeno livro, revelam outra face de seu talento, extraordinariamente dúctil. E o poeta agora não é inferior ao humorista”.

Gênero da obra: poesia

BASTOS, M.C. Tavares. *Ermida*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 nov. 1900.

Resumo: A obra apresenta, na análise de J. dos Santos, versos bons, que “revelam um grande talento a que a idade e a cultura do espírito hão de dar a perfeição de que carecem”.

Gênero da obra: poesia

VARELLA, Alfredo. *Pátria*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 dez. 1900.

Resumo: Trata-se de uma seleta de feitos heróicos e citações de grandes escritores sobre o amor e a pátria. O livro é visto de uma maneira positiva por J. dos Santos, que o considera “caloroso, vibrante, confortador”.

Gênero da obra: livro didático

MANCOURT. *Provação religiosa sobre a obediência*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 dez. 1900.

Resumo: O resenhista apenas noticia o surgimento da obra do padre Mancourt, com tradução do monsenhor Vicente Lustosa.

Gênero da obra: monografia sobre religião

CARDOSO, Fausto. *Cosmos do direito*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 dez. 1900.

Resumo: J. dos Santos apenas noticia a obra.

Gênero da obra: monografia jurídica

AKSAKOFF. *Animismo e espiritismo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 dez. 1900.

Resumo: O resenhista somente informa rapidamente sobre a obra em questão.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo

BROFERIO. *Per lo spiritismo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 dez. 1900.

Resumo: O crítico informa a publicação do livro pela casa Garnier.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo

VILLIERS, H.; LARBALÉTRIER, Albert. *Tratado prático de medicina veterinária*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 dez. 1900.

Resumo: Segundo J. dos Santos, é um “belo volume, nitidamente empresso e cartonado. O livro apresenta noções indispensáveis de fisiologia e anatomia e um estudo das moléstias e dos medicamentos e meios de aplicá-los”.

Gênero da obra: monografia sobre veterinária

BUENO, Pimenta. *Apontamentos sobre o processo criminal brasileiro*. Rio de Janeiro: Empresa Nacional do Diário, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 dez. 1900.

Resumo: O livro reúne em apêndice todas as leis referentes aos processos criminais.

Gênero da obra: monografia jurídica

ROMERO, Sílvio. *Ensaio de sociologia e literatura*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 dez. 1900.

Resumo: O volume é uma coleção de trabalhos publicados em diferentes épocas e sobre os mais variados assuntos. No primeiro ensaio do volume, intitulado “O Hackelismo em sociologia”, procura demonstrar que a lei formulada por Fausto Cardoso, na verdade não é exata, nem seria de autoria do mesmo. Além deste tema, há ensaios sobre a classificação dos fenômenos em sociologia, o Direito brasileiro no século XVI, a imigração, o ensino público, o Simbolismo, entre outros. Quanto a tais ensaios, J. dos Santos nos diz “Tanto é agradável lê-los, como difícil examina-los aqui”.

Gênero da obra: crítica literária; monografia sobre sociologia

BALZAC, Honoré de. *Eugenia Grandet*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 dez. 1900.

Resumo: J. dos Santos apenas noticia a publicação, pela editora Garnier, de *Eugenia Grandet*, livro de Balzac, traduzido por Salvinio Barroso.

Gênero da obra: romance

DELANNE, Salvinio. *O fenômeno espírita*. S. l.: s.n., 1900. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 dez. 1900.

Resumo: O volume é, segundo J. dos Santos, um trabalho que expõe, com clareza e método, fatos referentes a fenômenos paranormais.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo

ROXO, Belfort. *Duração dos atos psíquicos elementares*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 jan. 1901.

Resumo: Caracterizado por J. dos Santos como uma “contribuição valiosa e importantíssima para a psicologia experimental”, a tese, que traz um conjunto de experiências e observações do autor sobre o assunto, é vista de maneira positiva.

Gênero da obra: monografia sobre psicologia

MONAT, H.; RUCH, Gastão. *Método para o estudo da língua francesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 fev. 1901.

Resumo: Trata-se de um compêndio didático para o estudo da língua francesa, sendo que o método deles está precedido de um prefácio excelente, “escripto com espírito e sensatez”. Para o resenhista, é um bom trabalho, pois o método estudado afasta-se, quanto possível, da língua clássica, literária, procurando sempre a língua popular, mais correta.

Gênero da obra: livro didático

DURVAL, Guerra. *Palavras que o vento leva*. Bruxelas: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 fev. 1901.

Resumo: J. dos Santos não faz maiores elogios à obra, embora considere seu autor um bom poeta. Seguindo a tendência do “pensamento moderno”, o autor está entre os que “se insurgem contra a metrificação habitual: gosta do verso livre, dos rythmos vários e caprichosos”.

Gênero da obra: poesias

DELANNE, Leon. *A evolução animica*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 mar. 1901.

Resumo: J. dos Santos somente informa ser uma versão editada pela Garnier.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo

DARG, Jean. *Leão XIII e sua corte*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 mar. 1901.

Resumo: O volume, que compõe finíssimas gravuras feitas sobre fotografias pela Garnier, recebe elogios de J. dos Santos, que o julga “um primor de typographia”, tendo um “caráter máximo de autenticidade”.

Gênero da obra: monografia

CELSONO, Afonso. *Porque me ufano de meu país*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 mar. 1901.

Resumo: Segundo J. dos Santos, é um trabalho “ao mesmo tempo artístico e forte, cheio de ternura e vigor, cuidado na forma e rico de idéias”. Ele assinala que “(...) o livro do ilustre escriptor é uma bella, uma nobre e uma soberba obra”.

Gênero da obra: monografia

DENIS, Léon. *Catolicismo e espiritismo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 mar. 1901.

Resumo: J. dos Santos, referindo-se a tal livro assinala: “a título, porem de divulgação poética escripta num bello estylo, a obra de Leon Denis é de certo recommendavel a todos os que acceitam o spiritismo como uma religião, ou pelo menos como uma seita christã. E ainda uma vez, convem louvar com todo o calor, o mérito real da tradução”.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo e religião

RODRIGUES, Amélia. *Cartas a uma amiga*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 mar. 1901.

Resumo: Trata-se de uma coleção de artigos, publicados sob tal título, em um jornal da Bahia por Amélia Rodrigues. J. dos Santos afirma que seus artigos são de “excelente jornalista”.

Gênero da obra: crônica

MENDONÇA, Lucio. *Horas do bom tempo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 mar. 1901.

Resumo: O livro, que tem como subtítulo “memórias e fantasias”, é a reunião de produções antigas e escolhidas. No que diz respeito ao estilo do seu autor, Lucio Mendonça, J. dos Santos escreve: “O seu estylo é sóbrio e simples; veste o assumpto com propriedade e concisão”. Trata-se, na concepção do crítico, de um “livro excelente”.

Gênero da obra: contos

TROOST, L. *Compêndio de Química*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 mar. 1901.

Resumo: Livro traduzido para o português por Ramiz de Galvão, está, segundo J. dos Santos, compreendido entre os melhores livros didáticos referentes ao assunto.

Gênero da obra: livro didático

BALZAC, Honoré de. *O tio Goriot*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 mar. 1901.

Resumo: Segundo ele, “trata-se realmente de uma das melhores produções d’esse escriptor desigual e incorrecto, mas vigoroso e creador como poucos. Poucos também terão exercido maior influencia sobre a literatura do seu século”.

Gênero da obra: romance

MARCHAL. *O ramallete das jovens cristãs*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 mar. 1901.

Resumo: Trata-se de um livro de cunho religioso escrito pelo padre Marchal, caracterizado por J. dos Santos como “tolo e pretensioso”.

Gênero da obra: monografia sobre religião

PIRES, Alvares. *Conquistador*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 mar. 1901.

Resumo: O trabalho é um pequeno folheto com seis páginas, visto sem elogios por J. dos Santos, que, ironicamente, opina possuir páginas “tão perfeitamente atoleimadas, que não se comprehende por que motivo um homem gasta tempo, vagar e dinheiro compondo e editando pachuchadas d’esta ordem...”.

Gênero da obra: monografia

MOARES, Evaristo de. *Crianças abandonadas e crianças criminosas*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 mar. 1901.

Resumo: Em seu opúsculo, o autor procura estudar o abandono e a criminalidade da infância. Na visão de J. dos Santos, trata-se de um trabalho que vale, não só pelo seu mérito intelectual, mas também pela intenção moral que o ditou.

Gênero da obra: monografia

DENIS, Leon. *O porquê da vida*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 mar. 1901.

Resumo: O livro, de cunho espírita de autoria de Leon Denis é, segundo J. dos Santos, “de uma leitura agradabilíssima” aos que se interessam pelo assunto.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo

MACIEL, Maximino. *Lições de Botânica*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 mar. 1901.

Resumo: J. dos Santos apenas noticia a edição, pela Casa Garnier, do livro de Maciel.

Gênero da obra: livro didático

LANGLEBERT, J. *História natural*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 mar. 1901.

Resumo: O volume é visto positivamente pelo resenhista: “é de uma exposição clara, singela, lúcida, apropriada para o ensino. A tradução conservou-lhe o seu alto mérito”.

Gênero da obra: livro didático

COELHO NETO. *Tormentas*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 mar. 1901.

Resumo: Trata-se, na opinião de J. dos Santos, de um dos melhores trabalhos do autor. O romance, que tem epígrafe de Julio Bois, recebe uma apreciação favorável: “Tormenta é um romance excelente: excelente pela acção, excelente pelo estilo”.
Gênero da obra: romance

BOLETIM do serviço de identificação judiciária. São Paulo: Livraria Paulista, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 mar. 1901.

Resumo: J. dos Santos resenha o fascículo correspondente ao mês de dezembro de 1900, opinando que parece que esse serviço está prestes a sumir. Ironicamente, revelando seu desapeço pelo trabalho, ele questiona: “mas para que serve tudo isto?”.
Gênero da obra: fascículo

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 abr. 1901.

Resumo: O volume é a reunião de alguns dos artigos de crítica literária, que Veríssimo tem escrito, sobretudo, no *Jornal do Comércio*. Para J. dos Santos, a obra tem um alto valor como produção artística, mas ele critica a maneira como Veríssimo julga as obras submetidas a seu estudo, visto que “não tem a rigidez de uma fórmula qualquer, systematica e inflexível”.
Gênero da obra: crítica literária

SALLES, Ismael. *Os direitos da mulher*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 abr. 1901.

Resumo: J. dos Santos critica de forma nada positiva a obra que não expõe completamente a questão de direitos da mulher. Para ele, trata-se de um trabalho mal compreendido.
Gênero da obra: monografia sociológica

LIMA, Oliveira. *O conhecimento do império*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 abr. 1901.

Resumo: Trata-se de um trabalho sobre história, cujo autor mostrou que, se por um lado, o imperador revelava tendências absolutistas, por outro, os ministros brasileiros o levavam para o caminho das concessões cada vez mais democráticas. Na concepção do colunista, Lima tem grande mérito como escritor.
Gênero da obra: monografia sobre história

PINTO, Jorge. *Histórias da minha terra*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 abr. 1901.

Resumo: O livro, que possui páginas de impressões pessoais e de recordações íntimas de Pinto, recebe total aprovação do crítico, que o julga leve, espontâneo e delicado.
Gênero da obra: relatos de viagem

MESQUITA, Elpídio de. *Infrações da palavra*. Rio de Janeiro: Typ. da Companhia de Loterias Nacionais do Brasil em Sapopemba, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 abr. 1901.

Resumo: J. dos Santos informa que Mesquita começou o trabalho de 44 páginas expondo a origem e a importância da palavra e do conceito de honra nos diferentes grupos étnicos, para só depois entrar propriamente na análise jurídica do caso. O crítico julga um bom livro, apenas apontando o defeito de ser extremamente sucinto.

Gênero da obra: monografia sobre lingüística

SIENKREWIEZ, Henrique. *Quo vadis*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 abr. 1901.

Resumo: Trata-se da publicação portuguesa do *Quo vadis* feita para brasileiros. Na concepção do crítico, a tradução da Garnier é muito boa.

Gênero da obra: romance

ROXO, Henrique. *Cousas de alienação mental no Brasil*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 abr. 1901.

Resumo: O livro, cujo autor parece submeter a apreciação dos competentes a uma concepção geral sobre a patogenia das moléstias natais, recebe menção satisfatória de J. dos Santos, que julga não apenas um bom livro de medicina, mas também de grande importância sociológica. Além disso, o resenhista informa dados relevantes da vida de Roxo para se entender a obra como, por exemplo, o fato de ele ser assistente de clínica psiquiátrica da faculdade de medicina, sendo que ele examina lá todos os loucos que tem de ser internados no Hospício de Alienados.

Gênero da obra: monografia sobre medicina e sobre sociologia

EGANA, Rafael. *La cuestion de Taena y Arica*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 maio 1901.

Resumo: Trata-se da discussão de um congresso científico da questão de arbitramento. Os representantes do Chile entenderam que o assunto era, sobretudo, de natureza política e retiraram-se do local do evento. Segundo J. dos Santos, é um “magnífico” trabalho, pois tem lucidez e clareza.

Gênero da obra: monografia científica

D’ANNUNZIO, Gabriel. *O fogo*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 maio 1901.

Resumo: J. dos Santos informa que o romance do escritor italiano tem, na sua primeira parte, uma extensão excessiva. Entretanto, em geral, o resenhista opina ser um bom livro, sendo que a versão brasileira tem a superioridade de ser inteiramente completa.

Gênero da obra: romance

ALMEIDA JUNIOR, João Mendes de. *O processo criminal brasileiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 maio 1901.

Resumo: Trata-se de um trabalho que se ocupa com a formação do corpo do delito, a iniciativa e curso da ação penal, os recursos e o *habeas-corpus*. Para J. dos Santos, o livro é claro e completo.

Gênero da obra: monografia jurídica

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 maio 1901.

Resumo: O livro de poemas recebe total aprovação de J. dos Santos, que opina ser uma obra graciosa e boa. Além disso, o resenhista, aludindo ao estilo do escritor, opinou que “há sinceridade sempre contida, que, no receio da ironia, alheia, corrige com a própria, toda a manifestação que lhe parece mais aparente e, portanto, à sua sensibilidade aguda, grosseira e chocante”.

Gênero da obra: poesias

POMPEIA, Raul. *Canções sem metro*. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 maio 1901.

Resumo: O livro de poemas é visto de forma elogiosa por J. dos Santos, que afirmou ser “vibrante” e “exuberante”. Além disso, o resenhista não deixou de informar que o poeta fugiu da forma metrificada, visto que “nos seus versos, há uma intensidade extraordinária de vida”.

Gênero da obra: poesias

BARRETO, Tobias. *Polêmicas*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 maio 1901.

Resumo: A obra é vista de forma bastante positiva pelo crítico, visto que “sente-se que o autor está bem à vontade n’aquellas páginas”. Apesar disso, J. dos Santos apontou que o livro “tem sempre muito vigor, uma mocidade vibrante e espirituosa, apesar de ser um pouco à parte da arrogância do autor”.

Gênero da obra: crítica literária

OLIVEIRA, Samuel de. *Concepção da filosofia*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 jun. 1901.

Resumo: A obra recebe comentários positivos de J. dos Santos, que opina ser excelente, muito bom, claro, “escrito em um estilo singelíssimo, mas que expôs com a máxima nitidez os pontos de que se ocupa”. Por fim, o resenhista informou que o volume dá uma boa idéia do que deve ser a filosofia.

Gênero da obra: monografia sobre filosofia

SPENCER, Herbert. *Educação*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 jun. 1901.

Resumo: J. dos Santos alude à obra de maneira favorável, opinando que revela grande capacidade intelectual, além dos editores Laemmert & C. terem feito agora na sua *Biblioteca Filosófica* um excelente serviço na tradução.

Gênero da obra: monografia sobre educação

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 jun. 1901.

Resumo: A obra, que estuda os poetas da segunda geração romântica, recebe grandes elogios de J. dos Santos. Dentre as informações mais relevantes, está o fato do volume ser publicado pela Garnier e também serem a maioria dos capítulos do volume apreciados de nomes importantes da literatura brasileira, o que demonstra o valor literário da produção de Veríssimo, portanto.

Gênero da obra: crítica literária

SILVA, Bithencourt. *Obras literárias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 jun. 1901.

Resumo: Trata-se de uma reunião de todas as produções literárias do autor resumidas num prefácio e mostradas em diversas composições que foram oferecidas ao diretor do Lyceu de Artes e Ofícios. Na concepção do resenhista, a obra tem grande mérito.

Gênero da obra: coletânea

CASTRO, Viveiros de. *Jurisprudência criminal*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 jun. 1901.

Resumo: O trabalho sobre jurisprudência recebe elogios do resenhista, que informa ser bom principalmente para consulta de autoridades policiais, advogados e estudiosos de direito. O crítico também informou que, para cada caso, Castro expõe em suma qual era a questão, transcrevendo a sua sentença, comparando os princípios que adotou, quer com os anteriores da jurisprudência brasileira, quer com os da estrangeira e, “se o tribunal superior dissentiu no seu modo de julgar, dá também essa última decisão”.

Gênero da obra: monografia jurídica

ARAÚJO, João Vieira de. *Código penal comentado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 jun. 1901.

Resumo: J. dos Santos opinou que esse trabalho jurídico só trata da parte especial –mas a trata bem minuciosamente, expondo, sobre cada artigo e capítulo, “tudo quanto há acerca da jurisprudência”. Na opinião dele, o livro serviria para ocasionar modificações do direito da época.

Gênero da obra: monografia jurídica

WERNECK, Eugênio. *Antologia brasileira*. Rio de Janeiro: Typ. da pap. Jerônimo Silva, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 jun. 1901.

Resumo: J. dos Santos apenas noticia a publicação do volume, que compõe uma seleta de autores nacionais. Segundo o resenhista, o volume tem qualidade excelente.

Gênero da obra: antologia

VIANNA, Sá. *Arbitragem internacional*. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 jun. 1901.

Resumo: O resenhista informou que Vianna escreveu essa dissertação para ser apresentada ao segundo Congresso Científico Latino Americano, que concitou todas as nações americanas a assinarem um tratado permanente de arbitragem. Segundo J. dos Santos, o trabalho é “um voto fecundo, uma iniciativa útil”.

Gênero da obra: monografia científica

SANTIAGO, Gustavo. *O cavalheiro do luar*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 jun. 1901.

Resumo: Trata-se de 21 poemas escritos em 1898 e só publicados em 1901. Ironicamente, o resenhista demonstra seu desagrado com a obra, opinando que os versos são “sem música, sem idéia, sem o menor vestígio de originalidade”.

Gênero da obra: poesias

PEDERNEIRAS, Mário. *Rondas noturnas*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 jun. 1901.

Resumo: O livro de poesia é visto de forma positiva por J. dos Santos, que opina ser um bom livro. Segundo J. dos Santos, os versos são belos e simples, sendo que as estrofes têm real “originalidade de factura”.

Gênero da obra: poesias

CARVALHO, Bulhões. *A verdadeira população do RJ*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 jul. 1901.

Resumo: Trata-se de cálculos demográficos sobre essa cidade, cujo autor refere-lhes a vários dados históricos.

Gênero da obra: monografia

MORAES FILHO, Mello. *Festas e tradições populares do Brasil*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 jul. 1901.

Resumo: O livro recebe uma apreciação favorável de J. dos Santos, que o julga ser “bem conversado”, como se o autor estivesse ali, diante dos leitores, a contar anedotas. Além disso, ele afirma que há trovas populares na obra, “que de momento a momento, aparecem atadas”.

Gênero da obra: poesia

LOBO, Arthur. *O outro*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 jul. 1901.

Resumo: Trata-se de um romance visto de maneira positiva por J. dos Santos, que opina ser um bom livro e bem feito. Entretanto, o resenhista não deixou de revelar que há ainda “nas suas páginas várias, mas raras, incorreções gramaticais, que o enfeiam aqui e alli. Isso é mínimo”.

Gênero da obra: romance

NICOLAY, Faure. *Memórias e confidências*. Rio de Janeiro: Typ. Villas-Boas, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jul. 1901.

Resumo: O volume, que é um conjunto de confidências e diversas outras narrações, é visto de maneira satisfatória pelo resenhista, que opina: “No conjunto, a leitura é agradável”.

Gênero da obra: memórias

CARDOSO, Symphonio. *Louros esparsos*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jul. 1901.

Resumo: Trata-se de versos dedicados ao Marechal Floriano. Com grande ironia, J. dos Santos revela seu desagrado, opinando que “os versos não têm a menor inspiração”.

Gênero da obra: poesia

OLIVEIRA, Luís de. *Sertanejas*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jul. 1901.

Resumo: São poesias que, para J. dos Santos, possuem versos “não reveladores de menor habilidade”.

Gênero da obra: poesia

COUTINHO, João. *Sombras*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jul. 1901.

Resumo: O livro não recebe comentários muito positivos de J. dos Santos, que afirma serem “versos espantosos pela forma, pelo fundo, por tudo, em suma”.

Gênero da obra: poesia

GUIMARÃES FILHO, Luiz. *Quo Vádis?*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 jul. 1901.

Resumo: Trata-se de uma redução a versos da cena principal do romance de Sienkiewicz, compondo 15 sonetos. Na opinião de J. dos Santos, é um trabalho “digno”, com versos bons, “quase todos excelentes”.

Gênero da obra: poesia

GUIMARÃES, Jayme. *De amor*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 jul. 1901.

Resumo: Trata-se de um livro de estréia que, na concepção do resenhista, possui “versos belos”, proporcionando uma “estréia auspiciosa” ao leitor.

Gênero da obra: poesias

MONTEIRO, J. M. *Compilação da legislação da marinha*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 jul. 1901.

Resumo: O volume, que possui mais de 100 páginas, recebe elogios de J. dos Santos, que o julga ser “um verdadeiro dicionário da legislação da marinha”.

Gênero da obra: monografia sobre legislação da marinha

CRUZ, Cunha. *Medicina psíquica*. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 jul. 1901.

Resumo: O volume, que aborda o inquérito aberto pela polícia a respeito do célebre curandeiro Eduardo Silva, processo que nomeou, dessa forma, uma comissão de 3 membros, composta por: Marcio Nery, Henrique de Sá e Cunha e Cruz, é visto somente com elogios pelo crítico, que o julga “interessantíssimo”, longo e bem feito. Além disso, J. dos Santos também informou que Cruz, no seu trabalho, expõe o seu parecer sobre o assunto, sendo “análogo aos dos outros membros da comissão”.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

VÁRZEA, Virgílio. *George Marcial*. Rio de Janeiro: Tavares Cardoso & irmão, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 jul. 1901.

Resumo: O livro, que narra um episódio da vida política e social do fim do Império, recebe comentários satisfatórios de J. dos Santos, que o julga ser um bom romance. Além disso, o resenhista informa estar o trecho baseado em um caso de amor, simples, emocionante e bem contado, além do fato de que o que segura a obra ser a ação, que vai “seguidamente da primeira à última página”, ou seja, o trecho “encadeia-se naturalmente, de ponta a ponta”.

Gênero da obra: romance

BALZAC, Honoré de. *O lírio do vale*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 jul. 1901.

Resumo: O romance francês traduzido pela livraria Garnier é, segundo J. dos Santos, um “ótimo” romance, sendo que está cheio de ilustrações, que facilitam a compreensão.

Gênero da obra: romance

NODIER, Ch. *A novena da Candelária*. Rio de Janeiro: Garnier., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 jul. 1901.

Resumo: Trata-se de uma coleção de contos traduzidos pelo Ramiz Galvão. Na opinião de J. dos Santos, o volume é “elegantemente cartonado, cheio de ilustrações, tentador por todos os motivos”.

Gênero da obra: contos

VARZEA, Virgílio. *Contos de amor*. Rio de Janeiro: Tavares Cardoso & irmão, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 jul. 1901.

Resumo: J. dos Santos mostra total apreciação à obra, opinando que os cantos dele são, em geral, magníficos, além de opinar que o autor tem um excelente estilo.

Gênero da obra: contos

SANTOS, Paula. *O pecado*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 jul. 1901.

Resumo: O livro de contos recebe avaliação positiva de J. dos Santos. Entretanto, o crítico não deixa de registrar que há neles incorreções. Por fim, o resenhista afirma: “o estilo possui o mérito principal de todo escritor: tem vida. Tem uma bela intensidade comunicativa”.

Gênero da obra: contos

COELHO, Xavier. *Rebentos*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 jul. 1901.

Resumo: O livro de poemas recebe elogios do resenhista, que opina: “os versos são claros, sonoros, harmoniosos, há nelles uma auspiciosa estréia”.

Gênero da obra: poesia

LACERDA, Gustavo de. *O problema operário no Brasil*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 jul. 1901.

Resumo: O livro, cujo autor mostra o que lhe parece ser aplicável no Brasil, pronunciando-se contra o anarquismo, recebe aprovação de J. dos Santos, que o acha “todo caloroso, mas sensato”. Além disso, o crítico menciona que o livro “não é em verso, mas talvez, apesar disso, não deixa de ser poesia”.

Gênero da obra: monografia de sociologia

FREIRE, Silva. *A bibliografia universal*. Rio de Janeiro: Typ. Brasil de Carlos Gerke, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 jul. 1901.

Resumo: J. dos Santos apenas noticia o surgimento da obra de Silva Freire.

Gênero da obra: bibliografia

SENNA, Ernesto. *O Jornal do Comércio*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 jul. 1901.

Resumo: Senna, segundo J. dos Santos, publicou em uma pequena brochura uma curta monografia sobre o *Jornal do Comércio* contando o seu “nascimento, vida e desenvolvimento”. Para o crítico, é “ligeiro”, mas bem feito, pois tem bastante valor informativo.

Gênero da obra: monografia sobre história

PASSOS, Guimarães. *Horas mortas*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 ago. 1901.

Resumo: Na opinião do resenhista, “é um belo, um formoso livro”, pois possui “versos notáveis”.

Gênero da obra: poesia

CRUCHAGA, Miguel. *O arbitramento no congresso de Montecideo*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 ago. 1901.

Resumo: Trata-se de uma defesa feita pelo autor do papel que o Chile assumiu no Congresso Científico, realizado no Uruguai, sendo que o autor mostrou que houve incorreções em tratar de tal assunto, por que todo congresso internacional deve ter o seu programa estritamente marcado. Na opinião de J. dos Santos, é um bom livro.

Gênero da obra: monografia

MENEZES, Emílio de. *Poemas da morte*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 ago. 1901.

Resumo: O livro de poesia recebe comentários positivos de J. dos Santos, que o julga uma excelente coleção, visto que os versos são “alexandrinos pomposos, com um ritmo largo e lento”.

Gênero da obra: poesia

GAMA, Chichorro da. *Lira de ontem*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 ago. 1901.

Resumo: Trata-se de versos escritos entre 1879 a 1891, vistos de forma positiva pelo crítico. J. dos Santos informa serem composições singelas que abordam, sobretudo, as grandes preocupações da época em que foram feitas como, por exemplo, a abolição e a

propaganda republicana. Por fim, rapidamente, ele informa: “são versos escriptos entre lazeres de estudante e ardores de mocidade”.

Gênero da obra: poesia

GUSMÃO, Antonio Cardoso de. *Liberdade profissional*. Rio de Janeiro: Typ. da Livraria Econômica, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 ago. 1901.

Resumo: O volume reúne os melhores argumentos contra a liberdade profissional, transcendendo também “a sua extraordinária franqueza a quem quer que os leia, sem idéia preconcebida”. Elogiando o trabalho de Germano, J. dos Santos finaliza da seguinte forma: “é o que de melhor até hoje se escreveu, em defesa do monopólio acadêmico”.

Gênero da obra: monografia científica

MORAES FILHO, Mello. *Serenatas e Saráus*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 ago. 1901.

Resumo: Trata-se de uma coleção de composições poéticas de origem popular, que, “se não fossem reunidas por elle, estariam talvez condenadas a desaparecer”. De maneira elogiosa, J. dos Santos opina ser a obra digna de leitura.

Gênero da obra: poesias

O novo cozinheiro universal. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 ago. 1901.

Resumo: O grande volume de 700 páginas, em que se enumeram os pratos mais apetitosos feitos em quase todos os povos, recebe a aprovação do crítico, que o julga “fantástico”.

Gênero da obra: monografia

VÍCTOR, Nestor. *A hora*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 ago. 1901.

Resumo: Trata-se de uma coleção de 3 estudos críticos, o primeiro sobre Maurice Barres, o segundo sobre Edmond Rostand e o terceiro sobre Hosen. A obra não recebe avaliação positiva de J. dos Santos, visto que, ironicamente, ele afirma haver nela “freqüentes obscuridades e complicações”.

Gênero da obra: monografia

ISMELLO. *Gonçalves Dias e a Academia Brasileira*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 set. 1901.

Resumo: Trata-se de um breve trabalho que mostra a origem das “hermas” do Passeio Público, a partir do monumento erigido a Gonçalves Dias. Entre as informações mais relevantes dadas pelo crítico, está o fato de “Ismello” ser pseudônimo de Jesuíno da Silva Mello, que já havia revelado esse fato na imprensa.

Gênero da obra: monografia

PRADO, Manuel do. *A educação de nossos filhos*. Belo Horizonte: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 set. 1901.

Resumo: O livro, uma brochura de 24 páginas que se apresenta como uma apologia da educação científica e é um protesto contra o ensino “demasiadamente literário que se mistura nos nossos estabelecimentos de instrução”, recebe críticas negativas de J. dos Santos, que o julga mal escrito, mal impresso, “sem a menor idéia nova ou justa”.

Gênero da obra: monografia sobre educação.

LUSTOSA, Monsenhor Vicente. *O hipnotismo e a religião*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 set. 1901.

Resumo: Trata-se de uma coleção de artigos publicados no *Jornal do Comércio* e então reunidos em volume, cujo autor procura estudar a causa dos fenômenos de hipnotismo, telepatia, lucidez, movimentos de objetos e aparições objetivas. Com grande ironia, J. dos Santos deixa claro que não apreciou o livro: “Quanto a mim, custo a crer que um rapaz tão simpático e atarefado anda metido nisso...”.

Gênero da obra: monografia sobre religião

GAMA, Domício da. *Histórias curtas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 set. 1901.

Resumo: A obra é uma coleção de 32 contos, escritos de 1880 a 1899. Na concepção do resenhista, há “frases, períodos, páginas delicadas sem violência de cor”, visto que Gama é “um estilista delicado e o mesmo analista sutil”.

Gênero da obra: contos

OLIVEIRA, Joel de. *Tese antiga*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 set. 1901.

Resumo: Trata-se de uma conferência sobre o divórcio, feita pelo padre Julio Maria. Na opinião de J. dos Santos, a obra não é um bom trabalho, pois ele funde as duas ruindades: “... a do bacharel que já não sabe o seu antigo ofício e a do padre que ainda não sabe o novo...”.

Gênero da obra: conferência

ANDREA, Mario. *Cristais*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 set. 1901.

Resumo: O livro que é a estréia de Andrea recebe críticas positivas de J. dos Santos, que julga: “a estréia é realmente promissora. Os versos têm pensamento, sentimento e harmonia”.

Gênero da obra: poesia

CAVALCANTI, Moreira. *Sulamites*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 2 out. 1901.

Resumo: O livro de poesia é avaliado de forma negativa por J. dos Santos que, ironicamente, afirma: “Não há nada que mais agrada o poeta que as repetições e as onomatopéias. Ele foge para as páginas da *Bíblia*, a procurar lá a poesia que por aqui não se encontra”.

Gênero da obra: poesias

GALVÃO, Olympio. *Contos sem desconto*. Recife: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 2 out. 1901.

Resumo: A obra de contos não recebe aprovação de J. dos Santos, que a julga confusa, pois nela “há muitos ingredientes misturados, nebulosos”. Por fim, criticando negativamente o autor, ele ainda afirma ironicamente: “Deus o conserve assim diluído, em forma de essência vaga, vagando por longe...”.

Gênero da obra: contos

DIAS, Arthur. *Do Rio a Buenos Aires*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 out. 1901.

Resumo: O livro narra a viagem de Campos Salles, quando ele foi visitar o Rio da Prata. J. dos Santos tece elogios à obra, atribuindo-lhe “beleza tipográfica”, além de afirmar: “a narração revela um observador atento e audacioso. Sob a frivolidade aparente deste belo livro, tão bem ilustrado e tão graciosamente escrito, há ensinamentos úteis”.

Gênero da obra: relato de viagem

PEREIRA, Edwiges de Sá. *Campesinas*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 out. 1901.

Resumo: J. dos Santos prefere não opinar sobre a obra, afirmando que “os versos são singelos, espontâneos, nem são detestáveis, nem geniais. Ela não pode ter a pretensão de ter feito um livro definitivo”.

Gênero da obra: poesia

CRUZ, Azevedo. *Profissão de fé*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 out. 1901.

Resumo: O livro de 6 poesias recebe total aprovação do crítico, que opina: “São composições de grande sopro lírico. Os versos tem uma bella cadência, uma fatura ampla e larga”. Por fim, tecendo grandes elogios a Cruz, J. dos Santos opina ser “livro de um poeta já feito”.

Gênero da obra: poesia

PINHEIRO, Aristίδes. *Cristais*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 out. 1901.

Resumo: Trata-se de um “volumesito” de 88 páginas, contendo umas pequenas fantasias em prosa. Na concepção do resenhista, “é um trabalho de principiante, mas é uma lição eloqüente”.

Gênero da obra: poemas em prosa

NASCIMENTO, Durval do. *Aljófres*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 out. 1901.

Resumo: O livro de poesia recebe comentários negativos de J. dos Santos, que, dentre as informações mais relevantes, citou o fato de ser “cheio de incorreções de forma, de banalidades” e também de ser “abominável de idéias, com muitos defeitos, que nem os principiantes devem cometer”.

Gênero da obra: poesia

LEITÃO, José Henrique de Sá. *Alma em flor*. Recife: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 out. 1901.

Resumo: O livro de poesia recebe elogios de J. dos Santos, que julga ser uma “estréia auspiciosa” e também ser “um livro delicado, de composições singelas, mas graciosas e bem feitas”.

Gênero da obra: poesia

CASTRO, Viveiros de. *Questões de Direito penal*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 out. 1901.

Resumo: O trabalho jurídico de 420 páginas, cujo autor estuda o homicídio involuntário a partir da acusação contra um cocheiro de bonde, que mata uma criança, recebe elogios do resenhista, que afirma ser o autor “talentoso, com a eloquência que emprega na defesa das suas opiniões”, visto que Castro “resume a questão, dá a íntegra da sua sentença e comenta-a”.

Gênero da obra: monografia jurídica

D’ESPERANCE, Mme. *No país das sombras*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 nov. 1901.

Resumo: O livro, que é uma coleção de memórias “estupendas”, é visto com muito agrado por J. dos Santos, que opina: “O livro será sempre muito interessante, pois discute a realidade por um médium”.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo

VEIGA, Dima da. *Código Comercial*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 nov. 1901.

Resumo: Trata-se de um trabalho jurídico, que começa no artigo 287 e vai até o artigo 353 do Código Comercial, comentando cada um, dando a sua interpretação de acordo com a jurisprudência firmada na época. J. dos Santos informa que esse segundo volume chamava-se, na sua primeira edição, *Amigo e conselheiro dos negociantes* e foi elaborado pelo pai do autor. Na concepção do crítico, é uma boa obra, visto que “faz honra ao autor e editor”.

Gênero da obra: monografia jurídica

JUNIUS, Léo. *Mistérios de além túmulo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 nov. 1901.

Resumo: O livro de espiritismo e cristianismo publicado pela Laemmert não recebe comentários positivos de J. dos Santos, que afirma: “é uma coleção de tolices, desenxabida, sem o menor valor, nem literário, nem científico, nem de espécie alguma”.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo e religião

LOPES, Thomaz. *Sonho*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 nov. 1901.

Resumo: O livro de poesia recebe elogios do resenhista, que afirma: “sua estréia é um triunfo”.

Gênero da obra: poesia

CAVALCANTI, Augusto. *Tabernáculo*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 nov. 1901.

Resumo: O livro de poemas recebe elogios do resenhista, que opina: “é um belo livro de poesia de um poeta seguro da sua inspiração e do seu verso. Seu volume é um dos melhores publicados”.

Gênero da obra: poesia

AZEVEDO, Magalhães de. *Elegias a Leão XIII*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 nov. 1901.

Resumo: J. dos Santos informa que, nessas elegias reunidas em um volume, há uma tentativa original: a de adaptar à métrica portuguesa uma nova forma, que, segundo o autor, limita o efeito harmônico dos hexâmetros e pentâmetros latinos. Para o crítico, os versos de Azevedo “tem rithimo, tem prosa muito boa”.

Gênero da obra: poesia

LOBO, Antonio. *A Biblioteca do Maranhão em 1900*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 nov. 1901.

Resumo: Trata-se de um estudo referente ao depósito legal, que a lei mandava fazer nas bibliotecas. J. dos Santos informa que Lobo provou que é necessário a lei regular melhor essa questão, estabelecendo a permuta de duplicatas entre as diversas bibliotecas do país, ou mesmo entre as do Brasil e de outras nações.

Gênero da obra: bibliografia

ALBUQUERQUE, Solfieri de. *Páramos*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 nov. 1901.

Resumo: Trata-se de uma coleção de poemas em prosa, “gênero que, decididamente, está grassando epidemicamente entre nós”. Para o resenhista, o autor “revela verdadeiro talento”.

Gênero da obra: poemas em prosa

NAILLES, Van Der. *No santuário*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 nov. 1901.

Resumo: O romance editado pela casa Garnier é a continuação da obra do mesmo autor intitulado *Nos tempos de Himalaya* e, como esta, pretende conter revelações de uma suposta “iniciação oculta”. J. dos Santos tece elogios ao trabalho, opiando que é “forte e magistral a obra”, “que se lê com prazer”.

Gênero da obra: romance

CORDEIRO, Carlos. *Consultor orfanológico*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 nov. 1901.

Resumo: O resenhista informa que o livro foi tão remodelado por Oscar de Macedo Soares, “que é quase por simples respeito a uma tradição, que conserva o nome do primitivo autor”.

Gênero da obra: monografia jurídica

SALUSSE, Júlio. *Sombras*. Rio de Janeiro: Edição d'A. Lanterna, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 nov. 1901.

Resumo: J. dos Santos apenas limitou-se a transcrever algumas quadras, não tecendo comentários à obra.

Gênero da obra: poesia

SIENKREWIEZ, Henrique. *Quo vadis*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 nov. 1901.

Resumo: Mais uma vez, J. dos Santos resenha esse livro, opinando ser digno de ser noticiado, pois se lê com prazer.

Gênero da obra: romance

CELSO, Afonso. *Oito anos de parlamento*. Paris: Mariani, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 dez. 1901.

Resumo: J. dos Santos informou ser uma simples coleção de notas e reminiscências, sendo que no último capítulo do volume, sobre o parlamentarismo no Brasil, “parece bom”. Em suma, para o crítico, o livro é leve, agradável, visto que “tudo é escrito com singeleza, mas de bom gosto. O próprio otimismo do autor, raramente quebrado por pequenas mordacidades, dá uma nota agradável a este volume de reminiscências pessoais”.

Gênero da obra: memórias

CELSO, Afonso. *Por que me ufano do meu país?*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 dez. 1901.

Resumo: Trata-se de um manual de educação cívica editado pela Casa Laemmert que se destina às crianças brasileiras. Segundo J. dos Santos, é um trabalho “perfeito” sobre o assunto.

Gênero da obra: monografia sobre educação cívica

CASTRO, Viveiros de. *Tratados dos impostos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 dez. 1901.

Resumo: O volume, publicado pela livraria Laemmert, expõe uma relação teórica da origem, incidência e funcionamento dos diversos impostos, usados em todos os países civilizados, além de possuir também uma parte prática, em que o autor estuda mais particularmente nossos impostos. Segundo J. dos Santos, essa parte representa um excelente trabalho, pois nela as leis e regulamentos em vigor estão citados “bem longamente [...] permitindo a qualquer o conhecimento exato do nosso sistema tributário”.

Gênero da obra: monografia jurídica

SILVA, Pereira da. *Elegia*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 dez. 1901.

Resumo: Trata-se de uma publicação, em resumido número de exemplares, da elegia que Silva compôs, por ocasião da morte de seu genro, Arthur da Silva Pereira. Segundo J. dos Santos, a obra possui “versos de uma grande beleza de forma e elevação de idéias”.

Gênero da obra: poesia

RIBEIRO, João. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Cruz Coutinho, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 dez. 1901.

Resumo: O livro de 390 páginas também fez uma edição escolar destinada a crianças retratando, segundo J. dos Santos, o modo pelo o qual o Brasil se desenvolveu, indicando os fatores reais dessa evolução, mesmo quando eles foram anônimos. Para o jornalista, trata-se de um bom trabalho.

Gênero da obra: monografia sobre história

COUTINHO, Lacerda. *Greenholgh*. Rio de Janeiro: Tipografia Neri, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 dez. 1901.

Resumo: Trata-se de uma reedição do poemeto, em versos soltos, escrito em 1866. J. dos Santos opinou que “está bem na corrente literária”.

Gênero da obra: poesia

SEIDL, Carlos. *Viagem ao Prato*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 dez. 1901.

Resumo: O livro traz o posicionamento do autor acerca de tudo o que dizia respeito aos serviços médicos, desde a instrução às clínicas até instalações de hospitais e outros serviços. Para J. dos Santos, o trabalho é leve e bem despretensioso.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

GARRIDO, Eduardo. *Cenas e Cançonetas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 dez. 1901.

Resumo: Para J. dos Santos, o volume possui cenas cômicas reunidas oportunamente, visto que todas são “aplaudidas”. De forma elogiosa, ele julga ser o livro “desopilante”.

Gênero da obra: teatro

ARAÚJO, João Vieira de. *Código Penal interpretado*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 dez. 1901.

Resumo: Trata-se de dois grossos volumes, um longo e “exaustivo” comentário do Código Penal, que recebe críticas muito positivas de J. dos Santos, visto que ele o acha “formidável” por revelar “uma erudição no assunto”. Por fim, o resenhista informa que Araújo analisa o assunto inteiramente, compara-o aos textos estrangeiros, expõe a jurisprudência nacional e trata do projeto de Código aprovado pela Câmara, que ainda dependia da decisão do senado.

Gênero da obra: monografia jurídica

GODOIS, Barbosa de. *Instrução cívica*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 dez. 1901.

Resumo: O livro, cujo autor paraense fez uma exposição sobre considerações sobre a história e a pátria, recebe elogios de J. dos Santos, que o julgou excelente. Além disso, o colunista achou a exposição muito boa, além de clara.

Gênero da obra: livro didático

OLIVEIRA, Virgílio Cardoso de. *Leitura cívica*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 dez. 1901.

Resumo: O colunista informou que o autor, que é do Maranhão, não se preocupou tanto em relatar detalhes do seu estado natal. Apesar disso, teceu informações relevantes sobre esse estado, tal como o fato do Maranhão figurar entre os estados, onde a instrução é considerada um problema sério. Dela, por um plano de bem entendido patriotismo, foram controladas todas as pequenas preocupações políticas. Oliveira foi, entretanto, de período a período, transcrevendo os diversos artigos e parágrafos da Constituição e comentando-os de um “modo simples, elementar, próprio a facilitar a sua compreensão”. Na opinião do crítico, o trabalho é muito bom, principalmente para o público infantil, visto que é bem simples.

Gênero da obra: monografia

LOPES, B. *Helenos*. S. l.: s.n., 1901. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 dez. 1901.

Resumo: A obra constituída exclusivamente de sonetos não recebe comentários positivos de J. dos Santos, que opina: “algumas puerilidades Lopes poderia evitar”. Além disso, afirma que os versos não revelam nada. Todavia, o colunista não deixa de registrar que o livro tem “a vantagem de dispensar a ligação lógica dos pensamentos”.

Gênero da obra: poesias

LUCO, Luiz Orrego. *Los problemas internacionales del Chile*. Rio de Janeiro: Imprensa Esmeralda, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 jan. 1902.

Resumo: Trata-se de publicação em dois volumes, em um dos quais o autor discute os projetos de arbitramento obrigatório e no outro, a questão peruana. Entre as informações mais importantes que J. dos Santos relatou, está o fato do trabalho abordar o arbitramento obrigatório dos países, revelando o desejo natural do Chile de estender as suas fronteiras, além de Luco referir-se longamente a todos os insucessos do arbitramento e suas grandes dificuldades práticas, demonstrando que todo o livro é feito para provar que o arbitramento obrigatório não passa de uma utopia. De forma irônica, por fim, o crítico julga o livro “desanimado e, por isso mesmo, muito fraco”.

Gênero da obra: monografia sobre país

MORAES FILHO, Mello. *Serenatas e sardos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 jan. 1902.

Resumo: A coletânea de poesia publicada em segundo volume pela livraria Garnier que dá uma visualização de conjunto sobre toda a época recebe total aprovação de J. dos Santos que, opina: “excede, porém, em valor qualquer outra, pela riqueza de elementos”. Em seguida, o colunista registra que o livro termina com uma série de monólogos, canções e cenas cômicas.

Gênero da obra: poesia

PESSOA, Frota. *Crítica e polêmica*. Rio de Janeiro: A. Gurgulino, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 jan. 1902.

Resumo: O colunista tece elogios ao livro, mas não deixa de opinar que Pessoa é melhor quando faz contos. De fato, o resenhista afirma: “de todas as modalidades do seu talento essa é, a meu ver, a mais forte, a mais original”.

Gênero da obra: crítica literária

MONTEIRO, Miguel. *Estações*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 30 jan. 1902.

Resumo: O livro de estréia, que possui apenas 4 poemas de amor, cada um consagrado à uma estação do ano: “inverno”; “primavera”; “outono” e “verão”, é avaliado de forma positiva por J. dos Santos, que opina: “os versos de Monteiro são simples, espontâneos, harmoniosos, prometedores, nos trazem um bom augúrio”.

Gênero da obra: poesia

NASCIMENTO, D. *Em caserna*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 30 jan. 1902.

Resumo: Trata-se de uma coleção de contos militares, sendo que alguns são episódios da vida acadêmica; outros recordam fatos da Revolta de Setembro e os últimos contos, cenas da vida de Deodoro, Osório e Floriano. Ironicamente, J. dos Santos alude à obra de forma nada positiva, opinando que Nascimento não tem facilidade de composição, visto que o livro é prolixo, além de julgar que ele “não tem, evidentemente, pretensões a estylista”.

Gênero da obra: contos

GOMES, Ismael. *Cantos de início*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 30 jan. 1902.

Resumo: O livro, que é um conjunto de poesias, não recebe elogios de J. dos Santos que, dentre vários defeitos apontados na obra, apontou as repetições constantes usadas pelo poeta, as melopéias religiosas e as “ladainhas”. Por fim, ironicamente, o crítico julga ser um trabalho “monotonamente idiota”, pois “só tem composições decrépitas”.

Gênero da obra: poesia

LOPES, Júlia. *A falência*. Rio de Janeiro: Oficinas de Obras d’A Tribuna, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 fev. 1902.

Resumo: O livro, que narra a história da falência do personagem Francisco Teodoro, é visto positivamente por J. dos Santos, que o julga “magnífico”, “uma obra magistral, com descrições bem feitas”. Além disso, o crítico opinou que a personagem mais simpática do romance é a Nima, sobrinha de Camila. Por fim, ele registrou que a história não possui nenhuma “obscenidade”, nenhuma “grosseria, nem mau gosto”, o que fez com que Julia se revelasse uma das maiores escritoras nacionais.

Gênero da obra: romance

BRASIL MÉDICO. *Formulário prático*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 fev. 1902.

Resumo: O trabalho reúne uma coleção de receitas de médicos famosos, indicando a sua aplicação, ao começar pelo tratamento da febre amarela. Tecendo elogios, J. dos Santos o julga um bom livro, bonito, “elegante e bem impresso”.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

CARVALHO, Xavier de. *Missas negras*. Manaus: Livraria Universal de M. Silva & C., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 fev. 1902.

Resumo: J. dos Santos, ao resenhar o livro de poemas, aponta o defeito de rimas exageradas e de uso excessivo pelo poeta de “consonâncias torritruantes”. Entretanto, para ele, trata-se de um bom livro, visto que há belas composições, além do fato de Carvalho revelar em seus versos, em vários momentos, freqüentes preocupações sociais.

Gênero da obra: poesia

TÁVORA, Flanklin. *O matuto*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 fev. 1902.

Resumo: O romance reeditado pela livraria Garnier recebe elogios de J. dos Santos, que diz ter “colorido, animação, vida”. Além disso, o colunista elogia o autor, afirmando que é um bom observador.

Gênero da obra: romance

TÁVORA, Flanklin. *O cabeleira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 fev. 1902.

Resumo: Trata-se de um livro reeditado pela Garnier, que recebe comentários positivos de J. dos Santos. Na concepção do resenhista, o estilo de Távora é “simples e límpido e sua imaginação bem equilibrada torna a leitura do livro [...] agradável e boa”.

Gênero da obra: romance

TÁVORA, Flanklin. *Lourenço*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 fev. 1902.

Resumo: O livro recebe boa avaliação do crítico que, dentre vários elogios, aponta como pontos altos as descrições das ricas cenas do romance, afirmando: “Mesmo na pintura d’aquellas scenas, cuja veracidade não conhecemos, a verosimilhança é tal, que se tem a impressão de verdade absoluta”.

Gênero da obra: romance

SOARES, Oscar Macedo. *Código penal anotado*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 fev. 1902.

Resumo: Trata-se de um trabalho jurídico, que dá apenas, para cada caso, as indicações que a prática podia exigir de momento, ou seja, é um guia para todos os estudiosos da área. Na concepção do resenhista, o livro é bom, apesar de falhar em relação a direitos autorais, visto que Soares “nem se dá ao trabalho de estabelecer a concordância entre o código e as disposições legais posteriores que o reformaram e o revogaram”.

Gênero da obra: monografia jurídica

CELSONO, Afonso. *Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 mar. 1902.

Resumo: A obra poética não é vista de maneira positiva por J. dos Santos que, de forma irônica, opina conter “versos abomináveis”, chegando até mesmo à “chateza”, com muita trivialidade, principalmente na primeira parte do trabalho. Todavia, o colunista

não deixou de registrar que há, no volume, composições de grande mérito, apesar de dizer, sobre Celso, que, nele, “o prosador excede o poeta”.

Gênero da obra: poesia

CARVALHO, Horácio de. *Navegação aérea*. Rio de Janeiro: Typ. do Diário Oficial, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 mar. 1902.

Resumo: O livro, cujo subtítulo é “A conquista dos ares de Bartolomeu de Gusmão a Santos Dumont”, traz, sobretudo, a história das diversas tentativas feitas por este último no que diz respeito à aviação. De modo geral, há uma boa apreciação crítica do livro que, segundo J. dos Santos, será futuramente precioso para o estudo da questão.

Gênero da obra: monografia historiográfica

SALLES, Antonio. *Poesias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 mar. 1902.

Resumo: A obra, que reúne produções de muitos anos do autor, apresenta, segundo o colunista, “versos singelos de amor, descrições e, por fim, poesias de mais alta envergadura”.

Gênero da obra: poesia

MORAES FILHO, Mello. *Serenatas e sardos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 mar. 1902.

Resumo: O terceiro volume da coleção *Serenatas e Sardos*, de Mello Moraes Filho traz, além dos principais hinos brasileiros, modinhas escolhidas e gêneros característicos da literatura da época em que foram publicadas.

Gênero da obra: poesia

CARVALHO, Prado. *Apontamentos de balística*. Paris: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 abr. 1902.

Resumo: J. dos Santos apenas anuncia a edição do livro de Prado Carvalho.

Gênero da obra: monografia sobre balística

MACIEL, Maximino. *Gramática descritiva*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 abr. 1902.

Resumo: O colunista J. dos Santos noticia a publicação da terceira edição, aumentada com notas e resumos sinópticos, da obra de Maciel.

Gênero da obra: livro didático

SANTOS, Maria Clara da Cunha. *Painéis*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 abr. 1902.

Resumo: Trata-se de uma boa coleção de contos em que predomina a ação. J. dos Santos assinala que em tais contos “narra-se um facto mais ou menos commovente, alegre ou triste, mas bem escolhido”.

Gênero da obra: contos

CANDIDO, Zeferino. *Relações comerciais entre Portugal e Brasil*. Lisboa: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 abr. 1902.

Resumo: O volume apresenta as conferências proferidas pelo autor na Associação Comercial em Lisboa. Trata-se, segundo J. dos Santos, de conferências “interessantíssimas” para o comércio português no Brasil.

Gênero da obra: conferências

MEREJKOWSKY, Dmitry. *A morte dos deuses*. Paris: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 abr. 1902.

Resumo: O romance é, na visão de J. dos Santos, um livro “commovedor e forte”, que tem por fundo a luta entre o politeísmo em decadência e o catolicismo que surge triunfante.

Gênero da obra: romance

BRAGA, Teófilo. *Os doze de Inglaterra*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 abr. 1902.

Resumo: Trata-se de um poema escrito por Braga que não recebe crítica positiva. O colunista J. dos Santos, sem desmerecer o talento do autor como um dos historiadores mais eruditos de Portugal, critica seu trabalho como poeta: “senhor da língua, conhecedor das mais bellas tradições, habituado á lidar com idéias elevadas, há de tudo nos seus trabalhos poéticos. Falta apenas a poesia”.

Gênero da obra: poesia

ARTAGÃO, Mario de. *Música sacra*. Lisboa: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 abr. 1902.

Resumo: O livro de versos de Artagão recebe crítica favorável de J. dos Santos, que considera, sobretudo, a harmonia e a suavidade dos versos.

Gênero da obra: poesia

BRANDÃO, Julio. *Maria do céu*. Porto: Chardron, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 abr. 1902.

Resumo: O livro de Brandão não chega, segundo J. dos Santos, a ser um romance. Trata-se antes de um “idílio por cartas”, já que é através desta forma que o protagonista se comunica com sua noiva. O resenhista assinala que “a prosa do Sr. Julio Brandão póde muito bem ser lida. Mas se elle condensasse em algumas páginas de boa poesia as 178 de prosa faria ainda melhor. Dar-nos-hia uma emoção muito mais intensa”.

Gênero da obra: romance

GRIMALDI, F. *Histórias do reino encantado*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 abr. 1902.

Resumo: Trata-se de uma coleção de contos de fada de Perrault e outros autores, destinados ao público infantil.

Gênero da obra: literatura infanto-juvenil

SANTOS, Agenor de Noronha. *Corografia do Distrito Federal*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 abr. 1902.

Resumo: O livro não recebe grandes elogios de J. dos Santos. O resenhista apenas nota que “para dar uma notícia succinta e exata do Districto seu trabalho basta amplamente”.

Gênero da obra: monografia sobre geografia

BRITO, Herculano. *Versos simples*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 abr. 1902.

Resumo: O livro de estréia de Herculano Brito é caracterizado por J. dos Santos como “de boa poesia”.

Gênero da obra: poesia

BALZAC, Honoré de. *Fisiologia do casamento*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 abr. 1902.

Resumo: J. dos Santos anuncia a tradução, pela editora Garnier, do livro de Balzac.

Gênero da obra: romance

ARANHA, Graça. *Canaã*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 abr. 1902.

Resumo: O livro é, na visão de J. dos Santos, “um romance com páginas de poema”, no qual o autor por vezes sai da simples narração e, a pretexto de passar as impressões do protagonista Milkau, transmite uma idéia sobre o Brasil, sobre a evolução social e sobre o futuro. De modo geral, há uma boa apreciação crítica da obra.

Gênero da obra: romance

BILAC, Olavo. *Poesias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 abr. 1902.

Resumo: A Garnier reuniu em um só volume todas as poesias já publicadas de Bilac na época, tais como “Panoplias”; “Via-lactea”, “Sarças de fogo” e a ellas juntou três outras coleções, como “Alma inquieta”; “As viagens” e “O caçador de esmeraldas”. J. dos Santos tece elogios à obra, dizendo que de um livro de Bilac só há um comentário a fazer: “é mencionar singelamente. É um livro de Olavo Bilac. Mais nada”.

Gênero da obra: poesia

REDONDO, Garcia. *Carícias*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 maio 1902.

Resumo: A segunda edição de *Carícias*, de Garcia Redondo é uma coleção de recordações pessoais. J. dos Santos alude positivamente a tal livro, caracterizando-o como “bom”. O livro tem duas partes: “Carícias” e “Botância amorosa”. A primeira é uma coleção de recordações pessoais, a segunda compõe-se de capítulos em que o autor estuda certos fenômenos da vida das plantas.

Gênero da obra: monografia

VERISSIMO, José. *Homens e coisas estrangeiras*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 maio 1902.

Resumo: O volume é a reunião de grande número dos artigos de José Veríssimo, publicados no *Jornal do Comércio* no período compreendido entre 1899 e 1900. J. dos Santos afirma que um dos méritos dos artigos do autor é que “não ficam na simples exposição de idéias alheias”. Também o conceito de arte como função social, o qual Veríssimo compartilha, é elogiado pelo colunista.

Gênero da obra: crítica literária

GARNIER, P. *A esterilidade humana*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 maio 1902.

Resumo: O livro não recebe grandes elogios de J. dos Santos: “sobre a *Esterilidade Humana*, grosso volume de 526 páginas, nada há que dizer, sinão que elle não está muito [...] de trabalhos mais modernos”.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

AKSAKOFF, Alexandre. *Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 maio 1902.

Resumo: O livro, no qual se estudam fenômenos ocorridos com a médium Madame d'Espérance, é, segundo J. dos Santos, digno de ser lido por todos que se interessam pelo espiritismo.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo

CARVALHO, Vicente de. *Rosa, rosa de amor*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 maio 1902.

Resumo: O livro recebe uma ótima apreciação crítica de J. dos Santos.

Gênero da obra: poesia

GUIMARÃES, Moreira. *A disciplina e a liberdade humana*. São Paulo: Livraria Paulista, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 maio 1902.

Resumo: O volume é a publicação em folheto da conferência proferida pelo oficial do exército Moreira Guimarães. Trata-se, segundo J. dos Santos, de um trabalho “de algum modo erudito, porque o orador, sobre o assumpto, aliás simples, multiplicou as citações de todos os bons auctores que têm escripto sobre a arte militar”.

Gênero da obra: monografia sobre militarismo

OURO PRETO, Visconde de. *A década republicana*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 maio 1902.

Resumo: J. dos Santos noticia a reedição do primeiro volume de *A década Republicana*, do Visconde de Ouro Preto. Segundo o colunista, “como synthese de todas as argüições que podem ser feitas á política financeira da República, o volume do sr. Ouro-Preto tem mérito”.

Gênero da obra: monografia historiográfica

FLAUBERT. *A tentação de santo Antônio*. Porto: Chardron, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 maio 1902.

Resumo: A obra de Flaubert traduzida pelo autor português João Barreira e editada pela livraria Chardron recebe, de J. dos Santos, crítica positiva. O colunista nota que “n’esse volume, que Flaubert levou muitos annos a compor, o estylo é tudo. Nos diálogos e descripções d’esse romance (?) chaótico e estranho, há verdadeiros achados de expressão, cuja traducção deveria fazer recuar ao mais ousado. Mas é força convir que o Sr. João Barreira venceu gualhardamente as dificuldades”.

Gênero da obra: romance

VIANNA, Sá. *Congresso jurídico americano*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 maio 1902.

Resumo: Trata-se da reunião por ocasião do primeiro centenário do Brasil, sendo que nele se compendiam unicamente as actas das sessões. Como secretário-geral, Vianna também incumbio a tarefa de preparar a publicação dos trabalhos efetuados, agrupando todos os materiais precisos. J. dos Santos o elogiou pelo fato do autor ter feito um índice que facilita muito as consultas.

Gênero da obra: monografia jurídica

MENDONÇA, Lucio de. *Murmúrios e clamores*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 jun. 1902.

Resumo: Trata-se de uma coleção de poemas de Mendonça. J. dos Santos, além de considerar bela a obra em si, assinala que em geral os versos do autor são excelentes.

Gênero da obra: poesia

LUSTOSA, Vicente. *Antologia de pregadores brasileiros*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 jun. 1902.

Resumo: O livro, que traz diversos sermões, recebe crítica negativa: “a anthologia de monsenhor Lustosa é lamentável”.

Gênero da obra: discursos

SANTOS, Daltro dos. *Taça partida*. Rio de Janeiro: Typ. Gerani, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 jun. 1902.

Resumo: O livro de poemas, embora receba algumas ressalvas, de um modo geral, agrada a J. dos Santos. O colunista escreve que “o livro é bom, é são, é de um poeta que ensaia o vôo, com azas de quem há de saber alar-se triumphantemente”.

Gênero da obra: poesia

BUSCH, W. *Juca e Chico*. Trad de Olavo Bilac. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 jun. 1902.

Resumo: O livro recebe crítica favorável. Vale lembrar que J. dos Santos aprova não somente a obra alemã, mas também a bela tradução em versos feita por Olavo Bilac.

Gênero da obra: literatura infanto-juvenil

FONSECA, José Joaquim de Oliveira. *Legitimação de filhos adulterinos*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 jun. 1902.

Resumo: Trata-se, em suma, de um folheto no qual o autor reúne os artigos que publicou acerca de assunto abordado.

Gênero da obra: monografia jurídica

PAES, Áurea. *Indiana*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jul. 1902.

Resumo: Trata-se de um poema de amor escrito pela autora. J. dos Santos assinala que Paes possui “poesias excelentes”; no entanto, no que diz respeito especificamente ao livro e questão, faz determinadas restrições concernentes à verossimilhança de seus versos.

Gênero da obra: poesia

PINHEIRO, Xavier. *Floriano: Almas heróicas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jul. 1902.

Resumo: A coleção de poesias patrióticas, feitas em diversas épocas, para comemorar a figura heróica do Marechal Floriano Peixoto, não recebe elogios de J. dos Santos, que opina não ter “expontaneidade necessária” ao passo que os poemas parecem fabricados por encomenda.

Gênero da obra: poesia

COSTA, Antonio da. *Na minha história de instrução popular em Portugal e Três mundos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jul. 1902.

Resumo: Trata-se de uma obra erudita, cujo autor vem com o seu estudo desde a fundação do Reino, tempos remotos de D. Afonso Henriques, em que o ensino estava concentrado nas ordens monásticas. De forma elogiosa, J. dos Santos opina ser um grande e belo livro, sendo que nele páginas “soberbas” e “vibrantes”.

Gênero da obra: monografia sobre história

RIBEIRO, João. *Versos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 jul. 1902.

Resumo: J. dos Santos informa ser uma nova edição do que Ribeiro publicou em 1889, com o mesmo título. Todavia, a edição atual veio aumentada de grande número de poesias inéditas, impressas em bom papel e bom formato.

Gênero da obra: poesia

BARBALHO, João. *Comentários a Constituição Federal Brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 jul. 1902.

Resumo: O trabalho, cujo autor toma artigo por artigo de cada um analisando o sentido, frase por frase, confrontando o texto atual com o que foi proposto à constituinte, recebe aprovação do resenhista, que informa que o livro também junta a disposição tipográfica,

o que, em tal espécie de obras, tem importância grande. Além disso, o colunista também informou que Barbalho deu também as emendas principais, que foram tanto aprovadas quanto repetidas.

Gênero da obra: monografia jurídica

D'ALBERGARIA, Sá. *A irmã Doroteia*. Porto: Chardron, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 jul. 1902.

Resumo: Trata-se de um típico romance-folhetim, visto que o que domina é a ação, que é, de fato, “vertiginosa”. Além disso, o crítico informa que o autor não deixou de fazer longas descrições minuciosas, acompanhadas de estudos psicológicos, evidentemente.

Gênero da obra: romance

SANTOS, Noronha. *Os apontamentos para o indicador do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 jul. 1902.

Resumo: O livro é um dicionário de todas as ruas, praças e lugares dessa cidade. Na concepção de J. dos Santos, é um trabalho extraordinário.

Gênero da obra: dicionário

ALVIM, Alvaro. *Eletricidade perante a medicina*. S. l.: s.n., 1902 Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 ago. 1902.

Resumo: O livro, que reúne uma série de artigos sobre o assunto, publicados n’*O País*, recebe crítica favorável. No que diz respeito ao autor do livro, J. dos Santos escreve: “Não há, de certo, entre nós quem possa fallar d’esse assumpto com mais competência”.

Gênero da obra: monografia científica

SOUZA, Vicente de. *Restituição da pronúncia latina*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 ago. 1902.

Resumo: A obra é vista de maneira positiva pelo crítico: “O trabalho do Dr. Vicente de Souza é methodico e profundo. Embora de pequeno volume, revela uma erudição pouco vulgar mesmo entre latinistas: é na auctoridade dos grandes mestres da philologia, a começar por Bopp, que elle se funda para as suas conclusões, que não podem deixar de interessar todos os que estudam e apreciam a língua latina”.

Gênero da obra: monografia sobre lingüística

PAREIRA, Miguel. *A dor do ponto de vista médico*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 ago. 1902.

Resumo: Trata-se de uma monografia na qual o autor procura indicar o que é o fenômeno da dor nas diversas patologias.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

ARISTIDES, Milton. *A constituição do Brasil*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 ago. 1902.

Resumo: J. dos Santos noticia a segunda edição do livro de Aristides. Ele assinala que “a preciosa reunião de documentos que já continha ajuntou o auctor um breve e substancioso commentario a cada artigo”.

Gênero da obra: monografia jurídica

RAMOS, Augusto. *Ode do Campeonato*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 ago. 1902.

Resumo: O livro, que canta o campeonato da sociedade do remo, é visto de maneira positiva, apesar de algumas ressalvas de J. dos Santos: “N’ella, só um pormenor me desagradou: a quase absoluta ausência de pontuação. Sente-se que não é um descuido; deve ser um propósito”.

Gênero da obra: poesia

AMORIM, Anibal. *Pompas*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 ago. 1902.

Resumo: O livro recebe avaliação favorável. J. dos Santos, a seu respeito diz o seguinte: “*Pompas* é um livro esplendido, pompeiante, etrusco, tem apparencias slavas, de obra persa da Indo-China russa e é muito gracioso...”.

Gênero da obra: poesia

ROMERO, Silvio. *Historia da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 ago. 1902.

Resumo: J. dos Santos anuncia a segunda edição do livro de Romero. O colunista considera “magnífica” toda a primeira parte do trabalho, intitulada “Fatores da Literatura Brasileira”, na qual o autor mostra os elementos constitutivos da nossa nacionalidade e os aponta na poesia anônima. Há, de maneira geral, uma crítica positiva à obra.

Gênero da obra: crítica literária

AZEVEDO, Magalhães de. *Homens e livros*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 ago. 1902.

Resumo: O livro, que reúne artigos de crítica literária publicados em várias épocas no *Jornal do Comércio*, recebe ótima apreciação crítica. J. dos Santos assinala, que em todos artigos, “Magalhães Azevedo se revela o mesmo crítico sagaz, servido por um excelente estylo que dá, a quem possa divergir dos seus conceitos, a compensação de ter lido páginas de uma prosa castiça e agradável”.

Gênero da obra: crítica literária

FAJARDO, Francisco. *O impaludismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Besnard, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 ago. 1902.

Resumo: O livro estuda o desenvolvimento do impaludismo na cidade do Rio de Janeiro, a medicação adequada ao tratamento da doença, além das medidas profiláticas adequadas. J. dos Santos avalia positivamente a obra.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

ERRAZURIZ, Izidoro. *Poesias*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 ago. 1902.

Resumo: O volume de poesias recebe aprovação de J. dos Santos, que julga as poesias boas. No entanto, o resenhista não deixou de opinar que Izidoro deixou produções muito mais superiores que essa, que teria valido a pena coligir.

Gênero da obra: poesia

CAMARA, Torres. *Revista de legislação*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 ago. 1902.

Resumo: J. dos Santos apenas informou a publicação da *Revista de Legislação* por Torres Câmara.

Gênero da obra: revista

REVISTA do grêmio paraense. Distrito Federal: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 ago. 1902.

Resumo: O resenhista informa que o Grêmio Paraense publicou uma revista, cujo primeiro número apareceu, comemorando o 79 aniversário da adesão do Pará à Independência do Brasil.

Gênero da obra: revista

KIRCHOFF, Alfred. *O Homem e a Terra*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 ago. 1902.

Resumo: A coleção é uma inauguração da casa Laemmert a que chama *Biblioteca do século XX*. O autor expõe de um modo conciso, mas claro, a influência do meio físico sobre a constituição dos povos e a formação do seu caráter. Segundo J. dos Santos, o livro é claro, tendo uma leitura bastante agradável.

Gênero da obra: monografia sociológica

BEVILAQUA, Amelia. *Alcione*. Rio de Janeiro: J. L. da Fonseca Magalhães, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 ago. 1902.

Resumo: *Alcyone* é o nome do primeiro conto, dos que Bevilaqua organizou. De forma elogiosa, J. dos Santos opina que a narrativa é feita com “singularidade” e emoção, visto que o trecho revela um “sentimento delicado”.

Gênero da obra: contos

LUZ, Fabio. *Novelas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 ago. 1902.

Resumo: Trata-se de duas novelas vistas por J. dos Santos de forma não muito positiva, opinando que ganhariam mais vigor se fossem mais concisas. Além disso, das duas novelas, a segunda parece ao colunista a melhor, visto ser de uma ação mais simples e comovedora. No entanto, ele não deixa de registrar que as duas são, porém escritas com indiscutível correção e mérito literário.

Gênero da obra: novelas

PAYOT, Jules. *A educação da vontade*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 set. 1902.

Resumo: J. dos Santos noticia a tradução, pela editora Laemmert, da obra de Jules Payot. Trata-se de um trabalho de pedagogia no qual se estudam os vícios habituais do

caráter humano, dentre os quais, a falta de decisão e o horror pelo esforço pessoal, em seguida, o autor demonstra a falsidade das doutrinas que vêem este caráter como imutável. J. dos Santos a classifica a obra como “magistral”.

Gênero da obra: monografia

AGOSTINHO, José. *Tiradentes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 set. 1902.

Resumo: O livro de poesia apenas é informado pelo resenhista

Gênero da obra: poesia

AGOSTINHO, José. *Obras*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 set. 1902.

Resumo: Trata-se de um obra fiel à figura convencional do Tiradentes e que se conforma com a verdade histórica. J. dos Santos apenas informa a obra e diz ser de um escritor português.

Gênero da obra: romance

ROXO, Henrique. *O pulso nos alienados*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 set. 1902.

Resumo: O trabalho, cujo autor mostra como a forma e a frequência das pulsações, registradas graficamente, podem construir um elemento valioso de diagnóstico, permitindo, em muitas ocasiões, distinguir processos mórbidos fáceis de ser confundidos, recebe elogios de J. dos Santos, que diz ter grande originalidade e mérito.

Gênero da obra: monografia científica

CHASTEAU, L. *Lições de Pedagogia*. Trad de Antonio Figueirinhas. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 set. 1902.

Resumo: Trata-se de um “manual corrente de uma pedagogia que, [...] , em classes de alunos, é possível ensinar como um curso systemático”. Obra indicada aos que se dedicam ao magistério primário.

Gênero da obra: livro didático

LOBO, Souza. *Meu coração*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 set. 1902.

Resumo: O livro de poesia não agrada J. dos Santos, que dentre as várias críticas desfavoráveis à obra, está o fato de ter na capa um enorme coração vermelho, sangrento, atravessado por uma espada prateada, sendo que dentro, o livro é todo impresso à tinta roxa. Além disso, o resenhista criticou o fato de Lobo ter uma naturalidade excessiva, levada até à “vulgaridade”, estragando um grande número das composições.

Gênero da obra: poesia

MURAT, Luiz. *Sarah*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 set. 1902.

Resumo: Trata-se de um livro de poesia, que é aludido positivamente por J. dos Santos, que opina ser um livro de um grande poeta, além de ter a “meiguice arrulhadora e terna

até à apóstrofe rugidora e terrível”. Além disso, o colunista opina que os versos de Murat, tanto os de amor quanto os de outros gêneros, são espontâneos e vivazes.

Gênero da obra: poesia

SILVA, Jonas. *Uhlanos*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 out. 1902.

Resumo: J. dos Santos apenas anuncia a edição do livro de poesias de Jonas Silva.

Gênero da obra: poesia

HIGINS, Artur. *Manual de ginástica higiênica*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 out. 1902.

Resumo: O livro do educador físico Artur Higin é caracterizado por J. dos Santos como “obra digna do educador excelente que elle é”.

Gênero da obra: livro didático

BARROSO, Collatino; SARMENTO, Ulysses. *Revista de arte e filosofia*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 out. 1902.

Resumo: J. dos Santos noticia o surgimento do primeiro número da revista, dos editores Collatino Barroso e Ulysses Sarmiento. O colunista lembra que, até então, s questões filosóficas não eram, nas revistas brasileiras, associadas à arte.

Gênero da obra: periódico

MANZONI. *Os noivos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 out. 1902.

Resumo: O livro é bem avaliado por J. dos Santos: “[...] nas mesmas condições de excellencia, que, aliás, eram n’ella mais difficeis, a tradução da celebre obra-prima de Manzoni: *Os noivos*, traducção também elegantemente editada pela Casa Garnier, em dois volumes bem impressos e bem ilustrados”.

Gênero da obra: romance

GYEL, E. *Ensaio da interpretação sintética do espiritismo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 out. 1902.

Resumo: O livro resume, de um modo conciso, as afirmações da doutrina que Gyel e seus correligionários seguem. Para J. dos Santos, a obra tem precisão lógica, além de tentar ligar ao transformismo o espiritismo com muito mérito.

Gênero da obra: romance

MACIEL, Maximino. *Noções de Agronomia*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 out. 1902.

Resumo: J. dos Santos anuncia a edição, pela Garnier, do livro: “é igualmente d’ella a edição das *Noções de Agronomia* do professor Maximino Maciel, livro didático, de cujo êxito não se deve duvidar em um paiz essencialmente agrícola...”.

Gênero da obra: livro didático

JUNQUEIRO, Guerra. *Oração ao pão*. Porto: Chardron, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 out. 1902.

Resumo: Trata-se de um folheto de vinte páginas, uma poesia onde há trechos de “extremo vigor”, cantando as origens do pão, desde o momento em que o grão de trigo germina, cresce, floresce e produz.

Gênero da obra: poesia

LEAL, Gomes. *A mulher de luto*. Lisboa: Central, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 out. 1902.

Resumo: Segundo J. dos Santos, o livro é caracterizado por ser a pior das obras do autor, já que se trata de “um poema longo, incoherente, mal feito, onde não faltam os versos errados”.

Gênero da obra: poesia

MEGGENDORFER, Lothar. *A vida das crianças*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 out. 1902.

Resumo: J. dos Santos noticia a edição brasileira do livro publicado pela Laemmert e traduzido por Olavo Bilac.

Gênero da obra: literatura infanto-juvenil

MEGGENDORFER, Lothar. *Para todos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 out. 1902.

Resumo: O colunista J. dos Santos anuncia a tradução, por Olavo Bilac, do livro infantil do alemão Lothar Meggendorfer.

Gênero da obra: literatura infanto-juvenil

MEGGENDORFER, Lothar. *Ride comigo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 out. 1902.

Resumo: Após anunciar a tradução, pela editora Laemmert, dos três livros do alemão, J. dos Santos nota que “os livros contem gravuras magnificamente bem impressas”.

Gênero da obra: romance

DUQUE-ESTRADA, Osório. *Flora de Maio*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 nov. 1902.

Resumo: O volume é visto por J. dos Santos como “um dos melhores livros de poesia e há muito publicados”.

Gênero da obra: poesia

LOBO, Estevan. *De viagem*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do estado de Minas, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 nov. 1902.

Resumo: O volume, que narra a história de um viajante que partiu do Brasil em 1901 para Paris, Berlim e Wisbaden, recebe crítica positiva de J. dos Santos.

Gênero da obra: relato de viagem

REBELLO, Castro. *Poema do lar*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 nov. 1902.

Resumo: Os versos do autor, segundo J. dos Santos, são belíssimos: “sem nenhuma complicação ou artificiosidade de formas, cantam com a mais espontânea inspiração tudo o que diz respeito ao que chamou muito bem o poema do lar”.

Gênero da obra: poesia

SALLES, Campos. *Discursos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 nov. 1902.

Resumo: J. dos Santos critica negativamente Salles, dizendo não ser ele um orador de “excepcional eloquência”, visto que faltam aos seus discursos imagens vistosas. Por fim, o colunista ainda opina faltar brilho literário ao livro.

Gênero da obra: conferência

BRITTO, Souza. *O magnetismo animal e suas manifestações*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 nov. 1902.

Resumo: Trata-se, segundo J. dos Santos, de “um estudo histórico muito bem feito”.

Gênero da obra: monografia sobre medicina veterinária

BONFIM, M. *Compêndio de Zoologia*. Paris: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 nov. 1902.

Resumo: O volume “começa pelo estudo da matéria viva, expõe o que há sobre a morfologia externa e interna, os grandes aparelhos physiologicos, o desenvolvimento embryogenico, a theoria da evolução e as classificações mais celebres e mais acceitas”.

Gênero da obra: livro didático

ALENCAR, Mário. *Versos*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 nov. 1902.

Resumo: Resenha do livro de Alencar que reúne poemas de amor.

Gênero da obra: poesia

FERNANDES, Carlos D. *Sotaus*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 nov. 1902.

Resumo: Trata-se de um volume composto segundo J. dos Santos por poemas de amor “tumultuosas, ardentes e sensuais”, inspiradas em versos de Baudelaire.

Gênero da obra: poesia

AZEVEDO, Magalhães de. *Horas sagradas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 dez. 1902.

Resumo: Caracterizado pelo crítico como um belo livro, *Horas Sagradas* apresenta versos fluentes e formas livres de metrificação.

Gênero da obra: poesias

GARINHO, Adalberto. *A persistência da vida*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 dez. 1902.

Resumo: O livro não apresenta novos argumentos sobre a imortalidade da alma. J. dos Santos não atribuiu alto valor à obra.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo

CUNHA, Euclides. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 dez. 1902.

Resumo: J. dos Santos informa que o livro foi publicado pela Laemmert. Caracterizado por J. dos Santos como “livro superior”, trata da campanha de Canudos, descrevendo o interior do país e a psicologia do sertanejo.

Gênero da obra: monografia científica

LOPES, Julia. *Ânsia eterna*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 dez. 1902.

Resumo: Trata-se de um livro de contos publicado pela Editora Garnier caracterizado pelo resenhista como “muito bom”.

Gênero da obra: contos

BRUNO. *A ideia de Deus*. Porto: Chardron, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 dez. 1902.

Resumo: O livro, que aborda discussões filosóficas, não recebe menção satisfatória de J. dos Santos, que julga ser copioso, irregular, apesar de achar que Bruno tem vários momentos em que é simples e compreensível. Além disso, o resenhista critica a conclusão teísta do autor, visto que acha que o Deus revelado por Bruno aos leitores é inaceitável.

Gênero da obra: monografia sobre religião

SOUZA, Cacilda Francione de. *Resumo de História literária*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 dez. 1902.

Resumo: O volume, que permite o conhecimento geral dos grandes escritores da Literatura Brasileira, é visto pelo resenhista como obra “digna de aplausos”.

Gênero da obra: crítica literária

SOUZA, Cacilda Francione de. *Noções de literatura nacional*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 dez. 1902.

Resumo: J. dos Santos noticia a reedição do livro de Cacilda Francione de Souza sem tecer maiores comentários à obra.

Gênero da obra: crítica literária

QUEIRÓS, Eça de. *Contos*. Porto: Chardron, 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 dez. 1902.

Resumo: O livro de 12 contos é aludido com positivos por J. dos Santos, que opina ter graça, ter mesmo encanto dos outros livros do escritor português, além de ser magnífico. O resenhista também informou sobre um dos contos intitulado “Civilização”, que é o resumo do último romance *A cidade e as serras*.

Gênero da obra: contos

GASPAR, Felix. *Ensino secundário e superior em fase da Constituição*. S. l.: s.n., 1902. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 dez. 1902.

Resumo: Trata-se de discursos sobre o ensino superior e secundário em fase da constituição editados por Gaspar, que mostra a questão nitidamente. Na concepção de J. dos Santos, a obra não tem amplos desenvolvimentos, tendo defeitos em algumas partes. No entanto, a argumentação é “inatacável apesar do superior talento e inveja da eloquência” do autor.

Gênero da obra: monografia sobre educação

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. Paris: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 jan. 1903.

Resumo: J. dos Santos relata que, além dos escritos de ocasião sobre diversas obras, há também no volume vários estudos de caráter geral. Em seguida, escreve sobre a crítica literária que, ao mesmo tempo, foi desejada e mal vista pelos produtores. Por fim, tece elogios sobre o autor, afirmando o talento de Veríssimo na elaboração da obra.

Gênero da obra: crítica literária

MENDONÇA, Lúcio de. *Páginas jurídicas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 jan. 1903.

Resumo: Trata-se de um trabalho jurídico para o qual o autor reuniu diversos estudos, pareceres e decisões judiciais. Entre os assuntos, o autor escreve também sobre “mandados de manutenção” e “proibitórios”, que sustentam a jurisprudência. J. dos Santos tece elogios à obra, apenas apontando o defeito do livro não ter índice.

Gênero da obra: monografia jurídica

CUNHA, Ferreira da. *Memórias de um cônsul*. Rio de Janeiro: Typ. Artística Industrial, 1903. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 jan. 1903.

Resumo: Trata-se de um livro que fornece informações verdadeiras sobre a história e costumes do Japão. J. dos Santos tece comentários positivos sobre o livro, considerando-o “muito digno de leitura”.

Gênero da obra: memórias

BRAGA, Teófilo. *Bocage: sua vida e época literária*. Porto: s.n., 1903. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 jan. 1903.

Resumo: O livro relata a biografia do poeta português Bocage e, ao passo que o autor narra, J. dos Santos aponta que Teófilo aprecia as produções do poeta e explica-as, pela própria influência do meio português. Trata-se, segundo J.dos Santos, de uma leitura “verdadeira” e “encantadora”.

Gênero da obra: biografia

AKSAKOFF. *Animismo e espiritismo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 jan. 1903.

Resumo: O livro discute as histórias dos espiritistas, com longas objeções e minuciosamente, buscando refutá-las. J. dos Santos aponta também que o autor

reconhece grande parte dos fenômenos numa possível interpretação que exclui a intervenção dos “desencarnados”. Por fim, elogia a obra, escrevendo que nenhum livro espírita, que ele conheça, é superior a essa.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo

COSTA, Jacinto. *Os rimances da Castelã*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 jan. 1903.

Resumo: O livro de poemas não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia, tecendo comentários tais como: “assunto pueril”, “deplorável influência simbolista” sobre a obra.

Gênero da obra: poesia

FAJARDO, Francisco. *Moléstias tropicais*. S. l.: s.n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 fev. 1903.

Resumo: Trata-se das patologias tropicais: o impaludismo, a febre amarela e outras doenças que são mencionadas na obra, dando uma vista de conjunto sobre a importância da higiene tropical e sobre o que o autor sabe sobre suas consequências. J. dos Santos tece elogios sobre o livro, ao relatar a linguagem simples do médico escritor, acessível aos leitores.

Gênero da obra: monografia científica

FLAMMARION, Camilo. *Outra vida?*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 fev. 1903.

Resumo: Trata-se do enfoque do espiritismo, mostrando até que ponto são exatas as afirmações que fazem os espíritos, pretensos ou reais, formando um entrecho impressionante. J. dos Santos tece elogios à obra, relatando que o livro é “curiosíssimo” e “digno de leitura”.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo

BRAGA, Belmiro. *Montesinas*. S. l.: s. n. , 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 fev. 1903.

Resumo: O livro de poemas mostra a história de um cavaleiro que, por estar enamorado de uma senhora, parte para a guerra, disposto a matar um número considerável de infieis. J. dos Santos tece elogios ao livro, relatando que os versos são altamente espontâneos, simples e naturais.

Gênero da obra: poesia

TRUBERT, Maurice. *Rêves et réalités*. Paris: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 fev. 1903.

Resumo: A obra de poemas é vista de maneira positiva por J. dos Santos, que tece elogios ao autor e sua forma artística, pelo talento na composição dos versos, além da grande sonoridade presente nas estrofes.

Gênero da obra: poesia

AZEVEDO, Miranda. *Mortos ilustres*. S. l.: s. n. , 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 fev. 1903.

Resumo: Trata-se de uma reunião de discursos e notícias de outros escritores nesse volume, que reúne 33 biografias. J. dos Santos elogia a obra, enfatizando o esforço do autor ao homenagear escritores que estavam no esquecimento.

Gênero da obra: biografia

CELSONO, Afonso. *Oito anos de parlamento*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 fev. 1903.

Resumo: O livro revela textos que se opõem ao monarquismo atual do escritor, com uma manifestação visível de amor filial. J. dos Santos elogia a obra, dizendo ser um belo trabalho.

Gênero da obra: monografia sobre política

GUIMARÃES, Pinheiro. *Da hipertermia*. São Paulo: Eclectica, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 mar.1903.

Resumo: Trata-se de questões de clínica cirúrgica, que o autor observa em detalhes, examinando primeiro a formação normal do calor nos organismos, depois, a formação anormal. J. dos Santos opina que o trabalho foi bem feito, escrito com muita clareza, correção e elegância.

Gênero da obra: monografia científica

GUIMARÃES, Vieira. *A ordem de Cristo*. Lisboa: s.n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 mar.1903.

Resumo: A obra descreve a criação e as transformações que, com o passar dos tempos, foi sofrendo a ordem religiosa, mostrando também as ações de D. Dinis sobre a fundação da Ordem de Cristo. Na opinião de J. dos Santos, a leitura é bem agradável; o cronista também observa que, em muitos casos, “a história da Ordem de Cristo se confunde com a história de Portugal”.

Gênero da obra: monografia historiográfica

VARELLA, Alfredo. *Direito constitucional brasileiro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 mar.1903.

Resumo: A obra relata os ideais da democracia, conferindo aos democratas a iniciativa e a influência preponderante em todas as questões do governo, propondo algumas vezes uma modificação radical. J. dos Santos tece comentários positivos sobre o livro, relatando ser um notável trabalho e de leitura indispensável para os interessados pelo assunto.

Gênero da obra: monografia jurídica

SILVA, Leal. *Cancioneiro teatral*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 mar.1903.

Resumo: Trata-se de uma coleção de poesias recitáveis e contáveis. Há nele uma grande diversidade de formas, tais como: monólogos, peças de valor literário e fábulas. J. dos Santos tece comentários positivos sobre a obra, associando o seu valor à diversidade de informações nela contidas.

Gênero da obra: poesia

OLIMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. Rio de Janeiro: Typ. da Companhia litho-typographia, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 mar.1903.

Resumo: Trata-se de um livro que conta a história de uma mulher cobiçada por dois homens que se apaixonam por ela: Alexandre e o soldado Capiúna. J. dos Santos tece comentários positivos sobre a obra, relatando o “modo brilhante” e a “história marcante” que ela tem.

Gênero da obra: romance

PIMENTEL, Figueiredo. *Contos da carochinha*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 mar.1903.

Resumo: Trata-se de um conjunto de contos com um pouco de fantasia, induzindo o leitor ao sonho. J. dos Santos tece comentários positivos à obra, escrevendo ser uma obra “magnífica”.

Gênero da obra: literatura infanto-juvenil

CARVALHO, Reis. *Prelúdios*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 mar.1903.

Resumo: Trata-se de um livro de estréia, cuja forma aparenta uma certa incerteza na utilização de metrificação. Entretanto, J. dos Santos opina ser o livro de um verdadeiro poeta, visto existirem contrastes que tornam a obra mais “viva” e “fascinante” para uma estréia.

Gênero da obra: poesia

HEINE, L. *Poemas do mar do Norte*. Trad de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 mar.1903.

Resumo: Trata-se de um livro traduzido por M. de Castro e reeditado pela terceira vez, com versos soltos, tendendo à prosa. J. dos Santos elogia a obra, dizendo ser “belíssima” e com uma “tradução magnífica”.

Gênero da obra: poesia

CLESER, Vera A. *O lar doméstico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 mar.1903.

Resumo: Trata-se de um livro que trata da vida cotidiana, da maneira prática de lidar com assuntos corriqueiros, tais como: vida em família, a beleza da esposa, a alegria dos filhos. J. dos Santos tece elogios ao livro, relatando seu ensinamento fácil e com muita eficácia.

Gênero da obra: romance

CARVALHO, Reis. *Poemas sociolátricos*. S. l: s.n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 abr.1903.

Resumo: O livro de poemas não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia, criticando a falta de criatividade do conteúdo dos versos.

Gênero da obra: poesia

COELHO, Henrique. *Constituição de 1891 e a constituinte de 1901*. Rio de Janeiro: Typ do Diário Oficial, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 abr.1903.

Resumo: Trata-se de uma análise do texto de 1891 e das emendas apresentadas em 1901, influenciadas pelos princípios do direito público. J. dos Santos elogia a obra, relatando ser interessante para o estudo de todos os pontos essenciais do direito constitucional.

Gênero da obra: monografia jurídica

HELVECIO, Marcelo. *D. Corina*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 abr.1903.

Resumo: Trata-se de um poema pequeno que, segundo J. dos Santos, “compensa largamente o escasso número de páginas com os versos cinzelados”. Além disso, J. dos Santos enfatiza a clareza deslumbrante que o poema possui.

Gênero da obra: poesia

MORAES FILHO, Mello. *Poetas brasileiros contemporâneos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 abr.1903.

Resumo: Trata-se de uma seleta condensada de poesias modernas, pretendendo ser uma coletânea a mais completa possível dos poetas brasileiros. J. dos Santos elogia o volume, apenas apontando nele um defeito: o da revisão.

Gênero da obra: poesia

BULCÃO, Mario. *Vida infantil*. S. l.: s. n. , 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 abr.1903.

Resumo: Trata-se de um livro de leitura, que dá noções de fisiologia, de história, de botânica e de moral. J. dos Santos formula comentários positivos à obra, por sua linguagem simples, por ser bem impresso e possuir ilustrações que facilitam o entendimento.

Gênero da obra: livro didático

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 abr.1903.

Resumo: Trata-se do estudo dos princípios elementares que contribuíram para formar o povo brasileiro e, com isso, dar caráter especial às suas produções artísticas. Sílvia enfoca os escritores de 1830 a 1870. J. dos Santos tece elogios à obra, não esquecendo do seu valor na literatura brasileira.

Gênero da obra: crítica literária

REBELLO, Castro. *Loiros e mortos*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 abr.1903.

Resumo: Trata-se de um livro de poemas reunidos entre 1871 a 1891. J. dos Santos elogia a forte vibração nas composições da obra, apontando o único defeito de ter certo exagero metafórico, que a estraga um pouco.

Gênero da obra: poesia

POMBO, Rocha. *História da América*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 abr.1903.

Resumo: Trata-se de um pequeno resumo do livro do autor, próprio para as escolas primárias. O livro não é visto de forma positiva por J. dos Santos, que faz comentários de forma irônica sobre ele.

Gênero da obra: livro didático

GUANABARA, Alcindo. *A presidência Campos Salles*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 abr.1903.

Resumo: Trata-se da defesa de um período de governo, que possuía levar o presidente Campos Salles a um terrível julgamento nos tribunais, visto que são apontados os defeitos do seu governo no volume. J. dos Santos tece comentários positivos à obra, relatando ser uma “verdadeira obra de arte”.

Gênero da obra: monografia historiográfica

FREIRE, Laudelino. *Um crítico e um poeta*. Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 abr.1903.

Resumo: Trata-se de um volume em que se estudam o crítico José Veríssimo e o poeta Machado de Assis, demolindo-os. J. dos Santos mostra o valor da obra; entretanto, opina que o autor foi injusto com José Veríssimo e concorda com as opiniões sobre Machado.

Gênero da obra: crítica literária

COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras poéticas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 maio 1903.

Resumo: Trata-se de um volume de 152 páginas precedido de um estudo sobre Cláudio, trabalho devido a João Ribeiro, que resume em poucas linhas o julgamento do revolucionário. J. dos Santos afirma, usando alguns momentos de ironia, a importância da obra, informando também que seria dos melhores documentos para um historiador literário.

Gênero da obra: poesia

TAYORA, Fernandes. *Telepatia*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 maio 1903.

Resumo: Trata-se de uma tese, apresentada pelo escritor no seu doutoramento, relatando os fatos e teorias da telepatia, sem optar pelos exageros do espiritismo e do ocultismo. J. dos Santos tece sua opinião de forma positiva à obra, indicando o trabalho como de “raro mérito” artístico.

Gênero da obra: monografia científica

PLATTEN, M. *Novo método de curar*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 maio 1903.

Resumo: Trata-se de uma mistura de hidroterapia e higiene com a qual se obtiveram relatando algumas curas. Há, evidentemente, uma grande tendência no livro para a medicina pelos agentes físicos: frio e calor, luz e eletricidade, entre outros. A obra é vista de maneira positiva pelo resenhista, que relata ser “bem feita e a melhor de quantas desse gênero se tem publicado”.

Gênero da obra: monografia científica

DANTAS, Júlio. *Paços de Veiros*. Lisboa: Tavares, Cardoso & irmão, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 maio 1903.

Resumo: O livro de drama mostra a morada de uma família, em que o morgadio cabe tradicionalmente, não aos homens, mas às mulheres. J.dos Santos tece elogios à obra, dizendo ser de extraordinária simplicidade, mas também de uma beleza “sombria e empolgante”.

Gênero da obra: teatro

AMARAL, Sabino Gurgel do. *Ensaio sobre a vida e obras de Hugo de Groel*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 maio 1903.

Resumo: Trata-se de uma obra, de erudição histórica, sobre a bela figura do príncipe fundador do Direito Internacional. A obra é vista de maneira positiva pelo resenhista, que diz ser um trabalho “bom, sóbrio e de útil erudição”.

Gênero da obra: biografia

PAPANÇA, Macedo. *Bem-vinda*. Inglaterra: Kessinger Publishing, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 maio 1903.

Resumo: Trata-se de um poema publicado em um folheto de 50 páginas, que relata a história de um sineiro que tinha uma filha única, que lhe veio na velhice e provocou a morte da mulher que a fez nascer. J. dos Santos aponta não ser uma obra de forte composição artística, porém ele não deixa de apontar que há certo teor gracioso na obra, além de mostras do talento do escritor.

Gênero da obra: poesia

FURTADO, Azubem. *Pesquisas pisciculturas na Bahia do Rio de Janeiro*. S. l.: s. n. , 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 maio 1903.

Resumo: Trata-se de uma tese sobre peixes, dividida em 5 partes: morfologia e fisiologia dos peixes, nomenclatura e sistemática dos peixes, toxicidade, alimentação e piscicultura marítima. Segundo J. dos Santos, esse trabalho é muito importante para o assunto e tem um “teor valiosíssimo”.

Gênero da obra: monografia científica

SILVA, Francisca Julia da. *Esfinges*. S. l.: s. n. , 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 maio 1903.

Resumo: Trata-se de uma obra de poesia que reproduz, na maior parte, o último livro da autora. O livro de poemas não é visto de maneira positiva por J.dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia.

Gênero da obra: poesia

RIBEIRO, Alarico. *O tribuno das árvores*. S. l.: s. n. , 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 maio 1903.

Resumo: Trata-se de um livro de poemas, que é bem visto pelo resenhista, por achá-lo “belo, simples e magnífico”, além de tecer elogios sobre o ritmo ordenante e a riqueza dos versos.

Gênero da obra: poesia

OCHOROWIEZ. *Sugestão mental*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 jun.1903.

Resumo: Trata-se de um livro que relata os fatos ocorridos dentro do corpo humano, influenciando também a sugestão mental nesses acontecimentos. Com isso, enfoca uma transmissão direta de cérebro a cérebro, sem nenhum dos habituais intermediários: palavra ou gesto. Na concepção do resenhista, a obra é bem feita, visto ter o mérito de haver agrupado tais fatos com “um raro espírito de método”.

Gênero da obra: monografia científica

CORREIA, Manuel Viriato. *Minaretes*. Rio de Janeiro: Typ. Teixeira, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 jun.1903.

Resumo: Trata-se de um volume composto por 10 contos, visto de maneira positiva por J.dos Santos, que nele aponta um único defeito; o fato de ser o prefácio “abominável, extremanente antipático”.

Gênero da obra: contos

SANTOS, Rodrigues dos. *Dos ovários como elemento causal de moléstias da mulher...* S. l.: s. n. , 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 jun.1903.

Resumo: Trata-se de um folheto, que mostra as perturbações desencadeadas por algumas moléstias no corpo feminino. J. dos Santos alude à obra de maneira positiva, elogiando a maneira do autor enfocar os fatos, revelando competência para tal.

Gênero da obra: monografia científica

CARVALHO, Horácio de. *Okaf* . S. l.: s. n. , 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 jun.1903.

Resumo: Trata-se de uma monografia que mostra a doutrina dos ocultistas, vinculada a questões da fantasia. O trabalho é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que escreve ser uma monografia “curiosíssima- não como história, mas como um trabalho de erudição rara em questões de ocultismo”.

Gênero da obra: monografia científica

CAVALCANTI, Uldarico. *Bandolinatas*. S. l.: s.n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 jun.1903.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira negativa por J.dos Santos, que deixa transparecer seus comentários através da ironia.

Gênero da obra: poesia

GUIMARÃES, Jaime. *Segunda Mésse*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 jun.1903.

Resumo: J. dos Santos tece comentários positivos à obra poética, mas não deixa de opinar que falta aos versos “variedade de pensamentos”, visto que são exclusivamente versos de amor.

Gênero da obra: poesia

PERNETTA, Emiliano. *Alegoria*. Rio de Janeiro: Livraria Econômica de Aníbal Rocha, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 jul.1903.

Resumo: A obra é vista de maneira negativa por J.dos Santos, opinando que ela tem “palavras difíceis e, não raro, mal empregadas”, além de ser de difícil compreensão para um romance.

Gênero da obra: romance

COSTE, Albert. *Fenômenos psíquicos ocultos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 jul.1903.

Resumo: Trata-se de um longo relato a respeito dos fenômenos de ocultismo, com experiências grandiosas, que, de certa forma, podem despertar o interesse do leitor. O livro é considerado interessante por J. dos Santos, que tece elogios apontando o teor intrigante dos relatos.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo

VIEIRA, Armando. *Constelações*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 jul.1903.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, mas aponta um único defeito na obra: “os versos não têm vibrações” na sua sonoridade rítmica.

Gênero da obra: poesia

CASTRICIANO, Henrique. *Vibrações*. Rio de Janeiro: Gazeta do comércio, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 jul.1903.

Resumo: Trata-se de um livro de poesia que é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que elogia principalmente os versos alexandrinos usados com frequência na obra.

Gênero da obra: poesia

CELSONO, Afonso. *Aventuras de Manuel João*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 jul.1903.

Resumo: Trata-se da história de um caixeiro que vem para o Brasil em busca de melhorias de vida. J. dos Santos tece comentários negativos à obra, relatando ser uma obra “mediocre” e altamente “banal”.

Gênero da obra: romance

NUNES, Castro. *Edições de Física*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 jul.1903.

Resumo: O livro é visto de maneira positiva pelo resenhista, que o elogia relatando ser uma obra “elegante, barata e simpática”. J. dos Santos apenas menciona que a obra necessitaria de alguns retoques na sua composição.

Gênero da obra: livro didático

KHIJANOWSKI. *O chanceler de ferro do antigo Egito*. S. l.: s.n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 jul.1903.

Resumo: Trata-se da história de José, que foi vendido pelo irmão e, depois, torna-se intérprete do Faraó. Na concepção de J. dos Santos, o livro é bom, tem muita fantasia, mas “fantasia muito boa”.

Gênero da obra: romance

WELLS, H.G. *A guerra dos mundos*. Paris: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 jul.1903.

Resumo: Trata-se de um assalto à Terra, dado pelos habitantes de Marte. O livro, que explora os efeitos científicos, é visto de maneira positiva por J. dos Santos, tecendo comentários de que “é um bom romance”, além de “agradável e literário”.

Gênero da obra: romance

EULÁLIO, José. *Hidráulica*. S. l.: s.n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 jul.1903.

Resumo: Trata-se da reunião de lições dadas pelo autor, na Escola Militar. A obra é vista de maneira positiva por J. dos Santos, que diz se “tratar do trabalho de um dos mais distintos mestres do nosso ensino”.

Gênero da obra: livro didático

BRAGA, Armando. *Fogos fátuos*. S. l.: s.n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 jul.1903.

Resumo: O livro, que é a estréia do autor, é visto de maneira negativa por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia.

Gênero da obra: poesia

ALMEIDA, Pires de. *Brasil-Teatro*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 jul.1903.

Resumo: Trata-se de um trabalho literário reunindo tudo o que diz respeito, em teatro, ao episódio histórico de Inês de Castro. O livro é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que relata ser “magnificamente impresso e com numerosas gravuras” na sua construção.

Gênero da obra: teatro

SANTIAGO, Gustavo. *Pássaros brancos*. S. l.: s.n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 ago.1903.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira negativa por J. dos Santos, que relata sua opinião através da ironia, opinando serem os versos “desprovidos de graça”.

Gênero da obra: poesia

MELLO, Guennes de. *Suspiros d'Alma*. S. l.: s.n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 ago.1903.

Resumo: O livro de poesia é avaliado negativamente por J. dos Santos, que relata existirem “versos banais, sem conteúdo nenhum” na obra.

Gênero da obra: poesia

ARAGÃO, Correia de. *Harpas de fogo*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 ago.1903.

Resumo: Trata-se do livro de estreia de um rapaz de 18 anos, mas a obra é vista de maneira positiva por J. dos Santos, que declara acreditar no “talento futuro” do autor.

Gênero da obra: poesia

MORAES FILHO, Mello. *João Caetano*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 ago.1903.

Resumo: Trata-se de um estudo biográfico do autor João Caetano, com tudo o que ele escreveu. Na concepção do resenhista, a obra é “banal”, “sem estilo”, e com o único mérito de relatar a vida de uma grande personalidade artística.

Gênero da obra: biografia

REIS, Vicente. *Os ladrões no Rio*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 ago.1903.

Resumo: O livro, que relata a propriedade de alguns bandidos na arte de furtar, é visto de maneira positiva por J. dos Santos, principalmente por apresentar numerosas gravuras, que “tornam a compreensão do assunto extremamente fácil”.

Gênero da obra: monografia científica

BASTOS, Bolívar. *Perfil de Lise*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 ago.1903.

Resumo: Trata-se de uma coleção de sonetos em que se mostram as várias perfeições de uma senhora. J. dos Santos elogia a facilidade que o autor tem para metrificar, além da harmonia dos versos; entretanto, tece comentários negativos através da ironia, opinando que ele “poderia aplicar essas qualidades a alguma inspiração mais original”.

Gênero da obra: poesia

AZEVEDO, Raul. *O doutor Renato*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 ago.1903.

Resumo: J. dos Santos tece comentários positivos sobre o livro, mas aponta ironicamente o fato de ser um “pastiche” de Machado de Assis, visto padecer de uma visível imitação machadiana na sua construção.

Gênero da obra: romance

MACIEL, Maximino. *Lições elementares de língua portuguesa*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 ago.1903.

Resumo: O livro, que trata da aprendizagem da gramática normativa, é visto de forma negativa por J. dos Santos. Segundo o crítico, não se deve perder muito tempo com esse assunto, porque, mais tarde, “a gramática está destinada a ser destruída”.

Gênero da obra: livro didático

LUZ, Fábio. *Ideologo*. Rio de Janeiro: Tip. Altica, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 2 set.1903.

Resumo: O romance narra a história de 2 casais: o de um médico corrupto e o do advogado Anselmo, o herói socialista ou anarquista. Na concepção de J. dos Santos, o livro é interessante por ter uma linguagem correta e fluente, apesar de não ter como perceber a propaganda dele, “socialista ou anarquista”, o que é um defeito visível na obra.

Gênero da obra: romance

BRASIL, Zeferino. *Vovó musa*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 set.1903.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, dizendo que, apesar de ser uma estréia, é “a afirmação do grande e incontestável talento de um verdadeiro poeta”.

Gênero da obra: poesia

ASSIS, Machado de. *Várias histórias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 set.1903.

Resumo: Trata-se de um conjunto de contos que é bem visto por J. dos Santos. Segundo o crítico, Machado revela-se um “grande talento na elaboração”, além de proporcionar aos leitores magníficos enredos.

Gênero da obra: contos

AZEVEDO, Aluísio. *A mortalha de Alzira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 set.1903.

Resumo: Trata-se de um romance bem visto por J. dos Santos, que reconhece no livro cuidado formal, além de considerá-lo uma narrativa interessante, pois “consegue articular os fatos do começo ao fim”.

Gênero da obra: romance

COELHO NETO. *Sertão*. Porto: Chardron, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 set.1903.

Resumo: O livro de contos é apreciado com elogios por J. dos Santos, que opina ser o melhor livro de contos do escritor, caracterizado como uma edição “nítida e elegante”, com grande cuidado formal.

Gênero da obra: contos

PEREIRA, Lafayette Rodrigues. *Princípios de Direito internacional*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 set.1903.

Resumo: Trata-se de um trabalho jurídico para o qual o autor transportou características do Direito Internacional, com detalhes sobre jurisprudência e legislações. Em tom positivo, J. dos Santos relata ser um livro que “nenhum estudioso de Direito Internacional querera deixar de possuir”.

Gênero da obra: monografia jurídica

RAMOS, Alberto. *Ode a Santos Dummont*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 set.1903.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que relata haver uma “magnífica sonoridade” nos versos da obra.

Gênero da obra: poesia

BASTOS, Gomes. *Flora*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 set.1903.

Resumo: O livro narra a história de Flora, cuja irmã se suicidou, por seu pai não deixar que ela se casasse aos 20 anos. Na concepção do resenhista, trata-se de um romance mal escrito, “abominavelmente” mal escrito.

Gênero da obra: romance

ABREU, Anísio de. *Trabalhos parlamentares*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 set.1903.

Resumo: Trata-se de um conjunto de trabalhos referentes a aspectos do código civil como, por exemplo, o casamento e a constituição da família. Segundo J. dos Santos, a obra corresponde ao “alto apreço em que é tido o talento” do autor.

Gênero da obra: monografia jurídica

ALMANAQUE garnier. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 set.1903.

Resumo: Trata-se de volume dividido em 4 partes, que são: mapa da região e retrato do governador, os escritores do Brasil contemporâneo, resenha da vida política e variedades de informações. J. dos Santos tece comentários positivos à obra, dizendo ser muito bem feita e de “primeira ordem”.

Gênero da obra: almanaque

MORAES, Mello. *Prosadores contemporâneos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 set.1903.

Resumo: O livro é visto de maneira positiva por J. dos Santos, dizendo que Mello procura os trechos que “caracterizam os escritores” claramente, apontando o único defeito de faltar um índice de autores, que é “indispensável em obra de tal natureza”.

Gênero da obra: crítica literária

BRITO, Herculano. *Páginas simples*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 set.1903.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que diz existirem “versos simples, musicais e não encerram senão pensamentos singelíssimos de amor”.

Gênero da obra: poesia

GONZAGA FILHO, José Basileu Neves. *A mais encantadora mulher*. Rio de Janeiro: Oficinas Tipográficas A Editora, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 2 out.1903.

Resumo: O livro, que narra a história do herói Luvirno Franco com suas prestações de serviço ao rico negociante Paulo Fortes, não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia.

Gênero da obra: romance

LIMA, Oliveira. *Catálogo de manuscritos*. Lisboa: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 out.1903.

Resumo: Trata-se da visualização de um menu, que segundo J. dos Santos, é mais “uma boa ação” do que propriamente “um bom livro”.

Gênero da obra: catálogo

VARZEA, Virgílio. *Mares e campos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 out.1903.

Resumo: Trata-se de um livro de poesia reeditado, que é visto de maneira positiva por J. dos Santos. A obra teria “um excelente português, com muita vida e observação”.

Gênero da obra: poesia

BARRETO, Arnaldo. *Livro de leitura*. S. l.: s. n. , 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 out.1903.

Resumo: Trata-se de um livro didático, visto de maneira positiva por J. dos Santos, que julga ser um trabalho de mestre, pois o autor soube bem “mostrar as dificuldades do assunto”.

Gênero da obra: livro didático

FIGUEIRA, Fernandes. *Elementos silíqueos*. S. l.: s. n. , 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 out.1903.

Resumo: Trata-se de um trabalho monográfico sobre clínica médica. J. dos Santos teceu elogios à obra, dizendo que o autor não se limitou a corrigir observações de escritores europeus, alcançando, com isso, um “valor originalíssimo”.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

COSTA, Vieira da. *Entre montanhas*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 out.1903.

Resumo: O romance, que se passa em Portugal e narra a história de Afonso da Siveira, que vê sua amada Inês com outro, é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que elogia principalmente a sensibilidade que o autor tem em narrar os fatos da obra.

Gênero da obra: romance

MEIRELLES, Saturnino. *Astros mortos*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 out.1903.

Resumo: O livro de 31 sonetos não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia.

Gênero da obra: poesia

SILVA, Pereira da. *Vae Soli!*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 out.1903.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que lhe atribui “merecimento real”, apesar do escritor ainda não ser “absolutamente senhor do verso”.

Gênero da obra: poesia

RODRIGUES, Nina. *La psicologia del dépeçage criminal*. Buenos Aires: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 out.1903.

Resumo: Trata-se de um trabalho jurídico, para o qual o autor transportou assuntos polêmicos como, por exemplo, o esquartejamento profissional praticado pelos estudantes de medicina e pelos médicos, para o estudo da anatomia. Na concepção de J. dos Santos, o trabalho tem teor original, visto que “pode ser lido sem conhecimento do que se procedeu” em outros.

Gênero da obra: monografia jurídica

LIMA, Oliveira. *No Japão*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 nov.1903.

Resumo: O livro, que narra a história do Japão do extremo atraso ao progresso, é referido de maneira positiva por J. dos Santos, que relata haver um “ar de sinceridade evidente” em toda a narrativa.

Gênero da obra: relato de viagem

TAVARES, Paulo. *Mário*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 nov.1903.

Resumo: Trata-se de um livro para crianças, abordado com elogios por J. dos Santos, que o considera “bom, porque o autor teve o cuidado de fazê-lo justamente bem brasileiro”.

Gênero da obra: literatura infanto-juvenil

COUTINHO, José Bonifácio de Oliveira. *Fonografo nas suas relações jurídicas*. São Paulo: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 nov.1903.

Resumo: Trata-se de um trabalho jurídico, no qual o autor tratou basicamente de até que ponto o fonógrafo pode servir para substituir a presença humana nas diversas relações de direito. J. dos Santos refere-se à obra de maneira positiva, não deixando de mencionar o esforço empregado pelo escritor na sua elaboração.

Gênero da obra: monografia jurídica

NEVES SOBRINHO, Farias. *Estatuária*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 nov.1903.

Resumo: O livro, constituído de 2 poemas, é referido de maneira positiva por J. dos Santos, que menciona a perfeição artística presente nos poemas.

Gênero da obra: poesia

PORTO ALEGRE, Alescarino. *Areneas*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 nov.1903.

Resumo: Trata-se de um livro de poesia que é visto de maneira negativa por J. dos Santos, que teceu comentários através da ironia.

Gênero da obra: poesia

SOUZA, Vicente de. *Curso de lógica*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 nov.1903.

Resumo: Trata-se de um livro didático, que estuda uma disciplina para a qual não são muitos os materiais escolares ditos pertinentes. Na concepção de J. dos Santos, “é um bom livro, pequeno, simples e bem escrito”, valendo a pena ser lido nas escolas.

Gênero da obra: livro didático

TEIXEIRA, Mucio. *Poesias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 nov.1903.

Resumo: Trata-se da reunião em 2 volumes da produção do autor, que consta de 21 obras poéticas. J. dos Santos teceu comentários positivos à obra, opinando que o autor revelou-se melhor “lírico apaixonado e vibrante, que em todo tempo é”.

Gênero da obra: poesia

GRAVE, João. *Os famintos*. Porto: Chardron, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 2 dez.1903.

Resumo: O livro narra a história de uma família que começa a passar necessidades, depois da morte do operário e chefe de família Manoel. Na concepção de J. dos Santos, é um bom romance, visto que há uma descrição minuciosa da vida dos miseráveis, nas “íntimas” camadas sociais.

Gênero da obra: romance

DORIA, Escragnolle. *Dor*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 2 dez.1903.

Resumo: O livro de contos é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que reconhece nele uma linguagem simples para o entendimento dos leitores, em geral.

Gênero da obra: contos

BRITTO, Costa. *Revelações da magia moderna*. São Paulo: Livraria Paulista, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 dez.1903.

Resumo: Esse livro é a explicação de um grande número de trabalhos com cartas, com anéis, com lenços, entre outros. J. dos Santos tece elogios à obra, mencionando o “primoroso cuidado” com que o autor a elaborou.

Gênero da obra: monografia sobre magia

CHAGAS, José. *Caminho do céu*. Porto: Chardron, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 dez.1903.

Resumo: Trata-se de um livro de estreante, que narra a história de Edgard, o qual desprezou o amor de uma moça e, depois, a procurando, reconciliou-se com ela. J. dos

Santos critica a obra com ironia, mas não deixa de relatar que há nela “indícios de um real talento”.

Gênero da obra: romance

LOBO, Antônio. *A cadeira de um neurastênico*. S. l.: s. n., 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 dez.1903.

Resumo: O livro conta a história de um rapaz, que partiu para o Recife para estudar Direito. A obra é vista de maneira positiva por J. dos Santos, que relata ter simplicidade, além de detalhes bem estudados. Além disso, o resenhista relata que há tipos bem estudados nele, embora sem muitos pormenores, “mas esboçados com vivacidade”. No entanto, J. dos Santos aponta o defeito de Lobo não justificar claramente o título da obra.

Gênero da obra: romance

DAWSON. *South American Republics*. Rio de Janeiro: Putnam's sons, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 dez.1903.

Resumo: Trata-se do estudo da história brasileira, desde os primeiros tempos até o período contemporâneo. Segundo J. dos Santos, “é um trabalho de primeira ordem”, além de ter a vantagem de ser bem ilustrado, o que facilita a compreensão.

Gênero da obra: monografia historiográfica

SABOIA, Visconde de. *A vida psíquica do homem*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 dez.1903.

Resumo: Trata-se de um livro de mais de 600 páginas, que enfoca todas as questões importantes da metafísica e da psicologia. Na concepção de J. dos Santos, o livro é bom, pois o autor tem “conhecimento de toda literatura científica”.

Gênero da obra: monografia sobre psicologia e espiritismo

QUEIROS, Eça de. *Prosas bárbaras*. Porto: Chardron, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 jan.1904.

Resumo: O livro de contos não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que deixa transparecer seu comentário ironicamente, relatando ter a obra um “alto sopro lírico e romântico”.

Gênero da obra: contos

ROCHA, A. de. *A levitação*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 jan.1904.

Resumo: Trata-se do estudo do ocultismo, mostrando, por exemplo, o fenômeno do levantamento do corpo humano sobre o solo, entre outros assuntos. J. dos Santos tece comentários positivos sobre a obra, mencionando que o autor revela “uma vasta erudição” na elaboração.

Gênero da obra: monografia sobre ocultismo

PIRES, Altino. *Pétalas soltas*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 jan.1904.

Resumo: O livro de poesia não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que, ironicamente, diz faltar ao autor “maior vocação para o ofício” de poeta.

Gênero da obra: poesia

CORREIA, Serzedello. *O problema econômico*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 jan.1904.

Resumo: Trata-se de uma longa série de artigos publicados nas colunas de *A Tribuna*, enfocando, principalmente, os homens políticos do Brasil. Na concepção de J.dos Santos, o livro é digno de estudo, por ter amplos dados e informações satisfatórias para os leitores.

Gênero da obra: monografia sobre economia

BRANDAO, Júlio. *Perfis suaves*. Porto: Typ. Universal, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 jan.1904.

Resumo: O livro, que é uma coleção de contos de fada, é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que elogia a linguagem encantadora da obra. Em sua opinião, o livro “parece pensado por uma criança e escrito por um adulto”.

Gênero da obra: literatura infanto-juvenil

VARZEA, Virgílio. *A noiva do Peludino*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 jan.1904.

Resumo: Trata-se da história medieval de uma moça que fica em um castelo esperando seu noivo, que foi durante as Cruzadas, para a Palestina. J. dos Santos elogia a obra, dizendo ser “um grande mimo de estilo”.

Gênero da obra: conto

JAX. *Pensamentos*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 jan.1904.

Resumo: O livro mostra a transmissão de pensamentos humanos, ao estabelecer processo comunicativo. De forma irônica, J. dos Santos opina que a obra “não pode merecer grandes elogios, nem fortes censuras”. Além disso, ele diz que não há originalidade, mas que há uma “concisão delicada” na obra. Contudo, o resenhista opina que não se deve escrever livros especiais dessa natureza.

Gênero da obra: aforismos

BILAC, Olavo. *Poesias infantis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 jan.1904.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que elogia os bons versos e a boa linguagem que o poeta produziu. O resenhista, no final, comenta que “não é apenas um bom livro, é uma boa ação para as crianças também”.

Gênero da obra: literatura infanto-juvenil

CALASANS, Bittencourt. *Lições de geografia da América*. S. l.: s.n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 jan.1904.

Resumo: Trata-se de um trabalho didático resumindo todas as lições do autor sobre sua matéria no Colégio Militar. Segundo J. dos Santos, o livro é completo no seu assunto,

porém, com o único defeito de não ser acompanhado de mapas, para facilitar a compreensão.

Gênero da obra: livro didático

CAMARGO, Luiza. *Alice*. S. l.: s.n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 fev.1904.

Resumo: O livro, que narra a história de Alice em época de se casar com Renato de Castro, não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que tece comentários irônicos sobre a obra, embora não deixe de elogiar o “português correto” que possui.

Gênero da obra: romance

ERNESTO JUNIOR, Bento. *Vida aldeã*. S. l.: s.n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 fev.1904.

Resumo: Trata-se de um conjunto de contos, visto positivamente por J. dos Santos, que menciona o fato do escritor escrever bem, apenas faltando um pouco de “inventiva e imprevisto” na narrativa.

Gênero da obra: contos

CALDAS, José. *História de um fogo morto*. Porto: Chardron, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 fev.1904.

Resumo: Trata-se de um conjunto de monografias históricas, amplamente documentadas, que relata, por exemplo, a história Vianna do Castello, desde 1258 a 1848. J. dos Santos elogia a obra com entusiasmo, dizendo ser um livro “magnífico”.

Gênero da obra: monografia histórica

PEREIRA, Virgílio de Sá. *Questões de direito*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 fev.1904.

Resumo: Trata-se de um trabalho jurídico para o qual o autor transportou as defesas que fez em processos envolvendo jurisprudência e Constituição. Segundo J. dos Santos, o livro tem um excelente estilo, unindo “a clareza à correção e elegância”.

Gênero da obra: monografia jurídica

LELLIS, Carlindo. *Reumas e sol*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 fev.1904.

Resumo: O livro de poesia é visto negativamente por J. dos Santos, que deixa transparecer seus comentários através da ironia como, por exemplo, nos seguintes trechos: “o autor nada diz de novo”, “pobreza de vocábulos e, geralmente, falta de idéias”, entre outros.

Gênero da obra: poesia

TAVARES, Rubem. *Sepúlcro de vivos*. Genova: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 fev.1904.

Resumo: Trata-se de uma peça publicada em Gênova com apenas um ato, que transmite uma discussão sobre a moralidade em arte; o resenhista, assim, a define: “a cena é muito rápida e comovente”. Na concepção de J. dos Santos, é uma elegante brochura e o texto teria, de certo, êxito na representação, por se tratar de uma obra bem elaborada.

Gênero da obra: teatro

MORAES FILHO, Mello. *Fatos e memórias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 mar.1904.

Resumo: O livro, que é um volume de memórias constituído de 5 trabalhos, é elogiado por J. dos Santos, que tece comentários tais como: “interessante, volume todo agradável”, apesar de não deixar de apontar o excesso de fantasia presente no trabalho.

Gênero da obra: memórias

OLIVEIRA, Virgílio Cardoso de. *A pátria brasileira*. Bruxelas: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 mar.1904.

Resumo: Trata-se de um livro de leitura escolar, que engloba noções de corografia, de história e descrições de paisagens do Brasil. Na concepção de J. dos Santos, a obra tem uma certa ordem e boa escolha, além de ser bem ilustrado, mas, ironicamente, ele não deixa de tecer comentários menos positivos como, por exemplo, este: “até que ponto o volume serve bem para a leitura escolar pode-se discutir”.

Gênero da obra: livro didático

MONTALVÃO, Justino de. *Os destinos*. Porto: Chardron, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 mar.1904.

Resumo: O livro, que é constituído de crônicas e contos num estilo poético, é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que opina serem os “versos realmente dignos de um estilista vibrante, imaginoso, cheio de poesia”.

Gênero da obra: contos

BANDEIRA, Souza. *Ensaio e estudos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 mar.1904.

Resumo: Trata-se de uma coleção de artigos sobre vários assuntos, que é elogiada por J. dos Santos, ao assegurar que “nenhum apreciador de literatura e direito, deixará de achar no volume páginas que o interessam”.

Gênero da obra: crítica literária

BANDEIRA, Souza. *Os amores do Sr. Jacarandá*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 mar.1904.

Resumo: O livro, que narra as paixões de um personagem, é visto negativamente por J. dos Santos, que tece comentários irônicos sobre ele.

Gênero da obra: romance

MARIZ, Romeu. *Cosmorama*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 mar.1904.

Resumo: O livro de poesia recebe desaprovação de J. dos Santos, que opina ser uma obra “inútil” e com “versos medíocres”.

Gênero da obra: poesia

CASTANHEIRA, Mário. *Sonhos de poeta*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 mar.1904.

Resumo: Trata-se de um livro de poesia, visto de maneira negativa por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia. Segundo o resenhista, é difícil convir que “as aspirações poéticas do jovem poeta estão certamente muito por baixo”.
Gênero da obra: poesia

VARZEA, Virgílio. *O brigue flibusteiro*. Porto: Chardron, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 mar.1904.

Resumo: O livro de contos é visto positivamente pelo resenhista, que aponta beleza de estilo e as descrições com intensidade de cores presentes na obra. Entretanto, J. dos Santos não deixa de criticar o excesso de termos franceses como, por exemplo, “nina” e “rade”, que acaba prejudicando o desenrolar das histórias.

Gênero da obra: contos

JUNQUEIRO, Guerra. *Orações à luz*. S. l.: s.n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 30 mar.1904.

Resumo: O livro de poesia é visto positivamente por J. dos Santos, que tece elogios sobre a composição dos versos e relata que, em poucos versos, o autor “consegue exprimir tantas idéias com muito mérito”.

Gênero da obra: poesia

SEIDL, Raimundo Pinto. *O duque de Caxias*. Rio de Janeiro: Macedo, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 30 mar.1904.

Resumo: O livro, que retrata a vida de duque de Caxias, principalmente nas guerras civis, recebe grandes elogios do resenhista que o julga simples, conciso e completo.

Gênero da obra: biografia

FREIRE, Olavo. *Exercícios cartográficos*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6. abr.1904.

Resumo: Trata-se de um livro de comparações gráficas, traçados do Brasil e de cada um dos estados nacionais. Na concepção de J. dos Santos, é um excelente livro para todos que se interessem pelo assunto.

Gênero da obra: livro didático

CASTRO, Aluísio de. *Das desordens da marcha e seu calor clínico*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 abr.1904.

Resumo: O livro é dividido em 2 partes: estudo dos vários elementos que compõem a marcha humana minuciosamente e, depois, a parte clínica, em que se observam e interpretam as diversas desordens da marcha. J. dos Santos tece elogios à obra, relatando ser “composição admirável”, além de mencionar o esforço do autor para concretizá-la.

Gênero da obra: monografia científica sobre medicina

FAJARDO, Francisco. *O impaludismo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 abr.1904.

Resumo: O livro é um curso sobre as moléstias tropicais, mostrando principalmente a influência do meio brasileiro nessas mazelas. Segundo J. dos Santos, é uma obra bem feita, visto ser “um atestado da grande erudição e da capacidade clinica do ilustre médico”.

Gênero da obra: monografia científica sobre medicina

CORREIA, Serzedello. *Revisão constitucional*. Rio de Janeiro: Typ. da Companhia Lit-Typographia, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 abr.1904.

Resumo: Trata-se de um trabalho jurídico a respeito da possibilidade de reformulação constitucional brasileira, repetindo a objeção da transitoriedade francesa. J. dos Santos tece comentários positivos à obra, principalmente aos capítulos sobre melhor distribuição das rendas federais e estaduais, ditos “excelentes” e “fundamentais” para o Brasil da época.

Gênero da obra: monografia jurídica

GAMA, Luiz. *Primeiras trovas burlescas*. São Paulo: Typ. Bentley Junior, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 abr.1904.

Resumo: O livro, que é uma reunião de pequenos poemas assinados por vários pseudônimos, é visto de maneira negativa por J. dos Santos, que, ironicamente, opina serem apenas documentos “sem muito êxito”. Além disso, o colunista ainda opina não compreender muito bem por que se reedita um livro desse gênero.

Gênero da obra: poesia satírica

LEMOS, Eduardo Floriano de. *Filigramas*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 abr.1904.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira negativa por J. dos Santos, que transparece sua desaprovação à obra, atribuindo ao poeta “versos vulgaríssimos”, e falta de “talento”, apesar de ser um estreante.

Gênero da obra: poesia

COELHO NETO. *Apólogos*. Porto: Chardron, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 abr.1904.

Resumo: Trata-se de uma reunião de 18 contos para crianças, vista de maneira coberta de elogios por J. dos Santos, que enfatiza a simplicidade da linguagem utilizada pelo escritor para o público infantil, além de comentar que “até os criancões barbudos terão a máxima satisfação em ler”.

Gênero da obra: literatura infanto-juvenil

BELLE, Josaphat. *Estudos*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 abr.1904.

Resumo: O pequeno volume é dividido em 2 partes: uma sobre interesses mineiros e outra composta de uma reunião de crônicas. Na concepção de J. dos Santos, trata-se de um livro claro, bem feito e simples, que transmite ao leitor informações culturais sobre Minas Gerais, além de reunir crônicas leves e interessantes.

Gênero da obra: crônica

GUIZAN, Thomas Aristóteles. *Viagens na Europa*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 maio 1904.

Resumo: Trata-se de 2 livros de viagens, que são vistos de maneira negativa por J. dos Santos, para quem o autor “escreve mal”. Porém, o crítico atribui ao autor a virtude de ser sincero na descrição dos fatos, o que faz sempre com muita exatidão, sendo um ponto positivo.

Gênero da obra: relatos de viagem

BARBALHO, João. *Constituição federal brasileira*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 maio 1904.

Resumo: Trata-se de um trabalho jurídico para estudiosos de direito constitucional, constituído por vários artigos constitucionais, com 2 partes notáveis: a de jurisconsulto e a de educador. Na concepção do resenhista, a obra é excelente, pois mostra os pontos essenciais da Constituição com clareza.

Gênero da obra: monografia jurídica

FREITAS JUNIOR, Júlio de. *Entre atos*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 maio 1904.

Resumo: O livro, que é um volume de peças próprias para serem representadas por crianças, recebe aprovação de J. dos Santos, que tece elogios à obra, julgando-a ser “simples” e “graciosa”.

Gênero da obra: literatura infanto-juvenil

MENDONÇA, José de Gouveia. *A personalidade de Jesus*. S. l.: s.n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 maio 1904.

Resumo: O livro indaga a polêmica questão de saber se o corpo de Cristo foi ou não de verdade, isto é, se ele foi fabricado de carne e osso, ou apenas de uma aparência ilusória. Com muita ironia, J. dos Santos mostra a sua desaprovação quanto à obra, dizendo existirem outros assuntos mais fundamentais para se abordar.

Gênero da obra: monografia sobre religião

DELPECH, Adrien. *Roman Brésilien*. Rio de Janeiro: V. Havard, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 maio 1904.

Resumo: O livro, que narra a história de amores favorecidos ou não pelos pais dos namorados em Rezende, de 1887 a 1888, recebe aprovação de J. dos Santos, relatando que a obra tem interesse dramático bem acentuado e mostra bem os costumes brasileiros da época em que se passa o enredo.

Gênero da obra: crítica literária

LACROIX, Desiré. *História de Napoleão*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 maio 1904.

Resumo: Trata-se da história do ditador Napoleão Bonaparte. Apesar de ser esse um assunto já bem explorado por outros escritores, o livro, segundo J. dos Santos, é bem feito, com ótimas ilustrações, além da narração ser muito intrigante.

Gênero da obra: biografia

LIMA, Oliveira. *Secretário d'el-rei*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 jun.1904.

Resumo: O livro, que narra a história de Dom Alexandre de Gusmão (secretário e escrivão d'el rei), é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que diz existir uma ótima pretensão presente nele, não apenas “emoções estéticas”.

Gênero da obra: romance biográfico

MENDONÇA, Curvello de. *Regeneração*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 jun.1904.

Resumo: Trata-se de uma história hipotética para um futuro social melhor, como o autor o concebe e espera, não mais com a economia política degradada da época. J. dos Santos elogia a obra, visto ser um trabalho eficiente, que mostra “um verdadeiro sonho do poeta”.

Gênero da obra: monografia sociológica

LUSO, João. *Prosa*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 jun.1904.

Resumo: O livro de alguns contos e, em sua maioria, de crônicas, mostra a mistura do português de Portugal com o português falado no Brasil. Segundo J. dos Santos, é uma ótima leitura e “ninguém consegue lê-lo sem prazer” pela curiosidade que desperta.

Gênero da obra: conto e crônica

BONFIM, Manoel. *Das alucinações auditivas*. São Paulo: Tipografia Espíndola, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 jun.1904.

Resumo: O trabalho visa explicar porque se dá a predominância de alucinações auditivas na sequência inconsciente dos pensamentos. J. dos Santos tece elogios à obra, dizendo que “é uma simples nota, mas nota muito interessante”.

Gênero da obra: monografia científica

LOPES, B. *Lírio Consolador e Patrício*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 jun.1904.

Resumo: Trata-se de dois poemas vistos de maneira positiva por J. dos Santos, que os elogia por serem “simples”, “naturais” e “humanos”.

Gênero da obra: poesia

FREIRE, Laudelino. *Sonetos brasileiros*. Rio de Janeiro: M. Orosco & C., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 jun.1904.

Resumo: Trata-se de uma coletânea de poemas, vista com aprovação por J. dos Santos, que diz ser elegante, bonita, “extremamente curiosa” e que “vale como um repertório de informações”.

Gênero da obra: poesia

BRANDAO, Raul. *A farsa*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 jun.1904.

Resumo: Trata-se de um romance português que relata a hipocrisia humana. J. dos Santos o avalia positivamente, dizendo ser um livro “forte”, “admirável”, com “intensidade trágica extraordinária que revela no autor um escritor poderoso”.

Gênero da obra: romance

SENNA, Nelson de. *Contos sertanejos*. Belo Horizonte: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 jun.1904.

Resumo: Trata-se de um trabalho dividido em 2 partes: *Sonho Macabro* e *Pedro Cabinda*. A obra não recebe aprovação de J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia.

Gênero da obra: contos

CAMPOS, Sebastião de. *Nuvens errantes*. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 jun.1904.

Resumo: O livro em versos, que narra a história de uma viagem à volta do mundo a pé, é desaprovado por J. dos Santos que, através da ironia, denuncia existirem erros gramaticais e rimáticos presentes nessa obra.

Gênero da obra: poesia

FARIA, Alves de. *Rosas*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 jul.1904.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, principalmente pelo poema “Continente negro”, que teria uma “abundância fantástica de idéias” na sua construção.

Gênero da obra: poesia

GOES, Carlos. *Cithara*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 jul.1904.

Resumo: O livro de poesia é visto negativamente por J. dos Santos, que, transparecendo sua opinião através da ironia, tece comentários tais como: “há falta de vibração”, “escassez de animação” e “falta de idéias”.

Gênero da obra: poesia

LOBO, Américo. *Decisões constitucionais de Marchal*. S. l.: s.n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 jul.1904.

Resumo: Trata-se de um trabalho que mostra os preceitos de um princípio constitucional, que era uma das bases da lei fundamental brasileira da época. J. dos Santos demonstra aprovação à obra, tecendo elogios e valorizando a importância de se ler uma obra sobre esse assunto.

Gênero da obra: monografia jurídica

TOURINHO, Vespasiano. *Mirha*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 jul.1904.

Resumo: O livro, que narra a história de uma cortesã de alto bordo até o casamento com Lentalmo, é visto de maneira negativa por J. dos Santos, que diz ser um livro “assombroso”.

Gênero da obra: romance

ROXO, Henrique. *Perturbações mentais nos negros do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. Bernard Feres, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 jul.1904.

Resumo: Trata-se de um estudo das perturbações mentais dos negros brasileiros, divididas em 2 grupos: o das que ocorrem nos cérebros cuja evolução foi normal e o das que provêm da própria evolução anormal dos cérebros. Na concepção de J. dos Santos, trata-se de um trabalho de renome, bem feito e competente.

Gênero da obra: monografia sobre psiquiatra

Congresso Jurídico americano. S. l.: s. n. , 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 jul.1904.

Resumo: Trata-se de uma reunião de dissertações e comentários referentes ao direito público e ao direito privado, composta por vários autores, em geral. Segundo J. dos Santos, o trabalho é bem elaborado e valioso, principalmente para o estudo dos problemas brasileiros.

Gênero da obra: monografia jurídica

OLIVEIRA, Correia de. *Auto de Junho e Ara*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 ago.1904.

Resumo: São 7 longos poemas, em versos soltos, nas quais o poeta canta, acima de tudo, a beleza da Terra. Na concepção do resenhista, a obra é mal feita, visto não ter artifícios que prendam o leitor desde o início até o fim.

Gênero da obra: poesia

PINTO, Simões. *Cármina*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 ago.1904.

Resumo: Trata-se de um pequeno livro de versos, que J. dos Santos considera simples, agradável e promissor, mas não deixa de opinar que o que falta para o autor é originalidade de idéias, apesar de ser um estreante.

Gênero da obra: poesia

DELANNE, Gabriel. *O espiritismo perante a ciência*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 ago.1904.

Resumo: O livro expõe alguns efeitos e fenômenos do ocultismo e do espiritismo pela ótica da ciência, desde modo, e por trabalhar com alguns fatos realmente provados. J. dos Santos elogia a obra, por ser clara e lúcida na abordagem do assunto.

Gênero da obra: monografia sobre espiritismo e ocultismo

GIBIER, Paul. *Análise das coisas*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 ago.1904.

Resumo: O livro sobre espiritismo e ocultismo recebe desaprovação de J. dos Santos, que atribui ao autor um espírito aventureiro e pouco equilibrado. Esse livro é disso uma prova: curioso, mas ilógico e sem concatenação nenhuma.

Gênero da obra: monografia sobre ocultismo e espiritismo

BLECH, Aimée. *Princípios Teosóficos*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 ago.1904.

Resumo: O livro, que denuncia pretensões filosóficas e mágicas, não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que o coloca “na categoria de livro imprestável”, além de ser “aparvalhado”.

Gênero da obra: monografia sobre ocultismo

DIAS, Artur. *O Brasil atual*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 ago.1904.

Resumo: Trata-se de um grosso volume, que revela o estado do Brasil, mostrando desde a administração federal até a ação dos meios de comunicação, é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que elogia a verdade das informações nele presentes.

Gênero da obra: monografia científica

LESSA, Themudo. *Holocausto*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 ago.1904.

Resumo: Trata-se de um livro de um principiante, constituído de poemas que, segundo J. dos Santos, “não tem muitas genealidades visíveis, mas também não tem mediocridades chatas”. Desse modo, o resenhista procurou resenhar o volume tendendo à imparcialidade.

Gênero da obra: poesia

MOREIRA, Juliano; PEIXOTO, Afrânio. *A paranóia e os sintomas paranóides*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 2 set.1904.

Resumo: Trata-se de um trabalho que os autores escreveram para o segundo Congresso Latino-Americano, realizado em 1904, em Buenos Aires. Moreira e Peixoto procuraram que procuraram definir com clareza o que é paranóia e mostrar sua frequência. J. dos Santos viu o trabalho positivamente, dizendo que, ao mérito científico, junta-se o seu grande valor literário.

Gênero da obra: monografia sobre psiquiatria

OLIVEIRA, Isaías de. *Stelário*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 2 set.1904.

Resumo: O livro de poesia não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que deixa transparecer seus comentários com muita ironia, ao afirmar: “o livro chama-se aliás *Stellario*. Que diabo terão as estrelas com tudo isto?”

Gênero da obra: poesia

MARINHO, Henrique. *O teatro brasileiro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 set.1904.

Resumo: O livro, dividido em 8 períodos, mostra a história do Teatro Brasileiro, mas sem a pretensão de ser desde já uma obra completa sobre o assunto. Na concepção de J. dos Santos, o trabalho é simples, bem elaborado, interessante e digno de leitura, além de ter seu valor literário também.

Gênero da obra: crítica literária

AZEVEDO, Cyro de. *Alma dorida*. Paris: Garnier, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 set.1904.

Resumo: O livro de contos e estudos psicológicos é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que tece elogios à obra e ao autor, dizendo ser “um livro realmente bem escrito e com um talento lapidado de um grande escritor”.

Gênero da obra: contos

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacob*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 30 set.1904.

Resumo: O romance, que narra a história de dois gêmeos que sempre brigavam e eram ambos apaixonados pela moça Flora, é elogiado por J. dos Santos, que não se esquece de apontar o estilo, a graça, a leveza e o trabalhado teor psicológico que percorre o livro inteiro, sempre “com a maneira peculiar de um escritor admirável: Machado de Assis”.

Gênero da obra: romance

CAMPOS, Lima. *Confessor supremo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 out.1904.

Resumo: Trata-se de uma coleção de trechos em prosa, entre os quais há apenas 2 contos, sendo os demais principalmente ensaios. Deixando transparecer sua opinião através da ironia, J. dos Santos tece comentários negativos à obra, dizendo ser a linguagem dela uma “preciosidade de expressão tão grande”, que não se entende absolutamente nada.

Gênero da obra: conto e ensaio

SEIDL, Carlos. *Discurso*. Rio de Janeiro: Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 out.1904.

Resumo: Trata-se de um discurso, que o autor proferiu em 1904, por ocasião de uma sessão solene na Academia de Medicina. J. dos Santos tece elogios, apontando a importância do discurso em tratar de temas interessantes, tais como a sífilis e outras moléstias, além de mencionar que “o autor prestou um bom serviço, fazendo, por conseguinte, obra de boa e legítima propaganda”.

Gênero da obra: monografia científica sobre medicina

Almanaque Garnier. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 out.1904.

Resumo: Na concepção de J. dos Santos, o almanaque é bem ilustrado; há nele numerosos artigos literários e científicos, além de uma coleção variada de mapas, que mostram o valor do almanaque, mas com o único defeito de ser uma obra “um tanto pesada e cansativa”.

Gênero da obra: almanaque

BONFIM, Manoel. *O fato psíquico*. Rio de Janeiro: Instituto Profissional, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 out.1904.

Resumo: Trata-se de uma introdução a um curso de psicologia, que o autor ministrou. Nele, Bonfim procurou ao princípio ver se é possível distinguir os fatos psíquicos por alguma peculiaridade. Segundo J. dos Santos, o trabalho é bem feito, polêmico, revela grande estudo, erudição e alta habilidade dialética em expor os argumentos.

Gênero da obra: monografia sobre psicologia

CELSONO, Afonso. *Trovas de Espanha*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 out.1904.

Resumo: O livro constituído de 783 estrofes, na sua maioria quadras traduzidas do cancionário popular espanhol, é visto positivamente por J. dos Santos, que afirma “no conjunto, pela escolha, pela beleza da tradução, o livro é realmente encantador”.

Gênero da obra: poesia

RIBAS, Fanfa. *Ara do bem*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 out.1904.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que o elogia, dizendo ser uma obra agradável, “boa pela forma desde idéias nela expressas”.

Gênero da obra: poesia

MORAES, Mello. *Artistas do meu tempo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 out.1904.

Resumo: O livro, que é uma reunião de vários artigos que o autor escreveu sobre alguns artistas, recebe aprovação de J. dos Santos, que elogia “a bela e suave prosa que Mello Moraes tem ao desenvolver seus comentários”.

Gênero da obra: crítica literária

CHAGAS, Alexandrino das; CARREIRO, Raul. *Fragments de patologia indígena*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 out.1904.

Resumo: Trata-se de uma brochura resumida sobre moléstias tropicais como, por exemplo, anilostomose e beribéri, descritas com comentários pelos escritores. Na opinião de J. dos Santos, o livro é claro, bem resumido e tem uma elaborada investigação pessoal dos autores, que não é fácil de se encontrar em trabalhos desse tipo.

Gênero da obra: monografia científica sobre medicina

GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 out.1904.

Resumo: O livro, que mostra os usos naturais da linguagem e não a insistência de uma escrita gramatical composta por regras, recebe elogios de J. dos Santos, que diz ser um trabalho útil, principalmente “pela maioria da população que fala a nossa língua normal”, defendendo, com isso, a abolição das normas gramaticais.

Gênero da obra: monografia lingüística

COELHO NETO. *A bico de pena*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 out.1904.

Resumo: Trata-se de um volume de contos, visto positivamente por J. dos Santos, que o julga delicioso, pela encantadora variedade e por não possuir o “preciosismo” característico do autor, o que faz com que a linguagem flua mais naturalmente.

Gênero da obra: conto

GUIMARÃES FILHO, Luiz. *Pedras preciosas*. Montevideo: s n, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 nov.1904.

Resumo: O livro de poesia é visto de forma negativa por J. dos Santos, que critica o excesso de termos mitológicos da obra e as diversas comparações e referências que prejudicam a compreensão. Entretanto, no final, o resenhista não deixa de opinar que o poeta, apesar de tudo, faz versos excelentes.

Gênero da obra: poesia

AMORIM, Aníbal. *Novos poemas*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 nov.1904.

Resumo: O livro de poemas recebe a aprovação de J. dos Santos, que diz existirem belos versos na obra, os quais provam a “capacidade do poeta como metrificador e como lírico”.

Gênero da obra: poesia

RODRIGUES, José Carlos. *Religiões acatólicas*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 nov.1904.

Resumo: Trata-se de um inventário do estado político e social do Brasil, durante 4 séculos, que esboça rapidamente a história brasileira do ponto de vista religioso. J. dos Santos elogia o livro, dizendo ser bem feito, conciso e extremamente claro, o que demonstra o mérito do escritor.

Gênero da obra: monografia sobre religião

PUJOL, Hyppolito. *Loisirs*. Paris: Garnier, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 2 dez.1904.

Resumo: Trata-se de um livro de poemas que o escritor traduziu para o francês e de versos franceses traduzidos para o português. Na concepção de J. dos Santos, a obra tem grande mérito, embora não tenha toda a perfeição desejável, por não ser fácil “envolver-se no campo da tradução”.

Gênero da obra: poesia

GOMES, Costa. *Pâmpanos*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 2 dez.1904.

Resumo: O volume de sonetos não é visto de maneira positiva por J. dos Santos que, ironicamente, menciona faltar originalidade ao livro, “igual a cem, a duzentos outros que se publicam cada dia por estes Brasis afora”.

Gênero da obra: poesia

Mercúrio. Barcelona, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 2 dez.1904.

Resumo: Trata-se de uma revista estrangeira, publicada em Barcelona, que não enfoca só o comércio, mas também, por exemplo, assuntos literários brasileiros também. J. dos Santos tece elogios à revista, opinando ser muito bem impressa, com gravuras e cores que são realmente maravilhosas, além de ter uma linguagem “extremamente agradável” para o leitor.

Gênero da obra: periódico

RIO, João do. *As religiões no Rio*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 dez.1904.

Resumo: Trata-se de um trabalho de reportagem, em que o autor define os pontos essenciais das crenças de cada grupo e apresenta-as com um teor pitoresco, sem discutilas, nem julgá-las. Segundo J. dos Santos, o livro é interessantíssimo, leve, fiel, superficial e agradável, visto que o escritor “não se meteu em filosofanças abstrusas”.

Gênero da obra: reportagem

BILAC, Olavo. *Crítica e fantasia*. Rio de Janeiro: A. M. Teixeira, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 dez.1904.

Resumo: Trata-se de um volume composto por várias crônicas e artigos publicados pelo poeta na *Gazeta de Notícias*, onde ele comentava, por exemplo, fatos de notoriedade pública para a época. Na opinião de J. dos Santos, o livro é digno de leitura, por ter beleza, estilo próprio, sensatez e graça, “ingredientes que cativam os leitores”.

Gênero da obra: crônica

SODRE, Manoel. *Vozes da alma*. S. l.: s. n., 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 dez.1904.

Resumo: O livro de poesia é visto negativamente por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia, criticando, entre outras coisas, o excesso de adjetivos, visto que “o poeta escolhe um adjetivo qualquer e o emprega ao acaso” na obra.

Gênero da obra: poesia

AZEVEDO, Magalhães de. *Odes e elegias*. Roma: Tip. Centenari Roma, 1904. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 30 dez.1904.

Resumo: Trata-se de um pequeno livro de poemas ao qual J. dos Santos alude de maneira positiva. Na concepção do resenhista, a obra é extremamente bela, formosa, pouco vulgar e tem o surto de reformador, querendo romper com as convenções, mas ao mesmo tempo voltando ao passado, o que é um mérito.

Gênero da obra: poesia

SODRÉ, Pedro. *Intercambio brasileiro-argentino*. Rio de Janeiro: J. Peuser, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 jan.1905.

Resumo: O livro diz respeito às relações comerciais entre Argentina e Brasil, cujo autor estuda os principais produtos, que são habitualmente exportados do Brasil para esse país vizinho. J. dos Santos elogia a obra, relatando ser um ótimo serviço prestado para os leitores brasileiros.

Gênero da obra: monografia sobre países e sobre suas relações comerciais

ORLANDO, Arthur. *Ensaio de crítica*. Rio de Janeiro: Empresa Diário de Pernambuco, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 jan.1905.

Resumo: Trata-se de uma série de estudos, que aborda diversos assuntos como, por exemplo, adultério, a pena entre os hebreus, morte, Japão e Pernambuco. Na concepção de J. dos Santos, trata-se de um livro extremamente magnífico, visto que aborda diversas temáticas que são estudadas com muito cuidado e com ótima elaboração.

Gênero da obra: ensaios

BILAC, Olavo; COELHO NETO. *Contos pátrios*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 jan.1905.

Resumo: O livro de contos para crianças é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que diz ser uma obra excelente e que pode ser louvada com entusiasmo. Entretanto, o resenhista só viu um defeito nesse volume: o conto “Parocho”, que, na sua opinião, poderia ser excluído do conjunto.

Gênero da obra: contos literatura infanto-juvenil

SOARES, Oscar de Macedo. *Código penal*. S. l.: s. n. , 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 jan.1905.

Resumo: O livro retrata o capítulo XIII do Código penal, onde estão as penas aplicáveis aos capoeiras, sendo citado um decreto já revogado. Na opinião de J. dos Santos, a obra tem um grande valor por tratar da jurisprudência dos tribunais e por responder a todas as exigências sumárias da advocacia com grande mérito do autor.

Gênero da obra: monografia jurídica

CONRADO, Alberto. *O comércio e a navegação na História*. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 jan.1905.

Resumo: O livro, que diz respeito aos tempos comerciais antigos envolvendo personagens da História, é visto positivamente por J. dos Santos, que opina ser uma obra extremamente notável, com exposição clara, simples e concisa.

Gênero da obra: monografia historiográfica

Para rir. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 jan.1905.

Resumo: Trata-se de um pequeno volume de anedotas velhas e novas ao qual J. dos Santos alude de maneira positiva. Na concepção do resenhista, trata-se de um livro agradável e com muita graça.

Gênero da obra: anedotas

BITTENCOURT, Liberato. *Classificação das ciências*. São Paulo: Livraria Paulista, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 jan.1905.

Resumo: A obra, que recebe elogios de J. dos Santos, enfoca o estudo científico entre 2 grupos específicos: das ciências (fundamentais) e das ciências físicas (essenciais). O

autor revela uma vasta competência artística, além da capacidade de articular fatos, o que facilita a compreensão do leitor.

Gênero da obra: monografia científica

FARIA, Bento de. *Anotações teórico-práticas do Código penal*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 fev.1905.

Resumo: Trata-se de um trabalho jurídico sobre a aplicação das penas, expondo as doutrinas geralmente aplicadas nos tribunais brasileiros. Na concepção de J. dos Santos, a obra é de extremo valor, pois expõe o Código Penal sem adulterá-lo, além de ser uma “bela contribuição para a lit. jurídica”.

Gênero da obra: monografia jurídica

STOWE, Beecher. *A cabana do tio Tomas*. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 fev.1905.

Resumo: Trata-se da reedição de um livro conhecido, mas que, segundo J. dos Santos, “ainda merece ser lido”. Na opinião do resenhista, é uma obra simples, bem feita e que deve ser lida por todas as pessoas que amem literatura.

Gênero da obra: romance

GARNIER, P. *O mal de amor*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 fev.1905.

Resumo: O livro, que relata uma ciência escabrosa e meio pornográfica, é visto de maneira negativa por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia.

Gênero da obra: romance

LOPES, B. *Plumário*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 fev.1905.

Resumo: Trata-se de um livro de poesia, que não é recebido com elogios por J. dos Santos. O crítico denuncia na obra ausência quase completa de idéias, “um teor pernóstico”, um excesso de descrições de fidalgas, além de imagens impróprias frequentes.

Gênero da obra: poesia

PASSOS, Guimarães. *Dicionário de rimas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 fev.1905.

Resumo: O livro de rimas, com um pequeno tratado de metrificação é visto positivamente por J. dos Santos, que diz ser “a obra mais completa, que atualmente existe na língua portuguesa”, sendo recebida com grande êxito pelo público leitor.

Gênero da obra: dicionário

GRAVE, João. *A eterna mentira*. Porto: Chardron, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 mar.1905.

Resumo: O livro, que narra o triste fim de um pobre casal burguês, é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que diz ser excelentemente escrito, com perfeita limpidez das palavras, não sendo nem um pouco uma obra vulgar.

Gênero da obra: romance

FIGUEIREDO, Anthero de. *Recordações e viagens*. Lisboa: Ferreira & Oliveira, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 mar.1905.

Resumo: O livro, que narra as ações de uma multidão banal, observada um dia, em Londres, não é visto positivamente por J. dos Santos, para quem o autor não tem “capacidade de crítica artística” e nem “fina sensibilidade”, prejudicando o trecho da obra.

Gênero da obra: romance

ANDRADA, Diogo de Payva. *Casamento perfeito*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 abr.1905.

Resumo: Trata-se de um livro que narra todos os tipos de casamentos possíveis e seus problemas; a obra não é recebida com elogios por J. dos Santos, que opina: “como uma objeção preliminar se pode dizer que os únicos casamentos perfeitos são os que não se fazem... nesse caso para que comentar-lhes o insucesso?”.

Gênero da obra: monografia sociológica

POMBO, Rocha. *No hospício*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 abr.1905.

Resumo: O livro, que narra a história do personagem Fileto que, depois da visita a um hospício, resolve liquidar todos os seus bens, é visto negativamente por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia.

Gênero da obra: romance

BONFIM, Manuel. *A América Latina*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 maio 1905.

Resumo: O livro, dividido em duas partes, narra as dificuldades que a América Latina tem para se construir e governar, além de apresentar explicações para esses fatos. J. dos Santos julga tratar-se de um livro bem feito, com uma exposição agradável do assunto, e que também aborda questões brasileiras com muito mérito.

Gênero da obra: monografia sociológica

OLIVEIRA, Cardoso de. *Dois metros e cinco*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 maio 1905.

Resumo: O livro narra a história de 2 rapazes que foram colegas na faculdade de Direito do Recife e que, depois, foram para a Bahia. J. dos Santos recebe com elogios a obra, que julga natural, absolutamente simples, retratando bem o estado da Bahia com seus costumes.

Gênero da obra: romance

BASIN, René. *Donaciana*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 2 jun.1905.

Resumo: O livro narra a história de dois camponeses, João Louarn e Donaciana, que se casaram e tiveram 3 filhos. J. dos Santos diz ser um bonito romance, “em que não há nenhuma página grosseira, incorreta ou imoral”.

Gênero da obra: romance

COSTA, Afonso. *Versos*. Rio de Janeiro: Typ. e pap. Altina, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jun.1905.

Resumo: O livro de poesia é visto positivamente por J. dos Santos, que opina ser uma obra simples, espontânea, boa e com uma fabulosa naturalidade.

Gênero da obra: poesia

BRITO, Teodorico de. *Enciclias*. S. l.: s.n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jun.1905.

Resumo: Trata-se de um pequeno livro de poemas ao qual J. dos Santos alude de maneira negativa. Na concepção do resenhista, trata-se de um livro sem graça, bobo e com um excesso de termos exóticos, que dificultam o entendimento da obra, ocasionando confusão no leitor.

Gênero da obra: poesia

HORTA, Brand. *Lira Carmen*. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 jun.1905.

Resumo: Trata-se de um livro de poesia visto positivamente por J. dos Santos que, porém, criticou a metrficação dos versos, pois “a preocupação da forma não deve aparecer na poesia”.

Gênero da obra: poesia

CORTINES, Julia. *Vibrações*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 jun.1905.

Resumo: Trata-se de um livro de poesia visto positivamente por J. dos Santos, que opina ser magnífico, com bons versos, “de primeira ordem, ao qual se elogia porque o merece”, visto que os versos estão repletos de sonoridade, que encantam os leitores.

Gênero da obra: poesia

MONTEIRO, Raimundo. *Volutas*. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 jun.1905.

Resumo: Trata-se de um livro de poemas recebido com alguns elogios por J. dos Santos, que, entretanto, não deixa de opinar que lhe falta escolha de assuntos mais amplos e mais interessantes.

Gênero da obra: poesia

GUIMARAES, Pinheiro. *Patogenia e terapêutica dos edemas*. S. l.: s.n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 jun.1905.

Resumo: Trata-se de um trabalho clínico que estuda os vários meios de cura dos edemas, que os sintetiza com clareza e concisão, mostrando a retenção no organismo de alguns cloretos. Na concepção de J. dos Santos, é um bom livro, claro, bem feito e que descreve de forma simples um assunto altamente complexo.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

ABREU FILHO, Rodolfo. *Contribuição ao estudo da resistência globular do sangue*. Rio de Janeiro: Méd.-Rio de Janeiro, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 jun.1905.

Resumo: Trata-se de um livro que examina como se há de medir a resistência de um glóbulo de sangue, expondo, inicialmente, a teoria geral da osmose e, em seguida, que relações tem com esse fenômeno a estrutura e composição das hemáceas. Segundo J. dos Santos, é uma obra muito bem escrita e com uma grande admirável clareza dos fatos estudados.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

BRAGA, Camilo P. *O estado de sítio e a pena de morte*. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 jul.1905.

Resumo: Trata-se de um pequeno folheto, que faz referência aos acontecimentos de 1894 e que alude às execuções, então praticadas, a maioria das quais não chegou ao conhecimento do marechal Floriano Peixoto. Na opinião de J. dos Santos, que tece comentários irônicos, o folheto não tem muita importância, pois retrata fatos já conhecidos pela sociedade.

Gênero da obra: monografia

COELHO NETO. *Água de Juventa*. Porto: Chardron, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 jul.1905.

Resumo: O volume, que é uma reunião de contos de conteúdo amoroso, é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que diz ser um belo livro, com admirável estilo, além de ter um fantástico entrecho, que prende o leitor.

Gênero da obra: contos

VERISSIMO, José. *Homens e coisas estrangeiras*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 jul.1905.

Resumo: O livro, que relata uma série de estudos, nos quais o autor teve a oportunidade de tratar das obras de vários escritores, recebe a aprovação de J. dos Santos, que diz ser extremamente interessante, encantador e que proporciona ao leitor informações sobre obras e escritores de forma elaborada e resumida.

Gênero da obra: crítica literária

BRAGA, Teófilo. *Frei Gil de Santarém*. Porto: Chardron, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 jul.1905.

Resumo: O livro de poesia é visto negativamente por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através de comentários irônicos, afirmando não haver, “no mundo inteiro, poeta pior”.

Gênero da obra: poesia

SALGADO, Heliodoro. *O culto da Imaculada*. Porto: Chardron, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 jul.1905.

Resumo: O autor propôs estudar como se formou no catolicismo o culto de Nossa Senhora, mostrando no livro os tempos apostólicos em que ninguém pensava em considerar Maria como intercessora junto de Cristo. Segundo J. dos Santos, é um livro decisivo, tem argumentos seguros sobre o assunto, além de ser muito interessante para todos que gostem de ler assuntos religiosos.

Gênero da obra: monografia sobre religião

BESSA, Alberto. *O jornalismo*. Rio de Janeiro: Viúva Travares Cardoso, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 ago.1905.

Resumo: O livro enfoca o jornalismo, fazendo o esboço do seu histórico desde o seu aparecimento até os dias da resenha, mostrando, para isso, a publicidade periódica. Na concepção de J. dos Santos, trata-se de um livro simples, claro, conciso, cheios de fatos novos, bem agrupados e muito interessantes.

Gênero da obra: monografia sobre jornalismo

RIBEIRO, João. *Crepúsculo dos deuses*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 ago.1905.

Resumo: O livro de oito contos recebe aprovação de J. dos Santos, que opina serem contos magníficos, com belo estilo, admirável clareza e, além de tudo, agradabilíssimos.

Gênero da obra: contos

VASCONCELLOS, Henrique de. *Flirts*. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 ago.1905.

Resumo: Trata-se de um livro de contos, visto de maneira positiva por J. dos Santos, que opina ser puro e simplesmente encantador, apenas observando que o autor abusa um pouco das palavras francesas, que prejudicam um pouco a obra.

Gênero da obra: contos

Uma conferência de Coelho Netto. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 ago.1905.

Resumo: Resenha da conferência do escritor Coelho Netto sobre as *Mulheres da Bíblia*. J. dos Santos tece elogios ao discurso de Coelho Netto, mencionando que eram citações, apenas partes do texto, mas que tiveram a vantagem de merecer a atenção seguida do público. No final, o resenhista elogia o escritor, dizendo que “ele é o homem do livro, é o homem talentoso da oratória dos tribunos”.

Gênero da obra: conferência

MARQUES, Astolfo. *A vida maranhense*. Rio de Janeiro: Typ. Frias, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 ago.1905.

Resumo: Trata-se de pequenos contos, condensados em quadros bem descritos da vida maranhense, mostrando os costumes do povo da região. J. dos Santos tece elogios à obra, opinando ser simples, bem feita, com bom estudo, além de ter uma linguagem agradável.

Gênero da obra: contos

MENDES, Bias. *Estudos americanos*. Salvador: Oficinas do Diário da Bahia, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 ago.1905.

Resumo: Trata-se de um volume dividido em 3 partes: História, Costumes e Língua, nas quais o autor trata de assuntos patrióticos e apaixonados sobre os lugares descritos. Na opinião de J. dos Santos, trata-se de uma obra extremamente original, bem produzida, que mostra também assuntos históricos de forma bem concisa para o leitor.

Gênero da obra: monografia histórica, sociológica e lingüística

ALI, Said. *Compêndio de Geografia elementar*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 ago.1905.

Resumo: O livro didático recebe elogios de J. dos Santos, que opina ser um livro bem feito, com ótima nitidez tipográfica, que ensina “decorar, mas decorar com inteligência, ligando às palavras noções precisas”.

Gênero da obra: livro didático

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Lisboa: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 ago.1905.

Resumo: Trata-se de volume pertencente a uma coleção de volumes subordinados ao título geral *Obras primas*, inaugurada com a obra principal de Cervantes. Na concepção de J. dos Santos, a edição é magnífica, bem feita, elegante e, além disso, mostra as aventuras de Quixote com seu amigo Sancho Pança de forma bem animada.

Gênero da obra: romance

PARANAGUÁ, Nogueira. *Do Rio de Janeiro ao Piauí*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 ago.1905.

Resumo: O livro reúne indicações de aspectos, lendas e descrições do país. Na opinião de J. dos Santos, trata-se de um livro digno de ser lido, de leitura agradável e proveitosa, apesar de existirem “pormenores que poderiam perfeitamente serem dispensados” na obra.

Gênero da obra: monografia sobre geografia

SCOTT, Walter. *Ivanhoé*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 set.1905.

Resumo: O livro, que narra os tempos de João-sem-Terra e Ricardo Coração de Leão, pleno período das Cruzadas, é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que opina ser um belo romance, elogiando, principalmente, as descrições dos costumes do tempo, que foram feitas com muita elaboração artística.

Gênero da obra: romance

MARICÁ, Marquês de. *Máximas*. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 set.1905.

Resumo: O livro de provérbios e aforismos é visto negativamente por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia.

Gênero da obra: aforismos

ESPANET, A. *A prática da homeopatia simplificada*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 set.1905.

Resumo: Trata-se de um livro de medicina, cujo autor se propôs a criar novas drogas para “curar” sentimentos, como, por exemplo, a tristeza. Na concepção de J. dos Santos, o livro é bobo, extremamente idiota; o crítico insinua até mesmo que o autor tem influências de feitiçaria.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

BONFIM, Manoel. *O ciúme*. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 set.1905.

Resumo: O livro, que conta os inconvenientes do ciúme na vida das pessoas, recebe a aprovação de J. dos Santos, que opina ser uma obra leve, apaixonante, irônica, original, principalmente porque “os livros de ciência são extremamente deficientes nesse assunto”.

Gênero da obra: monografia científica

BUE, Alphonse. *O magnetismo curador*. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 set.1905.

Resumo: O livro, que trata de experiências curiosas e perturbadoras do magnetismo, é útil a todos que o tomam a sério e lhe aplicam os preceitos. Segundo J. dos Santos, o livro é bem feito, interessante e, “dentre os livros de magnetismo é, sem dúvida, um dos melhores”.

Gênero da obra: monografia científica sobre magnetismo

AUSTREGÉSILO, A. *Tiques-Arquivos brasileiros de psiquiatria, neurologia e ciências afins*. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 set.1905.

Resumo: O livro procura narrar o que constitui o tique e mostra, por vezes, ser ele uma moléstia e, outras vezes, uma síndrome de outras entidades patológicas. A obra recebe a aprovação de J. dos Santos, que a julga interessante, com ótimas descrições que caracterizam com clareza e seriedade esse assunto clínico.

Gênero da obra: monografia sobre psicologia

SOUSA, Cruz e. *Últimos sonetos*. Paris: Aillaud & Cia, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 out.1905.

Resumo: O livro de poemas é visto de forma negativa por J. dos Santos, que tece comentários críticos sobre a obra, à qual atribui versos vazios de sentido, com muitas contradições, além de mencionar que o poeta possui “um espírito infantil inferior, incapaz de produzir obras sérias”.

Gênero da obra: poesia

MORAES, Evaristo de. *Apontamentos de direito operário*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 nov.1905.

Resumo: Trata-se de um trabalho jurídico cujo autor mostra como a evolução está levando todos os povos a se preocuparem com as questões operárias; depois, aborda o Direito Operário e o Código Civil, entre outros assuntos. Na opinião de J. dos Santos, o

livro é uma contribuição muito séria para o estudo do direito, pois é bem feito; o crítico também opina que não há no volume nenhuma declaração sentimental do autor, que aborda o assunto sempre de forma objetiva.

Gênero da obra: monografia jurídica

GUANABARA, Alcindo. *A dor*. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 nov.1905.

Resumo: Trata-se de um pequeno livro que aborda a dor de um modo sistemático, nem científico, nem de forma literária. J. dos Santos elogia a obra, tecendo comentários positivos, dizendo que ela possui uma: “beleza incomparável e magnífica”.

Gênero da obra: conferência

BAIN, Alexandre. *Ciência da educação*. Lisboa: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 nov.1905.

Resumo: Trata-se de um trabalho de educação, enfocando, principalmente, aspectos da Lógica no setor educacional. Segundo J. dos Santos, a obra é extremamente competente, feita de forma muito feliz, pois retrata com clareza aspectos educacionais até então obscuros.

Gênero da obra: monografia sobre educação

BONFIM, Manoel. *O ciúme*. S. l.: s.n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 nov.1905.

Resumo: O livro, segundo J. dos Santos, revela a sagacidade e perspicácia de um analista, que trata do assunto com competência e grande erudição literária. Tratando da obra pela segunda vez, o crítico a considera um estudo altamente bem feito e sistemático, tendo um maravilhoso e rigoroso encadeamento de idéias.

Gênero da obra: monografia

CARVALHO, Bulhões. *Anuário de estatística demografo-sanitária*. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 nov.1905.

Resumo: Trata-se de estudos estatísticos divididos em duas partes: a primeira se refere ao ano de 1903, mostrando o cálculo da habitabilidade média das casas existentes na sociedade, e a segunda diz respeito à nupcialidade e à mortalidade do Rio de Janeiro. J. dos Santos tece elogios à obra, opinando ser extremamente competente, inteligente, séria e bem elaborada.

Gênero da obra: periódico

COELHO NETO. *Pastoral*. Rio de Janeiro: Tavares Cardoso, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 nov.1905.

Resumo: Trata-se de um trabalho dramático, classificado pelo autor como um “evangelho em 1 prólogo e 3 quadros”, nos quais se enfatizam cenas importantes como o nascimento de Cristo, o Natal de Jesus e a visita que Maria fez a santa Isabel. J. dos Santos tece elogios à obra, dizendo que têm estilo “tão cheio de poesia as descrições do Evangelho” nela presentes.

Gênero da obra: teatro

CHAMBERS, George. *História dos eclipses*. Lisboa: Ferreira & Oliveira Ltda, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 nov.1905.

Resumo: Trata-se de um livro que mostra uma exposição teórica do que são os eclipses do sol; em seguida, enfoca uma parte propriamente histórica, anterior ao século XVII. O livro é visto positivamente por J. dos Santos, que opina ser uma obra clara, simples, boa e com uma ótima linguagem.

Gênero da obra: monografia científica

EULALIO, J. *Resistência dos materiais*. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 nov.1905.

Resumo: Trata-se de um livro didático que mostra as lições professadas na Escola Militar pelo autor, visto positivamente por J. dos Santos, que julga ser sua obra de alto nível, sem vulgaridade, com articulação entre teoria e prática, a qual o resenhista defende com ênfase nas suas crônicas.

Gênero da obra: livro didático

EU sei ler. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 nov.1905.

Resumo: Trata-se de um livro para crianças, considerado agradável por J. dos Santos, que o julga interessante por suas excelentes ilustrações e pelo grande cuidado artístico na elaboração.

Gênero da obra: livro didático

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *A redação do projeto do Código civil*. Salvador: Oficinas dos Dois Mundos, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 dez.1905.

Resumo: Trata-se de um grosso volume de mais de 900 páginas, cujo autor faz crítica de numerosos recursos para descrever o Código Civil, com diversas citações presentes. Na concepção de J. dos Santos, a obra se lê com naturalidade, sendo que cada questão está tratada à parte em um parágrafo separado e de um modo claro e conciso.

Gênero da obra: monografia jurídica

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *A réplica do dr. Rui Barbosa*. Salvador: Oficinas dos Dois Mundos, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 dez.1905.

Resumo: O livro, que estuda todos os pequenos casos difíceis da língua portuguesa com exatidão, é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que diz ser uma obra de erudição extraordinária, lembrando que “contra Rui Barbosa não há em toda ela uma só palavra sequer áspera: a discussão é feita com clareza das questões de português expostas”.

Gênero da obra: monografia sobre a língua portuguesa

ORLANDO, Arthur. *Novos ensaios*. Rio de Janeiro: Typ. de J. B. Edelbrock, 1905. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 dez.1905.

Resumo: O volume é uma reunião de seis estudos sobre diferentes assuntos, que englobam filosofia, biologia, pedagogia, direito e literatura, trazendo sobre cada um

pertinentes reflexões. Segundo J. dos Santos, o livro é fascinante, visto que trata de problemas importantes dos mais altos domínios humanos de forma clara e concisa.

Gênero da obra: ensaios

ROSTAND, Edmond. *A Samaritana*. Trad. de Pinto da Rocha. Pelotas: Livraria Universal, 1905. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 dez.1905.

Resumo: Trata-se de uma tradução de um poeta francês que narra a história de um namoro de Cristo, um namoro platônico e cheio de idealizações teóricas. O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que o elogia pelos sonoros versos, um lirismo constante e suave, além de opinar que a tradução está excelente.

Gênero da obra: poesia

SANTOS, Eurico dos. *Alvas*. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 dez.1905.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que diz ser o autor talentoso e a obra cheia de belezas, porém não deixando de opinar que, em algumas composições da obra, o excesso de sensualidade por parte do poeta chega a um notável mau gosto.

Gênero da obra: poesia

TEFFE, Octavio de. *Para ler na cama*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 dez.1905.

Resumo: Trata-se de um livro de contos dividido em 6 partes, que são: “Uma festa de assombro”, “a Jararaca”, “O pão que o diabo amassa”, “Uma sessão de espiritismo”, “Um costume que sai caro” e “A casa do boi Tatá”. Na concepção do resenhista, trata-se de um autor talentoso, excelente, despretencioso, simples e “o que há de melhor no livro são realmente as descrições de certos costumes populares um tanto cômicos” nele presentes.

Gênero da obra: conto

DELPECH, Adrien. *São Vicente de fora*. Lisboa: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 dez.1905.

Resumo: O livro de poesia, que narra a visita do poeta ao túmulo de D.Pedro II, é elogiado por J. dos Santos, que diz ser um belo poema, além de lembrar que retrata um conteúdo tipicamente brasileiro.

Gênero da obra: poesia

LEAL, Arlindo. *Arco-íris*. S. l.: s. n., 1905. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 dez.1905.

Resumo: Trata-se de um pequeno livro de contos fantásticos publicados pelo autor na *Vida Paulista*. A obra não é bem recebida por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia.

Gênero da obra: contos

BRAGA, Belmiro. *Cantos e contos*. Rio de Janeiro: Typ. Brasil, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 abr. 1906.

Resumo: Trata-se de um volume composto por trechos de prosa e versos escolhidos, de modo que termina com uma conferência literária, realizada por Braga em Juiz de Fora. Na concepção do resenhista, o livro é simples, despretensioso, bem feito e possuidor de um aspecto agradável. Por fim, J. dos Santos opinou que “o poeta destes versos ama as cenas singelas. São elas -quer em prosa, quer em versos- que enchem o seu volumesito”.
Gênero da obra: conferência e poesia

O MÊS de S. José. Rio de Janeiro: Garnier, 1906. Resenhado por: Santos, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 abr. 1906.

Resumo: O livro, que foi editado pela casa Garnier, não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia, relatando que “tem todas as bobagens em obras semelhantes. Há no livro muita coisa engraçada do mesmo gênero. Mas, em suma, ele não é nem melhor nem pior do que os outros. S. José parece aqui relatado como um bom pistolão”.

Gênero de obra: monografia sobre religião

COELHO NETO. *Treva.* Rio de Janeiro: Garnier, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 abr. 1906.

Resumo: Trata-se de uma coleção de contos, sendo alguns, por sua extensão, parecidos com novelas. Na concepção de J. dos Santos, há grande capacidade de descrição e narração, principalmente nas cenas sertanejas, em que se destaca “a descrição da natureza, em sua plena exuberância e a vida do povo, em suas paixões primitivas”.

Gênero da obra: conto

RIBEIRO, João. *As páginas escolhidas.* Rio de Janeiro: Garnier, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 abr. 1906.

Resumo: Trata-se de um trabalho que reúne os melhores trabalhos de escritores que compunham a Academia Brasileira da época, compilados por João Ribeiro. Segundo J. dos Santos, o livro é magnífico, mas o resenhista não deixou de apontar que Ribeiro foi sacrificado nessa obra, pois, “não querendo tomar para si a parte que lhe cabia de direito, ele reduziu-se apenas à citação de 5 sonetos -de cinco bons sonetos”.

Gênero da obra: crítica literária

ROMERO, Sílvio. *O Alemanismo no Sul do Brasil, seus perigos e meios de os conjurar.* Rio de Janeiro: Heitor Ribeiro & C., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 abr. 1906.

Resumo: O livro, que expõe argumentos e descrições claras a respeito da cultura germânica, é criticado ironicamente pelo resenhista ao opinar que “nenhum desses escritores faz profissão de estudar coisas que lhes sejam indiferentes. Mas o essencial é examinar se, observando o que lhes convinha, não descobriram também por acaso, alguma coisa que nos conviesse saber”.

Gênero da obra: monografia sociológica

SARANDY, Alfredo. *Malsinado.* S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 abr. 1906.

Resumo: Livro de estreia, narra a história de um rapaz que vai para a Itália a fim de saturar-se de arte e escrever uma obra, mas ficando lá doente e, depois, voltando ao Brasil, resolve escrever outro livro, expondo o seu caso. A obra não é bem recebida por

J. dos Santos, que a considera escrita regularmente, mas “incolor e com um entrecho insignificante”. Para o resenhista, não seria possível julgar o autor por seu primeiro livro.

Gênero da obra: romance

RODRIGUES, Coelho. *A república na América do Sul*. Rio de Janeiro: Typ. dos Estabelecimentos Benziger & C., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 abr. 1906.

Resumo: O livro é visto de maneira negativa por J. dos Santos, que deixa transparecer seus comentários através da ironia, opinando até mesmo sobre o autor: “o Dr. Coelho Rodrigues teve sempre fama de homem rabugento. Ele briga não apenas com a nossa República: ele briga, por atacado, com o nosso continente, todo inteiro”.

Gênero da obra: monografia sobre política

GRAINHA, Borges. *A instrução secundária no estrangeiro e em Portugal*. Lisboa: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 abr. 1906.

Resumo: Trata-se de uma reunião de textos acerca da última reforma do ensino secundário em Portugal na época, vista de maneira extremamente positiva pelo resenhista. Era obra conhecida e apreciada, além de ter sido “escrita com perfeita clareza e elevação de vistas, tendo uma influência decisiva na reforma do ensino português decretada em agosto de 1905”.

Gênero da obra: monografia sobre educação

AGOSTINHO, Santo. *Meditações*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 abr. 1906.

Resumo: J. dos Santos opina sobre esse livro, comparando-o com *Confissões* do mesmo autor, entretanto, opinando que este é mais interessante e também lembrando do fato da autenticidade deste ser irrecusável, o que não ocorre com *Meditações*.

Gênero da obra: monografia sobre filosofia

PASSOS, Guimarães. *Visões de Moço*. Rio de Janeiro: Typ. Carvalhais, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 abr. 1906.

Resumo: O livro, que é um folheto de apenas 40 páginas, recebe elogios de J. dos Santos, que opina possuir versos simples, despretensiosos e que representam “uma estréia auspiciosa, na qual não vale a pena estar a rebuscar pequenas incorreções”.

Gênero da obra: poesia

CARVALHO, Alfredo de. *Frases e palavras*. Rio de Janeiro: J. W. de Medeiros e cia, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 maio 1906.

Resumo: O livro, que é uma coleção de artigos interessantes sobre curiosidades da língua portuguesa e principalmente sobre a origem e explicação de alguns nomes de lugares brasileiros, recebe elogios do resenhista que menciona ser um livro muito digno de leitura, além do fato do autor pertencer a uma casta extremamente pequena de “eruditos amáveis”, possuidores de talento artístico.

Gênero da obra: monografia lingüística

PEREIRA, Leopoldo. *Versos*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 maio 1906.

Resumo: O livro de poesia não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia, criticando o fato do autor errar a cada passo os versos alexandrinos presentes na obra em questão.

Gênero da obra: poesia

FERNANDES, Carlos. *Vanitas Vanitatum*. Rio de Janeiro: Seção de Obras d'A Província do Pará, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 maio 1906.

Resumo: Trata-se de um livro de poesias, que foi comparado de forma elogiosa com o anterior *Soldus*, do mesmo escritor. Na concepção de J. dos Santos, o novo livro superior a *Soldus*, sendo realmente um bom livro. Além disso, o resenhista não deixou de opinar sobre a metrificação dos versos, a qual é comum, o que não se deve, entretanto, condenar, “porque o poeta se serve dela perfeitamente bem”.

Gênero da obra: poesia

BARBOSA, Plácido. *Notas sobre a terminologia médica portuguesa*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 maio 1906.

Resumo: Trata-se de um trabalho sobre medicina para o qual o autor fixou a tecnologia das diversas profissões em suas traduções médicas. Segundo o resenhista, o livro é precioso, bom, tem recomendável tradução “de mais de cem termos médicos que andam habitual e desnecessariamente mal empregados” e, por isso, deve ser lido por todos os profissionais da área médica.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Livro das donas e donzelas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 maio 1906.

Resumo: O livro, que é uma série de artigos sobre assuntos que prevê interessarem “donas e donzelas”, sempre expostos sobre o ponto de vista da esposa, da filha, da mãe de família, é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que não somente o elogia, como também alude ao estilo natural e simples de Júlia, com seu pensamento claro e direto, onde não há excessos, “não há uma manifestação qualquer de mau-gosto” em nenhum momento da obra.

Gênero da obra: livro didático

Lira Popular. Rio de Janeiro: Quaresma, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 maio 1906.

Resumo: Trata-se de um livro de poesia editado pela livraria Quaresma, que reúne uma série de poemas famosos. Apesar de J. dos Santos informar que no volume havia uma quantidade enorme de belos poemas, ele teceu comentários negativos à obra, opinando não ser nada popular (apesar do título) e possuir também um teor detestável, havendo até mesmo erro nas escolhas de poemas para cada poeta em questão.

Gênero da obra: poesia

COELHO NETO. *O fogo*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 maio 1906.

Resumo: Trata-se de uma conferência feita em São Paulo pelo autor, vista de forma positiva pelo resenhista, que opina ser digna de um grande estilista. Além disso, J. dos Santos informa que ela “não contem descobertas equivalentes a do telégrafo sem fios, do rádio, ou outros assuntos igualmente novos. Mas são um agrupamento de fatos, vestidos com um estilo encantador”.

Gênero da obra: conferência

COSTA, Pereira da. *Notícia biográfica do dr. Antonio de Moraes Silva*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 jun. 1906.

Resumo: Trata-se de um trabalho biográfico referente ao Dr. Antonio de Moraes Silva, autor do primeiro dicionário da língua portuguesa. Embora J. dos Santos não se esquecesse do mérito de ter sido Moraes Silva o autor de um dicionário que na época representava um trabalho de grande valor, tece comentários negativos, opinando que “o seu trabalho foi antes de paciência, que de discernimento inteligente”, além de achar que a vida do biografado não tem o mínimo ensinamento moral, patriótico ou mesmo científico.

Gênero da obra: biografia

RIBEIRO, Flexa. *Sol*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 jun. 1906.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira negativa e irônica pelo resenhista, que opina tratar-se de versos *non-senses*, além de criticar a mania excessiva de Ribeiro de usar expressões tiradas da religião católica em seus poemas. Entretanto, J. dos Santos, por fim, não deixou de registrar que é lícito esperar trabalhos de alto merecimento desse autor, citando o belo soneto intitulado “Noite eterna”, que se encontra em *Sol*.

Gênero da obra: poesia

GRAVE, João. *O último fauno*. Rio de Janeiro: Chardron de Lello & irmão, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 jun. 1906.

Resumo: O livro, que narra a história da figura de mármore de um fauno em um bosque, é vista de forma satisfatória pelo resenhista, opinando que os pensamentos mais profundos da obra são vistos com “limpidez e elegância, num delicioso estilo do autor”.

Gênero da obra: romance

CRUZ, Guilherme; PIRES, Altino. *Sons dispersos e no ar*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 jun. 1906.

Resumo: O livro de poesia, que é a estréia dos dois autores, não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia. Todavia, para ele, apesar de Altino Pires ter características naturais de um estreante, tem mais talento que Guilherme Cruz.

Gênero da obra: poesia

RAMOS, Galdino. *Da identificação*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 jun. 1906.

Resumo: Trata-se de um trabalho médico de doutoramento, cujo autor abordou os vários processos de identificação dos criminosos. Na concepção do resenhista, apesar do trabalho não proporcionar muitas descobertas, além de transpor um excessivo entusiasmo do autor é, entretanto, um estudo excelente, porque o autor expõe de um modo claro, convincente e perfeito o estado de uma questão importante e de atualidade na época.

Gênero da obra: monografia sobre medicina legal

PEDERNEIRAS, Mário. *Histórias do meu casal*. Rio de Janeiro: Companhia Typ. do Brasil, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 jun. 1906.

Resumo: O livro de poesia, em que o poeta pretendeu “cantar o aconchego íntimo do seu lar, a beleza e a graça de seus filhos e os sonhos de futuro” é, na concepção do resenhista, bom, além de não restar nele nada da crise do “simbolismo e outras moléstias literárias”, de que nas *Rondas Noturnas* havia claras manifestações.

Gênero da obra: poesia

CINTRA, Alarico. *Monólogos e humorismos*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 jun. 1906.

Resumo: O livro de poesia é visto de forma elogiosa pelo resenhista, que diz possuir um tom extremamente leve e gracioso, com versos simples e alegres, embora apenas com o intuito de “fazer rir ou sorrir”.

Gênero da obra: poesia

AGOSTINHO, Santo. *Solilóquios e manual*. Rio de Janeiro: Garnier, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 jun. 1906.

Resumo: J. dos Santos tece comentários sobre esse livro de maneira altamente negativa, opinando ser um livro sem grande valor, além de ser um volume publicado por um compilador anônimo sob o nome de Santo Agostinho. O volume reúne trechos de diversa procedência colocando em dúvida a autenticidade autoral.

Gênero da obra: monografia sobre religião

LUZ, Fábio. *Os emancipados*. Rio de Janeiro: Livraria clássica Editora, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 jun. 1906.

Resumo: O livro, que aborda inicialmente o encontro de dois amigos, um deputado, rico e gozador de vida, e um positivista simpático, ambos disputando um emprego público no Tesouro, é criticado ironicamente pelo resenhista, que considera ter sido intenção do autor “fazer uma obra de propaganda anarquista”, não explicando o essencial da estória, que é modo de funcionamento de uma colônia agrícola, apenas dando aos leitores pormenores superficiais da vida dos habitantes, tais como: o trabalho, o fato de ninguém dar ordens, de todos fazerem os seus deveres e os meninos na escola já namorarem pra casar precocemente.

Gênero da obra: romance

BASTOS, Bolívar. *Perfil de Lize e Dolências*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 jul. 1906.

Resumo: Trata-se de um livro de versos criticado por J. dos Santos, que deixando transparecer sua ironia, opina serem versos constituídos basicamente de incorreções, apesar de serem harmoniosos e com real sentimento artístico. Na concepção do resenhista, o poemeto *Dolências* está mais bem construído que *Perfil de Lize*, visto que esse último sempre possui “lacunas a preencher”, o que dificulta a compreensão poética. Gênero da obra: poesia

FIGUEIREDO, Manoel. *A nova pirâmide cristã*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 jul. 1906.

Resumo: O livro contém poemas de aspecto bem extravagante, visto que, por meio do volume, de vez em quando, “há páginas com pedaços de Padre-Nossos, de Ave-Marias, de Pelo-Sinal”. Segundo J. dos Santos, o livro é profundamente sincero, os versos são claros e simples e não tem vãos de imaginação poética em nenhum momento.

Gênero da obra: poesia

LOBO, Hélio. *Sabres e togas*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 jul. 1906.

Resumo: Trata-se de um trabalho jurídico que defende a supressão da justiça militar, visto que, na concepção do resenhista, a Justiça deve ser uma só para todos, “civis ou militares”. Para o crítico, o livro é bem feito, mas se perde um pouco pela falta de uma certa sobriedade na exposição, pois cada capítulo é um discurso. Entretanto, ele não deixou de apontar que esses discursos estão cheios “de argumentos irrespondíveis e de uma erudição tão copiosa”, quanto inteiramente adequada ao assunto.

Gênero da obra: monografia jurídica

ARAÚJO, Correia de. *Evangelho de moço*. São Luis: Typ. Ramos de Almeida, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 jul. 1906.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira extremamente positiva pelo resenhista, que diz serem os versos belíssimos, e que Araújo teria o direito de aspirar a um lugar de honra entre os poetas máximos de sua geração. Entretanto, o crítico não deixou de relatar que os versos possuem incorreções gramaticais, assim como erros de acentuação.

Gênero da obra: poesia

BEVILAQUA, Clóvis. *Em defesa do código civil*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 jul. 1906.

Resumo: O trabalho, que é uma reunião de diversos artigos sobre o projeto do Código Civil, recebeu total aprovação de J. Dos Santos, que opinou ser bem feito, agradável e útil a todos os juristas, mesmo os que por um raro acaso se desinteressem da questão do Código Civil, porque Bevilaqua estuda minuciosamente cada capítulo da sua obra e descreve assim todas as teorias do direito civil, indicando a orientação atual da época e sua provável evolução.

Gênero da obra: monografia jurídica

BILAC, Olavo. *Conferências literárias*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 jul. 1906.

Resumo: Trata-se da reunião em volume de 6 conferências literárias de Bilac, vistas de forma positiva por J. dos Santos, que tece elogios à obra. Para o crítico, não é um estudo

exaustivo, erudito, mas tem o alto mérito de “vulgarizar sem vulgaridade” coisas interessantes sobre as questões abordadas.

Gênero da obra: conferência

CATARUZZA, Mario. *Buenos Aires*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 ago. 1906.

Resumo: O trabalho, que aborda as curiosidades culturais do Rio de Janeiro e de Buenos Aires, assim como os seus principais pontos turísticos, é recebido com elogios por J. dos Santos, que julga o autor erudito e cheio de estilo para um viajante que vê e comenta aspectos das duas cidades e também as rivalidades que existem entre essas duas capitais.

Gênero da obra: monografia sobre geografia

ABREU, Carvalho de. *Nuntius*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 ago. 1906.

Resumo: O livro, que é a estréia do autor na poesia, compõe-se de poemas que receberam aprovação do resenhista. Constituído basicamente de sonetos e dividido em 2 partes: “Mensagem franca” e “Mensagem secreta”, o livro possui rimas fáceis e o pensamento do poeta, assim como seu estilo, não obriga a uma alta ginástica intelectual”.

Gênero da obra: poesia

LOPES, Oscar. *Medalhas e legendas*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 set. 1906.

Resumo: O livro de poesia é visto de forma elogiosa pelo crítico, que lhe atribui versos bem feitos e bem sonoros. De início, o resenhista teceu considerações sobre a forma da obra, composta de 2 partes: “Medalhas e Legendas” e “Poemas de amor”, e em seguida elogiou a construção dos versos e o estilo do autor, ao opinar que Lopes estreou brilhantemente e que firmou definitivamente o seu nome na nossa poesia”.

Gênero da obra: poesia

NUNES, Isidro. *Meteoros*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 set. 1906.

Resumo: Trata-se de um livro de poemas resenhado brevemente por J. dos Santos, que o elogia por possuir composições essencialmente felizes como, por exemplo, o poema “Manhã Tropical”.

Gênero da obra: poesia

ESCOBAR, José. *Beijos*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 set. 1906.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira nada positiva por J. dos Santos, que deixou transparecer sua ironia, dizendo que “para chegar a dizer alguma coisa, o Sr. Escobar há de ainda cansar muito o cérebro”. Além disso, enfocando a obsessão que o autor teve na obra por sábias, o crítico lamentou: “Aí, meu pobre Gonçalves Dias! Como degeneraram os teus sábias!”.

Gênero da obra: poesia

FRANCO, Augusto. *Estudos e Escritos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 set. 1906.

Resumo: Trata-se de um volume de 349 páginas, com grande variedade temática, mas com predomínio de temas literários como, por exemplo, biografias de escritores, artigos sobre questões brasileiras escritas por outros autores, discursos sobre críticos e também informações sobre Minas Gerais e a Federação. Na concepção de J. dos Santos, essa obra é perfeita, imparcial e feita por um autor “enciclopédico”.

Gênero da obra: crítica literária

FRANCO, Augusto. *Dr. João Pinheiro*. Belo Horizonte: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 set. 1906.

Resumo: Trata-se de um volume sobre João Pinheiro, que foi subtítulo como *Ensaio biográfico e político*, com informações biográficas sobre esse presidente de Minas da época, além de importantes discursos políticos proferidos por ele. Na opinião do crítico, é um trabalho bem feito, pois Franco usou uma “esplêndida estrutura das suas grandes e magníficas linhas arquitetônicas” para elaborá-lo.

Gênero da obra: biografia

NESTOR, Odilon. *Juvenilia*. Rio de Janeiro: Editor D. de Sampaio Ferraz, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 out. 1906.

Resumo: O livro de poesia é considerado satisfatório pelo crítico, que julga a edição primorosa e os versos naturais, singelos e despretensiosos. Os poemas ficam “no relicário do coração, como tudo o que é íntimo e não aspira a mostrar-se no grande público”.

Gênero da obra: poesia

CARVALHO, Elysio de. *Ruben Dário*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 out. 1906.

Resumo: Trata-se de um estudo biográfico feito por Carvalho sobre Ruben Dário, visto de forma bem positiva por J. dos Santos. Entre os comentários formulados pelo crítico, estão que essa obra transmite o nome do autor biografado com exatidão, o conhecimento amplo que Dário possui das literaturas de origem espanhola, da sua evolução como do seu desenvolvimento e, sobretudo, o seu espírito crítico “equilibrado de uma singular justeza e sobriedade”.

Gênero da obra: biografia

THOMPSON, Arthur. *Estudos sobre torpedos*. São Paulo: Livraria Paulista, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 out. 1906.

Resumo: Trata-se de um estudo minucioso sobre torpedos escrito por um autor já especialista nessa área específica. Segundo o resenhista, o trabalho tem grande utilidade, sendo que Arthur enriqueceu ainda mais a literatura militar com esse belo trabalho publicado, estabelecendo um serviço metódico de interesse aos marinheiros, no estado da marinha da época.

Gênero da obra: monografia científica

BURLAMAQUI, Armando. *Pela marinha*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 out. 1906.

Resumo: Trata-se de um trabalho dedicado à Marinha, constituído de artigos que o autor inseriu no *Jornal do Comércio* havia três anos, quando se achava na Europa aperfeiçoando-se nas diversas especialidades da sua profissão. Na concepção do crítico, o livro é excelente, visto que é fruto da observação do autor. Há sempre “muita coisa nova para aprender” com sua leitura.

Gênero da obra: monografia científica

COUTINHO, Alvares. *Dulce*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 out. 1906.

Resumo: Trata-se de uma peça de teatro, classificada por Coutinho como comédia. Apesar de não aceitar essa classificação, J. dos Santos julga a peça boa, visto que o autor possuiu uma primorosa capacidade de detalhar o ambiente, que é apenas uma sala de visitas, mas retratada com grande minuciosidade e cuidado.

Gênero da obra: teatro

GUIMARÃES, Teófilo. *Da sombra*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 out. 1906.

Resumo: O livro de contos recebe a aprovação de J. dos Santos, que opina ter um estilo firme, sem arreatamentos e precipitações, com uma nítida exposição de idéias. Segundo o crítico, Guimarães “revela-se um escritor capaz de galgar um lugar proeminente”, mas deficiente quanto à imaginação, visto que usa coisas que não deviam figurar na obra, ou melhor, impressões que não obedecem a uma necessária seleção, parecendo que foram mesmo apanhadas rapidamente e tratadas sem um exame apropriado.

Gênero da obra: contos

TEIXEIRA, Mucio. *Leviandade de Cimene*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 out. 1906.

Resumo: O livro, cujo autor quis por em versos a explicação de um assassinato ocorrido no Rio de Janeiro, adaptando à poesia uma notícia de jornal, recebe a desaprovação do resenhista, que opinou, ironicamente, ser até uma boa idéia essa adaptação, pois, assim, o poema será esquecido mais rapidamente, exatamente como as reportagens efêmeras de jornais.

Gênero da obra: poesia

LIMA, Hermeto. *Iris*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 out. 1906.

Resumo: Trata-se de uma coleção de sonetos de um autor que já publicara um volume anterior. A produção é vista de maneira negativa por J. dos Santos, que critica o fato do poeta ter dado diversas cores às folhas do volume com a finalidade de simbolizar um arco-íris. Além disso, os versos possuem palavras mal empregadas. Entretanto, o resenhista não deixou de reconhecer que Lima também escreveu alguns poemas leves e graciosos, dignos de certo apreço.

Gênero da obra: poesia

MANGABEIRA, Francisco. *Últimas poesias*. Rio de Janeiro: Oficinas dos Dois Mundos, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 out. 1906.

Resumo: O livro de poesia recebe total aprovação de J. dos Santos, que tece elogios a ele, opinando possuir bons versos, idéias admiráveis expressas com máxima propriedade. São poemas mimosos, simples e vibrantes de paixão. Por fim, o crítico também elogiou o poeta, a quem atribui inspiração e espontaneidade, não fazendo apenas “um livro de promessas, mas já de realizações”.

Gênero da obra: poesia

ALMEIDA, Presciliana Duarte de. *Sombras*. Rio de Janeiro: Typ. Brasil-Rothschild, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 out. 1906.

Resumo: O livro de poesia não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia. Os defeitos mais apontados pelo crítico são a frieza e a falta de vigor poético. Os versos, apesar de serem bem rimados, não apresentam “o mínimo brilho de forma ou elevação, de idéia”.

Gênero da obra: poesia

ROMERO, Sílvio; RIBEIRO, João. *Compendio de história da literatura brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 nov. 1906.

Resumo: Trata-se de um trabalho sobre história da literatura brasileira, cuja segunda edição foi publicada pela casa Garnier, recebendo total aprovação de J. dos Santos, que opinou ser um livro excelente, claro, conciso e completo. Além disso, o resenhista ainda relatou que nessa obra não há quase polêmica e que, antes da publicação dela, havia uma sensível lacuna nos estudos de literatura e para preenchê-la, “era impossível achar autores de maior competência”.

Gênero da obra: crítica literária

URRUTIA, Diego Dublé. *Del mar à la montana*. Chile: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 nov. 1906.

Resumo: O livro de poesia é considerado satisfatório pelo resenhista, que o julgou excelente, com uma alta inspiração e com versos fortes, entretanto claros e simples. Trata-se de uma coleção de poemas à qual o autor procura imprimir o cunho de sua pátria, o Chile. Na concepção do resenhista, o título é bem sugestivo, pois evoca imediatamente no espírito a estreita faixa de terra, apertada entre os Andes e o oceano Pacífico.

Gênero da obra: poesia

COELHO NETO. *Romanceiro*. Porto: Chardron, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 nov. 1906.

Resumo: O livro de poemas em prosa é avaliado de maneira positiva pelo resenhista que diz ser essa reedição feita pela casa Chardron melhor que a anterior, pois é nítida, elegante, cuidadosamente revista, muito bem argumentada, com mais de um terço do volume composto de matéria que não figurava na edição anterior.

Gênero da obra: poesia

AZEVEDO, Raul de. *No Amazonas: a viagem do Dr. Afonso Penna*. Manaus: Universal, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 nov. 1906.

Resumo: Trata-se de um volume escrito por Azevedo contendo todas as notícias sobre a visita de Afonso Penna ao Amazonas, publicadas em todos os jornais daquele estado. O trabalho recebeu total desaprovação do crítico, para quem qualquer autor conseguiria fazer essa coletânea. Em sua opinião, o talento de Azevedo merecia mostrar o seu verdadeiro mérito como escritor, o que não ocorreu nesse volume.

Gênero da obra: coletânea de artigos jornalísticos

ORLANDO, Arthur. *Pan-Americanismo*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio de Rodrigues & C., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 nov. 1906.

Resumo: Trata-se de um trabalho que esboça um plano de aproximação das nações sul-americanas por meio de educação. No entanto, havia questões materiais a enfrentar: a abertura de estradas e a construção de vias-férreas entre as várias estações do continente. Em sua obra, Orlando estudou basicamente dois assuntos, que são: a doutrina Monroe e o chamado “perigo alemão”. Na concepção do crítico, trata-se de uma obra “de pensador profundo e erudito”.

Gênero da obra: monografia sobre política e sociologia

MENDES, José. *Ensinos de filosofia do Direito*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 nov. 1906.

Resumo: Trata-se de um trabalho jurídico dividido em 12 ensaios, sendo que alguns expõem a concepção de filosofia em geral, em especial da filosofia de qualquer ciência, enquanto outros examinam os diferentes caminhos por que se tem estudado o direito. Na opinião do crítico, o livro é ideal para estudantes dos cursos jurídicos, tem perfeita clareza e método, cunho científico e boa concisão nos parágrafos.

Gênero da obra: monografia jurídica

ROÇAS, Abelardo. *A psicologia através da toilette*. Rio de Janeiro: Tip. da Revista dos Tribunais, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 nov. 1906.

Resumo: Trata-se do título de uma conferência proferida por Roças no Instituto Nacional de Música em Agosto de 1906. Para o crítico, essa conferência tem interesse, é cativante, apresenta fatos curiosos e os comenta com graça, mas tem o único defeito de não dizer nada de novo sobre o assunto.

Gênero da obra: conferência

ONDINA. *Pombas feridas*. Paris: Aillaud, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 30 nov. 1906.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que opina possuir bons e francos versos, além de aludir à capacidade da autora de traduzir em bons versos pensamentos delicados de amor. Entretanto, o resenhista teceu críticas a certas particularidades da metrificação dos portugueses, as quais desagradam os leitores brasileiros.

Gênero da obra: poesia

GUARINELLO, Angelo. *O tenente Evaristo*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 dez. 1906.

Resumo: O livro, que narra inicialmente a história de uma briga entre o vendedor Pedro Pedra e o personagem João Grande devida a uma discrepância do preço de um litro de parati, acarretando posteriormente a morte de Pedro, é visto de maneira negativa por J. dos Santos, que opina ser o romance “aterrador”. Em tom de ironia, o resenhista criticou principalmente o acúmulo de horrores sangrentos, o qual fez a obra cair em algumas contradições terríveis. J. dos Santos também questiona a classificação de romance histórico, pela incerteza dos dados locais e das personagens.

Gênero da obra: romance

D'ARIEVILLE, Maurice. *Rayons E'pars*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 14 dez. 1906.

Resumo: O livro, que é um conjunto de comédias, recebeu grandes elogios de J. dos Santos, que opinou ser um encanto, além da autora (que usa o pseudônimo Maurice D'Ariéville) descrever muito bem, sobretudo, as paisagens “doces e crepusculares” das suas histórias. Por fim, evidenciando que a autora revela-se um real talento literário, o crítico também registrou que ela produz comédias singelas e graciosas, apesar de não haver nelas “certos requisitos das grandes peças de teatro”.

Gênero da obra: comédias

BONFIM, Manoel. *O respeito à criança*. Rio de Janeiro: Instituto Profissional, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 dez. 1906.

Resumo: Trata-se de um discurso de Bonfim publicado no *Jornal do Comércio*, no qual se enfatiza basicamente o respeito à criança, tendo em vista o respeito a sua personalidade, criticando-se, dessa forma, o nefasto sistema de educação. Segundo o crítico, é uma bela contribuição, não de palavras vãs, mas de extraordinária elevação moral.

Gênero da obra: conferência

PINTO, Serpa. *Cinzas*. Inglaterra: Kessinger Publishing, 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 dez. 1906.

Resumo: Trata-se de um pequeno livro de poesia que recebeu elogios do resenhista, para quem Pinto tem facilidade de versejar, transmite imagens fáceis e bonitas e também é possuidor de uma metrificação sonora e harmoniosa. Apesar do crítico achar que esse livro de estréia “não está perto da perfeição”, ele não deixou de informar que a obra tem numerosos poemas “dignos de nota”.

Gênero da obra: poesia

PINHEIRO, João. *Solar dos sonhos*. S. l.: s.n., 1906. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 dez. 1906.

Resumo: O livro de poesia, que é a estréia de Pinheiro, é visto de maneira negativa por J. dos Santos, que opina possuir versos frouxos, palavras inúteis e desnecessárias. Entretanto, o crítico julga que se trata de um verdadeiro temperamento de poeta, cujos versos são muitas vezes admiráveis.

Gênero da obra: poesia

THEOPHILO, Rodolfo. *Os brilhantes*. Rio de Janeiro: Assis Bezerra, ed., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 jan. 1907.

Resumo: O livro narra história do personagem Jesuíno Soares, que tendo visto um “calangro” matar pessoa por ele conhecida e estimada, resolve vingá-la. Ele era da família dos Brilhantes e, apesar do autor ter-se procurado em fazer desse herói o tipo de um bandido, ele não aparece em parte alguma como um assassino impulsivo. Na concepção do resenhista, trata-se de um livro vivido, verdadeiro, retratando a fome de um povo inteiro, com todo o seu sofrimento causado por moléstias. Por fim, J. dos Santos opinou que Theofilo é um escritor de grande mérito, apesar de não ser um escritor muito correto, por ter “diversas extravagâncias, mas não escreve livros banais”, sempre descrevendo “cenas repugnantes, mas não obscuras”.

Gênero da obra: romance

ZILO, Antonio. *Velho tema*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 jan. 1907.

Resumo: O livro, que é uma novela com dois personagens principais chamados Selênio e Sinanta, recebe aprovação do crítico, que opinou ser uma novela do mais simples dos entrecos, mas escrita num estilo original e intensamente poético. Por fim, J. dos Santos informou que o que há nela é principalmente a apologia do amor, “de um tão profundo amor que, como o dos velhos romances do tempo em que disso se morria, leva à morte o principal personagem”.

Gênero da obra: novela

GUIMARÃES, Franklin. *Plenilunio*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 jan. 1907.

Resumo: Trata-se de um livro de poesia que recebeu elogios do resenhista, que julgou os versos muito bons, simples, “graciosos”, podendo ser lidos com “extremo agrado”. Entretanto, o crítico apontou o defeito de faltar à obra idéias novas, “ou pelo menos imagens com aparência de novidades”, visto que possui conteúdos excelentes, mas muito pouco explorados com criatividade.

Gênero da obra: poesia

CUNHA, Euclides da. *Contrastes e confrontos*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 jan. 1907.

Resumo: O volume, composto de diversos ensaios, que traça o perfil de grandes nomes ou estuda certos assuntos sempre com visível preocupação com questões sociais, recebe total aprovação de J. dos Santos, que opinou ser excelente como trabalho literário, apesar de ter grande teor social. Segundo o crítico, evoca com perfeita fidelidade, por exemplo, um dos lados do caráter complexo de Floriano Peixoto, enfatizando os acontecimentos do período de 3 a 23 de novembro de 1891, durante o “golpe do Estado”. O crítico mostrou maior apreço pelos artigos que abordam a vida de Anchieta, pois Cunha faz uma apreciação consistente sobre o papel da Companhia de Jesus no Brasil –nos remotos tempos coloniais. Por fim, o resenhista opinou tratar-se de uma obra feita por “um escritor extremamente admirável”.

Gênero da obra: ensaios

LIMA, Antonio. *Hatos*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 jan. 1907.

Resumo: Trata-se de um livro de poesia mal avaliado por J. dos Santos, que opinou serem versos apenas razoáveis, sem nada de criativo, embora fossem “de boa leitura, correntes e sonoros”. Além disso, o resenhista criticou a extravagância excessiva de Lima pelo cultivo do gongorismo, que utilizava jogo de palavras raras em suas construções.

Gênero da obra: poesia

BUARQUE, Felício. *Folhas soltas*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 25 jan. 1907.

Resumo: O livro de poemas não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia, dizendo tratar-se de versos ruins, podendo considerar-se o leitor “barbaramente castigado pelo implacável poeta” de *Folhas soltas*, ao lê-lo.

Gênero da obra: poesia

LOBO, Bruno. *Estrutura do cilindro eixo*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 fev. 1907.

Resumo: Trata-se de uma pequena tese médica cujo autor utiliza o conhecimento minucioso das descobertas na época da histologia do sistema nervoso, não se limitando a compilar trabalhos alheios, visto que, para chegar às suas conclusões, fez milhares de preparações microscópicas. Segundo o resenhista, é um trabalho original, além de ser feito por um “microscopista paciente”, que não avança nada sem verificar por si mesmo as conclusões alheias.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

LOPES, Oscar. *Medalhas e legendas*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 fev. 1907.

Resumo: O livro, que é estréia poética do autor, recebe grandes elogios de J. dos Santos, que o considera admirável, apesar de ser um pouco prolixo. Entre os elogios mais concedidos pelo resenhista ao livro, está o de possuir bons alexandrinos, com bons versos e com “belíssimas imagens”.

Gênero da obra: poesia

BORGES FILHO, João. *O coração venal*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 fev. 1907.

Resumo: Trata-se de um trabalho médico cujo autor quis provar, quer pela anatomia microscópica quer pela patológica, que as lesões do coração que acompanham as nefrites são causadas por estas. Borges Filho defende a idéia de que a moléstia do rim aparece primeiro e a do coração é causada por ela. Na concepção do resenhista, o livro traz uma séria contribuição para o estudo médico, além de ter sido escrito em uma linguagem muito correta- “o que nem sempre acontece com as teses de medicina”.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

PAES, Alcebíades Correia. *O cigarro*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 fev. 1907.

Resumo: O trabalho, que é uma tese sobre o tabagismo e suas conseqüências, recebeu elogios do crítico, que julgou ser bem feito, muito interessante e escrito num estilo a que se está pouco habituado em trabalhos de tal natureza, por ser um estilo em grande parte humorístico. De início, Paes relata a história do vício de fumar, citando a descoberta de Colombo, ao chegar à América, onde o cachimbo era não só um uso considerável agradável como um instrumento de sociabilidade e de religião. Em seguida, J. dos Santos informou que Paes expôs a química do tabaco. Por fim, o crítico ratifica que a tese é bem feita, visto que, por outros motivos, abordou o assunto com clareza.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

COSTA, Eurico da. *Proteção à mulher antes e depois do parto*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 fev. 1907.

Resumo: Trata-se de uma tese de doutoramento, que visa instituir um sistema que basicamente permite às gestantes descansar, recebendo, porém, o salário integral, visto que o autor assimila gravidez à moléstia, para se instituírem os seguros femininos. Na concepção do resenhista, trata-se de um bom trabalho, visto que as preocupações sociais de Costa são das mais elevadas e as medidas que ele propõe podem e devem ser acolhidas pelo legislador brasileiro, dando mais proteção às operárias grávidas.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

SILVA, Severino. *Poema de um triste*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 fev. 1907.

Resumo: O livro de poesia não é bem avaliado por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia, dizendo ser realmente uma tristeza, com versos muito mal feitos, merecendo pena. Por fim, o resenhista informa que o poeta começou o poema pela descrição da seca ao Norte, com um pai de família na miséria, que decide partir e morre posteriormente. A esse respeito, faz o seguinte comentário: “o personagem morreu pela previsão de que o Sr. Severino Silva, que já estava algum tempo o acompanhando e tomando notas, lhe ia consagrar um poema”.

Gênero da obra: poesia

PISTARINI, Luis. *Sombrinhas e postais*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 fev. 1907.

Resumo: J. dos Santos demonstrou apreciar os versos de Pistarini, opinando serem muito fluentes e harmoniosos. Sobre Pistarini, diz que seus versos “escoam-se-lhe da pena com uma facilidade admirável”. Entretanto, em seguida, ele o criticou dizendo que houve absoluta falta de originalidade de idéias, em contraste com a fluência harmoniosa e agradável da metrificação; mostrou também desagrado pela idéia do poeta de reunir nesse volume versos feitos apenas para cartões postais, visto que o próprio título da obra “previne mal o espírito do leitor”.

Gênero da obra: poesia

PITTA, Sebastião da Rocha. *História da América portuguesa*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 fev. 1907.

Resumo: O livro publicado pela primeira vez em 1730 e que foi reeditado pela casa Garnier, recebeu total aprovação do resenhista. Bem impresso, o livro foi considerado

digno de leitura, excelente e um incitamento para bons escritores. Todavia, o crítico apontou uma falha da Garnier, que não teve o cuidado de fazer essa reedição precedida de uma nota bibliográfica, dizendo o que há sobre o autor e sobre a obra.

Gênero da obra: monografia sobre história

VASCONCELLOS, Jayme Luiz Smith de. *A psicologia do sonho*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 fev. 1907.

Resumo: Trata-se de uma tese inaugural cujo autor estuda o caso essencial para saber até que ponto a medicina deve-se ocupar com os sonhos, deixando de lado os fenômenos psicológicos, que são os realmente inconscientes e que, em qualquer hipótese, permanecem inacessíveis à consciência humana. Entre as informações mais fornecidas pelo resenhista em relação à obra, está o fato de não haver narrações exatas de sonhos, além de que a incoerência dos sonhos é ainda muito maior do que os estudiosos supõem. Na concepção do crítico, a tese representa o problema com a máxima clareza e com grande elegância de forma, apesar do autor transmitir um pouco de entusiasmo e também uma confiança um pouco excessiva no trabalho.

Gênero da obra: monografia sobre psicologia

MAGALHÃES, J. A. *Deontologia médica*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 mar. 1907.

Resumo: Trata-se de uma tese de medicina muito bem elogiada por J. dos Santos, que disse ser, em conjunto, um bom trabalho –trabalho de exposição bem feito de princípios correntes, apresentados em boa linguagem, com clareza e método. O resenhista informou ainda que a tese foi dividida em duas partes: uma sobre os preceitos que o médico deve respeitar e outra sobre as infrações mais geralmente praticadas. Por fim, o crítico afirmou que o autor expôs muito bem o ponto de vista moral da profissão médica nesse trabalho interessante e bem escrito.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

VIANNA, Torres. *Patogenia da albuminúria*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 mar. 1907.

Resumo: O autor propôs-se a procurar as causas da albuminúria na febre amarela, percorrendo as diversas teorias que se têm formado a tal respeito. Mostra, primeiramente, por onde se dá a passagem da albumina, quando ela tem lugar. Depois, enumera as duas causas, que lhe parecem mais freqüentes: ou o reto lamento na circulação sanguínea ou a retenção no sangue de uma certa quantidade de cloruretos. Na concepção do resenhista, essa tese revela um bom observador e um grande erudito, pois Vianna conhece toda a literatura do assunto de que tratou e não se limitou a condensá-la, mas também pode completá-la.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

Wells. *O alimento dos deuses*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 mar. 1907.

Resumo: Trata-se de um romance de Wells, que a casa Garnier intitulou com um nome que, para J. dos Santos, não se justifica. Na opinião do crítico, o romance é muito bom, pois entre as produções desse autor é uma das que melhor revela o seu gênero especial

de composição. Entretanto, o resenhista revelou total desaprovação pela tradução do livro, visto que “está longe de ser perfeita”.

Gênero da obra: romance

MENEZES, Alípio. *Missangas*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 mar. 1907.

Resumo: O livro de poemas não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia, opinando que ele é bem “toscosinho”, além de registrar desaprovação ao estilo desse poeta; a quem se dirige da seguinte forma: “tu podes ser um excelente rapaz, bom, trabalhador, inteligente, mas não tem jeito para fazer versos”.

Gênero da obra: poesia

VIEIRA, Damasceno. *A crítica na literatura*. Rio de Janeiro: Litho-Typ. e Encadernação Reis, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 mar. 1907.

Resumo: Trata-se de um volume cujo autor defende seu filho escritor de uma crítica que lhe foi feita em uma certa revista literária da Bahia a seu livro de estréia. Segundo J. dos Santos, o esforço de Vieira foi desproporcionado, pois “trezentas páginas para contestar um artigo é muita coisa”. Apesar disso, o resenhista registrou que esse artigo realmente tinha mesmo muitos excessos.

Gênero da obra: crítica literária

SCOTT, Walter. *Kenilworth*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 mar. 1907.

Resumo: O livro, que revive toda a época de Elisabeth de Inglaterra com muitos lances dramáticos e comovedores, recebeu total aprovação de J. dos Santos, que informou ser uma das melhores obras desse romancista inglês. Por fim, ele registrou que, apesar do nome da obra ser feio e os dois volumes serem grandes, o romance é, sobretudo, magnífico.

Gênero da obra: romance

MORAES FILHO, Mello. *Histórias e costumes*. Paris: Garnier, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 mar. 1907.

Resumo: O livro recebeu total desaprovação de J. dos Santos, para quem Mello não tem noção alguma de tempo e espaço, o que é incoerente para um verídico historiador. Para o resenhista, esse autor nunca saberá marcar os contornos exatos da realidade e da fantasia, onde acaba uma e onde começa outra, visto que é “um historiador deliciosamente infiel” e “organicamente um poeta”. A primeira parte é a história de uma cidade, parecendo anedotas interessantes. Já a segunda parte aborda os costumes nacionais como, por exemplo, os costumes do tempo de Natal, etc. Por fim, ironicamente, o crítico revelou não saber o que realmente o autor disse, informando que sabia somente que “ele desembarcou das nuvens para entregar o manuscrito ao editor”.

Gênero da obra: monografia sobre história

LOPEZ, Thomaz. *Histórias da vida e da morte*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 abr. 1907.

Resumo: J. dos Santos informou que a primeira parte desse livro possui 5 composições que merecem o nome de contos. Entretanto, na concepção do resenhista, sente-se que é um livro de estréia, não porque tenha fraquezas notáveis, mas porque se nota que o autor não assentou firmamente a direção que vai seguir, hesitando entre diversas. Lopez gosta de aproveitar um pequeno episódio para bordar em torno vários devaneios, e esses são os que o preocupam mais. Por fim, o crítico opinou que, seja qual for a orientação pela qual o autor se decidir, há de “marcá-la vigorosamente, pois ele sempre revela possuir grande originalidade no que faz”.

Gênero da obra: contos e poesia

CEPELLOS, Baptista. *Os corvos*. São Paulo: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 abr. 1907.

Resumo: Trata-se de uma coleção de notas e artigos sobre vários assuntos com observações, devaneios, pequenas crônicas, ou seja, tendo grande variação de formas textuais na sua organização. Por fim, J. dos Santos informou brevemente que o autor deu ao volume o nome, do segundo artigo da coleção.

Gênero da obra: monografia

SENNA, Ernesto. *José Clemente Pereira*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio de Rodrigues, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 abr. 1907.

Resumo: O livro, que é uma biografia de José Clemente Pereira feita por Senna, recebeu comentários positivos de J. dos Santos, para quem foi uma idéia excelente escrevê-lo, porque o biografado foi um patriota útil, que realizou grandes ações em sua vida “ativa e incansável”. Por fim, o resenhista relatou que Senna soube dizer tudo o que era necessário para pôr em destaque a figura de Pereira, mas amenizou o seu trabalho com a narração de várias anedotas, que, às vezes, “pintam melhor um caráter qualquer do que longas e massudas dissertações”.

Gênero da obra: biografia

GOES FILHO, Domingos de. *Da operação de Chopart e seu equinismo*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 abr. 1907.

Resumo: Trata-se de uma tese médica, cujo autor quis ver se não seria possível modificar a operação de Chopart, suprimindo-lhe os inconvenientes. J. dos Santos informou que Domingos defendeu a ideia da qual, desarticulado o pé pela articulação medim-taisiane, elimina-se a sua parte anterior. Por fim, na opinião do resenhista, o trabalho é novo, bem útil e original, pois Domingos mostrou que se suprimindo a ponta do calcâneo que fica para baixo e, dando a ele uma base maior, é possível conservar a articulação, mas sem produzir o equinismo.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

ALIGHIERI, Dante. *O inferno*. Trad de J. P. Xavier Pinheiro. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 abr. 1907.

Resumo: O livro, que é a tradução brasileira da *Divina comédia* por Pinheiro, era um trabalho já clássico, antes mesmo de publicado em volume, porque o filho do autor tinha dado à estampa, em várias épocas, numerosos trechos. Esse trabalho publicado

abrange apenas a parte do inferno, que, na opinião de J. dos Santos, é incontestavelmente a melhor do livro. Por fim, o crítico o elogia, opinando ser uma tradução fidelíssima e, apesar disso, elegante, agradável e formidável.

Gênero da obra: poesia

MAGALHÃES, Aurélio de. *Prophylaxia e ensaios de tratamento da raiva*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 abr. 1907.

Resumo: O autor reuniu na sua tese de doutorado o que há de essencial sobre a raiva, começando pela prophylaxia, ao mostrar a necessidade da polícia canina, a importância da redução do número de cães de rua e da obrigatoriedade do uso de focinheiras, para depois passar ao estudo dos meios de impedir a manifestação da raiva em indivíduos que tenham sido mordidos, com uma única cura: a vacinação. A segunda parte do trabalho trata dos vários processos de cura da raiva, depois de declarada. J. dos Santos teceu comentários positivos ao trabalho, opinando que ele entra no número dos mais dignos de elogio porque não é apenas uma compilação, havendo nele também estudo e experiências pessoais. Por fim, ele garantiu ser uma obra clara, metódica e completa.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

LAURET, Paulo. *A B C do massagista*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 abr. 1907.

Resumo: Trata-se de um trabalho feito por um professor de massoterapia, que pensou em escrever um compêndio da sua arte. J. dos Santos informou que para justificar o nome da obra, o autor dividiu-a em 25 capítulos, com a “idéia pueril” de fazê-los corresponder às letras do alfabeto. Segundo o crítico, o livro é bom e claro, apesar de haver alguns “senões” no seu trabalho, como o fato de ser bem conciso ao explicar os termos relacionados à sua área.

Gênero da obra: monografia

ABREU, José de. *Primeiras constelações*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 abr. 1907.

Resumo: O livro de estréia do poeta não recebeu muitos elogios de J. dos Santos, que disse ser um livro prematuro, que teria lucrado mais em ficar “ainda na gaveta do autor”. Todavia, o crítico informou que os versos não são “abomináveis” e caracterizam-se, quando à forma, pela abundância de adjetivos que há em todas as poesias de principiantes, e quanto às idéias, pela falta de qualquer característica. Por fim, o resenhista opinou que “não é sublime, mas também não é detestável”.

Gênero da obra: poesia

BITTENCOURT, Pinheiro de. *Compêndio de geografia geral*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 abr. 1907.

Resumo: Trata-se de um livro didático sobre geografia geral, que está a igual distância, tanto da erudição excessiva de algumas obras dessa especialidade, que descem a minúcias “perfeitamente dispensáveis”, quanto da deficiência do que seja realmente necessário. Na concepção do resenhista, é um bom livro, feito por um professor e examinador, que está habituado “desde longos anos a saber o que se pode e deve exigir de estudantes de preparatórios”.

Gênero da obra: livro didático

AZEVEDO, Arthur. *O dote*. Rio de Janeiro: M. Piedade, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 abr. 1907.

Resumo: Trata-se de uma comédia de teatro, que, depois de feito sucesso no palco, foi publicada pelo autor em volume. Para o resenhista, é uma peça de ação forte, clara, simples, lógica, que podia correr exatamente assim na vida real. Por fim, depois de ter elogiado a peça, o crítico considera que “Arthur Azevedo firma com a sua nova produção, mais uma vez, os seus altos foros de nosso primeiro escritor dramático”.

Gênero da obra: teatro

ANDRADE, Goulart de. *Poesias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 maio 1907.

Resumo: J. dos Santos alude a esse livro de poesia de maneira positiva. Na concepção do resenhista, trata-se de um bom livro, cujo autor é um grande poeta. Entretanto, o crítico não deixou de criticar negativamente o exagero que Goulart tem no uso de formas velhas (vilancete e canto real) e rimas ricas, sendo que, na opinião dele, nem sempre Goulart é feliz com essa prática, pois há inúmeros casos de rimas forçadas na obra. Por fim, J. dos Santos disse que seria um exagero afirmar que é uma obra decisiva, dessas que marcam época, apesar de ser um livro interessante.

Gênero da obra: poesia

DUARTE, Rafael. *D. Clarita*. Rio de Janeiro: Typ. Ideal, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 maio 1907.

Resumo: O livro narra a estória de uma mulher que casou sem amor com um sujeito rico e grosseiro e, depois, acabou se envolvendo com um primo distante, Souzinha, que depois a chantageia, o que a levou ao suicídio. A obra recebe total desaprovação por J. dos Santos que, em tom de ironia, disse que o marido rico do romance era “de uma cegueira e de uma estupidez realmente extraordinárias”, criticando também o fato da história ter uma ação muito simples, que se desenrola linearmente sem complicações nem acessórios de espécie alguma, não havendo nem mesmo nenhum personagem secundário e também o fato do autor abusar das descrições das pequenas coisas.

Gênero da obra: romance

ALMEIDA, Júlia Lopez de. *Histórias de minha terra*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 maio 1907.

Resumo: Trata-se de um livro didático para crianças, com uma série de contos e de cartas que, na opinião do resenhista, todos “menos as crianças de mais de quarenta anos” lerão com extraordinário agrado, visto que ele não tem compilações e obscenidades. J. dos Santos ainda informou que Almeida possui um sentimento de amor pelo Brasil nessa obra, mas ela sabe infundir esse sentimento, sem, todavia, cair na declamação e na pieguice. Segundo o crítico, trata-se de um bom livro, ideal para as escolas.

Gênero da obra: livro didático

PEREIRA, Eugênio de Sá. *Poesias*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 maio 1907.

Resumo: O livro de estréia é composto por mais de 300 páginas, mas não recebe muitos comentários positivos de J. dos Santos, que lhe atribui alguns versos errados, expressões detestáveis e “pequenas puerilidades”. Entretanto, o resenhista não deixou de registrar que o livro possui páginas vibrantes e graciosas, além de opinar que Pereira não é apenas um simples fazedor de versos, sendo “uma legítima esperança da poesia de amanhã”.

Gênero da obra: poesia

SILVA, Argiléo. *Pérolas*. 2 ed. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 jun. 1907.

Resumo: Trata-se de um grosso volume, em segunda edição, de mais de 200 páginas de poesia, que recebeu alguns comentários positivos de J. dos Santos, para quem o livro não era mau, apesar de possuir pequenos deslizes. Entretanto, ele apontou defeitos na obra, tais como: o fato do poeta gostar um pouco demais de palavras difíceis, seus neologismos serem bem contraditórios, revelar uma excessiva preocupação com a linguagem matemática, além do volume possuir muitas hipérboles.

Gênero da obra: poesia

FARIA, Bento de. *Elementos de Direito romano*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 jun. 1907.

Resumo: O volume, que possui nada menos de 957 notas, algumas longas, eruditas e substanciais, é uma tradução de Direito Romano. Na concepção de J. dos Santos, é um trabalho formidável, com grande atenção na tradução e, sobretudo, na cópia enorme de material que há nas notas. Todavia, o resenhista não deixou de criticar negativamente o fato do autor se limitar apenas a isso e não fazer obra própria, visto que suas notas representam uma erudição talentosa para essa tarefa. Por fim, o crítico enfatizou que se podia ter um tradução e um volume original de Faria, tão profundo como o volume que ele traduziu.

Gênero da obra: monografia jurídica

ALMEIDA, Lacerda de. *Expulsão de estrangeiros*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 jun. 1907.

Resumo: Trata-se da publicação de um comentário sobre a lei de expulsão de estrangeiros. J. dos Santos informou que a primeira parte mostrava que a faculdade de expulsão está de acordo com os princípios de direito, provava que a lei votada é constitucional e concordava plenamente, tanto com o direito estrangeiro, quanto com a prática administrativa e com a jurisprudência brasileira, em todos os tempos. Na segunda parte, o resenhista informou que a lei é tomada artigo por artigo com comentários minuciosos. Para o crítico, aqui estaria a parte verdadeiramente original desse livro; com isso, o nome do autor impunha-se a quantos estudam o direito nacional.

Gênero da obra: monografia jurídica

EDMUNDO, Luiz. *Poesias*. Rio de Janeiro: Companhia Civilização, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 jun. 1907.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que considerou os sonetos quase todos admiráveis e brilhantes. Todavia, o resenhista não deixou de

assinalar que essa obra não é de “perfeição inatacável”, visto que há fraquezas e inferioridades, mas para os pequenos defeitos que nela existem, há grandes compensações, pois o poeta sabe ser expressivo e fazer admiravelmente versos excelentes.

Gênero da obra: poesia

As conferências literárias. S. l.: s. n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 jun. 1907.

Resumo: Nesse momento, J. dos Santos informou aos leitores um acontecimento da vida literária, que foi o renascimento das conferências. A primeira, em um sábado, foi a conferência de Olavo Bilac; depois, a de James Darcy e, em seguida, a de Mme Toché. Para o resenhista, a conferência de Bilac foi bem leve, espontânea e encantadora; a de Mme Toché foi bem elogiada e a de James Dracy foi um “regalo mais novo” para o público, que não o conhecia, mostrando possuir um puro encanto literário.

Gênero de obra: conferências

OLIVEIRA, Correia de. *As tentações de São Frei Gil*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 jun. 1907.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que julgou ser bom, ter “doçura de forma e de pensamento realmente encantadora”. Em seguida, o resenhista, ao informar que a obra foi feita inteiramente com versos brancos opinou, entretanto, que ninguém lastimará a ausência de rimas, porque elas foram amplamente compensadas pela naturalidade da expressão “harmoniosa e cantante”. No final, o crítico ratificou ser a obra soberba, magistral, que por si só bastaria para consagrar Correia de Oliveira como um “altíssimo” poeta.

Gênero da obra: poesia

VIEIRA, Antonio. *Sermões*. Porto: Chardron, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 jun. 1907.

Resumo: J. dos Santos informou brevemente que a livraria Chardron, do Porto, publicou o primeiro volume dos *Sermões*, sendo, na concepção do resenhista, uma edição nítida, bem revista e barata. Além de fornecer essas informações, ele teceu elogios à obra, opinando que os sermões de Vieira são muito dignos de leitura.

Gênero da obra: sermões

MOSCOSO, Eduardo. *Dois casos de esofagotomia externa*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 jun. 1907.

Resumo: Trata-se da publicação de duas observações de operação cirúrgica que se conhece pelo nome de “esofagotomia externa”. O autor da obra provou surpreendentemente que aquela operação é simples, apesar de seu nome. J. dos Santos registrou que Moscoso a modificou ligeiramente, mostrando que é melhor fazer a incisão, em vez de oblíqua, vertical. O autor detalhou o procedimento dos operadores, depois da intervenção e deu conselhos precisos, os quais nem sempre se encontram mesmo nos melhores compêndios.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

BITTENCOURT, Liberato. *Principes generaux d'organisation des armies*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 jun. 1907.

Resumo: O trabalho, que foi apresentado à Congregação da Escola de Estado-Maior sobre os princípios gerais de organização dos Exércitos por Bittencourt, recebeu comentários não muito positivos por J. dos Santos, que apontou o fato de que, apesar de ter sido escrito em francês, existem nele três notas em português, o que causou estranhamento. Segundo o crítico, falta ao autor ponto de vista sintético ao evidenciar o princípio por ele defendido, que é o de ser a organização militar em tempo de paz igual a do tempo de guerra. Apesar disso, o resenhista registrou positivamente que todos os argumentos formulados pelo autor são claros, simples e de grande generalidade, não descendo a “questões de detalhe”, que só interessam ao exército brasileiro.

Gênero da obra: monografia sobre militarismo

SODRÉ, Azevedo. *Discurso; Abertura do curso de clínica médica*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 out. 1907.

Resumo: Trata-se da publicação em dois folhetins do discurso que, em 1907, Sodré proferiu, quando se comemorou o sétimo aniversário da Academia de Medicina e a aula inaugural que, em 10 de maio de 1907, abriu o curso de clínica médica, para o qual foi nomeado. J. dos Santos informou que o trabalho é dividido em 2 partes: na primeira, estudou-se a tuberculose no Rio de Janeiro e, na segunda, abordou-se a questão da higiene nas habitações e o combate ao alcoolismo. Para a solução desse problema, o autor sugeriu principalmente a instrução popular. Na concepção do resenhista, o estudo é de valor para uma questão importante, pois se percebe que não é apenas uma “alocução de momento, feita para dar brilho a uma festa”.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

VIANNA, Sá. *Das falências*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 out. 1907.

Resumo: O livro, cujo autor fez um estudo completo das falências, desde o direito romano até as leis/ações contemporâneas com um exame minucioso das leis americanas, recebeu comentários positivos de J. dos Santos, que opinou ser muito bem avaliado pelos competentes da área, parecendo ser muito completo. Além disso, o resenhista elogiou Vianna, pelo fato de que não optou por fazer um comentário da lei vigente, com isso, não perdendo um longo esforço para uma obra que seria transitória, preferindo se referir ao sistema oposto. Entretanto, o crítico observou um defeito, que era a obra não ter índice alfabético, típico de obras de consulta, apesar de possuir um índice analítico muito minucioso, que já facilita o estudo dos leitores.

Gênero da obra: monografia jurídica

LOPES, Oscar. *Livro truncado*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 out. 1907.

Resumo: O livro de contos não recebeu muitos elogios de J. dos Santos, que nele apontou vários defeitos, entre eles o fato de serem contos que contam pouca coisa, serem breves demais, não tendo espaço preciso em que caiba a narração e longos comentários, não transmitir também narração de nenhum fato por si mesmo interessante, além de não possuir análise nem grande imaginação. Todavia, para J. dos Santos, o encanto da obra está no estilo, que é bom, “quente”, “colorido” e sugestivo.

Por fim, o resenhista opinou que os assuntos desses contos dariam melhor para poesias, pois, para ele, quase todos os contos de Lopes parecem pouco “substanciais” contendo, entretanto, magníficos assuntos de poesia.

Gênero da obra: contos

As conferências de Ferrero. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 18 out. 1907.

Resumo: Trata-se de comentários sobre conferências que Guilherme Ferrero proferiu, relatando, principalmente a história de Roma, “mestra” do Direito do mundo civilizado. Dessa forma, J. dos Santos revelou que a parte essencial dessas conferências foi dedicada justamente à história romana, com a supremacia do Direito sobre todos os restantes fenômenos sociais. O resenhista também informou que Ferrero, ao abordar esse assunto, aplicou os processos que Lyell utilizou na geologia, sendo essa a originalidade das conferências.

Gênero da obra: conferências

BEVILAQUA, Amélia; BEVILAQUA, Clóvis. *Literatura e direito*. Salvador: JL da Fonseca Magalhães, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 nov. 1907.

Resumo: É um livro constituído por artigos esparsos de Bevilaqua e sua esposa, cabendo naturalmente a esta a parte literária, que se compõe de sete trabalhos, dos quais seis são propriamente de literatura amena e um é a exposição por ela apresentada ao Congresso Latino Americano sobre a instrução e educação da infância. Na opinião de J. dos Santos, ela é uma talentosa escritora. Em seguida, ao referir-se à parte de Clóvis, o resenhista informou que o primeiro trabalho foi um discurso que esse autor ia proferir como paraninfo da turma de bacharelados de 1905. Seria, em sua opinião, um belo estudo sobre o Direito como energia educativa. Por fim, o crítico opinou ser um trabalho muito resumido, visto que o assunto merecia mais atenção, embora, como todos os trabalhos do autor, este teve absoluta clareza de forma, com grande “firmeza de conceitos”.

Gênero da obra: crítica literária, monografia jurídica

CASTILHO, Álvaro de. *A América do Norte em trabalho*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 nov. 1907.

Resumo: Trata-se de um livro feito por um inglês, que expõe as superioridades e inferioridades da sua pátria em confronto com os Estados Unidos. J. dos Santos teceu comentários positivos sobre ele, opinando ser agradável, ter boa solidez na análise dos fatos e ótima observação. O crítico elogia também a tradução.

Gênero da obra: monografia sobre países

CEZAR, Júlio. *Horas vagas*. Rio de Janeiro: Typ. Besnard Freres, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 nov. 1907.

Resumo: O livro de poesia não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que deixou transparecer sua opinião através da ironia, ao atribuir-lhe versos errados e não muito bons. Por fim, o resenhista opinou ser a obra “um tanto pueril”, além de não ser lícito prever o que poderá mais tarde fazer essa autora, que revela deficiências na metrificação.

Gênero da obra: poesia

CALDAS, Fernando. *Opalandas*. Rio de Janeiro: Reis & C., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 nov. 1907.

Resumo: Trata-se de um livro de poesia, que é a estréia do autor, recebendo total desaprovação de J. dos Santos, que considera o fato de Caldas ter mania de empregar palavras muito difíceis, além de termos inexistentes, com português “pernóstico” e latim. Por fim, ironicamente, o resenhista opinou ser a obra apenas um “gracejo”, aludindo aos 22 anos de Caldas na época. A mania dos palavrões não seria “moléstia grave. Isso tudo passará”.

Gênero da obra: poesia

REDONDO, Garcia. *Salada de frutas*. Porto: Chardron, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 nov. 1907.

Resumo: Trata-se de um volume de contos e crônicas misturados. Escrevendo sobre os contos, J. dos Santos opinou serem todos bons e, sobretudo, o primeiro, que seria excelente. Ao abordar as crônicas, ele disse constituir-se de uma coleção de oito artigos acerca do feminismo, em que o assunto é tratado com emoção e argumentação, mas evitando “sentimentalismo piegas e longas dissertações filosóficas e sociológicas”. Por fim, elogiando-o, ratificou ser um volume leve, gracioso, agradável e despretensioso, que se lê “de ponta a ponta com o mais extremo prazer”.

Gênero da obra: contos e crônicas

NOGUEIRA, Almeida. *Tradições e reminiscências*. São Paulo: Typ. Vanorden & C., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 15 nov. 1907.

Resumo: O autor do trabalho desejou evocar todas as turmas de estudantes que passaram pela Academia de São Pedro durante todo o seu tempo, indo ainda mais longe, ao remontar até as primeiras épocas desta faculdade com toda evocação debaixo de um ponto de vista anedótico. Na concepção de J. dos Santos, o livro é todo ele constituído de anedotas engraçadíssimas e muito alegres e indiscretas, revelando o “esforço colossal” que Nogueira teve ao reunir todo o material necessário para fazer essa obra de erudição.

Gênero da obra: memórias

VASCONCELLOS, Clodomiro Rodrigues de. *O Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Viúva Azevedo & C., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 nov. 1907.

Resumo: Trata-se de um estudo sobre a corografia do Rio de Janeiro. Na concepção do crítico, trata-se de uma obra de consulta muito útil. Na opinião do resenhista, em muitos pontos, talvez se desejasse mais sobriedade de expressão. Isso se nota, por exemplo, quando o autor descreve alguns municípios do estado, empregando linguagem pouco própria de obras dessa natureza.

Gênero da obra: monografia sobre geografia

ABREU, Capistrano de. *O Brasil: suas riquezas minerais ou industriais*. Rio de Janeiro: Centro Industrial, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 nov. 1907.

Resumo: O volume editado pelo Centro Industrial contém informações sobre o Brasil, principalmente sobre a indústria extrativa nacional. J. dos Santos relatou ser ele precedido de uma introdução, que começa por um resumo da História do Brasil até 1800, enfocando também o direito constitucional, o comércio internacional, a navegação e as finanças. Em seguida, o resenhista registrou que, terminada a introdução, começa a exposição relativa às indústrias extrativas, divididas em 3 reinos: vegetal, animal e mineral. Na concepção do crítico, o livro registra os fatos muito “secamente”, entretanto, ele não deixou de mencionar que as informações são altamente seguras e estudadas pelo autor com muita precisão.

Gênero da obra: monografia sobre geografia

AZEVEDO, Raul de. *Tríplice aliança*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 nov. 1907.

Resumo: O livro narra a história de Isaura que se envolve com Jorge, o amigo do marido e esse, posteriormente, envolve-se com Clarisse, a amiga dela, recebeu comentários positivos de J. dos Santos, que o julgou ser bem escrito, agradável, com ações bem feitas, além de possuir um estilo “límpido”, claro, sugestivo e sem imitações. Todavia, por meio da ironia, o resenhista apontou um erro cometido por Azevedo, que terminou o romance com um capítulo “estopante sobre política, sendo absolutamente fora de propósito”, segundo o crítico.

Gênero da obra: romance

ABRANCHES, Dunshee de. *Atos e atas do governo provisório*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 nov. 1907.

Resumo: O volume é a publicação de todos os atos e atas do governo provisório em suas sessões políticas. Segundo J. dos Santos, é um bom trabalho, representando uma contribuição séria para a história de um período tão decisivo das instituições brasileiras. Sem lê-lo, seria impossível compreender os principais fatos que assinalaram o advento do governo da República.

Gênero da obra: monografia historiográfica

FREIRE, Olavo. *Mapa do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 dez. 1907.

Resumo: Esse trabalho, segundo J. dos Santos, revela o conhecimento do país, quer para o ensino, mesmo o mais elementar, enfocando um mapa nacional. De forma elogiosa, o resenhista opinou ser um trabalho excelente, quer para o real conhecimento do país, quer para o ensino, mesmo o mais elementar. Além disso, ele registrou ser bem traçado, bem colorido e extremamente minucioso, o que facilita a compreensão.

Gênero da obra: monografia sobre geografia

XAVIER, Lindolfo. *Flores e frutos*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 dez. 1907.

Resumo: O livro, que é de estréia, indica vários quadros românticos como, por exemplo, a história de Manoel Moille, uma das melhores do volume. Na opinião de J. dos Santos, Azevedo é um escritor humano, mostrando muita capacidade narrativa e descritiva; porém, o resenhista lamentou faltar ao escritor uma certa técnica literária, pois não tem “vigor e correção de frase”.

Gênero da obra: ensaios

OLIVEIRA, Mendes de. *A passagem de Itororó*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 dez. 1907.

Resumo: Trata-se de um poemeto histórico, que aborda a Guerra do Paraguai. Em oposição à idéia de Oliveira, que valoriza positivamente essa guerra, J. dos Santos a viu, em conjunto, como um acontecimento sem grandeza alguma, bastando ver que foi a luta de “três, ou seja, Brasil, Argentina e Uruguai, contra um, Paraguai”. Assim, para o crítico, a idéia de Oliveira achar que esse episódio poderia fornecer assunto amplo para os poetas nacionais é dezarrazoada. Por fim, entretanto, ele não deixou de opinar que, sobretudo, a invocação preliminar desse poema tem um “brilho”, um “vigor” e uma “vibração extraordinária”, sendo, portanto, um formoso poema.

Gênero da obra: poesia

VIEIRA, Antonio. *Sermões*. Rio de Janeiro: Garnier; Porto: Chardron, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 dez. 1907.

Resumo: Trata-se de um volume editado simultaneamente pela casa Garnier e pela livraria Chardron. Segundo o crítico, a editada pela última atingiu a superioridade, pelo simples fato de ela, em geral, rever cuidadosamente os seus livros.

Gênero da obra: sermões

MORAES, Venceslau de. *Vida japonesa*. Porto: Livraria Lello e irmão, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 dez. 1907.

Resumo: O volume é uma obra feita com artigos enviados do Japão para uma folha do Porto. Entre as principais informações que J. dos Santos forneceu sobre a obra, está o interesse dos artigos que abordam a mulher nipônica, que perde na formosura dos traços e ganha na dos gestos. Moraes assevera que o “amor apaixonado e ardente como nós o concebemos e praticamos”, escapa à psicologia do japonês. Por fim, o crítico teceu comentários positivos, opinando ser um livro bom, leve, simples, despretenso e agradável, além de abordar fatos sobre a família, a sociedade, o exército e a vida corrente dos japoneses. O autor escreve sem “perdantismos doutorais ao correr da pena”.

Gênero da obra: monografia sobre o Japão

CARVALHO, Deoclydes de. *Nublados*. S. l.: s.n., 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 dez. 1907.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que, apesar de o julgar nada original, disse que o poeta sabe ao menos ser natural e simples, fingindo ser um narrador menino. Além disso, o resenhista ainda elogiou a sinceridade de Carvalho, que, ao usá-la, não consegue deixar de transparecer sua simpatia. Por fim, ele opinou ser esse livro “literatura apressada de principiante, mas de principiante que principia bem”.

Gênero da obra: poesia

PEIXOTO, Afrânio. *Clima e doenças do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 dez. 1907.

Resumo: J. dos Santos informou que o volume dizia respeito ao clima do Brasil. O autor mostrou as variações a que o clima está sujeito pela altitude das terras, pela sua irrigação e por vários outros fatores, fazendo ver quanto seria difícil marcar as zonas, em que ele se deveria dividir e subdividir. Desta forma, Peixoto propunha uma divisão sumária em 3 zonas limitadas por paralelos geográficos: a primeira, do Norte até 10 graus, a segunda desse paralelo até o trópico de Capricórnio e a terceira daí até o extremo sul. Na opinião do resenhista, a parte melhor deste trabalho é a que dizia respeito às doenças do Brasil. Por fim, ele elogiou o volume, opinando que pela clareza e precisão, pela “abundância de cifras”, é realmente uma excelente contribuição para a defesa do “bom renome” do país.

Gênero da obra: monografia sobre geografia

SODRÉ, Abreu. *Aspirações*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 jan. 1908.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que reconheceu na obra harmonia, facilidade métrica, boas idéias e imagens. Entretanto, o resenhista mencionou haver imperfeições na obra, como versos errados, apesar do conjunto ser realmente “prometedor”.

Gênero da obra: poesia

SENNA, Ernesto. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 jan. 1908.

Resumo: Trata-se de um folheto, cujo autor não teve a pretensão de registrar a história completa dessa folha, sendo, porém uma séria contribuição, com méritos como, por exemplo, uma certa averiguação da data em que o jornal começou a circular. Entretanto, J. dos Santos afirmou que Senna deu data imprecisa, sendo que se isso pode ser motivo de dúvida, “é até certo ponto honroso para o *Jornal*, porque mostra como é grande a sua velhice”. Entre as informações características do jornal dadas pelo resenhista, estão a parte marcante de ser comercial, que mesmo em grandes jornais diários europeus não tem muitos competidores, além da secção dos “apedidos”, cativando um público em geral. Por fim, o crítico julgou ser uma tarefa sedutora, que deve tentar os redatores deste jornal ao fazê-lo, sendo como for, é uma “contribuição valiosíssima” feita por Senna.

Gênero da obra: periódico

LOPES, Thomaz. *Um coração sensível*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 jan. 1908.

Resumo: O volume, constituído de 240 páginas de contos, recebeu elogios de J. dos Santos, que registrou ser excelente, ter imaginação, com contos leves, “graciosos”, bem feitos, mas alguns contos são melhores que os outros, narrados com muita simplicidade e arte. Todavia, o crítico apontou o defeito de Lopes não se conter, às vezes, na discussão dos cenários estrangeiros descritos nas suas histórias e, por isso, esquece-se um pouco de conservar a pureza da língua e, assim, cria “expressões abomináveis”, apesar de serem poucas. Por fim, ele opinou que todos os reparos acerca do livro são mínimos, podendo este ser “louvado sem reserva”.

Gênero da obra: contos

SAMPAIO, Sebastião. *A tortura do real*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 jan. 1908.

Resumo: Trata-se de um livro de contos, que recebeu comentários não muito positivos de J. dos Santos, para quem não se tratava de um livro “sincero”, pela tortura da forma, que traia um visível esforço em criar um estilo próprio, com muitos exageros e expressões propositalmente impróprias. Apesar disso, para o resenhista, esse volume, com todos os seus defeitos, que são muitos, revela qualidades raras as quais no segundo livro de Sampaio brilharão deslumbrantemente, pois seria injusto julgar que essa produção está “destituída em si mesma de qualquer mérito”, como tantas outras que surgem.

Gênero da obra: contos

SENNA, Ernesto. *Através do cárcere*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 jan. 1908.

Resumo: O livro, que é uma reportagem sobre a casa de Detenção com a menção de fatos interessantes, recebeu comentários elogiosos de J. dos Santos, para que era muito curioso pela cópia de informações que dá sobre as ocupações dos detentos, sobre os jogos a que se entregam, sobre os objetos que fabricam e sobre as tatuagens que eles fazem no próprio corpo. Complementando as descrições, encontram-se gravuras a cores, muito bem impressas. Ao dar mais informações, o resenhista elogiou Senna, por não haver tido a menor pretensão nem literária; nem científica; mas, apesar disso, é uma coleção “interessantíssima” de notas de reportagem sobre a Detenção. O livro recolocou uma questão: não se sabe se das prisões, os indivíduos saem mais “pervertidos” ou “corrigidos”.

Gênero da obra: monografia sociológica

CARNEIRO, Magalhães. *Galdino Cupido*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 jan. 1908.

Resumo: Trata-se de uma brochura de cerca de 100 páginas contendo 3 contos. O primeiro, o maior, deu título à coleção e narra a história de um rapaz tão bonito que chegou a merecer o epíteto de “cúpido”, quando esteve algum tempo em Sergipe, onde sofreu um acidente e teve de amputar as duas pernas. O segundo conto, intitulado “Roberto”, conta a história de um incesto e o terceiro, “A Corça”, é uma espécie de poema em prosa. Na concepção de J. dos Santos, apesar de Carneiro mostrar muito talento, falta-lhe técnica literária, visto que, analisando o conjunto da obra, o autor, por exemplo, faria muito bem se procurasse descrever cenas locais características, o que raramente faz.

Gênero da obra: contos

MARCONDES, Victruvio. *Baladas e orações*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 jan. 1908.

Resumo: O livro de poesia não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que deixou transparecer sua opinião através da ironia, alegando que o poeta tem, às vezes, idéias aproveitáveis, “mas não põe em aproveitá-las um grande esmero de forma”. Todavia, o

resenhista não deixou de registrar que Marcondes é um autor modesto e que, com certeza, produzirá obras muito melhores que essa.

Gênero da obra: poesia

REIS, Luiz da Câmara. *Cartas de Portugal*. Lisboa: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 jan. 1908.

Resumo: O autor reuniu no volume as correspondências que enviava periodicamente de Portugal, abordando os acontecimentos mais interessantes ocorridos nesse país de 1906 a 1907. J. dos Santos informou que essas correspondências são crônicas escritas sobre atualidades; mas escritas com “apuro literário, com admirável correção de estilo”. Além disso, o resenhista, elogiando mais a obra, opinou ser graciosa, bela e composta de artigos extremamente interessantes.

Gênero da obra: crônicas

ALMEIDA, Filinto de. *O beijo....* S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 31 jan. 1908.

Resumo: A comédia narra a história de dois velhos casados havia muito tempo e que se adoravam. Depois, por causa de uma sobrinha e um neto, que desejariam ver casados, acabam por se desavir, sendo que, posteriormente, os noivos os reconciliam e arranjam-se de modo que um beijo sela essa reconciliação. J. dos Santos elogiou a obra, opinando ser deliciosa, um “mimo”, fina, leve, “graciosa” e feita de versos excelentes. Por fim, ele informou ainda que não sabe se é um assunto “palpitante”, visto que só confessou saber que é deliciosamente artístico o seu conteúdo, tendo como símbolo um beijo.

Gênero da obra: teatro

GARÇÃO, Mayer. *Excelsior*. Porto: Chardron, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 fev. 1908.

Resumo: O volume, que é uma coleção de pequenas crônicas recebeu comentários positivos de J. dos Santos, que opinou ser um trabalho primoroso, “formosíssimo” e o autor um prosador admirável, perfeito, completo e acabado. Por fim, o resenhista registrou o fato de Portugal ter um grande número de bons prosadores e de excelentes cronistas e, na opinião dele, “na primeira fila, entre os bem da frente” está Garção.

Gênero da obra: crônicas

ALBUQUERQUE, Antonio de. *O marquês de Bacalhoa*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 21 fev. 1908.

Resumo: O livro, que narra a história de paixão de D. Álvaro de Luna pela rainha D. Amélia, cada vez mais forte, até ocasionar o suicídio dele, recebeu total desaprovação de J. dos Santos, que opinou ser um romance “torpe”, “sórdido”, “infamíssimo”, um sintoma terrível do “grau de exaltação dos espíritos” em Portugal, além de não ter o menor mérito literário. Além disso, o resenhista informou que Albuquerque tentou representar a vida da corte portuguesa, sendo que todos os personagens realmente existiram, mas seus verdadeiros nomes foram ocultos. Por fim, ironicamente, o crítico opinou que o autor desejava apenas ocasionar um escândalo com esse livro; para ele, seria menos um romance que um “panfleto político”.

Gênero da obra: romance

GUIMARÃES, Moreira. *No extremo Oriente*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 fev. 1908.

Resumo: Trata de um relato de viagem ao Japão, cujo autor teve a vantagem de falar desse país com conhecimento de causa, visto que ele apreciava a nação oriental na paz e na guerra, além de que aprendeu o idioma desse país e, com isso, pode entrar melhor na intimidade do povo. Na concepção do resenhista, Guimarães não se deu ao desfrute de falar do Japão, como quem o tivesse descoberto, dissertando com solenidade e ênfase, mas também não fez apenas notas superficiais de “viajante apressado”, pois teve grande mérito como observador. O crítico apontou um erro que o autor teve ao concluir que, no Japão, não existia o “casamento a prazo”, o que não é verídico. Por fim, ele elogiou opinando ser uma bela obra, além de possuir gravuras em todas as páginas, reproduzindo com exatidão variados aspectos da vida japonesa.

Gênero da obra: relato de viagem

Recenseamento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Oficina da estatística, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 6 mar. 1908.

Resumo: O volume publicado pela comissão, a que Passos deu a incumbência de fazer em tópico recenseamento do Rio de Janeiro, relatando o prefácio natural da história da cidade, recebeu total aprovação de J. dos Santos. Na opinião do colunista, o trabalho é muito mais digno do que uma simples atenção, compondo uma equipe competente para fazê-lo. Por fim, o resenhista o elogiou dizendo que este trabalho foi realmente a melhor que jamais se fez sobre o Rio de Janeiro, “tão melhor do que todos os outros, que é quase uma impossibilidade compará-lo com os anteriores”.

Gênero da obra: monografia sobre geografia

GÓES, Oliveira. *O sonho de viagem*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 mar. 1908.

Resumo: O livro composto por quase 20 páginas de pequenos poemas não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia, opinando ser prematuro, infantil, com muitas “impropriedades de expressão”, além de ser um ensaio apressado. Como todo iniciante, o poeta quis logo publicar para ver o seu nome em letra de forma como “autor de um livro”. Além disso, o crítico teceu críticas negativas ao hábito de Góes colocar nos seus respectivos versos sílabas de “enchimento”, só para completar o número de sílabas regimental.

Gênero da obra: poesia

BRANDÃO, Paulo. *Poemas do sonho e da saudade*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 13 mar. 1908.

Resumo: O livro de poesia recebeu grandes elogios de J. dos Santos, que considerou o volume muito bom, de um verdadeiro poeta, apesar de ser de estréia, revelando Brandão como um “artista do verso”, com versos cheios de simplicidade, naturalidade e emoção, além de ter opinado que são versos de um digno poeta e não apenas de um “arrumador de palavras e rimas, com sílabas contadas”. Por fim, o crítico registrou que, apesar de alguns pequenos defeitos nesse livro como, por exemplo, o fato de Brandão apreciar excessivamente as inversões complicadas, o livro é, incontestavelmente, obra de um grande poeta.

Gênero da obra: poesia

LEMOS, Norival de. *Piraustas*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 mar. 1908.

Resumo: O livro de dez sonetos recebeu total desaprovação de J. dos Santos, que opinou serem poemas sem méritos, nem de métrica, nem de português, nem de “escultura”, além de apresentar impropriedades de expressão e abundância “torrencial” de adjetivos, nos quais caem todos os principiantes. O resenhista criticou também ironicamente o fato de Lemos querer exibir o conhecimento de latim que, na verdade, ele não tem, dando até mesmo títulos em latim errado aos seus versos.

Gênero da obra: poesia

CONTENTE, Padre. *Coração de amiga*. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 mar. 1908.

Resumo: O livro, que narra a história de duas amigas que se correspondem em um português um pouco duvidoso e com pouca elevação de idéias, é visto de maneira negativa por J. dos Santos, que opinou ser um romance de retórica sentimental e “alambicada”, sem o mínimo valor de concepção e estilo, além de ser bem “insípido”. Por fim, o resenhista criticou ainda o fato de que Contente, para dar mais atrativo ao livro, quis enfeitá-lo com algumas fotogravuras, mas mesmo nisso não foi feliz, porque, tirando todas as fotografias na mesma sala, fez com que personagens, que deviam estar em pontos diferentes, aparecessem incoerentemente no mesmo lugar.

Gênero da obra: romance

MURINELLY. *A indústria do leite, do queijo e da manteiga na Suíça*. São Paulo: Eclectica, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 mar. 1908.

Resumo: Trata-se de um estudo das indústrias nacionais mais prósperas, com um enfoque minucioso no conjunto e nos detalhes, do ponto de vista da fabricação e da venda. Na concepção de J. dos Santos, é um bom trabalho, visto que nele o autor se interessou muito pelas coisas do Brasil, e simplesmente pretendeu ser útil, intenção que se completa com uma larga distribuição gratuita.

Gênero da obra: monografia

SÁVIO, Themistócles. *Curso elementar de geografia*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 mar. 1908.

Resumo: Trata-se de um grosso volume de um curso elementar de Geografia de um professor do Colégio Militar. Entre as principais informações sobre a obra fornecidas por J. dos Santos, está o fato das páginas serem pequenas, com tipos muito grandes e papel grosso, sendo que, para ele, há nisso a vantagem da perfeita legibilidade, o que, por um lado, tratando-se de uma obra didática para crianças, é uma qualidade importante pra se observar, mas, por outro lado, a grossura da obra é um pouco exagerada, graças ao papel que nela se empregou. Por fim, o crítico opinou que o único defeito mesmo é o material, visto que pelo conteúdo, o livro só pode receber elogios, por ser claro, simples, metódico e revelar um trabalho de um professor que “sabe a fundo o seu ofício”.

Gênero da obra: livro didático

DOLORES, Carmen. *Lendas brasileiras*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 mar. 1908.

Resumo: A obra, composta por 24 contos infantis, recebeu comentários positivos de J. dos Santos, que a julgou bem organizada, elegante, graciosa, admiravelmente ilustrada, com graça e imaginação. Entretanto, o resenhista não deixou de opinar que Dolores não mostrou todo o seu talento nesse trabalho, apesar de não ser um livro medíocre. A autora limitou-se a dar forma a contos populares. Por fim, ele mencionou que, mesmo na forma, é o mais simples possível, porque o livro é, sobretudo, feito para crianças.

Gênero da obra: literatura infanto-juvenil

GONZAGA FILHO, José Basileu Neves. *Afetivas*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 abr. 1908.

Resumo: O livro de poesia recebeu comentários positivos de J. dos Santos, que julgou ser todo ele de bom gosto, com sonetos dignos de admiração. O poeta, escrevendo serenamente, possui processos de avaliação da beleza feminina muito interessantes, além de gostar de superlativos para descrever os “sonos extracraneanos”. Todavia, o resenhista criticou negativamente o fato do poeta, quando se deixa influenciar pela poesia francesa, ser invadido por um “prurido de aliterações desagradabilíssimas”, revelando muitas “monstruosidades”.

Gênero da obra: poesia

COELHO NETO. *Fabulário*. Porto: Chardron, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 abr. 1908.

Resumo: O livro de poesia recebeu grandes elogios de J. dos Santos, que opinou ser admirável, possuindo toda a imaginação e todo o vigor de escrita que caracterizam esse escritor de “rico vocabulário”. O crítico, no entanto, desaprovou o exagero que Netto teve nesse volume no uso de ornamentação, abusando às vezes de termos raros e “peregrinos”. Por fim, o resenhista disse que esse defeito é insignificante, visto que ninguém tem mais do que Coelho Neto o poder de evocação do que descreve.

Gênero da obra: poesia

RIBEIRO, João. *Frases feitas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 abr. 1908.

Resumo: J. dos Santos forneceu algumas informações importantes sobre a obra, relatando que Ribeiro nem sempre procurou saber a fonte das frases, mas, em alguns casos, principalmente se deteve em seu primitivo sentido, procurando seriamente achar os primeiros documentos da língua portuguesa, em que se encontrasse a locução estudada. Para o resenhista, o livro é leve, agradável, bem humorado, de uma erudição simples e amável, que esconde a solidez e o esforço de longas e trabalhosas pesquisas sob a aparência de uma “despreocupada narração de coisas curiosas”.

Gênero da obra: monografia sobre lingüística

BARRETO, Pereira. *Selvas e céus*. Rio de Janeiro: Livr. Clássica Ed. de A. M. Teixeira, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 10 abr. 1908.

Resumo: O autor do volume organizou vários poemas com a preocupação filosófica por certos assuntos que a maioria dos poetas desdenha. Na concepção de J. dos Santos, é um bom e belo livro de versos que tem originalidade e possui composições “vigorosas e realmente inspiradas”.

Gênero da obra: poesia

LUCRÉCIO. *Balbúria de Lucrécio*. Trad de Mendes de Aguiar. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 abr. 1908.

Resumo: Trata-se de uma tentativa de Aguiar para traduzir em versos alexandrinos o célebre poema de Lucrécio. Na opinião de J. dos Santos, o poeta tem grande teor criatividade, tem conhecimento profundo de métrica latina, além de uma boa cultura literária portuguesa, expondo suas idéias com muita clareza. Por fim, elogiando a obra, o resenhista opinou que é deliciosa, pela metrificação e pela linguagem.

Gênero da obra: poesia

MUNIZ, Arthur. *Primeiras poesias*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 abr. 1908.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que julgou ter encanto de simplicidade e sinceridade, ser muito interessante, além de revelar o talento do poeta, que é principiante, mas “não parece ser”.

Gênero da obra: poesia

BIASCO, Mercedes. *Memórias de uma atriz*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 maio 1908.

Resumo: O livro de memórias, escrito por uma atriz moça, formosa e inteligente que conta sua vida, recebe total aprovação de J. dos Santos, que opinou ser um trabalho bem escrito, digno de ser lido, bem impresso, bem ilustrado e que há de interessar, sobretudo, o meio teatral. Além disso, o resenhista informou que esse livro deve agradar principalmente aos que conhecem as atrizes e os atores portugueses e brasileiros.

Gênero da obra: memórias

MAGALHÃES, Sabino de. *Heras*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 maio 1908.

Resumo: Trata-se de um livro de poemas que, apesar de J. dos Santos opinar que possui versos delicados e, em geral, corretos e perfeitos, recebeu comentários não muito positivos dele, que disse que Magalhães não consegue fazer bons versos. Entre as informações sobre a obra fornecidas pelo resenhista, está o fato de que, nesse volume, há diversas baladas, ou seja, rimas iguais em todas as estrofes.

Gênero da obra: poesia

SILVA, Vieira da. *Vibrações da noite*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 maio 1908.

Resumo: O livro de poesia recebe muitos elogios de J. dos Santos, que o julgou simples, constituído de versos alexandrinos. Além disso, ele opinou que os versos possuem beleza, harmonia e também “vigor poético”.

Gênero da obra: poesia

PAIXÃO CEARENSE, Catullo da. *O Cancioneiro popular*. 25 ed. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 maio 1908.

Resumo: J. dos Santos teceu comentários positivos sobre a obra, dizendo que, pelo fato de estar na época já na vigésima quinta edição, nota-se que um “esplêndido aconchego” lhe tem sido feito. Entretanto, ele mostra desagrado pelo fato do livro não ter uma lista de nomes dos autores das composições, e pelo fato absolutamente “inadmissível” de Catullo haver alterado algumas poesias para torná-las mais adaptadas ao canto; isso seria um “delito”, algo inaceitável para o crítico.

Gênero da obra: poesia

CARVALHÃES FILHO, José. *Estudos gramaticais*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 8 maio 1908.

Resumo: O trabalho, que enfoca alguns estudos gramaticais, é visto de forma positiva por J. dos Santos, que opinou ser escrito singelamente por um professor amigo da clareza e do bom senso, pois, entre as várias soluções propostas para cada caso, Carvalhães escolhe sempre a mais liberal, isto é, a que mais se conforma com o uso corrente. Por fim, ironicamente, mostrando seu desagrado pelos autores que escrevem sobre gramática, o crítico, entretanto, escreveu que, para os que se ocupam com esse “sport de baboseiras gramaticais”, o folheto de Carvalhães é um trabalho simples e claro.

Gênero da obra: monografia sobre lingüística

MACHADO SOBRINHO. *Primeiros versos*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 maio 1908.

Resumo: O livro, que é a estréia poética do autor, não é visto positivamente por J. dos Santos, que criticou o fato de Sabrinho gostar de palavras raras e de “inversões caprichosas”, que não são muito compatíveis com a língua portuguesa. Entretanto, o resenhista opinou que há algumas inversões no volume que podem ser graciosas. Por fim, ele opinou que, às vezes, Sobrinho usa expressões, que expressam bem o que querem dizer, mas não são prodigiosamente próprias, apesar do livro ser “aceitável”.

Gênero da obra: poesia

AZEVEDO, Paes de. *Neurastenia e falsas neurastenias*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 22 maio 1908.

Resumo: O autor da tese estuda a neurastenia, especificamente a distinção entre as verdadeiras e as falsas, mostrando que o problema é uma perturbação puramente funcional e de caráter transitório, visto que, em sua origem, é uma modificação profunda e orgânica com moléstia constitucional, geralmente hereditária. Na concepção de J. dos Santos, o trabalho expõe claramente a questão, o que, aliás, nem todos os autores fazem.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

FONTES, Hermes. *Apoteozes*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 maio 1908.

Resumo: O livro de poesia é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que diz ter idéia, harmonia. O autor tem unção de suavidade e possui talento de primeira ordem. Todavia, o resenhista apontou o fato de Fontes não estar isento de defeitos, que são, na maior parte, infantilidades, pois tem ele a mania de “rimas bizarras” e extravagantes. Por fim, ele ratificou os elogios à obra, opinando ser uma entrada triunfante nos

“domínios da poesia”, sendo, mais do que uma promessa, uma afirmação de alto valor, pois tem forma e tem “fundo”.

Gênero da obra: poesia

LOBO, Bruno; VIANNA, Gaspar. *Estrutura da célula nervosa*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 5 jun. 1908.

Resumo: Trata-se de um volume que representa a técnica de histologia do trabalho de exame microscópico. O autor da tese acredita que o influxo nervoso passa através da membrana da célula nervosa e transmite-se pelo protoplasma até encontrar neurofibrilas. Na opinião do resenhista, o livro é bom, visto que tem mesmo a vantagem de estar apoiado em preparações histológicas indiscutíveis, além de ter sido feito por dois ilustres neurologistas, cujo trabalho é um “monumento” e também por dar com muita precisão os primeiros elementos desta hipótese de Lobo, sobre a transmissão do influxo nervoso, hipótese que, se continuar, fará com que se lamente um pouco menos a do amebismo nervoso.

Gênero da obra: monografia sobre medicina

LIMA, Mário de. *Ancenubias*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 12 jun. 1908.

Resumo: O livro de sonetos “abomináveis” não é visto de maneira positiva por J. dos Santos, que opinou não ser perfeito, com versos e imagens detestáveis. Entretanto, o resenhista informou possuir também belos versos religiosos, visto que Lima tem toda a facilidade de compor pomas, em que os ritmos “ondulam ao sabor do pensamento”.

Gênero da obra: poesia

COLLAÇO, Branca de Conta. *Matinas*. Rio de Janeiro: Livraria clássica editora de A. M. Teixeira & C., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 19 jun. 1908.

Resumo: Trata-se de um livro de poesia que recebeu total aprovação de J. dos Santos, que atribuiu possuir versos “alegres e divertidos”. Da autoria de uma “hóspede ilustre do Brasil”, é um livro leve, fino, gracioso e absolutamente desprezível.

Gênero da obra: poesia

GUALBERTO, Luciano. *Proteção ao operário*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 jun. 1908.

Resumo: O autor do volume trata da situação do trabalho operário, mostrando que a sua falta de regulamentação faz com que as indústrias abusem, criando horas de trabalho acima da média e, com isso, explorando a miséria feminina e o esforço infantil. J. dos Santos informou que Gualberto estuda então o que se deve entender por acidentes trabalhistas tendo, sobretudo, pela natureza de seu escrito, de se colocar do ponto de vista médico. Na concepção do crítico, é um bom trabalho, mas com uma falha, pois o autor disse, em certa página, que “no Brasil, nem de longe se cogitou ainda sobre o assunto”, o que não seria verídico, pois, na Câmara dos Deputados, havia na época um projeto a tal respeito.

Gênero da obra: monografia sobre trabalho

PINTO, Sá. *Higiene do trabalho*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 jun. 1908.

Resumo: J. dos Santos mencionou que o autor escreveu primeiro –e como introdução– sobre o trabalho em geral, depois sobre a higiene individual do operário, tratando a seguir da alimentação da habitação, do ambiente do trabalho, do trabalho das mulheres e crianças, discutindo bem a questão do dia normal de trabalho, do alcoolismo e também da tuberculose. Por fim, o resenhista criticou negativamente o fato de Pinto ter sido injusto, ao queixar-se da falta de leis trabalhistas para regular certos assuntos, realmente interessantes, a que se referiu.

Gênero da obra: monografia sobre trabalho

FONSECA, Masson da. *Guia prático da mulher grávida e da mulher mãe*. São Paulo: Livraria Paulista, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 jul. 1908.

Resumo: O autor do opúsculo de 62 páginas reuniu algumas informações necessárias a todas as mães desde o período da gestação até o do desmame, visto que o ofício de mãe exige uma aprendizagem bem laboriosa, pois o amor materno não supre certos conhecimentos. São exatamente estes que Fonseca reuniu no seu livro. Na opinião do resenhista, a obra é concisa, simples, escrita num estilo acessível a todos. Além disso, não há falhas, nem excessos de erudição, pois é bem popular e de boa “vulgarização científica”.

Gênero da obra: monografia científica

MARCONDES, Moyzês. *Poesias*. Rio de Janeiro: A. M. Teixeira & C., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 4 jul. 1908.

Resumo: Marcondes faz sua estréia na poesia com um livro de 243 p., que é visto de maneira negativa por J. dos Santos, que deixa transparecer sua opinião através da ironia, ao mencionar que o poeta erra “vergonhosamente” nos versos. Vulgar no uso de rimas, o autor exprime idéias que se não se justificam ou que só se justificam complicadamente.

Gênero da obra: poesia

REDONDO, Garcia. *A inteligência dos animais e das plantas*. São Paulo: Tip. Vanorden & Cia, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 jul. 1908.

Resumo: Trata-se de uma conferência publicada sobre a inteligência dos animais e das plantas, cujo autor não quis fazer nenhuma descoberta, buscando apenas escrever uma obra de vulgarização, sólida, amena e rápida. Entre as informações citadas pelo resenhista, estão o fato de Redondo ter enchido a sua conferência de anedotas “curiosíssimas”, além dele ter feito uma escolha difícil de poucos exemplos, que fossem simultaneamente interessantes e probantes, julgando com exemplos pessoais em muitos momentos. Na opinião do crítico, é uma tese muito interessante, cujo autor é “leve” e “gracioso”, gostando de aliar preocupações literárias a preocupações científicas.

Gênero da obra: conferência

BILAC, Olavo. *O caçador de esmeraldas*. Trad de Carlos Parlagreco. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 jul. 1908.

Resumo: O poema -que conta a história de um sertanista ousado, que entrou no Brasil para descobrir a mina cheia de esmeraldas de que falavam lendas e tradições e, posteriormente, acabou morrendo no caminho- recebeu grandes elogios de J. dos Santos, que julgou ter uma tradução excelente do português para o italiano, visto que Parlagreco soube vencê-la sem grandes dificuldades, pois ele conhece bem as duas línguas e, dessa forma, fez uma versão fiel, não sacrificando nenhum dos méritos do poeta parnasiano. Além disso, o crítico, por fim, elogiou também as ilustrações do livro, cujo autor fez dela uma “tríplice obra de arte”, pelo texto primitivo, pela tradução e também pelas ilustrações.

Gênero da obra: poesia

CRUZ, Dilermando. *Poesias*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 jul. 1908.

Resumo: Trata-se de um livro de poesia, que recebeu total aprovação de J. dos Santos, visto que este opinou ser um bonito livro, com uma pequena coleção de 25 composições, quase todas sonetos, com versos muito delicados, além de Cruz gostar do “pequeno lirismo, meigo, familiar e discreto”. Por fim, o crítico disse que as composições deste poeta mostram bem que ele é um escritor apreciável, sem “grande sopro lírico, nem profundos pensamentos”, mas leve e delicado.

Gênero da obra: poesia

REVISTA médico-cirúrgica. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 ago. 1908.

Resumo: Trata-se de número da revista dirigida por Carlos Seid, que informou o combate à varíola segundo a experiência do Brasil, isto é, de acordo com as modificações que talvez não sofra aqui, graças às condições nacionais de clima e de raça. Na concepção de J. dos Santos, é um número especial, visto que estão reunidos vários artigos acerca dessa moléstia com precisão, cujos autores conhecem muito bem o assunto. Mais do que um fascículo habitual, é um verdadeiro pequeno tratado sobre a varíola.

Gênero da obra: periódico

CUNHA, Lassange. *O Rio grande do sul*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 ago. 1908.

Resumo: O grosso volume é um trabalho sobre o Rio Grande do Sul, em que se expõem as condições econômicas desse estado. J. dos Santos informou que o autor começa por uma notícia geográfica, passando depois a descrever as riquezas naturais, quer do reino mineral, quer do reino vegetal e da fauna, estudando então, uma a uma, as várias indústrias e, depois de escrever parágrafos sobre mercados e resultados comerciais das várias indústrias, trata da população e da instrução pública. Apesar do crítico opinar que não há muita ordem na exposição dos fatos, ele elogiou a obra, mencionando que o livro de Cunha soube até mesmo reunir o agradável ao útil, não havendo de certo nenhum trabalho de conjunto sobre o Rio Grande do Sul mais completo do que o deste “ilustre engenheiro”.

Gênero da obra: monografia sobre geografia

ASSIS, Machado de. *A mão e a luva*. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 set. 1908.

Resumo: O livro, que narra a história de um embaixador que trai o seu mandato involuntariamente, sendo um deputado que só por carta vem a saber do fato, recebe comentários positivos de J. dos Santos, que julgou ser um bom livro, além do escritor descrever com exatidão a época em que os fatos se passam, ou seja, tempos do Telégrafo e do telefone sem fio, vista pelo autor como “pré-histórica”.

Gênero da obra: romance

ASSIS, Machado de. *Memorial de Ayres*. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 16 set. 1908.

Resumo: O volume, que narra a história de uma viúva que se tinha declarado inconsolável, mas acabou por se deixar consolar, casando-se novamente, é visto de forma elogiosa por J. dos Santos, que opinou ter um trecho claro, simples, “meigo”, bom, com “pureza, frescura, candura de inspiração”, e possuir um idílio “sereno” e honesto. Todavia, o resenhista criticou negativamente o fato de haver nesse romance uma inverossimilhança fundamental, visto ser um diário de um velho diplomata aposentado, que incoerentemente não se diverte escrevendo suas memórias, mas sim contando exclusivamente o que se passa com uma família amiga. Na concepção do crítico, isso não é natural, visto que Aires escrevia pouco de si mesmo, o que é anormal para quem escreve um diário, preferindo narrar o que acontecia em casa de dois amigos, que ele visitava com frequência, mas com os quais não estava constantemente.

Gênero da obra: romance

CARVALHO, Vicente de. *Poemas e canções*. Porto: Chardron, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 30 nov. 1908.

Resumo: Trata-se de um livro de poesia visto de maneira positiva por J. dos Santos, que opinou ser admirável, com poemas cheios de vida e inspiração, além de ser uma “rajada de inspiração”, com versos de larga fatura, com descrições soberbas e narrações admiráveis. Além disso, o resenhista observou que Carvalho faz do verso o que quer e maneja o *enjambement* de modo a variar o ritmo à sua vontade. Por fim, ele disse elogiosamente que nessa obra Carvalho reuniu o melhor, pois é um trabalho magnífico.

Gênero da obra: poesia

LOMBROSO, Gina. *O livro de Gina Lombroso*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 30 nov. 1908.

Resumo: A autora faz diversas observações sobre, por exemplo, o bicho de pé, observações que, embora se prestassem a tantos gracejos, são exatas, mas exatas em pequenas porções do território nacional. J. dos Santos elogiou a obra por despertar nos leitores a curiosidade por detalhes de certos pontos do Brasil.

Gênero da obra: monografia científica

DOYLE, Conan. *As memórias, o voto e as aventuras de Sherlock Holmes; O sinal dos quatro; Um estudo vermelho; O cão dos Baskerville*. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 dez. 1908.

Resumo: Trata-se de volumes de contos e romances muito interessantes feitos por Doyle, que sempre faz entrecos empolgantes e narrações muito bem feitas. Entre as informações mais importantes fornecidas por J. dos Santos, está o fato de Doyle ser o criador do tipo de Sherlock Holmes, mas não ter grande originalidade literária; em seus romances não há mulheres, pois não existe neles um perfil feminino que adquira a menor importância. Por fim, o crítico elogiou as obras, pois, como ação e como entrecos, são muito empolgantes.

Gênero da obra: contos e romances

Wells. *A máquina de explorar o tempo; O homem invisível*. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 7 dez. 1908.

Resumo: Trata-se de dois romances de fantasias científicas que, embora já exploradas anteriormente por outros autores, Wells lhe deu um caráter especial absolutamente inédito. Entre as qualidades valorizadas por J. dos Santos, está o fato destes livros terem uma ação intensa e alarmante, além do autor ser profundamente original, de muito merecimento, muita sobriedade, visto que toma um dado científico e dele tira um pequeno número de consequências. Por fim, J. dos Santos opinou que todas as pessoas não podem deixar de lê-los, mesmo as pessoas mais “pudicas”.

Gênero da obra: romances

FRAZÃO, Armando. *Um caso de analogia anatomo-fisiológica entre animal e vegetal*. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 dez. 1908.

Resumo: O volume, que é um estudo original ao mostrar um paralelo entre um fruto, cujo nome científico é *Abroma faustos*, com um grupo de animais, enfatizando forma e função, recebeu elogios de J. dos Santos, que diz não se poder negar possuir esse trabalho uma originalidade incontestável, embora o estilo de Frazão não seja muito bom, isto é, “a sua preocupação de fazer estilo difícil” dificulta um pouco a compreensão do livro.

Gênero da obra: monografia sobre biologia

LOPES, Júlia. *A Intrusa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 dez. 1908.

Resumo: O livro de 300 páginas narra a história de uma moça pobre, que se emprega na casa de um viúvo, atraída por um anúncio. Entrando nessa casa estranha, ela, com o passar do tempo, conquista simpatias e provoca rancores. J. dos Santos opina ser um volume harmonioso e perfeito e, talvez, a mais perfeita das produções de Lopes, visto que, de princípio a fim, o entrecos se desenrola com grande simplicidade, em um estilo “transparente”, ao passo que ele descreve as cenas e os personagens, sem nenhum “preciosismo de expressão ou vocabulário”.

Gênero da obra: romance

Bibliografia jornalística. S. l.: s.n., 1908. Resenhado por: Santos, J.dos. *Crônica Literária. A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 28 dez. 1908.

Resumo: Trata-se de uma publicação contendo a bibliografia da imprensa periódica no Brasil, com simples enumeração do jornalismo dos diversos Estados, precedida por um estudo de Alfredo de Carvalho sobre a gênese e os progressos da imprensa periódica no

Brasil, com fotogravuras representando numerosos jornais antigos, cujos aspectos e títulos são bem interessantes. J. dos Santos forneceu algumas informações importantes sobre esse trabalho, opinando que a bibliografia dos jornais apresenta dificuldades especiais, mas, por outro lado, a simples bibliografia jornalística de vários Estados permite, até certo ponto, julgar o respectivo desenvolvimento. Por fim, ele elogiou a publicação, julgando-a ser um trabalho de muito mérito.

Gênero da obra: bibliografia

ITENS QUE SINTETIZAM EDIÇÕES EM QUE J. DOS SANTOS NÃO TRATA ESPECIFICAMENTE DE OBRAS EM SUA COLUNA SEMANAL “CRÔNICA LITERÁRIA”

SANTOS, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 27 nov. 1901.

Resumo: J. dos Santos informou sobre Justiniano José da Rocha, que foi um dos grandes jornalistas políticos, “capaz de se ocupar dos negócios públicos mais áridos, como de traduções de romances, de obras originais de fantasia, trabalhos de jurisprudência e de pedagogia”. Para o crítico, alguns de seus trabalhos “fizeram época” e são, para os pesquisadores de nossa história, elementos importantes de estudo.

SANTOS, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 abr. 1902.

Resumo: J. dos Santos informou a respeito da Comissão da Câmara que, na época, classificou radicalmente as emendas em dois grupos: o das que devem ser aprovadas e o das que devem ser rejeitadas. Em seguida, o resenhista escreveu que Medeiros e Albuquerque apresentou à Câmara um projeto a respeito dos direitos autorais. Medeiros foi ainda o autor da lei que fez uma emenda, encaixada no orçamento, corrigindo o defeito que impedia esse tipo de direito. Por fim, enfocando mais propriamente o campo literário, J. dos Santos resenhou sobre os direitos autorais na “propriedade literária”, como ele chamou.

SANTOS, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 set. 1902.

Resumo: Comentário de J. dos Santos acerca do jornal vespertino *A Notícia*, em comemoração ao seu aniversário.

SANTOS, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 1 out. 1902.

Resumo: Resenha de J. dos Santos sobre E. Zola. O resenhista informa que, na obra de Zola, há duas partes a considerar: a de crítico e a do literato. Para o resenhista, as duas são magníficas, mas são incoerentes, pois “uma, em grande parte, destrói a outra”. Além disso, o crítico ainda informa que os últimos romances de Zola são “romances de these”, visto que “n’elles se defendem doutrinas sociais”. Segundo o resenhista, ninguém defendeu melhor do que Zola os direitos da arte.

SANTOS, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 24 dez. 1902.

Resumo: J. dos Santos responde a um artigo publicado na *Gazeta de Notícias* por Oliveira e Silva, pugnado pelas suas crenças religiosas. O resenhista deixa claro sua visão materialista, em oposição à visão católica e espiritualista fervorosa de Oliveira, quando informa que havia dias que Oliveira contestava as suas afirmações, feitas na

“Crônica literária”, sobre a imortalidade da alma. Entretanto, J. dos Santos deixa claro que não discutiu o assunto, mas opina que sua convicção é que os argumentos teóricos em favor da alma não significam nada para ele.

SANTOS, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 maio 1903.

Resumo: Necrológio de Valentim Magalhães. Primeiramente, J. dos Santos menciona o trabalho crítico do escritor durante muitos anos em *A Notícia*. Em seguida, o resenhista tece comentários positivos sobre o escritor, dizendo que ele era leal, sincero e bom, opinando também que nada do que ele fazia era medíocre e insignificante, fosse “verso ou prosa, romance, teatro ou jornalismo”.

SANTOS, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 3 jun. 1903.

Resumo: Necrológio de Renato Carmil. Na concepção de J. dos Santos, esse autor deve ser lembrado, pois foi ele o verdadeiro criador do serviço de identificação antropométrica pelo sistema de Bertillon. Segundo J. dos Santos, ele é magnífico, talentoso e bem responsável em suas ações de trabalho.

SANTOS, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 29 abr. 1904.

Resumo: Artigo sobre a vida de Eça de Queirós, enfocando o episódio da inauguração da estátua de Eça de Queirós em Lisboa, em 1904. J. dos Santos diz ironicamente que Eça não foi um gênio, porém não se esquece de relatar que seus personagens como, por exemplo, o Conselheiro Acácio, marcaram para sempre a literatura portuguesa. Por fim, o crítico diz que Portugal cumpriu o seu dever erguendo o monumento queirosiano.

SANTOS, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 23 dez. 1904.

Resumo: Texto sobre um comentário de Reis Carvalho, que se defende, em um artigo de jornal, de críticas formuladas por J. dos Santos em “Crônica Literária”. J. dos Santos opina que o escritor é infantil, bobo, idiota e afirma que a ver, “quando um autor entrega ao público uma obra de arte, dá-lhe o amplo direito de criticá-la como bem entender”.

SANTOS, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 11 ago. 1905.

Resumo: Artigo sobre a noite da recepção de novo membro da Academia Brasileira de Letras, em 1905. J. dos Santos relata dois discursos ocorridos na noite: o de Souza Bandeira e o de Graça Aranha. Quanto ao primeiro discurso, ele diz que teve a evocação da figura de Martins Júnior. No que tange ao segundo discurso, ele elogia Graça Aranha, que esteve em todos os momentos à altura do seu talento literário.

SANTOS, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 26 abr. 1907.

Resumo: Trata-se de uma resolução da Academia Brasileira de Letras de tratar da velha questão ortográfica. Na opinião de J. dos Santos, ela faria grande serviço se fizesse essa reforma, pois ninguém vê como se poderia chegar à unificação da ortografia, pois assim ocorreria um desregramento. O resenhista mostrou aprovação à reforma ortográfica apenas se as modificações propostas forem simples, claras, lógicas e acessíveis a todos.

SANTOS, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 17 maio 1907.

Resumo: Nesse momento, J. dos Santos relatou uma discussão que se travou na Academia Brasileira acerca da reforma ortográfica. Na primeira parte, ele informou que

o português se formou do uso vulgar, ou seja, do “baixo calão”, não se podendo dizer, portanto, que o latim clássico é a base do português. Na segunda parte, ele informou que a maioria das alterações que a língua portuguesa sofreu na sua ortografia veio, não do latim, mas do francês. Na terceira parte, ele mostrou que, contra essa reação erudita, a ortografia foi levada para o sentido fonético. Por fim, o resenhista relatou que a contraproposta apresentada à Academia constituía um artigo pedindo que se voltasse à ortografia etimológica e outro que propunha diversas modificações no sentido fonético.

SANTOS, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 nov. 1908.

Resumo: Necrológio de Machado de Assis. Primeiramente, J. dos Santos teceu algumas informações sobre características de Machado, tais como o fato de ele ser tímido, simples, “esquivo”, um homem de cidade, um escritor de “meditação íntima”, cheio de pequenas delicadezas, não arriscando jamais nada que pudesse melindrar o seu interlocutor, uma boa pessoa, muito intelectual, além de sempre ter o prazer de poder elogiar muito algum escritor novo e alguma obra que acabava de ler. Em seguida, o resenhista aludiu ao estilo deste autor, opinando ser novo, bem próprio, bem característico, além de ser leve e “gracioso”. Por fim, ele relatou o falecimento dele, que ficará registrado eternamente na história da literatura brasileira.

SANTOS, J.dos. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 20 nov. 1908.

Resumo: Artigo sobre a morte de Arthur Azevedo. De início, J. dos Santos tratou de crônicas diárias de Azevedo, presentes em *A Notícia*, opinando que ele exagerava em notas burguesas propositalmente, visto que isso se sentia, sobretudo, principalmente nesse gênero de obra. Em seguida, ele mencionou que o artista se revelava no poeta Arthur e provavelmente no dramaturgo, ao passo que o poeta, que não apareceu tanto como o dramaturgo, era admirável. Por fim, depois de notificar o falecimento deste escritor, ele opinou que ninguém como Azevedo conseguia versificar com tamanha graça e facilidade, demonstrando-o longamente em seções humorísticas, além de ele ter sido um tipo de franqueza, de lealdade e de trabalho, ou seja, positivamente um poeta, pois teve “alma”.

Considerações Finais

Tendo em vista que Medeiros e Albuquerque atuou assiduamente tanto na literatura quanto em diversas outras áreas do conhecimento (educação, política, história, psicologia, medicina, entre outras), não seria nada estranho que, possuidor de uma ampla e apurada cultura, fosse, consequentemente, responsável por uma produção artística extremamente heterogênea como a que deixou. De fato, um homem tão dinâmico como pareceu ter sido Medeiros e com diversas ocupações profissionais e literárias não poderia produzir um leque artístico simplório, haja vista que escreveu muitos trabalhos diferentes entre si.

Desde tradicionais poemas, gênero bastante praticado no século XIX, até livro referente à medicina, para esse ousado escritor tudo era feito com muito talento e eficiência. Do mesmo modo, a área do jornalismo sempre foi muito bem explorada por Medeiros e Albuquerque, pois, afinal de contas, além de ter trabalhado em diversos periódicos da época, também teve a direção de dois, o que evidencia o gosto que tal autor demonstrava pela atividade.

O vespertino carioca *A Notícia* teve o privilégio de contar com a participação profissional do jornalista Medeiros e Albuquerque, um dos nomes mais famosos do jornal, em inúmeras ocupações, dentre elas, a de único resenhista da coluna regular “Crônica literária”. Tal espaço periódico tinha o intuito principal de informar obras lançadas pelas várias editoras da época, com o intuito provável de induzir o público leitor a consultá-las.

No entanto, J. dos Santos (pseudônimo de Medeiros e Albuquerque na coluna semanal), não apenas noticiava os livros no período, mas também criticava-os com muita sensibilidade, revelando-se, por isso, um crítico extremamente engajado e perspicaz. Em um espaço bastante escasso dado a esse jornalista para escrever semanalmente a “Crônica literária”, ele desempenhava bem a tarefa com grande poder de síntese, ao passo que procurava adequar seus comentários ao tamanho restrito da coluna. Aliás, a pesquisa concluída teve o objetivo de facilitar a divulgação da crítica de Medeiros e Albuquerque, direcionando-a a um público leitor reflexivo e selecionado.

Além disso, notou-se a grande importância que a “Crônica literária” teve no desenvolvimento da literatura brasileira, visto que ela era um espaço em que J. dos Santos, mais do que simplesmente resenhar livros, opinava sobre os mais variados assuntos (principalmente os ligados diretamente ao campo literário, tais como história e crítica literárias), revelando-se um crítico completo. Assim, como escritor, Medeiros e Albuquerque deu vida a obras de gêneros variados; como jornalista desta coluna regular, ele não poderia abrir mão dessa estratégia, informando sempre trabalhos bastante variados entre si, tanto que era comum, por exemplo, os leitores se depararem em um mesmo dia da semana com lançamentos sem nenhuma ligação evidente nas páginas do vespertino.

Sem sombra de dúvida, as crônicas de J. dos Santos são um diferencial não somente se comparadas com as dos outros cronistas do mesmo periódico, mas também com o próprio gênero “crônica”, embora possuíssem muitas de suas características típicas.

Ademais, foi em um contexto de transformações literárias e restrições de natureza técnica que atuou a “Crônica literária”, pois a literatura passou a se expandir mais fervorosamente em jornais, contribuindo assim para que os leitores pudessem ter mais contato com ela nos periódicos.

Com um apurado bom gosto, J. dos Santos tratou de questões da literatura brasileira, contribuindo, com isso, para a sua divulgação nos periódicos nacionais, além de divulgar também as atuações editoriais da época, estas que, em muitos momentos, foram responsáveis pelas próprias publicações do autor. Por ora, examinando o trabalho do crítico em *A Notícia*, pode-se assim evidenciar um conhecimento mais amplo da crítica literária divulgada em periódicos, proporcionando também o estudo de fontes primárias para a história da literatura nacional.

Em suma, vale observar também que o estudo d'A *Notícia* foi muito relevante, visto que, além de J. dos Santos expor suas frequentes críticas na coluna, a “Crônica literária” continha um conjunto importante de informações sobre a literatura do início do século XX, pois era um documento que não só abrangeu o desenvolvimento da literatura brasileira, como também transmitia informações que formavam os leitores da época, embora de maneira um pouco concisa. Com a peculiar estratégia de não apenas noticiar e sim criticar com grande sensibilidade, J. dos Santos diferenciava-se dos outros cronistas do período e isso contribuiu para que seus textos jornalísticos fossem, por merecimento, estudados.

REFERÊNCIAS

1 Periódico

A Notícia. Rio de Janeiro, 1897-1908. Cotidiano.

2 Relatório científico

CONCEIÇÃO, Priscila Esteves. *A literatura nos periódicos brasileiros: a “Crônica literária” (1897-1902) de Medeiros e Albuquerque (1867-1934)*. 2004. 111 f. Relatório científico (Iniciação Científica) –Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

3 Artigos e Livros

AGUIAR, Flávio. As questões da crítica literária. In: MARTINS, Maria Helena (org.). *Outras leituras*. São Paulo: Ed. SENAC, Itaú Cultural, 2000. P. 19-35.

ALBUQUERQUE, Maurício de. *Pensamentos de Medeiros e Albuquerque*. Rio de Janeiro: Editor Calvino Filho, s.d.

ALBUQUERQUE, Medeiros e. *A arte de conquistar as mulheres*. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1925.

_____. *Canções da decadência*. São Paulo: Carlos Pinto&Comp., 1889.

_____. *Contos escolhidos*. Rio de Janeiro: Editora Brasileira LUX, 1907.

_____. *Em voz alta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909.

_____. *Fim*. São Paulo: Monteiro Lobato & C., 1922.

_____. *Graves e fúteis*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922.

_____. *Hipnotismo*. 6 ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1958.

_____. *Homens e coisas da Academia Brasileira*. Rio de Janeiro: Renascença, 1934.

_____. *Laura*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1933.

_____. *Literatura alheia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

_____. *Mãe tapuia*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

_____. *Marta*. Rio de Janeiro: Renascença, 1920.

_____. *Minha vida*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934.

_____. *O perigo americano*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1919.

_____. *O regime presidencial no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

_____. *O silêncio é de ouro*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.

_____. *O umbigo de Adão*. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1932.

- _____. *Páginas de crítica*. Rio de Janeiro: Leite&Maurillo, 1920.
- _____. *Parlamentarismo e presidencialismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editor Calvino Filho, 1932.
- _____. *Pecados*. São Paulo: Carlos Pinto& Comp, 1889.
- _____. *Poemas sem versos*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1924.
- _____. *Poesias completas de D. Pedro II*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1932.
- _____. *Polêmicas*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1941.
- _____. *Pontos de vistas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913.
- _____. *Por alheias terras*. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1931.
- _____. *Quando eu era vivo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942.
- _____. *Quando eu falava de amor*. Rio de Janeiro: Renascença Editora, 1933.
- _____. *Se eu fosse Sherlock Holmes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.
- _____. *Surpresas*. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1934.
- _____. *Teatro... meu e dos outros*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923.
- _____. *Tests*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1924.
- _____. *Vocabulário brasileiro da ortografia oficial*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1933.
- ALMEIDA, Miguel Osório de. *Ensaaios, críticas e perfis*. 1938. P.220-59.
- ANTELO, Raúl. As rugas de João do Rio. *Boletim Bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v.46, p.91-105, jan.-dez.1985.
- ARARIPE JR, Tristão de Alencar. *Obra crítica de Araripe Jr*. Rio de Janeiro: MEC-Casa de Rui Barbosa, 1958. v.2.
- ARRIGUCCI JR., Davi. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das letras, 1999. p.234-260.
- _____. *Enigma e comentário: ensaios sobre a literatura e experiência*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- _____. Fragmentos sobre a crônica. *Boletim Bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 46, p. 43-53, jan.-dez. 1985.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959.
- AUSTREGÉSILO, A. *Estátuas harmoniosas*. 1940. p.28-35.
- AUTORES e livros. Rio de Janeiro, v.4, n.6, 14 fev. 1943.
- AZEVEDO, Jorge. O ateu Medeiros e Albuquerque. *Pensamento e arte*. São Paulo, n.65, 16 ag. 1953.
- AZEVEDO, Raul de. *Bazar de livros*. 1934. p. 142-52.

- _____. *Meu livro de saudades*. 1938. p.228-44.
- BARBOSA, João Alexandre. *A leitura do intervalo: ensaios de crítica*. São Paulo: Iluminuras, Secretaria do Estado da Cultura, 1990. P.37-62.
- _____. *A tradição do impasse*. São Paulo: Ática, 1974.
- _____. *Opus 60: ensaios de crítica*. São Paulo: Duas Cidades, 1980, p. 25-52.
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- _____. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- BENDER, Flora Christina, LAURITO, Ilka Brunhilde. *Crônica: História, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.
- BLOEM, Rui. *Palmeiras no litoral*. p.110-4.
- BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Trad. de José Roberto O' Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BOLETIM bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v.46, jan-dez. 1985.
- BOND, F. Fraser. *Introdução ao jornalismo*. Trad. de Cicero Sandroni. Pref, de Walter Ramos Poyares. Rio de Janeiro: Agir, 1959.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 42.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BROCA, Brito. Síntese crítico-histórica. In:____. *Introdução ao estudo da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: INL.MEC, 1963.
- _____. *A vida literária no Brasil-1900*. 1956. p.80; 235-6.
- _____. *A vida literária no Brasil-1900*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- BUENO, Francisco da Silva. *Literatura luso-brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1951.
- CAIRO, Luiz Roberto. *O salto por cima da própria sombra*. São Paulo: Annablume, 1996.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.
- _____. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond de et al. *Para gostar de ler*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1987. v.5, p.4-13.
- _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1971.2v.
- _____. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo-SP: EDUSP, 1988.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1964.

- CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1944.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: origens e unidade*. São Paulo: EDUSP, 1999. 2 v.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.
- COSTA, João Cruz. *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- CONY, Carlos Heitor. A crônica como gênero do jornalismo e da literatura. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 6 dez. 2002. Ilustrada, p.16.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olímpio, Niterói: EDUFF, 1986. 6v.
- _____. *A tradição afortunada*. Rio de Janeiro: José Olympio, São Paulo: EDUSP, 1968.
- _____. *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Pallas, Brasília: INL-MEC, 1980. 2v.
- CUNHA, Ciro Vieira da Cunha. *No tempo de Paula Nei*. São Paulo: Saraiva, 1950.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DIMAS, Antonio. Percurso do jornalista. In: _____. *Bilac, o jornalista*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Edusp; Campinas: Ed. da UNICAMP, 2006. p. 37-51.
- _____. Pauta do jornalista. In: _____. *Bilac, o jornalista*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Edusp; Campinas: Ed. da UNICAMP, 2006. p. 53-67.
- _____. A crônica. In: Idem. *Tempos eufóricos* (Análise da revista Kosmos: 1904-1909). São Paulo: Ática, 1983. p. 50-82.
- _____. A entressafra literária. In: Idem. *Tempos eufóricos* (Análise da revista Kosmos: 1904-1909). São Paulo: Ática, 1983. p.3-20.
- DINES, Alberto. Em busca do tempo controlado. In: _____. *O papel do jornal*. Tendências da comunicação do jornalismo no mundo em crise. Rio de Janeiro: Artenova, 1974. p.34-43.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 3.ed. ver. E amp. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- GOÉS, Fernando. *Panorama da poesia brasileira*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1959. 4v.

- GRIECO, Agripino. *A Academia de letras na intimidade*. São Paulo: Duas Artes, 1956.
- _____. *Evolução da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Ltda Ariel, s.d.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.
- JAUSS, Hans Robert. *A História Literária como provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- JOBIM, José Luiz (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- MARTINS, Luís. *Uma coisa e outra*. Rio de Janeiro: Ministério da educação e cultura, 1959.
- MARTINS, Maria Helena (org.). *Rumos da crítica*. São Paulo: Ed. SENAC, Itaú Cultural, 2000.
- MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. São Paulo: Cultrix, EDUSP, 1983, 2v.
- _____. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978, 4v.
- _____. _____. São Paulo: Cultrix, 1978, 5v.
- MENEZES, Raimundo de. *Escritores na intimidade*. São Paulo: Editora S.A., 1949.
- MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 93-133.
- _____. *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.
- MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha* (Estudo clínico dos anatolianos). São Paulo: Perspectiva, 1977. (Elos).
- MIRANDA, Wander Melo (org.). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.
- MOISES, Leyla Perrone. *Altas literaturas: escolhas e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Ática, 1978.
- MOISES, Massaud. *O Simbolismo: a literatura brasileira*. V.4. São Paulo: Cultrix, 1966.
- MOURA, Américo de. *Antologia da língua nacional*. São Paulo: Editora Ltda Ariel, 1944.

- MURICY, Andrade. Introdução. In: Idem. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 3.ed.ver.e ampl. São Paulo: Perspectiva, 1987. v.1, p.90.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século/ A tropical belle époque: elite culture and society in turn-of-the century Rio de Janeiro*. Trad. de Celso Nogueira. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.
- NEVES, Fernão. *A Academia brasileira de letras*. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1940.
- NUNES, Benedito. Historiografia literária do Brasil. In: _____. *Crivo de papel*. São Paulo: Ática, 1998.
- PAES, José Paulo. O art-nouveau na literatura brasileira. In: _____. *Gregos e baianos*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.64-80.
- PERDIGÃO, Henrique. *Dicionário universal de literatura*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1913.
- PORTELA, Eduardo. Dimensões I. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; MEC, 1977.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras* [La ciudad letrada]. Trad. De Emir Sader. Prólogo Hugo Achugar. Introd. Mario Vargas Llosa. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Do barroco ao modernismo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1967.
- REIS, Antonio Simões dos. *Poetas do Brasil*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1949.
- RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.
- RIO, João do. *Psicologia urbana*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.
- RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. *João do Rio: a cidade e o poeta –olhar de flâneur na Belle Époque tropical*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.
- _____. *Novos estudos de literatura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garnier, 1971.
- RONCARI, Luiz. A crônica: duas ou três coisas que penso dela. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 9 jan. 1983. Folhetim, p.8-9.
- RONCARI, Luiz. A estampa da rotativa na crônica literária. *Boletim Bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 46, p. 9-16, jan.-dez. 1985.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SIMÕES JR., Alvaro S. A contribuição de Bilac para a crônica brasileira. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 9/10, p. 235-46, 2004.

_____. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904*. São Paulo: Ed. da UNESP; FAPESP, 2007.

SIMÕES, Antonio. *Poetas do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympico, 1946.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. (Retratos do Brasil, 51).

SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do livro, 1960.

SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: _____. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 13-33.

TADIÉ, Jean-Yves. *A crítica literária no século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1992.

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

VITOR, Nestor. *Obra crítica de Nestor Vitor*. Rio de Janeiro: MEC-Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969.

ANEXO A
ÍNDICE ONOMÁSTICO

- A -

ABRANCHES, Dunshee de – 29 nov. 1907

ABREU, Anísio de – 25 set. 1903

ABREU, Benício de – 4 out. 1907

ABREU, Capistrano de – 13 jul. 1900; 22 nov. 1907; 22 nov. 1907

ABREU, Carvalho de – 17 ago. 1906

ABREU, Cassimiro de – 11 mar. 1898; 9 jun. 1899; 9 jan. 1900; 25 maio 1901; 7 jun. 1901; 21 jan. 1902; 29 maio 1903; 21 out. 1904; 17 fev. 1905

ABREU, José de – 19 abr. 1907

ABREU FILHO, Rodolfo – 23 jun. 1905

ACHARD – 23 jun. 1905

ACKERMANN, Luiza – 10 dez. 1897; 16 jun. 1905

ADAM, Paul – 3 mar. 1899

AFONSO, Martim – 3 ago. 1900

AFRANIO, Julio – 8 out. 1900

AGDÁ – 11 mar. 1898

AGOSTINHO, José – 29 ago. 1902; 3 set. 1902

AGOSTINHO, Santo – 27 abr. 1906; 29 jun. 1906

AGUIAR, Mendes de – 24 abr. 1908

ALBUQUERQUE, Afonso de – 26 ago. 1904

ALBUQUERQUE, Antonio de – 21 fev. 1908

ALBUQUERQUE, Lourenço de – 7 out. 1898

ALBUQUERQUE, Medeiros e – 9 abr. 1900; 1 abr. 1902; 17 maio 1907

ALBUQUERQUE, Solfieri de – 16 maio 1899; 27 nov. 1901

ALCAN, Felix – 5 nov. 1901

ALCANTARA, Pedro de – 30 dez. 1898; 9 set. 1904

ALCORTA, Amâncio – 16 nov. 1900

ALENCAR, José de – 27 maio 1898; 4 set. 1899; 8 set. 1899; 4 out. 1899; 27 fev. 1902; 15 abr. 1903

ALENCAR, Mário – 28 nov. 1902

ALI, Said – 25 ago. 1905

ALIGHIERI, Dante – 29 jan. 1900; 25 set. 1903; 19 abr. 1907; 9 set. 1898; 11 nov. 1898

ALLAIS, Alphonse – 13 jan. 1899

ALLAN-KARDEC – 28 dez. 1900; 17 maio 1902

ALMEIDA, Filinto de – 20 abr. 1906; 31 jan. 1908

ALMEIDA, Julia Lopes de – 25 maio 1906; 24 maio 1907

ALMEIDA, Lacerda de – 7 jun. 1907

ALMEIDA, M.A. de – 5 ago. 1898; 29 out. 1900

ALMEIDA, Pires de – 29 jul. 1903; 4 ago. 1905; 22 nov. 1907

ALMEIDA, Presciliana Duarte de – 26 out. 1906

ALMEIDA JÚNIOR, João Mendes de – 3 maio 1901

ÁLVARES, Nuno – 10 jun. 1898

ALVES, Castro – 11 fev. 1898; 11 mar. 1898; 15 abr. 1898; 12 out. 1899; 20 out. 1899; 25 maio 1901; 7 jun. 1901; 21 jan. 1902; 17 jun. 1904; 21 out. 1904; 8 maio 1908

ALVES, João Luiz – 7 dez. 1906

ALVES, Rodrigues – 25 jan. 1907

ALVES, Serafim José – 4 jan. 1907

ALVIM, Álvaro – 1 ago. 1902

ALVIM, Cesário – 29 set. 1906

AMÁLIA, Narcisa – 11 mar. 1898
 AMARAL, Amadeu – 25 *jul.* 1899; 22 jun. 1906
 AMARAL, Sabino Gurgel do – 13 *maio* 1903
 AMARAL, Ubaldino do – 10 jun. 1898; 18 mar. 1901
 AMARAL, Valeriano Pecegueiro do – 12 *out.* 1900
 AMERICO, Pedro – 11 *maio* 1900
 AMICIS, Edmundo de – 4 ago. 1905
 AMOEDO, Rodolfo – 10 nov. 1906
 AMORIM, Aníbal – 13 *ago.* 1902; 4 *nov.* 1904
 AMPHILOPHIO – 6 nov. 1899
 ANCHIETA – 18 jan. 1907
 ANDRADA, Diogo de Payva – 7 *abr.* 1905
 ANDRADE, Aristheo de – 22 *maio* 1900
 ANDRADE, Goulart de – 4 *maio* 1907
 ANDRÉA, João – 25 *maio* 1901
 ANDRÉA, Mario – 24 *set.* 1901
 ANGELI, Arturo – 4 *out.* 1899
 ANNUNZIO, Gabrieli de – 16 *set.* 1903
 ANSTETI, Ph. – 6 *jan.* 1899
 ARAGÃO, Correia de – 5 *ago.* 1903
 ARAGON, Agostinho – 29 *out.* 1900
 ARANHA, Graça – 28 *abr.* 1902; 16 *set.* 1904; 20 *abr.* 1906; 11 *ago.* 1905
 ARARIPE JÚNIOR – 17 jun. 1898; 30 *set.* 1898; 17 *mar.* 1899; 17 *set.* 1900; 16 *nov.* 1900; 17 *dez.* 1901; 29 *ago.* 1902; 24 *dez.* 1902; 3 *fev.* 1905; 20 *abr.* 1906; 23 *dez.* 1904
 ARAÚJO, Correia de – 20 *jul.* 1906; 4 *maio* 1907
 ARAÚJO, Elísio de – 9 *dez.* 1898
 ARAÚJO, João Vieira de – 17 *jun.* 1901; 17 *dez.* 1901; 27 *fev.* 1902; 20 *jan.* 1905
 ARAÚJO, Nabuco de – 6 *maio* 1898
 ARAÚJO, Silva – 7 *out.* 1898
 ARINOS, Afonso – 27 *maio* 1898; 27 *maio* 1898
 ARISTIDES, Milton – 8 *ago.* 1902
 ARISTÓTELES – 1 *fev.* 1907
 ARTAGÃO, Mario de – 14 *abr.* 1902
 ASSIS, Francisco de – 15 *jun.* 1907

ASSIS, Machado de – 30 set. 1898; 21 out. 1898; 4 nov. 1898; 3 mar. 1899; 17 mar. 1899; 25 jul. 1899; 8 set. 1899; 26 set. 1899; 24 mar. 1900; 25 maio 1901; 18 mar. 1903; 22 abr. 1903; 19 ago. 1903; 9 set. 1903; 5 fev. 1904; 30 set. 1904; 20 abr. 1906; 16 set. 1908; 11 ago. 1905; 14 dez. 1906; 15 mar. 1907; 5 abr. 1907; 29 nov. 1907

AUGUSTO – 18 out. 1907

AULETE, Caldas – 6 jan. 1899

AUSTREGÉSILO, Antonio – 23 set. 1898; 8 set. 1905

AVELLAR FILHO – 31 mar. 1900

AZEVEDO, Álvares de – 11 mar. 1898; 7 jun. 1901; 22 abr. 1903; 10 jun. 1904

AZEVEDO, Arthur – 31 dez. 1897; 21 out. 1898; 7 jan. 1898; 28 out. 1898; 7 jan. 1898; 3 mar. 1899; 9 set. 1898; 30 set. 1898; 17 mar. 1899; 19 set. 1899; 21 abr. 1900; 25 mar. 1903; 29 jul. 1903; 20 abr. 1906; 12 jun. 1908; 26 abr. 1907; 13 dez. 1907

AZEVEDO, Aluísio – 15 abr. 1898; 5 ago. 1899; 16 nov. 1900; 18 mar. 1903; 9 set. 1903

AZEVEDO, Cyro de – 16 set. 1904

AZEVEDO, Corrêa de – 29 jul. 1899

AZEVEDO, Guilherme de – 12 ago. 1903

AZEVEDO, Magalhães de – 28 out. 1898; 4 set. 1899; 28 jul. 1900; 18 nov. 1901; 20 ago. 1902; 4 dez. 1902; 25 fev. 1903; 16 set. 1904; 30 dez. 1904

AZEVEDO, Miranda – 25 fev. 1903

AZEVEDO, Paes – 22 maio 1908

AZEVEDO, Raul de – 19 ago. 1903; 10 nov. 1906; 29 nov. 1907

AKSAKOFF, Alexandre – 28 dez. 1900; 5 nov. 1901; 17 maio 1902; 28 jan. 1903

- B -

BACHE, Harold L. – 22 nov. 1907

BACON, Francis – 17 jun. 1899; 29 jan. 1900

BAIN, Alexandre – 25 nov. 1903; 3 nov. 1905

BALZAC, Honoré de – 28 dez. 1900; 11 mar. 1901; 31 jul. 1901; 19 abr. 1902; 7 abr. 1905; 19 abr. 1905; 29 set. 1906

BANDEIRA, Esmeraldino – 20 jun. 1902; 21 dez. 1906

BANDEIRA, Sousa – 10 dez. 1901; 15 out. 1902; 11 mar. 1904; 11 ago. 1905

BANVILLE – 30 dez. 1904; 17 fev. 1905

BARADUE – 8 set. 1905

BARBALHO, João – 23 *jul.* 1902; 8 ago. 1902; 20 *maio* 1904

BARBE – 25 nov. 1903

BARBOSA, Antonio da Cunha – 14 *abr.* 1899

BARBOSA, Plácido – 18 *maio* 1906

BARBOSA, Ruy – 5 ago. 1898; 14 nov. 1899; 23 mar. 1901; 18 ago. 1905; 20 abr. 1906; 27 jul. 1906; 8 mar. 1907; 21 jun. 1907

BARREIROS, Luiz – 29 *ago.* 1902

BARRETO, Arnaldo – 7 *out.* 1903

BARRETO, Luiz Pereira – 24 jun. 1898

BARRETO, Mário – 28 *out.* 1904; 8 maio 1908

BARRETO, Paulo – 9 dez. 1904

BARRETO, Pereira – 10 *abr.* 1908

BARRETO, Tobias – 31 dez. 1897; 16 jan. 1898; 11 mar. 1898; 18 mar. 1898; 6 *maio* 1898; 10 jun. 1898; 8 set. 1899; 26 set. 1899; 13 *jun.* 1900; 25 *maio* 1901; 21 jan. 1902; 15 abr. 1903; 11 mar. 1904; 10 abr. 1908; 11 ago. 1905; 6 jan. 1905; 20 abr. 1906

BARRIES, Maurice – 23 ago. 1901

BARROS, João de – 20 *out.* 1899; 1 dez. 1905

BARROSO, Collatino – 15 *out.* 1902

BASIN, René – 2 *jun.* 1905

BASTOS, Bolivar – 12 *ago.* 1903; 6 *jul.* 1906

BASTOS, Gomes – 16 *set.* 1903

BASTOS, M. C. Tavares – 23 *nov.* 1900

BAUDELAIRE, Charles – 15 ago. 1899; 28 nov. 1902

BAYNA, Alexandre – 7 *out.* 1904

BECKFORD, Lord – 11 maio 1900

BELLE, Josaphat – 29 *abr.* 1904

BELLET, Daniel – 15 *jul.* 1899

BELLO, Oliveira – 26 fev. 1900

BELLO, Wenceslau – 22 nov. 1907

BENDIKT, Moritz – 31 dez. 1897

BENEVIDES, José Maria Correia de Sá e – 15 nov. 1907

BENÍCIO, Manuel – 24 *jun.* 1899

BENTHAM – 23 nov. 1906

BEOLARD – 22 fev. 1907

BERGUIN – 23 dez. 1898

BERNARD, Claude – 29 jul. 1903

BERNARDELLI, Henrique – 10 nov. 1906; 24 jul. 1908

BERTHELOT – 26 abr. 1907

BERTHOUD, Henry – 9 dez. 1898

BERTILLON – 23 mar. 1901; 3 jun. 1903

BESANT, Annie – 11 fev. 1903; 19 ago. 1904

BESSA, Alberto – 4 ago. 1905

BEVILAQUA, Amélia – 29 ago. 1902; 1 nov. 1907

BEVILLAQUA, Clovis – 4 set. 1899; 6 nov. 1899; 13 jun. 1900; 27 jun. 1900; 20 abr. 1906; 27 jul. 1906; 1 nov. 1907

BHERING, Francisco – 29 abr. 1904

BIANCHI, Leonardo – 4 set. 1899

BIASCO, Mercedes – 1 maio 1908

BICHAT – 5 jun. 1908

BILAC, Olavo – 4 mar. 1898; 3 mar. 1899; 5 maio 1899; 20 out. 1899; 28 jul. 1900; 18 nov. 1901; 21 jan. 1902; 15 fev. 1902; 28 abr. 1902; 6 jun. 1902; 12 jun. 1902; 29 maio 1903; 24 jun. 1903; 9 set. 1903; 29 jan. 1904; 15 jul. 1904; 9 dez. 1904; 23 dez. 1904; 31 jan. 1908; 24 jul. 1908; 13 jan. 1905; 16 jun. 1905; 18 ago. 1905; 20 abr. 1906; 11 maio 1906; 6 jul. 1906; 20 jul. 1906; 27 jul. 1906; 23 nov. 1906; 15 mar. 1907; 24 maio 1907; 15 jun. 1907

BILZ – 6 maio 1903

BINET, Alfredo – 17 set. 1902

BISMARCK – 18 jan. 1907

BITTENCOURT, Liberato – 27 jan. 1905; 21 jun. 1907

BITTENCOURT, Pinheiro de – 26 abr. 1907

BLAS, Ray – 15 fev. 1907

BLAVATSKY- 19 ago. 1904

BLAKE, Sacramento – 4 out. 1899; 13 jul. 1900

BLECH, Aimée – 19 ago. 1904

BLUTEAU, Rafael – 6 jan. 1899

BOCAGE – 7 jan. 1898; 5 ago. 1898

BOILEAU – 10 dez. 1897; 24 jun. 1898; 14 mar. 1900; 21 jun. 1901

BOLÍVAR – 4 dez. 1901

BON, Gustavo Le – 8 dez. 1905

BONAPARTE, Napoleão – 18 jan. 1907

BONFIM, Manoel – 5 *maio* 1899; 20 *out.* 1899; 9 abr. 1900; 21 *nov.* 1902; 8 jul. 1903; 10 *jun.* 1904; 14 *out.* 1904; 19 *maio* 1905; 1 *set.* 1905; 3 *nov.* 1905; 21 *dez.* 1906

BONIFÁCIO, José – 6 jun. 1902; 22 abr. 1904; 25 maio 1906

BORDEAU, L. – 6 jan. 1905

BORGES FILHO, João – 8 *fev.* 1907

BOSSUET – 8 *fev.* 1901

BOUCHARD – 4 mar. 1903

BOUCHOR, Maurice – 24 maio 1907

BOURDEAU – 29 jan. 1904

BOURGET, Paul – 21 jan. 1898; 28 jul. 1900; 27 *fev.* 1902; 19 abr. 1902; 4 dez. 1902; 2 dez. 1903

BOURGETS – 13 jan. 1905

BRAGA, Armando – 29 *jul.* 1903

BRAGA, Belmiro – 6 *abr.* 1906; 20 *fev.* 1903; 6 *abr.* 1906;

BRAGA, Camilo P. – 7 *jul.* 1905

BRAGA, Francisco – 17 nov. 1905

BRAGA, Gentil-Homem de Almeida – 9 dez. 1898

BRAGA, Teophilo – 17 jun. 1898; 14 *abr.* 1902; 21 *jan.* 1903; 7 *jul.* 1905

BRANDÃO, Júlio – 19 *abr.* 1902; 22 *jan.* 1904

BRANDÃO, Paulo – 13 *mar.* 1908

BRANDÃO, Raul – 17 *jun.* 1904

BRANDÃO, Teixeira – 10 mar. 1899

BRANDÃO, Thomas – 29 *abr.* 1904

BRASIL, Moura – 24 jun. 1898

BRASIL, Zeferino – 12 *out.* 1900; 9 *set.* 1903

BRIAND, Aristides – 28 *fev.* 1908

BRICUX – 15 *fev.* 1902

BRIDGMANN, Lauro – 21 abr. 1900

BRITO, Costa – 9 jul. 1901; 9 *dez.* 1903

BRITO, Farias – 17 *jun.* 1899

BRITO, Floriano de – 12 *ago.* 1898; 9 *set.* 1898

BRITO, Herculano – 19 *abr.* 1902; 25 *set.* 1903

BRITO, Teodorico de – 9 *jun. 1905*
 BRITTO, Souza – 21 *nov. 1902*
 BROFERIO – 28 *dez. 1900*; 28 *dez. 1900*
 BRUNO – 19 *dez. 1902*
 BRUNOT – 17 *maio 1907*
 BUARQUE, Felício – 25 *jan. 1907*
 BUCHNER – 29 *jul. 1898*; 29 *out. 1900*
 BUCKLE – 20 *ago. 1902*
 BUE, Alphonse – 8 *set. 1905*
 BUENO, Pimenta – 28 *dez. 1900*
 BUFFON – 10 *jun. 1898*
 BULCÃO, Mario – 8 *abr. 1903*
 BULHÕES, Leopoldo de – 7 *out. 1898*
 BURLAMAQUI, Armando – 5 *out. 1906*
 BUSCH, W. -12 *jun. 1902*
 BYRON – 29 *jan. 1900*; 22 *abr. 1903*

- C -

CAJAL, Ramon y – 23 *jun. 1905*; 1 *fev. 1907*; 10 *jun. 1903*
 CALASANS, Bittencourt – 29 *jan. 1904*
 CALDAS, Felipo – 7 *out. 1904*
 CALDAS, Fernando – 8 *nov. 1907*
 CALDAS, Honorato – 12 *ago. 1898*
 CALDAS, José – 12 *fev. 1904*
 CALHAÚ, Pedro Pevedo da Rocha – 7 *dez. 1906*
 CALINO – 20 *jan. 1905*
 CALVET – 5 *out. 1906*
 CAMARA, Torres – 29 *ago. 1902*
 CAMARGO, Luiza – 5 *fev. 1904*
 CAMBRONAE, Charles Louis – 4 *maio 1906*
 CAMISÃO, Julio – 18 *nov. 1898*
 CAMÕES, Luiz Vaz de – 23 *dez. 1904*; 8 *jun. 1906*; 8 *set. 1899*; 29 *dez. 1899*; 29 *jan. 1900*; 29 *out. 1902*; 21 *jan. 1903*
 CAMPINA, Júlio – 17 *jun. 1898*

CAMPISTA, David – 21 jun. 1907
 CAMPOAMOR – 10 nov. 1906
 CAMPOS, Américo de – 25 fev. 1903
 CAMPOS, Lima – 7 out. 1904
 CAMPOS, Sebastião de – 24 jun. 1904
 CANDIDO, Antonio – 29 abr. 1904
 CANDIDO, Zeferino – 10 jun. 1898; 5 abr. 1902
 CAONECATIM, Frei Bernardo de – 4 maio 1906
 CARDONA, Ibrantina – 10 dez. 1897
 CARDOSO, Candido – 13 jan. 1899
 CARDOSO, Cyriaco – 17 fev. 1905
 CARDOSO, Fausto – 13 maio 1898; 28 dez. 1900
 CARDOSO, José Manuel – 11 maio 1900
 CARDOSO, Symphonio – 9 jul. 1901
 CARDOSO JUNIOR – 13 fev. 1900
 CARLOS, Antonio – 29 set. 1906
 CARLYLE – 19 abr. 1905
 CARMO, José Joaquim do – 1 maio 1899
 CARNEIRO, Magalhães – 24 jan. 1908
 CARNET – 7 jun. 1901
 CARRASCO, Gabriel – 7 jan. 1902
 CARREIRO, Raul – 21 out. 1904
 CARVALHÃES FILHO, José – 8 maio 1908
 CARVALHO, Alberto – 14 out. 1898
 CARVALHO, Alfredo de – 28 dez. 1908; 4 maio 1906
 CARVALHO, Bulhões – 10 nov. 1905; 1 jul. 1901
 CARVALHO, Carlos de – 3 fev. 1905; 19 dez. 1899
 CARVALHO, Deoclydes de – 27 dez. 1907
 CARVALHO, Elísio de – 21 abr. 1900; 5 out. 1906
 CARVALHO, Horácio de – 7 set. 1900; 24 mar. 1902; 17 jun. 1903
 CARVALHO, Marques de – 5 ago. 1899; 17 set. 1900
 CARVALHO, Prado – 5 abr. 1902
 CARVALHO, Reis – 25 mar. 1903; 1 abr. 1903
 CARVALHO, Vicente de – 30 nov. 1908; 30 nov. 1908; 17 maio 1902; 8 set. 1899

CARVALHO, Xavier de – 15 jul. 1899; 15 fev. 1902

CASSIANO – 9 jun. 1899

CASTANHEIRA, Mário – 18 mar. 1904

CASTELLANE, Boni de – 16 set. 1908

CASTELLAR, Emílio – 20 nov. 1908

CASTELO BRANCO, Camilo – 21 jan. 1898; 21 abr. 1900; 30 set. 1904; 29 maio 1908

CASTILHO – 17 fev. 1905

CASTILHO, Álvaro de – 8 nov. 1907

CASTRICIANO, Henrique – 31 maio 1899; 26 set. 1899; 15 jul. 1903

CASTRO, A. O. Viveiros de – 5 ago. 1899

CASTRO, Aluísio de – 6 abr. 1904

CASTRO, Eugenio de – 18 mar. 1898; 30 nov. 1906; 17 set. 1900; 12 ago. 1903

CASTRO, J. de – 28 out. 1898; 21 abr. 1900

CASTRO, José Luciano de – 27 abr. 1906

CASTRO, Luis de – 2 dez. 1898

CASTRO, Marcos de – 11 fev. 1898

CASTRO, Viveiros de – 31 dez. 1897; 26 fev. 1900; 17 jun. 1901; 25 out. 1901; 10 dez. 1901; 17 fev. 1904

CATÃO – 18 out. 1907; 19 set. 1899

CATARUZZA, Mario – 17 ago. 1906

CAVALCANTI, Amaro – 7 jun. 1901

CAVALCANTI, Augusto – 18 nov. 1901

CAVALCANTI, Moreira – 2 out. 1901

CAVALCANTI, R. – 19 ago. 1899

CAVALCANTI, Uldarico – 24 jun. 1903

CAXIAS, Duque de – 29 set. 1906

CELSON, Afonso – 19 ago. 1898; 24 fev. 1899; 31 jan. 1908; 20 abr. 1906; 19 dez. 1899; 26 fev. 1900; 1 mar. 1901; 4 dez. 1901; 14 mar. 1902; 25 fev. 1903; 22 jul. 1903; 14 out. 1904

CELSON JÚNIOR, Afonso – 26 out. 1906

CEPELLOS, Baptista – 5 abr. 1907

CERVANTES, Miguel de – 10 jan. 1908; 25 ago. 1905

CEZAR, Julio – 8 nov. 1907

CEZAR, Moreira – 15 jul. 1899

CHAGAS, Alexandrino das – 21 out. 1904

CHAGAS, José – 9 dez. 1903

CHAGAS, Pinheiro – 10 jun. 1898; 12 fev. 1904

CHAMBERS, George – 17 nov. 1905

CHARCOT – 27 jan. 1899; 21 nov. 1902

CHASTEAU, L. – 17 set. 1902; 17 set. 1902

CHATEAUBRIAND – 11 mar. 1898; 20 out. 1899; 8 fev. 1901

CHEVALIER – 31 dez. 1897

CHOPART – 12 abr. 1907

CINTRA, Alarico – 29 jun. 1906

CLESER, Vera – 25 mar. 1903

COELHO NETO – 18 mar. 1898; 27 maio 1898; 30 set. 1898; 8 fev. 1899; 3 mar. 1899; 3 abr. 1908; 22 maio 1908; 20 maio 1903; 13 jan. 1905; 7 jul. 1905; 18 ago. 1905; 3 nov. 1905; 17 nov. 1905; 22 dez. 1905; 6 abr. 1906; 20 abr. 1906; 25 maio 1906; 10 nov. 1906; 23 nov. 1906; 24 maio 1907; 1 maio 1899; 31 maio 1899; 24 jun. 1899; 26 fev. 1900; 7 set. 1900; 23 mar. 1901; 13 ago. 1902; 18 mar. 1903; 9 set. 1903; 29 abr. 1904; 9 set. 1904; 28 out. 1904; 9 dez. 1904

COELHO, Carlos – 9 jun. 1899

COELHO, Henrique – 1 abr. 1903

COELHO, Xavier – 31 jul. 1901

COLLAÇO, Branca de Conta – 19 jun. 1908

COLLAÇO, Jorge – 19 jun. 1908

COLOMBO, Cristóvão – 8 fev. 1907

COMPAYRÉ – 17 set. 1902

COMTE, Auguste – 29 jul. 1898; 10 abr. 1908; 5 jun. 1908; 27 jan. 1905; 7 abr. 1905; 17 set. 1900; 29 out. 1900; 10 abr. 1901; 16 jul. 1901; 24 set. 1901; 7 maio 1902; 1 abr. 1903; 1 maio 1903; 14 out. 1904

CONRADO, Alberto – 20 jan. 1905

CONSELHEIRO, Antonio – 26 out. 1906

CONSTANT, Benjamin – 16 set. 1903

CONTENTE, Clementino – 30 dez. 1898

CONTENTE, Padre – 20 mar. 1908

COPERNICO – 10 jun. 1898

COPPÉE, François – 7 set. 1900

CORDEIRO, Carlos – 27 nov. 1901

CORNEILLE – 19 ago. 1898

CORREA, Serzedello – 27 nov. 1901; 13 jan. 1904; 15 abr. 1904

CORREIA, J. Romaguera – 16 set. 1898

CORREIA, João Antonio – 9 set. 1904

CORREIA, Manuel Viriato – 18 ago. 1905; 20 jul. 1906; 23 nov. 1906; 10 jun. 1903

CORREIA, Raimundo – 9 dez. 1898; 13 jan. 1899; 20 abr. 1906; 20 jul. 1906; 11 jan. 1907; 15 mar. 1907; 10 maio 1907; 29 maio 1903; 2 dez. 1904

CORTINES, Julia – 16 jun. 1905

COSTA, Afonso – 9 jun. 1905

COSTA, Antonio da – 9 jul. 1902

COSTA, Cláudio Manuel da – 1 maio 1903

COSTA, Eurico da – 8 fev. 1907

COSTA, Jacinto – 28 jan. 1903

COSTA, Martins – 4 out. 1907

COSTA, Pereira da – 1 jun. 1906; 14 abr. 1899

COSTA, Vieira da – 16 out. 1903

COSTE, Albert – 8 jul. 1903

COUTINHO, Álvares – 15 out. 1906

COUTINHO, João – 9 jul. 1901

COUTINHO, José Bonifácio de Oliveira – 18 nov. 1903

COUTINHO, Lacerda – 17 dez. 1901

CRESPO, Gonçalves – 11 mar. 1898; 22 maio 1900; 24 jun. 1903

CROOKS – 5 nov. 1901

CRUCHAGA, Miguel – 6 ago. 1901

CRUZ, Azevedo – 11 out. 1901

CRUZ, Cunha – 16 jul. 1901

CRUZ, Dilermando – 24 jul. 1908

CRUZ, Guilherme – 8 jun. 1906

CUNHA, Euclides da – 18 jan. 1907; 12 dez. 1902; 4 mar. 1904

CUNHA, Ferreira da – 14 jan. 1903

CUNHA, Lassange – 7 ago. 1908

CUNHA, Manoel Jacinto F. da – 28 fev. 1908

- D -

D'ACHE, Caran – 1 maio 1908
 D'AGUIAR, Garcia – 12 out. 1899
 D'ALBERGARIA, Sá – 23 jul. 1902
 D'ANGLAS, Boissy – 27 dez. 1907
 D'ANNUNZIO, Gabriel – 27 ago. 1900; 3 maio 1901; 7 maio 1902; 13 ago. 1902; 22 jun. 1906
 D'ARIÉVILLE, Maurice – 14 dez. 1906
 D'ESPERANCE, Mme. – 5 nov. 1901
 DALAI-LAMA – 25 out. 1901; 5 nov. 1901
 DAMASCENO, João – 3 fev. 1905
 DANTAS, Júlio – 6 maio 1903
 DARCY, James F. – 12 ago. 1898; 15 jun. 1907
 DARDIGNAC, Fernand – 19 ago. 1899
 DARG, Jean – 1 mar. 1901
 DÁRIO, Ruben – 21 set. 1906
 DARMESTELER, Hatziel – 8 nov. 1907
 DARWIN – 16 jan. 1898; 18 mar. 1898; 24 set. 1901; 8 fev. 1907
 DAUDET – 7 dez. 1908
 DAVENPORT – 5 nov. 1901
 DAWSON – 25 dez. 1903
 DE AMICIS – 24 maio 1907
 DEBAY – 19 abr. 1902
 DEBIENE – 25 dez. 1903
 DELAGE – 9 dez. 1904
 DELAGE, Yves – 6 jan. 1905
 DELANNE, Gabriel – 19 ago. 1904
 DELANNE, Leon – 1 mar. 1901
 DELANNE, Salvinio – 28 dez. 1900
 DELEUSE – 8 set. 1905
 DELFINO, Luiz – 15 abr. 1903
 DELPECH, Adrien – 27 maio 1904; 22 dez. 1905
 DEMÓCRITO – 12 out. 1899
 DENIS, Leon – 18 nov. 1898; 1 mar. 1901; 18 mar. 1901;

DEODORO – 30 jan. 1902
 DESCARTES – 17 jun. 1899
 DESMOLINS, Edmond – 20 jan. 1905; 27 mar. 1908
 DESNOYERS, Luiz – *16 nov. 1900*
 DEUS, João de – 15 jun. 1907
 DEWEY, Melvil – 31 jul. 1901; 27 nov. 1901
 DIAS, Arthur – *22 nov. 1899; 11 out. 1901; 17 dez. 1901; 26 ago. 1904*
 DIAS, Gonçalves – 11 mar. 1898; 27 maio 1898; 9 jun. 1899; 4 set. 1899; 7 jun. 1901; 9 set. 1901; 27 fev. 1902; 17 jun. 1904; 21 out. 1904; 9 jun. 1905; 21 set. 1906
 DIAS FILHO, Alberto – 9 out. 1902
 DINIS, Júlio – 17 jan. 1908
 DOLORES, Carmen – *27 mar. 1908*
 DORIA, Escragnoille – *2 dez. 1903*
 DOSTOIEWSKY – 15 ago. 1899
 DOYLE, Conan – *7 dez. 1908*
 DOYLE, Guan – 10 abr. 1908
 DRUMMOND, Lima – *18 nov. 1898*
 DU POLET – 8 set. 1905
 DUARTE, Fortunato da Fonseca – 24 abr. 1908
 DUARTE, Rafael – *10 maio 1907*
 DUARTE, Urbano – 26 maio 1905
 DUBOIS, Edmond – *3 mar. 1899*
 DUFAUX, Ermande – *19 set. 1899*
 DUMAS PAI, Alexandre – 28 jan. 1898; 7 dez. 1908; 4 mar. 1904; 15 mar. 1907
 DUMONT, Santos – 7 jan. 1902; 1 jun. 1907
 DUNOYER, Carlos – *16 maio 1899*
 DUQUE, Gonzaga – *30 dez. 1898; 26 fev. 1900*
 DUQUE-ESTRADA, Eduardo – 14 abr. 1899
 DUQUE-ESTRADA, Osório – *5 nov. 1902*
 DURVAL, Guerra – *22 fev. 1901*
 DURWY, Victor – 26 ago. 1903
 DUTRA, Antero – *21 out. 1898*
 DUVAL, Mathias – 5 jun. 1908

- E -

EDMUNDO, Luiz – 4 mar. 1898; 4 nov. 1898; 7 jun. 1907

EEDEN, Van – 27 jan. 1899

EGANA, Rafael – 3 maio 1901

EHRENREICH – 30 jan. 1902

ELISABETH – 15 mar. 1907

ELYSIO, Filinto – 1 jun. 1906

ENNES, Antonio – 23 dez. 1898

EPICURO – 12 out. 1899

ERNESTO JUNIOR, Bento – 5 fev. 1904

ERRANTE, Judeu – 25 jan. 1907

ERRAZURIZ, Izidoro – 29 ago. 1902

ESCOBAR, José – 21 set. 1906

ESCRICH, Perez – 20 jan. 1899; 5 ago. 1899

ESPANET, A. -1 set. 1905

EULÁLIO, José – 29 jul. 1903; 17 nov. 1905

- F -

FACÓ, Eurico – 8 out. 1900

FAJARDO, Francisco – 8 ago. 1902; 20 ago. 1902; 6 fev. 1903; 15 abr. 1904

FARIA, Alves de – 8 jul. 1904

FARIA, Bento de – 3 fev. 1905; 1 jun. 1907

FARIA, Oswaldo de – 1 jun. 1907

FARIAS, Alves de – 18 ago. 1905

FAVRE, Julio – 12 out. 1900

FEIJÓ, Antonio – 17 fev. 1905

FERNANDES, Álvaro – 3 mar. 1899; 10 mar. 1899

FERNANDES, Carlos – 11 maio 1906

FERNANDES, Carlos D. – 14 mar. 1900; 28 nov. 1902

FERNANDO, Carlos Dias – 12 ago. 1903

FERRAZ, Domingos de Sampaio – 5 out. 1906

FERREIRA, Carlos de Souza – 29 jul. 1903

FERREIRA, Clemente – 7 out. 1898

FERREIRA, Felix – 25 mar. 1903

FERREIRA, Sara Villares – 15 abr. 1903
 FERRERO – 23 nov. 1906
 FERRERO, Guilherme – 18 out. 1907; 8 nov. 1907
 FERRI – 30 nov. 1908
 FERRO, Aderson – 17 fev. 1899
 FIGANIÈRE – 7 out. 1903
 FIGUEIRA, Fernandes – 15 fev. 1902; 7 out. 1903
 FIGUEIREDO, Anthero de – 3 mar. 1905
 FIGUEIREDO, Candido de – 1 jul. 1903; 19 dez. 1903; 28 out. 1904; 18 maio 1906; 15 out. 1906; 19 out. 1906; 8 mar. 1907; 4 maio 1907; 8 nov. 1907; 8 maio 1908; 22 maio 1908
 FIGUEIREDO, Manoel – 6 jul. 1906
 FIGUEIRINHAS, Antonio – 17 set. 1902
 FIGUEREDO, Aurélio de – 19 ago. 1899
 FLAMMARION, Camilo – 11 fev. 1903
 FLAUBERT – 29 jul. 1899; 26 fev. 1900; 13 jul. 1900; 28 maio 1902; 15 fev. 1907; 7 dez. 1908; 1 out. 1902
 FLORIANO, Osório de – 30 jan. 1902
 FLORO, Lúcio – 11 fev. 1898
 FONSECA, Alvarenga – 10 mar. 1899
 FONSECA, João Severino da – 13 jan. 1899
 FONSECA, José Joaquim de Oliveira – 20 jun. 1902
 FONSECA, Masson da – 4 jul. 1908
 FONSECA, Pausilippo da – 17 jun. 1899; 13 fev. 1900
 FONSECA, Simões da – 6 jan. 1899
 FONTENELLE, Vital – 15 jul. 1898; 22 jul. 1898; 8 out. 1900
 FONTES, Hermes – 29 maio 1908; 12 jun. 1908
 FORAIN – 1 maio 1908
 FOUILLÉE – 11 dez. 1899
 FOUQUIER – 1 abr. 1902
 FRANCE, Anatole – 21 jan. 1898
 FRANÇA JÚNIOR – 26 maio 1905
 FRANCO, Augusto – 29 set. 1906
 FRAZÃO, Armando – 28 dez. 1908

FREDERIC, Léon – 8 ago. 1902
 FREIRE, Felisberto – 6 nov. 1899
 FREIRE, Junqueira – 7 jun. 1901
 FREIRE, Laudelino – 16 set. 1898; 7 set. 1900; 22 abr. 1903; 17 jun. 1904
 FREIRE, Moniz – 7 dez. 1906
 FREIRE, Olavo – 6 abr. 1904; 13 dez. 1907
 FREIRE, Silva – 31 jul. 1901
 FREIRE, Theotonio – 22 maio 1900
 FREITAS, A. Dias – 20 jan. 1899
 FREITAS, J. H. de – 19 set. 1899
 FREITAS JUNIOR, Júlio de – 20 maio 1904
 FREYTAG, Gustavo – 5 maio 1899; 22 jan. 1900
 FURTADO, Azubem – 13 maio 1903

- G -

GABAGLIA, Raja – 9 nov. 1900
 GABIZO, Pizarro – 7 out. 1904
 GALILEU – 10 jun. 1898
 GALTON – 23 mar. 1901
 GALVÃO, Olympio – 2 out. 1901
 GALVÃO, Ramiz – 12 out. 1899
 GALVÃO, Trajano – 9 dez. 1898
 GAMA, Chichorro da – 13 ago. 1901
 GAMA, Domício da – 24 set. 1901; 20 abr. 1906
 GAMA, Luiz – 22 abr. 1904
 GAMA, Vasco da – 1 dez. 1899
 GARÇÃO, Mayer – 21 fev. 1908
 GARINHO, Adalberto – 4 dez. 1902
 GARNIER, P. – 7 maio 1902; 3 fev. 1905
 GARRET, Almeida – 27 mar. 1908; 17 maio 1902
 GARRIDO, Eduardo – 17 set. 1901
 GASPAR, Felix – 31 dez. 1902
 GAULIER, Théophile – 24 jul. 1908
 GAUTIER, Armand – 20 ago. 1902

GAUTIER, Theophilo – 4 fev. 1898; 7 out. 1898; 6 jan. 1899; 11 jan. 1907; 26 set. 1902; 26 ago. 1904; 9 jun. 1905

GEIKE – 12 out. 1899

GERLACHE – 6 maio 1904

GIBIER, Paul – *19 ago. 1904*

GIUSTI – 8 ago. 1902

GLATIGNY – 17 fev. 1905

GODOIS, Barbosa de – *17 set. 1901*

GÓES, Carlos – *7 out. 1898; 15 jul. 1904*

GOES, Eurico de – *21 out. 1898*

GÓES, Oliveira – *13 mar. 1908*

GOES FILHO, Domingos de – *12 abr. 1907*

GOETHE – 29 jan. 1900; 19 abr. 1905; 25 ago. 1905

GOLGI – 1 fev. 1907; 10 jun. 1903; 23 jun. 1905

GOMES, Costa – *2 dez. 1904*

GOMES, Ismael – *30 jan. 1902*

GOMES, Oliveira – *15 ago. 1899*

GONCOURT, Edmundo de – 2 dez. 1903; 4 fev. 1898; 9 jan. 1900; 7 dez. 1908; 19 ago. 1904; 20 jul. 1906

GONZAGA, T. Antonio – 20 mar. 1908; 1 maio 1903

GONZAGA FILHO, José Basileu Neves – *3 abr. 1908; 2 out. 1903*

GORKI – 25 ago. 1905

GOUVEIA, Nerval de – 22 jul. 1903

GRAÇA, Heráclito – 8 maio 1908; *28 out. 1904*

GRAINHA, Borges – *27 abr. 1906*

GRANIER, P. – *9 jun. 1899*

GRAVE, João – *2 dez. 1903; 3 mar. 1905; 8 jun. 1906*

GREGH, Fernando – 17 fev. 1905

GRIMALDI, F. – *19 abr. 1902*

GROTIUS – 13 maio 1903

GUALBERTO, Luciano – *26 jun. 1908*

GUANABARA, Alcindo – 7 out. 1898; 17 set. 1902; *22 abr. 1903; 3 nov. 1905*

GUARINELLO, Ângelo – *7 dez. 1906*

GUEDES, Pelino – 29 set. 1906

GUERRA, Álvaro – 16 nov. 1900

GUILHERME II – 18 jan. 1907

GUIMARÃES, Alphonsus de – 17 mar. 1899; 5 maio 1899; 13 fev. 1900

GUIMARÃES, Arthur – 5 ago. 1898; 22 jan. 1900

GUIMARÃES, Bernardo – 19 set. 1899; 26 fev. 1900; 25 jan. 1907

GUIMARÃES, Emanuel – 9 jul. 1900

GUIMARÃES, Flanklin – 11 jan. 1907

GUIMARÃES, Jayme – 16 jul. 1901; 24 jun. 1903

GUIMARÃES, Leite – 13 jan. 1899

GUIMARÃES, Luiz – 13 fev. 1900

GUIMARÃES, Moreira – 28 fev. 1908; 28 maio 1902

GUIMARÃES, Pinheiro – 4 mar. 1903; 23 jun. 1905

GUIMARÃES, Teófilo – 15 out. 1906

GUIMARÃES, Vieira – 4 mar. 1903

GUIMARÃES FILHO, Luís – 4 mar. 1898, 8 fev. 1899; 29 jul. 1899; 16 jul. 1901; 16 set. 1904; 4 nov. 1904; 25 jan. 1907;

GUIZAN, Thomas Aristóteles – 6 maio 1904

GURGEL, Sabino – 13 maio 1903

GUSMÃO, Antonio Cardoso de – 13 ago. 1901

GUTIERRES – 25 maio 1906

GUTTEMBERG – 11 out. 1901

GUYAU – 1 abr. 1903; 24 maio 1907

GYEL, E. – 24 out. 1902

- H -

HAECKEL – 18 mar. 1898; 13 maio 1898; 13 jun. 1900; 24 out. 1902; 17 jun. 1903; 25 dez. 1903; 23 nov. 1906; 28 dez. 1908; 24 dez. 1902

HAMANN – 25 dez. 1903

HAMSON, Kourt – 4 jan. 1907

HARACOURT – 8 out. 1900; 15 fev. 1902; 13 out. 1905; 17 nov. 1905; 11 maio 1906

HARAUCOUT, Edmond – 9 jun. 1899

HARTMANN – 28 dez. 1900; 19 dez. 1902

HEDIN, Seven – 6 maio 1904

HEINE, Henri – 22 maio 1900; 25 mar. 1903; 11 out. 1901; 10 nov. 1906

HEINE, L. – 25 *mar.* 1903
 HELMOLTZ – 22 jan. 1900
 HELMONT, Van – 9 set. 1898
 HELVECIO, Marcelo – 8 *abr.* 1903
 HENNEQUIN – 7 jan. 1903
 HERCULANO, Afonso – 10 jun. 1898
 HERCULANO, Alexandre – 11 out. 1901; 30 set. 1904; 21 *jul.* 1905; 1 abr. 1902
 HEREDIA, E. – 17 fev. 1905; 22 dez. 1905; 15 fev. 1907
 HERVIEN – 25 ago. 1905
 HIGGINS, Arthur – 22 *nov.* 1899; 15 *out.* 1902
 HINZELIN, Emile – 8 out. 1900
 HODGSON – 11 fev. 1903
 HOMEM, Torres – 7 out. 1898; 15 fev. 1902; 4 out. 1907
 HOMERO – 20 jan. 1905
 HORÁCIO – 18 out. 1907; 17 maio 1907
 HORSZOWSKI, Miecio – 5 out. 1906
 HORTA, Bernardo – 7 dez. 1906
 HORTA, Brand – 9 *jun.* 1905
 HOSEN – 23 ago. 1901
 HOUDIN, Robert – 9 jul. 1901
 HUGO, Victor – 29 jul. 1898; 3 mar. 1899; 8 set. 1899; 1 dez. 1899; 29 jan. 1900; 17 set. 1900; 23 nov. 1900; 22 fev. 1901; 7 maio 1902; 9 *jul.* 1902; 11 mar. 1903; 15 jul. 1903; 2 dez. 1904; 26 out. 1906; 15 fev. 1907; 8 nov. 1907
 HUME – 21 out. 1903
 HUXLAY – 21 out. 1903
 HUYSMANS – 15 fev. 1902

- I -

IBSEN – 15 ago. 1899; 9 jul. 1900
 ISMELLO – 9 *set.* 1901
 IVO, Pedro – 10 jun. 1904

- J -

JAGUARIBE, Domingos – 24 *jun.* 1898

JANET, Pierre – 1 maio 1903

JARDIM, Silva – 15 abr. 1903

JAX – 29 jan. 1904

JOÃO VI, Dom – 10 jun. 1898

JOBIM, Maurício – 3 mar. 1899

JOMDAN – 9 set. 1898

JULES – 9 dez. 1904

JÚLIA, Francisca – 11 mar. 1898

JUNIUS, Léo – 5 nov. 1901; 11 fev. 1903

JUNQUEIRO, Guerra – 7 jan. 1898; 11 fev. 1898; 18 fev. 1898; 15 abr. 1898; 15 jul. 1899; 26 set. 1899; 21 abr. 1900; 28 jul. 1900; 15 fev. 1902; 6 jun. 1902; 29 out. 1902; 15 jul. 1903; 30 mar. 1904; 5 ago. 1904; 20 jul. 1906; 11 jan. 1907; 4 maio 1907; 12 jun. 1908

- K -

KARDEC, Allan – 28 dez. 1900; 17 maio 1902; 4 dez. 1902; 19 ago. 1904; 25 jan. 1907

KEMP, Emílio – 19 set. 1899

KEMPIS – 19 ago. 1898

KEPLER – 10 jun. 1898

KHIJANOWSKI – 22 jul. 1903

KIRCHOFF, Alfred – 29 ago. 1902

KNEIPP – 6 maio 1903

KOCK, Paulo de – 5 ago. 1898; 18 nov. 1898; 20 jan. 1899; 1 maio 1899; 5 ago. 1899; 26 fev. 1900; 28 jul. 1900

KOPKE, João – 3 ago. 1900

KRAUSE – 23 nov. 1906

KRAUT – 23 nov. 1906

KROPITCHVINSKI – 25 out. 1901; 5 nov. 1901

KUHNÉ – 6 maio 1903

- L -

L., S. de – 21 out. 1898

LA BRUYÈRE – 19 set. 1899

LA FONTAINE – 2 dez. 1898; 22 jan. 1904; 8 set. 1905; 27 mar. 1908

LA ROCHEFOUCAULD – 25 jul. 1899; 29 jan. 1904

LABIENO – 26 set. 1899; 7 set. 1900

LACERDA, Gustavo de – 31 jul. 1901

LACERDA, J. M. de – 4 set. 1899

LACROIX, Desiré – 27 maio 1904

LAET, Carlos de – 1 maio 1899; 17 maio 1907

LAFITTE, Pierre – 29 out. 1900; 5 nov. 1901

LAGO, Cândido – 8 maio 1908

LAMARTINE – 8 fev. 1901

LANCLOIS – 22 fev. 1907

LANGLEBERT, J. – 18 mar. 1901

LAPPARENT – 12 out. 1899; 20 out. 1899

LARBALÉTRIER, Albert – 28 dez. 1900

LAURENT – 8 ago. 1902

LAURET, Paulo – 19 abr. 1907

LAVERAN – 20 ago. 1902; 15 abr. 1904

LEAL, Arlindo – 22 dez. 1905

LEAL, Gomes – 29 out. 1902; 5 ago. 1903

LEÃO XIII – 24 jun. 1898; 1 jun. 1907

LEGRAND, Lowis – 19 dez. 1900

LEITÃO, Joaquim – 9 nov. 1900

LEITÃO, José Henrique de Sá – 19 out. 1901

LEITE, André – 24 abr. 1908

LEITE, A. de Souza – 4 mar. 1898

LEITE, Marques – 8 fev. 1899

LELLIS, Carlindo – 26 fev. 1904

LEMAITRE, Júlio – 29 jan. 1904; 27 jan. 1905

LEMERRÉ – 11 jan. 1907

LEMEÛTRE – 3 abr. 1901

LEMONS, Eduardo Floriano de – 22 abr. 1904

LEMONS, Miguel – 16 maio 1899; 19 ago. 1899

LEMONS, Norival de – 20 mar. 1908

LENCLOS, Ninon de – 7 jan. 1898

LEON CAVALLO – 17 jan. 1908

LEOPOLDO, Padre Duarte – *1 maio 1899*

LESSA, Pedro – *23 nov. 1906*

LESSA, Themudo – *26 ago. 1904*

LEVASSEUR – *13 dez. 1907*

LICÍNIO, Pedro – *25 jan. 1907*

LIÈBEAULT – *21 nov. 1902*

LIMA, Antonio – *25 jan. 1907*

LIMA, Augusto de – *20 abr. 1906*

LIMA, Dias – *1 mar. 1907*

LIMA, Hermeto – *13 maio 1898; 19 out. 1906*

LIMA, Mário de – *12 jun. 1908*

LIMA, Oliveira – *11 dez. 1899; 19 abr. 1901; 27 abr. 1901; 25 fev. 1903; 7 out. 1903; 4 nov. 1903; 3 jun. 1904; 16 set. 1904; 28 fev. 1908*

LIMA, Rocha – *29 set. 1906*

LINS, Francisco – *17 jun. 1898*

LISLE, Leconte de – *10 dez. 1897; 30 set. 1898; 9 jan. 1900; 29 jan. 1900; 12 out. 1900; 22 fev. 1901; 25 maio 1901; 10 abr. 1908*

LITTRÉ – *29 out. 1900*

LOBO, Américo – *15 jul. 1904*

LOBO, Antonio – *27 nov. 1901; 19 dez. 1903*

LOBO, Arthur – *3 jul. 1899; 1 jul. 1901*

LOBO, Bruno – *1 fev. 1907; 5 jun. 1908*

LOBO, Estevan – *12 nov. 1902*

LOBO, Hélio – *6 jul. 1906*

LOBO, Souza – *26 set. 1902*

LODGE, Oliver – *17 maio 1902*

LOEB – *9 dez. 1904*

LOMBROSO, Gina – *5 nov. 1901; 18 out. 1907; 30 nov. 1908*

LOPES, Bernardino – *11 jun. 1899; 29 jan. 1900; 25 dez. 1901; 9 out. 1902; 10 jun. 1904; 10 fev. 1905; 1 jun. 1906; 19 out. 1906*

LOPES, Castro – *4 maio 1906; 10 abr. 1908*

LOPES, Júlia – *21 jan. 1898; 11 mar. 1898; 11 jul. 1899; 29 out. 1900; 5 fev. 1902; 28 abr. 1902; 19 dez. 1902; 14 dez. 1906; 28 dez. 1908*

LOPES, Oscar – *14 set. 1906; 1 fev. 1907; 4 maio 1907; 11 out. 1907*

LOPES, Teixeira – 29 abr. 1904
 LOPES, Thomaz – 18 nov. 1901; 5 abr. 1907; 10 jan. 1908
 LOTI, Pierre – 4 fev. 1898; 4 out. 1899; 28 fev. 1908
 LOUIS, Paul – 3 nov. 1905
 LUBBOCK – 17 jul. 1908
 LUCINDO FILHO – 10 jun. 1898; 19 abr. 1901
 LUCO, Luiz Orrego – 7 jan. 1902
 LUCRECIO – 21 out. 1898; 12 out. 1899; 1 abr. 1903
 LUDORO – 14 abr. 1899
 LUIZ I, Dom – 29 out. 1902
 LUNA, Costa – 17 fev. 1905
 LUPIO, Arsene – 7 dez. 1908
 LUSO, João – 10 jun. 1904; 31 jan. 1908
 LUSTOSA, Monsenhor Vicente – 18 set. 1901
 LUSTOSA, Vicente – 6 jun. 1902
 LUTERO – 29 dez. 1899; 16 nov. 1906
 LUZ, Fabio – 29 ago. 1902; 2 set. 1903; 29 jun. 1906; 29 jun. 1906
 LYELL – 18 out. 1907

- M -

MACHADO, Julião – 27 mar. 1908
 MACHADO, Julio – 11 out. 1901
 MACHADO, Vicente – 22 out. 1900
 MACHADO SOBRINHO – 22 maio 1908
 MACIEL, Maximino – 18 mar. 1901; 5 abr. 1902; 24 out. 1902; 26 ago. 1903
 MAETERLINCK – 17 jul. 1908; 21 abr. 1900
 MAGALHÃES, Almeida de – 3 mar. 1899
 MAGALHÃES, Aurélio de – 19 abr. 1907
 MAGALHÃES, Couto de – 13 fev. 1900
 MAGALHÃES, Domingos de – 9 set. 1898; 18 nov. 1898; 1 maio 1899; 24 jun. 1899
 MAGALHÃES, J. A. – 1 mar. 1907
 MAGALHÃES, Joaquim de – 5 ago. 1898
 MAGALHÃES, Sabino de – 1 maio 1908; 12 ago. 1903

MAGALHÃES, Valentim – 7 jan. 1898; 11 mar. 1898; 18 mar. 1898; 28 out. 1898; 24 fev. 1899; 27 jun. 1900; 26 ago. 1903

MAGALHÃES JUNIOR – 24 dez. 1902

MAIA, Z. M. – 1 maio 1899

MAISTRE, Xavier de – 3 mar. 1905

MAIZEROY, René – 23 mar. 1901

MALLARMÉ, Stephane – 29 jul. 1898; 3 mar. 1899

MALTA, Castro – 15 fev. 1907

MALTHUS – 29 jun. 1906

MANCOURT – 28 dez. 1900

MANGABEIRA, Francisco – 23 nov. 1900; 26 out. 1906

MANZONI – 24 out. 1902

MAOD – 1 dez. 1899

MAOMÉ – 24 jun. 1898

MARAGE – 18 nov. 1903

MARCHAL – 11 mar. 1901

MARCHAL, Padre V. – 9 jan. 1900

MARCHAL, Victor – 11 maio 1900

MARCONDES, Moyzés – 4 jul. 1908

MARCONDES, Victruvio – 31 jan. 1908

MARIA, Padre Julio – 1 maio 1899

MARIANO, Olegário – 27 abr. 1906

MARICÁ, Marques de – 29 jan. 1904; 1 set. 1905

MARINHO, Henrique – 9 set. 1904

MARINONI – 11 out. 1901

MARIZ, Romeu – 18 mar. 1904

MARQUES, Astolfo – 18 ago. 1905

MARQUES, João – 6 nov. 1899

MARQUES, Lourenço – 29 out. 1902

MARQUES, Xavier – 4 out. 1899

MARTINS, Oliveira – 10 jun. 1898; 1 dez. 1899; 12 fev. 1904; 30 set. 1904; 19 maio 1905

MARTINS JÚNIOR – 11 ago. 1905; 14 mar. 1900

MARX, Karl – 19 abr. 1905

MASCARENHAS, Aníbal – 15 abr. 1898
 MAUCOURANT – 29 out. 1900
 MAUPASSANT – 11 out. 1907; 28 dez. 1908
 MAYA, Alcides – 10 jun. 1898
 MEGGENDORFER, Lothar – 29 out. 1902
 MEIRELLES, Saturnino – 21 out. 1903
 MEIRELLES, Victor – 17 jun. 1898
 MELL, Stuart – 14 out. 1904
 MELLO, Barão Homem de – 22 nov. 1907
 MELLO, Guennes de – 5 ago. 1903
 MELLO, Teixeira de – 8 maio 1908
 MENAGE – 16 set. 1898
 MENDES, Bias – 18 ago. 1905
 MENDES, Candido – 20 jun. 1902
 MENDES, Catulle – 22 dez. 1905
 MENDES, Catullo – 28 abr. 1902
 MENDES, Cunha – 18 mar. 1898
 MENDES, José – 23 nov. 1906
 MENDES, Odorico – 9 set. 1904
 MENDES, Teixeira – 19 ago. 1899
 MENDONÇA, Carvalho de – 15 jul. 1899
 MENDONÇA, Curvello de – 3 jun. 1904
 MENDONÇA, José de Gouveia – 20 maio 1904
 MENDONÇA, Lucio de – 30 set. 1898; 11 mar. 1901; 18 nov. 1901; 6 jun. 1902; 14 jan. 1903; 20 abr. 1906; 25 maio 1906
 MENDONÇA, Salvador de – 17 maio 1907
 MENEZES, A. S. Castro – 1 dez. 1899
 MENEZES, Alípio – 8 mar. 1907
 MENEZES, Emílio de – 13 ago. 1901
 MENEZES, Ferreira de – 17 set. 1902
 MENEZES, João Barreto de – 18 mar. 1898
 MEROU, Garcia – 16 nov. 1900
 MESMER – 21 nov. 1902
 MESQUISTA, Elpídio de – 19 abr. 1901

MESQUITA, Salvador de – 9 set. 1904
 METCHNIKOFF – 8 dez. 1905
 MICHELET – 15 jul. 1898; 4 jul. 1908; 28 jul. 1900
 MIGUEZ, Leopoldo – 7 set. 1900
 MILL, Stuart – 17 jun. 1899; 22 out. 1900; 24 set. 1901; 7 maio 1902; 17 set. 1902; 25 nov. 1903; 3 nov. 1905
 MILTON, Aristides – 9 out. 1902
 MOLIERE – 25 ago. 1905
 MOMUSEO – 18 out. 1907
 MONAT, H. – 8 fev. 1901
 MONCORVO FILHO – 7 out. 1898; 31 maio 1899
 MONGEOLLE, Paul – 12 out. 1900
 MONIN, E. – 14 nov. 1899
 MONROE – 16 nov. 1906
 MONTALVÃO, Justino de – 4 mar. 1904
 MONTEIRO, João – 29 jul. 1904
 MONTEIRO, J. M. – 16 jul. 1901
 MONTEIRO, J. Pinto – 6 jan. 1899
 MONTEIRO, Miguel – 30 jan. 1902
 MONTEIRO, Ortiz – 24 mar. 1899
 MONTEIRO, Raimundo – 16 jun. 1905
 MONTEIRO, Tobias – 17 set. 1900
 MONTENEGRO – 17 fev. 1904
 MONTEPIN, Xavier de – 9 set. 1898; 1 maio 1899
 MORAES, Evaristo de – 23 set. 1898; 14 out. 1898; 18 mar. 1901; 3 nov. 1905
 MORAES, Mello – 23 set. 1898; 30 set. 1898; 25 set. 1903; 21 out. 1904
 MORAES, Prudente de – 12 ago. 1898
 MORAES, Venceslau de – 20 dez. 1907
 MORAES FILHO, Mello – 15 mar. 1907; 11 maio 1900; 12 out. 1900; 1 jul. 1901; 23 ago. 1901; 21 jan. 1902; 24 mar. 1902; 8 abr. 1903; 15 abr. 1903; 12 ago. 1903; 4 mar. 1904
 MORALES DE LOS RIOS – 2 dez. 1904
 MOREIRA, Juliano – 2 set. 1904; 18 maio 1906
 MORICE, Charles – 3 mar. 1899

MORSELLI – 1 maio 1903

MÓSCO – 20 nov. 1908

MOSCOSO, Eduardo – *21 jun. 1907*

MOURA, Alexandre – 14 nov. 1899

MUNIZ, Arthur – *24 abr. 1908*

MURAT, Luiz – *26 set. 1902; 29 jul. 1903; 20 abr. 1906; 20 jul. 1906*

MURINELLY – *20 mar. 1908*

MURTINHO – 26 abr. 1907

MUSSET, Alfredo de – *22 abr. 1903; 2 out. 1903; 25 nov. 1903*

- N -

NABUCO, Joaquim – *6 maio 1898; 23 dez. 1898; 17 mar. 1899; 4 out. 1899; 22 out. 1900; 19 abr. 1901; 25 fev. 1903; 16 set. 1904; 27 nov. 1901*

NAILLES, Van Der – *27 nov. 1901*

NANSEN – 6 maio 1904

NASCIMENTO, Durval do – *19 out. 1901; 30 jan. 1902*

NASSAU, Maurício de – 18 nov. 1904

NAVILLO, Ernesto – 22 fev. 1907

NAZARÉ, Jesus de – 1 out. 1902

NEGRI, Ada – 19 jun. 1908

NELSON, Carlos – *27 maio 1898*

NEPOMUCENO – 17 nov. 1905

NERVAL, Gerard de – 25 mar. 1903

NESTOR, Odilon – *5 out. 1906*

NEVES SOBRINHO, Faria – *22 jul. 1898; 18 nov. 1903*

NICOLAU II, Czar – 4 jul. 1908

NICOLAY, Faure – *9 jul. 1901*

NIETSCHE – 15 ago. 1899; 19 abr. 1905; 11 jan. 1907

NOAILLES, Mathieu de – 17 fev. 1905

NOBRE, Antonio – *9 jun. 1899*

NOCIVOW – 1 nov. 1907

NODIER, Ch. – *31 jul. 1901*

NOEL – 5 out. 1906

NOGUEIRA, Almeida – *15 nov. 1907*

NOGUEIRA, Thomaz Arthur – 9 nov. 1900
 NOIRÉ, Ludwig – 18 mar. 1898
 NORDAU, Max – 11 fev. 1898; 29 jul. 1898; 2 dez. 1898; 15 ago. 1899; 29 out. 1900;
 5 nov. 1901
 NORONHA, Garcia de – 1 dez. 1905
 NOVALIS – 19 abr. 1905
 NOVICOW – 19 dez. 1900
 NUNES, Castro – 22 jul. 1903
 NUNES, Isidro – 14 set. 1906

- O -

OCHOROWIEZ – 10 jun. 1903
 OCTAVIANO, Francisco – 25 maio 1906
 OCTÁVIO, Rodrigo – 20 abr. 1906
 OHNET, Georges – 22 jan. 1900
 OLIMPIO, Domingos – 18 mar. 1903
 OLINTO, Antonio – 11 fev. 1898
 OLIVEIRA, Alberto de – 15 jul. 1898; 14 nov. 1899; 19 dez. 1899; 6 jun. 1902; 20 abr.
 1906; 29 maio 1903; 20 jul. 1906; 11 jan. 1907; 15 mar. 1907; 4 maio 1907; 24 maio
 1907; 13 mar. 1908
 OLIVEIRA, Antonio Correia de – 12 ago. 1903
 OLIVEIRA, Cardoso de – 25 fev. 1903; 26 maio 1905
 OLIVEIRA, Correia de – 5 ago. 1904; 15 jun. 1907
 OLIVEIRA, D. M. P. de – 8 mar. 1907
 OLIVEIRA, Isaías de – 17 set. 1900; 2 set. 1904
 OLIVEIRA, Joel de – 24 set. 1901
 OLIVEIRA, José Manuel Cardoso de – 11 maio 1900
 OLIVEIRA, Luís de – 9 jul. 1901
 OLIVEIRA, Mendes de – 13 dez. 1907
 OLIVEIRA, Samuel de – 7 jun. 1901
 OLIVEIRA, Virgílio Cardoso de – 17 dez. 1901; 4 mar. 1904
 OLYNTHO, Antonio – 22 nov. 1907
 ONDINA – 30 nov. 1906
 ORLANDO, Arthur – 6 jan. 1905; 8 dez. 1905; 29 set. 1906; 16 nov. 1906

ORNET, George – 7 dez. 1908
 ORTIGÃO, Ramalho – 31 jan. 1908; 29 abr. 1904
 OSÓRIO, Ana de Castro – 14 abr. 1899
 OSSIÂN – 19 abr. 1905
 OSWALD, Henrique – 17 nov. 1905
 OURO PRETO, Visconde de – 28 maio de 1902

- P -

PACHECO, Felix – 14 nov. 1899; 29 set. 1906; 17 set. 1900
 PAES, Alcebíades Correia – 8 fev. 1907
 PAES, Áurea – 9 jul. 1902
 PAGE, Henri – 6 jan. 1899
 PAGGI, Oswaldo – 16 maio 1899
 PAITLERON – 19 jun. 1908
 PAIXÃO, Rodolfo – 11 fev. 1898
 PAIXÃO CEARENSE, Catulo da – 9 jun. 1899; 22 nov. 1899; 8 maio 1908
 PAPANÇA, Macedo – 15 jul. 1899; 13 maio 1903
 PARANÁ, Sebastião – 22 out. 1900
 PARANAGUÁ, Nogueira – 25 ago. 1905
 PAREIRA, Miguel – 8 ago. 1902
 PARLAGRECO, Carlos – 24 jul. 1908
 PASCAL – 8 out. 1900; 22 out. 1900
 PASSOS – 3 jan. 1908
 PASSOS, Guimarães – 6 ago. 1901; 17 fev. 1905; 20 abr. 1906; 27 abr. 1906
 PASSOS, Soares de – 9 jun. 1899
 PASTEUR – 19 abr. 1907; 1 ago. 1902
 PATO, Bulhão – 12 out. 1899
 PATROCÍNIO, José do – 20 jan. 1899
 PAULHAN – 29 jul. 1898
 PAULINO, Álvaro – 27 jan. 1899; 3 mar. 1899
 PAULINO JÚNIOR – 11 mar. 1898
 PAZ, Campos da – 24 jun. 1898
 PAYOT, Jules – 3 set. 1902
 PEDERNEIRAS, Mario – 17 set. 1900; 21 jun. 1901; 22 jun. 1906

PEDERNEIRAS, Raul – 20 out. 1899; 23 nov. 1900
PEDRO II, Dom – 30 dez. 1898; 13 jul. 1900; 4 dez. 1901; 10 jun. 1898
PEIXOTO, Afrânio – 27 dez. 1907; 2 set. 1904
PEIXOTO, Alvarenga – 9 set. 1904
PEIXOTO, Floriano – 18 jan. 1907; 11 out. 1901
PEIXOTO, Júlio – 7 out. 1898
PELISPIER – 25 nov. 1903
PENHA, João – 11 mar. 1898; 7 dez. 1906
PENNA, Afonso – 21 set. 1906; 10 nov. 1906
PEREIRA, Edwiges de Sá – 11 out. 1901
PEREIRA, Eugênio de Sá – 24 maio 1907
PEREIRA, Lafayette Rodrigues – 16 set. 1903; 3 fev. 1905
PEREIRA, Leopoldo – 4 maio 1906
PEREIRA, Miguel – 3 mar. 1899
PEREIRA, Virgílio de Sá – 17 fev. 1904
PERNAMBUCO – 12 out. 1900
PERNETTA, Emiliano – 1 jul. 1903
PESSOA, Frota – 14 mar. 1900; 21 jan. 1902
PESSOA, Miguel – 8 ago. 1902
PETRARCA – 23 dez. 1904
PICARD, Edmond – 1 nov. 1907
PIMENTEL, Alberto – 11 mar. 1898
PIMENTEL, Figueiredo – 16 jan. 1898; 2 dez. 1898; 18 mar. 1903
PINDHOMME, Josephi – 8 nov. 1907
PINHEIRO, Aristides – 19 out. 1901
PINHEIRO, Fernandes – 10 dez. 1901
PINHEIRO, João – 21 dez. 1906
PINHEIRO, J. P. Xavier – 19 abr. 1907
PINHEIRO, Xavier – 9 jul. 1902
PINTO, Fernão Mendes – 6 maio 1904
PINTO, Jorge – 19 abr. 1901
PINTO, Moreira – 10 fev. 1899
PINTO, Nascentes – 9 set. 1904
PINTO, Sá – 26 jun. 1908

PINTO, Serpa – *21 dez. 1906*
 PINTO, Silva – *1 maio 1908*
 PINTO, Simões – *19 ago. 1904*
 PIRES, Altino – *13 jan. 1904; 8 jun. 1906*
 PIRES, Álvares – *11 mar. 1901*
 PIROGOFF – *12 abr. 1907*
 PISTARINI, Luiz – *14 nov. 1899; 15 fev. 1907*
 PITTA, Sebastião da Rocha – *22 fev. 1907*
 PLATÃO – *1 maio 1908*
 PLATTEN, M. – *6 maio 1903*
 POE, Edgar A. – *7 dez. 1908; 22 fev. 1901; 25 maio 1901*
 POMBO, Rocha – *30 maio 1900; 15 abr. 1903; 19 abr. 1905*
 POMPEIA, Raul – *21 abr. 1900; 25 maio 1901; 19 out. 1901; 2 dez. 1904*
 PORTO ALEGRE, Alescarino – *18 nov. 1903*
 PRADO, Eduardo – *7 out. 1903*
 PRADO, Manuel do – *9 set. 1901*
 PREGO, Bráulio – *17 jun. 1898*
 PRÉVOST, Marcel – *7 jan. 1898; 21 jan. 1898; 14 nov. 1899; 9 jul. 1900; 5 fev. 1902; 12 jun. 1902; 19 ago. 1903*
 PREYNER – *30 mar. 1904*
 PRIEUR, Alberto le – *28 out. 1903*
 PRUDHOMME, Joseph – *10 fev. 1905*
 PUFF E PUCK – *7 jan. 1898*
 PUJOL, Hyppolito – *2 dez. 1904*

- Q -

QUEIRÓS, Augusto de Souza – *25 fev. 1903*
 QUEIRÓS, Eça de – *20 out. 1899; 7 maio 1902; 26 fev. 1900; 31 dez. 1902; 19 dez. 1903; 6 jan. 1904; 8 jun. 1906; 29 nov. 1907; 31 jan. 1908; 21 fev. 1908; 20 mar. 1908*
 QUENTAL, Antero de – *11 fev. 1898; 12 out. 1899; 13 maio 1898; 20 out. 1899; 17 fev. 1905; 19 jun. 1908*
 QUINET, Edgar – *14 out. 1898*

- R -

- RABELAIS – 1 maio 1899; 19 set. 1899; 9 jan. 1900; 20 jan. 1905
- RABELLO, Laurindo – 7 jun. 1901; 21 out. 1904
- RABELLO, Pedro – 19 ago. 1903
- RABIER – 22 fev. 1907
- RACINE – 29 jul. 1898
- RAMOS, Alberto – 16 set. 1903; 22 jun. 1906
- RAMOS, Augusto – 13 ago. 1902
- RAMOS, Eduardo – 21 set. 1906
- RAMOS, Galdino – 15 jun. 1906
- RAVASCO, Gonçalo – 9 set. 1904
- REBELLO, Castro – 12 nov. 1902; 15 abr. 1903
- RECHEPIN – 12 out. 1899
- REDONDO, Garcia – 11 mar. 1898; 17 jul. 1908; 7 maio 1902; 15 nov. 1907
- REGO, Edmundo – 24 jun. 1899; 20 out. 1899
- REGO, Fábio Hostilio de Moraes – 3 mar. 1899
- REIS, Borges dos – 1 dez. 1899
- REIS, Jaime Batalha – 6 jan. 1904
- REIS, Julio – 11 nov. 1898; 20 jan. 1899
- REIS, Luiz da Câmara – 31 jan. 1908
- REIS, Vicente – 12 ago. 1903
- RENAN – 9 jul. 1900
- RENAN, Ernesto – 11 maio 1900
- RENOUVIER, Charles – 9 nov. 1900; 19 dez. 1902
- RENTERGHEN, Van – 27 jan. 1899
- RIBAS, Anselmo (pseudônimo de Coelho Neto) – 24 jun. 1899
- RIBAS, Fanfa – 21 out. 1904
- RIBEIRO, Alarico – 29 maio 1903
- RIBEIRO, Ernesto Carneiro – 1 dez. 1905
- RIBEIRO, Flexa – 1 jun. 1906
- RIBEIRO, João – 10 abr. 1908; 8 maio 1908; 17 maio 1907; 29 jan. 1900; 10 dez. 1901; 16 jul. 1902; 1 maio 1903; 4 ago. 1905; 20 abr. 1906; 15 out. 1906; 10 nov. 1906; 24 maio 1907
- RIBEIRO, José Jacinto – 3 ago. 1900

RIBEIRO, Luiz – 23 mar. 1901
 RIBEIRO, Thomaz – 19 jun. 1908; 12 out. 1899
 RICHEPIN – 29 jul. 1899; 5 ago. 1899
 RICHET – 30 nov. 1908; 5 nov. 1901; 8 jul. 1903
 RICHET, Charles – 21 nov. 1902; 4 dez. 1902; 1 maio 1903
 RIO, João do – 17 jan. 1908; 31 jan. 1908; 19 jun. 1908; 29 maio 1903; 9 dez. 1904; 23 nov. 1906
 RIO BRANCO, Barão do – 16 set. 1898; 19 abr. 1901; 20 abr. 1906; 15 nov. 1907
 ROBERT, Clemence – 5 ago. 1899
 ROBIN – 23 jun. 1905
 ROBINET – 16 jul. 1901
 ROÇAS, Abelardo – 23 nov. 1906
 ROCHA, A. de – 6 jan. 1904
 ROCHA, Americano – 29 ago. 1902
 ROCHA, Aníbal – 1 jul. 1903
 ROCHA, M. C. da – 29 jul. 1898; 15 ago. 1899
 ROCHETAL – 27 dez. 1907
 ROCÍN, J. A. – 9 jul. 1900
 ROD, Edouard – 9 jul. 1900; 25 ago. 1905
 RODRIGUES, Amélia – 1 mar. 1901
 RODRIGUES, Barbosa – 25 fev. 1898; 11 mar. 1898; 24 mar. 1899
 RODRIGUES, Coelho – 27 abr. 1906
 RODRIGUES, José Carlos – 18 nov. 1904
 RODRIGUES, Marques – 9 dez. 1898
 RODRIGUES, Nina – 17 mar. 1899; 24 jun. 1899; 23 nov. 1900; 28 out. 1903
 ROLIM, Zalina – 11 mar. 1898
 ROMANES – 17 jul. 1908
 ROMERO, Arthur – 8 fev. 1899
 ROMERO, Silvio – 16 jan. 1898; 18 mar. 1898; 17 jun. 1898; 8 set. 1899; 26 set. 1899; 27 mar. 1908; 20 nov. 1908; 6 nov. 1899; 14 mar. 1900; 13 jun. 1900; 29 out. 1900; 16 nov. 1900; 28 dez. 1900; 25 maio 1901; 21 jun. 1901; 1 jul. 1901; 20 ago. 1902; 24 dez. 1902; 15 abr. 1903; 22 abr. 1903; 25 nov. 1903; 9 set. 1904; 6 jan. 1905; 20 abr. 1906; 27 jan. 1905; 7 jul. 1905; 20 abr. 1906; 29 set. 1906; 10 nov. 1906; 19 out. 1906; 16 nov. 1906; 23 nov. 1906

ROOT, Elihu – 21 set. 1906
 ROQUETTE – 19 ago. 1898
 ROSA, Ferreira da – 24 mar. 1899
 ROSAS, Oscar – 17 mar. 1899
 ROSS – 15 abr. 1904
 ROSTAND, Edmond – 23 ago. 1901; 15 dez. 1905
 ROTHSCHILD – 15 jul. 1899
 ROUSARD – 16 set. 1904
 ROXO, Belfort – 25 jan. 1901
 ROXO, Henrique – 27 abr. 1901; 3 set. 1902; 29 jul. 1904
 RUCH, Gastão – 8 fev. 1901
 RUSKIN – 7 maio 1902

- S -

S., Wiliam – 29 jan. 1900
 SÁ, Simão Pereira de – 13 jul. 1900
 SABINO, Ignez – 4 out. 1899
 SABINO, Ionez – 11 mar. 1898
 SABOIA, Visconde de – 25 dez. 1903; 21 jun. 1907
 SAGAN, Príncipe de – 16 set. 1908
 SAID-ALI – 8 maio 1908
 SALES, Campos – 12 ago. 1898
 SALGADO, Gabriel – 11 nov. 1898
 SALGADO, Heliodoro – 21 jul. 1905
 SALLES, Antonio – 24 mar. 1902
 SALLES, Campos – 11 out. 1901; 12 nov. 1902
 SALLES, Francisco de – 30 dez. 1898; 29 set. 1906
 SALLES, Ismael – 10 abr. 1901
 SALOMÃO – 2 out. 1901; 5 nov. 1902; 11 maio 1906
 SALUSSE, Júlio – 27 nov. 1901
 SAMPAIO, Azevedo – 15 jul. 1899
 SAMPAIO, J. Pereira de – 6 maio 1898
 SAMPAIO, Sebastião – 17 jan. 1908
 SANCHES, Pedro – 22 nov. 1907

SAND, Georges – 11 mar. 1898; 26 out. 1906

SANTIAGO, Gustavo – 5 ago. 1903; 21 jun. 1901

SANTOS, Agenor de Noronha – 19 abr. 1902

SANTOS, Daltro dos – 22 out. 1900; 12 jun. 1902

SANTOS, Ernesto de Paula – 1 abr. 1900

SANTOS, Eurico dos – 15 dez. 1905

SANTOS, Malaquias Álvares dos – 13 jul. 1900

SANTOS, Maria Clara da Cunha – 5 abr. 1902; 29 abr. 1904

SANTOS, Noronha – 23 jul. 1902

SANTOS, Paula – 31 jul. 1901

SANTOS, Rodrigues dos – 9 set. 1898; 10 jun. 1903

SARAIVA, A. José – 4 dez. 1901

SARANDY, Alfredo – 20 abr. 1906

SARCEY – 1 abr. 1902; 7 set. 1900

SARDINHA, Feliciano Temístocles – 27 maio 1898

SARMAUCO, Joaquim – 29 ago. 1902

SARMENTO, Ulysses – 9 nov. 1900; 15 out. 1902

SAVIO, Themistócles – 27 mar. 1908

SCARLATTI, Américo – 26 ago. 1904

SCHERER, Edmond – 3 abr. 1901; 4 maio 1906

SCHILLER – 25 ago. 1905

SCHIMID – 22 nov. 1899

SCHLEIDEN, Hubbe – 16 nov. 1906

SCHOPENHAUER – 5 nov. 1901; 19 dez. 1902; 11 jan. 1907; 29 out. 1900

SCOTT, Walter – 1 set. 1905; 15 mar. 1907

SEIDL, Carlos – 17 dez. 1901; 7 out. 1904

SEIDL, Raimundo Pinto – 30 mar. 1904

SENA, Costa – 22 nov. 1907

SENEUIL, Courcelle – 16 maio 1899

SENNA, Ernesto – 3 jan. 1908; 24 jan. 1908; 31 jul. 1901; 5 abr. 1907

SENNA, Nelson de – 24 jun. 1904

SERMONETA, Duque de – 7 out. 1898

SEVERO, Augusto – 1 abr. 1902

SEVIGNE – 8 fev. 1901

SHAKESPEARE, W. – 3 mar. 1899; 22 out. 1900; 27 fev. 1902; 25 ago. 1905

SIENKREWIEZ, Henrique – 27 abr. 1901; 27 nov. 1901; 16 set. 1903; 15 mar. 1907

SILVA, Argiléo – 1 jun. 1907

SILVA, Benedito Raymundo da – 22 nov. 1907

SILVA, Bithencourt – 7 jun. 1901

SILVA, Eduardo – 27 jan. 1899

SILVA, Ferreira da – 29 abr. 1904

SILVA, Francisca Julia da – 29 maio 1903

SILVA, Henrique – 13 fev. 1900; 26 fev. 1900

SILVA, Jonas da – 29 jan. 1900; 9 out. 1902

SILVA, Leal – 11 mar. 1903

SILVA, Monteiro da – 22 nov. 1907

SILVA, Nícia – 9 jun. 1905

SILVA, Oliveira e – 24 dez. 1902

SILVA, Pereira da – 10 dez. 1901; 21 out. 1903

SILVA, Rosa e – 11 mar. 1898

SILVA, Severino – 15 fev. 1907

SILVA, Vieira da – 8 maio 1908

SILVEIRA, Xavier da – 22 nov. 1907

SILVESTRE, Armand – 1 out. 1902; 22 dez. 1905

SIMON, Julio – 18 mar. 1901; 26 ago. 1903

SOARES, Macedo – 17 jun. 1898; 3 fev. 1905

SOARES, Oscar de M. – 27 nov. 1901; 27 fev. 1902; 20 jan. 1905

SODRÉ, Abreu – 3 jan. 1908

SODRÉ, Azevedo – 4 out. 1907

SODRÉ, Lauro – 29 ago. 1902

SODRÉ, Manoel – 23 dez. 1904

SODRÉ, Pedro – 6 jan. 1905

SOLTO, Vieira – 22 nov. 1907

SOURY, Julio – 4 set. 1899

SOUSA, Luiz de – 1 dez. 1905

SOUTHEY – 25 dez. 1903

SOUZA, Alberto – 19 ago. 1899

SOUZA, Auta de – 28 jul. 1900

SOUZA, Cacilda Francione de – 24 dez. 1902

SOUZA, Cruz e – 25 mar. 1898; 3 mar. 1899; 17 mar. 1899; 8 abr. 1899; 11 jun. 1899; 1 dez. 1899; 14 mar. 1900; 27 ago. 1900; 26 set. 1900; 16 nov. 1900; 21 jun. 1901; 15 fev. 1902; 28 jan. 1903; 12 ago. 1903; 21 out. 1903; 18 nov. 1903; 22 abr. 1904; 13 out. 1905; 1 jun. 1906

SOUZA, Ernesto de – 9 jul. 1901

SOUZA, Inglês de – 11 mar. 1904

SOUZA, Teixeira de – 20 jan. 1899

SOUZA, Vicente de – 4 set. 1899; 8 ago. 1902; 25 nov. 1903

SOUZA JUNIOR, Cláudio de – 24 mar. 1899

SPENCER, Herbert – 16 jan. 1898; 17 fev. 1899; 17 jun. 1899; 13 jun. 1900; 29 out. 1900; 10 abr. 1901; 7 jun. 1901; 24 set. 1901; 5 nov. 1901; 26 ago. 1903; 28 out. 1903; 9 dez. 1903; 14 out. 1904; 27 jan. 1905; 23 nov. 1906; 4 jan. 1907; 22 fev. 1907

SPINOZA – 17 jun. 1899

STECHETTI – 20 out. 1899; 21 dez. 1906

STENKIEWICZ – 7 dez. 1908

STOWE, Beecher – 3 fev. 1905

STRONG – 8 ago. 1902

STUART – 24 set. 1901

SUESS – 12 out. 1899

SULLY-PRUDHOMME – 13 jul. 1900

- T -

TAIDE, Gabriel – 4 ago. 1905

TAINE – 10 dez. 1897; 3 abr. 1901; 20 ago. 1902; 7 jan. 1903

TANET, Pierra – 22 maio 1908

TAPAJÓZ, Estellita – 17 fev. 1899

TAPAJÓS, Manuel – 4 nov. 1898

TARDIEU – 31 dez. 1897

TAUNAY, Visconde de – 25 mar. 1898; 10 fev. 1899; 20 out. 1899; 7 jun. 1901

TAVARES, Paulo – 4 nov. 1903

TAVARES, Rubem – 26 fev. 1904

TÁVORA, Flanklin – 27 fev. 1902

TAYORA, Fernandes – 1 maio 1903

TEFFE, Octavio de – 22 *dez.* 1905
 TEIXEIRA, Mucio – 7 jun. 1901; 25 *nov.* 1903; 19 *out.* 1906
 TELLES, Bazílio – 20 jan. 1905
 TELLIER, Jules – 21 jun. 1901
 TEÓFILO, Rodolfo – 28 jan. 1898; 11 *nov.* 1898; 18 mar. 1903; 4 *jan.* 1907
 TERRAIL, Ponson Du – 16 *out.* 1903
 THERING – 23 *nov.* 1906
 THIBET – 25 *out.* 1901; 5 *nov.* 1901
 THIERS – 14 *out.* 1898
 THOMAZ (frei) – 15 jul. 1898
 THOMPSON, Arthur – 5 *out.* 1906
 TINSEAU, Léon de – 14 *dez.* 1906
 TISSIÉ, Filipe – 15 *out.* 1902
 TISSOT, José – 30 *dez.* 1898
 TOCHÉ, Mme – 15 jun. 1907
 TOLSTÓI – 29 jul. 1898; 19 *dez.* 1900; 2 *out.* 1901; 7 maio 1902; 3 jun. 1904; 19 abr. 1905; 11 *jan.* 1907
 TOOTAL – 15 jul. 1899
 TOSTA, Ignácio – 19 *set.* 1899
 TOURINHO, Vespasiano – 22 *jul.* 1904
 TRONSON, Pe. – 30 *dez.* 1898
 TROOST, L. – 11 *mar.* 1901
 TRUBERT, Maurice – 25 *fev.* 1903

- U -

URRUTIA, Diego Dublé – 10 *nov.* 1906

- V -

VALLADARES, Benedicto – 4 *set.* 1899
 VAN DER NAILLEN – 27 *nov.* 1901
 VARELLA, Alfredo – 19 *dez.* 1900; 4 *dez.* 1901; 11 *mar.* 1903
 VARELLA, Fagundes – 7 jun. 1901; 21 jun. 1901; 21 *jan.* 1902; 21 *out.* 1904
 VÁRZEA, Virgílio – 17 mar. 1899; 23 *jul.* 1901; 31 *jul.* 1901; 7 *out.* 1903; 22 *jan.* 1904; 25 *mar.* 1904

VASCONCELOS, Amarílio Hermes de – 27 *jan.* 1899

VASCONCELLOS, Bernardo Pereira de – 12 *out.* 1899

VASCONCELLOS, Clodomiro Rodrigues de – 22 *nov.* 1907

VASCONCELLOS, Henrique de – 11 *ago.* 1905

VASCONCELLOS, Jayme Luiz Smith de – 22 *fev.* 1907

VAUX, Clotilde de – 9 *dez.* 1904

VAZ, Pedro – 21 *out.* 1898

VEIGA, Dima da – 5 *nov.* 1901

VEIGA, Evaristo Ferreira da – 14 *nov.* 1899

VEIGA, J. P. da – 7 *out.* 1898

VEIGA, José Xavier da – 25 *fev.* 1903

VELLOSO, Dario – 8 *out.* 1900

VERHAEREN, Émile – 5 *nov.* 1902; 1 *abr.* 1903; 22 *jun.* 1906

VERÍSSIMO, José – 17 *jun.* 1898; 30 *set.* 1898; 3 *mar.* 1899; 23 *maio* 1899; 11 *maio* 1900; 14 *nov.* 1899; 14 *mar.* 1900; 29 *dez.* 1899; 26 *set.* 1900; 22 *out.* 1900; 29 *out.* 1900; 3 *abr.* 1901; 25 *maio* 1901; 7 *jun.* 1901; 7 *maio* 1902; 5 *nov.* 1902; 24 *dez.* 1902; 7 *jan.* 1903; 22 *abr.* 1903; 7 *jul.* 1905; 20 *abr.* 1906; 29 *set.* 1906; 31 *jan.* 1908

VERLAINE – 29 *jul.* 1898; 24 *set.* 1901; 28 *nov.* 1902; 26 *fev.* 1904; 29 *maio* 1908

VERNE, Júlio – 29 *jul.* 1903; 1 *mar.* 1907; 7 *dez.* 1908

VIANA, Ferreira – 9 *jul.* 1901

VIANNA, Amorim – 19 *dez.* 1902

VIANNA, Gaspar – 5 *jun.* 1908

VIANNA, Sá – 3 *maio* 1901; 17 *jun.* 1901; 28 *maio* 1902; 4 *out.* 1907

VIANNA, Torres – 1 *mar.* 1907

VICENTE, Gil – 20 *out.* 1899

VICENTE SOBRINHO, José – 4 *fev.* 1898

VICTOR, Nestor – 3 *mar.* 1899; 8 *abr.* 1899; 4 *maio* 1900; 27 *ago.* 1900; 23 *ago.* 1901; 13 *out.* 1905

VIEIRA, Adelina Lopes – 29 *out.* 1900

VIEIRA, Antonio – 26 *fev.* 1900; 21 *jun.* 1907; 20 *dez.* 1907

VIEIRA, Armando – 15 *jul.* 1903

VIEIRA, Damasceno – 15 *jul.* 1903; 8 *mar.* 1907

VIEIRA, J. J. R. – 31 *maio* 1899

VIEIRA, João – 9 *out.* 1902

VIEIRA, Veríssimo – 10 *fev.* 1899

VILLA LOBOS, Raul – 6 *jan.* 1899

VILLIERS, H. – 28 *dez.* 1900

VIRGÍLIO – 15 *ago.* 1899; 17 *maio* 1907

VISEN – 29 *jul.* 1898

VITERBO, Souza – 8 *out.* 1900; 15 *jul.* 1904

VIVIEN, Renée – 16 *jun.* 1905; 30 *nov.* 1906

VOLTAIRE – 16 *set.* 1898; 3 *mar.* 1899; 19 *set.* 1899; 19 *dez.* 1900; 8 *fev.* 1901; 15 *fev.* 1902; 3 *abr.* 1908; 1 *abr.* 1902

- X -

XAVIER, Lindolfo – 13 *dez.* 1907

- Z -

ZABOROWSKI – 2 *out.* 1901;

ZILO, Antonio – 11 *jan.* 1907

ZOLA, Émile – 11 *mar.* 1898; 26 *ago.* 1904; 9 *set.* 1898; 3 *mar.* 1899; 17 *set.* 1900; 22 *out.* 1900; 27 *fev.* 1902; 7 *maio* 1902; 7 *dez.* 1908; 1 *out.* 1902

-W-

WAGNER – 29 *jul.* 1898; 9 *set.* 1898

WALDIMIROL – 24 *jun.* 1898

WARIU, R. – 5 *ago.* 1899

WARNHAGEN – 7 *out.* 1903; 22 *fev.* 1907

WASHINGTON – 4 *dez.* 1901

WELLS, H. G. – 29 *jul.* 1903; 25 *ago.* 1905; 1 *mar.* 1907; 7 *dez.* 1908

WERNECK, Eugênio – 17 *jun.* 1901

WERVORN – 22 *fev.* 1907

WILDE, Oscar – 15 *ago.* 1899; 21 *abr.* 1900

WILE, F. W. – 20 *abr.* 1906

WOLF – 16 *nov.* 1900

WORMS – 22 *fev.* 1907

ANEXO B

OBRAS RESENHADAS POR GÊNERO

1) LITERATURA

Antologia

MAGALHÃES, Domingos de. *Coleção moderna, coleção brasileira e coleção rubra*. Rio de Janeiro: Coleção Moderna, 1899. (1 maio 1899)

WERNECK, Eugênio. *Antologia brasileira*. Rio de Janeiro: Typ. da pap. Jerônimo Silva, 1901. (17 jun. 1901)

Autobiografia

NABUCO, Joaquim. *A minha formação*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. (22 out. 1900)

Bibliografia

BIBLIOGRAFIA jornalística. S. l.: s.n., 1908. (28 dez. 1908)

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899. (4 out. 1899)

FREIRE, Silva. *A Bibliografia universal*. Rio de Janeiro: Typ. Brasil de Carlos Gerke, 1901. (31 jul. 1901)

LOBO, Antonio. *A biblioteca do Maranhão em 1900*. S. l.: s.n., 1901. (27 nov. 1901)

Biografia

- AMARAL, Sabino Gurgel do. *Ensaio sobre a vida e obras de Hugo de Groel*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. (13 maio 1903)
- AZEVEDO, Miranda. *Mortos ilustres*. S. l.: s. n. , 1903. (25 fev. 1903)
- BRAGA, Teófilo. *Bocage: sua vida e época literária*. Porto: s.n., 1903. (21 jan. 1903)
- CARVALHO, Elysio de. *Ruben Dário*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1906. (5 out. 1906)
- COSTA, Pereira da. *Notícia biográfica do Dr. Antonio de Moraes Silva*. S. l.: s.n., 1906. (1 jun. 1906)
- FRANCO, Augusto. *Dr. João Pinheiro*. Belo Horizonte: s.n., 1906. (29 set. 1906)
- LACROIX, Desiré. *História de Napoleão*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. (27 maio 1904)
- MORAES FILHO, Mello. *João Caetano*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. (12 ago.1903)
- NABUCO, Joaquim. *Um estadista do império*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. v.3. (4 out. 1899)
- NOGUEIRA, Thomaz Arthur. *O príncipe de Nassau*. Rio de Janeiro: Pierer, 1900. (9 nov. 1900)
- PERNAMBUCO. *Notas biográficas do vice-presidente da república*. S. l.: s.n., 1900. (12 out. 1900)
- SEIDL, Raimundo Pinto. *O duque de Caxias*. Rio de Janeiro: Macedo, 1904. (30 mar.1904)
- SENNA, Ernesto. *José Clemente Pereira*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio de Rodrigues, 1907. (5 abr. 1907)
- VICTOR, Nestor. *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Typ. do Instituto Profissional, 1899. (8 abr 1899)

Conferência/ Discurso/ Sermão

- As conferências de Ferrero*. S. l.: s.n., 1907. (18 out. 1907)
- As conferências literárias*. S. l.: s. n., 1907. (15 jun. 1907)
- BILAC, Olavo. *Conferências literárias*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1906. (27 jul. 1906)
- BONFIM, Manoel. *O respeito à criança*. Rio de Janeiro: Instituto Profissional, 1906. (21 dez. 1906)
- BRAGA, Belmiro. *Cantos e contos*. Rio de Janeiro: Typ. Brasil, 1906. (6 abr. 1906)

- CANDIDO, Zeferino. *Relações comerciais entre Portugal e Brasil*. Lisboa: s.n., 1902. (5 abr. 1902)
- COELHO NETO. *O fogo*. S. l.: s.n., 1906. (25 maio 1906)
- GUANABARA, Alcindo. *A dor*. S. l.: s. n., 1905. (3 nov.1905)
- LUSTOSA, Vicente. *Antologia de pregadores brasileiros*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (6 jun. 1902)
- OLIVEIRA, Joel de. *Tese antiga*. S. l.: s.n., 1901. (24 set. 1901)
- REDONDO, Garcia. *A inteligência dos animais e das plantas*. São Paulo: Tip. Vanorden & Cia, 1908. (17 jul. 1908)
- ROÇAS, Abelardo. *A psicologia através da toilette*. Rio de Janeiro: Tip. da Revista dos Tribunais, 1906. (23 nov. 1906)
- SALLES, Campos. *Discursos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (12 nov. 1902)
- TOSTA, Ignácio. *Discurso*. São Paulo: Livraria Paulista, 1899. (19 set. 1899)
- Uma conferência de Coelho Netto*. S. l. : s. n., 1905. (18 ago.1905)
- VIEIRA, Antonio. *Sermões*. Porto: Chardron, 1907. (21 jun. 1907)
- _____. *Sermões*. Rio de Janeiro: Garnier; Porto: Chardron, 1907. (20 dez. 1907)

Contos

- Álbum de Caliban*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1898. (30 set. 1898)
- ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Mãe tapuia*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. (9 abr. 1900)
- ALBUQUERQUE, Solfieri de. *Criminados*. Rio de Janeiro: Typ. de F. de Queiroz, 1899. (16 maio 1899)
- ARINOS, Afonso. *Pelo sertão*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1898. (27 maio 1898)
- ASSIS, Machado de. *Contos fluminenses*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (25 jul. 1899)
- _____. *Páginas recolhidas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (8 set. 1899)
- _____. *Várias histórias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. (9 set.1903)
- AZEVEDO, Aluísio. *Pegadas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. (15 abr. 1898)
- AZEVEDO, Arthur. *Contos Efêmeros*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. (7 jan. 1898)
- _____. *Contos Efêmeros*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (17 mar. 1899)
- AZEVEDO, Cyro de. *Alma dorida*. Paris: Garnier, 1904. (16 set.1904)
- AZEVEDO, Magalhães de. *Baladas e Fantasias*. S. l.: s.n., 1900. (28 jul. 1900)
- BERGUIN. *O amigo das crianças*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. (23 dez. 1898)

- BERTHOUD, Henry. *Contos de doutor Sam*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. (9 dez. 1898)
- BEVILAQUA, Amelia. *Alcione*. Rio de Janeiro: J. L. da Fonseca Magalhães, 1902. (29 ago. 1902)
- CAMPINA, Julio. *O subsídio ao folclore brasileiro*. S. l.: s.n., 1898. (17 jun. 1898)
- CAMPOS, Lima. *Confessor supremo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1904. (7 out.1904)
- CARNEIRO, Magalhães. *Galdino cupido*. S. l.: s.n., 1908. (24 jan. 1908)
- CARVALHO, Marques de. *Contos do Norte*. Belém: Typ. da Papelaria Silva, 1900. (17 set. 1900)
- COELHO NETO. *A bico de pena*. S. l.: s n, 1904. (28 out.1904)
- _____. *Sertão*. Porto: Chardron, 1903. (9 set. 1903)
- _____. *Água de Juventa*. Porto: Chardron, 1905. (7 jul.1905)
- _____. *Treva*. Rio de Janeiro: Garnier, 1906. (6 abr. 1906)
- CORREIA, Manuel Viriato. *Minarettes*. Rio de Janeiro: Typ. Teixeira, 1903. (10 jun.1903)
- DORIA, Escragnolle. *Dor*. S. l.: s. n., 1903. (2 dez.1903)
- DOYLE, Conan. *As memórias, o voto e as aventuras de Sherlock Holmes; O sinal dos quatro; Um estudo vermelho; O cão dos Baskerville*. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. (7 dez. 1908)
- ERNESTO JUNIOR, Bento. *Vida aldeã*. S. l.: s.n., 1904. (5 fev.1904)
- FONSECA, Paulippo da. *Contos para crianças*. Porto: Companhia Portuguesa, 1900. (13 fev. 1900)
- GALVÃO, Olympio. *Contos sem desconto*. Recife: s.n., 1901. (2 out. 1901)
- GAMA, Domício da. *Histórias curtas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1901. (24 set. 1901)
- GUIMARÃES, Teófilo. *Da sombra*. S. l.: s.n., 1906. (15 out. 1906)
- JUNQUEIRO, Guerra. *No lar*. S. l.: s.n., 1898. (18 fev. 1898)
- LOPES, Julia. *Ânsia eterna*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (19 dez. 1902)
- LOPES, Oscar. *Livro truncado*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. (11 out. 1907)
- LOPES, Thomaz. *Um coração sensível*. S. l.: s.n., 1908. (10 jan. 1908)
- _____. *Histórias da vida e da morte*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. (5 abr. 1907)
- LUSO, João. *Prosa*. S. l.: s. n. , 1904. (10 jun.1904)
- MAGALHÃES, Valentim. *Alma*. S. l.: s.n., 1899. (24 fev. 1899)

- MARQUES, Astolfo. *A vida maranhense*. Rio de Janeiro: Typ. Frias, 1905. (18 ago.1905)
- MENDONÇA, Lucio. *Horas do bom tempo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. (11 mar. 1901)
- MONTALVÃO, Justino de. *Os destinos*. Porto: Chardron, 1904. (4 mar.1904)
- NASCIMENTO, D. *Em caserna*. S. l.: s.n., 1902. (30 jan. 1902)
- NODIER, Ch. *A novena da Candelaria*. Rio de Janeiro: Garnier., 1901. (31 jul. 1901)
- OSÓRIO, Ana de Castro. *Para as crianças*. São Paulo: Livraria Paulista, 1899. (14 abr. 1899)
- PIMENTEL, Figueiredo. *Contos do tio Alberto*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. (2 dez. 1898)
- QUEIRÓS, Eça de. *Contos*. Porto: Chardron, 1902. (31 dez. 1902)
- _____. *Prosas bárbaras*. Porto: Chardron, 1904. (6 jan.1904)
- REDONDO, Garcia. *Salada de frutas*. Porto: Chardron, 1907. (15 nov. 1907)
- RIBEIRO, João. *Crepúsculo dos deuses*. Porto: Imprensa Portuguesa,1905.(4 ago.1905)
- SAMPAIO, Sebastião. *A tortura do real*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1908. (17 jan. 1908)
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. *Painéis*. S. l.: s.n., 1902. (5 abr. 1902)
- SCHIMID. *O carneirinho e a mosca*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (22 nov. 1899)
- SENNA, Nelson de. *Contos sertanejos*. Belo Horizonte: s. n., 1904. (24 jun.1904)
- TEFFE, Octavio de. *Para ler na cama*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. (22 dez.1905)
- VARZEA, Virgílio. *A noiva do Peludino*. S. l.: s. n., 1904. (22 jan.1904)
- _____. *Contos de amor*. Rio de Janeiro: Tavares Cardoso & irmão, 1901. (31 jul. 1901)
- _____. *O Brigue flibusteiro*. Porto: Chardron, 1904. (25 mar.1904)
- VASCONCELLOS, Henrique de. *Flirts*. S. l.: s. n., 1905. (11 ago.1905)
- VAZ, Pedro. *Crepúsculo*. S. l.: s.n., 1898. (21 out. 1898)
- VERÍSSIMO, José. *Cenas da vida amazônica*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. (23 maio 1899)
- VICENTE SOBRINHO, José. *Contos e fantasias*. S. l.: s.n., 1898. (4 fev. 1898)

Crítica literária

- BANDEIRA, Souza. *Ensaio e estudos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. (11 mar.1904)
- BARRETO, Tobias. *Polêmicas*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. (25 maio 1901)

- _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. (13 jun. 1900)
- BEVILAQUA, Amélia; BEVILAQUA, Clóvis. *Literatura e direito*. Salvador: JL da Fonseca Magalhães, 1907. (1 nov. 1907)
- BEVILLAQUA, Clovis. *Épocas e individualidades*. 2 ed. Salvador: s.n., 1899. (4 set. 1899)
- DELPECH, Adrien. *Roman Brésilien*. Rio de Janeiro: V. Havard, 1904. (27 maio 1904)
- FRANCO, Augusto. *Estudos e Escritos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1906. (29 set. 1906)
- FREIRE, Laudelino. *Silvio Romero*. Rio de Janeiro: Typ. do Instituto Profissional, 1900. (7 set. 1900)
- _____. *Um crítico e um poeta*. Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, 1903. (22 abr. 1903)
- LABIENO. *Sílvio Romero*. S. l.: s.n., 1899. (26 set. 1899)
- MARINHO, Henrique. *O teatro brasileiro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. (9 set. 1904)
- MEROU, Garcia. *El Brasil intellectual*. Buenos Aires: s.n., 1900. (16 nov. 1900)
- MORAES, Mello. *Prosadores contemporâneos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. (25 set. 1903)
- _____. *Artistas do meu tempo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. (21 out. 1904)
- NORDAU, Max. *O Egotismo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. (15 ago. 1899)
- _____. *O Ibsenismo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. (29 out. 1900)
- PESSOA, Frota. *O País*. S. l.: s.n., 1900. (14 mar. 1900)
- _____. *Crítica e polêmica*. Rio de Janeiro: A. Gurgulino, 1902. (21 jan. 1902)
- RIBEIRO, João. *As páginas escolhidas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1906. (20 abr. 1906)
- ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (20 ago. 1902)
- _____. *História da literatura brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. (15 abr. 1903)
- _____.; RIBEIRO, João. *Compendio de história da literatura brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1906. (10 nov. 1906)
- SOUZA, Cacilda Francione de. *Resumo de história literária*. S. l.: s.n., 1902. (24 dez. 1902)
- _____. *Noções de literatura nacional*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. (24 dez. 1902)
- VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (3 abr. 1901)

_____. *Estudos de literatura brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (7 jun. 1901)

_____. *Homens e coisas estrangeiras*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (7 maio 1902)

_____. *Estudos de literatura brasileira*. 3 ed. Paris: Garnier, 1903. (7 jan. 1903)

_____. *Homens e coisas estrangeiras*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. (7 jul. 1905)

VIEIRA, Damasceno. *A crítica na literatura*. Rio de Janeiro: Litho-Typ. e Encadernação Reis, 1907. (8 mar. 1907)

Crônicas

ASSIS, Machado. *Páginas recolhidas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (8 set. 1899)

BELLE, Josaphat. *Estudos*. S. l.: s. n., 1904. (29 abr. 1904)

BILAC, Olavo. *Crítica e fantasia*. Rio de Janeiro: A. M. Teixeira, 1904. (23 dez. 1904)

GARÇÃO, Mayer. *Excelsior*. Porto: Chardron, 1908. (21 fev. 1908)

GUERRA, Alvaro. *Páginas esquecidas*. Rio de Janeiro: Andrade, Mello, 1900. (16 nov. 1900)

LUSO, João. *Prosa*. S. l.: s. n., 1904. (10 jun. 1904)

REDONDO, Garcia. *Salada de frutas*. S. l.: s.n., 1907. (15 nov. 1907)

REIS, Luiz da Câmara. *Cartas de Portugal*. Lisboa: s.n., 1908. (31 jan. 1908)

RODRIGUES, Amélia. *Cartas a uma amiga*. S. l.: s.n., 1901. (1 mar. 1901)

Ensaio

CAMPOS, Lima. *Confessor supremo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1904. (7 out. 1904)

CUNHA, Euclides da. *Contrastes e confrontos*. S. l.: s.n., 1907. (18 jan. 1907)

FONSECA, Pausilippo da. *Martyr*. S. l.: s.n., 1899. (17 jun. 1899)

KOPKE, João. *A grande pátria*. S. l.: s.n., 1900. (3 ago. 1900)

ORLANDO, Arthur. *Ensaio de crítica*. Rio de Janeiro: Empresa Diário de Pernambuco, 1905. (6 jan. 1905)

_____. *Novos ensaios*. Rio de Janeiro: Typ. de J. B. Edelbrock, 1905. (8 dez. 1905)

XAVIER, Lindolfo. *Flores e frutos*. S. l.: s.n., 1907. (13 dez. 1907)

Literatura infanto-juvenil (poesia, contos...)

BILAC, Olavo. *Poesias infantis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1904. (29 jan. 1904)

_____; COELHO NETO. *Contos pátrios*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1905. (13 jan. 1905)

- BRANDAO, Júlio. *Perfis suaves*. Porto: Typ. Universal, 1904. (22 jan.1904)
- BUSCH, W. *Juca e Chico*. Trad de Olavo Bilac. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. (12 jun. 1902)
- COELHO NETO. *Apólogos*. Porto: Chardron, 1904. (29 abr.1904)
- DESNOYERS, Luiz. *As aventuras de Roberto*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. (16 nov. 1900)
- DOLORES, Carmen. *Lendas brasileiras*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1908. (27 mar. 1908)
- FREITAS JUNIOR, Júlio de. *Entre atos*. S. l.: s. n., 1904. (20 maio 1904)
- GRIMALDI, F. *Histórias do reino encantado*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. (19 abr. 1902)
- MEGGENDORFER, Lothar. *A vida das crianças*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. (29 out. 1902)
- PIMENTEL, Figueiredo. *Contos da Carochinha*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1903. (18 mar.1903)
- TAVARES, Paulo. *Mário*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. (4 nov.1903)
- VIEIRA, Adelina Lopes; LOPES, Julia. *Contos Infantis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1900. (29 out. 1900)

Memórias

- BIASCO, Mercedes. *Memórias de uma atriz*. S. l.: s.n., 1908. (1 maio 1908)
- CELSONO, Afonso. *Oito anos de parlamento*. Paris: Mariani, 1901. (4 dez. 1901)
- CUNHA, Ferreira da. *Memórias de um Cônsul*. Rio de Janeiro: Typ. Artística Industrial, 1903. (14 jan. 1903)
- MORAES FILHO, Mello. *Fatos e memórias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. (4 mar.1904)
- NICOLAY, Faure. *Memórias e confidências*. Rio de Janeiro: Typ. Villas-Boas, 1901. (9 jul. 1901)
- NOGUEIRA, Almeida. *Tradições e reminiscências*. São Paulo: Typ. Vanorden & C., 1907. (15 nov. 1907)

Novelas

- ASSIS, Machado de. *Páginas recolhidas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (8 set. 1899)
- LUZ, Fabio. *Novelas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (29 ago. 1902)

TEOFILO, Rodolfo. *Violação*. Rio de Janeiro: Militão Bivar, 1898. (11 nov. 1898)

ZILO, Antonio. *Velho tema*. S. l.: s.n., 1907. (11 jan. 1907)

Periódicos literários

FOLHINHA do povo. Rio de Janeiro: Quaresma & C., 1900. (29 out. 1900)

Mercúrio. Barcelona, 1904. (2 dez.1904)

REVISTA brasileira. S. l.: s.n., 1899. (17 mar. 1899)

Poemas em prosa

AFRANIO, Julio. *Rosa Mística*. Salvador: s.n., 1900. (8 out. 1900)

ALBUQUERQUE, Solfieri de. *Páramos*. S. l.: s.n., 1901. (27 nov. 1901)

AUSTREGÉSILO, Antonio. *Munchas*. S. l.: s.n., 1898. (23 set. 1898)

GOMES, Oliveira. *Terra dolorosa*. S. l.: s.n., 1899. (15 ago. 1899)

PINHEIRO, Aristídes. *Cristais*. S. l.: s.n., 1901. (19 out. 1901)

Poesias

ABREU, Carvalho de. *Nuntius*. S. l.: s.n., 1906. (17 ago. 1906)

ABREU, José de. *Primeiras constelações*. S. l.: s.n., 1907. (19 abr. 1907)

AGOSTINHO, José. *Tiradentes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves & C, 1902. (3 set. 1902)

ALCANTARA, Pedro de. *Sonetos do exílio*. S. l.: s.n., 1898. (30 dez. 1898)

ALENCAR, Mário. *Versos*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1902. (28 nov. 1902)

ALIGHIERI, Dante. *O inferno*. Trad de J. P. Xavier Pinheiro. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. (19 abr. 1907)

ALMEIDA, Presciliana Duarte de. *Sombras*. Rio de Janeiro: Typ. Brasil-Rothschild, 1906. (26 out. 1906)

ALVES, Castro. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. (15 abr. 1898)

AMARAL, Amadeu. *Urzes*. S. l.: s.n., 1899. (25 jul. 1899)

AMORIM, Aníbal. *Pompas*. S. l.: s.n., 1902. (13 ago. 1902)

_____. *Novos poemas*. S. l.: s. n., 1904. (4 nov.1904)

ANDRADE, Aristheo de. *Noivado*. S. l.: s.n., 1900. (22 maio 1900)

ANDRADE, Goulart de. *Poesias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. (4 maio 1907)

ANDREA, Mario. *Cristais*. S. l.: s.n., 1901. (24 set. 1901)

- ARAGÃO, Correia de. *Harpas de fogo*. S. l.: s. n., 1903. (5 ago.1903)
- ARAÚJO, Correia de. *Evangelho de moço*. São Luis: Typ. Ramos de Almeida, 1906. (20 jul. 1906)
- ARTAGÃO, Mario de. *Música Sacra*. Lisboa: s.n., 1902. (14 abr. 1902)
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (25 maio 1901)
- AVELLAR FILHO. *Antífonas*. S. l.: s.n., 1900. (31 mar. 1900)
- AZEVEDO, Corrêa de. *Rimas sem arte*. S. l.: s.n., 1899. (29 jul. 1899)
- AZEVEDO, Magalhães de. *Horas sagradas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (4 dez. 1902)
- _____. *Procelarias*. Rio de Janeiro: Empresa Literária e Tipográfica, 1898. (28 out. 1898)
- _____. *Elegias a Leão XIII*. S. l.: s.n., 1901. (18 nov. 1901)
- _____. *Odes e elegias*. Roma: Tip. Centenari Roma, 1904. (30 dez.1904)
- BARRETO, Pereira. *Selvas e céus*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Ed. de A. M. Teixeira, 1908. (10 abr. 1908)
- BASTOS, Bolívar. *Perfil de Lise*. S. l.: s. n., 1903. (12 ago.1903)
- _____. *Perfil de Lize e Dolências*. S. l.: s.n., 1906. (6 jul. 1906)
- BASTOS, M.C. Tavares. *Ermida*. S. l.: s.n., 1900. (23 nov. 1900)
- BILAC, Olavo. *Poesias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (28 abr. 1902)
- _____. *O caçador de esmeraldas*. Trad de Carlos Parlagreco. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. (24 jul. 1908)
- BRAGA, Armando. *Fogos fátuos*. S. l.: s.n., 1903. (29 jul.1903)
- BRAGA, Belmiro. *Montesinas*. S. l.: s. n. , 1903. (20 fev. 1903)
- BRAGA, Teófilo. *Os doze de Inglaterra*. S. l.: s.n., 1902. (14 abr. 1902)
- _____. *Frei Gil de Santarém*. Porto: Chardron, 1905. (7 jul.1905)
- BRANDÃO, Paulo. *Poemas do sonho e da saudade*. S. l.: s.n., 1908. (13 mar. 1908)
- BRASIL, Zeferino. *Vovó musa*. S. l.: s. n., 1903. (9 set.1903)
- BRITO, Floriano de. *Cultuaes*. S. l.: s.n., 1898. (12 ago. 1898)
- _____. *Cultuaes*. S. l.: s.n., 1898. (9 set. 1898)
- BRITO, Herculano. *Versos simples*. S. l.: s.n., 1902. (19 abr. 1902)
- _____. *Páginas simples*. S. l.: s. n. , 1903. (25 set.1903)
- BRITO, Teodorico de. *Enciclias*. S. l.: s.n., 1905. (9 jun.1905)
- BUARQUE, Felício. *Folhas soltas*. S. l.: s.n., 1907. (25 jan. 1907)
- CALDAS, Fernando. *Opalandas*. Rio de Janeiro: Reis & C., 1907. (8 nov. 1907)

- CAMISÃO, Julio. *Musa das sogras*. S. l.: s.n., 1898. (18 nov. 1898)
- CAMÕES, Luiz Vaz de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (29 dez. 1899)
- CAMPOS, Sebastião de. *Nuvens errantes*. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1904. (24 jun.1904)
- CARDONA, Ibrantina. *Plectos*. S. l.: s.n., 1897. (10 dez. 1897)
- CARDOSO, Candido. *Versos*. S. l.: s.n., 1899. (13 jan. 1899)
- CARDOSO, Symphonio. *Louros esparsos*. S. l.: s.n., 1901. (9 jul. 1901)
- CARDOSO JUNIOR. *Larcas*. S. l.: s.n., 1900. (13 fev. 1900)
- CARVALHO, Deoclydes de. *Nublados*. S. l.: s.n., 1907. (27 dez. 1907)
- CARVALHO, Elísio de. *Horas de febre*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1900. (21 abr. 1900)
- _____. *Alma antiga*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1900. (21 abr. 1900)
- CARVALHO, Reis. *Prelúdios*. S. l.: s. n., 1903. (25 mar.1903)
- _____. *Poemas sociolátricos*. S. l.: s.n., 1903. (1 abr.1903)
- CARVALHO, Vicente de. *Rosa, rosa de amor*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. (17 maio 1902)
- _____. *Poemas e canções*. Porto: Chardron, 1908. (30 nov. 1908)
- CARVALHO, Xavier de. *Missas Negras*. Manaus: Livraria Universal de M. Silva & C., 1902. (15 fev. 1902)
- CASSIANO. *O cantor de modinhas brasileiras*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1899. (9 jun. 1899)
- CASTANHEIRA, Mário. *Sonhos de poeta*. S. l.: s. n. , 1904. (18 mar.1904)
- CASTRICIANO, Henrique. *Ruínas*. Fortaleza: s.n., 1899. (31 maio. 1899)
- _____. *Mãe*. S. l.: s.n., 1899. (26 set. 1899)
- _____. *Vibrações*. Rio de Janeiro: Gazeta do comércio, 1903. (15 jul.1903)
- CASTRO, Joaquim de. *Stelario de lágrimas*. S. l.: s.n., 1900. (21 abr. 1900)
- _____. *Rosas e lacteas*. Rio de Janeiro: Oficina de obras do Jornal do Brasil, 1898. (28 out. 1898)
- CASTRO, Marcos de. *Versos proibidos*. S. l.: s.n., 1898. (11 fev. 1898)
- CAVALCANTI, Augusto. *Tabernáculo*. S. l.: s.n., 1901. (18 nov. 1901)
- CAVALCANTI, Moreira. *Sulamites*. S. l.: s.n., 1901. (2 out. 1901)
- CAVALCANTI, R. *Primogênias*. S. l.: s.n., 1899. (19 ago. 1899)
- CAVALCANTI, Uldarico. *Bandolinatas*. S. l.: s.n., 1903. (24 jun.1903)
- CELSON, Afonso. *Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (14 mar. 1902)

- _____. *Trovas de Espanha*. S. l.: s. n., 1904. (14 out. 1904)
- CEZAR, Júlio. *Horas vagas*. Rio de Janeiro: Typ. B. esnard Freres, 1907. (8 nov. 1907)
- CINTRA, Alarico. *Monólogos e humorismos*. S. l.: s.n., 1906. (29 jun. 1906)
- COELHO, Carlos. *Psicoses*. S. l.: s.n., 1899. (9 jun. 1899)
- COELHO, Xavier. *Rebentos*. S. l.: s.n., 1901. (31 jul. 1901)
- COELHO NETO. *O romanceiro*. S. l.: s.n., 1899. (8 fev. 1899)
- _____. *Romanceiro*. Porto: Chardron, 1906. (10 nov. 1906)
- _____. *Fabulário*. Porto: Chardron, 1908. (3 abr. 1908)
- COLLAÇO, Branca de Conta. *Matinas*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica editora de A. M. Teixeira & C., 1908. (19 jun. 1908)
- CORTINES, Julia. *Vibrações*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1905. (16 jun. 1905)
- COSTA, Afonso. *Versos*. Rio de Janeiro: Typ. e pap. Altina, 1905. (9 jun. 1905)
- COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras poéticas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. (1 maio 1903)
- COSTA, Jacinto. *Os rimances da Castelã*. S. l.: s. n., 1903. (28 jan. 1903)
- COUTINHO, João. *Sombras*. S. l.: s.n., 1901. (9 jul. 1901)
- COUTINHO, Lacerda. *Greenholgh*. Rio de Janeiro: Tipografia Neri, 1901. (17 dez. 1901)
- CRUZ, Azevedo. *Profissão de fé*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (11 out. 1901)
- CRUZ, Dilermando. *Poesias*. S. l.: s.n., 1908. (24 jul. 1908)
- CRUZ, Guilherme; PIRES, Altino. *Sons dispersos e no ar*. S. l.: s.n., 1906. (8 jun. 1906)
- DELPECH, Adrien. *São Vicente de fora*. Lisboa: s. n., 1905. (22 dez. 1905)
- DUQUE-ESTRADA, Osório. *Flora de Maio*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (5 nov. 1902)
- DURVAL, Guerra. *Palavras que o vento leva*. Bruxelas: s.n., 1901. (22 fev. 1901)
- DUTRA, Antero. *Miscelânea*. S. l.: s.n., 1898. (21 out. 1898)
- D'AGUIAR, Garcia. *A Chimera divina*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. (12 out. 1899)
- EDMUNDO, Luiz. *Nimbos*. Rio de Janeiro: Aldina, 1898. (4 mar. 1898)
- _____. *Nimbos*. Rio de Janeiro: Aldina, 1898. (4 nov. 1898)
- _____. *Poesias*. Rio de Janeiro: Companhia Civilização, 1907. (7 jun. 1907)
- ERRAZURIZ, Izidoro. *Poesias*. S. l.: s.n., 1902. (29 ago. 1902)
- ESCOBAR, José. *Beijos*. S. l.: s.n., 1906. (21 set. 1906)
- FACÓ, Eurico. *Poemetos*. S. l.: s.n., 1900. (8 out. 1900)

- FARIA, Alves de. *Rosas*. S. l.: s. n., 1904. (8 jul.1904)
- FERNANDES, Carlos D. *Sotaus*. S. l.: s.n., 1902. (28 nov. 1902)
- _____. *Vanitas Vanitatum*. Rio de Janeiro: Seção de Obras d'A Província do Pará, 1906. (11 maio 1906)
- FIGUEIREDO, Manoel. *A nova pirâmide cristã*. S. l.: s.n., 1906. (6 jul. 1906)
- FONTENELLE, Vital. *Satélites*. Rio de Janeiro: Casa Mont'Alverne, 1898. (15 jul. 1898)
- _____. *Ideal*. S. l.: s.n., 1900. (8 out. 1900)
- FONTES, Hermes. *Apoteozes*. S. l.: s.n., 1908. (29 maio 1908)
- FREIRE, Laudelino. *Sonetos brasileiros*. Rio de Janeiro: M. Orosco & C., 1904. (17 jun.1904)
- FREITAS, J. H. de. *Cantos*. S. l.: s.n., 1899. (19 set. 1899)
- GALVÃO, Trajano. *Sertanejas*. S. l.: s.n., 1898. (9 dez. 1898)
- GAMA, Chichorro da. *Lira de ontem*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. (13 ago. 1901)
- GAMA, Luiz. *Primeiras trovas burlescas*. São Paulo: Typ. Bentley Junior, 1904. (22 abr.1904)
- GÓES, Carlos. *Crótalos*. S. l.: s.n., 1898. (7 out. 1898)
- _____. *Citara*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1904. (15 jul.1904)
- GÓES, Oliveira. *O sonho de viagem*. S. l.: s.n., 1908. (13 mar. 1908)
- GOMES, Costa. *Pâmpanos*. S. l.: s. n., 1904. (2 dez.1904)
- GOMES, Ismael. *Cantos de início*. S. l.: s.n., 1902. (30 jan. 1902)
- GONZAGA FILHO, José Basileu Neves. *Afetivas*. S. l.: s.n., 1908. (3 abr. 1908)
- GUIMARÃES, Alphonsus de. *Septenário das dores de Nossa Senhora*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1899. (5 maio. 1899)
- _____. *Dona Mistica*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. (13 fev. 1900)
- GUIMARÃES, Bernardo. *Poesias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (19 set. 1899)
- GUIMARÃES, Franklin. *Plenilunio*. S. l.: s.n., 1907. (11 jan. 1907)
- GUIMARÃES, Jayme. *De Amor*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (16 jul. 1901)
- _____. *Segunda Mésse*. S. l.: s. n., 1903. (24 jun.1903)
- GUIMARÃES FILHO, Luiz. *Quo Vádis?*. S. l.: s.n., 1901. (16 jul. 1901)
- _____. *Pedras preciosas*. Montevideo: s n, 1904. (4 nov.1904)
- HEINE, L. *Poemas do mar do Norte*. Trad de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. (25 mar.1903)
- HELVECIO, Marcelo. *D. Corina*. S. l.: s. n., 1903. (8 abr.1903)

- HORTA, Brand. *Lira Carmen*. S. l.: s. n., 1905. (9 jun.1905)
- JAGUARIBE, Domingos. *Album de Caliban*. S. l.: s.n., 1898. (24 jun. 1898) 5 v. 6 v.
- JUNQUEIRO, Guerra. *A velhice do padre eterno*. Lisboa: s.n., 1900. (28 jul. 1900)
- _____. *Oração ao pão*. Porto: Chardron, 1902. (29 out. 1902)
- _____. *Orações à luz*. S. l.: s. n., 1904. (30 mar.1904)
- LEAL, Gomes. *A mulher de luto*. Lisboa: Central, 1902. (29 out. 1902)
- LEITÃO, José Henrique de Sá. *Alma em flor*. Recife: s.n., 1901. (19 out. 1901)
- LELLIS, Carlindo. *Reumas e sol*. S. l.: s. n., 1904. (26 fev.1904)
- LEMONS, Eduardo Floriano de. *Filigramas*. S. l.: s. n., 1904. (22 abr.1904)
- LEMONS, Norival de. *Piraustas*. S. l.: s.n., 1908. (20 mar. 1908)
- LESSA, Themudo. *Holocausto*. S. l.: s. n., 1904. (26 ago.1904)
- LIMA, Antonio. *Hatos*. S. l.: s.n., 1907. (25 jan. 1907)
- LIMA, Hermeto. *Estalagmites*. Rio de Janeiro: Tip. Aldina, 1898. (13 maio 1898)
- _____. *Iris*. S. l.: s.n., 1906. (19 out. 1906)
- LIMA, Mário de. *Ancenubias*. S. l.: s.n., 1908. (12 jun. 1908)
- LINS, Francisco. *Versos*. S. l.: s.n., 1898. (17 jun. 1898)
- LOBO, Souza. *Meu coração*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (26 set. 1902)
- LOPES, Bernardino. *Sinhá Flôr*. S. l.: s.n., 1899. (11 jun. 1899)
- _____. *Val de lírios*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. (29 jan. 1900)
- _____. *Helenos*. S. l.: s.n., 1901. (25 dez. 1901)
- _____. *Lírio consolador e Patrício*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1904. (10 jun.1904)
- _____. *Plumário*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1905. (10 fev.1905)
- LOPES, Oscar. *Medalhas e legendas*. S. l.: s.n., 1906. (14 set. 1906)
- _____. *Medalhas e legendas*. S. l.: s.n., 1907. (1 fev. 1907)
- LOPES, Thomaz. *Sonho*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. (18 nov. 1901)
- _____. *Histórias da vida e da morte*. S. l.: s.n., 1907. (5 abr. 1907)
- LUCINDO FILHO. *Flores exóticas*. S. l.: s.n., 1898. (10 jun. 1898)
- LUCRÉCIO. *Balbúria de Lucrecio*. Trad de Mendes de Aguiar. S. l.: s.n., 1908. (24 abr. 1908)
- Lira popular*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1906. (25 maio 1906)
- MACHADO SOBRINHO. *Primeiros versos*. S. l.: s.n., 1908. (22 maio 1908)
- MAGALHÃES, Sabino de. *Heras*. S. l.: s.n., 1908. (1 maio 1908)
- MAGALHÃES, Valentim. *Rimario*. Paris: Aillaud & C., 1900. (27 jun. 1900)

- MANGABEIRA, Francisco. *Tragédia épica*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, 1900. (23 nov. 1900)
- _____. *Últimas poesias*. Rio de Janeiro: Oficinas dos Dois Mundos, 1906. (26 out. 1906)
- MARCONDES, Moyzès. *Poesias*. Rio de Janeiro: A. M. Teixeira & C., 1908. (4 jul. 1908)
- MARCONDES, Victruvio. *Baladas e orações*. S. l.: s.n., 1908. (31 jan. 1908)
- MARIZ, Romeu. *Cosmorama*. S. l.: s. n., 1904. (18 mar.1904)
- MEIRELLES, Saturnino. *Astros mortos*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1903. (21 out.1903)
- MELLO, Guennes de. *Suspiros d'Alma*. S. l.: s.n. , 1903. (5 ago.1903)
- MENDES, Cunha. *Liris*. S. l.: s.n., 1898. (18 mar. 1898)
- MENEZES, Alípio. *Missangas*. S. l.: s.n., 1907. (8 mar. 1907)
- MENEZES, A. S. Castro. *Mitos*. S. l.: s.n., 1899. (1 dez. 1899)
- MENEZES, Emílio de. *Poemas da morte*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. (13 ago. 1901)
- MENEZES, João Barretto de. *O meu ideal*. S. l.: s.n., 1898. (18 mar. 1898)
- MONTEIRO, Miguel. *Estações*. S. l.: s.n., 1902. (30 jan. 1902)
- MONTEIRO, Raimundo. *Volutas*. S. l.: s. n., 1905. (16 jun.1905)
- MORAES FILHO, Mello. *Cantares brasileiros*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1900. (11 maio 1900)
- _____. *Cantos do Equador*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. (12 out. 1900)
- _____. *Festas e tradições populares do Brasil*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (1 jul. 1901)
- _____. *Serenatas e saráus*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (23 ago. 1901)
- _____. *Serenatas e sardos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (21 jan. 1902)
- _____. *Serenatas e sardos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (24 mar. 1902)
- _____. *Poetas brasileiros contemporâneos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. (8 abr.1903)
- MUNIZ, Arthur. *Primeiras poesias*. S. l.: s.n., 1908. (24 abr. 1908)
- MURAT, Luiz. *Sarah*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (26 set. 1902)
- NASCIMENTO, Durval do. *Aljófres*. S. l.: s.n., 1901. (19 out. 1901)
- NELSON, Carlos. *Flâmulas*. S. l.: s.n., 1898. (27 maio 1898)

- NESTOR, Odilon. *Juvenilia*. Rio de Janeiro: Editor D. de Sampaio Ferraz, 1906. (5 out. 1906)
- NEVES SOBRINHO, Farias. *Estatuária*. S. l.: s. n., 1903. (18 nov. 1903)
- NUNES, Isidro. *Meteoros*. S. l.: s.n., 1906. (14 set. 1906)
- OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (19 dez. 1899)
- OLIVEIRA, Correia de. *Auto de Junho e Ara*. S. l.: s. n. , 1904. (5 ago. 1904)
- _____. *As tentações de São Frei Gil*. S. l.: s.n., 1907. (15 jun. 1907)
- OLIVEIRA, Isaias de. *Relíquias*. S. l.: s.n., 1900. (17 set. 1900)
- _____. *Stelario*. S. l.: s. n., 1904. (2 set. 1904)
- OLIVEIRA, Luís de. *Sertanejas*. S. l.: s.n., 1901. (9 jul. 1901)
- OLIVEIRA, Mendes de. *A passagem de Itororó*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1907. (13 dez. 1907)
- ONDINA. *Pombas feridas*. Paris: Aillaud, 1906. (30 nov. 1906)
- PACHECO, Felix. *Via crucis*. S. l.: s.n., 1900. (17 set. 1900)
- PAES, Áurea. *Indiana*. S. l.: s.n., 1902. (9 jul. 1902)
- PAIXÃO CEARENSE, Catullo da. *Modinhas brasileiras*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1899. (9 jun. 1899)
- _____. *Lira brasileira*. Rio de Janeiro: Quaresma & C., 1899. (22 nov. 1899)
- _____. *O cancionero popular*. 25 ed. S. l.: s.n., 1908. (8 maio 1908)
- PAPANÇA, Macedo. *Bem-vinda*. Inglaterra: Kessinger Publishing, 1903. (13 maio 1903)
- PASSOS, Guimarães. *Horas mortas*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. (6 ago. 1901)
- _____. *Visões de moço*. Rio de Janeiro: Typ. Carvalhais, 1906. (27 abr. 1906)
- PEDERNEIRAS, Mario. *Agonia*. S. l.: s.n., 1900. (17 set. 1900)
- _____. *Rondas noturnas*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. (21 jun. 1901)
- _____. *Histórias do meu casal*. Rio de Janeiro: Companhia Typ. do Brasil, 1906. (22 jun. 1906)
- PEDERNEIRAS, Raul. *Com Licença...*. S. l.: s.n., 1899. (20 out. 1899)
- _____. *Versos*. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, 1900. (23 nov. 1900)
- PEREIRA, Edwiges de Sá. *Campesinas*. S. l.: s.n., 1901. (11 out. 1901)
- PEREIRA, Eugênio de Sá. *Poesias*. S. l.: s.n., 1907 (24 maio 1907)
- PEREIRA, Leopoldo. *Versos*. S. l.: s.n., 1906. (4 maio 1906)
- PIMENT, Figueiredo. *Carmen*. S. l.: s.n., 1898. (16 jan. 1898)
- PINHEIRO, João. *Solar dos sonhos*. S. l.: s.n., 1906. (21 dez. 1906)

- PINHEIRO, Xavier. *Floriano: almas heróicas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (9 jul. 1902)
- PINTO, Serpa. *Cinzas*. Inglaterra: Kessinger Publishing, 1906. (21 dez. 1906)
- PINTO, Simões. *Cármina*. S. l.: s. n., 1904. (19 ago.1904)
- PIRES, Altino. *Pétalas soltas*. S. l.: s. n., 1904. (13 jan.1904)
- PISTARINI, Luiz. *Bandolim*. S. l.: s.n., 1899. (14 nov. 1899)
- _____. *Sombrinhas e postais*. S. l.: s.n., 1907. (15 fev. 1907)
- POMPEIA, Raul. *Canções sem metro*. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, 1901. (25 maio 1901)
- PORTO ALEGRE, Alescarino. *Areneas*. S. l.: s. n., 1903. (18 nov.1903)
- PREGO, Braulio. *Austraes*. S. l.: s.n., 1898. (17 jun. 1898)
- PUFF; PUCK. *Pimentões*. S. l.: s.n., 1898. (7 jan. 1898)
- PUJOL, Hyppolito. *Loisirs*. Paris: Garnier, 1904. (2 dez.1904)
- RAMOS, Alberto. *Ode a Santos Dummont*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. (16 set.1903)
- RAMOS, Augusto. *Ode do Campeonato*. S. l.: s.n., 1902. (13 ago. 1902)
- REBELLO, Castro. *Poema do lar*. S. l.: s.n., 1902. (12 nov. 1902)
- _____. *Loiros e mortos*. S. l.: s. n., 1903. (15 abr.1903)
- REGO, Edmundo. *Dracenas*. S. l.: s.n., 1899. (24 jun. 1899)
- _____. *Canto Novo*. S. l.: s.n., 1899. (20 out. 1899)
- RIBAS, Fanfa. *Ara do bem*. S. l.: s. n., 1904. (21 out.1904)
- RIBEIRO, Alarico. *O tribuno das árvores*. S. l.: s. n. , 1903. (29 maio 1903)
- RIBEIRO, Flexa. *Sol*. S. l.: s.n., 1906. (1 jun. 1906)
- RIBEIRO, João. *Versos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (16 jul. 1902)
- ROSTAND, Edmond. *A samaritana*. Trad. de Pinto da Rocha. Pelotas: Livraria Universal, 1905. (15 dez.1905)
- SALLES, Antonio. *Poesias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (24 mar. 1902)
- SALUSSE, Júlio. *Sombras*. Rio de Janeiro: Edição d'A. Lanterna, 1901. (27 nov. 1901)
- SANTIAGO, Gustavo. *O cavalheiro do luar*. S. l.: s.n., 1901. (21 jun. 1901)
- _____. *Pássaros brancos*. S. l.: s.n., 1903. (5 ago.1903)
- SANTOS, Daltro dos. *Obelisco*. S. l.: s.n., 1900. (22 out. 1900)
- _____. *Taça partida*. Rio de Janeiro: Typ. Gerani, 1902. (12 jun. 1902)
- SANTOS, Ernesto de Paula. *Pomos de amor*. Recife: s.n., 1900. (1 abr. 1900)
- SANTOS, Eurico dos. *Alvas*. S. l.: s. n., 1905. (15 dez.1905)

- SARMENTO, Ulysses. *Torturas do ideal*. S. l.: s.n., 1900. (9 nov. 1900)
- SILVA, Argiléo. *Pérolas*. 2 ed. S. l.: s.n., 1907. (1 jun. 1907)
- SILVA, Francisca Julia da. *Esfinges*. S. l.: s. n. , 1903. (29 maio 1903)
- SILVA, Jonas da. *Anforas*. S. l.: s.n., 1900. (29 jan. 1900)
- _____. *Uhlanos*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1902. (9 out. 1902)
- SILVA, Leal. *Cancioneiro teatral*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. (11 mar.1903)
- SILVA, Pereira da. *Elegia*. S. l.: s.n., 1901. (10 dez. 1901)
- _____. *Vae Soli!*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1903. (21 out.1903)
- SILVA, Severino. *Poema de um triste*. S. l.: s.n., 1907. (15 fev. 1907)
- SILVA, Vieira da. *Vibrações da noite*. S. l.: s.n., 1908. (8 maio 1908)
- SODRÉ, Abreu. *Aspirações*. S. l.: s.n., 1908. (3 jan. 1908)
- SODRE, Manoel. *Vozes da alma*. S. l.: s. n., 1904. (23 dez.1904)
- SOUZA, Auta de. *Horto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1900. (28 jul. 1900)
- SOUZA, Cruz e. *Broquéis*. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1898. (25 mar. 1898)
- _____. *Faróis*. Rio de Janeiro: Typ. do Instituto Profissional, 1900. (27 ago. 1900)
- _____. *Últimos sonetos*. Paris: Aillaud & C., 1905. (13 out.1905)
- TEIXEIRA, Mucio. *Poesias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. (25 nov.1903)
- _____. *Leviandade de Cimene*. S. l.: s.n., 1906. (19 out. 1906)
- TRUBERT, Maurice. *Rêves et réalités*. Paris: Garnier, 1903. (25 fev. 1903)
- URRUTIA, Diego Dublé. *Del mar à la montana*. Chile: s.n., 1906. (10 nov. 1906)
- VARZEA, Virgílio. *Mares e campos*. Rio de Janeiro: Garnier , 1903. (7 out.1903)
- VELLOSO, Dario. *Esotéricas*. Curitiba: Im. Paranaense, 1900. (8 out. 1900)
- VIEIRA, Armando. *Constelações*. S. l.: s. n., 1903. (15 jul.1903)
- WILDE, Oscar. *A balada do enforcado*. S. l.: s.n., 1899. (15 ago. 1899)
- _____. *Poemas de Oscar Wilde*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1900. (21 abr. 1900)

Prosa e poesia

- DUTRA, Antero. *Miscelânea*. S. l.: s.n., 1898. (21 out. 1898)

Relatos de viagem

- DIAS, Arthur. *Do Rio a Buenos Aires*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1901. (11 out. 1901)
- FERRO, Adersón. *Minhas Viagens*. Rio de Janeiro: Typ. Moderna de L. C. Cholowiecki, 1899. (17 fev. 1899)

- GUIMARÃES, Moreira. *No Extremo Oriente*. S. l.: s.n., 1908. (28 fev. 1908)
- GUIZAN, Thomas Aristóteles. *Viagens na Europa*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1904. (6 maio 1904)
- LIMA, Oliveira. *No Japão*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. (4 nov.1903)
- LOBO, Estevan. *De viagem*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do estado de Minas, 1902. (12 nov. 1902)
- PINTO, Jorge. *Histórias da minha terra*. S. l.: s.n., 1901. (19 abr. 1901)
- RIBAS, Anselmo. *Por montes e vales*. Rio de Janeiro: Coleção Moderna, 1899. (24 jun. 1899)

Romances

- AGOSTINHO, José. *Obras*. Rio de Janeiro: Francisco Alves., 1902. (3 set. 1902)
- ALBUQUERQUE, Antonio de. *O marquês de Bacalhoa*. S. l.: s.n., 1908. (21 fev. 1908)
- ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. (29 out. 1900)
- _____. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1898. (5 ago. 1898)
- AMERICO, Pedro. *O foragido*. Paris: Garnier Frères, 1900. (11 maio 1900)
- ARANHA, Graça. *Canaã*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (28 abr. 1902)
- ASSIS, Machado de. *Yayá Garcia*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. (4 nov. 1898)
- _____. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Prazo-Livro, 1900. (24 mar. 1900)
- _____. *A mão e a luva*. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. (16 set. 1908)
- _____. *Memorial de Ayres*. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. (16 set. 1908)
- _____. *Esaú e Jacob*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. (30 set.1904)
- AZEVEDO, Aluisio. *Lágrimas de mulher*. S. l.: s.n., 1899. (5 ago. 1899)
- _____. *Girândola de Amores*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. (16 nov. 1900)
- _____. *A mortalha de Alzira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. (9 set.1903)
- AZEVEDO, Raul. *O doutor Renato*. S. l.: s. n., 1903. (19 ago.1903)
- _____. *Tríplice aliança*. S. l.: s.n., 1907. (29 nov. 1907)
- BALZAC, Honoré de. *Eugenia Grandet*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. (28 dez. 1900)
- _____. *O tio Goriot*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (11 mar. 1901)
- _____. *O lírio do vale*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (31 jul. 1901)
- _____. *Fisiologia do casamento*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (19 abr. 1902)

- BANDEIRA, Souza. *Os amores do Sr. Jacarandá*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. (11 mar.1904)
- BASIN, René. *Donaciana*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. (2 jun.1905)
- BASTOS, Gomes. *Flora*. S. l.: s. n., 1903. (16 set.1903)
- BRANDÃO, Julio. *Maria do céu*. Porto: Chardron, 1902. (19 abr. 1902)
- BRANDAO, Raul. *A farsa*. S. l.: s. n., 1904. (17 jun.1904)
- BRASIL, Zeferino. *Juca, o letrado*. Porto Alegre: Typ. do Correio do Povo, 1900. (12 out. 1900)
- CAMARGO, Luiza. *Alice*. S. l.: s.n., 1904. (5 fev.1904)
- CELSO, Afonso. *Aventuras de Manuel João*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. (22 jul.1903)
- CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Lisboa: s. n., 1905. (25 ago.1905)
- CHAGAS, José. *Caminho do céu*. Porto: Chardron, 1903. (9 dez.1903)
- CLESER, Vera. *O lar doméstico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1903. (25 mar.1903)
- COELHO NETO. *O morto*. S. l.: s.n., 1898. (18 mar. 1898)
- _____. *O Rajab do Pendjab*. S. l.: s.n., 1899. (8 fev. 1899)
- _____. *A conquista*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. (31 maio 1899)
- _____. *Tormentas*. S. l.: s.n., 1901. (23 mar. 1901)
- CONTENTE, Padre. *Coração de amiga*. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. (20 mar. 1908)
- COSTA, Vieira da. *Entre montanhas*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1903. (16 out.1903)
- DOYLE, Conan. *As memórias, o voto e as aventuras de Sherlock Holmes; O sinal dos quatro; Um estudo vermelho; O cão dos Baskerville*. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. (7 dez. 1908)
- DUARTE, Rafael. *D. Clarita*. Rio de Janeiro: Typ. Ideal, 1907. (10 maio 1907)
- DUQUE, Gonzaga. *Mocidade morta*. Rio de Janeiro: Domingos de Magalhães, 1900. (26 fev. 1900)
- D'ALBERGARIA, Sá. *A irmã Dorotéia*. Porto: Chardron, 1902. (23 jul. 1902)
- D'ANNUNZIO, Gabriel. *O fogo*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1901. (3 maio 1901)
- FIGUEIREDO, Anthero de. *Recordações e viagens*. Lisboa: Ferreira & Oliveira, 1905. (3 mar.1905)
- FIGUEIREDO, Aurélio de. *O missionário*. Rio de Janeiro: F. A. Brockhaus, 1899. (19 ago. 1899)
- FLAUBERT. *A tentação de santo Antão*. Porto: Chardron, 1902. (28 maio 1902)

- FREYTAG, Gustavo. *Deve e Haver*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. (5 maio. 1899)
- FREIRE, Theotonio. *Regina*. S. l.: s.n., 1900. (22 maio 1900)
- FREITAS, A. Dias. *A honra de um caixeiro*. S. l.: s.n., 1899. (20 jan. 1899)
- GARNIER, P. *O mal de amor*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. (3 fev.1905)
- GÓES, Eurico de. *Flor de neve*. S. l.: s.n., 1898. (21 out. 1898)
- GONZAGA FILHO, José Basileu Neves. *A mais encantadora mulher*. Rio de Janeiro: Oficinas Tipográficas A Editora, 1903. (2 out.1903)
- GRAVE, João. *Os famintos*. Porto: Chardron, 1903. (2 dez.1903)
- _____. *A eterna mentira*. Porto: Chardron, 1905. (3 mar.1905)
- _____. *O último fauno*. Rio de Janeiro: Chardron de Lello & irmão, 1906. (8 jun. 1906)
- GUARINELLO, Angelo. *O tenente Evaristo*. S. l.: s.n., 1906. (7 dez. 1906)
- GUIMARÃES, Arthur. *A fazenda do paraíso*. Lisboa: Cia Nacional, 1898. (5 ago. 1898)
- _____. *A fazenda do paraíso*. 2 ed. Lisboa: Cia Nacional, 1900. (22 jan. 1900)
- GUIMARÃES, Emanuel. *Jorge do Barral*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. (9 jul. 1900)
- GYEL, E. *Ensaio da interpretação sintética do espiritismo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (24 out. 1902)
- JUNQUEIRO, Guerra. *A morte de D. João*. São Paulo: Livraria Paulista, 1898. (15 abr. 1898)
- KHIJANOWSKI. *O chanceler de ferro do antigo Egito*. S. l.: s.n., 1903. (22 jul.1903)
- KOCK, Paulo de. *À procura de noiva*. Rio de Janeiro: Ed. Moderna, 1898. (18 nov. 1898)
- _____. *Gustavo, o estroína*. Rio de Janeiro: Ed. Moderna., 1898. (5 ago. 1898)
- _____. *Sete bagos de uva*. Rio de Janeiro: Coleção Moderna, 1899. (20 jan. 1899)
- _____. *Veredas das ameixas*. Rio de Janeiro: Coleção Moderna, 1899. (20 jan. 1899)
- _____. *Menina bonita do arrabalde*. Rio de Janeiro: Coleção Moderna, 1900. (28 jul. 1900)
- LIMA, Oliveira. *Secretário d'el-rei*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. (3 jun.1904)
- LOBO, Antônio. *A cadeira de um neurastênico*. S. l.: s. n. , 1903. (19 dez.1903)
- LOBO, Arthur. *Rosaes*. S. l.: s.n., 1899. (3 jul. 1899)
- _____. *O outro*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1901. (1 jul. 1901)

- LOPES, Julia. *Memorias de Marta*. Rio de Janeiro: Casa Durski, 1899. (11 jul. 1899)
- _____. *Viúva Simões*. Rio de Janeiro: Antonio Maria Pereira, 1898. (21 jan. 1898)
- _____. *A falência*. Rio de Janeiro: Oficinas de Obras d'A Tribuna, 1902. (5 fev. 1902)
- _____. *A intrusa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1908. (28 dez. 1908)
- LUDORO. *Lenita*. Rio de Janeiro: Cupido, 1899. (14 abr. 1899)
- LUZ, Fábio. *Ideologo*. Rio de Janeiro: Tip. Altica, 1903. (2 set.1903)
- _____. *Os emancipados*. Rio de Janeiro: Livraria clássica Editora, 1906. (29 jun. 1906)
- MANZONI. *Os noivos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (24 out. 1902)
- MARQUES, Xavier. *Jana e Joel*. Salvador: Typ. Bahiana de C. Melchiades, 1899. (4 out. 1899)
- MEGGENDORFER, Lothar. *Ride comigo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. (29 out. 1902)
- MEREJKOWSKY, Dmitry. *A morte dos deuses*. Paris: s.n., 1902. (5 abr. 1902)
- MONTÉPIN, Xavier de. *Crimes de um fidalgo*. Rio de Janeiro: Coleção moderna, 1898. (9 set. 1898)
- NAILLES, Van Der. *No santuário*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (27 nov. 1901)
- NEVES SOBRINHO, Joaquim José de Faria. *Morbus*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1898. (22 jul. 1898)
- OLIMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. Rio de Janeiro: Typ. da Companhia litho-typographia , 1903. (18 mar.1903)
- OLIVEIRA, Cardoso de. *Dois metros e cinco*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. (26 maio 1905)
- PATROCÍNIO, José do. *Mota Coqueiro*. Rio de Janeiro: Coleção Moderna, 1899. (20 jan. 1899)
- PERNETTA, Emiliano. *Alegoria*. Rio de Janeiro: Livraria Econômica de Aníbal Rocha, 1903. (1 jul.1903)
- POMBO, Rocha. *No hospício*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. (19 abr.1905)
- PRÉVOST, Marcel. *O jardim secreto*. Rio de Janeiro: Centro de Assinaturas, 1899. (14 nov. 1899)
- REIS, Julio. *Ensaando o vôo*. S. l.: s.n., 1898. (11 nov. 1898)
- SABINO, Ionez. *Lutas do coração*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1898. (11 mar. 1898)
- SARANDY, Alfredo. *Malsinado*. S. l.: s.n., 1906. (20 abr. 1906)
- SCOTT, Walter. *Ivanhoé*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. (1 set.1905)

- _____. *Kenilworth*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. (15 mar. 1907)
- SIENKREWIEZ, Henrique. *Quo vadis*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (27 abr. 1901)
- SOUZA, Cruz e. *Evocações*. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, 1899. (8 abr. 1899)
- STOWE, Beecher. *A cabana do tio Tomas*. S. l.: s. n., 1905. (3 fev. 1905)
- TAUNAY, Visconde de. *Ouro sobre o azul*. S. l.: s.n., 1898. (25 mar. 1898)
- _____. *No declínio*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (10 fev. 1899)
- _____. *Inocência*. 4 ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. (20 out. 1899)
- TÁVORA, Franklin. *O matuto*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (27 fev. 1902)
- _____. *O Cabeleira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (27 fev. 1902)
- _____. *Lourenço*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (27 fev. 1902)
- TEÓFILO, Rodolfo. *Maria Rita*. S. l.: s.n., 1898. (28 jan 1898)
- _____. *Os brilhantes*. Rio de Janeiro: Assis Bezerra, ed., 1907. (4 jan. 1907)
- TOURINHO, Vespasiano. *Mirha*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1904. (22 jul. 1904)
- VÁRZEA, Virgílio. *George Marcial*. Rio de Janeiro: Tavares Cardoso & irmão, 1901. (23 jul. 1901)
- VICTOR, Nestor. *Amigos*. S. l.: s.n., 1900. (4 maio 1900)
- WELLS, H.G. *A guerra dos mundos*. Paris: Garnier, 1903. (29 jul. 1903)
- _____. *A máquina de explorar o tempo; O homem invisível*. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. (7 dez. 1908)
- _____. *O alimento dos deuses*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. (1 mar. 1907)

Teatro

- ALMEIDA, Filinto de. *O beijo....*. S. l.: s.n., 1908. (31 jan. 1908)
- ALMEIDA, Pires de. *Brasil-teatro*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1903. (29 jul. 1903)
- AZEVEDO, Artur. *O badejo*. S. l.: s.n., 1898. (28 out. 1898)
- _____. *O dote*. Rio de Janeiro: M. Piedade, 1907. (26 abr. 1907)
- COELHO NETO. *Saldunes*. Rio de Janeiro: Tavares Cardoso, 1900. (7 set. 1900)
- _____. *Pastoral*. Rio de Janeiro: Tavares Cardoso, 1905. (17 nov. 1905)
- COUTINHO, Alvares. *Dulce*. S. l.: s.n., 1906. (15 out. 1906)
- DANTAS, Júlio. *Paços de Veiros*. Lisboa: Tavares, Cardoso & irmão, 1903. (6 maio 1903)
- D'ARIÉVILLE, Maurice. *Rayons E'pars*. S. l.: s.n., 1906. (14 dez. 1906)

GARRIDO, Eduardo. *Cenas e cançonetas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (17 dez. 1901)

KEMP, Emílio. *Matinal*. S. l.: s.n., 1899. (19 set. 1899)

TAVARES, Rubem. *Sepúlcro de vivos*. Genova: s. n. , 1904. (26 fev.1904)

2) OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

Anedotas

Para rir. S. l.: s. n., 1905. (20 jan.1905)

Ciência, filosofia, religião, ocultismo, aforismos e espiritismo

AGOSTINHO, São. *Meditações*. S. l.: s.n., 1906. (27 abr. 1906)

_____. *Solilóquios e manual*. Rio de Janeiro: Garnier, 1906. (29 jun. 1906)

AKSAKOFF, Alexandre. *Animismo e espiritismo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. (28 dez. 1900)

_____. *Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (17 maio 1902)

_____. *Animismo e espiritismo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. (28 jan. 1903)

ALVIM, Alvaro. *Eletricidade perante a medicina*. S. l.: s.n., 1902. (1 ago. 1902)

ARAGON, Agostinho. *Ensaio da História do positivismo no México*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1900. (29 out. 1900)

BELLET, Daniel. *As maravilhas da ciência*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (15 jul. 1899)

BESSA, Alberto. *O jornalismo*. Rio de Janeiro: Viúva Travares Cardoso, 1905. (4 ago.1905)

BEVILAQUA, Clóvis. *Esboços e fragmentos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. (6 nov. 1899)

BITTENCOURT, Liberato. *Classificação das ciências*. São Paulo: Livraria Paulista, 1905. (27 jan.1905)

_____. *Principes generaux d'organisation des armies*. S. l.: s.n., 1907. (21 jun. 1907)

BLECH, Aimée. *Princípios teosóficos*. S. l.: s. n., 1904. (19 ago.1904)

BONFIM, Manoel. *Das alucinações auditivas*. São Paulo: Tipografia Espíndola, 1904. (10 jun.1904)

_____. *O ciúme*. S. l.: s. n., 1905. (1 set.1905)

_____. *O ciúme*. S. l.: s.n., 1905. (3 nov.1905)

BRAGA, Camilo P. *O estado de sítio e a pena de morte*. S. l.: s. n., 1905. (7 jul.1905)

BRITO, Farias. *Finalidades do mundo*. S. l.: s.n., 1899. (17 jun. 1899)

BRITTO, Costa. *Revelações da magia moderna*. São Paulo: Livraria Paulista, 1903. (9 dez.1903)

- BRUNO. *A ideia de Deus*. Porto: Chardron, 1902. (19 dez. 1902)
- BUE, Alphonse. *O magnetismo curador*. S. l.: s. n., 1905. (8 set.1905)
- BURLAMAQUI, Armando. *Pela marinha*. S. l.: s.n., 1906. (5 out. 1906)
- CARDOSO, Fausto. *Taxinomia social*. Rio de Janeiro: Typ. Moraes, 1898. (13 maio 1898)
- CARVALHÃES FILHO, José. *Estudos gramaticais*. S. l.: s.n., 1908. (8 maio 1908)
- CARVALHO, Bulhões. *A verdadeira população do RJ*. S. l.: s.n., 1901. (1 jul. 1901)
- CARVALHO, Horácio de. *Okaf*. S. l.: s. n. , 1903. (17 jun.1903)
- CARVALHO, Marques de. *Carteira de um diplomata*. Belém: s.n., 1899. (5 ago. 1899)
- CARVALHO, Prado. *Apontamentos de balística*. Paris: s.n., 1902. (5 abr. 1902)
- CASA LOMBAERTS. *Talismã contra o divórcio*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1900. (7 set. 1900)
- CASTILHO, Álvaro de. *A América do Norte em trabalho*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. (8 nov. 1907)
- CELSONO, Afonso. *Porque me ufano de meu país*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. (1 mar. 1901)
- CEPELLOS, Baptista. *Os corvos*. S. l.: s.n., 1907. (5 abr. 1907)
- CHAMBERS, George. *História dos eclipses*. Lisboa: Ferreira & Oliveira Ltda, 1905. (17 nov.1905)
- COELHO NETO. *O paraíso*. Porto: Chardron, 1898. (27 maio 1898)
- CONTENTE, Clementino. *As nossas crenças*. S. l.: s.n., 1898. (30 dez. 1898)
- CORREIA, J. Romaguera. *Vocabulario sul-riograndense*. Pelotas: Livraria Universal, 1898. (16 set. 1898)
- COSTE, Albert. *Fenômenos psíquicos ocultos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. (8 jul.1903)
- CRUCHAGA, Miguel. *O arbitramento no congresso de Montecideo*. S. l.: s.n., 1901. (6 ago. 1901)
- CUNHA, Euclides. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. (12 dez. 1902)
- DARCY, James F. *O divórcio*. S. l.: s.n., 1898. (12 ago. 1898)
- DARG, Jean. *Leão XIII e sua corte*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (1 mar. 1901)
- DELANNE, Gabriel. *O espiritismo perante a ciência*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. (19 ago.1904)
- DELANNE, Leon. *A evolução animica*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (1 mar. 1901)
- DELANNE, Salvinio. *O fenômeno espírita*. S. l.: s.n., 1900. (28 dez. 1900)

- DENIS, Leon. *O porquê da vida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1898. (18 nov. 1898)
- _____. *Depois da morte*. S. l.: s.n., 1898. (18 nov. 1898)
- _____. *Catolicismo e espiritismo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. (1 mar. 1901)
- _____. *O porquê da vida*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (18 mar. 1901)
- DIAS, Artur. *O Brasil atual*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904. (26 ago.1904)
- D'ESPERANCE, Mme. *No país das sombras*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (5 nov. 1901)
- EGANA, Rafael. *La cuestion de Taena y Arica*. S. l.: s.n., 1901. (3 maio 1901)
- FAJARDO, Francisco. *Moléstias tropicais*. S. l.: s.n., 1903. (6 fev. 1903)
- FLAMMARION, Camilo. *Outra vida?*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. (11 fev. 1903)
- FONSECA, João Severino da. *Voyage autour du Brésil*. Rio de Janeiro: A. Lavignasse, 1899. (13 jan. 1899)
- FONSECA, Masson da. *Guia prático da mulher grávida e da mulher mãe*. São Paulo: Livraria Paulista, 1908. (4 jul. 1908)
- FRAZÃO, Armando. *Um caso de analogia anatomo-fisiológica entre animal e vegetal*. S. l.: s.n., 1908. (28 dez. 1908)
- FURTADO, Azubem. *Pesquisas pisciculturas na Bahia do Rio de Janeiro*. S. l.: s. n. , 1903. (13 maio 1903)
- GABAGLIA, Raja. *O mais antigo documento matemático*. S. l.: s.n., 1900. (9 nov. 1900)
- GARINHO, Adalberto. *A persistencia da vida*. S. l.: s.n., 1902. (4 dez. 1902)
- GUSMÃO, Antonio Cardoso de. *Liberdade profissional*. Rio de Janeiro: Typ. da Livraria Econômica, 1901. (13 ago. 1901)
- GIBIER, Paul. *Análise das coisas*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1904. (19 ago.1904)
- GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem*. S. l.: s. n., 1904. (28 out.1904)
- GUALBERTO, Luciano. *Proteção ao operário*. S. l.: s.n., 1908. (26 jun. 1908)
- GUIMARÃES, Leite. *Entre flores e amores*. S. l.: s.n., 1899. (13 jan. 1899)
- GUIMARÃES, Moreira. *A disciplina e a liberdade humana*. São Paulo: Livraria Paulista, 1902. (28 maio 1902)
- GUIMARÃES, Pinheiro. *Da hipertermia*. São Paulo: Eclectica, 1903. (4 mar.1903)
- HIGGINS, Arthur. *Compêndio de ginástica e jogos escolares*. S. l.: s.n., 1899. (22 nov. 1899)
- ISMELLO. *Gonçalves Dias e a Academia Brasileira*. S. l.: s.n., 1901. (9 set. 1901)
- JAX. *Pensamentos*. S. l.: s. n. , 1904. (29 jan.1904)

- JUNIUS, Léo. *Mistérios de além túmulo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. (5 nov. 1901)
- KEMPIS. *Da imitação de Cristo*. Trad. de Afonso Celso. S. l.: s.n., 1898. (19 ago. 1898)
- L, S. de. *O feiticeiro dos bichos*. S. l.: s.n., 1898. (21 out. 1898)
- LAURET, Paulo. *A B C do massagista*. S. l.: s.n., 1907. (19 abr. 1907)
- LEITE, A. de Souza. *Memória sobre o reino encantado*. S. l.: s.n., 1898. (4 mar. 1898)
- LE MOS, Miguel. *A liberdade espiritual*. S. l.: s.n., 1899. (16 maio. 1899)
- LOMBROSO, Gina. *O livro de Gina Lombroso*. S. l.: s.n., 1908. (30 nov. 1908)
- LUCO, Luiz Orrego. *Los problemas internacionales del Chile*. Rio de Janeiro: Imprensa Esmeralda, 1902. (7 jan. 1902)
- LUSTOSA, Monsenhor Vicente. *O hipnotismo e a religião*. S. l.: s.n., 1901. (18 set. 1901)
- MANCOURT. *Provação religiosa sobre a obediência*. S. l.: s.n., 1900. (28 dez. 1900)
- MARCHAL, Padre V. *Esperança aos que choram*. S. l.: s.n., 1900. (9 jan. 1900)
- MARCHAL, Victor. *O homem como deveria sê-lo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. (11 maio 1900)
- MARCHAL. *O ramallete das jovens cristãs*. S. l.: s.n., 1901. (11 mar. 1901)
- MARICÁ, Marquês de. *Máximas*. S. l.: s. n., 1905. (1 set.1905)
- MARQUES, João. *Um recurso extraordinário*. S. l.: s.n., 1899. (6 nov. 1899)
- MAUCOURANT. *Vida de intimidade com o divino Salvador*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. (29 out. 1900)
- MENDONÇA, José de Gouveia. *A personalidade de Jesus*. S. l.: s.n., 1904. (20 maio 1904)
- MESQUITA, Elpídio de. *Infrações da palavra*. Rio de Janeiro: Typ. da Companhia de Loterias Nacionais do Brasil em Sapopemba, 1901. (19 abr. 1901)
- MOARES, Evaristo de. *Crianças abandonadas e crianças criminosas*. S. l.: s.n., 1901. (18 mar. 1901)
- MONTEIRO, J. M. *Compilação da legislação da marinha*. S. l.: s.n., 1901. (16 jul. 1901)
- MORAES, Mello. *Quadros e crônicas*. S. l.: s.n., 1898. (30 set. 1898)
- MORAES, Venceslau de. *Vida japonesa*. Porto: Livraria Lello e irmão, 1907. (20 dez. 1907)

- MURINELLY. *A indústria do leite, do queijo e da manteiga na Suíça*. São Paulo: Eclectica, 1908. (20 mar. 1908)
- NORDAU, Max. *As Paródias do misticismo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. (2 dez. 1898)
- _____. *O culto de Ricardo Wagner*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1898. (2 dez. 1898)
- O MÊS de S. José. Rio de Janeiro: Garnier, 1906. (6 abr. 1906)
- O novo cozinheiro universal*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (23 ago. 1901)
- OCHOROWIEZ. *Sugestão mental*. S. l.: s. n., 1903. (10 jun. 1903)
- OLIVEIRA, Samuel de. *Concepção da filosofia*. S. l.: s.n., 1901. (7 jun. 1901)
- OLIVEIRA, Virgílio Cardoso de. *Leitura cívica*. S. l.: s.n., 1901. (17 dez. 1901)
- PAYOT, Jules. *A educação da vontade*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. (3 set. 1902)
- PINTO, Sá. *Higiêne do trabalho*. S. l.: s.n., 1908. (26 jun. 1908)
- PIRES, Alvares. *Conquistador*. S. l.: s.n., 1901. (11 mar. 1901)
- PLATTEN, M. *Novo método de curar*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. (6 maio 1903)
- REDONDO, Garcia. *Carícias*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. (7 maio 1902)
- REIS, Vicente. *Os ladrões no Rio*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. (12 ago. 1903)
- RIBEIRO, João. *Frases feitas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1908. (10 abr. 1908)
- ROCHA, A. de. *A levitação*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. (6 jan. 1904)
- RODRIGUES, Barbosa. *Palmae Matogrossenses*. S. l.: s.n., 1898. (25 fev. 1898)
- _____. *Palmae Novae Paraguayensis*. S. l.: s.n., 1899. (24 mar. 1899)
- RODRIGUES, José Carlos. *Religiões acatólicas*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1904. (18 nov. 1904)
- RODRIGUES, Nina. *Épidémie de folie religieuse au Brèsil*. Rio de Janeiro: Paris, 1899. (17 mar. 1899)
- ROXO, Henrique. *O pulso nos alienados*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (3 set. 1902)
- SABINO, Ignez. *Mulheres Ilustres do Brasil*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (4 out. 1899)
- SABOIA, Visconde de. *A vida psíquica do homem*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. (25 dez. 1903)
- SALGADO, Gabriel. *Assuntos militares*. S. l.: s.n., 1898. (11 nov. 1898)
- SALGADO, Heliodoro. *O culto da Imaculada*. Porto: Chardron, 1905. (21 jul. 1905)
- SAMPAIO, Azevedo. *Os portugueses no Brasil*. Lisboa: s.n., 1899. (15 jul. 1899)
- SAMPAIO, J. Pereira de. *O Brasil mental*. Porto: Chardron, 1898. (6 maio 1898)

- SANTOS, Rodrigues dos. *Dos ovários como elemento causal de moléstias da mulher...* S. l.: s. n. , 1903. (10 jun.1903)
- SENEUIL, Courcelle; DUNOYER, Carlos. *A liberdade profissional e os privilégios escolares*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1899. (16 maio. 1899)
- SILVA, Henrique. *A caça no Brasil central*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. (13 fev. 1900)
- SODRE, Pedro. *Intercambio brasileiro-argentino*. Rio de Janeiro: J. Peuser, 1905. (6 jan.1905)
- SOUZA, Teixeira de. *Maria, a menina roubada*. Rio de Janeiro: Coleção Moderna, 1899. (20 jan. 1899)
- SOUZA, Vicente de. *Restituição da pronúncia latina*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. (8 ago. 1902)
- SPENCER, Herbert. *Classificação das ciências*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. (29 out. 1900)
- TAPAJÓS, Manuel. *Fronteira sul do Amazonas: questão de limites*. São Paulo: s.n., 1898. (4 nov. 1898)
- TAPAJÓZ, Estellita. *Ensaio de filosofia e ciência*. São Paulo: s.n., 1899. (17 fev. 1899)
- TAYORA, Fernandes. *Telepatia*. S. l.: s. n. , 1903. (1 maio 1903)
- THOMPSON, Arthur. *Estudos sobre torpedos*. São Paulo: Livraria Paulista, 1906. (5 out. 1906)
- VERÍSSIMO, José. *Pará e Amazonas: questão de limites*. Rio de Janeiro: Companhia tipográfica do Brasil, 1899. (14 nov. 1899)
- VIANNA, Sá. *Arbitragem internacional*. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, 1901. (17 jun. 1901)
- VILLIERS, H.; LARBALÉTRIER, Albert. *Tratado prático de medicina veterinária*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. (28 dez. 1900)

Direito e ciência política

- ABREU, Anísio de. *Trabalhos parlamentares*. S. l.: s. n., 1903. (25 set.1903)
- ALCORTA, Amâncio. *Garantias constitucionais*. S. l.: s.n., 1900. (16 nov. 1900)
- ALMEIDA, Lacerda de. *Expulsão de estrangeiros*. S. l.: s.n., 1907. (7 jun. 1907)
- ALMEIDA JUNIOR, João Mendes de. *O processo criminal brasileiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. (3 maio 1901)

- ARAÚJO, João Vieira de. *Código penal comentado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1901. (7 jun. 1901)
- _____. *Código penal interpretado*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1901. (17 dez. 1901)
- ARISTIDES, Milton. *A constituição do Brasil*. S. l.: s.n., 1902. (8 ago. 1902)
- BARBALHO, João. *Comentarios a constituição federal brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves & C., 1902. (23 jul. 1902)
- _____. *Constituição federal brasileira*. S. l.: s. n., 1904. (20 maio 1904)
- BEVILAQUA, Amélia; BEVILAQUA, Clóvis. *Literatura e direito*. S. l.: s.n., 1907. (1 nov. 1907)
- BEVILAQUA, Clóvis. *Em defesa do código civil*. S. l.: s.n., 1906. (27 jul. 1906)
- BUENO, Pimenta. *Apontamentos sobre o processo criminal brasileiro*. Rio de Janeiro: Empresa Nacional do Diário, 1900. (28 dez. 1900)
- CALDAS, Honorato. *O marechal de ouro*. Rio de Janeiro: Typ. Popular, 1898. (12 ago. 1898)
- CARDOSO, Fausto. *Cosmos do direito*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. (28 dez. 1900)
- CARVALHO, Alberto. *Causas célebres brasileiras*. Rio de Janeiro: Livraria Cruz Coutinho, 1898. (14 out. 1898)
- CARVALHO, Carlos de. *Nova consolidação das leis civis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1899. (19 dez. 1899)
- CASTRO, Augusto Olympio Viveiros de. *Delitos contra a honra da mulher*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1897. (31 dez. 1897)
- _____. *Contrabando*. S. l.: s.n., 1899. (5 ago. 1899)
- _____. *Jurisprudência criminal*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (17 jun. 1901)
- _____. *Questões de Direito penal*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1901. (25 out. 1901)
- _____. *Tratados dos impostos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. (10 dez. 1901)
- CELSONO, Afonso. *Oito anos de parlamento*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. (25 fev. 1903)
- COELHO, Henrique. *Constituição de 1891 e a constituinte de 1901*. Rio de Janeiro: Typ. do Diário Oficial, 1903. (1 abr. 1903)
- _____. *Congresso jurídico americano*. S. l.: s. n. , 1904. (29 jul. 1904)
- CORDEIRO, Carlos. *Consultor Orfanológico*. S. l.: s.n., 1901. (27 nov. 1901)

- CORREIA, Serzedello. *Revisão constitucional*. Rio de Janeiro: Typ. da Companhia Lit-Typographia, 1904. (15 abr.1904)
- COUTINHO, José Bonifácio de Oliveira. *Fonografo nas suas relações jurídicas*. São Paulo: s. n., 1903. (18 nov.1903)
- DRUMMOND, Lima. *Questões de Direito criminal*. S. l.: s.n., 1898. (18 nov. 1898)
- FARIA, Bento de. *Anotações teórico-práticas do código penal*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1905. (3 fev.1905)
- _____. *Elementos de Direito romano*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1907. (1 jun. 1907)
- FLORE, Lúcio. *Silhuetas parlamentares*. Belo Horizonte: s.n., 1898. (11 fev. 1898)
- FONSECA, Alvarenga. *Coisas municipais*. S. l.: s.n., 1899. (10 mar. 1899)
- FONSECA, José Joaquim de Oliveira. *Legitimação de filhos adulterinos*. S. l.: s.n., 1902. (20 jun. 1902)
- FREIRE, Felisberto. *As constituições dos estados e a constituição federal*. S. l.: s.n., 1899. (6 nov. 1899)
- JAGUARIBE, Domingos. *O município e a república*. São Paulo: J. B. Endrizzi & C., 1898. (24 jun. 1898)
- LIMA, Oliveira. *Nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: F. A. Brockhaus, 1899. (11 dez. 1899)
- LOBO, Américo. *Decisões constitucionais de Marchal*. S. l.: s.n., 1904. (15 jul.1904)
- LOBO, Hélio. *Sabres e togas*. S. l.: s.n., 1906. (6 jul. 1906)
- MENDES, José. *Ensinos de filosofia do Direito*. S. l.: s.n., 1906. (23 nov. 1906)
- MENDONÇA, Carvalho de. *O poder judiciário no Brasil*. Curitiba: s.n., 1899. (15 jul. 1899)
- MENDONÇA, Lúcio de. *Páginas jurídicas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. (14 jan. 1903)
- MORAES, Evaristo de. *Estudo de Direito criminal*. Rio de Janeiro: Oficina typ. da Instituto Profissional, 1898. (23 set. 1898)
- _____. *Apontamentos de direito operário*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905. (3 nov.1905)
- NABUCO, Joaquim. *Um estadista do império: Nabuco de Araujo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. (6 maio 1898)
- ORLANDO, Arthur. *Pan-Americanismo*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio de Rodrigues & C., 1906. (16 nov. 1906)

PEIXOTO, Júlio Alberto. *Roteiro do estudante fluminense*. S. l.: s.n., 1898. (7 out. 1898)

PEREIRA, Lafayette Rodrigues. *Princípios de Direito internacional*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1903. (16 set.1903)

PEREIRA, Virgílio de Sá. *Questões de direito*. S. l.: s. n., 1904. (17 fev.1904)

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *A redação do projeto do código civil*. Salvador: Oficinas dos Dois Mundos, 1905. (1 dez.1905)

RODRIGUES, Coelho. *A república na América do sul*. Rio de Janeiro: Typ. dos Estabelecimentos Benziger & C., 1906. (27 abr. 1906)

RODRIGUES, Nina. *La psicologia del dépeçage criminal*. Buenos Aires: s. n., 1903. (28 out.1903)

SOARES, Oscar de Macedo. *Código penal anotado*. S. l.: s.n., 1902. (27 fev. 1902)

_____. *Código penal*. S. l.: s. n. , 1905. (20 jan.1905)

SOUZA, Alberto. *Brasil-Paraguai*. S. l.: s.n., 1899. (19 ago. 1899)

SOUZA JUNIOR, Cláudio de. *Pela mulher!*. Rio de Janeiro: Typ. Brasil de Carlos Gerke, 1899. (24 mar. 1899)

VARELLA, Alfredo. *Direito constitucional brasileiro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. (11 mar.1903)

VASCONCELLOS, Bernardo Pereira de. *Carta aos senhores eleitores da província de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: F. Rodrigues de Paiva, 1899. (12 out. 1899)

VEIGA, Dima da. *Código comercial*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. (5 nov. 1901)

VIANNA, Sá. *Congresso jurídico americano*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (28 maio 1902)

_____. *Das falências*. S. l.: s.n., 1907. (4 out. 1907)

Economia

CORREIA, Serzedello. *O problema econômico*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904. (13 jan.1904)

DIAS, Arthur. *O problema naval*. Rio de Janeiro: Oficina da estatística, 1899. (22 nov. 1899)

REIS, Julio. *Contabile*. S. l.: s.n., 1899. (20 jan. 1899)

Educação e livros didáticos

AGDÁ. *Tratado sobre o ensino de corte*. S. l.: s.n., 1898. (11 mar. 1898)

- ALI, Said. *Compêndio de geografia elementar*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1905. (25 ago.1905)
- ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Livro das donas e donzelas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906. (25 maio 1906)
- _____. *Histórias de minha terra*. S. l.: s.n., 1907. (24 maio 1907)
- AMARAL, Valeriano Pecegueiro do. *Noções de Química orgânica*. S. l.: s.n., 1900. (12 out. 1900)
- BAIN, Alexandre. *Ciência da educação*. Lisboa: s. n., 1905. (3 nov.1905)
- BARRETO, Arnaldo. *Livro de leitura*. S. l.: s. n. , 1903. (7 out.1903)
- BIANCHI, Leonardo. *Lições sobre fisiopatologia da linguagem*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. (4 set. 1899)
- BILAC, Olavo; BONFIM, Manoel. *Livro de composição portuguesa*. S. l.: s.n., 1899. (5 maio. 1899)
- _____. *O livro de leitura*. S. l.: s.n., 1899. (20 out. 1899)
- BITTENCOURT, Pinheiro de. *Compêndio de geografia geral*. S. l.: s.n., 1907. (26 abr. 1907)
- BONFIM, M. *Compêndio de zoologia*. Paris: Garnier, 1902. (21 nov. 1902)
- BULCÃO, Mario. *Vida infantil*. S. l.: s. n. , 1903. (8 abr.1903)
- CALASANS, Bittencourt. *Lições de geografia da América*. S. l.: s.n., 1904. (29 jan.1904)
- CARVALHO, Alfredo de. *Frases e palavras*. Rio de Janeiro: J. W. de Medeiros e Cia, 1906. (4 maio 1906)
- CELSO, Afonso. *Por que me ufano do meu país?*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. (4 dez. 1901)
- CHASTEAU, L. *Lições de Pedagogia*. Trad de Antonio Figueirinhas. S. l.: s.n., 1902. (17 set. 1902)
- DARDIGNAC, Fernand. *O desenho na escola*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (19 ago. 1899)
- DUBOIS, Edmond. *Trigonometria esférica*. S. l.: s.n., 1899. (3 mar. 1899)
- EU sei ler*. S. l.: s. n., 1905. (17 nov.1905)
- EULÁLIO, José. *Hidráulica*. S. l.: s.n., 1903. (29 jul.1903)
- _____. *Resistência dos materiais*. S. l.: s. n., 1905. (17 nov.1905)
- FREIRE, Laudelino. *Quadro corográfico de Sergipe*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. (16 set. 1898)

- FREIRE, Olavo. *Exercícios cartográficos*. S. l.: s. n., 1904. (6. abr.1904)
- GASPAR, Felix. *Ensino secundário e superior em fase da constituição*. S. l.: s.n., 1902. (31 dez. 1902)
- GODOIS, Barbosa de. *Instrução cívica*. S. l.: s.n., 1901. (17 dez. 1901)
- GRAINHA, Borges. *A instrução secundária no estrangeiro e em Portugal*. Lisboa: s.n., 1906. (27 abr. 1906)
- HIGINS, Artur. *Manual de ginástica higiênica*. S. l.: s.n., 1902. (15 out. 1902)
- LACERDA, Joaquim Maria de. *Pequena História do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1899. (4 set. 1899)
- LANGLEBERT, J. *História natural*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (18 mar. 1901)
- LAPPARENT. *Resumo de Geologia*. Trad de Ramiz Galvão. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (12 out. 1899)
- MACIEL, Maximino. *Lições de Botânica*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (18 mar. 1901)
- _____. *Gramática descritiva*. S. l.: s.n., 1902. (5 abr. 1902)
- _____. *Noções de Agronomia*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (24 out. 1902)
- _____. *Lições elementares de língua portuguesa*. S. l.: s. n., 1903. (26 ago.1903)
- MAIA, Z. M. *Gramática da lingua portuguesa*. S. l.: s.n., 1899. (1 maio 1899)
- MONAT, H.; RUCH, Gastão. *Método para o estudo da língua francesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1901. (8 fev. 1901)
- MONTEIRO, Ortiz. *Corografia do estado de São Paulo*. Rio de Janeiro: Typ. do Diário de Taubaté, 1899. (24 mar. 1899)
- NUNES, Castro. *Edições de Física*. S. l.: s. n., 1903. (22 jul.1903)
- O tradutor francês*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (1 maio 1899)
- OLIVEIRA, Virgílio Cardoso de. *A pátria brasileira*. Bruxelas: s.n., 1904. (4 mar.1904)
- PAZ, Campos da. *Manual prático do viticultor*. São Paulo: Eclectica, 1898. (24 jun. 1898)
- POMBO, Rocha. *História da América*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. (15 abr.1903)
- PRADO, Manuel do. *A educação de nossos filhos*. Belo Horizonte: s.n., 1901. (9 set. 1901)
- REGO, Fábio Hostilio de Moraes. *A trigonometria retilínea*. S. l.: s.n., 1899. (3 mar. 1899)
- RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *A réplica do dr. Rui Barbosa*. Salvador: Oficinas dos Dois Mundos, 1905. (1 dez.1905)

- ROSA, Ferreira da. *Excursões escolares*. S. l.: s.n., 1899. (24 mar. 1899)
- SÁVIO, Themistócles. *Curso elementar de geografia*. S. l.: s.n., 1908. (27 mar. 1908)
- SOUZA, Vicente de. *Curso de lógica*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. (25 nov. 1903)
- SPENCER, Herbert. *Educação*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901. (7 jun. 1901)
- TROOST, L. *Compêndio de Química*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (11 mar. 1901)
- VARELLA, Alfredo. *Pátria*. S. l.: s.n., 1900. (19 dez. 1900)
- VEIGA, J. P. da. *Tratado da ciência das finanças*. S. l.: s.n., 1898. (7 out. 1898)
- VIERA, J. J. R. *Propaganda da transformação de nossas escolas públicas*. S. l.: s.n., 1899. (31 maio. 1899)
- VIEIRA, Veríssimo. *Gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899. (10 fev. 1899)

Geografia

- CARVALHO, Horácio de. *Itatiaia*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. (7 set. 1900)
- CATARUZZA, Mario. *Buenos Aires*. S. l.: s.n., 1906. (17 ago. 1906)
- CUNHA, Lassange. *O Rio grande do sul*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908. (7 ago. 1908)
- FREIRE, Olavo. *Mapa do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1907. (13 dez. 1907)
- O estado de Amazonas*. Genova: s.n., 1899. (16 maio 1899)
- PARANÁ, Sebastião. *Corografia do Paraná*. Curitiba: Typ. Liv. Econômica, Aníbal Rocha & Cia, 1900. (22 out. 1900)
- PARANAGUÁ, Nogueira. *Do Rio de Janeiro ao Piauí*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905. (25 ago. 1905)
- PEIXOTO, Afrânio. *Clima e doenças do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907. (27 dez. 1907)
- PINTO, Moreira. *São Paulo em 1899*. S. l.: s.n., 1899. (10 fev. 1899)
- Recenseamento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Oficina da estatística, 1908. (6 mar. 1908)
- SANTOS, Agenor de Noronha. *Corografia do Distrito Federal*. S. l.: s.n., 1902. (19 abr. 1902)
- VASCONCELLOS, Clodomiro Rodrigues de. *O estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Viúva Azevedo & C., 1907. (22 nov. 1907)

História e Sociologia

- ABRANCHES, Dunshee de. *Atos e atas do governo provisório*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907. (29 nov. 1907)
- ABREU, Capistrano. *O descobrimento do Brasil pelos portugueses*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. (13 jul. 1900)
- ANDRADA, Diogo de Payva. *Casamento perfeito*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. (7 abr.1905)
- ARAÚJO, Elísio de. *Estudo histórico sobre a política da capital federal*. S. l.: s.n., 1898. (9 dez. 1898)
- ASSOCIAÇÃO do quarto centenário. *Livro do centenário*. Rio de Janeiro: Associação do Quarto Centenário, 1900. (26 set. 1900)
- BARBOSA, Antônio da Cunha. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: Impr. Nacional, 1899. (14 abr. 1899)
- BENÍCIO, Manuel. *O rei dos jagunços*. Rio de Janeiro: Typ. do “Jornal do Comércio” de Rodrigues & C., 1899. (24 jun. 1899)
- BONFIM, Manuel. *A América latina*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. (19 maio 1905)
- CALDAS, José. *História de um fogo morto*. Porto: Chardron , 1904. (12 fev.1904)
- CANDIDO, Zeferino. *Portugal*. Rio de Janeiro: Cia de Loterias Nacionais do Brasil, 1898. (10 jun. 1898)
- CARVALHO, Horácio de. *Navegação aérea*. Rio de Janeiro: Typ. do Diário Oficial, 1902. (24 mar. 1902)
- CONRADO, Alberto. *O comércio e a navegação na História*. S. l.: s. n., 1905. (20 jan.1905)
- COSTA, Antonio da. *Na minha história de instrução popular em Portugal e Três mundos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (9 jul. 1902)
- DAWSON. *South American Republics*. Rio de Janeiro: Putnam’s sous, 1903. (25 dez.1903)
- DUQUE, Gonzaga. *Revoluções brasileiras*. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Comércio, 1898. (30 dez. 1898)
- ENNES, Antonio. *A guerra d’Africa em 1893*. S. l.: s.n., 1898. (23 dez. 1898)
- GUANABARA, Alcindo. *A presidência Campos Salles*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. (22 abr.1903)
- GUIMARÃES, Vieira. *A ordem de Cristo*. Lisboa: s.n., 1903. (4 mar.1903)

- KIRCHOFF, Alfred. *O Homem e a Terra*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. (29 ago. 1902)
- LACERDA, Gustavo de. *O problema operário no Brasil*. S. l.: s.n., 1901. (31 jul. 1901)
- LEITÃO, Joaquim. *Do civismo e da arte no Brasil*. Rio de Janeiro: Tavares Cardoso & irmão, 1900. (9 nov. 1900)
- LEOPOLDO, Padre Duarte. *Pela família*. S. l.: s.n., 1899. (1 maio 1899)
- LIMA, Oliveira. *O conhecimento do império*. S. l.: s.n., 1901. (19 abr. 1901)
- MASCARENHAS, Aníbal. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1898. (15 abr. 1898)
- MENDES, Bias. *Estudos americanos*. Salvador: Oficinas do Diário da Bahia, 1905. (18 ago. 1905)
- MENDONÇA, Curvello de. *Regeneração*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. (3 jun. 1904)
- MONTEIRO, Tobias. *O Sr. Campos Salles na Europa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. (17 set. 1900)
- MORÃES FILHO, Mello. *Histórias e costumes*. Paris: Garnier, 1907. (15 mar. 1907)
- NABUCO, Joaquim. *Um estadista do império*. Rio de Janeiro: Garnier, 1898. (23 dez. 1898)
- ORLANDO, Arthur. *Pan-Americanismo*. S. l.: s.n., 1906. (16 nov. 1906)
- OURO PRETO, Visconde de. *A década republicana*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. (28 maio 1902)
- PACHECO, Felix. *O publicista da regência*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1899. (14 nov. 1899)
- PITTA, Sebastião da Rocha. *História da América portuguesa*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. (22 fev. 1907)
- POMBO, Rocha. *Compêndio da história da América*. S. l.: s.n., 1900. (30 maio 1900)
- REIS, Borges dos. *Corografia e História do Brasil*. Salvador: s.n., 1899. (1 dez. 1899)
- RIBEIRO, João. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Cruz Coutinho, 1901. (10 dez. 1901)
- RIBEIRO, José Jacinto. *Cronologia paulista*. São Paulo: Typ. do Diário Oficial, 1900. (3 ago. 1900)
- ROMERO, Sílvio. *Ensaio de sociologia e literatura*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. (28 dez. 1900)
- _____. *O Alemanismo no sul do Brasil, seus perigos e meios de os conjurar*. Rio de Janeiro: Heitor Ribeiro & C., 1906. (20 abr. 1906)

ROXO, Henrique. *Cousas de alienação mental no Brasil*. S. l.: s.n., 1901. (27 abr. 1901)

SALLES, Ismael. *Os direitos da mulher*. S. l.: s.n., 1901. (10 abr. 1901)

SENNA, Ernesto. *Através do cárcere*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908. (24 jan. 1908)

Medicina

ABREU FILHO, Rodolfo. *Contribuição ao estudo da resistência globular do sangue*. Rio de Janeiro: Méd-Rio de Janeiro, 1905. (23 jun.1905)

AZEVEDO, Paes de. *Neurastenia e falsas neurastenias*. S. l.: s.n., 1908. (22 maio 1908)

BARBOSA, Plácido. *Notas sobre a terminologia médica portuguesa*. S. l.: s.n., 1906. (18 maio 1906)

BORGES FILHO, João. *O coração venal*. S. l.: s.n., 1907. (8 fev. 1907)

BRASIL MÉDICO. *Formulário Prático*. S. l.: s.n., 1902. (15 fev. 1902)

BRITTO, Souza. *O magnetismo animal e suas manifestações*. S. l.: s.n., 1902. (21 nov. 1902)

CASTRO, Aluísio de. *Das desordens da marcha e seu calor clínico*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1904. (6 abr.1904)

CASTRO, Viveiros de. *Delitos contra a honra de mulher*. S. l.: s.n., 1897. (31 dez. 1897)

CHAGAS, Alexandrino das; CARREIRO, Raul. *Fragmentos de patologia indígena*. S. l.: s. n., 1904. (21 out.1904)

CRUZ, Cunha. *Medicina psíquica*. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, 1901. (16 jul. 1901)

ESPANET, A. *A prática da homeopatia simplificada*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. (1 set.1905)

FAJARDO, Francisco. *O impaludismo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904. (15 abr.1904)

_____. *Moléstias tropicais*. S. l.: s.n., 1903. (6 fev. 1903)

_____. *O impaludismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Besnard, 1902. (20 ago. 1902)

FERNANDES, Álvaro. *Loucura moral*. S. l.: s.n., 1899. (10 mar. 1899)

FIGUEIRA, Fernandes. *Elementos silíqueos*. S. l.: s. n. , 1903. (7 out.1903)

GARNIER, P. *A esterilidade humana*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (7 maio 1902)

- GOES FILHO, Domingos de. *Da operação de Chopart e seu equinismo*. S. l.: s.n., 1907. (12 abr. 1907)
- GUIMARAES, Pinheiro. *Patogenia e terapêutica dos edemas*. S. l.: s.n., 1905. (23 jun.1905)
- LEMOS, Miguel. *O exercício da Medicina*. S. l.: s.n., 1899. (16 maio. 1899)
- LOBO, Bruno. *Estrutura do cilindro eixo*. S. l.: s.n., 1907. (1 fev. 1907)
- _____; VIANNA, Gaspar. *Estrutura da célula nervosa*. S. l.: s.n., 1908. (5 jun. 1908)
- MAGALHÃES, Almeida de; PEREIRA, Miguel. *Questão científica a propósito da anemia tropical*. S. l.: s.n., 1899. (3 mar. 1899)
- MAGALHÃES, Aurélio de. *Profilaxia e ensaios de tratamento da raiva*. S. l.: s.n., 1907. (19 abr. 1907)
- MAGALHÃES, J. A. *Deontologia médica*. S. l.: s.n., 1907. (1 mar. 1907)
- MONCORVO FILHO. *Movimento de pediatria em 1898*. S. l.: s.n., 1899. (31 maio. 1899)
- MOSCOSO, Eduardo. *Dois casos de esofagotomia externa*. S. l.: s.n., 1907. (21 jun. 1907)
- NORDEAU, Max. *Degenerescência*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1898. (29 jul. 1898)
- PAREIRA, Miguel. *A dor do ponto de vista médico*. S. l.: s.n., 1902. (8 ago. 1902)
- PAULINO, Álvaro. *Conversas médicas*. Rio de Janeiro: Oficina do Jornal do Brasil, 1899. (27 jan. 1899)
- RAMOS, Galdino. *Da identificação*. S. l.: s.n., 1906. (15 jun. 1906)
- RELATÓRIO da Policlínica. S. l.: s.n., 1898. (7 out. 1898)
- SANTOS, Rodrigues dos. *Contribuições para o estudo das amenorréias*. S. l.: s.n., 1898. (9 set. 1898)
- SEIDL, Carlos. *Viagem ao Prato*. S. l.: s.n., 1901. (17 dez. 1901)
- _____. *Discurso*. Rio de Janeiro: Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, 1904. (7 out.1904)
- SODRÉ, Azevedo. *Discurso; Abertura do curso de clínica médica*. S. l.: s.n., 1907. (4 out. 1907)

**Obras de referência e periódicos (dicionário, catálogo, enciclopédia,
correspondência, coletânea, manual, reportagem, compêndio, almanaque,
fascículo, revista)**

ALMANAQUE garnier. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. (25 set.1903)

- ALMANAQUE Orzali. Buenos Aires: s.n., 1900. (9 jan. 1900)
- ANGELI, Arturo. *Manual de conversação Italiano-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (4 out. 1899)
- AZEVEDO, Raul de. *No Amazonas: a viagem do dr. Afonso Penna*. Manaus: Universal, 1906. (10 nov. 1906)
- BARROSO, Collatino; SARMENTO, Ulysses. *Revista de arte e filosofia*. S. l.: s.n., 1902. (15 out. 1902)
- BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. (13 jul. 1900) 6 v.
- BOLETIM do serviço de identificação judiciária. São Paulo: Livraria Paulista, 1901. (23 mar. 1901)
- CAMARA, Torres. *Revista de legislação*. S. l.: s.n., 1902. (29 ago. 1902)
- CARVALHO, Bulhões. *Anuário de estatística demografo-sanitária*. S. l.: s. n., 1905. (10 nov.1905)
- DUFAUX, Ermande. *O trato do mundo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (19 set. 1899)
- FONSECA, Simões da. *Dicionário enciclopédico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (6 jan. 1899)
- LAPPARENT. *Compendio de Mineralogia*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. (20 out. 1899)
- LIMA, Oliveira. *Catálogo de manuscritos*. Lisboa: s. n., 1903. (7 out.1903)
- PAGE, Henri. *Correspondência comercial*. S. l.: s.n., 1899. (6 jan. 1899)
- PAGGI, Oswaldo. *Manual da Pia União*. Rio de Janeiro: Casa Sucena, 1899. (16 maio 1899)
- PASSOS, Guimarães. *Dicionário de rimas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1905. (17 fev.1905)
- REVISTA de jurisprudência. S. l.: s.n., 1899. (23 maio. 1899)
- REVISTA do grêmio paraense. Distrito Federal: s.n., 1902. (29 ago. 1902)
- REVISTA médico-cirúrgica. S. l.: s.n., 1908. (7 ago. 1908)
- RIO, João do. *As religiões no Rio*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. (9 dez.1904)
- SANTOS, Noronha. *Os apontamentos para o indicador do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. (23 jul. 1902)
- SENNA, Ernesto. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1908. (3 jan. 1908)
- SILVA, Bithencourt. *Obras literárias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (7 jun. 1901)

VIA LÁCTEA, MERIDIONAL. S. l.: s.n., 1899. (3 mar. 1899)

Psicologia e psiquiatria

AUSTREGÉSILO, A. *Tiques-Arquivos brasileiros de psiquiatria, neurologia e ciências afins*. S. l.: s. n., 1905. (8 set.1905)

BONFIM, Manoel. *O fato psíquico*. Rio de Janeiro: Instituto Profissional, 1904. (14 out.1904)

GRANIER, P. *A geração universal*. S. l.: s.n., 1899. (9 jun. 1899)

MOREIRA, Juliano; PEIXOTO, Afrânio. *A paranóia e os sintomas paranóides*. S. l.: s. n., 1904. (2 set.1904)

ROXO, Belfort. *Duração dos atos psíquicos elementares*. S. l.: s.n., 1901. (25 jan. 1901)

ROXO, Henrique. *Perturbações mentais nos negros do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. Bernard Feres, 1904. (29 jul.1904)

SABOIA, Visconde de. *A vida psíquica do homem*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. (25 dez.1903)

VASCONCELLOS, Jayme Luiz Smith de. *A psicologia do sonho*. S. l.: s.n., 1907. (22 fev. 1907)

ANEXO C

OBRAS DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE

1. poesia

A) *Pecados*

Pecados, que faz parte juntamente com *Canções da decadência* da estreia de Medeiros e Albuquerque na literatura brasileira em 1889, é um livro constituído de poemas, que levam a data, sobretudo, de 1887 a 1888, sendo que, em sua maioria, são de 1888. Desse modo, poucos poemas pertencem a 1887 e somente dois deles deviam ser antecedentes a essa época.

No livro, o escritor sempre defendeu a idéia de que o trabalho do poeta deve ser o mais espontâneo possível, pois, caso contrário, a poesia não poderia agradar os leitores. Naturalmente, o excesso de ornamentos e regras gramaticais nas construções poéticas só poderiam prejudicar a compreensão desse gênero de obra. Evidentemente, Medeiros e Albuquerque procurava ser bastante simples, ao passo que gostaria que os receptores apreciassem seus poemas. Segundo ele, se um poeta fosse guiado, sobretudo,

por convenções gramaticais, o trabalho seria feito em vão, pois o público poderia não gostar, visto que acharia as poesias bastante herméticas.

Apesar disso, o próprio Medeiros não nega a dificuldade que *Pecados* pode representar a um leitor desatento, visto que suas poesias devem ser lidas com bastante cuidado e atenção. Apesar de serem simples, são poesias feitas com grande elaboração formal, portanto. Comprovando o teor bastante vago que os poemas do livro possuem, o próprio poeta afirmou o seguinte:

Quiz representar a allucinação de uma pessoa que n'um baile entrasse a pensar em uma dança macabra. Da primeira quadra à terceira as sensações reais vão desaparecendo. Da quarta à décima a allucinação é completa. Um raciocínio na ante-penúltima começa a dissipá-la. Na última –repetição da primeira– representa-se a volta à realidade. Talvez assim se entenda esta extravagante poesia (ALBUQUERQUE, 1889, p.3).

Medeiros e Albuquerque foi um dos primeiros poetas a revelar conhecimento da tendência simbolista, como se vê na “Proclamação decadente”, dedicada a Olavo Bilac, da obra *Pecados*. Esse texto foi o precursor do poema-manifesto “A Arte” de Cruz e Sousa. Aliás, juntamente com Nestor Vitor, Medeiros foi dos primeiros a divulgar, no Brasil, notícias literárias européias, principalmente de Verlaine, Mallarmé e Rimbaud.

Evidentemente, *Pecados* possui uma grande atmosfera decadente bastante explícita em todos os seus poemas, em que se revelou um grande admirador da estética importada dos franceses. No poema abaixo, nota-se claramente a presença do decadismo:

SONETO DECADENTE

*Car nous voulons la nuance encore,
Pas la couleur, rien que la nuance,
Paul Verlaine*

Morria rubro o sol e mansa, mansamente...
Sombras baixando em flócos, lentas, pelo espaço...
Um morrer pungitivo e calmo de inocente:
doces, as ilusões fanadas no regaço.

Passa um cicio leve e suave... N'um traço,
ave rapida passa subita e tremente...
A tristeza, que vem, cinge como um barão
a garganta: o soluço estaca alli fremente...

Lembranças de pezar... Navio que na curva
do mar, de agua pesada e funda e escura e turva;
some-se de vagar das ondas ao rumor...

O'crepusculos sós! Os exilados sentem
a angustia sem igual de amantes que presentem
O derradeiro adeus do derradeiro amor!

De fato, o próprio poeta opinou a respeito do decadismo que permeia o “Soneto decadente”, afirmando: “este soneto é uma imperfeitíssima tentativa da poesia decadente: a única inovação em Poesia, que –bôa ou má- tem razão de ser, como progresso na direcção da arte pela arte” (ALBUQUERQUE, 1889, p.76). Aliás, como se observa, Medeiros utilizou uma epígrafe do francês Paul Verlaine no específico poema, o que indica, evidentemente, o apreço que ele tinha pela estética simbolista/decadentista, visto que Verlaine foi um dos grandes poetas franceses da época.

Ademais, “Soneto decadente” possui típicas características decadentistas que ratificam o gosto que o poeta teve por essa estética, tais como: a musicalidade, com a presença de várias aliteraões (repetição de consoantes) como, por exemplo, no primeiro verso, com a vogal “m”, em: “morria rubro o sol e mansa, mansamente...” (ALBUQUERQUE, 1889, p.76). ; a sugestão de idéias, que se revelam por meio das palavras e expressões, em “some-se de vagar das ondas ao rumor...” (ALBUQUERQUE, 1889, p.76) e o lirismo que, herdado dos românticos, também foi bastante explorado pelos simbolistas, como se nota nos 3 últimos versos do soneto: “o'crepusculos sós! Os exilados sentem/ a angustia sem igual de amantes que pressentem/ o derradeiro adeus do derradeiro amor!” (ALBUQUERQUE, 1889, p.76). Exatamente como Mallarmé defendia a sugestão como ideal e como Verlaine opinava que a música estava acima de tudo, Medeiros e Albuquerque pareceu aderir inicialmente

a esses princípios até então novos por aqui. A crítica abaixo comprova os reflexos simbolistas presentes na obra do seguinte modo:

Em *Pecados*, já há teoria e reflexo de teorias pròpriamente simbolistas: 1) como as de Mallarmé, positivas com sua ereção do símbolo e da sugestão como fundamento da poesia (princípio idealístico, baseado na concepção de que além e acima do objeto está a idéia que o informa); 2) como as de Ghil, também positivas com sua fórmula da orquestração verbal independente dos sentidos das palavras, à procura de criar com a melodia vocabular um nôvo tipo de verso e de poesia. A estética decadente [...] era de revolta e negação, penetrada de vício, satanismo, perversões sexuais (RAMOS, 1967, p.200-201).

De forma curiosa, os primeiros livros “decadentes” penetraram no Brasil trazidos de Paris por meio de Medeiros e Albuquerque, que teve acesso a eles por encomenda, passando-os, posteriormente, ao crítico Araripe Junior. De fato, Araripe não negou o papel que Medeiros teve nessa difusão, afirmando:

A Medeiros e Albuquerque, devo o conhecimento que fiz em 1887 do *decadismo*. De posse de seus livros e revistas busquei examinar cuidadosamente o valor dessas produções, as quais naquela época eram, entretanto, menoscabadas pela crítica parisiense e cobertas de ridículo pela maior parte dos jornalistas do bulevar (ARARIPE JÚNIOR, 1958, p.136).

Portanto, Medeiros e Albuquerque foi o primeiro autor brasileiro a demonstrar preocupação com as manifestações do decadismo e, em 1887, devido a um amigo particular de Paris que matinha contato com o grupo mallarmista, Medeiros conseguiu um rico material:

Entre essas produções havia livros de Verlaine, publicações esotéricas de Mallarmé, de René Ghil, de St. Merrill, de João Moréas, e as revistas em que Vieillé Griffin, Paul Adam, Charles Viguier e outros sectários da revolta contra o realismo, começavam a esboçar a estética dos novos e exibiam as idéias dos independentes (ARARIPE JÚNIOR, 1958, p.136).

Realmente, Medeiros explorou bem em *Pecados* a estética simbolista; isso ocorreu em todos os sonetos, não apenas em “Soneto decadente”, como também nos

poemas “Allucinação”, “Reposta”, “Muda canção”, “Contemplação” e no abaixo transcrito:

MOÇOS PALLIDOS...

a Coelho Netto

Scismo nas virgens mortas... Nesta hora
banha a lua as compridas alamêdas
e, entre o rugir dulcissimo das sêdas,
sôa dos beijos a canção sonora...

Scismo naquellas, cujas boccas lêdas
foram geladas no fulgor da aurora,
e penso vê-las pelo ar agora
a descenderem por mysticas verêdas...

Vem a pedir os extasis do goso,
-num raio envoltas do luar formoso-
turbando aos moços o dormir risonho...

Pallidos, os gentis adolescentes
estorcem-se, a arquejar, nos leitos quentes
nos noivados phantasticos do sonho...

Dentre as várias características simbolistas presentes no soneto, vale registrar o misticismo, em: “a descenderem por mysticas verêdas...” (ALBUQUERQUE, 1889, p.47); a valorização da cor branca na figura da lua, em: “banha a lua as compridas alamêdas” (ALBUQUERQUE, 1889, p.47), do raio (luminosidade), em: “-num raio envoltas do luar formoso-” (ALBUQUERQUE, 1889, p.47), da aurora, em: “foram geladas no fulgor da aurora,” (ALBUQUERQUE, 1889, p.47); a figura da virgindade, em: “scismo nas virgens mortas... nesta hora” (ALBUQUERQUE, 1889, p.47); a musicalidade, em: “sôa dos beijos a canção sonora...”; a valorização do inconsciente e do subconsciente, dos estados d’alma, da busca do vago, do sonho, em: “nos noivados phantasticos do sonho...” (ALBUQUERQUE, 1889, p.47); as sinestesias, em:

“estorcem-se, a arquejar, nos leitos quentes” (ALBUQUERQUE, 1889, p.47) e em: “e, entre o rugir dulcíssimo das sêdas,” (ALBUQUERQUE, 1889, p.47), entre outras.

É válido ressaltar que os simbolistas, embora fossem anti-realistas e, conseqüentemente, tivessem herdado muitas das típicas características românticas, utilizavam, todavia, frequentemente formas fixas, tais como o soneto, visto que eles também eram portadores de técnicas parnasianas. De fato, Medeiros e Albuquerque, revelando um incipiente gosto pela estética decadente, escreveu apenas poemas em forma de soneto na sua obra *Pecados*, não querendo experimentar outros tipos de formas poéticas, portanto.

No entanto, contraditoriamente, percebe-se, na produção literária de Medeiros e Albuquerque, somente uma certa influência simbolista da qual, posteriormente, acabou em parte se desvinculando. Medeiros, embora seja lembrado como um dos precursores do Simbolismo brasileiro, não aderiu ao novo espírito, apesar de seus dois livros de estreia. Sua participação nesse sentido ocorreu apenas como contribuição do ponto de vista da História, portanto.

Medeiros e Albuquerque não permaneceu na estética do Simbolismo e posicionou-se até mesmo contrário a tal movimento, como se nota na crítica abaixo, em um momento de sua “Crônica literária” no periódico carioca *A Notícia*:

Quando simbolistas e decadentes nos bombardeiam a paciência com a enumeração de todas as duquezas e archidquezas que elles vivem a contar, tão fora de propósito, nos nossos tempos, democráticos, inteiramente avessos a essas românticas castellãs, é bom que de vês em quando, surja um poeta como o senhor Belmiro Braga – poeta espontâneo, simples, natural (*A Notícia*, 20 fev. 1903, p.2).

Aliás, muitos estudiosos até julgam que a influência simbolista não foi muito bem explorada pelo autor de *Pecados* como deveria ser, apesar de ele ter conseguido valioso material importado da França.

Medeiros e Albuquerque, portanto, depois da estreia com os livros de poesia nos moldes da poesia decadente *Pecados* e *Canções da decadência*, o que lhe deu um honroso lugar entre os poucos precursores da escola no Brasil, acabou se distanciando do Simbolismo, pois ele “não foi além de simples veleidades de atuação ao incorporar-se a uma corrente com a qual não tinha qualquer afinidade espiritual ou estética” (MURICY, 1987, p.90), como se comprova no seguinte trecho:

Medeiros e Albuquerque, introdutor, no Brasil, dos livros do simbolismo francês, e que produziu por mimetismo algumas páginas decadentistas; logo depois, em face do fenômeno afinal vivo entre nós, tornou-se desagradado e quase hostil (MURICY, 1987, p.19).

Assim, nada mais natural que ele atacasse os escritores simbolistas constantemente e, com isso, tornando-se um dos seus maiores inimigos. Evidentemente, Medeiros e Albuquerque sempre atacou o poeta Cruz e Sousa, isso talvez tenha ocorrido porque ele se afastou da corrente simbolista, distanciando-se dos gostos da escola literária de que Sousa era o líder. Segundo o crítico, “os versos de Cruz e Souza são, na maioria dos casos, absolutamente *nonsenses*. O sentido que cada pessoa lhes acha é o que lhes empresta generosamente, por iniciativa própria” (ALBUQUERQUE, 1942, p.222-223). Não obstante, com muita ousadia, ainda argumentou que “a única coisa que esses versos têm é harmonia verbal” (ALBUQUERQUE, 1942, p.223).

B) *Canções da decadência*

Impressionado pela coragem de alguns escritores franceses que se insurgiram contra os realistas por meio dos livros e revistas que adquiriu Medeiros e Albuquerque, deu, então, vida às *Canções da decadência*, em 1889. Todavia, sabe-se que essa influência foi efêmera, visto que Medeiros:

aproveitando muito pouco dos cânones revelados pelos mestres da escola, apenas procurou tirar alguns efeitos da instrumentação inventada pelo autor do *Tratado do Verbo* e do policromatismo estilístico deduzido das letras do alfabeto (ARARIPE JÚNIOR, 1958, p.136).

Não obstante, inesperadamente, o autor passou a achar que ser taxado de “decadente” ou “simbolista” era sinal de ofensa grave e, por isso, procurou fugir desse rótulo que sua estreia na literatura lhe proporcionou. Naturalmente, “decepcionado com a tendência de que se aproximara nas suas *Canções da decadência*, recebeu hostilmente as obras decadentes brasileiras, em numerosos artigos, assinados ‘J. dos Santos’” (MURICY, 1987, p.92). Depois de sua estreia, Medeiros dedicou-se à política e também se destacou nos estudos misteriosos do ocultismo, produzindo uma primorosa coleção sobre o assunto, tanto é que escreveu o famoso *Hipnotismo*.

Consequentemente, em muitos momentos no jornalismo, criticando de forma negativa os livros decadentes que surgiam na época, grandes nomes do Simbolismo brasileiro receberam comentários nada positivos pelo autor como, já foi mencionado, Cruz e Sousa. No entanto, esses comentários geraram algumas polêmicas de autores que julgaram bastante equivocados os julgamentos de Medeiros e Albuquerque como, por exemplo, Nestor Vitor, crítico que foi o principal unificador da tendência simbolista na literatura brasileira. Defendendo o amigo Cruz e Sousa, Nestor Vitor teceu a seguinte crítica:

Quanto a Medeiros e Albuquerque, não há quem ignore como é paradoxal e cheio de singularidade em seus gostos, o nosso temível cronista. [...] Acha-o quase que absolutamente sem idéias, por conseguinte oco. [...] Mas, ainda assim, Medeiros uma vez contou que os livros de Cruz eram dos que andam à sua cabeceira, pela extraordinária musicalidade, própria daqueles versos, que lhe fazia bem antes de dormir. Para ver-se que peso têm em crítica literária as opiniões de Medeiros, basta saber que ele acha irrisório afirmar-se ter Cruz e Sousa aberto uma nova época na história da nossa literatura. [...] E se não é Cruz o maior dos nossos simbolistas, quem o é? Será o autor das *Canções da Decadência*? Sou insuspeito para pensar assim de Medeiros, insuspeito e talvez ingrato, porque ele, falando em mim, sempre tem sido muito lisonjeiro (VITOR, 1969, p.194-195).

O livro mencionado por Nestor Vitor, *Canções da decadência*, foi feito por Medeiros e Albuquerque dos 15 aos 18 anos, isto é, escrito antes de *Pecados*, porém publicado alguns meses depois deste, embora no mesmo ano, 1889. Um dado interessante referente à produção do livro é que o autor decidiu assinar publicamente com um pseudônimo, em uma viagem do Amazonas ao Prata.

No entanto, ao perceber que a crítica recebeu positivamente *Pecados*, Medeiros e Albuquerque resolveu assinar com seu verdadeiro nome, porém deixando bem claro que ainda julgava obrigatório ao trabalho de todo poeta a naturalidade de expressão, afirmando: “uma cousa é bom notar: -não fiz nas poesias d’elle, impressas bem longe de minha vista, o mínimo retoque desde as incorrecções de Forma e de Ideia até o excesso de cantharidas...” (ALBUQUERQUE, 1889, p.4). Opinião freqüente em suas produções, sempre procurou atacar a gramática normativa, que se impregnava de regras estruturais incoerentes a seu ver. De fato, como se sabe, Medeiros sempre foi um assíduo defensor da simplificação ortográfica e esse pensamento revelou-se implicitamente também nessa sua citação de *Canções da decadência*.

Em relação aos versos de *Canções da decadência*, como também aos de *Pecados*, percebe-se uma sensualidade que domina toda a produção, o que o diferencia dos outros livros de poesia do mesmo autor como, exemplificando, *Fim*, *Poesias* e *Quando eu falava de amor*. Contudo, as *Canções da decadência* possuem muito mais sensualidade do que *Pecados*. Aliás, o próprio Medeiros e Albuquerque confessou existir certo teor sensual nos versos, explicando o seguinte:

Em alguns casos, vão quasi até a obscenidade. No entanto, tôda essa exibição imoral não passava de literatura: eu era um sujeito castíssimo [...]. Tôda a minha energia se voltava para o estudo. Os meus mais belos planos eram os de compor livros admiráveis de versos (ALBUQUERQUE, 1942, p.64).

Entre os vários poemas constituintes das *Canções da decadência*, que revelam sensualidade, segue o soneto abaixo, intitulado “Primavera”:

PRIMAVERA

Passa toucada de gentis boninas,
cheia de rosas, de sorrisos cheia,
e, sob as plantas delicadas finas,
flores e rócios, a passar, semeia.

Surgem p’ra vel-a matinaes ondinas,
rugando a glauca solidão dos mares.
pedem-lhe beijos, seducções divinas
os lyrios, vendo-a deslizar nos ares.

Tudo tem vida, tem caricias meigas:
a flor altiva, como a flor das veigas...
As almas sentem-se imundar de amor...

Só tu não surges para dar-me afagos,
e, em vez do brilho de teus olhos magos,
lanças-me o inverno de sombrio horror!

Como se visualiza, algumas características marcantes do Simbolismo aparecem em “Primavera”, tais como: a valorização da cor branca, em: “Surgem p’ra vel-a matinaes ondinas,” (ALBUQUERQUE, 1889, p.59), em: “os lyrios, vendo-a deslizar nos ares” (ALBUQUERQUE, 1889, p.59), pela palavra “brilho” (luminosidade), em: “e, em vez do brilho de teus olhos magos,” (ALBUQUERQUE, 1889, p.60); uso de aliteraões, pela repetição do som consonantal “s”, em: “flores e rócios, a passar, semeia” (ALBUQUERQUE, 1889, p.59); traços de religiosidade, em: “...seducções divinas” (ALBUQUERQUE, 1889, p.59), em: “As almas...” (ALBUQUERQUE, 1889, p.60); marcas de lirismo, em: “...sentem-se imundar de amor...” (ALBUQUERQUE, 1889, p.60); marcas de subjetivismo: “Só tu não surges para dar-me afagos,” (ALBUQUERQUE, 1889, p.60); a presença da “alma”, que simboliza a “essência do ser”, revelando manifestações espirituais e metafísicas, em: “As almas sentem-se imundar de amor...” (ALBUQUERQUE, 1889, p.60); valorização do vago, em: “..., vendo-a deslizar nos ares” (ALBUQUERQUE, 1889, p.59); a sugestão, com o uso freqüente de reticências no final de alguns versos e também marcas fortes de sensualidade, bastante explorada pelo poeta, em: “pedem-lhe beijos, seducções divinas” (ALBUQUERQUE, 1889, p.59) e em: “Tudo tem vida, tem caricias meigas:” (ALBUQUERQUE, 1889, p.60).

Ademais, o próprio nome da obra *Pecados* já estabelece alusão à poesia decadente, de forma que esta palavra já passa a idéia de religiosidade presente no Romantismo e posteriormente bastante explorada pelos simbolistas. Já no livro *Canções da decadência* também a referência ao decadismo está presente, de forma que a palavra “canções” estabelece uma ligação com sonoridade, isto é, musicalidade –algo bastante recorrente na poesia de moldes simbolistas, portanto.

Ainda analisando o título *Canções da decadência*, é válido ressaltar que o próprio Medeiros e Albuquerque, em nota final, esclareceu a origem do nome da seguinte forma: “O título deste volume dependeu das poesias com pretensões científicas que há nele e da convicção filosófica de que a arte tende a desaparecer e precisamente, na Poesia, pelo Cientificismo” (ALBUQUERQUE, 1889, p.168).

Por essa visão, a palavra “canções” que também ajuda a compor o nome da obra, evidentemente possibilita uma provável referência ao decadismo, porque Medeiros e Albuquerque

Procedeu, porém, voltado propriamente para o cientificismo e filosofia daquela década, não obstante o título do livro, em que a palavra *decadência* pode remeter de início à influência possível da poesia simbolista, também dita decadente (CASTELLO, 1999, p.332).

C) *Quando eu falava de amor*

Publicado em 1933, o livro *Quando eu falava de amor* é formado por 33 poemas nos moldes tipicamente do realismo poético, a que Medeiros e Albuquerque esteve associado.

Como se observa, o próprio título da obra já faz alusão ao lirismo característico do realismo poético, por meio da palavra “amor”, evidenciando que o teor das poesias será, sobretudo, carregado de sentimentalismo, pois falará de assuntos amorosos. Aliás, a “carnalidade” desses poemas remete também ao realismo poético. Por ora, os trinta e três poemas do livro são líricos como, por exemplo, o abaixo, que foi transcrito na íntegra:

VERSOS DE AMOR

Paixão? Loucura? Que palavras podem
dizer os desvarios, que sacodem
do nosso peito a mentirosa calma,
quando por diante nós ela deslisa,
e indiferente e descuidosa pisa
os anseios mais puros de noss'alma?

Quando ela passa, um toque de rebate
sôa nos corações;
dentro de cada peito as asas bate
um tropel de canções!

Como alguém que ao seguir pelos caminhos
onde saltam brincando os passarinhos
faz que eles voem, ao sentirem passos,
quando ele segue, um sôpro de desejos

levanta em nós a tentação dos beijos,
a tentação dos lubricos abraços...

Polvo de luz, o seu olhar estende
tentáculos sutis
e almas e corações domina e prende
em seus raios febris...

A ondulação voluptuosa e mansa
de um corpo de mulher e de criança
leva-a, como embalada docemente...
Cantam salmos de afeto em torno d'ela...
Cada gesto murmúra: -“Como é bela!”-
-“Como eu a adoro!”- cada peito sente!

Num desfolhar de pétalas sonóras,
em arrulhos de amor,
hão de as palavras deslizar, canóras,
da sua bôca em flor...

Na voz pairando no ar, hão de em cardumes
os turbilhões de Beijos e Perfumes
asas abrir, num murmurio brando...
E ha de se ouvir como que um som de prece
de algum còro de arcanjos, que decesse
jaculatorias de paixão resando...

Vale informar que, apesar do poeta ter se desvinculado em partes da estética simbolista que possuía na sua estreia na literatura brasileira, com os livros *Pecados* e *Canções da decadência*, ele ainda utilizou de típicas características decadentistas ao construir versos nos livros posteriores.

D) Poemas sem versos

Trata-se de um livro publicado em 1924 e composto por 16 poemas em prosa. Os textos que constituem o trabalho são os seguintes: “Saudação a’Bandeira”; “O ratinho Tic-Tac”; “O bom tempo de amar”; “Oração a’agua”; “A orchestra”; “O prisma da treva”; “Hymno a’Palmeira”; “Em louvor das cidades”; “Aquele em que não se deve crer”; “O campo e a alcova”; “Um protesto”; “Na floresta”; “Ao que não quis ficar”; “O pântano”; “Hymno a’Dança” e “A jogadora bêbeda”.

Em relação ao texto “Ao que não quis ficar”, Medeiros e Albuquerque possivelmente prestou uma homenagem ao seu filho Paulo, falecido muito jovem. De fato, o respectivo poema em prosa mostra exatamente a angústia de um eu-lírico que sofre pela morte inesperada e precoce do filho. Já no início, ele relata certa esperança de ter contato com o falecido do seguinte modo: “ha quem sonhe uma vida apoz a morte. Ha quem acredite que os mortos erram em espírito pelo espaço em torno de nós” (ALBUQUERQUE, 1924, p.130).

De forma altamente literária, o autor produziu o texto, transcendendo sua aflição ao afirmar que “a vida é como um vasto, um lodoso pantano” (ALBUQUERQUE, 1924, p.129), devido ao fato de um pântano possuir diversos enigmas, exatamente como a vida. Segundo o eu-lírico, com a morte do filho, ele também faleceu, comprovado no fragmento: “morreste... mas quem mais morreu em ti fui eu” (ALBUQUERQUE, 1924, p.134). Todavia, por fim, ele não deixou de registrar que o filho possivelmente estaria num lugar mais agradável que ele, revelando certa crença religiosa, como se evidencia no trecho: “hoje, de nós dois, és tu o mais feliz. Chegaste a ella em plena mocidade, em plena candura, com a alma limpa e direita, ativo e nobre... Fizeste bem, meu filho” (ALBUQUERQUE, 1924, p.137).

Já no famoso poema em prosa “O ratinho Tic-Tac” do mesmo livro, há uma comparação entre o ruído de um relógio com o barulho dos dentes de um rato, que aos poucos domina a vida de um eu-lírico angustiado. Semelhantemente em “Ao que não quis ficar”, o sentimentalismo, a angústia e sugestão da morte tomam conta da vida de um personagem que dá voz à narrativa, perseguido por esse animal misterioso, como comprovado no fragmento: “o seu fim era um só: elle sabia que eu estava no centro do circulo e tinha de chegar até mim, para me dizer um dia: ‘Acabou-se! Morre!’” (ALBUQUERQUE, 1924, p.10). No decorrer do poema, de fato, nota-se que o ratinho nada mais é que um possível aviso da própria morte, que pretende levar o indivíduo. Por fim, o ratinho continua a perturbar o eu-lírico, apesar de se calar temporariamente, em:

“e como o ratinho não mais falasse, eu lhe ouvia as mandíbulas infatigáveis, no seu infatigável Tic-tac, cada vez mais perto de mim... Tic-tac... Tic-tac...” (ALBUQUERQUE, 1924, p. 16).

E) *Poesias completas de D. Pedro II*

Medeiros e Albuquerque reuniu vários poemas do imperador D. Pedro II e publicou, em 1932, o livro *Poesias completas de D. Pedro II*. Nele, o escritor fez um prefácio, em que teceu comentários bastante hostis ao imperador, de forma que expressou total reprovação aos versos dele.

Primeiramente, o autor opina que muitos poetas, em geral, fazem composições medíocres, mas que são assim devido aos assuntos. Nesse caso, não seria um problema de técnica, mas sim de substância. No entanto, no caso de D. Pedro II, a concepção é oposta: “ele sempre foi (podem vê-lo) integralmente péssimo; deficiência de idéias, imperfeição de técnica” (ALBUQUERQUE, 1932, p.7). De fato, Medeiros julgou os versos do monarca deficientes, como se comprova na crítica abaixo:

Até os 64 anos o imperador sempre fez versos errados, banais, de uma indigência de idéias e de uma imperfeição de forma tais, que se recusariam a assiná-los até os mais incorretos principiantes (ALBUQUERQUE, 1932, p.10).

Ademais, o autor também fez referência à antecipação da maioridade que levou Pedro II ao poder no Brasil. Na época, ele tinha apenas 18 anos. Ironicamente, Medeiros opinou que o monarca “tinha, porém, a mania de passar por sábio” (ALBUQUERQUE, 1932, p.14). Em sua concepção ousada, os conhecimentos de Pedro II não ultrapassavam cursos preparatórios, o que se revela por um fato incontestável: “nunca, ninguém, em parte alguma, mostrou nenhum trabalho científico de sua autoria” (ALBUQUERQUE, 1932, p.15).

Em seguida, Medeiros e Albuquerque não se esqueceu de registrar que D. Pedro II foi sempre um homem honesto e que, naturalmente, não suportava a desonestidade. Todavia, “tudo isso era feito mesquinamente” (ALBUQUERQUE, 1932, p.17). O imperador viajou muito em sua vida, mas não teve nenhum interesse em percorrer o Brasil, revelando, com esse ato, grande desonestidade com os brasileiros.

Por fim, o autor confessou ter dúvidas da verdadeira autoria de alguns dos versos que o imperador assinou com seu próprio nome, tal como se evidencia abaixo:

E'bom lembrar outra vez que as poesias autênticas do Imperador foram publicadas em 1889, precisamente, portanto, no mesmo ano em que se diz que foram feitos os *Sonetos do Exílio*.

(...)

Não se pode, por isso, admitir, que o homem que chegou até os 64 anos, sempre fazendo, com louvável coerência e perseverança, versos ruins, versos abomináveis, produzisse os chamados *Sonetos do Exílio*, que, se não são sublimes, são pelo menos muito razoáveis (ALBUQUERQUE, 1932, p.6-7).

F) *Fim*

Publicado em 1922, *Fim* é um conjunto de poemas bastante relevante na produção de Medeiros e Albuquerque. Embora o autor negasse que a obra tivesse o mínimo de originalidade, com isso utilizando novamente um recurso retórico, *Fim* tem sim grande diferencial em relação à maioria de suas produções. Medeiros julgou a obra desprovida de criatividade, visto que ele a escreveu num rápido tempo, quase à proporção de um poema por dia, sem a preocupação principal de ser criativo. Explicando a opinião, ele afirmou: “na situação de espírito em que eu estava, posso dizer que ‘tomei poesia’, como poderia ter tomado morfina ou álcool” (ALBUQUERQUE, 1922, p.207).

Comparado com os demais livros de poemas de Medeiros, *Fim* ainda possui um grande sensualismo já revelado desde sua estreia, em *Pecados e Canções da decadência*, e também em *Poemas sem versos*, como mesmo evidenciou o autor: “alguns dos que criticaram o meu livro de sonetos *Fim*, e depois os *Poemas sem versos*, notaram o meu excessivo sensualismo. Tinham razão. Não se tratava, porém, de exibição de velho. O que se deu em mim foi uma transformação real e profunda” (ALBUQUERQUE, 1942, p.267).

Entretanto, uma diferença de *Fim* em relação aos outros livros é o fato de possuir sonetos cristãos. Ironicamente, pois se sabe que Medeiros e Albuquerque sempre foi um ateu convicto. Entretanto, conseguiu, com muito talento, fazer vários poemas com a temática cristã. Antes de *Fim*, Medeiros já utilizou de religiosidade para fazer seus versos, mas é nessa obra que revelou a crença religiosa de forma mais explícita.

Sobre esses sonetos, porém, disse o seguinte: “eu creio que, enquanto os estava compondo, era perfeitamente sincero” (ALBUQUERQUE, 1922, p.209). Depois,

continuou: “Se isso acontece a qualquer homem de letras, no momento da composição, [...] cantando sentimentos bizarros e extravagantes, mais facilmente pode acontecer a quem já foi um crente fervoroso e teve [...] que ressuscitar um estado de espírito [...]” (ALBUQUERQUE, 1922, p.209).

De fato, *Fim* demonstra que o autor quis mesmo explorar a fundo essa temática, tanto é que escreveu 10 sonetos cristãos no livro. Abaixo, segue o soneto número 1, transcrito exatamente conforme o original:

SONETOS CRISTÃOS

I

O amor de Deus

Eu cri que o amor do Amor era a mais séria
de quantas cousas há na vida humana.
Paixão dominadora e soberana
faz palpar a vida na materia.

Mas, um dia, eu senti quanta miseria
no amor existe e quanto nos engana
todo o intenso prazer de que se ufana
sua triste influencia deleteria.

Deus desillusão o sentimento
fez desabar em mim nesse momento
todos os sonhos bons do meu futuro.

Mas uma voz divina consolou-me
e, murmurando do Senhor o nome,
lembrou-me o Seu amor, eterno e puro.

Outro dado bastante freqüente e marcante nos versos de *Fim* é a presença da morte, de forma que se observa uma exploração muito mais intensa dela pelo poeta nesse trabalho literário. Aliás, Medeiros e Albuquerque apreciava muito assuntos

enigmáticos e sendo a morte algo essencialmente misterioso, nada mais natural que ela o instigasse também, como ele mesmo confessou ao falar de sua própria vida:

A pensar nos primeiros tempos da minha vida lembro os encontros com o mais sinistro dos personagens: com a Morte. Sei bem quais foram os três primeiros mortos que vi.

Vi minha irmã pequenina, com três anos apenas.

(...)

A segunda morte, que eu encontrei em meu caminho, foi a da minha mãe. Também foi cruelíssima.

(...)

O terceiro morto, que veio postar-se em meu caminho, foi um pobre negro suicida. Mas adiante dele tive apenas curiosidade (ALBUQUERQUE, 1942, p.31-32).

Na ficção de Medeiros e Albuquerque, a morte é tratada de forma bastante poética. No soneto “Fim”, o primeiro do livro, ela até mesmo foi personificada, ousando dialogar com o eu-lírico, para opinar sobre o título da obra. A morte, aparecendo próxima dele, conseqüentemente, sente-se em liberdade de tecer comentários sobre o construir poético, escolhendo o respectivo nome para o indeciso eu-lírico, como se observa na transcrição abaixo:

FIM

Feito em rapidos dias –dia a dia,
este livro de paginas banaes
não foi um vôo para a phantasia,
nem desejo de louros immortaes.

Quiz ver se um sonho de arte poderia,
no sossobro cruel de tudo mais,
sobre a minha tristissima agonia
pôr um pouco de balsamo e de paz.

Tendo-o acabado, eu meditava ainda
que nome lhe daria, quando, brusca,
a Morte appareceu ao pé de mim,

e, com um tom de uma amargura infinda,

me disse: -“Não prolongues tua busca;
põe a palavra justa: escreve: FIM”.

Por fim, vale ressaltar que o eu-lírico do soneto “Fim” estabelece uma aproximação com o próprio autor de *Fim*, visto que, como já foi escrito, Medeiros e Albuquerque fez esse trabalho em poucos dias, além de não achá-lo nada inédito. Ademais, como também já foi exposto, a morte sempre pareceu incomodar muito os pensamentos do escritor, o que igualmente se observa na leitura do poema, analisando a indecisão do eu-lírico em nomear sua poesia.

2. romance

A) *Laura*

O romance *Laura* foi publicado em 1933, ou seja, um ano antes da morte de Medeiros e Albuquerque. Trata-se de uma história tipicamente romântica, o que a diferencia bastante de *Marta* (1920), outro romance do mesmo autor, que se enquadra mais nos moldes da escola realista.

Já pelo título do livro nota-se uma estratégia bastante usual nos românticos brasileiros de dar às obras nomes das personagens principais. Realmente, basta lembrar-se de obras famosas como, por exemplo, *Inocência* de Visconde de Taunay; *Iracema* de José de Alencar; *Lucíola*, também do Alencar; *Iaiá Garcia* e *Helena* de Machado de Assis, entre diversas outras.

O enredo de *Laura* é bastante simples: Laura, uma adolescente de 18 anos, cresceu junto com seu primo Mário, sendo que os dois mantiveram entre si um sentimento amoroso, mas que nunca foi confessado. Posteriormente, Robério Marques, pai de Laura, começou a sentir a falência nos seus negócios. Dona Guilhermina, a mãe da protagonista, uma mulher ambiciosa, passou a articular um possível casamento de interesse entre Laura e Leocádio Costa, sócio de Robério, visto que Guilhermina notou certo interesse do rapaz rico pela filha. O plano ambicioso é comprovado no trecho abaixo:

Robério e a mulher vieram somente até a porta da casa. Laura acompanhou Leocadio ao portão.

Quando os dois se afastaram, dirigindo-se para este, faziam um par admirável de mocidade e elegancia. D. Guilhermina, apontando-os ao marido, comentou:

-Aquilo, sim, é que seria um casamento para Laura.

O marido ouviu com espanto a estranha sugestão (ALBUQUERQUE, 1933, p.33).

Percebendo então que Mário poderia atrapalhar seu plano, Dona Guilhermina apressou ao necessário a partida do sobrinho ao exterior. Ao conseguir esse fato, a mãe de Laura começou a pressioná-la de todos os modos para que aceitasse Leocadio como seu marido, até que a moça, enfraquecida, concorda.

Algum tempo depois, Mário, ainda no exterior, começa a escrever freqüentes cartas à amada prima. Aliás, vale ressaltar que as epístolas também eram bastante exploradas pelos românticos, bastando lembrar famosos romances como, por exemplo, *Amor de perdição* do português Camilo Castelo Branco e também *O sofrimento do jovem Werther* do alemão Goethe. Portanto, Medeiros também utilizou dessa característica romântica no romance, como se lê abaixo:

Carta de Mario a Laura

Laura, minha querida prima.

Aproveito a escala em que pararemos amanhã, para te mandar estas linhas. Si houvesse correio para aí de cinco em cinco minutos, nenhum partiria sem te levar cartas minhas. [...] Que saudade! Que saudade! Que saudade! (ALBUQUERQUE, 1933, p.57-58).

Enquanto trocavam cartas, no entanto, a vida casada de Laura não foi nada fácil, visto que Dona Teresa, mãe de Leocadio, passou a infernizar a vida da nora e isso fez com que Dona Guilhermina se arrependesse dos seus planos. Desse modo, a mãe da moça confessa a Mário o que fez, quando esse resolve voltar ao Brasil.

D. Teresa acaba adquirindo o pedaço de uma carta que os dois primos trocaram, que grifava ingenuamente a palavra “beijo” e conta ao filho a possível traição da mulher, que nunca ocorreu, de fato. Posteriormente, Leocadio morre, Laura tenta se matar por Mário, mas ele chega a tempo e a salva.

No final, os apaixonados primos casam-se, mudam-se ao exterior e vivem felizes para sempre. Ademais, pelo fato de Laura e a mãe agora se comunicarem por

meio de epístolas, a protagonista fica sabendo que D. Teresa enlouqueceu, apesar de ser uma loucura amena.

Apesar do excesso de sentimentalismo, subjetivismo e lirismo presentes na obra, *Laura* não pode ser enquadrada como um romance tipicamente romântico. Primeiro devido ao contexto da época, pois foi escrito em pleno Modernismo brasileiro. Segundo, dentre outros motivos, pelo fato da narrativa evidenciar um possível interesse financeiro que perturba o amor dos dois primos, devido às ações de D. Guilhermina. Em um característico enredo romântico, o amor, apesar de ser perturbado, normalmente o é, sobretudo, por questões sentimentais mesmo, o que não ocorre em *Laura*, cujo autor preferiu mostrar na estória interesses econômicos, por meio da ambiciosa sogra de Laura. Em *Senhora de José de Alencar*, a situação também ocorre, mas sabe-se que esse romance antecipa características da escola literária que estava por vir, isto é, o Realismo e, conseqüentemente, muitos estudiosos até mesmo o julgam um livro de transição.

B) *Marta*

O romance *Marta* foi publicado em 1920. Diferentemente de *Laura* (1933), a obra evidencia aspectos muito mais voltados à estética realista, apresentando somente algumas poucas características românticas. Editado anteriormente, *Marta* possui visíveis evidências da psicanálise de Freud, pela manifestação do desejo inconsciente de Marta pelo pai Leopoldo, revelando o Complexo de Eletra (quando a filha se interessa pelo pai).

Vale noticiar que Medeiros e Albuquerque, em *Quando era vivo*, escreveu “Uma ordem bem obedecida”, capítulo que foi referido resumidamente em *Marta*. O respectivo trecho aparece nitidamente no romance, de forma a mostrar o marcante encontro entre o narrador, que, pelo romance, sabe-se ser Leopoldo, e Margarida, como se evidencia no fragmento: “tive de despir peça por peça do vestuário de uma pessoa que se entregava com uma passividade absoluta. A passividade de uma morta” (ALBUQUERQUE, 1942, p.284). Depois, o narrador ainda afirmou: “por fim, ela me exigiu a promessa de que não a seguiria, nem aquela noite nem em nenhuma ocasião em que a visse; pediu-me ainda que não procurasse de modo algum saber quem ela era” (ALBUQUERQUE, 1942, p.284).

Marta possui um enredo bastante envolvente: o advogado Leopoldo, casado e pai de Marta, envolve-se com Margarida, mulher do vulgar Seixas Gomes. Marta acaba morrendo. Anos se passam, quando Leopoldo, ao voltar ao Brasil, conhece Marta,

filha de Margarida. Ao saber disso, esta o procura e conta para o ex-amante que a jovem é filha dele e, por isso, resolveu dar o mesmo nome da primogênita. Nesse momento, Margarida faz Leopoldo prometer que nunca contará a Marta que é o seu verdadeiro pai e nem que ele teve outra filha de mesmo nome. Vítima de uma moléstia, Margarida morre e Seixas Gomes resolve casar a filha com o promíscuo Andrade, seu amigo. Naturalmente, ela não aceita, chegando a pensar que Leopoldo está interessado nela, por ser bastante atencioso. Consequentemente, a moça deseja se casar com ele, apesar da grande diferença de idade entre os dois. Devido aos preconceitos da época, Marta acaba desmoralizada por demonstrar interesse pelo advogado e, para salvar a filha dessa situação e também para livrá-la de casar-se com Andrade, ele aceita se casar com ela. No final, depois do casamento, Leopoldo suicida-se com um revólver, depois de escrever uma carta para a filha, cumprindo a promessa feita a Margarida de não revelar a verdade para Marta.

Como se vê, de início, a narrativa possui um clima um tanto romântico, ao enfocar claramente a proibida paixão de Leopoldo e Margarida, quando ela afirmou: “mas quando desço ao fundo de mim, quando me analizo, vejo que o meu amor, era a necessidade imperiosa de uma alma sedenta de um pouco de alegria; acho-lhe, por isso mesmo, explicação bastante para a sinceridade” (ALBUQUERQUE, 1920, p.71).

Não obstante, Medeiros e Albuquerque procurou dar mais ares realistas à *Marta*. Consequentemente, a crítica social parece percorrer o enredo inteiro, iniciando com o comportamento da mulher de João Caldas, amigo de Leopoldo, no seguinte trecho: “...saber a vida de uns e outros, buscar conhecer, sobretudo, a biographia dos hospedes, inventar namoros e seduções complicadas entre eles: era o que ela, era o que todos faziam” (ALBUQUERQUE, 1920, p.9-10).

No final, denuncia-se uma sociedade moralista: “-E’ o *a b c* da diplomacia: enganar a humanidade”(ALBUQUERQUE, 1920, p.17). Chega-se também a julgar negativamente a vida de Marta: “a sociedade é de opinião que couzas dessas ‘não se fazem’. Mas não era a sociedade que ia casar-se com um tipo que estragaria toda a vida” (ALBUQUERQUE, 1920, p.195).

Ademais, também se evidencia na estória casamento feito por interesse, isto é, o relacionamento por conveniência, aparentando que o dinheiro tem mais força que o amor. Margarida, por exemplo, “nunca amára o marido, a cujos braços a lançaram por calculo, em um casamento de conveniencia” (ALBUQUERQUE, 1920, p.62) e seu marido, Seixas Gomes, queria oficializar a união, sobretudo, porque “a questão para ele

era puramente comercial. Entendia, porém, que não devia esquecer nenhuma arma no combate pela riqueza” (ALBUQUERQUE, 1920, p.76-77).

3. conto

A) *Se eu fosse Sherlock Holmes*

Trata-se de um livro de 23 contos publicado em 1932, sendo que alguns deles constituem narrativa policial. Medeiros e Albuquerque foi o introdutor da literatura policial no Brasil. Os contos dele são verdadeiras obras-primas, estando dentro da linha realista à Maupassant.

As histórias que compõem *Se eu fosse Sherlock Holmes* são as seguintes: “O Carlão”; “Os vingadores”; “Quando ele voltar”; “A flor dos três desejos”; “A morte do presidente”; “A cilada”; “Dedicação”; “Palmas”; “As cartas de amor”; “O assassinato de D. Heloísa”; “A caixa de estampilhas”; “O túnel”; “Mendigos”; “Um espírito positivo”; “A que dançou”; “A perseguição”; “Terror”; “A curiosa”; “O invejado”; “Os guardas do Tesouro”; “A ocasião faz o ladrão”; “Bois pretos” e o próprio “Se eu fosse Sherlock Holmes”, que deu nome à respectiva obra, em questão.

Apesar de Medeiros ter sido um materialista convicto, cultuava também, em suas narrativas, os elementos invisíveis, questionando acontecimentos enigmáticos e preternaturais. Desse modo, os seus contos, alguns tendendo à estética policial, parecem cair perfeitamente no gosto do autor, que valorizava bastante aspectos misteriosos, de fato. Evidentemente, a palavra-chave para o enredo policial é mistério.

Em relação ao conto “Se eu fosse Sherlock Holmes”, o enredo é bastante simples: um narrador (sem nome específico) presencia uma situação de roubo de um anel de brilhantes de Madame Guimarães, quando esta dava uma festa em sua casa. Desse modo, à maneira de Sherlock Holmes, passa a investigar o crime e, posteriormente, acaba descobrindo que a culpada é Sinhazinha Ramos, a sobrinha de Madame Guimarães. No entanto, a criminosa desmascarada, agindo com esperteza, consegue, por fim, inverter o jogo, acusando o “detetive” de ladrão. Madame Guimarães ingenuamente acredita na sobrinha.

O estilo da narrativa é muito leve e, como uma típica história policial, o mistério é desvendando no final, quando o culpado é descoberto, apesar de que o “detetive” nesse conto não era o culpado. Ele descobriu que Sinhazinha Ramos é a verdadeira criminosa devido ao fato de que ela, no momento do roubo, deixou cair duas pétalas da rosa amarelada que estava com ela, sendo que ela era a única que a estava

usando no dia. No final, o narrador conta a inversão do jogo que o tornou, aos olhos dos outros, o culpado, da seguinte forma:

Mas a mulherzinha se vingou: a todos insinuou que provavelmente o ladrão tinha sido eu mesmo, e vendo o caso descoberto antes da minha retirada, armara aquela encenação para atribuir a outrem o meu crime.

O que sei é que Madame Guimarães, que sempre me convidava para as suas recepções, não me convidou para a de ontem... Terá talvez sido a primeira a acreditar na sobrinha (ALBUQUERQUE, 1932, p.13).

Vale ressaltar também que o narrador frequentemente usa de ironia para descrever os fatos como, por exemplo, depreciando o anel, que tanta polêmica causou por seu sumiço, opinando: “um anel com tres grandes brilhantes de um certo mau gosto espetaculoso, mas que valia de 60 a 80 contos” (ALBUQUERQUE, 1932, p.8).

Ademais, a ironia também está presente na narrativa pelo fato de que o narrador, com mania de querer ser detetive, é visto pela maioria sem habilidade para tal papel, sendo que apenas ele acredita ser capaz. Naturalmente, ele gostaria de ser igual ao famoso Sherlock Holmes, afirmando em vários momentos do enredo citações como: “Sherlock Holmes gritou dentro de mim: ‘Mostra o teu talento, rapaz!’” (ALBUQUERQUE, 1932, p.8) e “foi no meio dessas conversas que Sherlock Holmes creceu dentro de mim” (ALBUQUERQUE, 1932, p.9). Portanto, esse famoso personagem é visto pelo narrador como um ser que deve ser admirado e que também representa força para investigar os vários crimes, prestando atenção aos mínimos fatos.

B) Surpresas

Trata-se de um livro editado em 1934 e composto por 15 contos, que são: “Surpresas”; “O Gatuno”; “A estreia de Cinira Leste”; “O 3-75”; “O velho Bastos”; “Evviva Nerone”; “O retrato de D. Tubância”; “A sombrinha de tia Eulália”; “A que soube vingar-se”; “O diário”; “O testamento”; “Freudismo”; “Vê-la e amá-la”; “Menelik, o leão” e “Volta ao passado”.

Em relação ao texto “O Gatuno”, a narrativa enfoca a vida de dois meninos, Estevão e Samuel. O primeiro, que tem 9 anos, tem boa condição social. Samuel, ao contrário, tem 8 anos e é uma criança pobre. Os dois se conheceram numa escola pública, pois o pai de Estevão, achando nesse fato um bom princípio de democracia, decidiu matricular o filho em uma instituição mais popular. Depois do primeiro

encontro, eles se tornaram grandes amigos, sendo que Samuel passou até mesmo a admirar o colega.

Por meio da escassa vida do menino Samuel, Medeiros e Albuquerque alude à realidade social, expondo-a e criticando-a, embora de forma sutil, pois a narrativa possui uma grande dose de lirismo. Samuel era muito pobre, “vivia com a mãe, lavadeira, e o padrasto cuja mais séria profissão consistia em estar embriagado” (ALBUQUERQUE, 1934, p. 20).

Certo dia, Samuel confessou ao amigo que, devido ao fato de ter perdido uma quantia em dinheiro, o padrasto o espancou. Essas agressões eram freqüentes na vida do menino, cujo padrasto, quando bebia, perdia totalmente a razão e queria até mesmo matá-lo. A triste situação do menino é descrita da seguinte forma:

E por causa disso o bebedo tinha surrado barbaramente a criança.

-E sua mãe não o defendeu?

-Defendeu, sim, mas o resultado foi ter ela apanhado ainda mais. Nós hontem estavamos moídos da pancadaria; nem ela nem eu podíamos quasi ficar de pé (ALBUQUERQUE, 1934, p.22).

Entretanto, para amenizar um pouco o tom pesado da realidade social, o lirismo ganha mais espaço no enredo no momento do clímax em que, Estevão pensa que Samuel o roubou porque encontra uma quantia de dinheiro (exatamente a mesma que ele pensava ter naquele momento ali) na roupa do menino. Fugindo do amigo, chega a casa e descobre, por sua mãe, que o montante foi retirado por ela de seu bolso antes mesmo dele sair. Angustiando, visto que percebeu ter julgado mal Samuel, corre para pedir perdão e devolver o dinheiro a ele.

Para piorar, Samuel descobre a falta de seu dinheiro e presume que, embora Estevão não precisasse daquela quantia, ele o furtou. Decepcionado e com medo do castigo que o padrasto lhe daria pela perda, resolve por fim se matar. O conto termina do seguinte modo:

Na amargura imensa do seu espiritozinho, decidiu-se a morrer, a morrer logo. Estava no bom lugar. Voltou por cima das pedras da barragem, resmungando sem compreender porque o colega fizera aquilo: “Ah! Estevão! Estevão!” E atirou-se á água. Um redemoinho turbilhonante o jogou de encontro ás rochas de uma das margens, manchando de sangue a água, por um instante.

E o corpinho do pequeno lá se foi, rio abaixo... (ALBUQUERQUE, 1934, p.30).

C) *Contos escolhidos*

Publicado em 1907, trata-se de um conjunto de vários contos, dos quais alguns apareceram anteriormente em outros livros de mesmo gênero do autor, principalmente, em *Mãe tapuia* (1900).

Dentro os 27 contos que compõem a obra, “Noivas” merece ser informado, visto ser uma estória bastante envolvente, apesar de relativamente simples e possuir um teor ingênuo, evidenciando aspectos tipicamente românticos, o que se contrapõe com a maioria dos contos de Medeiros e Albuquerque, realistas à Maupassant, como, por exemplo, “Flor seca” e “As calças do Raposo”, que também ajudam a formar *Contos escolhidos*.

A narrativa de “Noivas” enfoca, sobretudo, conversas de vários jovens caçadores entre vinte e vinte e cinco anos com o Dr. Caldas, um velho médico. O grupo não se encontra na zona urbana, visto que foram caçar em uma floresta.

Em uma atmosfera relativamente romântica, eles começam a conversar sobre amores que se foram e também sobre paixões que não deram certo e que, até mesmo, eram vistas como proibidas. Tudo caminha bem, até que Carlos, um dos jovens que participa da conversa, fez uma intrigante indagação ao médico: “...você não nos contou nenhuma aventura sua, propriamente sua, como nós fizemos” (ALBUQUERQUE, 1907, p.51-52).

A princípio, o médico mentiu dizendo que não existiu nenhum amor em sua vida, visto que não fez “concurrência a Lovelace e a D. Juan” (ALBUQUERQUE, 1907, p.52), mostrando uma aparente solidão de vida. No entanto, acaba confessando que teve uma paixão violenta, originada em um baile, que motivou um repentino pedido de casamento.

O médico e a mulher noivaram e casaram no decorrer de rápidos dois meses. Depois, no entanto, ele teve que viajar e, por isso, estando em lugares diferentes, o casal passou a trocar diversas cartas. O tempo passou e o Dr. Caldas percebeu que a noiva real que ele idealizava não existia realmente, decepcionando-se com essa paixão. Com isso, naturalmente, na época em que eles iam se reencontrar, o médico fugiu dela. Por fim, ele abre o seu coração aos seus jovens amigos, confessando seus mais profundos sentimentos:

-Nunca mais a vi, concluiu elle: não procurei saber noticias suas. Hoje, porém, já não me arrependo do que fiz, porque, apesar de tudo, a minha noiva, aquella com quem eu dansei uma longa noite de baile, aquella com quem eu sonhei loucamente durante mezes de paixão, guardo-a dentro da minha saudade, noiva eterna, noiva purissima, sempre moça e sempre bella! (ALBUQUERQUE, 1907, p.55).

D) *Mãe tapuia*

O livro de contos *Mãe tapuia* foi publicado pela primeira vez em 1900. Deles, “As calças do Raposo”, realista à Maupassant, é uma verdadeira obra-prima. A história desse conto, dedicado a José Veríssimo, decorre em um internato. De início, o narrador, que é aluno, mas não é nomeado, conta que o antigo inspetor Gomes, depois de ter entrado em conflito com vários meninos, foi demitido da escola.

Desse modo, contratou-se um novo profissional: Raposo e seu filho Raposinho, que, devido ao fato do pai trabalhar no internato, ganha bolsa, estudando de graça nesse lugar bastante caro, onde era o mais pobre. O narrador evidencia o fato dando suas impressões sobre Raposinho: “Tinha doze para treze annos, figura muito sympathica, olhos e cabelos bem negros, aspecto gracioso e de viveza intellectual” (ALBUQUERQUE, 1900, p.136).

No entanto, lá, o pai o tratava de maneira bastante formal, como se ele fosse um aluno como os outros. Com frequência, Fuinha, um invejoso colega, o perseguia arrumando frequentes discórdias. O tempo passou e Raposinho terminou os estudos, aos 18 anos.

Nessa época, pelo fato de Raposinho ter sido um aluno bastante aplicado e inteligente, o diretor resolveu empregá-lo no lugar do antigo professor de História, o que ocasionou grandes oposições, sobretudo, de Fuinha, visto que ele ficou

“desesperado com a noticia de que o Raposinho ia ser um dos seus professores, olhando-o com olhos perversos de colera e inveja” (ALBUQUERQUE, 1900, p.148).

Na festa de formatura, o menino-problema Fuinha manchou a calça clara que Raposo iria usar e, com isso, o inspetor, envergonhado, não pôde estar ao lado do filho, no recebimento dos diplomas. O narrador conta esse episódio da seguinte forma:

E durante esse tempo, a olhal-o pelo buraco da fechadura, chorando de orgulho e pezar, o Raposo, cada vez mais grotesco, estendia ao filho, em tregeitos mudos, como si elle os pudesse vêr, os braços em que o quereria apertar n’aquelle momento! As lagrimas, que lhe caíam em fio, elle as ia limpando distrahidamente nas calças claras, manchadas pelo Fuinha... (ALBUQUERQUE, 1900, p.154-155)

Em relação ao famoso conto “Bichaninha”, a atmosfera da narrativa tende ao fantástico, o que o diferencia dos restantes de *Mãe tapuia*. A estória está agregada com a imaginação, ao enfocar, de início, a vida de Nenê, uma mulher que acabou de dar a luz a um menino.

Leonor, quando a visita no hospital, conta-lhe que sua gata Bichaninha, semelhantemente à mulher, também teve filhos, mas pariu 4 filhotes. Não obstante, por não entender o hábito de felinos, Leonor afirmou à Nenê: “-Bichaninha, em vez de carregar os filhos, pega n’elles mordendo no pescoço e anda de um lado para outro com os pobresinhos... Que bicho ruim!” (ALBUQUERQUE, 1900, p.85).

Além disso, por terem sido partos próximos, a gata e a mulher são vistas de forma mesclada na estória, em: “... quando a gata ia seguindo a moça, vêr as duas, andando ambas com o meneio indolente e desageitado dos ventres proeminentes” (ALBUQUERQUE, 1900, p.86).

Por fim, Bichaninha resolveu aparecer com os filhotes no hospital no momento em que Nenê está com febre, o que faz com que a mulher passe a se comportar como uma gata. Em delírio, acredita ser um animal também e, a partir daí, presume que deve cuidar do filho exatamente como uma boa felina cuida de sua cria. Medeiros e Albuquerque escreveu o momento usando bastante imaginação:

Como continuasse o menino a chorar, ella miou uma vez e, virando-o de costas com uma só das mãos, abaixou a cabeça, mordeu-o no pescoço, segurando-o fortemente –tal qual como vira fazer pela Bichaninha- e preparou-se para saltar da cama...

Não saltou: faltava-lhe a agilidade. Atirou-se no chão com a creança pendurada nos dentes... (ALBUQUERQUE, 1900, p.93).

Como consequência, o bebê morreu, ao passo que “o craneosinho abrira-se e o miolo –uma massa acinzentada- sahia, em hernia, por uma fenda da cabecita, como uma postema espremida, manchada com laivos de sangue...” (ALBUQUERQUE, 1900, p.93).

Vale ressaltar que, em 1900, quando o livro foi editado, Medeiros e Albuquerque não escreveu em sua coluna semanal “Crônica literária” de *A Notícia*. De forma inédita, Manuel Bomfim, seu amigo, resenhou naquela semana no lugar dele, abordando o lançamento de *Mãe tapuia*. O respectivo texto está transcrito abaixo na íntegra:

ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Mãe tapuia*. Rio de Janeiro: s. n., 1900. Resenhado por: Bomfim, Manuel. Crônica literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p.2, 9 abr. 1900.

A obra litteraria de Medeiros e Albuquerque vai fazendo uma reputação precioza: a reputação de *extravagante* e *variada*. Acredito que elle não se affligirá com isto; nenhum escriptor de espirito se affligiria, porque do vocabulario todo dos criticos esses epithetos são dos poucos que ainda exprimem alguma cousa. Quanto aos mais: *distincto*, *illustre*, *eminente*, *apurado*, *talentoso*, *esforçado*, *correcto*, *original*, *operoso* (operoso sempre vale alguma cousa), *inspirado*, *elegante*... são inteiramente nullos. Não ha poeta nascente que se satisfaça em ser chamado de *distincto* ou mesmo *eminente*. Quem os quizer lisonjear alguma cousa ha de chamal-os pelo menos *geniaes*. Mas não tardará que mesmo esse qualificativo perca o relevo. Em materia de elogios todos nós aspiramos sempre alguma cousa além do que merecemos e valemós. Ora, não ha escriptor –impresso e criticado- que não se julgue genial. Os mais ousados affirmam publicamente o proprio valor e impõem-n’o aos outros; os timidos calam-se, mas no fundo da sua consciencia tambem se reconhecem como taes. E, tanto uns como outros, podem molestar-se, se alguem lhes nega os justos louvores, que os proprios genios verdadeiros não desprezam. Sentem a falta, doem-se com a *injustiça*... Mas

commoverem-se com os elogios? Absolutamente não. Também o publico já não se commove, porque sabe que os criticos não são de pedra, nem de bronze... Se julgam, julgam porque uma tradição desarrosoada assim o quer; julgam sem aquelle apparato das outras justças: nem balança, nem gladios: em vez d’isto, o hyssope e o thuribulo, incenso e bençams –que a vida é curta e não vale a pena crescer-lhe as difficuldades amontoando inimigos!

- Oh! mas nem todos são assim!

- E’ certo; ha alguns tolos. Acabarão convencendo-se com Sainte-Beuve de que “a boa critica, sincera e veridica, só se faz em conversa; escrevendo, tecem-se apenas elogios”.

Volto agora á reputação que os contos do Medeiros vão grangeando e insisto em pensar que elle deve estar satisfeito de ver que, se o chamam de *original*, *distincto*, *elegante*, *malleavel* (como estylista: note-se), tambem o acham *bizarro*, *variavel*, *extravagante*, *caprichoso* e até mesmo... *desorientado*.

Serão mesmo extravagantes e desorientadas as suas producções em prosa?

Estou que não. Reconheço que julgadas em si, pela simples leitura, ellas se revelam o seu tanto bizarras e exquistas –não pela forma, que é despretenciosa, simples e clara como a prosa de quem tem alguma cousa a dizer e, por isso mesmo, empenha-se em fazer-se comprehendido- mas pelo assumpto, pela substancia dos seus contos. Alguns são anectodas ampliadas, ligeiras fantasias sem consequências e sem grandes intuitos; outras são peças a beirar pelo Maravilhoso, d’esse maravilhoso que podemos chamar *maravilhoso científico*. Isto succede tanto n’este como no seu outro livro de contos.

Repassemos o ultimo volume: NOIVADOS TRAGICOS –uma mulher que, obsessa por uma allucinação extravagante, faz para si a crença que si se entregar ainda aos prazeres da carne, morrera... e, de facto, morreu; Tic-tac –uma louca com a preocupação e o empenho de fazer parar o coração afim de desancal-o- e effectivamente descança-o, morrendo, extinguindo-se suavemente (é indispensavel a comparação) como uma lampada; o PRESENTE DE VÔVÔ –uma pequena a quem certa emoção violenta faz emmudecer e outra emoção, igualmente forte, restitue o uso da palavra; BICHANINHA –uma parturiente que accommettida de febre nervosa, vê uma gata e sente-se tomada de instinctos felinos; o HOMEM QUE MORREU –caso de loucura, de epilepsia traumatica, consecutiva a uma contusão do craneo; o GENERAL –guerreiro heroico e brioso, cuja alma varonil succumbe diante do nervosismo languido de uma

Dalila qualquer; 75 –uma rapariga timida e espiritista, que na resposta disparatada de um supposto *espirito* vê a indicação do homem com quem se deve casar e, rompendo compromissos anteriores, vai *ousadamente* offerecer-se no moço que lhe pareceu o indicado. Além d’esses, ha uns tres outros cujo assumpto gira em torno de elevadas questões de biologia: MÃE TAPUIA, PALESTRA A HORAS MORTAS, O PANTANO.

Ahi temos mais de metade do volume feito de contos que apesar da sua variabilidade e extravagancia guardam no fundo uma certa unidade: a preocupação de descrever taes ou quaes phenomenos psychicos, admittindo factos ainda discutidos, acceitando hypotheses apenas formuladas, discorrendo sobre a dynamica cerebral como se ella fosse dependente tão somente de leis e forças naturaes, susceptiveis de serem reconhecidas e comprovadas. Ha quasi que uma escolha de assumptos.

Será essa escolha consciente ou inconsciente? Propendo a crer que é inconsciente. Baseio-me na forma natural, simples, espontanea e clara porque os contos são tratados. O assumpto roça pelo maravilhoso, mas o tom em que è escripto indica que o auctor não o tem absolutamente, como tal. Aquellas cousas que relata, aquelles casos que imagina, aquelles desfechos, parecem-lhe tão naturaes que elle os narra como se fossem as cousas mais triviaes e incontestaveis d’esta vida. Com elle se dá justo o opposto do que acontece com a maioria dos litteratos que cultivam o maravilhoso.

Ultimamente este genero tem sido muito explorado. Desde o *Avatar* de Th. Gautier até o *Là-Bas* de Huysmans, com passagem pelas fantasias de Flammarion, creou-se uma verdadeira *litteratura estupenda*. Mas ha uma differença radical entre o maravilhoso d’essa litteratura e o dos livros de Medeiros e Albuquerque. Aili explora-se calculadamente o *sobrenatural* ou pede-se anciosa rente o milagre, acreditando n’elle, aspirando-o, buscando-o, como o Pastor Bratt do drama de Bjernson. Aqui, nos contos de Medeiros, o assumpto é tratado com o empenho exacto de excluir o maravilhoso.

Não estou fallando em vão. Ha talvez uns quatro annos que esse escriptor publicou na *Revista Brasileira* um estudo documental sobre o IMPOSSIVEL. Queria mostrar que a noção de impossivel é muito relativa e o seu conceito devia substituir-se pelo de difficil, “Não se póde affirmar que haja impossiveis: muitas das cousas, que assim eram consideradas hontem, são hoje conquistas verificadas”. Estou certo de que acceitaria como possivel o “*phonographoscopio interastral*” ou o “*dynamo-panspermico infantogeno baseado na polarisação dupla inductiva e retroversiva das correntes do ether nebulosforme*”. Apenas diria a cousa em termos menos rebarbativos

e mais compreensíveis, mas não a rejeitaria, porque não se deve considerar impossível hypothese alguma.

E é o que elle faz quando escreve: elimina os impossíveis, desconta as difficuldades e apresenta factos bem explorados. Está bem visto que não vai buscar assumptos disparatados ou absurdos. Não! busca motivos interessantes, factos emocionadores e inexplicados e estendendo certas doutrinas scientificas no maximo a que podem chegar, formula explicações engenhosas, crêa situações empolgantes, desfechos inesperados que dão á sua obra litteraria um cunho especial.

Tudo ahi è apresentado como resultado natural de forças também naturaes. “Não admittamos impossíveis e fiquemos certos que todos os factos se pódem explicar como productos de forças naturaes”: tal é a philosophia que se deprehende dos seus trabalhos.

Já se vê que eu tinha razão quando disse que as suas producções não são tão extravagantes e desorientadas como parecem. Ha n’ellas uma certa unidade de vistas e uma orientação, que nem é arranjada de proposito deliberado, nem destituída de inspiração philosophica, orientação que se mantem desde o seu primeiro livro de contos, orientação que se traduz em outras faces da sua personalidade psychica. Não admittindo impossíveis, quer explicar todos os factos que observa. Por isso as suas ficções constam sempre de um caso curioso, cujo mecanismo natural, cuja força productora elle revela ao leitor. Sua litteratura é uma litteratura de acção, de movimento, e por isso elle admitte uma força nervosa, exteriorisando-se até.

Significa tudo isto que a imaginação de Medeiros e Albuquerque gyra n’um mundo de forças e de movimentos. Querem a prova d’isto? Vão aos seus livros e verão que as suas imagens são todas *imagens motivas*. Este facto já eu havia notado, quando me occupei da sua obra: *Homem Pratico*. No ultimo volume o character se mantem o mesmo. Veja-se esta descripção de um céu precursor de floresta, *cruzavam* o espaço *pipilando*. No ar *pesado* nem um sopro de brisa *agitava* de leve as folhas mais altas das arvores. Só pelo céu, cada vez mais escuro, via-se o *lento mover* das nuvens densas, dos grossos nimbus pardacentos, *accumulando-se* no ar. Nas suas paizagens os verbos são: *serpenteavam*, *fazer mover*, *rasgava*, *pendiam*, *escorriam*, *vinha*, *cortavam*, *perdiam-se*, *encontravam-se*, *abrindo*, *teciam*, *chilrear*, *subiam*, *desciam*... Todos estes estão em uma só pagina descriptiva.

Como elemento em favor do meu juizo, poso ainda apontar a confissão que o escriptor fez, ha dias, em artigo publicado no *Brasil-Medico* sobre a *audição colorida*.

Ahi confessou que é incapaz de imaginar a visão de qualquer scena ou objecto; confessou que não consegue evocar a physionomia de uma pessoa conhecida, mesmo d'aquellas com quem convive. Reconheceu-se pertencer ao typo dos *verbo-motóres*, como se diz em psychologia.

Por esse modo, os seus contos se fazem vigorosos e interessantes, mesmo aquelles que nada têm de *maravilhoso*.

Por minha parte, não pretendo julgar do merito da sua obra; quis, apenas, accentuar a feição especial, a característica que se manifesta tanto no estylo como na escolha dos assumpto e na orientação phylosophica. Por isso deixo de lado muitos trabalhos, cujo valor litterario, todos os criticos salientaram: contos de psychologia infantil, como as *Calças do Raposo*, *A Escada*, contos alegres, como *Bis in idem*, *Psychologia da infidelidade*, *Como se escreve a historia* e *Nota dissonante* e contos de emoção, como o *General*, *Revolta* e *Confissão*, cujo assumpto nada tem de estravagante.

4. conferência/discurso/teatro/relato de viagem

A) O umbigo de Adão

O Umbigo de Adão, livro composto por 5 conferências, foi publicado em 1932. São os seguintes textos desse famoso livro de Medeiros e Albuquerque: “O nariz de Cleópatra”; “Faceirices”; “Salomé”; “Água e sabão” e “Mães”.

A respeito de “Salomé”, conferência feita em um curso de declamação, cuja diretora pediu a Medeiros que fizesse um texto discursivo qualquer, é uma das mais conhecidas do livro. Já de início, o conferencista demonstrou sua peculiar ironia ao abordar aspectos religiosos, basicamente, falando de Deus de forma nada convencional, o que, sem dúvida, chocou o público da época.

Como se sabe, Medeiros e Albuquerque foi um ateu convicto, então, nada mais natural que, com bastante frequência, mostrasse sua falta de fé nos seus discursos. De fato, nessa conferência, ele começa a falar da construção do mundo de forma altamente irônica, como se estivesse repreendendo o pai celestial do ato, como se comprova no fragmento:

Deveras [...] creio que só daria a Deus um conselho: que ele não fizesse o mundo. Para que?! Pois si ele tinha vivido tão quietinho até ali, para que comprar complicações? [...].

-Não faça nada, Padre Eterno! Você não imagina como é fácil, em vez de fabricar um universo ruim e mal acabado, não fazer nada, nada, absolutamente nada!

Não sei si ele me atenderia... Não creio, porque ele é teimoso [...] (ALBUQUERQUE, 1932, p.69-70).

Ademais, de forma bastante ousada, o conferencista até opina que, se Deus perguntasse se ele gostaria de ser mulher, recusaria, ao passo que insistiria em ser mesmo do sexo masculino. Em seguida, dá a polêmica explicação: “Com a deplorável tendência a aceder a tudo o que me pedem, os homens me pediriam muitas cousas –sei lá o que eles me pediriam!- e eu lhes iria fazendo as mais inconvenientes concessões” (ALBUQUERQUE, 1932, p.70).

Vale ressaltar que, embora o autor escrevesse seus discursos em uma linguagem bastante descontraída, não deixava de abordar, no entanto, sua preocupação social com assuntos bastante sérios, tal como as epidemias que se repercutiam na famosa *Belle Époque* tropical, quando “Salomé” foi, de fato, escrita. Como conferências são textos que possibilitam uma aproximação mais rápida com os ouvintes, até porque são orais, Medeiros procurava mencionar sempre que havia frequentes problemas da época, afinal de contas, não se pode esquecer que ele foi um jornalista durante muito tempo de sua vida. Sobre as doenças, Medeiros, em “Salomé”, escreveu:

Todos sabem que os medicos, embora adstritos ao segredo profissional, reconhecem que diante de certas doenças muito graves, muito perigosas, o segredo cessa e é dever chegar á notificação compulsoria. Assim, o medico que trata um caso de variola, de febre amarela, de peste, deve anunciá-lo ás autoridades. E’ obrigatorio (ALBUQUERQUE, 1932, p.71).

B) O perigo americano

Trata-se de uma única conferência, cujo título é o nome desse pequeno livro de 47 páginas publicado em 1919. A respectiva conferência foi realizada no Teatro Fênix, mais propriamente no dia 23 de maio de 1919.

De um modo bastante leve e descontraído, Medeiros e Albuquerque já começou o seu discurso dizendo: “Si alguém me perguntasse quais as melhores couzas da vida, eu creio que responderia: amar, viajar e lêr. Com um pouco de bôa vontade, seria mesmo possível mostrar a analogia entre as trez” (ALBUQUERQUE, 1919, p.7).

Outro dado relevante da vida de Medeiros e Albuquerque e que foi citado é a respeito da morte de Paulo que, como se sabe, traumatizou bastante o autor, visto que esse era o seu filho predileto. Medeiros explicou que não pôde seguir para a Europa (como almejava), dizendo: “me feriu a mais terrível das desgraças, roubando-me a pessoa de quem eu poderia dizer como Fagundes Varella, quando também lhe morreu o filho” (ALBUQUERQUE, 1919, p.9). Segundo suas palavras registradas na conferência: “eras a gloria, a inspiração, a pátria, o porvir de teu pai...” (ALBUQUERQUE, 1919, p.9). Consequentemente, Medeiros acabou viajando para os Estados Unidos.

O desenvolvimento da conferência toma um rumo um pouco mais social, quando o autor passou a abordar o período pós-primeira guerra mundial (1914-1918), discordando do poder dominante dos Estados Unidos no mundo na época.

Na concepção do conferencista, *O perigo americano* é justamente o perigo de que os Estados Unidos possam ocasionar no mundo, ao passo que os americanos não são tão eficientes e poderosos como revelam ser, evidentemente. Consequentemente, ele se coloca contra a nação, relatando que foi aos Estados Unidos, entusiasmado com o papel da grande nação na guerra, mas confessando ter-se decepcionado. Para fundamentar a crítica, Medeiros aborda dois elementos americanizados, como se observa abaixo:

Nós vivemos agora aqui trabalhados insidiosamente e continuamente por dois elementos essencialmente americanizantes: o telegrafo e o cinema. Todos os dias, pela manhã, recebemos uma injeção de americanismo, lendo as proezas dos Estados-Unidos. No meio do dia, descansamos em um cinema, em que temos de novo outra dóze. Em ambos os cazos somos iludidos (ALBUQUERQUE, 1919, p.9-10).

Segundo o conferencista, os filmes cinematográficos transmitem a ideia falsa de uma sociedade constituída idealmente, visto que todos eles têm desfecho feliz. Além disso, durante a primeira guerra mundial, esse acontecimento foi muito mais explorado, visto que, como o próprio Medeiros afirma:

Todos aqui vimos *films* em que se reproduziam maravilhas das indústrias militares dos Estados Unidos. Eu me lembro de um em que certo traidor alemão era apanhado por um Americano e levado para o alto de um edifício, do qual se avistava o mar. [...] Zombando, o Americano perguntava ao Alemão qual dos navios dela queria que saltasse, primeiro. E quando o Alemão, indicou um, o Americano foi a uma parede, tocou em um pequeno botão como os das campainhas elétricas e o navio indicando voou, em uma explosão formidável. Film bem feito. Film impressionante (ALBUQUERQUE, 1919, p.16-17).

Como se observa, Medeiros e Albuquerque utilizou de ironia no seu discurso, visto que não julga serem os filmes americanos impressionantes, pois sabe que são baseados em inverossimilhanças. Em sua opinião, a realidade que o poder americano quer transmitir é muito diferente da que possui de fato.

Ademais, em relação à situação dos Estados Unidos e Brasil, Medeiros e Albuquerque abordou a falta de manifestação de amizade, visto que o país americano “propoz apenas serenamente a internacionalização do vale do Amazonas. O vale do Amazonas é aliaz uma coiza que os Americanos consideram um pouco sua” (ALBUQUERQUE, 1919, p.46).

Por fim, ironicamente, o conferencista deu sua opinião sobre como teria de ser a relação entre os dois países, tecendo o seguinte comentário:

Podemos e devemos conservar com os Estados Unidos as melhores relações; mas relações de igual para igual, sem nenhum traço de subordinação, sem que admitamos entre nós ninguém que pareça representar o dono do que, -- não eu, mas o director da Universidade de Harvard, - chamou o “territorio da caça reservada” (ALBUQUERQUE, 1919, p.47).

C) *Em voz alta*

Trata-se de um livro publicado em 1909 e composto de 4 conferências com os seguintes títulos: “O pé e a mão”; “O beijo”; “Os mortos” e “Como se sonda o futuro”.

Na longa primeira conferência “O pé e a mão”, Medeiros e Albuquerque demonstrou de início um fingimento intencional ao afirmar que nem sequer sabia ao

certo o nome que deveria dar ao respectivo texto. Naturalmente, se não sabia o título, estava em dúvida também com o assunto. Segue abaixo o respectivo acontecimento:

eu aventurei numa frase que não era possível, do pé para a mão, achar questões que pudessem seduzir um auditório elegante, um auditório culto, um auditório de bom gosto. Logo, um dos meus colegas, aproveitando as minhas palavras, foi atalhando: “Mais aí estão dois assuntos excelentes: o pé e a mão!” Dois dias depois, com um certo pavor, eu via anunciada esta conferencia. E’ bem o caso de dizer que o meu pavor era o de meter os pés pelas mãos... (ALBUQUERQUE, 1909, p.5).

Em relação à conferência “Beijos”, Medeiros e Albuquerque mais uma vez abordou um tema aparentemente frívolo para desenvolver um discurso essencialmente elaborado e literário. Em sua concepção, ele mesmo opinou: “falar do beijo não seria talvez para um bom conferente muito difícil: o assunto é agradável e tentador” (ALBUQUERQUE, 1909, p.119). Todavia, aponta a cautela em se falar de assunto tão delicado, afirmando: “quazi irresistivelmente, ele nos arrasta para o terreno equívoco da malícia” (ALBUQUERQUE, 1909, p.119).

Por meio de um tom bastante leve, o conferencista já procura criar certa intimidade com o público, de forma a estabelecer um ambiente amistoso na sua leitura. Para tanto, tece o comentário: “nesta conferencia não deve haver protestos. E’ minha intenção iludir a expectativa dos maliciosos, impedindo que mostrem á minha custa o que lhes vai na alma” (ALBUQUERQUE, 1909, p.120).

Ademais, desenvolvendo seu pensamento, Medeiros observou criticamente que não há língua nenhuma, que tenha tantos vocábulos para especificar beijo e seu movimento como a alemã. Para tanto, mostra apreço pela simplificação do português, afirmando: “francamente, a pobreza da nossa lingua é preferível... Diz-se: beijar –e acabou-se” (ALBUQUERQUE, 1909, p.161). Ironicamente, justifica: “como, quando, porque, para quê, onde, etc, etc, etc, são circunstâncias que se devem geralmente omitir. Só interessam aos que beijam e são beijados” (ALBUQUERQUE, 1909, p.161).

Por fim, Medeiros e Albuquerque, mostrando uma sutil ternura no relato, opina sobre a importância do beijo:

Agora, é tarde... Agora ele tem por si a tradição muitas vezes milenar dos nossos costumes – e é a primeira couza que damos aos nossos filhos- e é a primeira prova de amor que pedimos á mulher adorada- e é a derradeira carícia que esperamos receber, no leito de morte... (ALBUQUERQUE, 1909, p. 198).

D) *O silêncio é de ouro*

Trata-se de um volume de 7 conferências e que foi publicado em 1916. Os textos contidos no livro são os seguintes: “O silêncio é de ouro”; “Mas não casar é melhor”; “Dinheiro haja!”; “Ciúmes e ciumentos”; “O sonho”; “Souvent femme varie” e “Si se deve mentir”.

Em relação à conferência “O silêncio é de ouro”, a mais famosa, tanto que deu nome à brochura, Medeiros e Albuquerque, inicialmente, demonstrou uma fingida indecisão em delimitar o assunto, dizendo: “esta conferência não tem um assunto muito preciso. Não será a demonstração de uma teze. Não terá mesmo uma concatenação rigorosa... Talvez de toda ela só o que se salve seja o título...” (ALBUQUERQUE, 1916, p.1). Agindo desse modo, o conferencista quis preservar a naturalidade típica de um texto oral, que tende a uma linguagem essencialmente descompromissada.

Desenvolvendo o discurso, Medeiros transcende o tema “silêncio” abordando o machismo que repercute na sociedade, o qual faz com que as mulheres possuam uma posição de vida mais acanhada e submissa em relação aos homens. Para demonstrar sua concepção, de forma um tanto irônica, ele afirmou:

A verdade é, portanto, que nós exigimos das mulheres uma discrição muito mais rigorosa. A menor transgressão aos preceitos que estabelecemos dejenera em uma questão de honra. Mudado o sexo, uma mulher indiscretíssima seria um homem de alta discrição [...], porque o que um homem póde dizer sem o mínimo inconveniente, basta para dezonrar irremissivelmente uma mulher. Por isso, elas sabem guardar perfeitamente os segredos de suas vidas. E os maliciosos não tem razão quando asseveram que o único que nunca lhes escapa é o da própria idade... (ALBUQUERQUE, 1916, p.23).

Depois, dando enfoque aos escritores, o conferencista aludiu à importância do sossego de que estes precisam para desenvolver suas produções, opinando que “... o silêncio tem aparecido como uma virtude máxima para os gênios, para os grandes

pensadores” (ALBUQUERQUE, 1916, p.36). O silêncio agora é analisado por Medeiros com sinônimo de tranqüilidade e não mais como censura submetida ao sexo feminino, como anteriormente exposto. Apesar de defender o valor do silêncio para os intelectuais, o autor não deixou de demonstrar a importância na sociedade da comunicação que vem posteriormente ao ato de criação, afirmando: “O silêncio póde servir para amadurecê-la; mas é a Palavra que faz a civilização” (ALBUQUERQUE, 1916, p.44).

E) *Teatro...meu e dos outros*

Editado em 1923, o volume possui 11 peças teatrais, cujos nomes são: “O Escândalo”; “Ciúmes”; “A força de mentir”; “La Kommandantur”; “Monsieur Brotonneau”; “O talião”; “A prece na noite”; “Pétard”; “O ciúme”; “O destino é que decide” e “De repente”.

A peça mais famosa do livro é o drama “O escândalo”, que já fora publicada anteriormente pelo autor, em 1909, numa brochura de mesmo nome. Desse modo, é importante abordar esse texto para falar um pouco de *Teatro...meu e dos outros*. A peça foi representada pela primeira vez no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em italiano, versão de Emílio Giunti, em 13 de setembro de 1909.

“O escândalo” representa tipicamente o teatro do século XIX. Consequentemente, o tema do adultério domina praticamente toda a peça e é o assunto mais explorado pelo teatrólogo.

O enredo de “O escândalo” é bastante simples: Dr. Cavalcanti e Mme Cavalcanti são casados, mas ele frequentemente trai a esposa com a Viúva Carmo (Laura), que se comporta como se fosse amiga de Mme Cavalcanti. Como a esposa suspeita que o marido tenha uma amante qualquer, pensa em abandoná-lo, o que na época era visto como um grande escândalo. Depois de um tempo, Laura, abandonada, resolve se vingar do homem e arma um plano para que Mme Cavalcanti pegue o marido com a nova amante dele que, sem saber, é Lucy, a filha de Laura. Apesar da diferença de idade, Dr. Cavalcanti e Lucy tornaram-se amantes. No final, descobrindo que se tratava de sua própria filha, Laura resolve assumir a culpa. Por isso, no momento em que Mme Cavalcanti aparece no encontro, a mãe de Lucy é pega propositalmente com o adúltero pela esposa deste, o que causa um grande escândalo.

A peça é um drama em dois atos. O ato primeiro já evidencia aspectos realistas, como o casamento imposto por pura conveniência financeira, comprovado no

trecho: “aqui, é. Eu lhe conhecia a caza anterior. Mas nesse tempo elle não estava tão bem de fortuna como agora. O casamento trouxe-lhe sorte” (ALBUQUERQUE, 1923, p.8), assim como a crítica social, que se revela por meio da descrição de uma sociedade hipócrita, capaz de praticar o adultério do modo mais natural possível.

O próprio Dr. Cavalcanti confessa ter sido seu casamento planejado por certas conveniências, afirmando:

Minha mulher me é fiel. E’ um merito. Mas isso não basta. O que se pede a uma mulher não é apenas que se guarde pura: é que seja uma companheira nas lutas de cada dia, [...] E ela não o é. Nós fizemos um frio casamento de conveniencia.

Si já era frio quando começou, hoje é neve, é gelo (ALBUQUERQUE, 1923, p.57).

Talvez por isso, ele julga o adultério ser uma possível solução para seu casamento falido. Não obstante, Mme Cavalcanti desde o início suspeitou da infidelidade do marido, mas nem imaginava que estaria se desabafando com a amante dele, a Viúva Carmo, da seguinte forma:

Olhe; você é minha amiga... é a unica em que eu confio. Deixe-me dezabafar. Eu sinto que o ciume é um sentimento mesquinho, baixo e, sobretudo, ridiculo. O ciume de uma mulher na minha idade chega quazi a ser repugnante: parece feito de inveja. Mas eu não posso conter-me; é mais forte do que todos os raciocinios que faço dia e noite... Ora, eu tenho certeza que meu marido tem uma amante. (*Gesto de espanto da viuva Carmo*). Outro dia, por acaso, tive que revolver uns papeis que ele guardava no bolso e achei uma prova de sua traição (ALBUQUERQUE, 1923, p.25-26).

Aliás, o segundo ato, que conta o envolvimento de Lucy com Dr. Cavalcanti, até os dois serem descobertos pela mãe da moça, também mostra que o adultério não era uma prática comum utilizada apenas por Lucy, mas também por Dr. Oliveira, o seu marido. Com isso, percebe-se que a traição conjugal é bastante comum nessa peça de cunho basicamente realista escrita por Medeiros e Albuquerque. De fato, em uma conversa com Lucy, Dr. Cavalcanti lhe disse as seguintes palavras:

Por que tu recomças sempre esta recriminação? –Tu sabes que teu marido é um gozador da vida. Ele nunca teve por ti grande amor. Si te quiz, foi porque sentiu que eras um bom partido. E com dois anos de cazado, já tem sido largamente infiel. Ninguém menos do que tu o ignora e não fui eu quem t’o disse (ALBUQUERQUE, 1923, p.56-57).

F) *Por alheias terras*

Trata-se de um livro publicado em 1931 e composto por relatos de diversas viagens feitas por Medeiros e Albuquerque, tais como: Paris, Estados Unidos, Constantinopla, Sicília, Peru, San Marino, Andorra e aos países microscópicos da Europa. No livro *Quando era vivo*, o autor mencionou suas freqüentes viagens e atribuiu valor à obra da seguinte forma: “Viajei. Pisei quatro continentes. Por que não conto o que vi? Porque já o contei no meu livro *Por alheias terras*” (ALBUQUERQUE, 1942, p. 14).

Já de início, o autor aborda uma viagem que fez a Paris, com o intuito de comparar a capital francesa com o Rio de Janeiro: “Paris é para os brasileiros cultos uma especie de Meca, a que se deve fazer uma romaria, ao menos uma vez durante a vida” (ALBUQUERQUE, 1931, p. 7). O autor revela a importância da França por ter influenciado bastante o Rio de Janeiro da *Belle Époque* tropical.

Em outra viagem, quando Medeiros foi aos Estados Unidos como membro do Congresso de Jornalistas, que se reuniu em Washington, ele procurou informar sobre sentenças de morte (comum naquele país), mais especificamente expondo suas impressões sobre a cadeira elétrica. Sobre a execução de presos, o autor afirmou:

Vi de perto dois cavalheiros mortos, que tinham de ser expedidos daí a 14 dias para longes terras. Apalpei o rosto de um, porque o empregado quiz que eu sentisse como a carne conservava a sua plasticidade. O defunto não deu sinal de impaciencia (ALBUQUERQUE, 1931, p.51).

Em um outro momento, dessa vez pelo fato da *Gazeta de Notícias* ter incumbido o jornalista de ir à Turquia, Medeiros fez grandes elogios ao local, além de tecer informações importantes a respeito da geografia de Constantinopla, o que se comprova no fragmento abaixo:

Constantinopla deve a sua situação de excepcional beleza a um terremoto. Isso deve ter ocorrido ha seculos sem conta, mas os geólogos asseveram que o Mar Negro já foi um mar fechado uma especie do Mar Caspio. Um cataclisma colossal rachou a terra nesse ponto e estabeleceu a comunicação entre as aguas do Mar Negro e as do Mediterraneo (ALBUQUERQUE, 1931, p.94).

Já em outro relato de viagem, o jornalista expôs suas impressões sobre a Sicília, mostrando-se bastante surpreso com o fato de haver risco de abalo sísmico no local e, no entanto, as pessoas parecerem ignorá-lo, preferindo seguir suas vidas com bastante naturalidade. Medeiros, depois de opinar que não conseguiria agir dessa forma, registra seus comentários com muita sensibilidade, relatando o seguinte:

Deuses, herois, gente lutando toda ela para viver, para durar, para perpetuar-se... E a dois passos um vulcão terrível, que póde subverter tudo isto em alguns segundos! Aqui mesmo não faltam vestigios das suas cóleras. De vez em quando, mostram-nos um monumento rachado e dizem-nos tranquilamente que foi um terremoto o autor do estrago. Mas ninguem se abala. Ninguem se comove. Ninguem manifesta o minimo receio (ALBUQUERQUE, 1931, p.135).

Todavia, Medeiros deixou claro no final que não gostou de ter sido incumbido de realizar essa viagem para noticiar presença de terremotos, mostrando-se até mesmo decepcionado por isso, visto que “realmente o terremoto foi insignificante. Não merecia importancia, nem pelo numero de vitimas, nem pela área a que estendeu a sua ação e que foi minima” (ALBUQUERQUE, 1931, p.150).

5. crítica literária

A) *Páginas de crítica*

Publicada em 1920, a obra é a reunião de artigos de crítica literária editados em vários periódicos e revistas no decorrer de um ano. Medeiros e Albuquerque abordou os livros que julgava ter algum motivo de destaque, não tendo o intuito de provocar desânimo em nenhum autor, como mesmo afirmou o crítico:

Quando, mesmo nesses trabalhos, achei alguma couza que me pareceu menos louvável, dei sempre aos leitores os motivos da minha opinião, transcrevendo os textos, para que fosse possível corrigir a possível injustiça de minhas apreciações (ALBUQUERQUE, 1920, p.3).

Os artigos escolhidos pelo crítico são a respeito de autores famosos (e de seus livros), tais como: Luiz Murat; Afonso Arinos; Gilka da Costa Machado; Tobias Monteiro; Julia Lopes de Almeida; Da Costa e Silva; Elpidio Pimentel; Hermes Fontes; Paulo Barreto (João do Rio); Mario Brant; Felix Pacheco; Raul de Azevedo; Solidonio Leite; Cassiano Ricardo; R. Von Ihering; Mario Sette; A. Carneiro Leão; Carvalho Ramos; Argeu Guimarães; Henrique Silva; Américo Werneck; Correia Junior; Souza Bandeira; Teixeira Leite Filho; João Luso; Basílio de Magalhães; Alfredo Pujol; Martins Fontes; Alberto Rangel; Felix Pacheco; Colatino Barroso; Rubião Meira; Amadeu Amaral; Gonçalves Maia; João Luiz Alves; Vicente de Carvalho; Afonso Costa; Álvaro A. da Silveira; Lindolfo Xavier; Pereira de Carvalho; Fernando de Magalhães; Guilherme de Almeida; Teixeira Leite Filho e Humberto de Campos.

Quando abordou “Era um vez...” de Julia Lopes de Almeida, o crítico já informou ser uma pequena brochura contendo apenas um conto e tendo muito a ver com uma história de fadas, com reis e princesas como personagens. O enredo é bastante sugestivo: uma princesa resolve punir 3 cegos que falaram mal dela, deu-lhes a tarefa de registrarem o que possuía de mais deslumbrante na amplitude dos espaços. Caso decidissem não fazer a tarefa, receberiam a morte como punição. No entanto, todos os ajudaram e detalharam maravilhosamente o que existia no mar, na terra e também no céu. Espantada, a princesa lhes perguntou como conseguiram aquele resultado e os 3 responderam que foi a imaginação que os iluminou.

Na concepção de Medeiros e Albuquerque, “a beleza desse pequeno trabalho está, como se pôde prevêr, nas descrições que cada um dos cegos vem fazer e na apologia final da Imaginação” (ALBUQUERQUE, 1920, p.95).

Todavia, o crítico encontrou somente um defeito no texto de Julia Lopes de Almeida, em relação ao problema da ortografia, ou seja, algo que sempre foi discutido por Medeiros, um defensor de sua simplificação. Em “Era uma vez...”, Julia escreveu o verbo “perguntar” de uma maneira nada comum no Brasil: *preguntar* e *preguntou*. Sobre esse fato, ironicamente, ele argumentou:

Preguntar, é talvez etimológico e pronunciado á portuguesa, com o *e* absolutamente mudo, pode estar certo em Portugal. No Brasil, onde quasi não ha a noção do *e* mudo, *preguntar* é lingua de negro Mina. Não ha ninguém, tendo pelo menos mediocre instrução, que entre nós pronuncie desse modo (ALBUQUERQUE, 1920, p.96).

A forma usada pela escritora está correta em Portugal, pois lá se fala dessa maneira. Já, no Brasil, é incoerente a utilização, pois, usando-a, o léxico estará descontextualizado. Apesar desse reparo, Medeiros julgou o conto bastante gracioso, digno de elogios.

B) *Homens e cousas da Academia Brasileira*

Publicado em 1934, o volume é um conjunto com vários discursos pronunciados na Academia Brasileira de Letras. Medeiros e Albuquerque selecionou textos que não apenas enfocam os membros da Academia, como também abordou aqueles que tratam especialmente de assuntos referentes à instituição, como, por exemplo, “A Fundação da Academia”; “O ano literario de 1923 na Academia Brasileira”; “O Acordo Ortografico” (referente à reforma de 1907); entre outros.

Em relação ao discurso “A Fundação da Academia”, Medeiros publicou na obra apenas um trecho dele, evidenciando que ele mesmo pensou em incluir no orçamento federal a verba para uma Academia Brasileira, que teria sua criação por ação governamental. Como ele era diretor da Instrução Pública, conseqüentemente, preparou os estatutos e mostrou o caso a Aristides Lobo, o primeiro Ministro do Interior do governo republicano. De fato, o autor do livro afirmou: “Belisario de Souza, quando me recebeu na Academia Fluminense, disse que eu era o avô da Academia Brasileira e, portanto, o bisavô daquela instituição” (ALBUQUERQUE, 1934, p.10).

Embora tivesse aprovado a ideia, Lobo achava que não devia ser incluída no orçamento. Todavia, Lucio de Mendonça, secretário do Ministro da Justiça, concordou posteriormente com Medeiros. Sobre esse discurso, o crítico escreveu no prefácio o seguinte fragmento:

Vai achar logo ao início, o trecho de um discurso, em que narro como nasceu a ideia da Academia. E' uma contribuição histórica, que aliás podia ser desnecessária, porque Lucio de Mendonça fez essa afirmação. Minha vaidade, porém, aconselhou-me que pusesse aqui esse depoimento... Como ele é verdadeiro, não tive dúvida em satisfazê-la. Há tão poucas coisas de que me possa gabar... (ALBUQUERQUE, 1934, p.5).

Em relação ao texto “José Bonifácio de Andrada o Moço”, Medeiros e Albuquerque, que fundou, na Academia Brasileira, a cadeira de número 22, cujo patrono é José Bonifácio, escreveu um discurso com bastantes elogios a ele, opinando: “José Bonifácio era de uma energia sobrehumana, quando se tratava de defender suas idéas” (ALBUQUERQUE, 1934, p.251). Ademais, ainda afirmou que o patrono “tinha o segredo de se fazer amar” (ALBUQUERQUE, 1934, p.252).

Também tecendo comentários muito positivos, Medeiros escreveu o texto “José de Alencar”, a respeito do centenário de nascimento deste autor, comemorado na Academia Brasileira. Segundo a opinião de Medeiros e Albuquerque, Alencar é o maior nome da literatura brasileira. Ao compará-lo com o poeta Gonçalves Dias, o crítico afirmou:

Alencar foi a figura dominadora do nosso romantismo. O seu mérito é muito maior que o de Gonçalves Dias, porque este, espírito educado em moldes portugueses, não fez o mesmo esforço que Alencar para criar uma literatura bem nossa, bem brasileira (ALBUQUERQUE, 1934, p.124).

Medeiros também lembrou que Alencar se destacou na política, sendo um grande homem nesse setor, escrevendo: “mesmo no domínio da política ele marcou a sua passagem com a superioridade de um vidente” (ALBUQUERQUE, 1934, p.125).

C) Polêmicas

Trata-se de um conjunto de polêmicas escritas por Medeiros e Albuquerque, mas que foram coligidas e anotadas nesse volume por Paulo de Medeiros e Albuquerque (1919-1982), em 1941. Em vários momentos nos jornais em que Medeiros escrevia, sobretudo em *A Notícia* e no *Jornal do Comércio*, teve de manter polêmicas com muitos outros escritores, opinando a favor ou discordando de suas posições.

No periódico carioca *A Notícia*, o jornalista, entretanto, tomava como regra fundamental em seus espaços vinculados à crítica literária ser benevolente. Desse modo, Medeiros, depois de receber sempre grandes quantidades de livros, escolhia os que mais lhe agradavam. Em sua concepção, as obras analisadas eram, em geral, boas, sendo até, muitas vezes, ótimas.

No entanto, em alguns momentos, abordava alguns livros revelando certos defeitos neles e, em outras situações, mesmo quando tecia comentários positivos, mostrava também problemas que estes pudessem ter, segundo sua opinião.

Consequentemente, essas críticas negativas ocasionavam, em alguns momentos, réplicas dos próprios autores das obras ou até mesmo de parentes e amigos destes escritores, provocando, em seguida, as tréplicas de Medeiros e Albuquerque.

Em 1917, o jornalista manteve uma polêmica com Paulo Barreto, referente ao projeto da Faculdade de Letras. João do Rio era contra, acreditando ser isso algo desnecessário. Todavia, sendo sempre a favor, Medeiros e Albuquerque já achava que o assunto merecesse maior seriedade. É interessante lembrar que Medeiros sempre teceu elogios ao colega João do Rio em várias de suas produções como, por exemplo, *Páginas de crítica*, *Homens e cousas da Academia brasileira* e *Quando era vivo*, mas isso não o impedia de discordar dele.

Essa polêmica iniciou-se em 15 de setembro de 1917, data em que Paulo Barreto escreveu sobre o assunto um texto chamado “Projeto fora do tempo” no periódico *O País*. Respondendo no mesmo dia, Medeiros escreveu a crônica “Uma objeção infundada” em a *Noite*, mostrando seu ponto de vista contrário ao de João do Rio, da seguinte forma:

Não se pode entender bem por que estranho raciocínio Paulo Barreto achou que uma faculdade de letras, -umazinha só em todo o Brasil- ia impedir o nosso desenvolvimento prático e fazer com que amanhã, abandonadas todas as preocupações práticas, passássemos a ser um povo de altos espíritos literários, embrenhados apenas em sutilezas acadêmicas (ALBUQUERQUE, 1941, p.29).

No dia 17 de setembro de 1917, João do Rio, no *País*, treplicou com um artigo nomeado “Objeção bem fundada”. Finalizando a discussão, Medeiros escreveu “A Faculdade de Letras”, texto editado também na *Noite*.

Defendendo-se da acusação de ser contrário ao ensino de línguas antigas, Medeiros afirmou: “... eu só me manifestei sempre contrário ao ensino dessas línguas,

no curso secundário. Aí, de fato, com caráter obrigatório, o estudo do latim e do grego... me parecem perfeitamente descabidos” (ALBUQUERQUE, 1941, p.41). Entretanto, Medeiros defendeu a ideia de haver cursos para quem desejasse se especializar nesse tipo de estudo.

Por fim, ratificando sua posição a favor do projeto da Faculdade de Letras, o crítico afirmou: “para que se realize o desejo dos que querem o alargamento da nossa cultura, é indispensável que comecemos por formar o estado-maior que deve promover-la e dirigir-la. E é esse o papel da Faculdade de Letras” (ALBUQUERQUE, 1941, p.41).

D) *Literatura alheia*

Trata-se de uma obra publicada em 1914, em que o autor resumiu um certo número de livros estrangeiros, principalmente, romances. No entanto, Medeiros não apenas os sintetizou, como também converteu cada romance em uma novela, conservando o teor de origem de cada trabalho resumido, mas que pode ser lido como se fosse uma produção inédita também.

Vale ressaltar que dos 11 livros adaptados pelo crítico em *Literatura alheia*, a maioria é francesa. Isso se deve à importante influência da França na literatura brasileira dos séculos XIX e XX, que era vista de bom tom, isto é, transmitia maior intelectualidade a quem a adquiria, desde os elegantes tempos da *Belle Époque* carioca. Por isso, nada mais natural que Medeiros e Albuquerque, um autor que possuía um bom discernimento literário, fosse leitor da literatura francesa e, evidentemente, optasse por resumir vários livros desse país no respectivo trabalho.

Em *Literatura alheia*, Medeiros, em alguns momentos, procurou colaborar com cada autor de livro escolhido por ele, revelando coisas que eles não mostraram e tratando nitidamente de fatos que eles não descreveram claramente em suas produções. De fato, ele mesmo informou esse dado no prefácio:

Si, ás vezes, eu desenvolvi uma ou outra cena, que o autor não fez mais do que esboçar, foi para não dar a este trabalho o feitiço de um mero resumo.

Um velho provérbio italiano assevera que os tradutores são traidôres. Nos rezumos, que estão neste livro, si eu nunca traduzi, penso também que nunca traí... (ALBUQUERQUE, 1914, p.6).

Em um momento do livro, quando resumiu *A pequena papacoda* de Paul Reboux, Medeiros, de início, registrou: “Paul Reboux é um dos críticos mais justamente estimados da França. Hoje, ele é mesmo o Presidente da Associação da Crítica Pariziende” (ALBUQUERQUE, 1914, p.7). Resumindo com suas próprias palavras a obra de Reboux, o crítico finalizou a famosa estória de modo bastante impressionista:

Don Gennaro os seguiu com os olhos tristes e enternecidos... Na noite tépida e bôa, luminosa e calma, como que saturada de ternura e amor, aquele casal era uma harmonia e um encanto... (ALBUQUERQUE, 1914, p.25).

Em outra situação, quando resumiu *O sr. des Lourdines* de Alphonse de Chateaubriant, ou seja, o romance de maior sucesso literário francês em 1911, Medeiros e Albuquerque, antes de mais nada, teceu elogios ao autor, dizendo que ele estreou em livro de uma maneira “verdadeiramente triunfal” (ALBUQUERQUE, 1914, p.99). Ademais, Medeiros opinou ter a obra uma excelente simplicidade, explicando que o resumo que ele fez não teve pretensão nenhuma de conservar o encanto do trabalho de Chateaubriant, que é único.

Na síntese, quando contou a estória de Lourdines, Medeiros escreveu o seguinte trecho:

As lágrimas lhe brotaram dos olhos. Traiu-se pelo barulho que fez e, saindo do seu esconderijo, caiu nos braços do pai. O sr. des Lourdines teve uma surpresa; mas cinjiu-o num longo abraço. Chorava também. Era um choro manso e silencioso. E ficaram assim por muitos minutos (ALBUQUERQUE, 1914, p.134).

6. ensaio

A) *Graves e fúteis*

Graves e fúteis é um livro de ensaios publicado em 1922. Um dos mais conhecido é o texto “Mascarados”, no qual se estabelece uma comparação entre uma máscara e um pseudônimo, como ele mesmo afirma: “esses mascarados são os artistas e os escritores, que usam pseudônimos” (ALBUQUERQUE, 1922, p.33).

Primeiramente, Medeiros e Albuquerque começa escrevendo que a Constituição brasileira, na época, utilizando de radicalismo, estipulou a proibição na imprensa do anonimato. Todavia, por isso, o anonimato ganhou força e se popularizou ainda mais. Evidentemente, “no fim das contas, o preceito comtista viver *às claras* é impossível. Nós todos andamos mascarados” (ALBUQUERQUE, 1922, p.34). Por esse pensamento, uma pessoa que tenta analisar o próprio “eu” é, naturalmente, um verídico mascarado, pois todo ser humano usa uma máscara social.

Enfocando, sobretudo, o campo literário, o ensaísta tentou explicar o porquê dos escritores assinarem com pseudônimos e esconderem seus verdadeiros nomes: “a alguns isso foi imposto. A história das ciências conhece nomes gloriosos, que se viram forçados a esconder-se atrás de pseudônimos, porque, no tempo em que escreviam, era vergonhoso a fidalgos publicar obras literárias ou científicas” (ALBUQUERQUE, 1922, p.35).

Principalmente no século XIX, época em que os pseudônimos se proliferaram ferozmente, “diversos artistas, sobretudo artistas dramáticos revelaram ter tido que escolher um pseudônimo a pedido dos parentes” (ALBUQUERQUE, 1922, p.36), visto que não era de bom tom a um homem conhecido ver o seu nome verdadeiro em cartazes teatrais. Desse modo, “compreende-se que o filho de um homem ilustre se oculte por baixo de um pseudônimo” (ALBUQUERQUE, 1922, p. 37), pois, assim, ele não correria o risco de envergonhar a família, caso seu trabalho não obtivesse o êxito esperado.

Realmente, assinando com pseudônimos, os artistas procuravam se poupar de eventuais situações desagradáveis, demonstrando também certo respeito com o verdadeiro nome, como mesmo lembra Medeiros e Albuquerque no comentário:

Vê-se bem, em quazi todos os cazos literarios, que a escolha de pseudonimos não obedece a fins ocultos, misteriozos e reprováveis: são quazi sempre motivos de decôro social, de respeito pelo nome consagrado de ascendentes ilustres e enfim de estética (ALBUQUERQUE, 1922, p.38).

No final do ensaio “Mascarados”, o autor opina ser um pseudônimo uma mentira e, como tal, deve ser julgado exatamente como as outras falácias, portanto. No entanto, ironicamente, opinou: “a verdade, porém, é que a maioria dos mascarados – com máscaras de papelão, de pano ou de pseudônimos- não são nem louváveis, nem censuráveis: são indiferentes” (ALBUQUERQUE, 1922, p.40).

B) Pontos de vista

Publicado em 1913, *Pontos de vista* é um livro composto por 22 ensaios de variados assuntos, tais como, por exemplo, ciência; religião; história; ortografia; política; direito e literatura.

Em relação ao ensaio “Do jornalismo como uma das belas artes”, Medeiros e Albuquerque mostrou seu gosto pela profissão de jornalista, que é uma arte bastante distinta do restante. Evidenciando os aspectos dos periódicos, afirmou: “os jornais modernos servem-se principalmente de pequenas notícias, habilmente redijidas ou comentadas” (ALBUQUERQUE, 1913, p.314). Para tanto, o jornalista tem como intuito principal agir sobre o seu público leitor, fazendo com que todas as reportagens que ele anuncia convirjam suavemente, criando sentimentos nos leitores.

O ensaísta explicita a grande variedade informativa que caracteriza o jornalismo, com notícias, textos literários e matérias científicas. Segundo ele, “um jornal bem posto em foco por um habil secretário de redação é uma peça de arte – de sua arte especial” (ALBUQUERQUE, 1913, p.315). É exatamente essa heterogeneidade informativa que proporciona dinamismo ao periódico.

Já em “A questão ortográfica”, outro famoso ensaio de *Pontos de vista*, Medeiros tratou da Reforma ortográfica feita de forma incompleta e bastante tímida pela Academia Brasileira, em 1907, mas que valeu por ser um ponto de partida. Como se sabe, o autor sempre defendeu a idéia do Brasil possuir uma ortografia diferente da portuguesa, haja vista que “... a prozódia portuguesa atual evolui de um modo distinto da nossa e já não é a mesma que no tempo em que o Brasil deixou de ser colônia” (ALBUQUERQUE, 1913, p.342).

Naturalmente, é o povo que manda na língua e seria incoerente aceitar a imposição do falar português aqui em território brasileiro, visto que a língua é utilizada naturalmente, com notável espontaneidade pelos nativos de cada país. O ensaísta opinou: “...nem ha razão para que vinte milhões de Brasileiros se dobrem aos hábitos de prozódia de cinco milhões de portugueses, cuja pronuncia aliaz diverje profundamente de província para província” (ALBUQUERQUE, 1913, p.342).

Desse modo, julgando ser a língua um recurso natural de comunicação, nada mais coerente que Medeiros sempre se posicionasse a favor da simplificação ortográfica, pois essa deve ser o mais espontâneo possível. Na concepção dele, deve-se

“faze-la em tais condições de simplicidade, que a todos se apresente como a solução mais facil” (ALBUQUERQUE, 1913, p.343).

Totalmente contrário às excessivas regras gramaticais, pois estas dificultam o uso da língua, o ensaísta defendeu a eliminação de algumas delas, “...não pelo estudo de cazos particulares, mas por meio de regras simples, claras e lógicas” (ALBUQUERQUE, 1913, p. 343). Para tanto, essas modificações não poderiam introduzir outras dificuldades, pois o intuito defendido por ele é justamente a abstração das normas estruturais impostas pela ortografia, que não são apreciadas por grande parte dos brasileiros, já que estes as ignoram no ato da fala. Portanto, como pensava Medeiros, a gramática é utilizada apenas por uma minoria elitizada e deixada de lado pela maioria do povo; consequentemente, sua existência deve ser questionada.

No ensaio “O ocultismo”, Medeiros e Albuquerque demonstrou explicitamente seu apreço pelas ideias espíritas, mas deixando bem claro que não acreditava que esse fato tivesse alguma ligação com mortos, conforme também afirmou no seu livro de memórias: “das conclusões a que cheguei o resumo está no meu livro *Pontos de vista*. Admito firmemente todos os fenômenos do espiritismo. Apenas não tive nenhum motivo para crer que fôssem realmente produzidos por almas de mortos” (ALBUQUERQUE, 1942, p.137).

De fato, o ensaísta procurou pontuar, embora de forma resumida, aspectos do ocultismo e do hipnotismo, mas registrando claramente que não acreditava haver ligação com almas de outro mundo, até porque ele era um materialista. Para ele, as forças ocultas estão, sobretudo, ligadas ao meio psicológico e não estabelecem nenhuma articulação com almas de pessoas que já morreram, como se comprova na crítica abaixo:

Si ha “espíritos dezencarnados”, si eles conservam em outra existência a faculdade de ter idéas, é natural que conservem também a faculdade, que lhes parece associada, de realiza-las, de exterioriza-las. A lei é válida, mesmo para as materializações espíritas. Resta apenas provar que ha espíritos, persistindo depois da morte; -e essa PROVA NÃO ME PARECE FEITA (ALBUQUERQUE, 1913, p.160).

A ciência oculta, para o ensaísta, é somente “um acervo de fatos esquecidos da ciência antiga [...], fatos que pertencem uns á física, outros á química, e quazi todos á psicologia” (ALBUQUERQUE, 1913, p.99). Não passa de partes perdidas da ciência antiga, sendo que alguns fatos pontuados por ela são, de fato, verídicos.

7. memórias

A) *Minha vida*

Minha vida é o relato das memórias de Medeiros e Albuquerque, publicado no ano da morte do autor. O trabalho foi dividido em 2 volumes: o primeiro aborda a infância até a mocidade do memorialista; o segundo; da mocidade até a velhice dele.

O primeiro volume possui todas as passagens da vida infantil de Medeiros até a juventude, percorrendo desde o ano de seu nascimento, isto é, 1867 até 1899. Além disso, o memorialista descreve episódios famosos da História, como a Campanha da Abolição, a propaganda republicana até a Constituinte e os conturbados tempos de Floriano Peixoto.

Já o segundo exemplar aborda a vida do escritor depois de 1899 até a época em que adoeceu, desencadeando seu posterior falecimento, em 1934. O memorialista, já no começo do livro, menciona sua enfermidade: “...esta nota preliminar é dita de uma cama de doente, onde estou quase há um ano e que me impediu de rever meu trabalho” (ALBUQUERQUE, 1934, p.6).

Medeiros e Albuquerque também tomou para si a responsabilidade do livro de memórias que produziu, informando: “o que desejo é não dar a meus filhos a responsabilidade desta publicação. Tratando-a de antemão, tomo para mim só essa responsabilidade: o caso, quando eu morrer, já é um negócio feito e acabado” (ALBUQUERQUE, 1934, p.15).

Além disso, a ironia e a ousadia aparecem de forma explícita no livro inteiro, tecendo até mesmo provocações como esta: “os críticos literários dirão que se devia esperar mais de um homem que, como eu, teve ocasião de ocupar cargos públicos importantes” (ALBUQUERQUE, 1934, p.13). Sem dar nenhuma importância a opiniões alheias, indagou: “mas eu me deixo esmagar com tranquilidade!” (ALBUQUERQUE, 1934, p.13). Segundo o crítico, o que havia de mais interessante em seus trabalhos, foi escrito por ele em artigos de periódicos e, por isso, mostrando certa despreocupação, defendeu-se falando sobre o jornalismo: “era essa a minha ocupação profissional, de que nas páginas destas memórias procurarei descansar. Nestas eu pus exatamente o que da minha vida se passava intimamente” (ALBUQUERQUE, 1934, p.13).

Com grande ousadia, criticou o sistema presidencialista, da mesma forma negativa como fez em *O regime presidencial no Brasil* e em *Parlamentarismo e*

presidencialismo no Brasil. Para tanto, mostrou-se contrário à maneira de atuação do regime presidencial, tecendo o comentário hostil abaixo:

o regime presidencial é uma miséria: o poder do Presidente absorve todos os outros. Por fim, me convenci que o melhor meio de fazer triunfar certas idéias era sugeri-las a amigos do governo, que as apresentavam como suas e as faziam passar. Outras vezes, sempre se conseguia alguma coisa, enxertando-as como emendas, subrepticamente, nos orçamentos (ALBUQUERQUE, 1934, p.14).

B) *Quando era vivo*

Quando era vivo é o título com que foi publicado, segundo os pedidos deixados por Medeiros e Albuquerque, para as subseqüentes edições deste livro, com a mesma cautela com que deixou uma reportagem de próprio cunho para os periódicos publicarem a informação de seu falecimento.

Publicado em 1942, *Quando era vivo* é o livro de memórias definitivo do autor, possuindo a matéria publicada nos dois volumes passados de *Minha vida* (1934) e também capítulos inéditos, acréscimos, notas e um apêndice em que se explica claramente a controvérsia da conversão do memorialista às crenças religiosas, visto ter sido ele sempre um ateu convicto. Pouco antes de morrer, Medeiros e Albuquerque entregou aos seus herdeiros suas memórias completas, com a solicitação de que o volume fosse publicado exatamente no ano de 1942, não antes; nem depois. É a obra mais conhecida de Medeiros e Albuquerque.

O trabalho, além de ser extremamente importante como documento histórico, possui diversas páginas repletas de graça, vitalidade e humor, escritas numa linguagem bastante acessível, viva, com visível habilidade na descrição de fatos, lugares e personagens históricos. Sendo bastante primorosas, as memórias de Medeiros possuem também um toque amoralista e estão cheias de extravagâncias, de boêmia, de aventuras e também de seduções amorosas do autor.

Realmente, o próprio Medeiros e Albuquerque conta suas aventuras amorosas em “O capítulo dos amores”, o qual havia pedido a seu editor para publicar somente após a sua morte, preocupado em não ferir suscetibilidades. Como se sabe, ele viajou algum tempo pela Europa e foi justamente nessas viagens que o sedutor Medeiros conquistou muitas paixões, como mesmo afirmou: “... foi quando eu cheguei

a Paris em 1910. Foi, sobretudo, de 1914 a 1916, quando estive nessa cidade, livre e só” (ALBUQUERQUE, 1942, p.351).

Em um fragmento do capítulo, o memorialista faz a seguinte confissão para os leitores: “depois de uma mocidade e mesmo um princípio de maturidade castos, tive ocasião de gozar o prazer do amor, mas de gozá-lo à farta, livremente, variadissimamente. E convenci-me de que não há nenhum melhor” (ALBUQUERQUE, 1942, p.351-352). Com grande ousadia, Medeiros revelou diversas conquistas que teve no exterior como, por exemplo, no fragmento abaixo:

abordando a desconhecida, eu lhe falava alguns minutos. Se percebia que era caça vulgar com a qual não valia a pena perder tempo, convidava-se a entrar em uma casa fronteira – acolhedora casa, que nos abria suas portas e nos fornecia o isolamento discreto de que precisávamos... (ALBUQUERQUE, 1942, p.358-359).

Um dado importante de destacar é a peculiar sinceridade desse memorialista, que assim assegura: “precisamente o que procurei não foi fazer revelações solenes e sim apenas lembrar episódios da minha vida, convenientes e inconvenientes, mas verdadeiros” (ALBUQUERQUE, 1942, p.13). Possivelmente, a frequência em afirmar sinceridade dá-se devido ao vínculo que Medeiros tinha com o jornalismo, pois essa área tem a preocupação de registrar sempre a verdade para os leitores. Como mesmo disse o memorialista: “neste meu livro o que posso garantir é que só disse a verdade” (ALBUQUERQUE, 1942, p.10).

Além disso, Medeiros e Albuquerque escreveu as suas memórias de forma bastante atípica, se comparada com a padrão. Desse modo, preferiu descrever fatos sociais e históricos ocorridos na época em que viveu a falar basicamente de si mesmo. Naturalmente, o memorialista falou sim de sua história, mas não usou a sua vida como temática predominante do livro *Quando era vivo*, pois se percebe que os dados pessoais misturam-se com os outros acima citados, de maneira essencialmente diferenciada do gênero de obra convencional “memória”.

Sabe-se que memorialistas costumam escrever memórias de forma bastante limitada, visto que o ponto de vista particular contribui muito para isso, uma vez que “há sempre a desconfiança de que o escritor desse gênero literário se julga um personagem importante” (ALBUQUERQUE, 1942, p.9). É, evidentemente, “um gênero até certo ponto suspeito” (ALBUQUERQUE, 1942, p.9).

Todavia, Medeiros e Albuquerque utilizou *Quando era vivo* apenas como “pano de fundo” para enfatizar e questionar preferencialmente acontecimentos envolvendo a História nacional. Para ele, memórias não se escrevem somente por vaidade, visto que “escrevem-se às vezes, porque os autores têm alguma coisa de que se justificar. Escrevem-se para acusar outras pessoas” (ALBUQUERQUE, 1942, p.9). De fato, ele se julgava “um centro neutro de agrupamento desses fatos” (ALBUQUERQUE, 1934, p.11).

Naturalmente, ele não apenas teve o intuito de transcrever suas memórias, como também descrever situações e figuras importantes da História do país, de forma quase sempre negativa. Medeiros e Albuquerque viveu em uma época bastante importante para a História nacional, englobando uma parte da Monarquia (com seu declínio), além da ascensão da República.

Sempre ousado, Medeiros e Albuquerque procurou, não apenas em *Quando era vivo*, como também em todas as suas produções, transcrever pontos de vistas, mas de forma corajosa e bem fundamentada.

Nas suas memórias, Medeiros retratava figuras históricas consagradas do Brasil, mas de forma nada convencional, criticando-as. Por exemplo, quando discorreu sobre o imperador D. Pedro II, de forma bastante irônica, ele o criticou, opinando que “D. Pedro tinha a mania de erudição. É o caso de falar de mania, porque nem tudo nele era sincero” (ALBUQUERQUE, 1942, p.21). Ademais, o memorialista sempre deixou bem claro seu despreço pelo imperador, sobre quem afirmou: “o que D. Pedro II queria ter era fama de sábio” (ALBUQUERQUE, 1942, p.21). Para Medeiros, ele era apenas “um charlatão hipócrita” (ALBUQUERQUE, 1942, p.75).

Quando discorreu sobre a Lei Áurea, teceu críticas bastante negativas à Princesa Isabel, além de afirmar ser uma grande falácia da História querer dar a ela o papel de grande promotora deste evento, visto que “D. Isabel nem apressou, nem deteve a marcha triunfante dessa idéia. Cedeu” (ALBUQUERQUE, 1942, p.73). Para o crítico pernambucano, isso não é pra se admirar, visto que “não há nenhum grande acontecimento histórico referido com inteira verdade” (ALBUQUERQUE, 1942, p.73).

Em um outro momento do livro, ao abordar Campos Sales, Medeiros opinou que Sales “nunca foi um prodígio de coragem” (ALBUQUERQUE, 1942, p.77). Na concepção do memorialista, Sales foi o presidente “mais nefasto de quantos houve em nossa terra. Ele perverteu completa e irremissivelmente o regime presidencial e a

imprensa” (ALBUQUERQUE, 1934, p.26). Medeiros e Albuquerque nunca aprovou a “política dos governadores”, posta em prática por Campos Sales.

Depois de Salles, o segundo pior presidente do país foi Wenceslau Braz. Ironicamente, o escritor também mostrava total antipatia pelo presidente Epitácio Pessoa, a quem julgava “profundamente repugnante pela sua avidez de arrivista, frio, implacável” (ALBUQUERQUE, 1942, p.175).

Ao discorrer sobre a Proclamação da República, contestando a visão tradicional de que a História é registrada nos livros didáticos, Medeiros informou que, no dia 15 de novembro, às duas da manhã, quem decidiu a direção do movimento foi a Escola Militar, rompendo em inúmeras aclamações. Desse modo, “Deodoro, zangado, mandou um emissário pedir que se calassem, mas os rapazes não fizeram caso” (ALBUQUERQUE, 1942, p.82).

Além disso, durante os trinta primeiros anos da República brasileira, o escritor apontou duas figuras que mereceram destaque, que são: Barão do Rio Branco e Francisco Pereira Passos, sendo que o mais notável foi o último. Na concepção de Medeiros, Passos não tinha a estatura de Rio Branco e Floriano Peixoto embora fosse “curioso” (ALBUQUERQUE, 1942, p.138). Rio Branco tornou bastante comum o passeio em carros descoberto na capital Federal do Brasil na época, isto é, no Rio de Janeiro. Antes disso, essa atitude era vista pejorativamente, como algo bastante grotesco.

Já no apêndice do livro, Medeiros e Albuquerque evidenciou sua descrença com qualquer ideologia religiosa existente na sociedade, criticando o fato dos fiéis não respeitarem os que não acreditam em quaisquer doutrinas cristãs. Da mesma forma como os religiosos acreditam em suas convicções, os ateus, portanto, podem não acreditar no que não julgarem crível. No final do texto, Medeiros opinou com bastante coragem: “e’ o sereno exame disto, que os crentes se recusam a fazer, o que me autoriza a zombar de tôda essa palhaçada e a não me arrepender, portanto, de nada do que disse nas páginas anteriores” (ALBUQUERQUE, 1942, p.336).

Em suma, Medeiros e Albuquerque, no livro *Quando era vivo*, diferentemente dos típicos memorialistas, que escrevem memórias com o objetivo principal de enfatizar sua própria imagem, procurou registrar momentos importantes da História do Brasil, além de abordar dados sobre personagens importantes dela.

8. outros

A) *O regime presidencial no Brasil*

A obra *O regime presidencial no Brasil* foi publicada em 1914. Trata-se de um trabalho, em que o autor fez várias críticas negativas a esse sistema político no Brasil, de forma altamente explícita. Dele, foram vendidos 4000 exemplares na época.

Para Medeiros e Albuquerque, “o regime presidencial foi uma surpresa e um lôgro” (ALBUQUERQUE, 1914, p.5), visto que a forma que foi implantado no país foi maléfica, sendo que o pretendido era abstrair o regime monarquista (regime político anterior).

Ademais, segundo a concepção do autor, para a implantação do regime presidencial, não houve absolutamente nenhum debate geral, visto que surgiu naturalmente em um projeto de constituição criado em nome do governo provisório.

Não se pode esquecer de que Medeiros e Albuquerque fez parte do grupo republicano brasileiro e, conseqüentemente, sempre se preocupou bastante com assuntos referentes ao quadro social e político da época. Como nunca gostou das ações monárquicas, ele por toda vida teve a seguinte opinião: “a moléstia que os republicanos queriam eliminar era a instituição do poder pessoal mãos da princesa D. Isabel” (ALBUQUERQUE, 1914, p.7). Naturalmente, para o escritor, “ela era um espírito estreito, fanático, que só se preocupava de veras com a religião e a música” (ALBUQUERQUE, 1914, p.8).

Medeiros não teceu comentários negativos à princesa Isabel apenas em *O regime presidencial no Brasil*, como também quando publicou, em 1889, *O remorso*, um panfleto em verso para ela. Era uma reminiscência dos tempos do autor em Lisboa e das cartas de Gomes Leal. Na época, publicaram cerca de vinte edições somente no Rio de Janeiro e os periódicos registravam em suas folhas principalmente o último verso do livro contra a princesa que dizia: “maldita sejas tu, futura imperatriz!”.

O autor ainda questionou o acontecimento da Abolição da escravidão ter sido causado pela princesa, exatamente como a História informa. Segundo ele, ela apenas assinou algo que percebeu que seria inevitável, além do que “o que mostraria o talento de um estadista seria organizar as coisas, de modo que a abolição não causasse nenhum abalo econômico. Disso a Princesa jamais cuidou” (ALBUQUERQUE, 1914, p.8).

Com muita ousadia, ele ainda questiona no livro a falta de capacidade intelectual da princesa Isabel, ao afirmar que “via-se bem que ela tinha a mentalidade de

uma burguesinha de classe média, boa, honesta, virtuosa, mas sem nenhuma elevação” (ALBUQUERQUE, 1914, p.9). Além disso, não deixou de criticar também negativamente o Conde d’Eu, opinando ser ele um homem interesseiro, em: “o que fazia o Conde d’Eu antipático aos brasileiros era o espírito de lucro – espírito bem francês, de economia, de atenção ao dinheiro” (ALBUQUERQUE, 1914, p.9).

Totalmente em oposição à forma como o regime presidencial foi implantado em território brasileiro, Medeiros e Albuquerque critica o fato deste acontecimento ter excluído a maioria da população nacional, já que “não foi uma escolha consciente da nação. Foi por surpresa” (ALBUQUERQUE, 1914, p.28). Para ele, um regime político precisa ser implantado com muito planejamento e cautela, além da nação dever participar dos passos que repercutam a troca de sistema.

Por isso, o escritor também não aceita o fato de comparar a situação política brasileira da época com a dos Estados Unidos, sendo que ele acredita que foi por isso que o regime presidencial foi implantado por aqui, devido à influência americana, comprovado no seguinte trecho: “era a visão da prosperidade norte-americana que, em 1890, levava muita gente a preconizar para o Brasil o regime presidencial” (ALBUQUERQUE, 1914, p.46).

Conforme seu pensamento, foi inútil implantar o regime presidencial no Brasil, porque ele não é tão diferente do anterior monárquico, ou seja, apenas o último passou por algumas modificações para se adaptar ao quadro da época. De fato, Medeiros acredita que “o regime presidencial é a adaptação a uma nação republicana, com o mínimo de modificações, de um regime colonial, em que o chefe da colônia era um representante do poder absoluto” (ALBUQUERQUE, 1914, p.53). Com grande ironia, opina ainda que “a Constituição do império era ‘presidencial’” (ALBUQUERQUE, 1914, p.57).

B) Parlamentarismo e presidencialismo no Brasil

Grande parte desse livro, que foi publicado em 1932, possui matéria presente no anterior, cujo título é *O regime presidencial no Brasil*. No entanto, o novo livro acrescentou fatos e capítulos que não existiam no último, porém, o próprio Medeiros e Albuquerque estabelece ligação entre as duas obras, escrevendo o seguinte:

O indispensavel é acentuar bem que este representa uma convicção profunda e arraigada. Foi escrito por mim, em Paris, quando eu aí morava calmamente. Publicado em 1914, é reeditado agora 18 anos apoz (ALBUQUERQUE, 1932, p.9).

Desse modo, o autor continua criticando negativamente o presidencialismo implantado no Brasil, achando que não foi uma mudança muito consciente, depois da inevitável queda da monarquia. Na sua concepção, o regime presidencial não é nada flexível, o que obriga o povo a aceitá-lo, mesmo que sua direção não seja satisfatória para a maioria. O crítico afirma que

No regimen presidencial desde que o Presidente se obstine em uma direção má, basta que ele tenha o apoio de 12 senadores, para poder contrapor a sua vontade á de toda a nação. E durante quatro anos ninguem poderá remover os obstaculos que ele levantar (ALBUQUERQUE, 1932, p.7).

Seguindo esse pensamento, Medeiros julga, sem medo algum, ser o regime presidencial “um aborto por parada de desenvolvimento” (ALBUQUERQUE, 1932, p.39). Aborto devido ao fato de não ter passado de utilização de ocasião de um estado ruim de elementos, que, permanecendo pelo tempo, seguiu por meio da paralisia do poder, que sempre procurou se apresentar preferencialmente por meio de leis escritas e também por regras (códigos específicos).

A novidade em *Parlamentarismo e presidencialismo no Brasil* é que Medeiros e Albuquerque não somente critica o regime presidencial, como ocorreu no livro anterior, mas também agora passa a defender explicitamente o parlamentarismo no Brasil, opinando ser esse o melhor sistema político para a nação. Evidentemente, segundo o próprio autor, a diferença entre o parlamentarismo e o presidencialismo é a flexibilidade que o primeiro possui, visto que

No regimen parlamentar os erros se corrigem facilmente, sem nenhuma violencia: basta um voto do Parlamento retirando a confiança ao ministerio no Poder. Outro o substitue dentro de algumas horas e tudo está resolvido (ALBUQUERQUE, 1932, p.8).

Segundo explicitado no livro, o presidencialismo apenas estagnou o desenvolvimento da sociedade, sendo que com ele não há perspectivas de progresso, devido à incapacidade dos representantes políticos. Para tanto, Medeiros e Albuquerque defendeu sempre a idéia de que

O regimem presidencial foi a parada de desenvolvimento de parte de um povo, que passaria a outro sistema, si tivesse continuado a evolução, que todas as outras partes desse mesmo povo fizeram (ALBUQUERQUE, 1932, p. 47).

Relativamente, os grande culpados dessa incompetência são aqueles que estão no poder, pois a responsabilidade presidencial não existe. De fato, na época em que o livro foi escrito, Medeiros não deixou de registrar que “nunca em nenhuma república presidencial nenhum presidente foi processado e condenado” (ALBUQUERQUE, 1932, p.77), o que contribui para que os atos de corrupção ganhassem força rapidamente. Além disso, o presidencialismo é o regime de adesões e traições.

Ainda mais, o crítico defende a idéia de que o parlamentarismo é o sistema apropriado para o quadro político brasileiro, pois ele se enquadra perfeitamente na índole nacional, não aceitando qualquer outro no lugar. Conforme a concepção deste ousado crítico, o parlamentarismo é o mais forte:

O regimem parlamentar se coaduna tão naturalmente com a nossa índole que, apesar da Constituição do Império ser absolutamente antiparlamentarista, ele se impoz. Impoz-se tão bem, que, sete anos depois da decretação da Constituição, forçava o Imperador a abdicar. [...] Porque não queria reconhecer a supremacia do parlamento (ALBUQUERQUE, 1932, p.147).

C) *A arte de conquistar as mulheres*

Trata-se de um pequeno trabalho de psicologia publicado em 1925, sob o pseudônimo Armando Quevedo. O livro revela um fato bastante interessante: Medeiros e Albuquerque, utilizando certo fingimento artístico, fez o prefácio a pedido do autor fictício Armando Quevedo que, como se sabe, é ele mesmo.

Desse modo, Medeiros procurou revelar o que a obra tratará mais para frente, afirmando: “o livro do sr. Armando Quevedo parte da idéia enunciada em meu

conto que para ser Don Juan o que menos se precisa é beleza física” (ALBUQUERQUE, 1925, p.24). Como explica:

Tudo depende de estudo, de aplicação e de tempo –muito tempo, porque si a observação revela que a maioria dos grandes conquistadores de mulheres era composta de feios ou insignificantes, revela também que se dedicavam com extraordinário afinho à sua difícil arte (ALBUQUERQUE, 1925, p.28-29).

D) *Tests*

Trata-se de uma simples introdução de 176 páginas ao estudo dos meios científicos de julgar a inteligência e a aplicação dos alunos, publicada em 1924. Sendo professor de mitologia por muitos anos, Medeiros e Albuquerque sempre mostrou grande preocupação em desenvolver trabalhos referentes à área da educação, como ele mesmo afirmou no prefácio desse livro: “Ha dois annos, tive pela primeira vez ocasião de fazer uma conferencia a tal respeito, no *Theatro Trianon*, diante de um publico quasi exclusivamente composto de membros do magisterio municipal do Districto Federal” (ALBUQUERQUE, 1924, p.7).

Evidenciando o seu interesse pela excelente situação educacional dos Estados Unidos da época, Medeiros resolveu escrever *Tests*, tanto é que ele decidiu preservar o nome em inglês, descartando possível tradução para a língua portuguesa. Sobre o interesse do autor pelo respectivo fato, ele confirmou com suas próprias palavras, quando falou sobre a mesma conferência que discursou no Teatro Trianon: “Insistira commigo para que realisasse essa conferencia a grande educadora D. Esther Pedreira de Mello, a quem eu fallara com entusiasmo no movimento educativo norte-americano” (ALBUQUERQUE, 1924, p.7). Ainda depois, o autor procurou pesquisar mais sobre o assunto, freqüentando os cursos de sua área, conforme expõe abaixo:

Quasi um anno depois, estive no Rio de Janeiro o Prof. Henri Piéron, do Collegio de França, que fez entre nós um curso de psychologia e outro, paralelo, de psychotechnica, tratando precisamente da questão dos *tests*.

Tive a satisfação de ver que a sua primeira lição foi rigorosamente identica á minha conferencia do Trianon. Mais tarde, em repetidos encontros, delle recebi as mais proveitosas lições (ALBUQUERQUE, 1924, p.7).

No livro *Tests*, Medeiros e Albuquerque, primeiramente, define o que eles são, referenciando um pouco mais prolixamente aos *tests* intelectuais e somente em forma de sumário aos *tests* pedagógicos. O autor explica que “o *test* é um exame escripto, reduzido aos seus mais summarios termos, cujas respostas têm de ser dadas de tal maneira que não possam ser julgadas sinão de um modo” (ALBUQUERQUE, 1924, p.38).

Naquela época, avaliar a inteligência de um aluno era algo visto com grande ceticismo, o que poderia ocasionar aparentes resultados duvidosos e errôneos. No entanto, Medeiros defendia a ideia de que ela poderia ser medida por recursos psicológicos, sendo que um *test* contribuía para essa avaliação. Em seu trabalho, o autor afirmou:

Mas, enfim, deixando quaesquer digressões, o que se deve affirmar é que hoje nós podemos medir a intelligencia, que é uma questão de psychologia, por meios psychologicos. Sabendo ou não sabendo bem o que é a referida intelligencia, medimol-a, como os electricistas fazem á electricidade, cuja natureza desconhecem, -pelos seus effeitos. E isso nos basta (ALBUQUERQUE, 1924, p.76).

Por fim, o autor ratifica a sua defesa da utilização de *tests* na aprendizagem, por ser uma boa técnica, clara, bastante simples, rápida e direta. Tudo isso proporciona uma adoção segura desse tipo de exame para ajudar o trabalho dos professores, que conseguem resultados mais rápidos em sala de aula. Para Medeiros, eles são as melhores estratégias a serem usadas, visto que, se ocorreram bons resultados nos Estados Unidos, consequentemente, o Brasil deve utilizá-los sem receios. Ademais, o escritor defendeu-os dizendo que:

elles são apenas uma fórma simples, rapida, por assim dizer, condensada, de fazer exames. A vantagem delles não está apenas na rapidez com que, por assim dizer, funcçionam. Essa rapidez e uniformidade de julgamento permitem empregos, que d’antes não era possivel tentar (ALBUQUERQUE, 1924, p.162).

E) Hipnotismo

Editado em 1921, trata-se de um trabalho de medicina, em que o autor enfocou, sobretudo, o hipnotismo. A ideia de escrevê-lo surgiu pela indicação de um médico amigo de Medeiros e Albuquerque, Francisco Alves, que lhe pediu que produzisse o volume, embora, de início, o autor hesitasse. Isso se deu por Medeiros não

ser médico e, desse modo, achou arriscado dar vida a um trabalho dessa natureza, tanto que, quando escreveu a obra, pensou em assiná-la com um pseudônimo, justificando-se: “... porque várias vezes tive a impressão de que era ridículo ver o meu nome como autor de um trabalho que trata um pouco de coisas médicas” (ALBUQUERQUE, 1958, p.11).

Todavia, o escritor viajou, em certa época, bastante pela Europa, quando passou a se interessar mais pelo hipnotismo e também pela medicina. O seu receio de invadir uma área tão específica não o impediu de escrever *Hipnotismo*, já que o assunto estava em evidência na época. Mostrando seu grande interesse, o autor, já no prefácio, apresenta o seguinte comentário:

A princípio, eu tive por isso um entusiasmo excessivo. [...] Interessavam-me, então, muito as experiências que se podiam prestar à elucidação de certas questões psicológicas. Nada há, por exemplo, mais eloqüente, para mostrar a ilusão do livre arbítrio, do que dar a qualquer paciente uma sugestão hipnótica. Quando êle se dispõe a executá-la, pergunta-se porque o vai fazer e êle garante que é porque quer. [...] E, no entanto, tôda a sua liberdade não é mais do que a passiva obediência a uma ordem do hipnotizador (ALBUQUERQUE, 1958, p.5-6).

Aliás, o assunto excitava tanto Medeiros e Albuquerque que, por isso, também escreveu o ensaio “O ocultismo” em *Pontos de vista* e o capítulo “Nos domínios do maravilhoso” em *Quando era vivo*, ambos de mesma temática, como ele próprio explicou no seu famoso livro de memórias: “sou o primeiro a não saber bem onde ponha neste livro um capítulo sôbre hipnotismo e ocultismo. Mas que êsse capítulo deve nele figurar parece-me indiscutível. Poucos estudos me ocuparam tanto” (ALBUQUERQUE, 1942, p.122).

Estudando e se informando sobre hipnotismo e temas afins, o autor tornou-se capaz de hipnotizar diversas pessoas que, em muitos momentos, o procuravam para submeterem-se. Adquirindo notável credibilidade, Medeiros hipnotizava, embora não fosse um profissional formado na área. Sobre isso, afirmou:

Em todo caso, é positivo que hipnotizei várias pessoas sem elas o soubessem. E, realizada a primeira hipnotização, continuei a hipnotizá-las durante meses, sem que elas jamais tivessem notícia de que eu o fazia.

Abusei dêsse poder? Creio que não. Ou si abusei não foi muito e, em todo caso, nunca contra as minhas pacientes (ALBUQUERQUE, 1942, p.134).

Ele produziu, em *Hipnotismo*, não um manual de hipnotismo com aplicação médica, mas, sim, uma amostra de como o ato de hipnotizar é fácil. Medeiros e Albuquerque, com sua peculiar ironia, teceu o seguinte comentário sobre a simplicidade da técnica: “queria chamar a atenção de alguns grandes clínicos, deixando que êles me esmagassem sob o pêso do seu desdém, mas tirassem nisso uma lição, dizendo que se até eu... podia obter bons resultados, muito melhores êles tirariam” (ALBUQUERQUE, 1958, p.10). Em outro episódio, ainda irônico, dirigiu-se aos médicos aconselhando que não deviam se preocupar com seu livro, embora o autor estivesse invadindo uma área tão obscura e enigmática como a das forças ocultas. De forma leve, porém bastante ousada, afirmou:

Os médicos que me perdoem o topete. Não há, porém, que temer a minha gratuita concorrência, porque o pouco que tenho feito de “curandeirismo” foi quase sempre por solicitação dos facultativos amigos e, em todo caso, tão raro e espaçadamente, que não causou, de certo, nenhum prejuízo à ilustre classe... E, de mais, tudo o que escrevi foi compilado de livros, não de escritores leigos como eu, ou fantasistas, mas de grandes cultores da ciência médica (ALBUQUERQUE, 1958, p.12-13).

Na concepção de Medeiros, o hipnotismo é um conjunto de processos basicamente simples e acessíveis a todas as pessoas, mas para fundamentar sua explicação, ele estabelece uma analogia com o magistério: “qualquer pessoa pode ser professor? Pode. Alguns, porém, terão uma facilidade inata para transmitir os conhecimentos, e outros não. E’ exatamente o que acontece com o hipnotismo” (ALBUQUERQUE, 1958, p.82).

Evidentemente, a maioria dos fenômenos hipnóticos é alcançada por qualquer indivíduo. Entretanto, “a dificuldade está em aplicá-los com perícia e em não curar um mal, causando outros maiores ainda” (ALBUQUERQUE, 1958, p.59-60). O hipnotismo tem de ser aplicado com muita cautela e como um processo de cura, utilizando métodos que agem sobre o inconsciente. Portanto, é considerado “um recurso terapêutico –um remédio”(ALBUQUERQUE, 1958, p.187).

Ademais, o autor acredita que, assim como todos podem hipnotizar, da mesma maneira podem ser hipnotizados, apesar de que para alguns a resistência é maior. Para amenizar esse quadro, basta que o hipnotizador consiga descobrir o processo relativamente adequado a cada pessoa.

O hipnotismo possui desenvolvimento demorado e aprendizagem mais longa, sendo imprevisível o resultado que este acarretará em cada paciente. Em contrapartida, defendendo o estudo hipnótico, Medeiros evidenciou que ele: “pode, no entanto, obter verdadeiros milagres, que nenhum outro recurso terapêutico alcançará tão eficazmente” (ALBUQUERQUE, 1958, p.173). Em relação à psicanálise, o autor ousadamente defendeu que o hipnotismo é uma estratégia muito mais rápida e melhor, sendo que até mesmo Freud a usou no início de seu trabalho.

F) *Vocabulário brasileiro da ortografia oficial*

Publicado em 1933, *Vocabulário brasileiro da ortografia oficial* mostra o eterno interesse que Medeiros e Albuquerque tinha pela questão ortográfica, sobretudo, pela simplificação desta. Como se sabe, partiu dele, em 1907, o primeiro incentivo para a reforma da ortografia, sendo que, por isso, consequentemente, a Academia Brasileira ocupou-se do assunto. De fato, tal ideia partiu do Brasil e não de Portugal, como muitos acreditam, ao passo que “sem o ato da Academia Brasileira, nada se teria feito” (ALBUQUERQUE, 1933, p.7).

Na obra, o autor aborda a reforma feita em 1931, que visava a unificação das grafias de Portugal e também do Brasil. No entanto, ele preferiu enfocar o vocabulário “em que só se registra a pronuncia brasileira, de acordo com a lei e a Academia Brasileira” (ALBUQUERQUE, 1933, p.6). Na concepção do crítico certa unificação desencadeou grandes discórdias, pois cada país demonstrou desagrado pelo resultado, como Medeiros mesmo escreveu: “enquanto entre nós se afirmava que havíamos sacrificado a prosódia brasileira, os oposicionistas portugueses da reforma diziam [...] que a Academia de Lisboa tinha sacrificado a prosódia lusitana” (ALBUQUERQUE, 1933, p.6).

Segundo o crítico, a reforma ortográfica, para ser bem aceita pelas pessoas, deve estar articulada harmoniosamente com a pronúncia geral do povo, isto é, ser o mais simples possível. A pronúncia deve ser bem observada ao se pensar em reformar os moldes ortográficos. Ademais, as regras ortográficas devem explicitar, sobretudo, a lógica, para serem entendidas. Compreendendo-as minuciosamente, a ortografia terá mais clareza. Sobre isso, no livro, Medeiros e Albuquerque teceu a crítica abaixo:

Os professores que tiverem de consultar este vocabulário o que devem é fazer com que os estudantes aprendam bem o que diz respeito á escrita das varias letras. Quando tiverem qualquer duvida, pensem primeiro na regra que a resolve. A consulta ao vocabulário deve servir apenas para verificação (ALBUQUERQUE, 1933, p.9).